

Ernest Hemingway

AS ILHAS DA CORRENTE





Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (obra completa)

Contos — Vol. 1

Contos — Vol. 2

Contos — Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: Tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: Tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O sol também se levanta

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

Emesl) Emuway
— AS ILHAS DA CORRENTE —

2ª edição

Tradução
Milton Persson

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Copyright © 1970 by Ernest Hemingway/Mary Hemingway
Copyright © 1999 renovado by Hemingway Foreign Rights Trust

Título original: *Islands in the Stream*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: ©ROMAOSLO/iStockphoto

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429i Hemingway, Ernest, 1899-1961

As ilhas da corrente [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução Milton Persson. - 1.
ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
recurso digital

Tradução de: *Islands in the stream*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

sumário, apresentação

ISBN 978-85-286-2007-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Persson, Milton, 1929-. II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

15-19274

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .

Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Sumário

Apresentação

PARTE I

BIMINI

PARTE II

CUBA

PARTE III

NO MAR

Apresentação



Sem Qualquer Esperança de Anestesia

As ilhas da corrente foi publicado em 1970. Para muitos, trata-se de três novelas, ou três momentos cruciais de um personagem, Thomas Hudson, reunidos no mesmo volume; para outros, temos aqui o último romance de Hemingway, escrito portanto depois de *O velho e o mar*, pelo qual o escritor ganhou o Nobel de Literatura, em 1954. Hemingway matou-se em 2 de julho de 1961.

Em vários sentidos, *As ilhas da corrente* é um Hemingway tão vigoroso quanto típico. Típico porque há nítidos paralelos autobiográficos. Porque o protagonista é um *alter ego* hemingwayniano. Porque a técnica de composição do drama que carrega intimamente esse protagonista é fortemente calcada no *Princípio do Iceberg* (ou *Teoria da Omissão*) formulado pelo próprio Hemingway: “Se um escritor de prosa sabe bem o bastante o que está escrevendo, pode omitir certos dados que conhece; enquanto o leitor, se o escritor estiver escrevendo com suficiente verdade [sinceridade], terá a sensação disso que é omitido, de modo tão forte quanto se o escritor o tivesse explicitado. A dignidade do movimento do iceberg se deve ao fato de apenas um oitavo dele estar acima da água. Já o escritor que omite coisas porque não as sabe estará apenas deixando buracos vazios em seu texto.” Justamente, Thomas Hudson é daqueles personagens de Hemingway cuja agonia é ampliada pelo fato de ele empregar ao máximo suas forças para sufocá-la.

Por outro lado, a tragicidade que destrói sua tentativa de sobrevivência é tão inimaginavelmente dolorosa que pode muito bem superar no leitor o efeito causado por outros semelhantes na obra do escritor. Diante de tanta dor, de fato, Thomas

Hudson não pode ter qualquer esperança de anestesia, e lhe resta apenas ir em frente, procurando amortecê-la em esparsos momentos em que ou a autodestruição deliberada, a decadência consciente ou o perigo lhe proporcionam a proximidade daquela que é de fato a esperança que lhe resta: a morte.

No começo da história, vamos conhecer o pintor Thomas Hudson vivendo feliz em sua opção pelo Paraíso. Assim como Gauguin, citado no texto, e como o próprio Hemingway, Hudson abandonou Paris em busca de ambientações, para si, e no seu caso também para seus quadros, próximas de uma idealizada-sonhada pureza — a ilha de Bimini, no Caribe. No entanto, no que seus três filhos, a quem ama perdidamente, vão passar as férias com ele, evidencia-se a primeira fragilidade, e a maior, de seu projeto: nenhum homem que ama, e ainda mais que ama, mesmo que não seja à flor da pele, mas em suas entranhas, é invulnerável; aproveitando-se desse amor, a tragédia o alcança — sempre. Quando a tragédia começa a ceifar sua vida, Hudson chega exatamente à conclusão de que seu erro foi permitir-se amar e, ainda por cima, em excesso.

As perdas se acumulam, e entendemos que Hudson se afastou do amor como tática de sobrevivência, também, em relação à primeira esposa, a quem ama ainda, e ela a ele, tanto que se buscam, tanto que não compreendem por que tiveram de se separar, ou mesmo como isso aconteceu. Sufocar o amor, entretanto, não o torna menos permeável à dor. Porque há os sonhos, nos quais ele ainda se vê no paraíso, junto às pessoas que perdeu. E aí é que ocorre a reação pela qual este protagonista de Hemingway ganha sua potência trágica: entre a bebida, as relações que não o tocam, seja com prostitutas ou com mulheres que passam sem deixar vestígios, entre amigos com conversas que se perdem na névoa da bebedeira e atos inconsequentes — tudo aparentemente para matar o tempo —, este errante (como o são também outros protagonistas de Hemingway) que nos dá a impressão de ter (não sem dor e amargura) se privado totalmente (arrancado-as) de raízes, de não ter parada nem lar, nem um lugar sequer de seu no mundo, vive em Havana, Cuba, seu segundo momento. A degradação, muita bebida, solidão provocada e defendida, choca, ainda mais que abandonamos agora o ambiente solar do pintor em Bimini pela escuridão pegajosa e decadente dos bares. A morte e as lembranças do amor

continuam a persegui-lo, no entanto, como se não fosse o bastante o que ele perdeu e do que abriu mão, e empurrando-o assim para o último ato, o último momento... a guerra.

Num dos episódios pitorescos de sua vida, Hemingway, na Segunda Guerra, com amigos, armou e abasteceu um iate para ir à caça de submarinos nazistas nas proximidades de Cuba. Nenhum navio foi localizado pelo grupo, mas uma espantosa quantidade de bebida foi consumida a bordo em um curto período. Na ficção, em *As ilhas da corrente*, a participação na guerra nem é tão informal nem cômica.

O mesmo Thomas Hudson, agora, transforma-se num combatente sem sentimentos nem de ódio contra o inimigo, nem de autopreservação. Não lhe resta mais nada a não ser perseguir a morte, aquela mesma que não o deixou viver em paz nem no paraíso de pureza solar, nem na penumbra etílica dos cabarés. Ele, agora, é que a caça, e em missões sem importância real, sem peso efetivo na guerra e em uma área totalmente periférica — no mar do Caribe, próximo a Cuba, pequenos navios buscando submarinos alemães; e ainda assim uma tarefa arriscada, mas bem adequada a um protagonista sufocado pela dor e pela angústia que confina dentro de si, alguém que sonha com a mulher que ama e de quem não quer se reaproximar, que em meio à rotina enfadonha e letal da guerra para vez por outra quando de seu íntimo se impõe admirar garças, flamingos e peixes, como se ainda ansiasse por uma redenção, uma volta ao paraíso igual à que lhe concedem seus sonhos.

Despertar para esse homem deve ser pavoroso. No entanto, desse horror ele não fala, e suas ações, mesmo que praticadas quase sonambulamente, não o exprimem. Mas o leitor sente; principalmente pela omissão tão absoluta de menção ao drama, às perdas, à dor. Ao longo do texto, absorve-se todo o inferno de mais este protagonista de Hemingway.

O leitor encontrará ainda uma curiosidade neste livro: Hemingway revive a batalha do velho pescador com um peixe gigantesco; os personagens são mudados, e é interessante ver o autor executar novamente uma cena, na qual parecia ter alcançado um ponto insuperável, e ainda ter êxito em extrair dela poderosos

estímulos dramáticos, como se fosse um embate ao qual se entrega a descrever pela primeira vez, com toda uma energia original.

Sobretudo, Hemingway nos leva, em *As ilhas da corrente*, a um mergulho no desencanto, num desespero amordaçado, num suicídio delegado à sorte de um jogo sem glória, em que o jogador aposta alto sabendo que o ganho, se houver, será mesquinho. Ou melhor, no qual o jogador não deseja de fato ganhar, mas que o jogo termine.

Luiz Antonio Aguiar

Novembro de 2004

PARTE I

BIMINI



1



A casa ficava na parte mais elevada da estreita faixa de terra entre o porto e o mar aberto. Tinha resistido a três furacões e era sólida como um navio. Protegida pela sombra de altos coqueiros pensos pelo vento alísio, podia-se abrir a porta do lado do oceano, descer o barranco, atravessar a areia branca e mergulhar na Corrente do Golfo.* Quando não havia vento, a água da Corrente era azul-escura. Mas à medida que se avançava mar adentro, criava uma transparência verde sobre a branca areia porosa, tornando possível avistar a sombra de qualquer peixe graúdo muito antes que sequer se avizinhasse da praia.

Um lugar seguro e bonito para tomar banho durante o dia, mas não para nadar à noite. De noite os tubarões rondavam a beira à caça de presas na orla da Corrente; da varanda superior da casa, nas noites calmas, ouvia-se o chapinhar do peixe que abocanhavam e indo-se até a praia enxergava-se o rastro fosforescente que deixavam na água. De noite os tubarões eram mais atrevidos, e todo mundo os temia. De dia, porém, mantinham-se a distância da clara areia branca, e, caso se animassem a se aproximar, percebia-se logo sua sombra com grande antecedência.

Um homem chamado Thomas Hudson, que era bom pintor, morava naquela casa, trabalhando ali e na ilha a maior parte do ano. Depois de se morar bastante tempo nessas paragens, a mudança das estações adquire tanta importância como

noutros lugares, e Thomas Hudson, que amava a ilha, não queria perder nenhuma primavera, verão, outono ou inverno.

Às vezes o calor do verão ficava intenso demais, quando o vento diminuía em agosto ou quando os alísios deixavam ocasionalmente de aparecer em junho e julho. Os furacões também podiam sobrevir em setembro e outubro, e a qualquer momento, a partir de julho, eram capazes de armar-se inesperadas tempestades tropicais. Mas livre de vendavais, os meses mais sujeitos a furacão têm um clima ótimo.

Thomas Hudson tinha estudado as tempestades tropicais durante vários anos, e bastava-lhe olhar o céu para saber quando haveria uma perturbação atmosférica, muito antes que o barômetro indicasse sua presença. Sabia traçar o gráfico dos temporais e as precauções que devia tomar contra eles, como também sabia o que significa enfrentar um furacão com os demais habitantes da ilha e o laço que se estabelece entre todas as criaturas que passam por essa experiência. E mais: que os furacões podiam ser tão devastadores que nada conseguiria sobrevivê-los. Porém sempre imaginou que, se algum dia irrompesse um dessas proporções, gostaria de se encontrar ali para desaparecer junto com a casa.

Ela lembrava quase tanto um navio quanto uma casa. Colocada ali para resistir às tempestades, incrustava-se na ilha como se fosse parte integrante dela; mas de todas as janelas descortinava-se o mar e era muito arejada, de modo que não se sentia calor nem nas noites mais quentes. Pintada de branco para ficar bem fresca no verão, podia-se avistá-la de longe, na Corrente do Golfo. Era o ponto culminante da ilha, com exceção da extensa plantação de altos pés de casuarina, a primeira coisa que se enxergava ao se acercar da ilha por via marítima. Logo depois da mancha escura das casuarinas acima da linha do horizonte, via-se o vulto branco da casa. Aí então, à medida que se chegava mais perto, a ilha emergia inteira, com os coqueirais, as cabanas de madeira, a faixa branca da praia, e o verde da Ilha Sul se estendendo ao fundo. Thomas Hudson nunca avistava aquela casa na ilha sem que ficasse tomado por uma sensação de felicidade. Sempre a imaginava exatamente como um barco. No inverno, quando soprava o vento norte e esfriava de fato, ela

era quente e confortável porque possuía a única lareira na ilha. Uma vasta lareira aberta onde Thomas Hudson queimava sarrafos lançados à praia pelas ondas.

Guardava-os numa pilha enorme, encostados à parede do lado sul da casa. Estavam esbranquiçados de sol, cobertos de areia trazida pelo vento, e ele se afeiçoava tanto a vários pedaços que até sentia ódio de ter que queimá-los. Mas depois das grandes tempestades sempre surgiam outros na praia, e terminava achando divertido queimar mesmo os pedaços de que mais gostava. Sabia que o mar traria novos e nas noites frias sentava na ampla poltrona diante do fogo, lendo à luz do lampião pousado na grossa mesa de tábuas, interrompendo a leitura para escutar o noroeste soprando lá fora, o estrondo da rebentação, e contemplar os enormes sarrafos esbranquiçados a arder.

Às vezes apagava o lampião e deitava em cima do tapete no chão, detendo-se a fitar as pontas coloridas que o sal marinho e a areia desenhavam nas chamas enquanto a lenha ardia. Deitado, seus olhos nivelavam com a altura da madeira que queimava, tornando nítida a linha de separação entre a chama e os sarrafos, o que o deixava ao mesmo tempo triste e alegre. Toda madeira que queimasse o afetava desse modo. Mas os sarrafos trazidos pelo mar a arder ali no fogo causavam-lhe uma sensação que não conseguia definir. Achou que talvez fosse erro queimá-los, uma vez que gostava tanto deles; mas não tinha remorsos por causa disso.

Ao deitar-se no chão sentia-se protegido contra o vento, embora, na realidade, o vento açoitasse até os cantos inferiores da casa, a grama mais baixa da ilha, infiltrando-se pelas raízes da vegetação rasteira da praia, pelos carrapichos e pela própria areia. No chão, podia sentir a batida da rebentação tal como se lembrava de ter sentido o disparo de poderosos canhões quando se jogava por terra perto de uma peça de artilharia há muitos e muitos anos, quando ainda era menino.

A lareira era uma coisa formidável; no inverno e durante todos os outros meses contemplava-a com carinho, imaginando como seria quando o inverno chegasse de novo. O inverno era a melhor de todas as estações na ilha, e aguardava-o com impaciência o resto do ano inteiro.

Nota

* *Gulf Stream* — a corrente marítima de água quente que sai do Golfo do México através do Estreito da Flórida, a 8km por hora, com 80km de largura e 600m de profundidade, seguindo ao longo da costa norte-americana.
(N.T.)

2



O inverno acabou e a primavera estava quase no fim quando os filhos de Thomas Hudson chegaram à ilha naquele ano. Os três haviam combinado encontrar-se em Nova York para viajar juntos de trem e depois tomar o avião em Miami. Como de costume, não faltaram dificuldades com a mãe dos dois menores. Ela planejava uma excursão à Europa sem dizer nada, naturalmente, ao pai dos garotos sobre quando pretendia realizá-la, e queria os filhos durante o verão. Hudson poderia ficar com eles para as festas de fim de ano; depois do Natal, lógico. Porque o Natal seria passado com ela.

Thomas Hudson a essa altura já conhecia bem a manobra e afinal houve as concessões mútuas de sempre. Os dois filhos menores vinham à ilha visitar o pai por cinco semanas e depois iriam embora para Nova York, de onde partiriam na classe de estudante de um vapor da Linha Francesa ao encontro da mãe em Paris, onde ela já teria comprado algumas roupas necessárias. Estariam sob a tutela do irmão mais velho, Tom Jr., que depois iria reunir-se à mãe dele, que andava fazendo um filme no sul da França.

A mãe de Tom Jr. não exigira que ele fosse para lá e teria gostado que permanecesse na ilha com o pai. Mas adoraria vê-lo e era um acordo razoável em vista da decisão inabalável da mãe dos outros meninos, mulher deliciosa e de raro encanto, que jamais alterava qualquer plano que fizesse na vida. Sempre os

conservava em segredo, feito um autêntico general, e os punha em prática com idêntico rigor. Uma concessão podia ser cabível. Mas nunca a modificação radical de um plano concebido em noite em claro, manhã de contrariedade ou festa regada a gim.

Um plano era um plano, e uma decisão, indubitavelmente, uma decisão. Sabendo disso, e bem adestrado nos costumes do divórcio, Thomas Hudson se deu por satisfeito por terem chegado a um acordo e que os filhos estivessem vindo por cinco semanas. Se é esse o prazo que conseguimos, pensou, contentemo-nos com ele. Cinco semanas é tempo suficientemente longo para se passar junto das pessoas que amamos e ao lado de quem gostaríamos de ficar para sempre. Mas, em primeiro lugar, por que se havia separado da mãe de Tom? Melhor não pensar nisso, aconselhou a si mesmo. Eis aí uma coisa sobre a qual convém pôr uma pedra em cima. E os filhos que você teve com a outra são ótimos. Muito estranhos, complicados, mas você bem sabe quantas boas qualidades herdaram da mãe. Mulher ótima, de quem você também nunca deveria ter se separado. E então disse consigo mesmo: Não, eu tinha que me separar.

Mas não se deixou impressionar por nada disso. Fazia muito tempo que não se impressionava por coisa alguma. Sufocava os remorsos com o máximo de trabalho possível e agora só se preocupava com a chegada dos garotos, que precisavam ter um bom veraneio. Depois retornaria à pintura.

Tinha conseguido substituir quase tudo, menos os filhos, pelo trabalho e a vida regular, normal, operosa, que observava na ilha. Acreditava ter criado ali algo que haveria de perdurar e retê-lo. Agora, quando sentia saudade de Paris, recorria às recordações em vez de viajar para lá. Fazia o mesmo com toda a Europa e grande parte da Ásia e da África.

Ainda se lembrava do comentário de Renoir ao saber que Gauguin havia abandonado tudo para ir pintar em Taiti: — Pra que ele precisa gastar tanto dinheiro pra ir pra tão longe quando a gente pode pintar tão bem aqui em Batignolles? — Em francês ficava melhor: *quand on peint si bien aux Batignolles*, e Thomas Hudson imaginava a ilha como o seu *quartier*, onde se havia radicado, conhecia os vizinhos e o trabalho rendia tanto como em Paris, quando Tom Jr. ainda era criança.

Às vezes deixava a ilha para pescar em águas cubanas ou para ir às montanhas no outono. Mas alugara a fazenda que possuía em Montana porque a melhor época por lá era no verão e no outono, e agora os meninos sempre tinham colégio no outono.

De vez em quando precisava dar um pulo a Nova York para falar com seu *marchand de tableaux*. Mas já se tornara mais frequente suceder o oposto, e o *marchand* levava as telas consigo para o norte. Estava muito cotado como pintor, sendo respeitado tanto na Europa quanto em seu próprio país. Recebia a renda sistemática do arrendamento petrolífero de terras que haviam sido propriedade do avô. Antigamente pastoris, ao serem vendidas alguém teve a boa ideia de conservar os direitos de mineração do solo. Cerca da metade dos rendimentos que usufruía era absorvida em pensões alimentares, mas o saldo proporcionava-lhe a segurança necessária para pintar unicamente o que queria, livre de coações comerciais. Permitia-lhe também viver onde bem entendesse e viajar quando lhe desse vontade.

Vencera praticamente em todos os setores da vida, exceto no casamento, apesar de nunca ter ligado realmente para o sucesso. O que lhe interessava eram a pintura e os filhos, e continuava apaixonado pela primeira mulher de quem se enamorara. Depois dela havia amado várias outras, e às vezes uma vinha fazer-lhe companhia na ilha. Sentia falta da presença feminina e durante certo tempo eram bem-vindas. Gostava de tê-las ali, frequentemente por períodos bastante longos. Mas no fim sempre sentia alívio quando partiam, mesmo aquelas por quem se afeiçoava. Aprendera a não discutir mais com mulheres e agora sabia como se esquivar do casamento. Duas coisas quase tão difíceis de aprender quanto se radicar e pintar de maneira constante, metódica. Mas tinha aprendido — e esperava que fosse em caráter permanente. Há muito tempo que sabia pintar e acreditava estar aprendendo cada vez mais com o correr dos anos. Aprender, porém, a ficar sempre no mesmo lugar e pintar com disciplina lhe fora bastante penoso, porque houve uma época em sua vida em que se mostrara indisciplinado, egoísta e impiedoso. Agora o sabia, não só porque muitas mulheres lhe tinham feito ver isso, mas porque descobrira finalmente, por si mesmo. Decidiu-se então a ser egoísta apenas

com a pintura, implacável só com o trabalho — e a se autodisciplinar, aceitando a disciplina.

Ia aproveitar a vida dentro dos limites que se havia imposto e trabalhar com afinco. E hoje sentia-se felicíssimo porque os filhos iam chegar na manhã seguinte.

— seu Tom, o senhor não quer nada? — perguntou-lhe Joseph, o criado. — Tirou o dia de folga, né?

Joseph era alto, a cara espichada, pretíssima, com mãos e pés enormes. Usava paletó e calças brancos e andava descalço.

— Obrigado, Joseph. Acho que não quero nada.

— Nem um pouco de gim-tônica?

— Não. Acho que vou lá embaixo tomar um no bar do seu Bobby.

— Tome um aqui. Sai mais barato. Seu Bobby tava de cara feia quando passei por lá. Misturou muita bebida, diz ele. Teve uma moça, de um iate aí, que pediu um troço chamado *White Lady*, e ele serviu pra ela uma garrafa daquela mineral americana que tem uma dona com uma espécie de vestido de mosquitoireiro branco sentada junto de uma fonte.

— É melhor eu ir até lá.

— Deixe eu lhe preparar um antes. Veio correspondência pro senhor na lancha do piloto. O senhor pode ler enquanto toma seu drinque e depois vai lá no seu Bobby.

— Tá certo.

— Que bom — disse Joseph. — Porque já tá preparado. Parece que não tem nada importante nas cartas, seu Tom.

— Onde estão?

— Lá na cozinha. Já vou buscar. Tem duas com letra de mulher. Uma de Nova York. Uma de Palm Beach. Letra bonita. Uma daquele moço que vende os quadros do senhor em Nova York. E mais duas que eu nunca vi.

— Não quer respondê-las pra mim?

— Quero, sim senhor. É só o senhor deixar. Senão nem sei o que vou fazer com toda a instrução que eu tive.

— É melhor ir buscá-las.

— Sim, senhor, seu Tom. Chegou jornal também.

— Por favor, Joseph, deixe pra hora do café.

Thomas Hudson sentou, leu a correspondência e tomou a bebida gelada. Releu uma carta e depois guardou todas numa gaveta da escrivaninha.

— Joseph — chamou. — Você arrumou tudo para os meninos?

— Arrumei, sim, seu Tom. E duas caixas extras de Coca-Cola. O Tom Jr. deve estar maior do que eu, né?

— Ainda não.

— Acha que ele já pode me derrubar?

— Acho que não.

— Eu lutei tantas vezes com aquele menino por motivos pessoais — disse Joseph. — Vai ser muito gozado chamar ele de seu. Seu Tom, seu David e seu Andrew. Três dos meninos mais danados que conheço. E o mais safado é o Andy.

— Ele já nasceu safado — disse Thomas Hudson.

— E, puxa vida, nunca mais parou — disse Joseph, cheio de admiração.

— Vê se lhes dá um bom exemplo este verão.

— Seu Tom, o senhor não vai querer que eu dê bom exemplo pra esses meninos este verão. Há três ou quatro anos, quando eu não sabia nada, podia ser. Eu vou é copiar o jeitão do Tom. Ele teve em colégio granfa e aprendeu boas maneiras de gente rica. Não vou poder ficar igualzinho a ele, mas posso comportar-me que nem ele. Sem cerimônia, mas educado. Depois vou ser tão sabido como o Dave. Essa é a parte mais difícil. Aí então vou aprender como é que o Andy faz pra ser tão safado.

— Não comece com safadezas por aqui.

— Não, seu Tom, o senhor entendeu mal o que eu quis dizer. Essa safadeza não é pra aplicar aqui em casa. Eu quero ela pra minha vida privada.

— Vai ser bom com eles aqui, não é?

— Seu Tom, não vai haver nada que se compare com aquela vez que eles fizeram aquele fogaréu todo. Pra mim, aquilo só pode ser comparado com a Segunda Vinda do Messias. Vai ser bom?, o senhor me pergunta. Vai, sim, senhor.

— Temos que pensar numa porção de divertimentos pra eles.

— Não, seu Tom — disse Joseph. — A gente devia era pensar num modo de proteger esses meninos dos próprios planos terríveis que eles têm. O Eddy podia ajudar-nos. Ele conhece os três melhor do que eu. Eu sou amigo deles, o que torna a coisa mais difícil.

— Como vai o Eddy?

— Já anda bebendo por aí pra festejar antecipadamente o aniversário da rainha. Tá em plena forma.

— É melhor eu dar um pulo lá no seu Bobby enquanto ele ainda tá de cara feia.

— Ele perguntou pelo senhor, seu Tom. O seu Bobby é um moço educado como poucos, e às vezes esse lixo que chega de iate por aqui deixa ele fubeca. Ele tava fubeca pra burro quando vim de lá.

— Que é que você foi fazer lá?

— Fui tomar Coca-Cola e fiquei pra uma rodadinha de bilhar.

— Como vai a mesa?

— Pior.

— Eu vou até lá — disse Thomas Hudson. — Mas antes preciso de um banho e quero trocar de roupa.

— Já deixei estendida em cima da cama pro senhor — avisou Joseph. — Quer outro gim-tônica?

— Não, obrigado.

— O seu Roger tá lá na lancha.

— Ótimo. Depois eu falo com ele.

— Ele vai ficar hospedado aqui?

— Talvez.

— Então, por via das dúvidas, vou arrumar a cama pra ele.

— Isso.

3



Thomas Hudson tomou banho esfregando a cabeça com sabonete e depois lavou-a debaixo do forte jorro de água penetrante do chuveiro. Era um homenzarrão e nu parecia ainda maior do que vestido. Estava bem bronzeado, com o cabelo mais claro, malhado pelo sol. Não tinha engordado nada e viu na balança que continuava com 96 quilos.

Devia ter ido dar um mergulho antes da ducha, pensou. Mas nadei muito hoje de manhã antes de começar o trabalho e agora estou cansado. Não há de faltar ocasião quando os meninos chegarem. E Roger também está aí. Que bom.

Enfiou um calção limpo, uma velha camisa basca, o par de mocassins, saiu, desceu o barranco e cruzou o portão da cerca de tábuas, encontrando-se de chofre sob a claridade ofuscante do coral esbranquiçado de sol da Estrada do Rei.

Pouco adiante, um preto velho de passo empertigado, com casaco de alpaca preta e a calça escura frisada, surgiu de uma das cabanas de madeira crua, ao longo do caminho sombreado por dois coqueiros altos, e tomou a estrada. Quando virou de frente, Thomas Hudson enxergou-lhe o belo rosto negro.

Nos fundos da cabana, uma voz infantil começou a cantar uma antiga modinha inglesa em tom de deboche.

O tio Dudu veio de Nassau

Vender doce pra gente

Eu comi e me fez mal

Não há barriga que aguente...

O tio Dudu virou o belo rosto, parecendo tão triste quanto brabo na brilhante luz da tarde.

— Eu te conheço — disse ele. — Não posso te enxergar, mas sei quem és. Vou me queixar pro guarda.

A voz infantil continuou, nítida e alegre:

Ai, Dudu

Ai, Dudu

Safado, danado, malvado Dudu

Teu doce tava estragado.

— O guarda vai saber disso — disse o tio Dudu. — O guarda sabe o que ele tem que fazer.

— Hoje tem doce estragado, tio Dudu? — perguntou a voz infantil, cuidando para não aparecer.

— O homem é perseguido — queixou-se o tio Dudu em altos brados, seguindo adiante. — O homem tem o manto da dignidade arrancado e destruído. Ah, Senhor, perdoai-os porque não sabem o que fazem.

Mais abaixo na Estrada do Rei havia mais cantoria, vinda dos quartos do sobrado do Ponce de León. Um negrinho passou correndo pelo caminho de coral.

— Deu uma briga, seu Tom — disse. — Ou troço parecido. Um moço que chegou de iate andou atirando coisas pela janela.

— Que coisas, Louis?

— De tudo quanto é jeito, seu Tom. O moço atira fora tudo o que encontra. A moça tentou fazer ele parar, ele disse que também atirava ela.

— De onde veio o moço?

— Lá do norte. Um baita homem. Disse que pode comprar e vender a ilha inteira. Acho que ele vai conseguir um preço bem barato se não parar de fazer bagunça como ele tá fazendo.

— O delegado não tomou nenhuma atitude, Louis?

— Não tomou, não, senhor, seu Tom. Ninguém mandou chamar o delegado ainda. Mas do modo que a coisa vai, tá na hora de ele vir.

— Você anda com eles, Louis? Eu precisava que você me arrumasse umas iscas pra amanhã.

— Sim, senhor, eu arrumo isca pro senhor, seu Tom. Não se preocupe. Não saio de perto deles. Contrataram-me pra levar eles pra pescar hoje de manhã, e não arredei mais o pé de junto deles. Só que não foram pescar coisa nenhuma. Não, *senhor*. A não ser que atirar pratos, xícaras, canecas e cadeiras seja pescar. Toda vez que o seu Bobby traz a conta, ele rasga e chama seu Bobby de gatuno, larápio, canalha e patife.

— Parece um moço difícil, Louis.

— Seu Tom, ele é o maior desgraçado que já vi, fora de comparação. Pediu pra eu cantar pra eles. O senhor sabe que não canto tão bem como o Josey, mas eu faço o que posso e às vezes canto até melhor do que posso. Eu estava cantando como eu posso. Sabe como é. O senhor já me ouviu cantar. Pois ele só queria que eu cantasse aquele negócio de mamãe-não-quer-ervilha-nem-arroz-nem-azeite-de-dendê. Sem parar. A música é velha, eu cansei e então falei pra ele: “Moço, eu sei música nova. Música da boa. Música bonita. E sei música velha, que nem a da morte do John Jacob Astor no Titanic, quando ele foi ao fundo por causa do iceberg e queria cantar elas em vez dessa nem-ervilha-nem-arroz, se o senhor deixar.” Falei com bons modos, educado que só vendo. Como sei que o senhor falaria. Aí então o tal moço disse: “Olha aqui, seu negrinho cretino e ignorante, eu tenho mais lojas, fábricas e jornais do que o John Jacob Astor tinha penicos pra, o senhor sabe a palavra, dentro, e eu vou te pegar e enfiar a tua cabeça nesses penicos se tu tentares dizer-me o que eu quero escutar.” Aí então a moça que tava com ele disse: “Meu bem, não precisa ser tão grosseiro assim com o rapaz. Eu achei que ele cantou muito bem e gostaria de ouvir alguma música nova.” E o moço falou: “Olha aqui. Você não vai ouvir, e ele vai cantar.” Seu Tom, o cara é um troço. Mas a moça que tava com ele só falou: “Ah, meu bem, como você é difícil.” Seu Tom, ele é mais difícil que motor de locomotiva pra mico de árvore que mal saiu da barriga da macaca. Desculpe se tô

falando demais. É que o negócio me enfezou. Ele deixou ela se sentindo muito chateada.

— O que é que você vai fazer agora com eles, Louis?

— Fui buscar pérolas de caramujo — disse ele.

Tinham parado na sombra de um coqueiro enquanto ele falava. Tirou do bolso um pano muito limpo, desdobrando-o para mostrar meia dúzia de pérolas que não pareciam pérolas, brilhantes, de um rosa nacarado, que às vezes os nativos encontram quando limpam as conchas e que nenhuma mulher que Thomas Hudson conhecia, com exceção da rainha Mary da Inglaterra, jamais valorizava como presente. Naturalmente Thomas Hudson não podia imaginar que conhecesse a rainha Mary, a não ser pelos jornais, fotografias e um artigo publicado no *New Yorker*, mas o simples fato de gostar de pérolas de caramujo dava-lhe a sensação de que a conhecia melhor que várias pessoas que conhecia há muito tempo. A rainha Mary gosta de pérolas de caramujo, e a ilha hoje à noite vai festejar o aniversário dela, pensou. Mas parecia-lhe que as pérolas não iam contribuir em nada para melhorar a disposição da “moça que tava com o moço”. Além disso, era bem possível que a rainha Mary tivesse dito aquilo só para agradar os súditos das Bahamas.

Foram caminhando até o Ponce de León, e Louis ia dizendo:

— A moça começou a chorar, seu Tom. Começou a chorar pra valer. Então eu me ofereci pra ir lá no Roy buscar umas pérolas de caramujo pra ela escolher.

— Decerto vão deixá-la muito contente — disse Thomas Hudson. — Se é que ela gosta desse tipo de pérola.

— Tomara que sim. Vou levar lá pra cima agora mesmo.

Thomas Hudson entrou no bar, fresco e quase escuro depois da claridade do caminho de coral, e tomou um gim-tônica com um pedaço de casca de lima misturada com umas gotas de angustura. Seu Bobby, parado atrás do balcão, estava com cara de enterro. Quatro rapazes negros jogavam bilhar erguendo de vez em quando a mesa, quando se fazia necessário executar uma carambola difícil. A cantoria no sobrado tinha parado, e o salão se achava muito silencioso, só se ouvindo o estalo das bolas. Dois membros da tripulação do iate ancorado no cais estavam no bar, e, quando os olhos de Thomas Hudson se acostumaram com a luz,

o ambiente se encontrava em penumbra, refrescante e agradável. Louis desceu a escada.

— O moço tá dormindo — disse. — Deixei as pérolas com a moça que tava com ele. Ela ficou olhando pra elas e chorando.

Notou que os dois marinheiros do iate se entreolharam, mas nenhum deles disse nada. Continuou ali parado, segurando o copo grande com a bebida agradavelmente ácida, saboreando o primeiro gole, que o fez lembrar de Tanga, Mombasa, Lambu e toda aquela costa, dando-lhe uma súbita nostalgia da África. Cá estava ele, instalado na ilha, quando podia andar perfeitamente na África. Que diabo, pensou, sempre posso ir pra lá quando quiser. A gente tem que se sentir bem é no íntimo, pouco importa o lugar onde se está. Você está se saindo muito bem aqui mesmo.

— Tom, você gosta mesmo do gosto desse troço? — perguntou-lhe Bobby.

— Lógico. Senão não bebia.

— Uma vez eu abri uma garrafa por engano e tinha gosto de quinino.

— É que contém quinino.

— As pessoas sem dúvida são bem loucas — disse Bobby. — Um homem pode beber tudo o que quer. Tem dinheiro pra comprar. A gente imagina que ele queira tirar algum proveito, e ele vai e estraga gim do bom misturando com uma espécie de bebida hindu que contém quinino.

— Eu acho o gosto ótimo. Gosto do gosto de quinino com casca de lima. Acho que ele abre, por assim dizer, os poros do estômago ou coisa que valha. Estimula mais que qualquer outro drinque com gim. Dá uma sensação ótima.

— Sei. A bebida sempre lhe dá uma sensação ótima. A mim me dá uma sensação horrível. Onde tá o Roger?

Roger era o amigo de Thomas Hudson que tinha uma cabana de pesca na outra ponta da ilha.

— Não demora deve aparecer por aí. Vamos jantar com o Johnny Goodner.

— Por que é que gente como você, o Roger Davis e o Johnny Goodner, que já andaram por tudo quanto é parte, ficam nessa ilha é que eu não sei.

— A ilha é ótima. Você também fica, não fica?

— Fico pra ganhar a vida.

— Podia ganhar em Nassau.

— Nassau, porra. Aqui é mais divertido. Esta ilha é boa pra gente se divertir. Já ganhei muito dinheiro aqui também.

— Eu gosto de morar aqui.

— Claro — disse Bobby —, eu também gosto. Você sabe disso. Desde que dê pra ganhar a vida. Você vende todos esses quadros que vive pintando?

— Agora eles estão vendendo bem.

— Gente pagando dinheiro por retratos do tio Dudu. Retratos de negros dentro d'água. Negros em terra. Negros em barcos. Barcos de pescar tartaruga. Barcos de pescar esponja. Tempestades se armando. Trombas-d'água. Escunas indo a pique. Escunas em estaleiros. Tudo o que podiam ver de graça. Isso de fato tem saída?

— Lógico que tem. Você faz uma exposição por ano em Nova York, e todo mundo compra.

— Em leilão?

— Não. O proprietário da galeria que faz a exposição estipula um preço pra cada quadro. O pessoal compra. De vez em quando os museus ficam com um.

— Não dava pra você vender pessoalmente?

— Claro que dá.

— Eu gostaria de comprar uma tromba-d'água — disse Bobby. — Uma tromba-d'água danada de grande. Preta como o diabo. Talvez fosse melhor duas trombas-d'água passando com estrondo pelos baixios, fazendo um barulhão desgraçado. Engolindo toda a água que encontram pela frente e deixando a turma morta de medo. Eu lá na canoa, pescando esponja, sem poder fazer nada. A tromba-d'água arrancando o copo d'água bem da minha mão. Quase levando a canoa pelos ares. Uma tromba-d'água do rabo, inventada por Deus. Quanto custaria um assim? Eu podia pendurar aqui mesmo. Ou então lá em casa, se não deixasse a minha velha apavorada.

— Depende do tamanho.

— Faz do tamanho que você quiser — pediu Bobby, com largueza. — Um bruto quadro desses nunca é grande que chega. Põe logo três trombas-d'água. Uma vez eu vi três trombas-d'água bem de perto lá pela ilha Andros. Subiam até lá em cima no céu, e uma atirou o barco dum pescador de esponja pelos ares, e quando caiu o motor entrou pelo casco adentro.

— Custaria só o preço da tela — disse Thomas Hudson. — Eu cobraria apenas a tela.

— Por Deus, então compre uma tela enorme — disse Bobby. — Vamos pintar trombas-d'água que farão o pessoal sair correndo de medo deste bar e ir bem pra longe desta droga de ilha.

Empolgado com a grandeza do projeto, as possibilidades mal começavam a se abrir para ele.

— Tom, meu rapaz, você não acha que dava pra pintar um furacão completo? Pintá-lo bem no meio do vendaval, quando já soprou de um lado, acalmou, e está recém-começando do outro? Pondo de tudo, desde os negros chicoteados pela ventania nos coqueiros até os navios arrastados pro topo da ilha? Pondo o hotel grande levado embora. Pondo tudo quanto é coisa cortando o ar feito lança, as carcaças de pelicanos voando como se fizessem parte das rajadas de chuva. Faz o barômetro baixar pra vinte e seis e explode as velocidades do vento. Faz o mar quebrar na marca de dez braças e a lua surgir no meio do temporal... Faz aparecer um maremoto submergindo o que ainda estiver vivo. Faz as mulheres serem arrastadas nuas pro mar, com a roupa arrancada pelo vendaval. Faz os negros mortos boiando por toda a parte e voando pelos ares.

— Vai dar uma tela grande pra cachorro — disse Thomas Hudson.

— A tela que se dane! — exclamou Bobby. — Eu consigo uma vela mestra de escuna. Vamos pintar os quadros mais danados de grande no mundo e teremos os nossos nomes gravados na história. Até agora você só pintou uns quadrinhos de nada.

— Vou dedicar-me às trombas-d'água — prometeu Thomas Hudson.

— Ótimo — disse Bobby, detestando ter que interromper o grande projeto. — Isso é o que vale. Mas, palavra, a gente pode fazer uns quadros fabulosos com a

experiência que nós dois temos e a prática que você já adquiriu.

— Vou começar as trombas-d'água amanhã.

— Perfeito — disse Bobby. — Já é um início. Mas, por Deus, eu também gostaria que a gente pintasse aquele furacão. Alguém já pintou o naufrágio do *Titanic*?

— Não numa escala realmente grande.

— Pois é. Taí um assunto que sempre empolgou minha imaginação. Você podia captar a frieza do iceberg se afastando depois de bater no navio. Pintar o troço todo no meio de um nevoeiro denso. Incluir todos os detalhes. Pegar aquele sujeito que se meteu no salva-vidas com as mulheres pensando que poderia ajudar porque estava habituado a pilotar o iate dele. Pintá-lo entrando no bote, pisando em cima de uma porção de mulheres em tamanho natural. Ele me faz lembrar esse camarada que está agora aí em cima. Por que você não vai lá e o desenha enquanto ele tá dormindo e depois aproveita pro quadro?

— Acho melhor a gente começar pelas trombas-d'água.

— Tom, eu quero que você seja um *grande* pintor — disse Bobby. — Deixe todas essas titicas de galinha de lado. Você está desperdiçando seu talento. Ora, a gente imaginou junto três quadros em menos de meia hora, e eu ainda nem comecei a desenhar de cabeça. E o que é que você andou fazendo até agora? Pintando negro virando tartaruga marinha na praia. Se ao menos fosse uma tartaruga-verde. Não. Uma *reles* tartaruga marinha. Ou pintando dois negros numa canoa mexendo numa redada de lagostas. Você desperdiça sua vida, rapaz.

Parou para tomar um gole às pressas de um copo que tinha embaixo do balcão.

— Este não conta — disse. — Você nunca me viu tomar este. Olhe, Tom, são três grandes quadros. Quadros fabulosos. Universais. Próprios pra serem pendurados no Palácio de Cristal ao lado das obras-primas de todos os tempos. Menos o primeiro, naturalmente, que é um projeto modesto. Mas a gente ainda nem começou. Não há motivo pra não se pintar um que liquide com todos. Que você acha disso?

Tomou outro, rapidíssimo.

— Disso o quê?

Debruçou-se sobre o balcão para que os outros não pudessem escutar.

— Não tire o corpo fora — disse. — Não se assuste com a magnitude do projeto. Você precisa ter visão, Tom. A gente pode pintar o Fim do Mundo. — Fez uma pausa. — Em tamanho natural.

— Com os diabos! — exclamou Thomas Hudson.

— Não. Antes dos diabos. Os diabos mal estão começando a aparecer. Os fiéis vão empurrando a igreja deles morro acima, todos falando numa língua que ninguém entende. Tem um demônio que vai fisingando um por um com o forçado e empilhando numa carroça. A turma grita, geme e pede socorro a Jeová. Dá negro caído por tudo quanto é canto, com moreias, lagostas e caranguejos se arrastando no meio e por cima deles. Há uma espécie de escotilha aberta, gigantesca, por onde os diabos atiram os negros, os padres, os fiéis e tudo mais, que somem de vista. A água se levanta em torno da ilha inteira, e as cornudas, os tubarões-sombrieiros, os cações e os esqualos rondam por perto, papando os que tentam fugir a nado pra não serem fisingados e jogados na imensa escotilha aberta que solta rolos de fumaça. Os beberões tomam seus últimos porres e batem com as garrafas nos diabos. Mas os diabos continuam fisingando-os com os forçados, ou então eles se veem engolfados pelo mar bravio, agora cheio de baleias, grandes tubarões-brancos, baleias assassinas e outros peixes enormes, que giram ao redor do lugar em que os tubarões maiores estraçalham o pessoal que caiu n'água. O topo da ilha fica atulhado de cães e gatos, que os diabos também vão fisingando, e os cães se encolhem, aos uivos, e os gatos correm na disparada metendo as garras nos diabos, de pelo arrepiado, e por fim mergulham no mar, nadando de um jeito que você nem queira saber. Às vezes um tubarão abocanha um, e a gente vê o gato indo ao fundo. Mas a maioria consegue escapar.

“Começa a sair um calor medonho da escotilha, e os demônios têm que arrastar as pessoas lá pra perto porque quebraram os forçados ao tentar fisingar alguns dos padres. Você e eu estamos parados no centro do quadro, assistindo a tudo na maior calma. Você toma anotações, e eu refresco a garganta, oferecendo-lhe de quando em quando um trago. Uma vez que outra, um diabo, todo molhado de suor, passa rente por nós puxando um padre que luta pra cravar os dedos na areia e não

ser jogado dentro da escotilha, clamando por Jeová, e o diabo então diz: ‘Com licença, seu Tom. Com licença, seu Bobby. Tô muito ocupado hoje.’

“Eu ofereço um trago ao diabo quando ele volta suado e encardido, pra buscar outro padre, e ele responde: ‘Não, obrigado, seu Bobby. Nunca toco em bebida quando estou trabalhando.’

“Pode dar um quadro infernal, se a gente conseguir pôr todo esse movimento e grandeza nele, Tom.”

— Creio que por hoje fizemos praticamente tudo o que é possível fazer em matéria de plano geral.

— Por Deus, acho que você tem razão — disse Bobby. — Esse plano geral até me deixou com sede.

— Houve um cara chamado Bosch que pintava num estilo muito parecido com esse.

— Aquele dos motores de explosão.

— Não. Hieronymus Bosch. Da antiga. Bom à beça. Pieter Bruegel também trabalhava nesse gênero.

— Também da antiga?

— Da antiga à beça. Muito bom. Você ia gostar.

— Ah, que joça — disse Bobby. — Ninguém da antiga se compara conosco. Além do mais, o mundo ainda não se acabou, portanto como é que ele podia entender do assunto mais do que nós?

— Vai ser difícil pra burro fazer melhor que ele.

— Não acredito de jeito nenhum — disse Bobby. — Nós temos aí um quadro que liquidava com o negócio dele.

— Que tal mais um destes?

— Ah é, porra. Já ia esquecendo que isto aqui é um bar. Deus salve a rainha, Tom. Também esquecemos a data de hoje. Tome aqui, beba um por minha conta e brindemos a ela.

Serviu-se de um copinho de rum e entregou a Thomas Hudson a garrafa amarela de Gim Booth’s, limas num prato, uma faca e uma garrafa de Água Tônica Hindu da Schweppes.

— Prepare você mesmo essa droga de drinque. Pro inferno com esses drinques cheios de frescuras.

Depois que Thomas Hudson aprontou a bebida, sacudindo dentro umas gotas de bíter da garrafa cuja rolha tinha uma pena de gaivota, ergueu o copo e olhou para o outro canto do bar.

— O que é que vocês dois estão tomando? Digam o nome, se não for complicado.

— “Cabeça de Cachorro” — respondeu um dos marinheiros.

— Então, “Cabeça de Cachorro” — disse Bobby, estendendo o braço para o barril de gelo e entregando-lhes as duas garrafas geladas de cerveja. — Não tem mais copo. Os bebedores passaram o dia inteiro jogando copos pela janela. Tá todo mundo de bebida pronta? Senhores, à rainha. Tenho a impressão de que ela não liga muito pra esta ilha e até acho que nem se daria bem aqui. Mas à rainha, senhores. Que Deus a abençoe.

Todos beberam à saúde dela.

— Deve ser uma grande mulher — disse Bobby. — Meio empertigada demais pro meu gosto. Sempre tive um fraco pela rainha Alexandra. Bonitona. Mas vamos procurar honrar o aniversário da rainha. Esta ilha pode ser pequena, mas é patriótica. Teve um sujeito daqui que foi na última guerra e perdeu um braço. Não dá pra ser mais patriótico do que isso.

— Aniversário de quem que ele disse que era? — perguntou um dos marinheiros.

— Da rainha Mary da Inglaterra — explicou Bobby. — A mãe do atual rei imperador.

— Não foi a tal que deu nome ao *Queen Mary*? — perguntou o outro.

— Tom — disse Bobby. — O próximo brinde nós dois vamos fazer sozinhos.

4



Agora já tinha escurecido e soprava uma brisa, portanto não havia mosquitos nem moscas de areia e todos os barcos já estavam de volta, içando as toleteiras à entrada do canal e parando para prender as amarras nas rampas dos três trapiches que avançavam da praia até o ancoradouro. A maré descia rapidamente, e as luzes de bordo iluminavam a água, verde naquela claridade, e tão revolta que cobria as estacas do cais, redemoinhando à popa do grande iate em que eles se encontravam. Ao longo do costado, onde a luz se refletia no entabuamento do barco sobre as estacas sem pintura do trapiche, cujas defensas formadas por pneus velhos de carros e caminhões ali amarrados projetavam círculos escuros na escuridão dos escolhos lá embaixo, um cardume de peixes-agulhas, atraído pela claridade, mantinha-se contra a correnteza. Finos e compridos, cintilando verdes iguais à água, agitando somente os rabos, não se alimentavam nem brincavam: apenas concentravam-se ali, fascinados pela luz.

Narwhal, o iate de Johnny Goodner, a bordo do qual aguardavam a chegada de Roger Davis, estava virado para a maré vazante e, de costas para a mesma rampa, preso com firmeza, de modo a deixar as duas embarcações popa a popa, achava-se o iate do grupo que tinha passado o dia inteiro no bar do Bobby. Johnny Goodner, sentado lá atrás com os pés noutra cadeira, um Tom Collins na mão direita e uma pimenta-malagueta mexicana, longa e verde, na esquerda.

— É um colosso — disse ele. — Basta dar uma mordida que a boca logo pega fogo. Depois a gente refresca com isto.

Deu uma dentada e engoliu, soltando um “fiu!” com a língua enrolada e tomando um vasto trago do drinque. Lambeu o fino lábio superior de irlandês com a polpa do inferior e sorriu com os olhos cinzentos. A boca virava para cima nos cantos, parecendo sempre pronta a rir, ou terminando de rir, mas sem revelar praticamente nada do seu caráter, a menos que se reparasse na finura do lábio superior. Era para os olhos que se precisava atentar. Johnny tinha o tamanho e a constituição de um peso-médio que houvesse engordado um pouco; mas sentado ali à vontade dava impressão de conservar a linha e essa posição é a mais desvantajosa para todo homem que realmente a perdeu. O rosto estava queimado, mas descascando no nariz e na testa alta, revelando uma calvície incipiente. A cicatriz do queixo poderia ser confundida com uma covinha, se estivesse mais próxima do centro, e o nariz era levemente achatado no meio. Não que fosse um nariz chato. Apenas dava a sensação de ter sido modelado por um escultor moderno que trabalhasse diretamente na pedra e houvesse tirado, por descuido, umas lasquinhas a mais.

— Tom, seu coisa inútil, o que é que você tem feito?

— Trabalhado muito.

— Ah, é — fez ele, arrancando outro naco da pimenta. Era uma malagueta toda retorcida e molenga, de uns quinze centímetros de comprimento. — É só a primeira que arde — informou. — Como no amor.

— Pois sim. A pimenta arde na entrada e na saída.

— E o amor?

— O amor que se foda — disse Thomas Hudson.

— Que ideias. Que maneira de falar. O que é que você está se tornando? Uma vítima da loucura de pastor de ovelhas desta ilha?

— Aqui não há ovelha, Johnny.

— Loucura de pastor de caranguejo, então — disse Johnny. — Não queremos ser obrigados a pescar você com rede ou coisa que o valha. Prove uma destas pimentas.

— Já provei — disse Thomas Hudson.

— Ah, eu conheço o seu passado — disse ele. — Não vem pro meu lado com seu passado ilustre. No mínimo foi você quem inventou a pimenta. Eu sei. Vai ver, provavelmente, foi o cara que levou as sementes pra Patagônia montado em boi. Mas eu represento os tempos modernos. Escute uma coisa, Tommy. Eu mando rechear estas malaguetas com salmão. Com bacalhau. Com espadarte chileno. Com peito de pomba mexicana. Com carne de peru e de paca. Eles recheiam com tudo quanto é troço, e eu compro. Fico me sentindo um verdadeiro nababo. Mas tudo isso é pura frescura. Não há nada melhor que esta velha pimenta comprida, murcha, desenxabida, sem recheio, pouco promissora, com molho de chupango ferruginoso. Filha da puta — exclamou, retorcendo a língua —, desta vez o pedaço foi grande demais.

Tomou um gole inacabável do Tom Collins.

— Elas me dão uma desculpa pra beber — explicou. — Tenho que refrescar esta boca de merda. O que você quer tomar?

— Acho que aceito outro gim-tônica.

— Moleque — chamou Johnny. — Outra tônica pro Bwana M’Kubwa.

Fred, um dos rapazes da ilha que o comandante de Johnny tinha empregado, trouxe o drinque.

— Pronto, seu Tom.

— Obrigado, Fred — disse Thomas Hudson. — À rainha, Deus a abençoe. Beberam.

— Onde é que anda o velho mulherengo?

— Na casa dele. Não demora está aí.

Mastigou mais um pouco da pimenta sem comentários, terminou o drinque e perguntou:

— Como é que você vai mesmo, hem, velhão?

— Otimamente — respondeu Thomas Hudson. — Aprendi a viver muito bem sozinho e trabalho sem parar.

— Você gosta disto aqui? Digo, pra passar o tempo todo?

— Gosto. Enjoei de andar correndo por aí. Prefiro ficar por aqui mesmo. Me dou bastante bem aqui, Johnny. Bem pra burro, até.

— É um bom lugar — disse Johnny. — É um bom lugar pra um cara como você, que tem uma espécie de riqueza íntima. Uma bosta de lugar pra um cara que nem eu, que ando sempre procurando ou escapando de alguma coisa. É fato que o Roger virou comuna?

— Então já andam falando isso?

— Foi o que ouvi dizer lá na costa.

— Que aconteceu por lá com ele?

— Não sei bem direito. Mas foi um troço ruim pra burro.

— Ruim mesmo?

— Eles têm umas ideias diferentes sobre o que é ruim por lá. Não foi por causa de nenhum cabaço, se é isso que você está pensando. Seja como for, com o clima que faz por lá, bons legumes e tudo mais, é que nem o tamanho dos jogadores de futebol que eles têm. Porra, tem garota de quinze com cara de vinte e quatro. Aos vinte e quatro já estão que é a Dame May Whitty. Se você não for do tipo pra casar, convém examinar direitinho os dentes dela. E ninguém, naturalmente, adivinha porra nenhuma pelos dentes. E todas têm mãe e pai, ou uma coisa ou outra, e tá tudo com fome. O clima também abre o apetite, lógico. O pior é que às vezes o pessoal se entusiasma e nem pede pra ver a carteira de motorista ou o cartão de previdência social. Eu acho que deviam basear-se pelo tamanho, peso e habilidades gerais, e não só pela idade. Indo só pela idade cria uma série inacabável de injustiças. Por toda a parte. A precocidade não está sujeita a penalidades em nenhum outro esporte. Muito pelo contrário. A requisição de licença de aprendiz seria mais justa. Tal como nas corridas. Já levei bastante na cabeça por causa desse troço. Mas não foi por isso que prenderam o nosso Roger.

— Por que foi, então? — perguntou Roger Davis.

Tinha pulado do trapiche para o convés sem fazer barulho com os sapatos de sola de corda e estava ali parado, descomunalmente grande num suéter três números maior do que o dele e uma velha calça justa de algodão.

— Oi — disse Johnny. — Não ouvi você tocar a campainha. Estava contando pro Tom que não sabia por que você tinha sido preso, mas que não era por causa de nenhum cabaço.

— Ótimo — disse Roger. — Mudemos de assunto.

— Não seja tão prepotente — reclamou Johnny.

— Não estou sendo prepotente — disse Roger. — Pedi com bons modos. Não se bebe neste barco? — Olhou para o iate ancorado de popa contra eles. — De quem é?

— Do pessoal que está lá no Ponce. Você não soube?

— Ah — fez Roger. — Bem, tomemos um drinque em todo o caso, muito embora eles tenham dado mau exemplo.

— Moleque — chamou Johnny.

Fred saiu da cabina.

— Pronto, patrão — disse ele.

— Pergunte o que estes *Sahibs* desejam beber.

— Senhores? — perguntou Fred.

— Eu tomo seja lá o que for que seu Tom está tomando — disse Roger. — Ele é meu guia e conselheiro.

— Muitos escoteiros no acampamento este ano? — perguntou Johnny.

— Por enquanto só dois — disse Roger. — Além de eu e do meu conselheiro, não há mais nenhum.

— Além de mim e do meu conselheiro — disse Johnny. — Porra, como é que você escreve livros?

— Sempre posso contratar alguém pra corrigir a gramática.

— Ou arruma alguém de graça — disse Johnny. — Estive falando com o seu conselheiro.

— Conselheiro diz estar muito satisfeito e feliz aqui. Nunca mais sair da praia.

— Precisava ver onde ele mora — disse Tom. — De vez em quando ele me deixa entrar lá pra tomar um drinque.

— Rabos de saia?

— Nenhum.

— Mas então o que é que vocês fazem?

— Eu estive ocupado o dia inteiro.

— Sim, mas você já morou aqui antes. O que é que você fazia na época?

— Nadar, comer, beber. O Tom trabalha, lê, conversa, lê, pesca, pesca, nada, bebe, dorme...

— Rabos de saia?

— Sempre nenhum rabo de saia.

— Parece-me pouco salubre. Uma espécie de atmosfera malsã. Vocês fumam muito ópio, meninos?

— Tom? — perguntou Roger.

— Só do melhor — disse Thomas Hudson.

— Plantou algum bom canteiro de maconha?

— Você plantou, Tom? — perguntou Roger.

— Foi um ano ruim — disse Thomas Hudson. — A chuva prejudicou a colheita.

— A coisa toda me parece malsã. — Johnny bebeu. — O único aspecto positivo é que vocês ainda bebem um pouco. Aderiram à religião, meninos? Tom teve a revelação?

— Tom? — perguntou Roger.

— Minhas relações com Deus continuam mais ou menos na mesma — respondeu Thomas Hudson.

— Cordiais?

— Toleramo-nos — disse Thomas Hudson. — A gente pratica a fé que bem entende. Há um campo de bola lá na ilha onde se pode praticar.

— Eu dou a Deus uma rápida alta e por dentro se ele acertar na meta — disse Roger.

— Roger — censurou Johnny. — Já é de noite. Não viu o crepúsculo cair, anoitecer e ficar escuro? Logo você, um escritor. Nunca foi boa ideia fazer pouco-caso de Deus depois que escurece. Ele é bem capaz de estar de taco em punho atrás de você.

— Aposto como ele também acertava na meta — disse Roger. — Tenho-o visto fazer isso ultimamente.

— Exato — disse Johnny. — E avançaria na sua, rápido, e arrebentaria os seus miolos. Já o vi acertar.

— É, acho que você viu — concordou Roger. — Assim como o Tom e eu também vimos. Mas de qualquer jeito vou tentar passar com a minha bola rápida por ele.

— Vamos parar com esta discussão teológica — disse Johnny. — E pedir alguma coisa pra comer.

— Aquele velho decrépito que você contratou pra manobrar este troço aí pelo oceano ainda sabe cozinhar? — perguntou Thomas Hudson.

— O prato de hoje é *chowder** — disse Johnny. — E arroz amarelo com douradinha. Douradinha assada.

— Porra, você até parece um decorador de interiores — disse Tom. — Seja como for, nesta época do ano elas não têm nada de dourado. Onde foi que você tacou chumbo nelas?

— Na Ilha Sul, quando entramos pra ancorar e dar um mergulho. Assobieei duas vezes pra revoada voltar e fui derrubando quantas pude. Tem duas pra cada um.

A noite estava bonita, e terminado o jantar eles sentaram ao ar livre, na popa, tomando café e fumando charuto. Dois típicos boas-vidas saíram de outro barco com um violão e um bandolim. Os negros se aglomeraram no cais, e de vez em quando alguém cantava. No escuro, na parte alta do trapiche, os moleques davam a deixa da música, e depois Fred Wilson, que tinha o violão, se punha a cantar. Frank Hart se defendia no bandolim da melhor maneira possível. Como Thomas Hudson não sabia cantar, recostou-se no escuro para escutar.

Estava havendo um bocado de festejos no bar de Bobby: as luzes da porta aberta se refletiam na água. A maré continuava baixando rapidamente, e nessa parte iluminada se viam peixes saltando. Ciobas cinzentas na maioria, pensou Tom, baseando-se nas iscas que desciam junto com a maré. Alguns moleques negros pescavam de linha na mão, e podiam-se ouvir as conversas e pragas em voz baixa

quando perdiam um peixe, e o ruído surdo da cioba ao cair no trapiche quando era fígada. Por ali dava ciobas enormes, e os moleques as atraíam com nacos de carne da macaíra que um dos barcos havia pescado e trazido no começo da tarde e que já fora pendurada, fotografada, pesada e retalhada.

Formou-se grande ajuntamento no trapiche por causa da cantoria, e Rupert Pinder, um negro enorme de quem se dizia que certa vez transportara um piano nas costas sozinho do cais do Governo ao velho clube no alto da Estrada do Rei, destruído pelo furacão, e que se julgava pugilista, gritou lá de baixo do trapiche:

— Capitão John, o pessoal tá dizendo que tá com sede.

— Compra uma coisa barata e saudável, Rupert.

— Sim, senhor, capitão John. Rum.

— Foi a ideia que eu tive — disse John. — Por que não procura um garrafão empalhado? Acho que sai mais em conta.

— Muito obrigado, capitão John — disse Rupert.

Abriu caminho no meio do ajuntamento, que imediatamente se desfez, indo todos atrás dele. Thomas Hudson viu que se dirigiam à venda de Roy.

No mesmo instante, de um dos barcos amarrados no cais de Brown levantou-se chispando um foguete. Subiu alto no céu e de repente estourou, iluminando o canal. Logo depois outro partiu chispando em ângulo inclinado e desta vez estourou pouco acima da extremidade próxima do trapiche.

— Porra — disse Fred Wilson. — Devíamos ter mandado buscar alguns em Miami.

A noite estava agora iluminada por foguetes zunindo e explodindo, e os clarões fizeram Rupert e seus companheiros voltar ao cais. Rupert carregava um garrafão de vime no ombro.

Alguém soltou de um dos barcos um foguete, que veio estourar bem em cima do trapiche, iluminando o ajuntamento, os rostos, pescoços e mãos escuros, e a cara achatada, os ombros largos e o pescoço grosso de Rupert, que equilibrava o garrafão coberto de vime jeitosa e orgulhosamente ao lado da cabeça.

— Canecas — pediu aos companheiros, falando por cima do ombro. — Canecas esmaltadas.

— Tem de zinco — disse um dos rapazes.

— Esmaltadas — exigiu Rupert. — Vão buscar. Compre lá no Roy. Tá aqui o dinheiro.

— Apanha a nossa pistola sinalizadora, Frank — disse Fred Wilson. — A gente pode soltar aqueles sinais luminosos e depois comprar novos.

Enquanto Rupert esperava solenemente as canecas, alguém trouxe uma caçarola que ele encheu e depois circulou de mão em mão.

— Pra arraia-miúda — disse Rupert. — Bebam, zé-povinho.

A cantoria se espalhava cada vez mais e sem a mínima organização. Junto com os foguetes, alguns barcos começaram a atirar com espingardas e revólveres, e do cais de Brown uma metralhadora portátil se pôs a abrir fogo em cima do canal. Primeiro com rajadas de três e quatro balas, e depois disparando um pente inteiro, matraqueando os cartuchos vermelhos num lindo arco em gancho sobre o ancoradouro.

As canecas chegaram no momento exato em que Frank Hart saltou da popa sobraçando uma caixa que continha uma pistola Very e um sortimento de sinais luminosos, e um dos ajudantes de Rupert se parou a encher e distribuir canecas.

— Deus salve a rainha — disse Frank Hart, carregando e disparando um sinal luminoso além da ponta do cais diretamente contra a entrada do bar do seu Bobby. O foguete de sinalização bateu na parede de concreto junto da porta, explodiu e ardeu vivamente no caminho de coral, iluminando tudo com uma luz branca.

— Cuidado — disse Thomas Hudson. — Essas coisas podem queimar alguém.

— Cuidado uma ova — disse Frank. — Deixe ver se consigo acertar na casa do delegado.

— Você vai incendiá-la — preveniu Roger.

— Se incendiar eu pago — disse Frank.

O foguete traçou um arco na direção da grande casa de alpendre branco, mas foi curto e se acendeu vivamente pouco antes da entrada da residência do delegado.

— Eta, delegado velho. — Frank tornou a carregar. — Isso há de mostrar pra aquele sacana se a gente é patriota ou não.

— Cuidado, Frank — insistiu Tom. — Ninguém quer meter-se em encrenca.

— Hoje a noite é minha — disse Frank. — Da rainha e minha. Sai da frente, Tom, que eu quero pegar o cais do Brown.

— Tem gasolina lá — avisou Roger.

— Não por muito tempo — retrucou Frank.

Era impossível determinar se ele errava cada tiro para aborrecer Roger e Thomas Hudson ou se estava com falta de sorte mesmo. Nem Roger, nem Thomas Hudson tinham certeza do que era, mas sabiam que ninguém deveria ter licença de disparar uma pistola de sinalização com tão pouca exatidão. E havia gasolina no cais.

Frank ergueu o corpo, fez a pontaria com cuidado, deixando pender o braço esquerdo a seu lado feito um esgrimista, e atirou. O foguete atingiu o cais na extremidade oposta de onde as latas de gasolina se achavam empilhadas e ricocheteou dentro do canal.

— Ei — gritou alguém dos barcos amarrados no trapiche do Brown. — Que diabo de negócio é esse?

— Um tiro quase perfeito — disse Frank. — Agora vou tentar de novo com o delegado.

— Porra, acho bom você parar com isso — advertiu Thomas Hudson.

— Rupert — chamou Frank, ignorando Thomas Hudson. — Quer me dar um pouco disso aí?

— Sim, senhor, capitão Frank — disse Rupert. — Tem caneca?

— Busca uma caneca — disse Frank a Fred, que estava parado observando.

— Pois não, seu Frank!

Fred deu um pulo e voltou com a caneca. Seu rosto brilhava de entusiasmo e prazer.

— O senhor tá querendo incendiar o delegado, seu Frank?

— Só se ele pegar fogo — disse Frank.

Ergueu a caneca para Rupert, que encheu mais da metade e alcançou-a de volta.

— À rainha, que Deus a abençoe. — Frank esvaziou a caneca.

Era um tremendo gole de rum para beber daquele jeito.

— Que Deus a abençoe. Que Deus a abençoe, capitão Frank — repetiu Rupert solene, e os outros ecoaram:

— Que Deus a abençoe. Que Deus a abençoe mesmo.

— Agora pro delegado — anunciou Frank.

Disparou a pistola de sinalização no ar, um pouco a esmo. Ele a tinha carregado com um foguete de paraquedas, e o vento desviou a brilhante luz branca para cima da popa do iate vizinho.

— Desta vez o senhor errou bem o delegado — disse Rupert. — Que que há, capitão Frank?

— Eu queria iluminar esta cena bonita — disse Frank. — Não há pressa, com o delegado.

— Ia incendiar que era uma beleza, capitão Frank — aconselhou Rupert. — Não quero influenciá-lo, mas faz dois meses que não chove na ilha e a casa do delegado tá seca como pavio.

— Onde anda o guarda? — perguntou Frank.

— O guarda não quer nada — afirmou Rupert. — Não se preocupe com ele. Se o tiro acertar, ninguém neste cais viu.

— Todo mundo no cais de cara colada no chão pra não ver nada — gritou uma voz no fundo do ajuntamento. — Ninguém ouviu nada. Ninguém vai ver nada.

— Quem dá a ordem sou eu — reclamou Rupert. — Virem a cara pro outro lado. — Depois, estimulando: — Ela tá tão seca como pavio, aquela casa velha.

— Mostre-me como vocês fariam — pediu Frank.

Carregou outro foguete com paraquedas, disparou no ar, a esmo. No forte clarão que se produziu, todo mundo no cais estava deitado de bruços no chão ou acocorado, tapando os olhos.

— Deus o abençoe, capitão Frank — ergueu-se no escuro a profunda voz solene de Rupert, quando o clarão se extinguiu. — Oxalá em Sua infinita misericórdia Ele lhe dê coragem pra incendiar o delegado.

— Onde estão a mulher e os filhos dele? — perguntou Frank.

— A gente os tira de lá. Não se impressione — disse Rupert. — Não vai acontecer nenhuma espécie de mal pra nenhum inocente.

— Vamos incendiá-la? — Frank virou-se para os outros na cabina.

— Ah, pare com isso — pediu Thomas Hudson. — Pelo amor de Deus.

— Eu vou embora amanhã de manhã — disse Frank. — Pra falar a verdade, já estou com a permissão pra deixar o porto.

— Vamos queimá-la — disse Fred Wilson. — Parece que os nativos concordam.

— Fogo nele, capitão Frank — insistiu Rupert. — O que é que vocês acham? — perguntou aos outros.

— Fogo nele. Fogo nele. Que Deus lhe dê força pra tacar fogo nele — responderam os moleques no cais.

— Não tem ninguém contra? — perguntou Frank.

— Fogo nele, capitão Frank. Ninguém vê. Ninguém ouviu nada. Ninguém disse uma só palavra. Fogo nele.

— Preciso praticar um pouco — disse Frank.

— Dê o fora deste maldito barco se você vai tacar fogo nele — disse Johnny.

Frank olhou para ele e sacudiu a cabeça de modo que nem Roger, nem os rapazes no cais vissem.

— Ele agora é cinza — disse. — Me dê só mais um, Rupert, pra fortalecer o ânimo.

Entregou a caneca.

— Capitão Frank. — Rupert se inclinou para lhe falar. — Esta vai ser a façanha de sua vida.

Lá em cima no trapiche os rapazes começaram uma nova música.

O capitão Frank tá no porto

Hoje de noite tem farra da grossa.

Depois uma pausa, e em tom mais agudo...

O capitão Frank tá no porto
Hoje de noite tem farra da grossa.

A segunda estrofe foi cantada feito tambor batendo cadência. Depois continuaram:

O delegado chamou Rupert de cachorro sujo e negrinho
O capitão Frank vai soltar o foguete e queimar ele todinho.

Depois voltaram ao outro velho ritmo africano que quatro dos homens no iate já tinham ouvido cantado por negros, que puxavam as cordas nas balsas que cruzavam os rios ao longo da estrada costeira entre Mombasa, Malindi e Lamu, onde, a cada puxão, entoavam em uníssono as canções de trabalho improvisadas que descreviam e ridicularizavam as pessoas brancas que transportavam na balsa.

O capitão Frank tá no porto,
Hoje de noite tem farra da grossa.
O capitão Frank tá no porto

Desafiantes, afrontosas, desesperadamente desafiantes, ergueram-se as notas menores. Depois a resposta em cadência de tambor:

Hoje de noite tem farra da grossa

— Tá vendo, capitão Frank? — insistiu Rupert curvando-se para a cabina. — A música já tá pronta muito antes de o senhor se empenhar na façanha.

— Já estou bastante empenhado — disse Frank a Thomas Hudson. Depois: — Só mais um tiro pra praticar — avisou a Rupert.

— A prática conduz à perfeição — disse Rupert todo bobo.

— O capitão Frank agora tá praticando pra matar — gritou alguém no cais.

— O capitão Frank é mais feroz que porco-do-mato — afirmou outra voz.

— O capitão Frank é macho.

— Rupert — disse Frank. — Outra caneca disso aí, por favor. Não pra me animar. Só pra ajudar na pontaria.

— Deus o guie, capitão Frank. — Rupert abaixou a caneca. — Cantem a música do capitão Frank, rapazes.

Frank esvaziou a caneca.

— O último tiro pra praticar — anunciou e, disparando pouco acima da cabina do iate que estava de popa virada, jogou o foguete contra as latas de gasolina do cais do Brown, acertando na água.

— Seu filho da puta — cochichou-lhe Thomas Hudson.

— *Te fecha*, seu chato — retrucou ele. — Essa foi a minha obra-prima.

No mesmo instante, da cabina do outro iate, um homem vestido só com a calça do pijama surgiu na popa e berrou:

— Olhe aqui, seu cretino! Quer fazer o favor de parar com isso? Tem uma senhora tentando dormir lá embaixo.

— Uma senhora? — perguntou Wilson.

— Sim, porra, uma senhora — esbravejou o homem. — Minha esposa. E vocês, seus miseráveis de uma figa, soltando esses foguetes que não a deixam dormir e tiram o sono de todo mundo.

— Por que não lhe dá um comprimido pra dormir? — sugeriu Frank. — Rupert, mande um moleque buscar comprimidos pra dormir.

— Sabe o que você faz, coronel? — disse Wilson. — Por que não cumpre seu dever de marido? Aí ela pega logo no sono. Vai ver, o que ela tem é recalque. Talvez esteja frustrada. É o que o analista vive repetindo pra minha mulher.

Eram dois rapazes fortes pra burro, e Frank não tinha o mínimo direito de fazer aquilo, mas o sujeito que passara o dia todo na bebedeira ia se ver extremamente mal com a atitude que havia tomado. Nem John, nem Roger, nem Thomas Hudson pronunciaram uma só palavra. Frank e Fred, desde o momento em que o homem apareceu na popa e berrou “cretino”, tinham se juntado com a rapidez de dois jogadores de bola preparando uma defesa.

— Seu cretino sujo — repetiu o sujeito.

Não parecia ter muito vocabulário e aparentava de trinta e cinco a quarenta anos. Era difícil calcular-lhe a idade com exatidão, apesar de ter acendido as luzes da cabina. Estava com aspecto bem melhor do que Thomas Hudson esperava que estivesse depois de ouvir aquelas histórias o dia inteiro e pensou que decerto teria dormido um pouco. Aí então lembrou-se de que ele havia ficado dormindo lá no Bobby.

— Eu experimentava com Nembutal — aconselhou Frank, em tom confidencial. — A menos que ela seja alérgica a isso.

— Não vejo motivo pra ela andar tão insatisfeita assim — disse Fred Wilson. — Puxa, você é um exemplar físico de primeira. Está, realmente, com uma aparência tremendamente boa. Aposto que é o terror do Clube da Raquete. Quanto você gasta pra manter essa linha sensacional? Olhe pra ele, Frank. Você já viu um tronco masculino mais dispendioso do que esse?

— Só que você cometeu um erro, chefe — disse-lhe Frank. — Botou a parte errada do pijama. Francamente, nunca vi nenhum homem usando a parte de baixo. Você usa mesmo isso na cama?

— Seus cretinos de boca suja, não podem deixar uma senhora dormir em paz? — disse o sujeito.

— Por que não desce de uma vez, hem? — sugeriu Frank. — Você ainda vai se meter numa encrenca aqui em cima, empregando todos esses epítetos. O seu chofer não anda por aí pra cuidar de você. Ele sempre leva você pra aula?

— Ele não vai mais à aula, Frank — disse Fred Wilson, largando o violão de lado. — Já está muito grande. É homem de negócios. Você não reconhece logo um grande homem de negócios?

— Você é homem de negócios, filhinho? — perguntou Frank. — Ah, então você sabe que é negócio pra você ir correndo pra sua cabina lá embaixo. Aqui em cima não há nenhum negócio que preste pra você.

— Ele tem razão — disse Fred Wilson. — Não há futuro pra você aqui na nossa roda. Desce bonitinho pra cabina. Você termina se acostumando com o barulho.

— Seus cretinos sujos — repetiu o sujeito, olhando para todos.

— Leva direitinho esse corpo lindo lá pra baixo, tá bom? — disse Wilson. — Estou certo de que fará a moça dormir.

— Seu cretino — disse o sujeito. — Seu cretino de merda.

— Não dá pra você inventar outra palavra? — reclamou Frank. — Cretino tá ficando chato pra chuchu. É melhor você descer de uma vez antes de pegar um resfriado. Se eu tivesse um peito maravilhoso que nem esse, não ia arriscar-me a ficar aqui fora num vento como o de hoje.

O homem fitou um por um, como se quisesse gravar todas as fisionomias.

— Você não vai esquecer-se de nós — avisou Frank. — Se não, eu o lembro cada vez que a gente se encontrar.

— Seu sujo — rosnou o sujeito, virando as costas e descendo.

— Quem é ele? — perguntou Johnny Goodner. — Já vi esse cara em algum lugar.

— Eu o conheço, e ele me conhece — disse Frank. — Não vale nada.

— Não se lembra de quem ele é? — perguntou Johnny.

— É uma besta — disse Frank. — Que diferença faz o que ele seja além disso?

— Nenhuma, creio — disse Thomas Hudson. — Vocês dois positivamente arrasaram com ele.

— É o que se deve fazer com uma besta. Arrasar. Nós não fomos realmente grosseiros com ele.

— Eu achei que vocês deixaram bem clara a sua falta de simpatia — disse Thomas Hudson.

— Há pouco ouvi um cachorro latindo — disse Roger. — No mínimo os foguetes assustaram o cachorro do homem. Vamos parar com essa história. Eu sei que você está se divertindo, Frank. Saiu-se impune do crime e não aconteceu nada de mau. Mas, porra, pra que aterrorizar o coitado do cachorro?

— Quem latiu foi a mulher dele — explicou Frank, todo animado. — Vamos soltar um foguete lá dentro da cabina dele pra iluminar essa cena doméstica.

— Puxa vida, vou dar o fora daqui — disse Roger. — Brinque da maneira que você quiser. Não acho graça em brincadeiras com automóveis, em pilotar avião

bêbado, e nem em assustar cachorro.

— Ninguém o está prendendo — disse Frank. — Depois, ultimamente, você deu pra estragar o prazer de todo mundo.

— Ah, é?

— Claro. Você e o Tom, bancando os santos por aí. Fazendo perder toda a graça. Vocês todos, seus sacanas arrependidos. Antes se divertiam à beça. Agora ninguém pode divertir-se mais. Vocês e suas consciências sociais novinhas em folha.

— Quer dizer então que é consciência social se eu acho que seria melhor não pôr fogo no cais do Brown?

— Claro. É apenas uma forma disso. Você não toma mais jeito. Eu soube de tudo lá na costa.

— Por que não pega a pistola e vai brincar em outra parte? — perguntou Johnny Goodner a Frank. — Todo mundo estava se divertindo até que você resolveu se meter a valentão.

— Ah, você também tá assim, é? — retrucou Frank.

— Vai com calma — aconselhou-lhe Roger.

— Eu sou o único cara aqui que ainda gosta de se divertir um pouco — afirmou Frank. — Vocês todos não passam de uns grandes carolas metidos a besta, assistentes sociais, hipócritas...

— Capitão Frank.

Rupert curvou-se à beira do trapiche.

— Rupert é o meu único amigo. — Frank ergueu os olhos. — Que é, Rupert?

— Capitão Frank, e o delegado?

— Nós vamos tacar fogo nele, velho.

— Deus o abençoe, capitão Frank — disse Rupert. — Não quer um trago de rum?

— Estou ótimo, Rupert — disse-lhe Frank. — Agora todo mundo no chão.

— Todo mundo deitado — ordenou Rupert. — De cara no chão.

Frank atirou sobre a beira do trapiche, o foguete iluminou o caminho de pedregulhos pouco antes do alpendre da casa do delegado, e ficou ardendo ali. Os moleques no cais resmungaram.

— Droga — disse Rupert. — O senhor quase acertou. Falta de sorte. Carregue de novo, capitão Frank.

As lâmpadas se acenderam na cabina do iate de popa virada para eles, e o sujeito tornou a aparecer. Desta vez vinha de camisa, calça de brim e tênis, tudo branco. Tinha penteado o cabelo, e o rosto estava vermelho, com manchas claras. Quem se achava mais perto dele na popa era John, de costas, ao lado de Roger, que havia ficado simplesmente sentado ali em silêncio. Um metro de água, mais ou menos, separava as duas popas. O sujeito parou, apontando o dedo para Roger.

— Seu vagabundo — disse. — Seu vagabundo ordinário de merda.

Roger só levantou os olhos, espantado.

— É a mim que está se referindo, não é? — gritou Frank. — E é cretino, vagabundo não.

O sujeito o ignorou e continuou com Roger.

— Seu grandíssimo vagabundo. — O homem sufocava. — Farsante. Mascarado. Seu farsante barato. Seu escritor de merda e pintor ordinário.

— Com quem você está falando e a propósito de quê? — Roger se pôs em pé.

— Com você, seu vagabundo. Mascarado. Você. Seu covarde. Ah, seu vagabundo. Vagabundo ordinário.

— Você está doido — disse Roger calmamente.

— Vagabundo — repetiu o sujeito, do outro lado da água que separava os dois barcos, do mesmo modo que alguém profere insultos a um animal num desses zoológicos modernos onde valas, e não grades, separam as feras dos visitantes. — Seu mascarado.

— Ele se refere a mim — disse Frank alegremente. — Não me conhece mais? O cretino sou eu.

— Refiro-me a você. — O sujeito apontou o dedo para Roger. — Seu farsante.

— Olhe aqui — retrucou Roger. — Você não está absolutamente falando comigo. Está apenas tentando repetir o que me disse em Nova York.

Usou de sensatez e paciência, como se realmente quisesse fazer o sujeito compreender e calar a boca.

— Seu vagabundo — gritou o outro, esforçando-se cada vez mais para atingir uma histeria que lhe exigia até roupa especial. — Seu mascarado ordinário de merda.

— Você não está falando comigo — repetiu Roger, já em voz baixa, e Thomas Hudson percebeu que ele havia tomado uma decisão. — Portanto agora cale a boca. Se quiser falar comigo, suba ali no trapiche.

E Roger se dirigiu ao trapiche. Por incrível que pareça, o sujeito começou a fazer o mesmo com rapidez inaudita. Apesar de hesitante, enchera-se de coragem e já estava preparado para o que desse e viesse. Os negros recuaram e depois fecharam um círculo ao redor dos dois, deixando-lhes bastante espaço.

Thomas Hudson não sabia o que o sujeito esperava que acontecesse quando subisse ao trapiche. Ninguém disse nada e havia todas aquelas caras pretas em volta dele. Ele se lançou contra Roger, e Roger acertou-lhe um esquerdo na boca, que começou a sangrar. Jogou-se de novo contra Roger, e Roger lhe esmurrou duas vezes o olho direito. Agarrou-se a Roger, e o suéter de Roger rasgou quando desfechou um soco na barriga do sujeito com a direita e depois empurrou-o longe, esbofeteando-o com toda a força com o dorso da mão esquerda aberta.

Nenhum dos negros pronunciou uma só palavra. Apenas mantinham os dois homens cercados, deixando-lhes bastante espaço. Alguém, que Tom achou que fosse Fred, o moleque de John, havia acendido as luzes do cais e já se podia enxergar bem.

Roger caiu de novo em cima do sujeito, acertando-lhe três rápidos golpes na cabeça erguida. O sujeito agarrou-o, e o suéter rasgou ainda mais ao empurrá-lo longe e esmurrar-lhe duas vezes a boca.

— Pare com essa esquerda — berrou Frank. — Aplique a direita e acabe com o filho da puta. Acabe com ele.

— Tem alguma coisa pra me dizer? — perguntou Roger ao sujeito, dando-lhe outro soco na boca. O outro estava perdendo sangue à beça pela boca, e todo o lado direito do rosto começava a inchar, quase fechando a vista.

O sujeito pegou Roger, e Roger prendeu-o numa gravata. Ele respirava com dificuldade e não tinha respondido nada. Roger ficou com o polegar trancado na

parte interna dos cotovelos do homem, e Tom viu-o esfregar os polegares em ambas as direções, por cima dos tendões entre os bíceps e os antebraços.

— Não me suje de sangue, seu filho da puta — disse Roger, desvencilhando a mão esquerda rapidamente e soqueando a cabeça do sujeito para trás e depois tornando a esbofetear-lhe o rosto com o dorso da mão. — Acho bom você mandar fazer um nariz novo.

— Acabe com o couro dele, Roger. Acabe com ele — implorou Frank.

— Não enxerga o que ele está fazendo, seu burro? — retrucou Fred Wilson.
— Ele tá liquidando com o cara.

O sujeito pegou Roger, mas Roger o segurou, empurrando-o longe.

— Bata em mim — disse. — Vamos. Bata em mim.

O sujeito estendeu o braço, mas Roger desviou-se e agarrou-o.

— Como é o seu nome? — perguntou ao sujeito. O outro não respondeu. A única coisa que fez foi respirar como se estivesse morrendo de asma.

Roger prendeu-o de novo com os polegares presos na parte interna dos cotovelos.

— Você é um filho da puta de forte — disse-lhe. — Qual foi o sacana que lhe disse que você sabia lutar?

O sujeito se debateu, impotente, e Roger segurou-o, puxando-o para frente, fazendo-o girar um pouco e batendo-lhe duas vezes na orelha com a polpa da mão direita.

— Acha que já aprendeu a não falar com a gente? — perguntou-lhe.

— Olhe a orelha dele — disse Rupert. — Parece um cacho de uva.

Roger segurou-o outra vez, comprimindo os polegares contra os tendões da base do bíceps. Thomas Hudson observava o rosto do homem. No começo não estava assustado; só malévolo, como um porco; um javali realmente malévolo. Agora, porém, estava completamente apavorado. Provavelmente nunca ouvira falar em briga que ninguém apartava. Decerto pensava lá com seus botões em histórias que lera, onde os homens levam pontapés até morrer quando caem no chão. Ainda tentou lutar. Cada vez que Roger pedia que batesse nele ou o empurrava longe, procurava acertar um soco. Não havia desistido.

Roger empurrou-o longe. O outro continuou ali parado, olhando para ele. Quando Roger não estava segurando-o daquele jeito que o fazia sentir-se totalmente indefeso, o medo se esvaía um pouco e a malevolência voltava a se manifestar. Ficou ali parado, amedrontado, extremamente ferido, o rosto massacrado, a boca sangrando, e aquela orelha parecendo um figo maduro demais à medida que as pequenas hemorragias isoladas se uniam numa grande tumefação sob a pele. Enquanto ficou ali parado, já livre das mãos de Roger, o medo passou e a indestrutível malevolência recrudesceu.

— Tem alguma coisa a dizer? — perguntou Roger.

— Vagabundo — disse o sujeito. E encolheu o queixo, levantando os punhos e meio que se virando, num gesto que uma criança incorrigível seria capaz de fazer.

— É agora — gritou Rupert. — É agora que a coisa vai ficar preta.

Mas não foi dramática nem científica. Roger avançou rápido para o sujeito, ergueu o ombro esquerdo, baixou o punho direito e desfechou um soco que estalou com a parte lateral da cabeça do outro. O sujeito caiu de quatro, com a testa em cima do trapiche. Permaneceu um pouco ajoelhado, a testa apoiada nas tábuas e depois caiu suavemente de lado. Roger olhou para ele e por fim se dirigiu à beira do cais, de onde saltou para a popa.

Os tripulantes do iate transportaram o sujeito para bordo. Não tinham interferido no que havia acontecido no cais e levantaram-no do lugar em que estava caído de lado, carregando aquela massa inerte. Alguns negros ajudaram a baixá-lo até a popa e levá-lo para a cabina. Fecharam a porta depois que o puseram lá dentro.

— Deviam chamar um médico — opinou Thomas Hudson.

— Ele não bateu a cabeça com força — disse Roger. — Eu me lembrei do trapiche.

— Não creio que aquela última rachadura do lado da orelha vá lhe fazer muito bem — disse Johnny Goodner.

— Você arruinou a cara dele — disse Frank. — E a orelha! Nunca vi nenhuma que inchasse tão depressa assim. Primeiro tava que era um cacho de uvas e depois arredondou feito uma laranja.

— Mãos nuas são um caso sério — disse Roger. — A gente não tem a menor ideia do estrago que fazem. Antes eu nunca tivesse visto esse cara.

— Bem, se tornar a vê-lo, você não vai reconhecê-lo.

— Tomara que não lhe aconteça nada — murmurou Roger.

— Foi uma luta bonita, seu Roger — disse Fred.

— Luta, uma ova — retrucou Roger. — Porra, por que isso teve que acontecer?

— A culpa foi toda dele, nem resta dúvida — afirmou Fred.

— Pare de se preocupar, sim? — pediu Frank a Roger. — Já vi centenas de gajos levarem surras, e esse aí tá OK.

Na parte alta do trapiche os moleques começaram a se afastar, comentando a briga. Havia qualquer coisa no aspecto do homem branco ao ser carregado a bordo que não lhes agradava, e toda aquela valentia para incendiar a casa do delegado tinha se evaporado.

— Bem, boa-noite, capitão Frank — disse Rupert.

— Já vai, Rupert? — perguntou Frank.

— Acho que o pessoal vai dar uma olhada no que tá havendo lá pelo seu Bobby.

— Boa-noite, Rupert — disse Roger. — Até amanhã.

Sentia-se muito abatido, e a mão esquerda tinha inchado do tamanho de uma toranja. A direita também, mas não tanto. Não havia mais nada que demonstrasse que se houvesse metido numa briga, salvo a gola do suéter, toda rasgada e aberta até o peito. O sujeito o atingira uma vez no alto da cabeça, onde ficara um pequeno calombo. John passou um pouco de mercurocromo nos lugares em que os nós dos dedos estavam esfolados e cortados. Roger nem sequer olhou para as mãos.

— Vamos até lá no Bobby ver se tem festa — sugeriu Frank.

— Não se preocupe com coisa alguma, Roger — disse Fred Wilson, subindo no trapiche. — Só os trouxas se preocupam.

E saíram pelo cais, de violão e bandolim debaixo do braço, rumo à luz e à cantoria que vinham da porta aberta do Ponce de León.

— O Freddy até que é bonzinho — disse John a Thomas Hudson.

— Sempre foi — concordou Thomas Hudson. — Mas quando se junta com o Frank não dá nada que preste.

Roger ficou calado, e Thomas Hudson começou a se inquietar com ele; com ele e com outras coisas.

— Não acha melhor a gente voltar pra casa? — perguntou-lhe.

— Continuo com cisma daquele camarada — disse Roger. Estava sentado de costas para a popa, carrancudo, segurando a mão esquerda com a direita.

— Pois não precisa mais continuar — avisou John em voz baixa. — Aí vem ele de novo.

— Sêrio?

— Já está saindo, de espingarda em punho.

— Puta merda — disse Roger.

Mas sua voz vibrava outra vez. Ficou sentado na mesma posição, sem nem se virar para olhar.

Desta vez o sujeito surgiu de pijama completo, mas o que chamava atenção era a espingarda. Thomas Hudson primeiro olhou para ela, depois para a cara dele, que estava em petição de miséria. Alguém tinha feito um curativo, cobrindo-lhe o rosto de gaze e esparadrapo, com mercurocromo à beça. Não conseguiram fazer nada na orelha. Thomas Hudson imaginou que só de encostar já devia doer, e se destacava, muito tesa e inchada, transformada em traço predominante do rosto. Ninguém pronunciou uma só palavra, e o sujeito ficou simplesmente ali, de cara estragada e espingarda na mão. Provavelmente não enxergava nada direito, os olhos quase fechados pela tumefação. Ficou ali parado, em silêncio, e ninguém se mexeu.

Roger se virou bem devagar, enxergou-o e falou por cima do ombro:

— Guarde essa arma e vá dormir.

O homem continuou ali, com a espingarda. Mexeu os lábios inchados, mas não disse nada.

— Você é bastante mesquinho pra balar um homem pelas costas, o que lhe falta é coragem — disse Roger em voz baixa por cima do ombro. — Guarde essa arma e vá dormir.

Roger permaneceu sentado ali, de costas para o sujeito. Depois fez uma coisa que pareceu tremendamente arriscada a Thomas Hudson.

— Ele não lembra um pouquinho a Lady Macbeth andando por aí em roupa de dormir? — perguntou aos três outros na popa.

Thomas Hudson esperou a reação. Mas nada aconteceu, e não demorou muito o sujeito se virou e entrou na cabina, levando junto a espingarda.

— Já estou muitíssimo melhor — disse Roger. — Cheguei a sentir o suor escorrendo desde o braço até a perna. Vamos pra casa, Tom. O cara tá bom.

— Nem tanto assim — disse Johnny.

— Bom que chega — afirmou Roger. — Puxa, que resistência.

— Vem, Roger — disse Thomas Hudson. — Vamos dar um pulo lá em casa.

— Tá certo.

Despediram-se de John e subiram a Estrada do Rei em direção à casa. Ainda havia muitos festejos pela ilha toda.

— Quer entrar no Ponce? — convidou Thomas Hudson.

— Não, porra — respondeu Roger.

— Pensei em avisar ao Freddy que o cara tá bem.

— Avise você. Eu vou indo pra sua casa.

Quando Thomas Hudson chegou, encontrou Roger deitado de bruços numa cama no lado do alpendre revestido de tela que dava para o lado oposto da ilha. Estava escuro e apenas se ouvia vagamente o barulho dos festejos.

— Tá dormindo? — perguntou Thomas Hudson.

— Não.

— Quer um drinque?

— Acho que não. Obrigado.

— Como vai a mão?

— Um pouco inchada e dolorida. Não é nada.

— Sente-se abatido de novo?

— É. Um caso sério.

— Os garotos vão chegar amanhã de manhã.

— Vai ser ótimo.

— Tem certeza de que não quer um trago?

— Tenho, rapaz. Tome você.

— Vou tomar um uísque soda pra ajudar o sono.

Thomas Hudson foi à geladeira, preparou a bebida e voltou à varanda revestida de tela e sentou ali no escuro com Roger deitado na cama.

— Sabe, há uma quantidade maluca de verdadeiros cretinos à solta por aí — disse Roger. — Aquele sujeito não presta, Tom.

— Você lhe deu uma lição.

— Não. Acho que não. Humilhei-o e massacrei-o um pouco. Mas ele vai desforrar-se noutro cara.

— A culpa foi dele.

— Claro. Mas eu não levei o negócio até o fim.

— Você só faltou matá-lo.

— É isso mesmo que eu quero dizer. Agora ele só pode piorar.

— Ainda acho que você lhe deu uma lição de lascar.

— Não, eu não achei. Foi a mesma coisa que aconteceu lá na costa.

— Que foi mesmo que aconteceu? Você não me contou nada depois que voltou.

— Foi uma briga mais ou menos parecida com essa.

— Com quem?

Ele mencionou um sujeito muito importante no que se convencionou chamar de “os meios industriais”.

— Eu não queria nada com a história — disse Roger. — Foi lá na casa em que estive metido numa encrenca de mulher e creio que, a rigor, eu não devia ter ido lá. Mas naquela noite aguentei tudo quanto foi espécie de chateação do tal tipo. Muito pior que hoje. Por fim enchi o saco e caí em cima dele, mas caí pra valer, sem pensar em nada, e ele bateu com a cabeça de mau jeito nos degraus de mármore que levam à piscina. Tudo se passou perto da piscina. Finalmente lá pelo terceiro dia ele voltou a si no Cedros do Líbano e assim me livreí da acusação de homicídio. Mas eles estavam com tudo preparado. Com as testemunhas que tinham, eu podia dar-me por feliz se escapasse vivo.

— E aí o que aconteceu?

— Aí, depois que ele voltou pro trabalho, me armaram uma autêntica cilada. Em grande estilo. Completa, até com algemas.

— Qual foi?

— Teve de tudo. Em série.

— Não vai contar-me?

— Não. Não lhe adiantaria nada. Mas lhe dou minha palavra que foi uma tramoia. É tão horrível que ninguém menciona. Não reparou?

— Mais ou menos.

— Por isso não estava me sentindo muito bem com essa briga de hoje. Há uma porção de caras de mau caráter à solta por aí. Caras ruins mesmo. E dar neles não é solução. Acho que esse é um dos motivos por que eles provocam a gente. — Virou-se na cama e ficou deitado de costas. — Você sabe que a maldade é um troço infernal, Tommy. E é tão esperta quanto um porco. Você sabe que antigamente o pessoal acreditava no bem e no mal.

— Muita gente enquadraria você no primeiro time — retrucou Thomas Hudson.

— Que esperança. Nem pretendo. Não tenho nada de bom. Mas quem me dera. Ser contra o mal não torna ninguém bom. Hoje de noite eu fui contra ele e quando vi o mau era eu. Cheguei até a sentir a sensação, subindo feito maré.

— Todas as brigas são ruins.

— Eu sei. Mas que se há de fazer?

— Ganhar, logo de saída.

— Lógico. Mas eu senti prazer desde o instante em que a coisa começou.

— Sentiria ainda mais se ele tivesse reagido.

— Tomara que sim — disse Roger. — Mas não tenho muita certeza. Só quero acabar com essas brigas. Mas quando se passa a sentir prazer nelas, a gente fica horivelmente parecido com o mal que se combate.

— Aquele sujeito foi um horror — afirmou Thomas Hudson.

— Não podia ser pior que o último, lá na costa. O problema, Tommy, é que o número deles é enorme. Existe em tudo quanto é país e cada vez fica maior. Os

tempos não andam bons, Tommy.

— Quando foi que andaram?

— Nós sempre tivemos tempos bons.

— Claro. Tivemos tempos bons em toda a espécie de lugares bons. Mas os tempos não eram bons. — Nunca notei — disse Roger. — Todo mundo dizia que eram bons e depois todo mundo se estrepou. Eu não tinha dinheiro nenhum quando eles tinham. Depois, quando ganhei um pouco, foi que as coisas ficaram realmente ruins. Mas as pessoas não pareciam tão danadas de mesquinhas e más.

— Também, você se mete com cada gente horrível.

— De vez em quando eu ando com gente que presta.

— Raramente.

— Evidente que não. Você não conhece todos os meus amigos.

— Você frequenta uns tipos bem duvidosos.

— De quem eram aqueles amigos de hoje? Seus ou meus?

— Nossos. Não são tão ruins assim. Podem não valer nada, mas não são propriamente maus.

— É — disse Roger. — Acho que você tem razão. O Frank é danado. Bastante, até. Mas acho que não é mau caráter. Só que há uma porção de troços que não posso mais tolerar. E ele e o Fred estão piorando a olhos vistos.

— Eu reconheço o bem e o mal. Não estou procurando criar confusão nem bancar o idiota.

— Do bem eu não sei grande coisa porque sempre fui um fracasso nisso. O mal é que é o meu forte. O velho mal eu sei reconhecer.

— Pena que a noite tenha terminado de maneira tão desagradável.

— Só estou me sentindo meio abatido.

— Não quer entrar? Seria melhor você dormir aqui.

— Obrigado. Aceito, se não for incômodo. Mas acho que vou ler um pouco na biblioteca. Onde estão aqueles contos australianos que você tinha da última vez que vim aqui?

— Do Henry Lawson?

— É.

— Vou buscar.

Thomas Hudson foi para a cama e quando acordou de noite ainda havia luz na biblioteca.

Nota

* Estufado de peixe fresco ou mexilhões com toicinho ou carne de porco, cebolas, biscoitos etc. (prato típico da Terra Nova e Nova Inglaterra). (N.T.)

5



Quando Thomas Hudson acordou, soprava uma ligeira brisa do leste, e no outro lado dos baixios a areia estava branca como um osso sob o céu azul. Pequenas nuvens, altas e rápidas, espalhavam manchas escuras na água verde. A roda do gerador movido a vento girava na brisa. Fazia uma manhã esplêndida, revigorante.

Roger tinha ido embora. Thomas Hudson tomou café sozinho e leu o jornal de Maryland chegado na véspera. Guardara-o para ler depois do café.

— A que horas vêm os meninos? — perguntou Joseph.

— Lá pelo meio-dia.

— Mas vão estar aqui pro almoço, não vão?

— Vão.

— Seu Roger já tinha saído quando cheguei — disse Joseph.

— Nem tomou café.

— Quem sabe ele não está lá dentro?

— O garoto disse que o viu remando no escalier.

Depois de terminar o café e o jornal, Thomas Hudson foi até a varanda no lado do oceano e começou a pintar. Trabalhou bastante e estava quase pronto quando ouviu os passos de Roger subindo a escada.

Roger espiou por cima do ombro e disse:

— Vai ficar ótimo.

— Talvez.

— Onde é que você viu esse aguaceiro?

— Em lugar nenhum. Estou fazendo sob encomenda. Como vai a sua mão?

— Ainda inchada.

Roger ficou observando o trabalho sem arredar pé dali.

— Se não fosse a mão, tudo me pareceria apenas um sonho ruim.

— Bem ruim mesmo.

— Você crê que o sujeito tenha saído realmente de espingarda por aí?

— Não sei — disse Thomas Hudson. — E não me interessa.

— Desculpe — disse Roger. — Quer que eu vá embora?

— Não. Fique. Estou quase no fim. Não prestarei atenção em você.

— Eles partiram assim que raiou o dia — disse Roger. — Eu vi quando eles se foram.

— Que é que você estava fazendo em pé àquela hora?

— Não pude dormir depois que parei de ler e não estava gostando da minha companhia, então desci até o cais e sentei por lá com alguns dos rapazes. O Ponce ficou aberto a noite inteira. Vi o Joseph.

— Ele disse que você andava remando.

— Só com a mão direita. Pra fazer exercício. Foi o que eu fiz. Já me sinto bem.

— Por enquanto acho que basta — disse Thomas Hudson, começando a limpar e guardar suas coisas. — A estas horas os meninos devem estar levantando voo. — Olhou o relógio de pulso. — Por que não tomamos um trago?

— Ótimo. Estou mesmo precisando.

— Ainda não é meio-dia.

— Acho que não faz diferença. Você terminou o trabalho, e eu estou de férias. Mas talvez fosse melhor a gente esperar até o meio-dia, se essa é a sua norma.

— Tá certo.

— Eu venho mantendo essa norma também. Mas é muito incômoda em determinadas manhãs, quando um trago faria um bem enorme à gente.

— Vamos rompê-la — disse Thomas Hudson. — Fico tremendamente excitado quando sei que vou revê-los — explicou.

— Eu sei... Joe — chamou Roger. — Traz a coqueteleira. E prepare dois martinis.

— Sim, seu Roger! Já estão prontos.

— Por que é que você preparou tão cedo? Tá pensando que somos bebedores?

— Não, senhor, seu Roger. Achei que era pra isso que o senhor tava guardando o estômago vazio.

— A nós dois e aos meninos — brindou Roger.

— Eles precisam divertir-se este ano. É melhor você também ficar aqui. Se começarem a lhe dar nos nervos, você sempre pode ir pra cabana.

— Vou ficar parte do tempo aqui, se não lhe atrapalho.

— Não me atrapalha, não.

— Vai ser formidável ficar com eles.

Foi mesmo. Eram ótimos garotos e já fazia uma semana que estavam na casa. A temporada do atum terminara, e agora havia poucas lanchas na ilha. A vida voltava a ser lenta e normal, e o clima era de início de verão.

Os meninos dormiam em camas de lona na varanda revestida de tela, e qualquer pessoa se sente muito menos só quando ouve a respiração de crianças ao acordar em plena madrugada. Com a brisa que vinha dos baixios as noites eram frescas, e quando não havia brisa o mar se encarregava de refrescá-las.

Os meninos a princípio se mostraram meio tímidos e bem mais asseados do que depois. Mas não havia grande problema de asseio se os fizessem limpar a areia dos pés antes de entrarem na casa e pendurar os calções de banho molhados do lado de fora e enfiar outros secos para andar em casa. De manhã, quando arrumava as camas de lona, Joseph, depois de arejar os pijamas ao sol, dobrava-os e guardava-os de modo que só restavam as camisas e os suéteres que usavam à noite para ficarem jogados pelos cantos. Ao menos em teoria. Na realidade, toda a espécie de roupa que possuíam ficava espalhada por tudo quanto é parte. Thomas Hudson não se importava. Quando um homem vive sozinho em casa, adquire hábitos tão meticulosos que se transformam em motivo de prazer. Mas valia a pena romper

alguns. Sabia que voltaria a tê-los por muito tempo ainda depois de não contar mais com a companhia dos meninos.

Sentado a trabalhar na varanda que dava para o mar, podia ver o mais velho, o do meio e o caçula na praia com Roger. Conversavam, cavoucando a areia e discutindo, mas não conseguia escutar o que diziam.

O mais velho era alto e moreno, com o pescoço e os ombros do pai, e as pernas e pés grandes do nadador veterano. Tinha rosto de mestiço de índio e era um garoto feliz, embora em repouso a fisionomia parecesse quase trágica.

Thomas Hudson já havia olhado para ele quando fazia aquela cara triste e perguntado:

— No que é que você está pensando, *Schatz*?

— Em armar a isca — dizia o menino, iluminando instantaneamente o rosto.

Eram os olhos e a boca que lhe davam esse ar trágico, quando se punha a refletir. Mas, quando falava, adquiriam vida.

O do meio sempre fazia Thomas Hudson pensar numa lontra. O cabelo era igual a uma pele de lontra, e tinha quase a mesma contextura de um animal subaquático. Queimava-se todo com uma estranha tonalidade de ouro velho. Sempre fazia o pai lembrar-se do tipo de bicho que leva vida sadia e engraçada sem ajuda de ninguém. As lontras e os ursos são os animais mais brincalhões, sendo que os ursos, naturalmente, revelam grande afinidade com os homens. Esse menino jamais teria o tamanho e a força de um urso, e nunca seria um atleta, nem tampouco queria sê-lo; mas possuía uma bela qualidade de bichinho do mato, a cabeça sentada no lugar e vida toda própria. Afetuoso, tinha senso de justiça e proporcionava boa companhia. Era também um cético cartesiano que gostava de discussões e sabia provocar, sem maldade, apesar de às vezes chegar a extremos irritantes. Possuía outras qualidades que ninguém conhecia, e os outros dois garotos o respeitavam imensamente, embora tentassem provocá-lo e feri-lo em qualquer ponto que fosse vulnerável. Evidentemente brigavam entre si, provocando-se mutuamente com considerável malícia, porém eram bem-educados e respeitosos com os adultos.

O caçula era louro, com a constituição de um couraçado de bolso: a cópia física de Thomas Hudson, em escala menor, ampliada e reduzida. Quando se bronzeava, a pele ficava sardenta; tinha um rosto cômico e já havia nascido muito velho. Um demônio, também: atormentava os irmãos maiores e possuía um lado negro no caráter que ninguém, salvo Thomas Hudson, jamais conseguira entender. Pai e filho não mostravam consciência disso, mas um reconhecia o traço no outro: sabiam que não prestava, e o homem respeitava e compreendia o fato de o menino tê-lo. Os dois eram muito unidos, apesar de que Thomas Hudson nunca tivesse passado tanto tempo com aquele filho como com os outros. Esse caçula, Andrew, provara ser um excelente atleta precoce e desde a primeira vez que tinha montado a cavalo se revelara sensacional. Os irmãos sentiam grande orgulho dele, mas tampouco queriam brincadeiras para seu lado. Ele era um pouco inacreditável, e qualquer pessoa podia perfeitamente duvidar de suas proezas, só que muita gente o tinha visto montar e assistido aos saltos que dava, comprovando-lhe a modéstia fria, profissional. Um menino que havia nascido para ser totalmente impiedoso, que se comportava bem, e que carregava essa sua impiedade disfarçada numa espécie de prazer de provocar. Mas era um mau menino. Os outros sabiam, e ele também. Estava apenas sendo bom enquanto a maldade crescia no seu íntimo.

Ali, abaixo da varanda de onde se descortinava o mar, os quatro brincavam na areia. O mais velho, Tom Jr., ao lado de Roger e o caçula, Andrew, logo a seguir. David, o do meio, ficara junto de Tom Jr., deitado de costas com os olhos fechados. Thomas Hudson limpou os pincéis e foi ao encontro deles.

— Oi, pai — saudou o mais velho. — Trabalhou bastante?

— Vai nadar, pai? — perguntou o do meio.

— A água está uma delícia, pai — disse o caçula.

— Como vai, pai? — Roger sorriu. — Como anda o negócio da pintura, Mr. Hudson?

— Por hoje o negócio da pintura encerrou o expediente, meus senhores.

— Ah, ótimo — disse David, o do meio. — Então a gente já pode fazer pesca submarina?

— Depois do almoço.

— Que bacana — exclamou o maior.

— Será que não é muito perigoso? — perguntou Andrew, o caçula.

— Pra você, talvez — retrucou Tom Jr., o irmão mais velho.

— Não, Tommy. Pra qualquer um.

— Eles ficam nos rochedos quando o mar tá agitado — explicou David. — Têm tanto medo das ondas quanto a gente. Acho que elas também os deixam enjoados. Pai, os peixes não enjoam?

— Claro — disse Thomas Hudson. — Às vezes, no depósito de uma sumaca em dia de mar brabo, as garoupas enjoam tanto que até morrem.

— Eu não disse? — retrucou David ao irmão mais velho.

— Elas enjoam e morrem — disse Tom Jr. — Mas quem é que prova que seja por causa das ondas?

— Eu acho que se pode afirmar que ficam mareadas mesmo — disse Thomas Hudson. — Agora, não sei se isso aconteceria se elas pudessem nadar à vontade.

— Mas não vê que nos recifes elas também não podem nadar à vontade, pai? — retrucou David. — Têm as tocas e certos lugares onde podem ir. Mas são obrigadas a ficar nas tocas, de medo dos peixes maiores, e a onda bate nelas de um lado pro outro tal como se estivessem no depósito de uma sumaca.

— Assim também não — discordou Tom Jr.

— Bem, talvez não — admitiu David judiciosamente.

— Mas bastante — disse Andrew. Cochichou ao pai: — Se eles continuarem, a gente não precisa ir.

— Você não gosta?

— Gosto muito, mas tenho medo.

— Medo de quê?

— De tudo debaixo d'água. Fico com medo logo que paro de respirar. O Tommy sabe nadar que é uma maravilha, mas também sente medo debaixo d'água. O David é o único de nós que não tem medo debaixo d'água.

— Eu sinto medo uma porção de vezes — confessou Thomas Hudson.

— Tá falando sério?

— Todo mundo sente, acho eu.

— O David não. Seja onde for. Mas em compensação o David tem medo de cavalos porque muitas vezes o jogam longe.

— Olhe aqui, seu bolha. — David tinha ouvido. — Quando é que eu fui jogado longe?

— Sei lá. Foram tantas vezes que nem me lembro.

— Pois então escute uma coisa: eu sei quando foi que eu fui jogado longe assim. Foi quando montei o *Tinta Velha* aquele ano que ele sempre empinava quando o encilhavam e aí depois a sela escorregava junto comigo.

— Nunca tive esse problema com ele — disse Andrew, contando vantagem.

— Ah, mas que cretino — protestou David. — Vai ver ele gostava de você como todo mundo gosta. Talvez alguém tivesse dito pra ele quem você era.

— Eu sempre lia pra ele em voz alta o que os jornais falavam de mim — disse Andrew.

— Aposto então que ele desembestou a correr sem nunca mais parar — disse Thomas Hudson. — Você sabe, o que aconteceu com o David foi que ele começou a andar naquele pangaré estropiado que depois ficou forte e não tinha lugar pra ele correr. Os cavalos não deviam ficar assim sem espaço naquele tipo de região.

— Eu não estava dizendo que podia ter andado nele, pai — frisou Andrew.

— Ainda bem — disse David. Depois: — Ah, droga, no mínimo você podia. Claro que sim. Mas sinceramente, Andy, você não imagina como é que ele fazia antes de eu me assustar. Eu era jogado fora do arção dianteiro da sela. Ah, dane-se. Eu me assustava mesmo.

— Pai, a gente tem que ir à pesca submarina? — perguntou Andrew.

— Se o mar estiver muito agitado, não.

— Quem é que decide se está muito agitado?

— Eu.

— Boa — disse Andy. — Pra mim nem tem dúvida que ele parece muito agitado. Pai, você ainda tem o *Tinta Velha* lá na fazenda? — perguntou Andy.

— Creio que sim — respondeu Thomas Hudson. — Aluguei a fazenda, você sabe.

— É fato?

— É. No fim do ano passado.

— Mas a gente ainda pode ir lá, não pode? — perguntou logo David.

— Ah, lógico. Nós temos o grande chalé da beira do rio.

— A fazenda é o melhor lugar que conheço — disse Andy. — Fora este aqui, claro.

— Pensei que você gostasse mais de Rochester — retrucou David, provocante. — Era onde ele sempre ficava com a babá, que se hospedava com a família durante os veraneios em que os irmãos iam para o oeste.

— Também gostava. Rochester era ótimo.

— Lembra quando voltamos pra casa aquele outono, a vez que matamos os três ursos-pardos e você tentou contar a história para ele, Dave, o que foi que ele disse? — perguntou Thomas Hudson.

— Não, pai. Não me lembro direito. Já faz muito tempo.

— Foi na copa onde vocês comiam, rapazes. Você era criança, estava jantando e contando tudo pra ele, e Anna comentou: “Ih, meu Deus do céu, David, como deve ter sido empolgante! E o que foi que você fez *então*?”, e o danado desse velhote aí, ele podia ter mais que cinco ou seis anos na época, abriu a boca e disse: “Bem, isso pode ser muito interessante, David, pra gente que esteja interessada nessa espécie de coisa. Mas nós não temos ursos-pardos aqui em Rochester.”

— Viu, cavaleiro? — disse David. — Viu como você era?

— Tá certo, pai — disse Andrew. — Agora conte pra ele quando ele só sabia ler história em quadrinhos, que ele passou lendo o tempo todo naquela viagem pelos Everglades e não queria olhar pra nada depois que foi pro colégio no outono em que estivemos em Nova York e se portou feito um patife.

— Eu me lembro — disse David. — O pai não precisa contar.

— Aquela fase logo passou — disse Thomas Hudson.

— Tinha que passar, acho eu. Do contrário eu teria ficado um sujeito insuportável.

— Conte pra eles o que eu fazia quando era pequeno — pediu Tom Jr., rolando na areia e agarrando o tornozelo de David. — Nunca vou conseguir ser tão bom na vida real como nas histórias sobre o que eu fazia quando era pequeno.

— Eu o conheci bem pequeno — disse Thomas Hudson. — Naquele tempo você era um sujeito esquisito.

— Ele só era esquisito porque vivia em lugares esquisitos — retrucou o caçula. — Eu também seria esquisito em Paris, na Espanha e na Áustria.

— Até hoje ele é esquisito, cavaleiro — sustentou David. — Ele não precisa de cenários exóticos.

— O que são “cenários exóticos”?

— Aquilo que você não tem.

— Então aposto como hei de ter.

— Cale a boca e deixe o pai contar — disse Tom Jr. — Conte pra eles o que a gente fazia quando passeava junto em Paris.

— Naquele tempo você ainda não era tão esquisito — disse Thomas Hudson. — Quando criança, você foi uma criatura tremendamente barulhenta. Sua mãe e eu costumávamos deixá-lo no berço que era feito de uma cesta de roupa, naquele apartamento onde morávamos em cima da oficina da serraria, e F. Puss, o gato grande, vinha se enroscar junto da cesta, não deixando ninguém chegar perto de você. Você dizia que seu nome era Ding-Ding, e a gente o chamava de Ding-Ding, o Terrível.

— De onde fui tirar um nome desses?

— De algum bonde, ou ônibus, acho eu. O barulho que o condutor fazia.

— Eu não sabia falar francês?

— Naquela época não muito bem.

— Conte-me um pouco mais adiante, quando eu já sabia francês.

— Depois eu saía sempre com você no carrinho, um carrinho barato, muito leve, que dava pra dobrar, a gente descia a rua até o Closerie des Lilas, onde se tomava o café, eu lia o jornal, e você ficava olhando para tudo o que passava no boulevard. Terminado o café...

— O que é que nós comíamos?

— Brioches e café com leite.

— Eu também?

— Você só tomava um gole do café com leite.

— Ah, disso eu me lembro. E aí, aonde é que a gente ia?

— Eu saía do Closerie des Lilas empurrando seu carrinho, atravessava a rua, passava pelo chafariz com os cavalos, os peixes e as sereias de bronze, percorria as longas alamedas de castanheiros onde brincavam as crianças francesas enquanto as babás ficavam sentadas nos bancos à beira do caminho de pedregulhos...

— Com a École Alsacienne à esquerda — disse Tom Jr.

— E os prédios de apartamentos à direita...

— E os prédios de apartamentos, com coberturas de vidro pra ateliês, em toda a extensão da rua que desce à esquerda, tristes com aquelas paredes escuras porque era o lado da sombra — disse Tom Jr.

— É outono, primavera ou verão? — perguntou Thomas Hudson.

— Fim do outono.

— Então você sentia frio no rosto, as suas faces e o seu nariz avermelhavam, e nós entrávamos no Luxemburgo pelo portão de ferro lá do lado de cima, seguíamos até o lago, dando volta ao redor dele e depois dobrando à direita, em direção à Fonte dos Médicis e das estátuas, e terminávamos saindo pelo portão em frente ao Odéon e descendo duas transversais até o Boulevard Saint-Michel...

— Boul' Mich'...

— E indo pelo Boul' Mich' abaixo, passando além do Cluny...

— À direita...

— Que tinha um aspecto muito escuro e sombrio, e cruzávamos o Boulevard Saint-Germain...

— Que era a rua mais movimentada, cheia de animação. É estranho como parecia animada e perigosa. E na altura da Rue de Rennes sempre dava impressão de ser perfeitamente segura, pra atravessar entre o Deux Magots e o Lipp, quero dizer. Por que isso, hem, pai?

— Não sei, *Schatz*.

— Gostaria que acontecesse alguma coisa em vez de só esses nomes de ruas — reclamou Andrew. — Já estou farto de ouvir nomes de ruas de um lugar que não conheço.

— Faça com que alguma coisa aconteça então, pai — pediu Tom Jr. — Podemos conversar sobre as ruas quando estivermos sozinhos.

— Naquele tempo não acontecia grande coisa — disse Thomas Hudson. — A gente descia até a praça Saint-Michel, sentava no terraço de um café, eu desenhava com um *café crème* em cima da mesa, e você tomava cerveja.

— Eu já gostava de cerveja naquela época?

— Muito. Mas preferia água com um pouco de vinho tinto nas refeições.

— Lembro-me. *L'eau rougie*.

— *Exactement* — disse Thomas Hudson. — Você era louco por *l'eau rougie*, mas de vez em quando topava uma *bock*.

— Eu me lembro de uma luge na Áustria, do nosso cachorro Schnautz e da neve.

— Lembra do Natal lá?

— Não. Só de vocês, da neve, do nosso cachorro Schnautz e da minha babá, que era linda. E de mamãe esquiando. Mamãe era uma beleza! Ainda me lembro de ver você chegando de esqui com ela no meio de um pomar. Não sei onde foi. Mais me recordo perfeitamente do Luxemburgo. Das tardes com os barcos no lago do chafariz, no imenso jardim com as árvores. Os caminhos eram cheios de pedregulhos, e os homens jogavam partidas de bocha mais pra esquerda, à sombra das árvores, que a gente via quando passava em direção ao Palácio, que tinha um relógio no alto. No outono as folhas caíam, e eu me lembro dos galhos nus e das folhas sobre os pedregulhos. O que mais gosto de lembrar é do outono.

— Por quê? — estranhou David.

— Por causa de uma série de coisas. A maneira como tudo cheirava no outono, os carrosséis, o modo como os pedregulhos ficavam secos por cima quando tudo estava úmido, o vento no lago onde a gente soltava os barcos e nas árvores, derrubando as folhas. Lembro-me de sentir os pombos quentes ao meu lado debaixo do cobertor quando você os matava pouco antes de anoitecer, e como as penas eram macias e eu passava a mão por cima delas, apertando bem pra esquentar as mãos na volta pra casa até que os pombos também ficassem frios.

— Onde você matava os pombos, pai? — perguntou David.

— Principalmente perto da Fonte dos Médicis, pouco antes de fecharem os jardins. Há uma grande cerca de ferro em redor do parque, e eles fecham os portões ao escurecer, e todo mundo tem que sair. Os guardas vão avisando as pessoas e trancando os portões. Depois que os guardas seguiam adiante, eu matava os pombos com um bodoque quando eles ciscavam no chão, perto da fonte. Na França fazem bodoques maravilhosos.

— Você não fazia os seus, já que era pobre? — perguntou Andrew.

— Lógico. Primeiro tive um que fiz da forquilha de uma arvorezinha que cortei na floresta da Rambouillet, quando a mãe do Tommy e eu fomos dar um passeio por lá. Desbastei-a com a faca, compramos grandes tiras de borracha numa papelaria da praça Saint-Michel, e fiz a atiradeira de couro com um pedaço de luva velha da mãe do Tommy.

— Com que que você atirava?

— Pedrinhas.

— Que distância tinha que guardar?

— O mais perto possível, pra poder juntá-los logo e meter debaixo do cobertor com a maior rapidez.

— Eu me lembro da vez em que um ficou vivo — disse Tom Jr. —, e eu segurei quieto, sem dizer coisa nenhuma no caminho pra casa, porque queria guardá-lo pra mim. Era um pombo muito grande, quase roxo, de pescoço comprido, uma cabeça maravilhosa e de asa branca, e você deixou que eu o guardasse na cozinha até que se arranjassem uma gaiola pra ele. Você o amarrou por uma perna. Mas naquela noite o gatão o matou e o trouxe pra minha cama. O gato tava todo orgulhoso e o carregava igual que um tigre carregando um nativo e saltou pra cima da cama com ele. Isso foi quando eu tinha uma cama quadrada depois da cesta. Da cesta eu não me lembro. Você e mamãe haviam ido ao café, eu fiquei sozinho em casa com o gatão, lembro que as janelas estavam abertas, tinha uma lua enorme sobre a oficina da serraria, era inverno, e eu sentia o cheiro da serragem. Lembro-me de que vi o gatão vindo pelo soalho com a cabeça levantada pra que o pombo mal tocasse no chão. Depois ele deu um pulo e simplesmente se meteu em cima da cama junto comigo. Fiquei horrorizado que tivesse matado o meu pombo,

mas ele estava tão orgulhoso, todo bobo, e era tão amigo meu que também fiquei todo bobo e orgulhoso. Lembro-me de que ele brincou com o pombo, depois esfregou as patas pra cima e pra baixo no meu peito, fazendo rom-rom e aí voltou a brincar com o pombo. Finalmente me lembro de que ele, eu e o pombo fomos dormir todos os três juntos. Eu segurei o pombo na mão, e ele ficou com a pata em cima e aí então, de noite, quando acordei, ele estava comendo o pombo e ronronando forte feito um tigre.

— Isso é muito melhor do que os nomes das ruas — disse Andrew. — Você não teve medo, Tommy, quando o viu comendo o pombo?

— Não. O gato era meu maior amigo na época. O mais íntimo, quero dizer. Acho que ele também gostaria de que eu comesse o pombo.

— Você devia ter experimentado — disse Andrew. — Conte-me mais sobre os bодоques.

— A mãe lhe deu outro bodoque no Natal — disse Tom Jr. — Ela o viu numa loja de armas, onde queria comprar uma espingarda para você, mas não tinha dinheiro que chegasse. Sempre olhava as espingardas na vitrina todos os dias quando passava pela loja a caminho da *épicerie*; um dia viu o bodoque e comprou, porque ficou com medo que vendessem pra alguém e o guardou escondido até o Natal. Teve que tapear nas contas pra você não descobrir. Ela me contou isso uma porção de vezes. Eu me lembro de quando você o ganhou de Natal e me deu o velho de presente. Mas eu não tinha bastante força pra puxá-lo naquela época.

— Pai, a gente nunca foi pobre? — perguntou Andrew.

— Não. Eu já havia deixado de ser pobre quando vocês dois nasceram. Ficamos quebrados uma porção de vezes, mas nunca realmente pobres como éramos, com Tom e a mãe dele.

— Conte mais coisas de Paris — pediu David. — Que mais que você e o Tommy faziam?

— O que é que nós fazíamos, *Schatz*?

— No outono? Sempre se compravam castanhas torradas do vendedor de castanhas, e eu também sempre esquentava as mãos com elas. Íamos ao circo e víamos os crocodilos de *capitaine Wahl*.

— Você se lembra disso?

— Muito bem. O capitaine Wahl lutava com um crocodilo (ele pronunciava *crrocodil*, carregando bem nos erres), e uma moça bonita espetava os bichos com um tridente. Mas os crocodilos maiores nem se mexiam. O circo era bonito, redondo e vermelho, pintado de dourado e cheirando a estrebaria. Havia um lugar nos fundos onde você ia beber com Mr. Crosby, e o domador de leões e a mulher dele.

— Você se lembra de Mr. Crosby?

— Ele nunca usava chapéu nem sobretudo, por pior que fosse o frio, e a filhinha dele tinha uma cabeleira que caía pelas costas, que nem a Alice no País das Maravilhas. Nas ilustrações, quero dizer. Mr. Crosby sempre andava nervosíssimo.

— Que mais que você lembra?

— Mr. Joyce.

— Como é que ele era?

— Era alto e magro com bigode e uma barba curta que crescia pontuda pra cima e pra baixo no queixo. Usava óculos bem grossos e caminhava com cabeça bem levantada. Eu me lembro dele passando por nós na rua sem falar com a gente, e você falava com ele. Ele parava e olhava pra gente pelos óculos como se estivesse olhando de dentro de um aquário e dizia: “Ah, Hudson, eu andava mesmo à sua procura”, e nós três íamos pro café, e fazia frio do lado de fora, mas sentávamos num canto onde havia um daqueles, como é mesmo que se chamam?

— *Braziers*.*

— Eu pensava que eram as mulheres que usavam isso — disse Andrew.

— É um pote de ferro com furos, onde queimam carvão de lenha ou de pedra para aquecer os lugares públicos, que nem um terraço de café onde a gente senta perto dele pra se esquentar, ou numa pista de corridas onde o pessoal fica em pé ao redor pra receber o calor — explicou Tom Jr. — Nesse café onde o pai e Mr. Joyce costumavam ir, eles ficavam de uma ponta à outra do lado de fora, e a gente se aquecia bem até no auge do inverno.

— Estou achando que você passou a maior parte da sua vida em cafés, bares e lugares suspeitos — disse o caçula.

— Quase toda — retrucou Tom. — Não foi, pai?

— E ferrado no sono no carro do lado de fora enquanto o pai tomava uma *bem rápida* — disse David. — Puxa vida, como eu detestava essa expressão: *bem rápida*. Acho que uma *bem rápida* é praticamente a coisa mais demorada que existe.

— Sobre o que é que Mr. Joyce conversava? — perguntou Roger a Tom Jr.

— Xi, Mr. Davis, não me lembro muito bem daquela época. Acho que era sobre escritores italianos e sobre Mr. Ford. Mr. Joyce não suportava Mr. Ford. Mr. Pound também lhe dava nos nervos. “O Ezra está louco, Hudson”, ele dizia pro pai. Eu me lembro disso porque eu pensava que louco significava louco que nem cachorro louco e me lembro de que ficava sentado lá olhando pra cara de Mr. Joyce, que era meio roxa, com uma pele incrivelmente lisa, pele de clima frio, e os óculos dele que tinham uma lente mais grossa que a outra, e pensando em Mr. Pound, com seu cabelo vermelho, a barba pontuda e os olhos simpáticos, com um negócio branco meio parecido com espuma escorrendo da boca. Achei horrível que Mr. Pound estivesse louco e esperava que a gente não encontrasse com ele. Depois Mr. Joyce dizia: “É lógico que o Ford está louco há anos”, e eu via Mr. Ford com sua cara grande, pálida, engraçada, os olhos claros e a boca de dentes frouxos, sempre entreaberta, e aquela espuma horrível escorrendo também pelo queixo *dele*.

— Pare de falar nisso — disse Andrew. — Senão depois me dá pesadelo.

— Ah, continua, por favor — pediu David. — É que nem história de lobisomem. A mãe escondeu o livro porque o Andrew sempre tinha pesadelos.

— Mr. Pound nunca mordeu ninguém? — perguntou Andrew.

— Não, cavaleiro — retrucou-lhe David. — É só uma maneira de dizer. Ele se refere a louco da cachola. Não louco de raiva. Por que que ele achava que os dois eram loucos?

— Não sei explicar — disse Tom Jr. — Naquele tempo eu não era tão pequeno como quando a gente ia atirar nos pombos do parque. Mas era muito pequeno ainda pra me lembrar de tudo, e a ideia de Mr. Pound e Mr. Ford com aquela baba medonha escorrendo da boca, prontos pra morder, me tirava completamente o juízo. O senhor conheceu Mr. Joyce, Mr. Davis?

— Conheci. Ele, seu pai e eu fomos amicíssimos.

— O pai era muito mais moço que Mr. Joyce.

— Naquela época o pai era mais moço que todo mundo.

— Não mais do que eu — proclamou Tom Jr., ufano. — Eu acho que eu era provavelmente o amigo mais moço de Mr. Joyce.

— Aposto que ele morre de saudade de você — disse Andrew.

— É uma pena sem dúvida que ele nunca o tenha conhecido — retrucou David a Andrew. — Se você não tivesse passado o tempo todo zanzando lá por Rochester, ele poderia ter tido esse privilégio.

— Mr. Joyce era um grande homem — disse Tom Jr. — Ele não havia de querer perder tempo com dois bolhas como vocês.

— Essa é a sua opinião — disse Andrew. — Mr. Joyce e o David podiam ter sido amigos. David escreve pro jornalzinho do colégio.

— Pai, conte mais alguma coisa do tempo em que você, o Tommy e a mãe do Tommy eram pobres. Vocês chegaram a ser muito pobres?

— Eles eram muito pobres — disse Roger. — Eu me lembro de quando o seu pai costumava fazer todas as mamadeiras do Tommy de manhã e ir ao mercado comprar as verduras melhores e mais baratas. Eu o encontrava de volta do mercado quando ia saindo pra tomar café.

— Eu era o melhor conhecedor de *poireaux* no sexto *arrondissement* — afirmou Thomas Hudson aos meninos.

— O que é *poireaux*?

— Alho-poró.

— Parece uma cebola bem grande, comprida e verde — explicou Tom Jr. — Só que não tem brilho como as cebolas. É opaco. As folhas são verdes, e as pontas, brancas. A gente ferve e come frio com azeite de oliva e vinagre, misturado com sal e pimenta. Dá pra comer inteirinho, com a parte de cima e tudo. É uma delícia. Creio que não há ninguém no mundo que tenha comido isso mais do que eu.

— O que é o sexto não-sei-o-quê? — perguntou Andrew.

— Puxa, como você atrapalha a conversa — retrucou David.

— Uma vez que não sei francês, tenho que perguntar.

— Paris é dividida em vinte *arrondissements* ou distritos urbanos. Nós morávamos no sexto.

— Pai, não dá pra gente deixar os *arrondissements* de lado pra você contar outra coisa? — perguntou Andrew.

— Você não suporta aprender nada, seu atleta — disse David.

— Eu quero aprender — disse Andrew. — Mas os *arrondissements* são muito velhos pra mim. Eu logo vejo o que é velho demais pra mim. Não consigo acompanhar.

— Qual foi a média de pontos do Ty Cobb? — perguntou David.

— Trezentos e sessenta e sete.

— Isso não é velho demais pra você.

— Não enche, David. Tem gente que gosta de beisebol, e você gosta de *arrondissements*.

— Acho que em Rochester não há *arrondissements*.

— Ah, não enche. Eu apenas pensei que o pai e Mr. Davis soubessem coisas mais interessantes pra todo mundo do que essas porqueiras de... Ah, merda, já nem lembro como é que se diz.

— É feio dizer palavrão em público — repreendeu Thomas Hudson.

— Desculpe, pai — disse o caçula. — Não dá pra evitar quando a gente é uma merdinha de gente. Ah, desculpe de novo. Eu queria dizer tão pequeno.

Estava contrariado e magoado. David sabia provocá-lo com êxito.

— Essa fase passa — disse-lhe Thomas Hudson. — Sei que é difícil não soltar palavrão quando os sentimentos da gente estão em jogo. Mas não faça isso diante de pessoas adultas. Pouco me interessa o que vocês digam quando estão sozinhos.

— Por favor, pai. Eu pedi desculpa.

— Eu sei — retrucou Thomas Hudson. — Não estava ralhando com você. Estava apenas explicando. Vejo vocês tão raramente que é preciso dar uma porção de explicações.

— Até que nem, pai — disse David.

— De fato — disse Thomas Hudson. — Até que nem.

— Andrew nunca solta palavrão na frente da mãe — disse David.

— Afrouxa, sim, David? Não se fala mais nisso, não é, pai?

— Se vocês quiserem aprender uma carrada de palavões — disse Tom Jr. —, devem ler Mr. Joyce.

— Eu me contento com os que eu sei — disse David. — Ao menos por enquanto.

— O meu amigo Mr. Joyce tem palavras e expressões como nunca vi. Aposto que não há ninguém que possa competir com ele em língua alguma.

— Onde se conclui que ele inventou uma língua completamente nova — disse Roger, que estava deitado de costas na praia com os olhos fechados.

— Não entendo essa língua nova — disse Tom Jr. — Acho eu. Não tenho bastante idade pra isso. Mas esperem até vocês terem lido *Ulisses*.

— Não é coisa pra criança — disse Thomas Hudson. — Não é mesmo. Vocês não iam entender e nem deviam tentar. Têm que esperar pra quando forem mais velhos.

— Eu já li todo ele — disse Tom Jr. — Não entendi praticamente nada quando li pela primeira vez, pai, tal como você diz. Mas não larguei a leitura e agora já tem uma parte que eu realmente entendo e posso explicá-la pras pessoas. Deixou-me certamente orgulhoso de ter sido um dos amigos de Mr. Joyce.

— Pai, ele foi mesmo amigo de Mr. Joyce? — perguntou Andrew.

— Mr. Joyce sempre perguntava por ele.

— Você ainda duvida de que eu tenha sido amigo de Mr. Joyce, seu merdinha? — retrucou Tom Jr. — Ele foi um dos melhores amigos que eu já tive até hoje.

— Acho que você ainda não sabe explicar o livro direito — disse Thomas Hudson. — Pelo menos por enquanto. Qual é a parte que você explica?

— A última. Aquela em que a mulher fala alto sozinha.

— O solilóquio — disse David.

— Você também leu?

— Lógico, ora — disse David. — Tommy leu pra mim.

— Ele explicou?

— Da melhor maneira que pôde. Tem coisas que já são um pouco velhas pra nós dois.

— Onde foi que você conseguiu o livro?

— Na biblioteca lá em casa. Tirei emprestado e levei pro colégio.

— O quê?

— Eu costumava ler trechos em voz alta pros rapazes, dizendo a eles que Mr. Joyce era meu amigo e quanto tempo a gente passava junto.

— Que que os rapazes acharam?

— Alguns dos mais carolas acharam meio forte.

— E ninguém descobriu o livro no colégio?

— Claro. Você não soube, pai? Não, acho que foi quando você esteve na Abissínia. O diretor queria expulsar-me, mas eu expliquei que Mr. Joyce era um grande escritor e meu amigo íntimo, aí então o diretor por fim me mandou guardar o livro, dizendo que eu fosse pra casa e promettesse que pediria a opinião dele antes de ler qualquer outra coisa pros rapazes ou de tentar explicar os clássicos. No começo, quando ia expulsar-me, ele pensou que eu tinha uma mentalidade suja. Mas eu não tenho uma mentalidade suja, pai. Isto é, não é mais suja que a de todo mundo.

— Ele lhe devolveu o livro?

— Ah, devolveu, sim. Ele pretendia confiscá-lo, mas eu expliquei que era uma primeira edição e que Mr. Joyce tinha escrito uma dedicatória pra você e que ele não podia confiscar uma coisa que não era minha. Acho que ficou muito decepcionado por não poder confiscá-lo.

— Quando é que eu posso ler esse livro de Mr. Joyce? —perguntou Andrew.

— Não vai ser tão cedo.

— Mas o Tommy já leu.

— O Tommy é amigo de Mr. Joyce.

— Puxa vida, claro que sou — disse Tom Jr. — Pai, nós nunca conhecemos Balzac, não é?

— Não. Foi antes do nosso tempo.

— Nem Gautier? Encontrei dois livros formidáveis deles lá em casa também. Os *Contes drolatiques* e a *Mademoiselle de Maupin*. A *Mademoiselle de Maupin* por enquanto não entendi nada, mas vou continuar até o fim pra ver se entendo, e é ótimo. Mas, se

não foram amigos da gente, acho que certamente me expulsariam se eu lesse pros rapazes.

— Que tal são, Tommy? — perguntou David.

— Fabulosos. Você vai gostar dos dois.

— Por que não consulta o diretor pra saber se não dá pra ler pros rapazes? — sugeriu Roger. — Eles são superiores aos que os rapazes vão cavar por si mesmos.

— Não, Mr. Davis. Acho melhor não. Ele é capaz de ter aquela ideia da mentalidade suja outra vez. Seja como for, com os rapazes não seria a mesma coisa que se fossem amigos meus, como Mr. Joyce. E, de todo modo, não entendo a *Mademoiselle de Maupin* suficientemente bem pra explicar o livro e não teria a mesma autoridade pra explicá-lo como quando tive a amizade de Mr. Joyce pra me amparar.

— Gostaria de ter ouvido essa explicação — disse Roger.

— Bobagem, Mr. Davis. Foi muito superficial. Não ia interessar-lhe. O senhor compreende perfeitamente aquela parte, não é?

— Bastante.

— Mas eu queria era que a gente tivesse conhecido Balzac e Gautier, como amigos, assim como conhecemos Mr. Joyce.

— Eu também — disse Thomas Hudson.

— Mas nós conhecemos bons escritores, não foi?

— Sem sombra de dúvida — disse Thomas Hudson. A areia estava agradável e quente, e ele também sentia preguiça e alegria depois do trabalho. Sentia-se felicíssimo em ouvir a conversa dos meninos.

— Vamos cair n'água pra depois ir almoçar — disse Roger. — Está muito quente.

Thomas Hudson ficou observando-os. Nadando devagar, os quatro entraram na água verde, os corpos abrindo sombras na alva areia branca do fundo, avançando aos poucos, os braços queimados se erguendo e tomando impulso, as mãos cortando, agarrando a massa líquida e puxando-a para trás, as pernas batendo firmes, virando a cabeça para tomar fôlego, respirando fácil e regularmente. Thomas Hudson permaneceu ali, vendo-os nadar a favor do vento, dominado por uma grande

ternura por todos os quatro. Achou que precisava pintá-los nadando desse jeito, apesar de ser tão difícil. Mas tentaria, durante o verão.

Sentia preguiça demais para nadar, embora soubesse que devia. Finalmente entrou no mar, sofrendo nas pernas aquecidas pelo sol o impacto da água refrescada pela brisa, e que estava muito fria no meio das coxas. Então jogou-se de cabeça na onda, dando braçadas em direção a eles, que já vinham de volta. Com a cabeça no mesmo nível, o quadro mudava de figura, ainda mais porque eles enfrentavam a brisa que soprava da praia, e as ondas encapeladas agora atrapalhavam tanto Andrew quanto David, que tinham perdido o ritmo. A ilusão de serem quatro animais marinhos se desfez. Haviam entrado de maneira tão fácil, tão graciosa, mas os dois garotos menores já encontravam dificuldade contra o vento e o mar. Dificuldade propriamente não. Apenas o suficiente para destruir toda ilusão de se acharem à vontade na água, como anteriormente pareciam. Eram dois quadros distintos, e talvez o segundo fosse superior. Os cinco nadadores vieram até a praia e subiram o barranco em direção à casa.

— É por isso que prefiro debaixo d'água — disse David. — A gente não precisa se preocupar com a respiração.

— Por que não vai fazer pesca submarina de tarde com o pai e o Tommy? — sugeriu Andrew. — Eu fico em casa com Mr. Davis.

— O senhor também não quer ir, Mr. Davis?

— Sou capaz de ficar em casa.

— Não fique só por minha causa — disse Andrew. — Tenho uma porção de coisas pra fazer. Apenas achei que o senhor talvez fosse ficar.

— Creio que vou ficar — disse Roger. — Pode ser que deite um pouco pra ler.

— Não se deixe manobrar por ele, Mr. Davis. Esse garoto tem uma lábia danada.

— É que estou com vontade de ficar — disse Roger.

Agora já estavam na varanda, todo mundo de calção seco. Joseph tinha trazido um prato grande de salada de caramujo, os meninos comiam, e Tom Jr. tomava cerveja. Thomas Hudson se recostou na cadeira, e Roger ficou parado em pé, de coqueteleira na mão.

— Sempre fico meio sonolento depois do almoço — disse ele.

— Vamos sentir sua falta — disse Tom Jr. — Por mim, eu também ficaria em casa.

— Pois então fique, Tom — disse Andrew. — Deixe o pai ir com o David.

— Não vou servir de apanhador pra você — disse-lhe Tom Jr.

— Eu não quero que você sirva. Tem um negrinho que pode fazer isso.

— Afinal, pra que que você quer ser lançador? — disse Tommy. — Você nunca será suficientemente bom.

— Serei tão bom quanto o Dick Rudolph e o Dick Kerr.

— Sabe Deus quem foram eles — retrucou Tom Jr.

— Diga-me um nome de jóquei — cochichou David a Roger.

— Earl Sande.

— Você será tão bom quanto o Earl Sande — disse-lhe David.

— Ah, vá pra sua pesca submarina — retrucou Andrew. — Eu vou ser amigo de Mr. Davis que nem o Tom foi de Mr. Joyce. Não é, Mr. Davis? Depois posso dizer no colégio: “Quando Mr. Davis e eu passamos o verão juntos naquela ilha tropical escrevendo todas aquelas histórias safadas, enquanto meu pai pintava esses quadros de mulheres nuas que vocês todos conhecem.” Você as pinta nuas, não pinta, pai?

— Às vezes. Mas são muito morenas.

— Ora essa — disse Andrew. — A cor não me interessa. O Tom pode ficar com Mr. Joyce.

— Você encabularia demais se olhasse pra elas — disse David.

— Talvez. Mas aprenderia.

— Um nu do pai não é nada comparado com aquele capítulo de Mr. Joyce — disse Tom Jr. — É só porque você é menininho que um nu parece ser uma coisa realmente extraordinária.

— OK. Mesmo assim prefiro Mr. Davis, com as ilustrações do pai. Alguém falou lá no colégio que as histórias de Mr. Davis eram safadas à beça.

— Tá bem. Eu também prefiro Mr. Davis. Sou amigo de Mr. Davis há muitos anos.

— E de Mr. Picasso, Mr. Braque, Mr. Miró, Mr. Masson e Mr. Pascin — disse Thomas Hudson. — Você conheceu todos eles.

— E de Mr. Waldo Peirce — lembrou Tom Jr. — Viu, Andyzinho, como você não me ganha? Você começou tarde demais. Não pode ganhar. Enquanto você estava lá em Rochester, e anos e anos antes que nascesse, o pai e eu já andávamos por este vasto mundo afora. Eu provavelmente conheci a maioria dos grandes pintores vivos. Muitos deles foram amicíssimos meus.

— Um dia eu tenho que começar — disse Andrew. — E escolho Mr. Davis. O senhor nem precisa escrever histórias safadas, Mr. Davis. Eu invento tudo, assim como o Tommy faz. Basta contar qualquer coisa horrível que algum dia tenha feito, e eu digo que estive lá quando aconteceu.

— Aqui, ó, que invento coisas desse jeito — disse Tom Jr. — Às vezes o pai e Mr. Davis me refrescam a memória. Mas eu figurei e tomei parte em toda uma época da pintura e da literatura e, se fosse necessário, poderia escrever agora mesmo as minhas reminiscências a esse respeito.

— Você está ficando doido, Tommy — disse Andrew. — É melhor se cuidar.

— Não conte nada pra ele, Mr. Davis — disse Tom Jr. — Que aprenda pela experiência, como nós.

— Deixe isso comigo e Mr. Davis — disse Andrew. — Não se meta.

— Conte mais alguma coisa daqueles meus amigos, pai — pediu Tom Jr. — Eu sei que os conheci e que a gente sempre andava junto pelos cafés, mas gostaria de saber umas coisas mais concretas sobre eles. O tipo de coisas, digamos, que sei sobre Mr. Joyce.

— Lembra-se de Mr. Pascin?

— Não. De fato não. Como é que ele era?

— Não vá querer alegar que vocês eram amigos, uma vez que nem se lembra dele — disse Andrew. — Pensa que daqui a alguns anos não serei capaz de lembrar como é que Mr. Davis era?

— *Te fecha* — disse Tom Jr. — Conte mais sobre ele, por favor, pai.

— Mr. Pascin fazia uns desenhos que ilustrariam perfeitamente os trechos de Mr. Joyce de que você gosta.

— Verdade? Puxa, deviam ser fantásticos.

— Você sentava com ele no café, e de vez em quando ele desenhava seu retrato nos guardanapos. Era baixinho, corpulento e muito estranho. Quase nunca andava sem o chapéu-coco e era um pintor extraordinário. Sempre se comportava como se fosse o dono de um grande segredo, que tivesse acabado de ouvir e do qual achasse graça. O que às vezes o deixava muito contente e às vezes tristíssimo. Mas a gente sempre percebia, e ele se divertia enormemente com aquilo.

— Que segredo era?

— Ah, bebedeiras, entorpecentes e o segredo que Mr. Joyce descreveu com perfeição naquele último capítulo, e como pintar maravilhosamente bem. Ele pintava melhor do que qualquer outra pessoa na época, e esse também era o seu segredo, mas ele nem ligava. Achava que não ligava pra nada, porém no fundo ligava, sim.

— Ele era corrompido?

— Puxa, se era. Corrompido como o quê, e isso fazia parte do seu segredo. Gostava de ser corrompido e não sentia remorsos.

— Ele e eu éramos bons amigos?

— Amicíssimos. Ele o chamava de O Monstro.

— Xi — exclamou Tom Jr., contentíssimo. — O Monstro.

— Não temos nenhum retrato de Mr. Pascin, pai? — perguntou David.

— Alguns.

— Ele nunca pintou o retrato do Tommy?

— Não. Ele desenhava o Tommy, principalmente em guardanapos e no mármore das mesas de café. Ele o chamava de “o horrível monstro viciado em cerveja da Margem Esquerda”.

— Anote esse título, Tom — disse David.

— Mr. Pascin tinha mentalidade suja? — perguntou Tom Jr.

— Acho que sim.

— Não tem certeza?

— Acho que se pode dizer que ele tinha. Creio que fazia parte do seu segredo.

— Mas Mr. Joyce não tinha, né?

— Não.

— E você também não.

— Não — disse Thomas Hudson. — Tenho a impressão de que não.

— O senhor tem mentalidade suja, Mr. Davis? — perguntou Tommy.

— Acho que não.

— Ainda bem — disse Tom Jr. — Eu disse ao diretor que nem o pai, nem Mr. Joyce tinham mentalidade suja e agora posso dizer o mesmo pra ele sobre Mr. Davis, se ele me perguntar. Ele estava quase certo de que eu tinha. Mas nem me preocupei. Há um rapaz no colégio que realmente tem, e a gente logo nota a diferença. Qual era o primeiro nome de Mr. Pascin?

— Jules.

— Como é que se escreve? — perguntou David. Thomas Hudson explicou.

— Que fim levou ele? — perguntou Tom Jr.

— Enforcou-se — disse Thomas Hudson.

— Puxa vida — exclamou Andrew.

— Pobre Mr. Pascin — disse Tom Jr., como numa litania. — Hoje de noite vou rezar por ele.

— Eu vou rezar por Mr. Davis — disse Andrew.

— E faça isso seguido — pediu Roger.

Nota

* *Brassière*, a palavra usada em inglês para designar *soutien* (mais comumente *bras*), tem pronúncia idêntica a *brazier*.
(N.T.)

6



De noite, quando os meninos foram deitar-se, Thomas Hudson e Roger Davis ficaram conversando na sala. O mar havia estado agitado demais para a pesca submarina, e depois do jantar os meninos tinham ido pescar ciobas junto com Joseph. Voltaram exaustos e felizes, deram boa-noite e se recolheram. Os homens ainda escutaram suas vozes durante certo tempo. Por fim adormeceram.

Andrew sentia medo no escuro. Os irmãos sabiam, mas nunca mexiam com ele por causa disso.

— Por que será que ele sente medo no escuro? — perguntou Roger.

— Não sei — respondeu Thomas Hudson. — Você não sentia?

— Acho que não.

— Eu sentia — disse Thomas Hudson. — Será que significa alguma coisa?

— Sei lá — retrucou Roger. — Eu tinha medo de morrer e de que acontecesse qualquer coisa com o meu irmão.

— Não sabia que você tinha um irmão. Onde está ele?

— Morreu — disse Roger.

— Desculpe.

— Não precisa desculpar-se. Foi quando éramos garotos.

— Era mais velho que você?

— Um ano mais moço.

— De que ele morreu?

— Uma canoa emborcou por cima de nós.

— Que idade você tinha?

— Uns doze.

— Se não está com vontade de contar, não conte.

— Não tenho certeza se foi muito bom pra mim — disse Roger. — Você não sabia mesmo?

— Nunca soube.

— Durante muito tempo pensei que todo mundo soubesse. É engraçado quando a gente é criança. A água estava gelada, e ele se soltou. Mas no fim quem se salvou fui eu, e não ele.

— Coitadinho do safado do Roger.

— Não — protestou Roger. — Mas era cedo demais pra saber dessas coisas. E depois eu gostava muitíssimo dele e sempre tive medo de que lhe acontecesse algo. A água também estava gelada pra mim. Mas eu não podia dizer isso.

— Onde foi?

— Lá em Maine. Acho que meu pai nunca me perdoou, embora se esforçasse pra compreender. Desde então, cada dia que passa lamento que não tenha sido eu. Não se pode chamar isso de vida.

— Qual era o nome do seu irmão?

— Dave.

— Porra. Foi por isso que você não quis ir fazer pesca submarina hoje?

— Acho que sim. Mas de dois em dois dias eu irei. Só que a gente nunca supera essas coisas.

— Você já está bastante adulto pra falar desse jeito.

— Eu tentei ir pro fundo atrás dele. Mas não consegui encontrá-lo — disse Roger. — Era muito fundo, e a água estava gelada mesmo.

— David Davis — disse Thomas Hudson.

— É. Na nossa família o primeiro sempre se chama Roger, e o segundo, David.

— Mas, Roger, você se conformou, não?

— Não — disse Roger. — A gente nunca se conforma, e mais dia menos dia tenho que contar. Sinto a mesma vergonha que senti com a briga no cais.

— Mas aquilo não foi vergonha nenhuma.

— Foi, sim. Já lhe falei. Não vamos entrar nisso.

— Está bem.

— Não pretendo meter-me mais em brigas. Jamais. Você nunca se mete e sabe brigar tão bem quanto eu.

— Não sei brigar tão bem quanto você, não. Mas simplesmente resolvi não brigar.

— Não quero brigar, quero fazer algo que preste e parar de escrever drogas.

— É a melhor coisa que já ouvi você dizer — disse Thomas Hudson.

— Acha que posso escrever algo que valha a pena?

— Podia tentar. Por que deixou de pintar?

— Porque não queria mais me enganar. E também não quero me enganar mais escrevendo.

— E o que é que você pretende fazer, então?

— Ir pra algum lugar e escrever direito um bom romance, da melhor maneira possível.

— Por que não escreve aqui mesmo? Você pode ficar aqui depois que os meninos forem embora. Lá onde você mora é muito quente pra escrever.

— Eu iria atrapalhá-lo demais.

— Não, Roger. Às vezes também me sinto só, você sabe. Não dá pra gente fugir de tudo o tempo todo. Isso está até parecendo um discurso. Acho melhor eu calar a boca.

— Não, continue. Eu preciso ouvir.

— Se você quer começar a trabalhar, comece aqui.

— Não crê que lá no oeste seria melhor?

— Qualquer lugar serve. O importante é não fugir.

— Não. Qualquer lugar não serve, não — protestou Roger. — Eu sei disso. No princípio servem e depois ficam péssimos.

— Lógico. Mas este aqui agora é um bom lugar. Talvez não seja sempre assim. Mas por enquanto é. Você teria companhia quando parasse de trabalhar, e eu também. Nenhum meteria o bedelho na vida do outro, e você poderia botar logo mãos à obra.

— Você me acha realmente capaz de escrever um romance que preste?

— Pra escrever, você tem que tentar. Há pouco você me contou um romance que seria sensacional se quisesse escrevê-lo. É só começar pela canoa...

— E terminar de que jeito?

— Invente tudo, a partir da canoa.

— Porra — exclamou Roger. — Eu sou tão venal que, se ponho uma canoa, vai ter que ter uma índia bonita que o jovem Jones, a caminho de avisar os colonizadores que o Cecil B. de Mille vem vindo, acaba encontrando, agarrado a um emaranhado de trepadeiras que cobre o rio e segurando a fiel espingarda, a “Velha Betsy”, com a outra mão, e a índia bonita diria: “Jones, é você! Agora podemos fazer amor enquanto a nossa frágil embarcação avança em direção à cachoeira que um dia será as quedas do Niágara.”

— Não — disse Thomas Hudson. — Basta aproveitar a canoa, o lago gelado e o seu irmão menor...

— David Davis. Onze anos.

— E partir daí. Inventando tudo até o fim.

— Não gosto do fim — disse Roger.

— Acho que ninguém realmente gosta — disse Thomas Hudson. — Mas sempre tem um fim.

— Talvez fosse melhor parar com esta conversa — disse Roger. — Sou capaz de começar a pensar no romance. Tommy, por que é divertido pintar bem e uma merda escrever bem? Nunca pintei bem. Mas era divertido até do jeito que eu pintava.

— Não sei — respondeu Thomas Hudson. — Pode ser que na pintura a tradição e o traço sejam mais nítidos e haja mais pessoas pra ajudar a gente. Até quando se rompe com a linha tradicional da grande pintura, sempre se pode contar com isso.

— Eu acho que outra explicação é que tem gente melhor no meio — disse Roger. — Se eu fosse um camarada bastante bom, talvez conseguisse ser bom pintor. Talvez eu seja simplesmente muito filho da puta pra ser bom escritor.

— Essa é a simplificação mais exagerada que já ouvi até hoje.

— Eu sempre levo a simplificação aos últimos extremos — afirmou Roger. — É um dos motivos por que não valho porra nenhuma.

— Vamos dormir.

— Vou ficar acordado pra ler um pouco — disse Roger.

Dormiram bem, e Thomas Hudson não acordou quando Roger foi se deitar na varanda altas horas da noite. Depois do café o vento estava fraco e não havia nuvens no céu. Organizaram os preparativos para um dia de pesca submarina.

— O senhor também vai, não é, Mr. Davis? — perguntou Andrew.

— Nem tem dúvida.

— Que bom — exclamou Andrew. — Fico contente.

— Como está se sentindo, Andy? — perguntou Thomas Hudson.

— Com medo — respondeu Andrew. — Como sempre. Mas Mr. Davis indo, o medo diminui.

— Nunca tenha medo, Andy — disse Roger. — Não adianta nada. Seu pai me disse.

— Dizer é fácil — retrucou Andrew. — Sempre dizem isso pra gente. Mas David é o único garoto inteligente que eu conheço que não sente medo.

— Te fecha — disse David. — Você não passa de uma criação da sua própria imaginação.

— Mr. Davis e eu sempre temos medo — disse Andrew. — É possível que seja por causa da nossa inteligência privilegiada.

— Você vai tomar cuidado, Davy, não vai? — disse Thomas Hudson.

— Naturalmente.

Andrew olhou para Roger e encolheu os ombros.

7



Lá pelos recifes onde foram fazer pesca submarina havia os destroços do naufrágio de um vapor velho, e mesmo com maré alta as caldeiras de ferro enferrujado ainda apareciam à tona d'água. Hoje o vento soprava para o sul, e Thomas Hudson ancorou ao abrigo de uma rocha, não demasiado perto, e Roger e os meninos aprontaram as máscaras e os arpões. Os arpões eram muito toscos e de todo o tipo, feitos de acordo com as ideias pessoais de Thomas Hudson e dos meninos.

Joseph tinha vindo junto para remar o escaler. Levando Andrew consigo, dirigiu-se para os recifes, enquanto os outros escorregavam pela amurada para nadar.

— Você não vem? — gritou David ao pai, que havia ficado na segunda ponte de comando do barco de pesca. O círculo de vidro encobrindo os olhos, o nariz e a testa, com a armação de borracha fosca nas faces sob o nariz e comprimida à testa, presa com firmeza na carne pela tira de borracha em torno da nuca, deixava-o semelhante aos personagens de histórias pseudocientíficas em quadrinhos.

— Daqui a pouco eu vou.

— Não espere demais que aí fica tudo assustado.

— Há recife que chega. Vocês não vão esgotar com o que tem.

— Mas eu sei de duas tocas ali adiante, depois das caldeiras, que são uma maravilha. Descobri no dia em que viemos sozinhos. Estavam tão intactas e cheias de

peixe que deixei pra quando a gente viesse todos juntos.

— Eu me lembro. Daqui a uma hora, mais ou menos, eu vou.

— Vou deixá-las pra quando você vier — disse David, e se pôs a nadar atrás dos outros, a mão direita segurando a haste de quase dois metros de madeira dura, o arpão de fisgar peixes talhado à mão, de pontas gêmeas, fixo na extremidade e amarrado com um pedaço de corda grossa de pescaria. Mantinha o rosto debaixo d'água, examinando o fundo pelo vidro da máscara enquanto nadava. Era um menino submarino e, agora que estava tão queimado de sol e nadava apenas com a nuca molhada à mostra, lembrava a Thomas Hudson mais do que nunca uma lontra.

Observou-o a costear o barco, usando o braço esquerdo e movendo as pernas compridas e os pés em lento impulso contínuo, erguendo ocasionalmente, e cada vez por mais tempo, por tempo muito maior do que era lícito esperar, o rosto meio de lado para respirar. Roger e o filho mais velho de Hudson tinham saído nadando de máscara na testa e já se achavam longe. Andrew e Joseph estavam no escaler junto da rocha, mas Andrew ainda não havia saltado pela amurada. O vento soprava de leve, e a água perto dos recifes parecia clara e espumosa, com os pardos rochedos e o distante mar azul-escuro.

Thomas Hudson desceu à cozinha de bordo, onde Eddy descascava batatas em cima de um balde preso entre os joelhos. Espiava pela escotilha para o lado dos recifes.

— Os meninos não deviam dispersar-se — comentou ele. — Deviam ficar perto do bote.

— Você acha que é capaz de entrar alguma coisa por cima dos recifes?

— A maré tá muito alta. Isso aí é maré de primavera.

— A água está tremendamente transparente — disse Thomas Hudson.

— O oceano tá infestado de bicho ruim — disse Eddy. — Estas águas por aqui são um perigo se eles chegarem a sentir o cheiro desses peixes.

— Por enquanto ninguém pescou nada.

— Mas não demora vão pescar. Eles têm que botar esses peixes de uma vez dentro daquela canoa, antes que o cheiro de peixe ou de sangue seja levado pela maré.

— Vou dar um pulo até lá.

— Não. Diga pra eles ficarem bem juntos um do outro e guardarem os peixes na canoa.

Thomas Hudson subiu ao convés e gritou a Roger o que Eddy tinha dito. Roger levantou o arpão e acenou que havia entendido.

Eddy veio até a popa com a panela cheia de batatas numa das mãos e a faca na outra.

— Pegue aquela espingarda boa, a pequena que é boa, e fique de olho aí em cima, Tom — disse ele. — Não estou gostando disso. Não me agrada ver criança lá longe com essa maré. A gente tá muito perto do oceano verdadeiro.

— Vamos buscá-los.

— Não. Pode ser que seja só nervosismo meu. É que ontem tive uma noite ruim mesmo. Eu gosto deles como se fossem meus filhos e me preocupo pra burro com eles. — Largou a panela de batatas no chão. — Vou lhe dizer o que a gente vai fazer. Você liga o motor, eu puxo a âncora, e depois a gente chega bem perto das pedras e atraca ali. Com essa maré e o vento, o barco arranca num instante. Vamos levá-lo pra lá.

Thomas Hudson ligou o possante motor e foi para a segunda ponte de comando, nos controles externos. À frente, enquanto Eddy levantava a âncora, podia vê-los agora todos dentro d'água, e, nesse meio-tempo, David surgiu à tona com um peixe se debatendo no arpão que mantinha no alto, e Thomas Hudson ouviu-o chamando pelo escalér.

— Vire bem de ponta pra rocha — gritou Eddy da proa, onde segurava a âncora.

Thomas Hudson avançou devagar até quase encostar na rocha, avistando as enormes saliências pardas de coral, os ouriços-cacheiros pretos na areia e as algas roxas oscilando na maré em sua direção. Eddy suspendeu a âncora, e Thomas Hudson deu ré na máquina. O barco girou, desviando do recife. Eddy arriou o cabo até retesar a corrente, Thomas Hudson desligou o motor, e fundearam ali.

— Agora já dá pra gente ficar de olho neles — disse Eddy parado de pé na proa. — Não aguento preocupação com esses meninos. Estraga essa droga da minha

digestão. Como se não bastasse o jeito ruim que ela anda.

— Vou ficar aqui cuidando.

— Eu trago a espingarda e volto pra estas porcarias de batatas. Os meninos gostam de salada de batata, né? Assim como a gente faz?

— Claro. Roger também. Ponha bastante ovo duro e cebola.

— Vou deixar as batatas bem boas. Tá aqui a espingarda.

Thomas Hudson estendeu a mão para apanhá-la. Era volumosa e pesada no estojo forrado de lã de ovelha tosquiada que conservava sempre saturado de lubrificante para não enferrujar com a maresia. Retirou-a pelo cabo e guardou o estojo debaixo da cobertura da segunda ponte de comando. Era uma Mannlicher Shoenauer calibre 256, de cano antigo de dezoito polegadas, cuja venda hoje estava proibida. A coronha e a parte dianteira tinham adquirido uma tonalidade castanha de tanto polir e lubrificar, e o cano, depois de roçar meses a fio na sela de cavalos, reluzia de óleo, sem uma mancha de ferrugem. A parte onde apoiava a bochecha havia ficado lustrosa pelo uso, e, quando puxou o ferrolho para trás, o carregador surgiu cheio de grossos cartuchos pesados, a bala comprida e fina, revestida de metal em forma de lápis, expondo apenas uma minúscula ponta de chumbo.

Era realmente uma arma boa demais para se guardar num barco, mas Thomas Hudson se afeiçoara tanto àquela espingarda, que lhe lembrava de tantas coisas, pessoas e lugares, que preferia tê-la consigo e descobrira que no estojo de pele de ovelha, depois que a lã tosquiada já se achava bem impregnada de lubrificante, a arma não sofria dano algum com o ar salgado. Seja como for, pensava, uma espingarda é para dar tiros, não para ser preservada num estojo, e essa era de fato uma das boas, de fácil manejo, excelente para aprender a atirar, e útil no barco. Sempre se sentia mais seguro com ela quando queria disparar de distâncias próximas e moderadas do que com todas as outras que já possuía e agora se alegrava com o mero ato de retirá-la do estojo, puxar o ferrolho para trás e meter uma cápsula na culatra.

O barco pairava quase imóvel na maré e na brisa. Pendurou a bandoleira da arma numa das alavancas de controle externo, para tê-la bem à mão, e deitou-se no colchão ensolarado da ponte de comando. De braços, para queimar as costas,

avistava o lugar onde Roger e os meninos pescavam de arpão. Estavam todos mergulhando, conservando-se no fundo por espaços de tempo diversos, voltando à tona para respirar e logo desaparecer novamente, trazendo de vez em quando peixes nas hastes. Joseph remava entre um e outro, recolhendo os peixes das pontas dos arpões e largando-os dentro do escaler. Podia ouvi-lo gritando e rindo, e a cor viva do peixe, vermelha, ou vermelha salpicada de marrom, ou vermelha e amarela, ou listrada de amarelo, enquanto Joseph os arrancava das hastes ou soltava, jogando-os outra vez à sombra da popa do escaler.

— Eddy, quer trazer-me um drinque, por favor? — chamou Thomas Hudson pelo costado do barco.

— De que que você quer?

Eddy esticou a cabeça para fora da cabina dianteira. Estava com o chapéu velho de feltro e uma camisa branca, e sob o sol brilhante tinha os olhos injetados de sangue. Thomas Hudson notou que ele havia passado mercurocromo nos lábios.

— O que você fez na boca? — perguntou-lhe.

— Uma espécie de encrenca ontem de noite. Só passei um pouco. Aparece muito?

— Deixa você com cara de puta de ilha vagabunda.

— Ah, porra — disse Eddy. — Passei no escuro, sem enxergar. Só pelo tato. Quer um drinque com água de coco? Tenho uns aqui.

— Ótimo.

— Quem sabe um Green Isaac's Special?

— Muito bem. Prepare um Special.

Deitado ali no colchão, a cabeça de Thomas Hudson ficava na sombra projetada pela plataforma da extremidade dianteira da ponte, onde estavam os controles, e quando Eddy veio até a popa com o copo grande gelado, cheio de gim, suco de lima, água de coco verde, gelo picado e apenas a proporção exata de biter de angustura para lhe dar a cor-de-rosa enferrujada, ele segurou o drinque na sombra para o gelo não derreter enquanto olhava o mar.

— Parece que os meninos estão com sorte — disse Eddy. — Já tem peixe que chega pro jantar.

— Que mais que vai ter?

— Pirê de batata com peixe. Um pouco de tomate também. E aquela salada de batata pra começar.

— Ótimo. Como vai a salada?

— A batata ainda não esfriou, Tom.

— Eddy, você gosta de cozinhar, não é?

— Se gosto! Gosto de andar de barco e de cozinhar. O que eu não gosto é de discussão, briga e encrenca.

— Mas você sempre foi bom pra se meter em encrenca.

— Sempre evitei, Tom. Às vezes não dá pra evitar, mas sempre tento.

— O que houve ontem à noite?

— Nada.

Não queria falar naquilo. Nunca falava nos velhos tempos tampouco, quando tinha se metido em várias encrencas.

— Está bem. Que mais que tem pra comer? Precisamos alimentar esses meninos. Eles estão crescendo.

— Trouxe um bolo que fiz em casa, e tem dois abacaxis frescos no gelo. Vou partir em fatias.

— Ótimo. Como é que vai ser o peixe?

— Do jeito que você quiser. Vamos esperar pra ver qual é o melhor que eles pegam, pra depois cozinhar como eles, você e o Roger quiserem. O David acabou de pegar um bom olho-de-boi. Tinha outro, mas ele deixou escapar. Esse é grandão, todo mole. Mas ele tá se distanciando muito. Ainda tá com o peixe, e o Joe tá longe pra burro, com a canoa perto do Andy.

Thomas Hudson largou o copo no chão e se pôs de pé.

— Caramba — exclamou Eddy. — Olhe só aquilo ali.

Aparecendo ao longe no mar azul, feito uma vela parda de embarcação, e cortando a superfície em veloz investida impelida pelo rabo, a alta barbatana dorsal vinha chispando em direção ao buraco à beira do rochedo onde o menino de máscara no rosto segurava um peixe fora d'água.

— Minha nossa — disse Eddy. — Que cação mais filho da puta. Puxa vida, Tom. Santo Deus.

Mais tarde Thomas Hudson lembrou que a primeira impressão que teve foi da grande altura da barbatana, do modo como ela virava e mudava de direção, igual a um cão de caça no rastro, e como parecia avançar feito uma tesoura e no entanto hesitar.

Levantou a espingarda e atirou bem na frente da barbatana. O tiro disparou e lançou um esguicho d'água. O cano estava pegajoso de óleo. Ela continuou avançando, sinuosa, sem parar.

— Joga pra ele essa droga de peixe — gritou Eddy a David, recuando de um salto e descendo depressa para a cabina.

Thomas Hudson atirou de novo e errou, com outro esguicho d'água na retaguarda. Sentiu uma náusea no estômago, como se alguma coisa o estivesse apertando e espremendo por dentro, e tornou a atirar com toda a firmeza e cuidado possível, sabendo perfeitamente a importância do tiro, e o esguicho d'água jorrou à frente da barbatana. Ela prosseguia em seu caminho com a mesma pertinácia horrenda. Agora só lhe restava uma bala, não tinha cartuchos extras, e o tubarão se achava a cerca de trinta metros do menino, adiantando-se no mesmo movimento cortante. David arrancara o peixe do arpão e o segurava na mão, com a máscara no alto da testa, sem tirar os olhos do tubarão já próximo.

Thomas Hudson procurou manter-se calmo, mas firme, lutando para prender a respiração e não pensar em nada além do tiro; para comprimir e acertar a apenas um átimo de distância da base da barbatana, que agora avançava mais sinuosamente do que antes. Nisso ouviu a metralhadora portátil abrindo fogo na popa e viu a água começar a esguichar ao redor da barbatana. Tornou a ouvir uma curta rajada, e a água espirrou numa área mais compacta bem na base da barbatana. Quando atirou, ouviu outra vez a descarga, rápida e tensa. A barbatana mergulhou, provocando uma ebulição na superfície, e depois o maior cação que já vira ergueu a barriga branca fora do mar e se pôs a retorcer loucamente à tona, de costas, espalhando água feito um esqui aquático. A barriga reluziu com um branco obscuro, a boca de um metro de largura contorcida numa espécie de sorriso, as grandes trompas da

cabeça com os olhos na ponta, esbugalhados, ao descrever um salto e deslizar para baixo d'água, enquanto a metralhadora de Eddy retinia e rompia a alvura da barriga com manchas pretas que avermelharam antes que girasse para submergir e Thomas Hudson pudesse vê-lo mergulhando em lenta espiral.

— Chame esses meninos desgraçados pra cá — escutou Eddy gritar. — Não aguento esse tipo de coisa.

Roger tinha nadado depressa em direção a David, e Joseph estava puxando Andy para dentro do escaler e depois remando para perto dos outros dois.

— Puta que pariu — exclamou Eddy. — Já se viu cação desse tamanho? Graças a Deus que eles aparecem na superfície quando querem pegar alguém. Graças a Deus. Os miseráveis sempre vêm à tona. Viu como ele afundou?

— Me dá uma caixa de cartuchos — pediu Thomas Hudson. Estava trêmulo e sentia uma fraqueza no estômago. — Voltem pra cá — gritou.

Nadavam em torno do escaler, e Roger puxava David para cima da murada.

— Agora eles podem pescar — disse Eddy. — Qualquer tubarão no oceano só vai querer saber dele. O oceano em peso vai cair em cima dele. Viu como ele virou de costas, Tom, e depois deu aquele salto desgraçado? Nossa mãe, que cação. E o menino pronto pra jogar o peixe pra ele? Só o meu Davy, mesmo. Ah, que colosso esse Davy.

— É melhor eles voltarem.

— Lógico que é melhor. Falei só por falar. Eles vão voltar. Não se impressione que eles voltam.

— Santo Deus, que coisa terrível. Onde é que você tinha guardado a metralhadora?

— O delegado começou a implicar comigo porque eu tava com ela lá em casa, por isso guardei aqui no paiol, embaixo do meu beliche.

— Não há dúvida de que você sabe lidar com ela.

— Porra, e não haveria de saber, com aquele tubarão vindo zunindo pra cima do meu Davy, a esperar ele quietinho com aquele peixe pra jogar? Olhando firme pra onde o tubarão vinha vindo? Porra, por mim podia ser a última coisa que eu havia de enxergar nesta bosta de vida.

O escaler se aproximou da lancha, e eles subiram pelo costado. Os garotos estavam molhados e animadíssimos. Roger parecia muito abalado. Dirigiu-se a Eddy e apertou-lhe a mão.

— A gente nunca deveria ter deixado que eles saíssem com essa maré — disse Eddy.

Roger sacudiu a cabeça e passou o braço pelo ombro de Eddy.

— A culpa foi minha — insistiu Eddy. — Eu nasci aqui. O senhor é de fora. Não podia saber. Eu é que sou o responsável.

— Você se comportou à altura — disse Roger.

— Porra — retrucou Eddy. — Como é que alguém ia errar naquela distância?

— Você chegou a vê-lo, Dave? — perguntou Andrew, com toda a delicadeza.

— Só a barbatana dele até bem quase no fim. Depois pude ver antes do Eddy acertar nele. Ele mergulhou e aí então apareceu de costas.

Eddy estava esfregando-o com uma toalha, e Thomas Hudson viu que tinha a pele ainda arrepiada nas pernas, costas e ombros.

— Nunca vi nada semelhante como quando ele saiu da água e começou a virar de lado — afirmou Tom Jr. — Nunca vi nada no mundo parecido com aquilo.

— Você não verá muita coisa igual a essa — retrucou o pai.

— Devia pesar mais de meia tonelada — disse Eddy. — Acho que nem existe cação maior do que esse. Caramba, Roger, você viu a barbatana que ele tinha?

— Vi, sim — respondeu Roger.

— Será que não dá pra gente ir buscar? — perguntou David.

— Claro que não, porra — disse Eddy. — Ele afundou girando sem parar sabe lá até aonde. Está a umas oitenta braças de profundidade, e o oceano em peso vai se banquetear. A estas horas já tão caindo em cima dele.

— Queria que a gente pudesse ir buscar — insistiu David.

— Calma, menino. Você ainda tá com a pele toda arrepiada.

— Você sentiu muito medo, Dave? — perguntou Andrew.

— Senti, sim — confessou David.

— Que é que você ia fazer? — perguntou Tom, cheio de respeito.

— Ia jogar o peixe pra ele — respondeu David, e enquanto Thomas Hudson o observava, a pequena erupção aguda de arrepio se espalhou pelos ombros. — Depois ia bater com o arpão bem no focinho dele.

— Ora essa — disse Eddy, afastando-se com a toalha. — Que que você vai tomar, Roger?

— Não tem um pouco de cicuta? — indagou Roger.

— Não enche, Roger — respondeu Thomas Hudson. — Todos nós fomos responsáveis.

— Irresponsáveis.

— Está tudo terminado.

— Muito bem.

— Vou preparar uns gins — disse Eddy. — O Tom estava bebendo um quando o negócio aconteceu.

— Ainda está lá em cima.

— Agora já deve ter ficado uma droga — disse Eddy. — Vou fazer um novo.

— Você se saiu muito bem, Davy — afirmou Tom Jr., todo orgulhoso. — Espere até eu contar isso aos rapazes no colégio.

— Não vão acreditar — disse David. — Não conte pra eles, se eu for pra lá.

— Por quê? — estranhou Tom Jr.

— Sei lá — respondeu David. E de repente rompeu a chorar feito uma criança. — Ah, merda, eu não suportaria se não acreditassem.

Thomas Hudson tomou-o nos braços, segurando-lhe a cabeça contra o peito. Os outros meninos viraram o rosto, Roger desviou o olhar, e depois Eddy surgiu com três drinques, o polegar enfiado num dos copos. Thomas Hudson notou logo que ele já havia bebido na cozinha.

— O que é que há com você, Davy? — perguntou.

— Nada.

— Ótimo — disse Eddy. — Assim é que eu gosto de ouvir você falar, seu desgraçado filho da mãe. Vai lá pra baixo, pare de choramingar e deixe o seu velho beber.

David continuou ali parado, muito tenso.

— Não há perigo de se pescar daquele lado com a maré baixa? — perguntou a Eddy.

— Não vai haver nada pra incomodar — garantiu Eddy. — Tem as moreias. Mas não há de aparecer nada de maior. Eles não conseguem chegar até aqui com maré baixa.

— A gente pode ir com maré baixa, pai?

— Se o Eddy diz que sim, pode. O Eddy é quem manda.

— Porra, Tom — exclamou Eddy, contentíssimo, os lábios cobertos de mercurocromo radiantes e os olhos injetados de sangue no auge da alegria. — Quem não soubesse acertar naquela droga de cação cretino com uma dessas coisas devia jogar logo fora essa porcaria antes que a gente se metesse em encrenca por causa dela.

— Você acertou nele à beça — disse Thomas Hudson. — Acertou que foi uma beleza. Gostaria de poder descrever como você acertou nele.

— Não precisa — disse Eddy. — Vou passar o resto da minha vida vendo aquele filho da mãe malvado virando de papo pro ar. Já viu alguma coisa de aspecto mais malvado que aquilo?

Sentaram-se ali, à espera do almoço, e Thomas Hudson ficou observando o mar onde Joseph tinha saído remando até o lugar em que o tubarão fora ao fundo. Joseph espiava num indicador de nível de água por cima da amurada do escaler.

— Não dá pra ver nada? — gritou-lhe Thomas Hudson.

— Tá muito fundo, seu Tom. Ele caiu direto sobre o parapeito da rocha. Agora já tá lá no fundo.

— Eu queria que a gente tivesse pegado as mandíbulas dele — disse Tom Jr. — Você não gostaria de mandar limpar pra pendurar, pai?

— Acho que me dariam pesadelos — disse Andrew. — Ainda bem que não pegamos.

— Seria um troféu fabuloso — disse Tom Jr. — Sensacional pra mostrar lá no colégio.

— Se a gente tivesse pegado, pertenceriam ao Dave — disse Andrew.

— Não. Pertenceriam ao Eddy — disse Tom Jr. — Creio que ele daria pra mim, se eu pedisse.

— Daria pro Dave — teimou Andrew.

— Acho que talvez fosse melhor você não sair de novo tão cedo, Dave — aconselhou Thomas Hudson.

— Não vai haver tempo de sobra até depois do almoço — disse David. — Temos que esperar pela maré baixa.

— Fazer pesca submarina, quero dizer.

— O Eddy falou que não tinha perigo.

— Eu sei. Porém ainda estou meio assustado.

— Mas o Eddy sabe.

— Você não podia deixar de ir só como um presente pra mim?

— Lógico, pai, se você quiser. Mas eu adoro mergulhar. Acho que é o que eu mais gosto. E se o Eddy diz...

— Tá bem — concordou Thomas Hudson. — A gente, afinal, não deve pedir presente.

— Pai, não foi isso que eu quis dizer. Eu não irei, se não quiser que eu vá. Só que o Eddy disse...

— E uma moreia? Eddy falou em moreia.

— Pai, moreia tem sempre. Você me ensinou a não ter medo, a saber lidar, a tomar cuidado com elas, e o tipo de toca em que vivem.

— Eu sei. E deixei-o ir aonde veio aquele tubarão.

— Pai, nós estávamos todos lá. Não vá ficar com uma espécie de culpa por causa disso. Apenas me distanciei demais, perdi aquele ótimo olho-de-boi depois de arpoado, ele encheu a água de sangue, e foi o que atraiu o tubarão.

— Mas ele não veio feito um cão de caça? — retrucou Thomas Hudson, lutando para se livrar da emoção. — Já os vi virem numa rapidez muito maior do que essa. Tinha um que andava lá pela Signal Rock que sempre vinha desse jeito quando farejava a isca. Morri de vergonha por não acertar nele.

— Você errou por um triz, pai — lembrou Tom Jr.

— Fiz de tudo, menos acertar.

— Ele não vinha atrás de mim, pai — disse David. — Vinha atrás do peixe.

— Mas teria pegado você — disse Eddy, arrumando a mesa. — Não tente iludir-se que ele não pegaria, com aquele cheiro de peixe que você estava e o sangue na água. Atacaria até um cavalo. Atacaria qualquer coisa. Meu Deus do céu, não falem mais nisso. Vou ter que tomar outro drinque.

— Eddy — disse David. — Vai ser mesmo seguro com maré baixa?

— Claro. Já não disse?

— Você não está querendo provar alguma coisa, está? — perguntou Thomas Hudson a David.

Parara de olhar para a água e recobrou a calma. Sabia que David estava fazendo o que devia fazer, fosse qual fosse o motivo, e sabia que se mostrara egoísta com aquilo.

— Pai, eu só quero dizer que gosto disso mais do que de qualquer outra coisa. O dia está formidável pra pescar, e nunca se sabe quando pode ter vento...

— E o Eddy diz — interrompeu Thomas Hudson.

— E o Eddy diz — sorriu David.

— O Eddy diz porra pra todos vocês. Venham comer de uma vez antes que eu jogue tudo pela porra da amurada. — Estava ali de pé, com a tigela da salada, a travessa de peixe-dourado e o pirê de batatas. — Onde se meteu o Joe?

— Anda à cata do tubarão.

— Tá doido.

Quando Eddy foi para baixo e Tom Jr. passava a comida na mesa, Andrew cochichou:

— Pai, o Eddy é pau-d'água?

Thomas Hudson estava servindo a salada fria de batata em escabeche, coberta com pimenta-do-reino. Tinha ensinado Eddy a prepará-la ao modo da Brasserie Lipp em Paris, e era uma das melhores coisas que Eddy fazia a bordo.

— Você não o viu atirar no tubarão?

— Claro que vi.

— Aquilo não é jeito de pau-d'água atirar.

Pôs um pouco de salada no prato de Andrew e tirou um pouco para si mesmo.

— O único motivo que me fez perguntar é porque de onde estou sentado posso enxergar a cozinha e já o vi tomar uns oito tragos no gargalo de uma garrafa desde que sentamos aqui.

— A garrafa é dele — retrucou Thomas Hudson, servindo um pouco mais de salada a Andrew. Andrew era o comedor mais rápido que já tinha visto. Dizia ter aprendido no colégio. — Procure comer um pouco mais devagar, Andy. Eddy sempre traz a garrafa dele pra bordo. Quase todos os bons cozinheiros bebem um pouco. Alguns bebem à beça.

— Só sei que já tomou oito. Espere. Agora tá tomando o nono.

— Não chateia, Andrew — disse David.

— Parem com isso — pediu Thomas Hudson a ambos.

Tom Jr. se intrometeu.

— Um sujeito formidável salva a vida do seu irmão e apenas toma um trago, ou alguns tragos, e você o chama de pau-d'água. Você não faz parte do gênero humano.

— Não o chamei disso. Só perguntei pro pai, pra saber se ele é. Não sou contra os paus-d'água. Simplesmente gosto de saber se um homem é ou não é.

— Vou comprar pro Eddy uma garrafa de seja lá o que for que ele estiver bebendo, com o primeiro dinheiro que ganhar, e vou beber junto com ele — anunciou solenemente Tom Jr.

— Como disse? — A cabeça de Eddy apareceu na escada do tombadilho com o velho chapéu de feltro puxado pra trás, mostrando a parte branca acima da cara tisonada de sol, e um charuto caído no canto da boca pintada de mercurocromo. — É só eu pegar vocês bebendo qualquer coisa que não seja cerveja, e dou uma surra danada. Em todos os três. Não se metam a falar em bebida. Querem mais um pouco de pirê de batata?

— Sim, Eddy, por favor — disse Tom Jr., e Eddy desceu a escada.

— Com este são dez — disse Andrew, espiando lá embaixo.

— Ah, te fecha, cavaleiro — retrucou Tom Jr. — Não sabe respeitar um grande homem?

— Come um pouco mais de peixe, David — insistiu Thomas Hudson.

— Qual é, aquele enorme olho-de-boi?

— Acho que ainda não foi cozido.

— Então vou querer um boca-de-fogo amarelo.

— São doces demais.

— Eu acho que o arpão deixa-o ainda melhor se a gente come logo, porque fica sangrando.

— Pai, posso convidar o Eddy pra tomar um trago com a gente? — perguntou Tom Jr.

— Evidente — respondeu Thomas Hudson.

— Ele já tomou. Não se lembra? — interrompeu Andrew. — Quando nós voltamos pra bordo ele tomou um. Você se lembra, sim.

— Pai, posso convidá-lo a tomar outro agora com a gente e a comer aqui na mesa?

— Naturalmente — respondeu Thomas Hudson.

Tom Jr. desceu a escada, e Thomas Hudson ouviu-o dizer:

— Eddy, o pai diz pra você fazer o favor de preparar um drinque pra você, ir lá pra cima, beber e comer na mesa conosco.

— Porra, Tommy — disse Eddy. — Nunca como ao meio-dia. Só como na hora do café e de noite.

— Não quer tomar um trago com a gente?

— Já tomei dois, Tommy.

— Quer tomar um agora comigo e deixar eu beber uma garrafa de cerveja com você?

— Sim, porra — disse Eddy. Thomas Hudson ouviu a geladeira se abrir e fechar. — À sua saúde, Tommy.

Thomas Hudson ouviu as duas garrafas tinirem. Olhou para Roger, mas Roger estava olhando para o oceano.

— À sua, Eddy — ouviu Tom Jr. dizer. — É uma grande honra beber com você.

— Porra, Tommy — retrucou Eddy. — Honra é beber com você. Estou me sentindo o maior, Tommy. Viu como atirei naquele tubarão velho?

— Claro que vi, Eddy. Não quer comer nem uma coisinha com a gente?

— Não, Tommy. Sinceramente.

— Quer que eu fique aqui embaixo pra você não ter que beber sozinho?

— Porra, Tommy, não. Você não tá fazendo alguma confusão, não? Eu não tenho que beber. Não tenho que fazer coisa alguma a não ser cozinhar um pouco e ganhar essa porcaria de vida. Eu simplesmente me sinto bem, Tommy. Você me viu atirar nele? Verdade?

— Eddy, foi a coisa mais sensacional que já vi. Apenas perguntei se você não queria a companhia de alguém pra não se sentir tão só.

— Nunca me senti só na vida — afirmou Eddy. — Sou feliz, e aqui está o que me torna mais feliz ainda.

— Eddy, mesmo assim eu gostaria de ficar com você.

— Não, Tommy. Leve esta outra travessa de peixe pra cima e fique lá onde é o seu lugar.

— Eu queria voltar pra ficar aqui.

— Eu não estou doente, Tommy. Se algum dia eu estiver, terei o maior prazer em deixar que você me faça companhia. Acontece que nunca me senti melhor nesta porra de vida.

— Eddy, você está seguro de que tem que chegue nessa garrafa?

— Sim, porra. Se ela acabar, peço um pouco emprestado ao Roger e ao seu velho.

— Nesse caso eu levo o peixe — disse Tom Jr. — Estou muito satisfeito por você estar se sentindo tão bem, Eddy. Acho formidável.

Tom Jr. trouxe a travessa de olhos-de-boi, bocas-de-fogo amarelos e brancos, e garoupas das rochas para a cabina. Estavam cortados em grossas fatias triangulares de um lado a outro, deixando à mostra a carne branca, e fritos e dourados ao máximo. Ele começou a passá-los ao redor da mesa.

— O Eddy pediu pra lhe agradecer muitíssimo, mas disse que já tomou um drinque. E que não come na hora do almoço. Esse peixe tá bom?

— Excelente — respondeu Thomas Hudson. — Coma, por favor — disse a Roger.

— Está bem — concordou Roger. — Vou tentar.

— O senhor não comeu nada, Mr. Davis? — perguntou Andrew.

— Não, Andy. Mas agora vou comer.

8



Durante a noite Thomas Hudson acordou e ouviu os meninos dormindo e ressonando tranquilamente. Ao luar podia vê-los todos e Roger, que também dormia. Agora ele dormia bem e quase sem se agitar.

Thomas Hudson sentiu-se feliz por tê-los ali. Nem queria pensar que algum dia teriam que ir embora. Tinha sido feliz antes da vinda deles e por muito tempo aprendera a viver e fazer seu trabalho sem nunca se sentir mais só do que poderia suportar; mas a vinda dos meninos havia quebrado toda a rotina protetora da vida que criara e agora já se acostumara com essa quebra. Fora uma rotina agradável de trabalho árduo; de horas marcadas para fazer as coisas; lugares onde as coisas eram guardadas e tratadas com carinho; de refeições e drinques aguardados com impaciência e livros novos para ler e muitos livros velhos para reler. Era uma rotina em que a chegada do jornal diário constituía um acontecimento, mas que não sucedia com tanta regularidade que sua falta se transformasse numa decepção. Tinha muito das invenções que as pessoas solitárias usam para se salvar e até combater a solidão. Havia estabelecido normas, observado costumes e recorrido consciente e inconscientemente a eles. Mas, desde a chegada dos meninos, fora um grande alívio não precisar recorrer a eles.

Seria ruim, contudo, pensou, quando recomeçasse tudo de novo. Sabia perfeitamente como ia ser. Por uma parte de um dia seria agradável manter a casa

em ordem, refletir a sós, ler sem a interferência de conversas alheias, contemplar as coisas sem comentá-las, trabalhar normalmente sem interrupções, e depois então a solidão voltaria. Os três meninos tinham ocupado de novo uma imensa parte dele que, quando fossem embora, ficaria vazia, e durante certo tempo aquilo seria péssimo.

Sua vida estava baseada firmemente no trabalho, na existência às margens da Corrente do Golfo, na ilha, e certamente resistiria. Os apoios, os hábitos e os costumes deviam todos vencer a solidão, e a essa altura já previa que ele tinha aberto um território inteiramente novo para a solidão tomar conta depois que os meninos tivessem partido. E no entanto não havia nada como lutar contra isso. Tudo sobreviria mais tarde e, uma vez que era inevitável, não adiantava entregar-se desde já a temores.

O verão, até agora, fora felicíssimo e perfeito. Tudo o que podia ter saído mal tinha saído bem. Não se referia apenas a coisas espetaculares, como Roger e o sujeito no cais, que podiam ter saído péssimas; nem a David e o tubarão; mas a tudo quanto é espécie de pequeninas coisas que tinham saído bem. A felicidade é frequentemente descrita como chatíssima, mas, pensou, acordado na cama, isso se explica porque as pessoas chatas às vezes são muito felizes e as inteligentes podem e de fato conseguem andar por aí infelicitando a si mesmas e às demais. Nunca havia achado a felicidade chata. Sempre lhe parecera mais empolgante do que qualquer outra coisa e capaz de uma intensidade tão grande como a dor para aqueles que fossem capazes de tê-la. Talvez isso não seja verdade, mas há bastante tempo acreditava piamente nisso e nesse verão fazia já um mês que experimentava a felicidade, e agora, durante as noites, sentia falta dela mesmo antes de se extinguir por completo.

Sabia quase tudo o que é necessário saber em matéria de vida solitária e o que significa viver em companhia de alguém que a gente amou e que amou a gente. Sempre amara os filhos, mas antes nunca havia compreendido até que ponto os amava e como era ruim viver sem eles. Gostaria de tê-los sempre a seu lado e de ainda estar casado com a mãe de Tom. Depois considerou esse desejo tão tolo quanto querer possuir toda a riqueza do mundo para usá-la da maneira mais

inteligente possível, quanto ser capaz de desenhar como Leonardo ou pintar tão bem quanto Pieter Bruegel, quanto dispor de um poder de veto absoluto contra qualquer tipo de maldade e saber percebê-la de modo infalível e sempre justo no momento em que se manifestasse, suprimindo-a simplesmente pela ação de um botão, enquanto que ele, ao mesmo tempo, continuaria sadio e eternamente vivo, sem decair no espírito nem no corpo. Tudo isso, pensava na calada da noite, seriam algumas das coisas que valia a pena querer. Mas era-lhe impossível alcançá-las, e muito menos conservar ali os filhos, assim como o que se amou não pode seguir existindo, se o que se amou já morreu ou desapareceu de nossa vida. Entre tantas coisas que nunca poderia ter, restava-lhe a possibilidade de algumas, das quais uma era saber quando se sentia feliz e aproveitar essa sensação ao máximo enquanto durasse e fosse boa. Havia muitas que contribuíam para isso. Mas agora, neste mês, quatro pessoas tinham conseguido, de certo modo, algo equivalente ao que uma única lograra outrora, e por enquanto não se registrara nenhuma tristeza. Não se registrara absolutamente nenhuma tristeza.

Nem sequer se aborrecia com aquela insônia e então lembrou como era antigamente, quando não podia dormir e ficava a noite inteira acordado, recriminando-se pela perda dos três meninos e pelo seu procedimento de idiota. Recriminando-se por coisas que não lhe fora possível evitar, ou que julgara impossível evitar, passando de um erro desastroso de julgamento a outro pior ainda. Agora aceitava tudo como fato consumado e não queria sentir remorso. Tinha sido um tolo e não gostava de tolos. Mas isso já pertencia ao passado, os meninos ali estavam, o amavam e ele os amava. De momento, era o que lhe interessava.

Iriam embora dentro em breve, e ele retornaria a sua solidão. Que representaria apenas uma fase, a ser interrompida quando regressassem nas próximas férias. Se Roger ficasse para trabalhar e lhe fazer companhia, seria muito mais fácil. Mas Roger era imprevisível. Sorriu no escuro ao pensar nele. Depois sentiu pena, até que se lembrou de como isso era desleal e de como Roger detestava a companhia. Conteve-se e, escutando o suave ressonar de todos, adormeceu.

Mas despertou outra vez com o luar a lhe banhar o rosto e se pôs a pensar em Roger e nas mulheres com quem se envolvera. Tanto ele quanto Roger tinham se portado mal e estupidamente com mulheres. Não queria ruminar as próprias estupidezas, por isso resolveu dedicar-se às de Roger.

Não vou ter pena dele, pensou, portanto não será deslealdade. Eu mesmo já me envolvi em tantas encrencas que analisar as de Roger não implica deslealdade. As minhas são diferentes, porque só amei de fato uma única mulher, que depois perdi. Sei perfeitamente o motivo. Mas não quero pensar mais nisso e provavelmente seria bom não pensar em Roger tampouco. Mas esta noite, por causa do luar que, como sempre, lhe tirava o sono, se pôs a pensar nele, e nos seus problemas, sérios e cômicos.

Lembrou-se da última moça por quem Roger se apaixonara em Paris quando ambos viviam lá, e de como lhe parecera lindíssima e falsa quando Roger a trouxera ao ateliê. Para Roger ela nada tinha de falsa. Era outra de suas ilusões e colocara todo o seu grande talento para ser fiel à disposição dela até que ambos estivessem livres para casar. Depois, em menos de um mês, tudo o que sempre fora óbvio para os que a conheciam de repente tornou-se óbvio para Roger. Devia ter sido um dia difícil quando isso aconteceu, mas o processo de enxergá-la com lucidez já vinha ocorrendo há certo tempo quando Roger apareceu no ateliê. Começou a olhar um pouco as telas, fazendo comentários críticos inteligentes. E então falou:

— Disse à tal de Ayers que não vou casar com ela.

— Ótimo — tinha retrucado Thomas Hudson. — Ela se surpreendeu?

— Não muito. Já se tinha tocado no assunto. É uma farsante.

— Não. De que maneira?

— De ponta a ponta. Por qualquer lado que se for analisá-la.

— Julguei que você gostasse dela.

— Não. Tentei gostar. Mas não houve jeito, a não ser no início. Apaixonei-me por ela.

— Como é isso de se apaixonar?

— Você devia saber.

— É — tinha retrucado Thomas Hudson. — Eu devia saber.

— Você não simpatizava com ela?

— Não. Achei-a insuportável.

— Por que não disse nada?

— Era sua namorada. E você não me perguntou.

— Já falei pra ela. Mas agora vou ter que insistir.

— É melhor você dar o fora.

— Não. Ela que dê.

— Pensei apenas que fosse mais simples.

— Esta cidade é tanto minha quanto dela.

— Eu sei — tinha dito Thomas Hudson.

— Você também teve que acabar com aquela outra à força, não foi? — tinha perguntado Roger.

— Tive. Com elas nunca se consegue ter razão. Mas pode-se resolver à força. Por que você não muda de bairro?

— Sinto-me muito bem onde estou — tinha dito Roger.

— Conheço a fórmula. *Je me trouve très bien ici et je vous prie de me laisser tranquille.*

— Começa com *je refuse de recevoir ma femme*. E a gente declara isso a um huissier. Mas não se trata de divórcio. Apenas de um rompimento.

— Mas continuar vendo-a não vai ser duro pra você?

— Não. Vai curar-me. Bastará vê-la e ouvi-la falar.

— E ela?

— Ela que deduza por si mesma. Ela deduziu à beça nos últimos quatro anos.

— Cinco — corrigira Thomas Hudson.

— Não acho que tenha deduzido tanto assim no primeiro ano.

— É melhor você sumir do mapa — aconselhara Thomas Hudson. — Se acha que ela não estava tirando conclusões no primeiro ano, é melhor sumir para o mais longe possível.

— Ela escreve cartas muito persuasivas. Ir pra longe seria pior. Não. Vou ficar e me espalhar por aí. Vou curar-me de vez.

Depois de romper com essa moça em Paris, Roger se espalhou pela cidade; mas se espalhou mesmo. Ridicularizava a situação, debochando de si mesmo; no

íntimo, porém, estava furioso por ter feito tão grande papel de palhaço. Então pegou o talento que possuía para ser fiel às pessoas, o melhor que tinha, junto com os de pintar, escrever e uma série de esplêndidas características humanas e instintivas, e dedicou-se a desgastar e espezinhar miseravelmente esse talento. Durante essa fase não fez nada de bom para ninguém, muito menos para si próprio, coisa que sabia e detestava, sentindo prazer em derrubar as colunas do templo. Era um templo ótimo, resistente e, quando erigido no íntimo da gente, bastante difícil de ser derrubado. Mas ele se esforçou ao máximo para isso.

Teve três namoradas de uma enfiada, nenhuma das quais Thomas Hudson pôde tratar com mais que mera civilidade, e a única desculpa para as duas últimas talvez fosse que lhe recordassem a primeira, que surgiu logo depois da tal do rompimento e representou uma espécie de degradação social para Roger, embora posteriormente chegasse a fazer carreira de grande êxito, tanto em cima como fora da cama, abiscoitando uma das três ou quatro maiores fortunas da América e, finalmente, casando com outra. Seu nome era Thanis, e Thomas Hudson lembrava que Roger nunca conseguia ouvi-lo sem um estremecimento, evitando dizê-lo; ninguém jamais o ouviu pronunciá-lo. Chamava-a sempre de a Grande Cadela. Morena, de pele linda, parecia uma figura muito jovem, bem-vestida, requintadamente perversa, saída da família Cenci. Tinha a moral de um aspirador de pó e alma de caixa registradora, o corpo perfeito e aquele belo rosto maldoso. Ficou com Roger apenas o tempo suficiente para se aprontar para o primeiro degrau na escada ascendente da vida.

Foi a primeira namorada que o abandonou, e Roger se impressionou tanto com o fato que teve mais duas, tão parecidas que dir-se-iam membros da mesma família. Mas abandonou ambas, realmente abandonou-as, e Thomas Hudson achou que isso o fizera sentir-se melhor; embora a diferença não fosse lá tão marcante assim.

É provável que existam maneiras mais educadas e gentis de abandonar uma moça do que simplesmente, sem o mínimo aborrecimento e a menor briga, pedir-lhe licença para ir ao toalete do 21 e nunca mais voltar. Mas, como disse Roger, ele fez questão de pagar a conta na portaria antes de sumir e gostava de lembrar a

última visão que tivera dela, sentada sozinha na mesa de canto naquele cenário que lhe caía tão bem e que tanto amava.

Planejou abandonar a outra no Stork, que era o lugar que ela mais adorava, porém receou que Mr. Billingsley talvez não aprovasse, e precisava pedir dinheiro emprestado a Mr. Billingsley.

— Então onde a abandonou? — tinha-lhe perguntado Thomas Hudson.

— No El Morocco. Assim podia sempre lembrá-la sentada ali, no meio das peles de zebras. Ela também gostava do El Morocco — disse ele. — Mas acho que era o Cub Room que estava gravado no coração dela.

Depois disso, envolveu-se com uma das mulheres mais fingidas que Thomas Hudson conheceu em toda a sua vida. Era completamente diferente dos três últimos tipos de Cencis ou Bórgias de Park Avenue em questão de beleza. Parecia efetivamente saudável; tinha cabelo castanho comprido, boas pernas, corpo ótimo e um rosto inteligente, vivo. Apesar de não ser bonita, era bem mais atraente que a maioria. E os olhos eram lindos. Inteligente, extremamente afável e cheia de encanto logo à primeira vista, passava o tempo todo bebendo. Não que fosse alcoólatra: o vício ainda não transparecera. Mas não fazia outra coisa. A gente em geral percebe nos olhos quem anda mesmo bebendo, e em Roger, por exemplo, isso se tornava imediatamente flagrante. Mas essa moça, Kathleen, tinha olhos castanhos realmente bonitos, que combinavam com o cabelo e com as pequenas sardas simpáticas de saúde e boa índole em torno do nariz e das faces — e nunca se notava neles o que estava havendo. Parecia uma moça que saía frequentemente de veleiro ou que fazia uma espécie de vida ao ar livre muito saudável e que fosse felicíssima. Em vez disso, era apenas uma moça que estava bebendo. Andava numa viagem bem estranha, rumo a um lugar desconhecido, e durante certo tempo levou Roger junto consigo.

Mas uma manhã ele surgiu com o dorso da mão esquerda coberto de queimaduras de cigarro, no ateliê que Thomas Hudson tinha alugado em Nova York. Dava impressão de que alguém havia posto tocos de cigarro fora esfregando-os numa toalha de mesa; só que a toalha de mesa era o dorso da sua mão.

— Foi o que ela quis fazer ontem à noite — disse ele. — Tem um pouco de iodo? Eu não queria aparecer numa farmácia desse jeito.

— Ela quem?

— Kathleen. O protótipo do ar puro revigorante.

— Mas bem que você permitiu.

— Ela parecia estar se divertindo, e o nosso dever é diverti-las.

— Você se queimou pra burro.

— Até que não. Mas vou dar o fora desta cidade por algum tempo.

— Aonde quer que você vá, estará sempre levando junto você mesmo.

— Sim. Mas não estarei levando comigo uma porção de pessoas que conheço.

— Pra onde é que você pretende ir?

— Pro oeste, por algum tempo.

— A geografia não é cura pro que lhe está acontecendo.

— Não. Mas uma vida saudável, de bastante trabalho, não seria mau. Deixar de beber talvez não me cure. Mas beber, sem sombra de dúvida, já não serve pra nada.

— Bem, então dê o fora, porra. Quer ir lá pra fazenda?

— Ainda é sua?

— Em parte.

— Não faz mal que eu vá pra lá?

— Claro que não. Mas aquilo lá até a primavera é duro, e mesmo na primavera não é mole.

— Eu quero que seja duro — tinha afirmado Roger. — Vou partir da estaca zero.

— Quantas vezes você já disse isso?

— Até perdi a conta. Não precisa bater sempre na mesma tecla.

E agora ia partir da estaca zero de novo. Como se sairia desta vez? Como podia pensar que desperdiçando o talento e escrevendo sob encomenda, obedecendo a uma fórmula monetariamente rendosa, lhe permitiria escrever bem e com sinceridade? Tudo o que um pintor pinta ou um escritor escreve constitui parte do treinamento e preparação para o que deve fazer. Roger havia jogado fora, abusado e gasto seu talento. Mas talvez ainda possuísse bastante energia animal e inteligência

desapaixonada para começar tudo de novo outra vez. Qualquer escritor de talento, julgava Thomas Hudson, devia ser capaz de escrever um bom romance se fosse sincero. Mas durante o tempo todo que precisava estar treinando para isso, Roger tinha empregado mal o seu talento. Como saber se esse talento ainda existia? Para não falar na técnica, convinha acrescentar. Como é que alguém pode supor que seja possível negligenciar, desdenhar ou tratar com descaso a habilidade profissional, por mais fingido que esse descaso possa ser, e depois esperar encontrá-la ao alcance das mãos e do cérebro quando chega a hora em que é fundamental possuí-la? Não há substituto para ela, pensou Thomas Hudson. Nem tampouco para o talento, e ninguém precisa guardá-los num cálice sagrado. Um se acha no íntimo da gente. No coração, na cabeça, em todos os órgãos. E o outro também, pensou. Não se trata de um mero conjunto de ferramentas que se tem que aprender a manejar.

Ser pintor já é uma sorte maior, pensou, porque se dispõe de mais recursos para usar. Temos a vantagem de trabalhar com nossas mãos, e a técnica que aperfeiçoamos é uma coisa real, tangível. Mas Roger agora terá que começar a usar o que deixou embotar, desvirtuar e depreciar, e tudo isso está na cabeça dele. No fundo, porém, ele possui algo esplêndido, vigoroso e belo. Eis aí uma palavra que me exigiria muito cuidado se eu fosse escritor, pensou. Mas ele dispõe de um trunfo que é a sua maneira de ser, e caso consiga escrever do mesmo jeito que brigou no cais, talvez seja cruel, mas há de ser ótimo. E se puder raciocinar com tanta lucidez como raciocinou depois daquela briga, o resultado também tem que ser ótimo.

O luar não banhava mais a cabeceira da cama, e aos poucos Thomas Hudson parou de pensar em Roger. Preocupar-se com ele não resolve. Ou ele pode fazer, ou não pode. Mas seria magnífico se pudesse. Gostaria de poder ajudá-lo. Talvez possa, pensou, e então adormeceu.

9



Quando raiou o dia, Thomas Hudson desceu à praia, nadou e depois tomou café antes que os outros levantassem. Eddy disse que achava que não ia haver muita brisa e talvez até sobreviesse uma calmaria. E que os petrechos estavam todos em perfeita ordem no barco e já tinha mandado um moleque à procura de iscas.

Thomas Hudson perguntou-lhe se testara as linhas de pesca, uma vez que fazia muito tempo que o barco não saía à cata de peixe grande, e Eddy respondeu que sim, que havia retirado toda a linha podre. Disse que teriam que conseguir um pouco de fio trinta e seis e bastante do vinte e quatro. Thomas Hudson prometeu mandar buscar. Nesse entretempo, Eddy emendou linha boa em quantidade suficiente para substituir a refugada, e as duas carretilhas grandes ficaram completamente cheias. Tinha limpado e afiado todos os anzóis grandes, e verificado todas as chumbadas e argolas móveis.

— Quando você fez tudo isso?

— Passei a noite inteira emendando linha — disse ele. — Depois trabalhei naquela rede de arremesso nova. Não pude dormir com aquela droga de lua.

— A lua cheia também lhe tira o sono?

— Porra, se tira — disse Eddy.

— Eddy, você acha mesmo que não presta dormir com a lua batendo na cara da gente?

— É o que o pessoal da velha guarda diz. Em todo o caso, a mim sempre faz mal.

— Acha que vamos conseguir alguma coisa hoje?

— Sei lá. Há uns peixes tremendos por aí nesta época do ano. Vai direto pras Isaacs?

— Os meninos querem ir pra lá.

— A gente devia mexer-se logo depois do café. Não pretendo fazer almoço. Já temos salada de caramujo, salada de batata, cerveja, e vou aprontar uns sanduíches. Um presunto que chegou pelo último vapor e um pouco de alface, e a gente pode usar mostarda e aquele chutney.* Mostarda não faz mal pros garotos, faz?

— Creio que não.

— Lá em casa nunca houve mostarda quando eu era pequeno. Ei, aquele chutney também é muito bom. Já comeu em sanduíche?

— Não.

— A primeira vez que você trouxe eu não sabia o que era e experimentei um pouco feito marmelada. É bom à beça. Às vezes eu uso na aveia.

— Por que não faz logo um pouco de caril?

— Encomendei uma perna de carneiro pelo próximo vapor. Espere até que a gente coma umas duas vezes dela (acho que uma basta, com o Tom Jr. e o Andrew comendo), e aí então faremos um caril.

— Ótimo. O que é que você quer que eu providencie antes de irmos embora?

— Nada, Tom. Apenas apresse com a turma. Quer que eu lhe prepare um drinque? Hoje você não está trabalhando. Bem que podia tomar um.

— Vou tomar uma cerveja gelada na hora do café.

— Boa ideia. Corta essa maldita apatia.

— O Joe ainda está por aí?

— Não. Saiu atrás do moleque que foi buscar isca. Vou servir-lhe o café lá fora.

— Não, deixe que eu levo.

— Não, vá lá pra dentro, tome uma cerveja gelada e leia o jornal. Já passei toda a roupa a ferro. Eu trago o café.

Havia picadinho de carne em conserva, escuro, com um ovo por cima, café com leite e um copo enorme de suco de toranja gelado. Thomas Hudson deixou o café e o suco de lado e bebeu uma Heineken geladíssima com o picadinho.

— Vou guardar o suco no gelo pros garotos — disse Eddy. — Cerveja boa pra tomar de manhã cedo, né?

— Seria fácilimo eu virar beberrão, hem, Eddy?

— Você nunca havia de virar. Gosta de trabalhar demais.

— Mas beber de manhã dá uma sensação tremendamente boa.

— Puta merda, se dá. Ainda mais uma cerveja como essa.

— Só que eu não poderia beber e depois trabalhar.

— Bem, já que não está trabalhando hoje, qual é o problema? Acabe logo com essa garrafa que eu busco outra.

— Não. Uma basta.

Partiram às nove horas e desceram o canal com a maré. Thomas Hudson pilotava o timão no segundo convés, dirigindo o barco para fora da barra e zarpando direto para onde divisava o horizonte escuro do Golfo. A água estava tão calma e cristalina que podiam enxergar nitidamente o fundo a trinta braças, as algas marinhas se curvando ante a corrente da maré, e ainda, apesar de vagamente, a quarenta braças; depois se aprofundou, escureceu, e se encontraram ao largo, nas águas negras da corrente.

— Parece que vai fazer um dia maravilhoso, pai — disse Tom Jr. — A corrente parece boa.

— É uma corrente ótima. Repare o pequeno encrespamento de redemoinhos junto das extremidades.

— Esta não é a mesma água lá na praia, defronte à casa?

— Às vezes, Tommy. A maré baixou e empurrou a corrente pra fora da enseada do porto. Vê, lá perto da praia, onde não há abertura, ela conseguiu chegar perto de novo.

— Dá impressão de estar quase tão azul lá como aqui. O que é que deixa a água do Golfo tão azul assim?

— Uma densidade diferente de água. É um tipo de água completamente diverso.

— Mas a profundidade a escurece mais.

— Só quando se olha de cima. Às vezes os plânctons lá embaixo ficam quase roxos.

— Por quê?

— Porque acrescentam vermelho ao azul, acho eu. Sei que o mar Vermelho tem esse nome porque os plânctons o deixam realmente dessa cor. Lá existem concentrações fantásticas deles.

— Você gostou do mar Vermelho, pai?

— Muito. Era terrivelmente quente, mas nunca vi recifes tão fabulosos, e ele fica cheio de peixe nas duas monções. Você ia gostar, Tom.

— Li dois livros em francês sobre ele, de Mr. de Montfried. Eram ótimos. Ele estava no tráfico de escravos. Não de escravas brancas. Os velhos tempos da escravidão. É amigo de Mr. Davis.

— Eu sei — disse Thomas Hudson. — Também o conheço.

— Mr. Davis me contou que uma vez Mr. de Montfried voltou do tráfico de escravos pra Paris e, quando saía com alguma senhora, pedia ao chofer do táxi pra descer a tolda e depois orientava o chofer pra tudo quanto era lugar que quisesse ir, guiando-se só pelas estrelas. Suponhamos que Mr. de Montfried estivesse na Pont de la Concorde e quisesse ir à Madeleine. Ele não pedia simplesmente ao chofer pra levá-lo à Madeleine ou pra atravessar a Place de la Concorde e subir a Rue Royale como você ou eu faríamos, pai. Mr. de Montfried se dirigia à Madeleine se baseando pela Estrela do Norte.

— Essa de Mr. de Montfried eu não sabia — disse Thomas Hudson. — Tinha ouvido falar numa porção de outras.

— É uma maneira meio complicada de andar por Paris, não acha? Mr. Davis quis entrar uma vez pro tráfico de escravos com Mr. de Montfried, mas houve um empecilho qualquer. Não lembro mais qual. Ah, sim, agora me lembrei. Mr. de Montfried tinha abandonado o tráfico de escravos e entrado no do ópio. Foi isso.

— Mr. Davis não quis entrar pro do ópio?

— Não. Lembro que ele falou que achava que ia deixar o tráfico do ópio pra Mr. de Quincey e Mr. Cocteau. Falou que iam se sair tão bem que não achava direito atrapalhá-los. Foi um desses comentários que nunca consegui entender. Pai, você sempre explica tudo o que eu quero saber, mas antes eu interrompia tanto a conversa com minhas perguntas o tempo todo que passei apenas a gravar certas coisas que não entendia pra perguntar na primeira oportunidade, e essa é uma delas.

— Você deve ter feito um estoque respeitável.

— Tenho centenas. Milhares, provavelmente. Só que todos os anos diminuo uma boa parte, descobrindo-as por mim mesmo. Mas algumas eu sei que vou ter que lhe perguntar. Este ano no colégio sou capaz de fazer uma lista pra uma redação em inglês. Tenho algumas tremendamente interessantes pra uma redação desse gênero.

— Você gosta do colégio, Tom?

— É uma dessas coisas que a gente tem que aceitar. Acho que ninguém gosta de colégio, não é mesmo? Mas o que é que se vai fazer?

— Não sei. Eu odiava.

— Não gostava nem das aulas de pintura?

— Não. Gostava de aprender a desenhar, mas não gostava da obrigação de ir à aula.

— Pra mim realmente tanto faz — disse Tom. — Mas, depois de a gente passar a vida com homens como Mr. Joyce, Mr. Pascin, você e Mr. Davis, andar com pirralhos parece criancice.

— Mas você se diverte, não é?

— Ah, sim. Tenho amigos à beça e gosto de qualquer esporte que não se tenha que andar atirando ou apanhando bolas, e estudo muito. Mas, pai, não é uma vida lá muito interessante.

— Foi o que sempre me pareceu — concordou Thomas Hudson. — Mas a gente faz o possível pra animá-la.

— Eu faço. Animo-a ao máximo que posso e não penso em deixá-la. Mas às vezes é uma coisa muito fechada.

Thomas Hudson olhou para a popa, onde o sulco se abria ondulado no mar calmo e as duas iscas pendiam das toleteiras, afundando e saltando no redemoinho das ondas que o sulco erguia ao cortar a calmaria. David e Andrew estavam sentados de caniço em punho nas duas cadeiras de pesca. Thomas Hudson via-lhes as costas. Tinham o rosto virado para a popa, vigiando as iscas. Olhou em frente, para umas sardas que pulavam, sem agitar nem perturbar as águas, mas surgindo e tornando a cair isoladamente ou aos pares, mal provocando qualquer distúrbio na superfície ao se levantarem, refulgindo ao sol, e voltando, as cabeças pesadas para baixo para mergulhar quase sem esguichar água.

— Peixe! — Thomas Hudson ouviu Tom Jr. gritar. — Peixe! Peixe! Aí vem um. Atrás de você, Dave. Olhe só!

Thomas Hudson viu uma ebulição enorme na água, mas não conseguiu enxergar o peixe. David tinha o cabo do caniço na junção e estava olhando para o prendedor na linha da toleteira. Thomas Hudson viu a linha cair da toleteira numa curva longa, lenta, que esticou ao bater na água e agora corria enviesada, enquanto recortava a água.

— Bata nele, Dave. Bata com força nele — gritou Eddy à porta da escada do tombadilho.

— Bata nele, Dave. Pelo amor de Deus, bata nele — implorou Andrew.

— Cale a boca — retrucou David. — Estou manobrando.

Ainda não tinha desferido a pancada, e a linha estava vergando fortemente naquele ângulo; o caniço arqueou, o menino retendo-o enquanto a linha se afastava. Thomas Hudson diminuía a velocidade das máquinas a um sussurro quase inaudível.

— Ah, pelo amor de Deus, bata nele — suplicou Andrew. — Senão deixe que eu bato.

David se limitou a reter o caniço e olhar para a linha que se afastava no mesmo ângulo fixo. Tinha afrouxado o travão.

— É um juvira, pai — disse, sem levantar os olhos. — Vi a espada quando ele físgou.

— Palavra de honra? — perguntou Andrew. — Oba!

— Eu acho que você tem que bater nele de uma vez. — Roger estava ao lado do menino, o corpo soerguido do encosto da cadeira, e afivelava o arnês de couro na carretilha. — Bata nele de uma vez, Dave, mas bata pra valer.

— Acha que já mordeu que chega a isca? — perguntou Dave. — Não lhe parece que está apenas prendendo com a boca e nadando com ela?

— Acho melhor você bater logo antes que ele a solte.

David firmou os pés, apertou o travão bem para baixo com a mão direita e bateu com força contra o grande peso. Bateu pela segunda e terceira vez, curvando o caniço feito um arco. A linha se afastou ainda mais. Não tinha causado o mínimo efeito sobre o peixe.

— Bata de novo, Dave — disse Roger. — Castigue o bruto.

David tornou a bater com toda a força, e a linha começou a correr feito doida, curvando tanto o caniço que mal dava para segurá-lo.

— Ah, Deus! — exclamou com unção. — Acho que agora acertei.

— Afrouxe um pouco o travão — aconselhou Roger. — Gire o barco, Tom, e cuide da linha.

— Girando o barco e cuidando da linha — gritou Thomas Hudson. — Tudo bem com você, Dave?

— Tudo ótimo, pai — respondeu David. — Ah, meu Deus, se eu pudesse pegar esse peixe!

Thomas Hudson virou o barco quase de popa. A linha de Dave estava quase no fim da carretilha, e Thomas Hudson se aproximou mais do peixe.

— Agora segure-se bem e puxe essa linha de volta — disse Roger. — Esforce-se com ele, Dave.

David levantava, enrolava e se abaixava ao mesmo tempo, levantava, enrolava e se abaixava ao mesmo tempo, com a regularidade de uma máquina, e conseguiu reaver boa parte da linha na carretilha.

— Ninguém jamais pegou um juvira na nossa família — disse Andrew.

— Ah, vê se cala essa boca, azar — implorou David. — Por favor.

— Pois sim — retrucou Andrew. — Não parei de rezar desde que você o fisgou.

— Acha que ele não vai soltar a isca? — cochichou Tom Jr. ao pai, que segurava o timão e espiava para baixo pela popa, observando a linha branca enviesada na água escura.

— Espero que não. David não tem força suficiente pra arcar com ele.

— Farei qualquer coisa se conseguirmos pegá-lo — disse Tom Jr. — Qualquer coisa. Abro mão de tudo. Prometo o que quiserem. Traga um pouco d'água para ele, Andy.

— Já tenho aqui — disse Eddy. — Não larga ele, Dave!

— Não quero que fique mais perto — gritou Roger. Era grande pescador e entendia-se perfeitamente com Thomas Hudson no barco.

— Vou deixá-lo de popa — gritou Thomas Hudson, girando suavemente e sem pressa a embarcação, de modo que a popa mal agitasse o mar calmo.

O peixe agora estava mergulhando, e Thomas Hudson recuou o barco bem devagar para diminuir ao máximo a pressão sobre a linha. Mas bastou um movimento mínimo de ré, com a popa se aproximando lentamente do peixe, para desfazer todo o ângulo da linha. A ponta do caniço virou completamente para baixo, e a linha disparou numa série de arrancos contínuos, cada qual empinando o caniço nas mãos de David. Thomas Hudson deslizou o barco adiante apenas o suficiente para que o menino não ficasse com a linha tão esticada e mergulhada na água. Sabia a força que essa posição estava exigindo de suas costas, mas David precisava reter toda a linha que pudesse.

— Não dá pra travar mais, senão quebra — disse David. — O que é que ele vai fazer, Mr. Davis?

— Simplesmente continuar a ir pro fundo até que você o obrigue a parar — respondeu Roger. — Ou até que ele pare. Depois você terá que tentar içá-lo.

A linha não cessava de correr e mergulhar, correr e mergulhar, correr e mergulhar. O caniço já estava tão vergado que parecia que ia partir-se, a linha ficou tensa como uma corda de violoncelo afinado, e na carretilha não restava quase mais nada.

— O que que eu faço, pai?

— Nada. Você está fazendo o que se pode fazer.

— Ele não vai bater lá no fundo? — perguntou Andrew.

— Não tem fundo nenhum — explicou Roger.

— Segure ele, Davy — disse Eddy. — Ele acaba cansando e sobe.

— Esta droga de tirante tá me matando — disse David. — Corta-me o ombro fora.

— Quer que eu me encarregue dele? — perguntou Andrew.

— Não, seu besta — retrucou David. — Apenas disse que me machucava. Não ligo pra isso.

— Vê se dá pra pôr nele o arnês de rins — gritou Thomas Hudson a Eddy. — Pode amarrar com a linha se os tirantes forem compridos demais.

Eddy passou em torno das costas do menino a ampla almofada de proteção, amarrando com linha grossa as cordas dos tirantes entrelaçados que o prendiam à carretilha.

— Melhorou à beça — disse David. — Muito obrigado, Eddy.

— Agora você pode segurá-lo não só com os ombros como também com as costas — disse Eddy.

— Mas não vai sobrar mais linha — retrucou David. — Ah, merda, por que que ele tem que continuar mergulhando?

— Tom — gritou Eddy. — Vire um pouco a noroeste. Acho que ele tá se mexendo.

Thomas Hudson girou o leme e deslocou o barco devagar, bem lento para o mar alto. Logo adiante havia um enorme sargaço amarelo com um pássaro pousado em cima, e a água estava tão calma, azul e límpida que, ao espiar para ela lá embaixo, viam-se luzes como reflexos de um prisma.

— Vê? — disse Eddy a David. — Agora você não tá perdendo nenhuma.

O menino não conseguia erguer o caniço; mas a linha já não corria aos arrancos para dentro da água. Continuava tensa como antes, e na carretilha não sobravam nem cinquenta metros. Mas não disparava. David estava retendo o peixe, e o barco se mantinha no curso. Thomas Hudson podia ver o recorte apenas perceptível da linha branca mergulhada no mar azul enquanto o barco mal se movia, o motor funcionando tão baixo que nem dava para escutar.

— Sabe, Davy, ele desceu até onde bem entendeu e agora está se deslocando pra onde quer ir. Não demora vai ter um pouco de linha pra ele.

As costas do menino se arquearam, o caniço vergou, a linha se mexeu lentamente na água, e o barco oscilou de leve na superfície — quase quinhentos metros ao fundo, o grande peixe nadava. A gaivota deixou o sargaço, batendo asas em direção a bordo. Esvoaçou em torno da cabeça de Thomas Hudson enquanto ele manobrava o leme e depois partiu, rumo a outro pedaço de sargaço amarelo flutuante.

— Agora experimente dar um pouco de linha pra ele — disse Roger ao menino. — Se conseguir retê-lo, é porque dá pra dar.

— Avance só um bocadinho — gritou Eddy para a ponte, e Thomas Hudson avançou com a máxima suavidade possível.

David levantou e levantou, mas o caniço apenas vergou, e a linha continuou retesada. Era como se estivesse preso a uma âncora imóvel.

— Não faz mal — disse-lhe Roger. — Daqui a pouco você consegue. Como é que está se sentindo, Davy?

— Bem — respondeu David. — Com este arnês nas costas, estou bem.

— Acha que dá pra segurá-lo? — perguntou Andrew.

— Ah, cale a boca — retrucou David. — Eddy, quer me dar um copo d'água?

— Onde foi que eu pus? — perguntou Eddy. — Vai ver que derramou.

— Vou buscar mais. — Andrew desceu a escada.

— Não quer que eu ajude, Dave? — ofereceu-se Tom Jr. — Vou lá pra cima pra não atrapalhar.

— Não, Tom. Porra, por que que não posso levantá-lo?

— É um peixe tremendamente grande, Dave — disse-lhe Roger. — Você não pode sujeitá-lo assim no mais. Terá que guiá-lo e tentar convencê-lo a seguir pra onde ele tem que ir.

— Diga-me o que devo fazer, que eu faço até morrer — disse David. — Confio no senhor.

— Não fale em morrer — retrucou Roger. — Isso não é maneira de falar.

— Estou falando sério — insistiu David. — Palavra.

Tom Jr. foi para a segunda ponte fazer companhia ao pai. Ficaram olhando David lá embaixo, curvado e preso ao peixe pelo arnês, com Roger de pé a seu lado e Eddy lhe segurando a cadeira. Andrew estava encostando o copo d'água na boca de Dave. Ele bebeu um pouco e cuspiu fora.

— Despeje um pouco nos meus pulsos, sim, Andy? — pediu.

— Pai, você acha que ele pode reter mesmo esse peixe? — perguntou Tom em voz baixa.

— É um peixe terrivelmente grande pra ele.

— Apavora-me — disse Tom. — Gosto muito de David e não quero que nenhum peixe de merda o mate.

— Nem eu, nem Roger, nem Eddy tampouco.

— Pois então a gente tem que cuidar dele. Se ele de fato se vir mal, Mr. Davis ou você devia pegar o peixe.

— Ainda falta muito pra ele se ver mal.

— Você não o conhece que nem nós. Ele seria capaz de se matar pra pegá-lo.

— Não se preocupe, Tom.

— Não posso evitar — retrucou Tom Jr. — Sou a única pessoa que sempre se preocupa na família. Um dia espero dominar-me.

— Não me preocuparia agora com isso — disse Thomas Hudson.

— Mas, pai, como é que um menino como o David vai pegar um peixe como esse? Ele nunca pegou nada maior que traíra e lambari.

— O peixe termina cansando. É ele que está com o anzol na boca.

— Mas é de um tamanho monstruoso — disse Tom. — E o Dave está tão preso a ele quanto ele a David. Pra mim é maravilhoso demais acreditar que o David possa pegá-lo, mas gostaria que você ou Mr. Davis conseguisse.

— Dave está se saindo muito bem.

Cada vez se afastavam mais mar adentro, mas ainda havia uma calmaria imperturbável. Já surgiam vários pedaços de sargaços, tão queimados pelo sol que amarelavam na água roxa, e às vezes a tensa linha branca que se deslocava lentamente passava pelo meio de um deles, e Eddy estendia o braço para limpar os que nela se enredavam. Ao se debruçar sobre as braçolas para retirar os sargaços e

arremessá-los longe, Thomas Hudson viu-lhe o pescoço vermelho, queimado e enrugado, o velho chapéu de feltro, e ouviu-o dizer a Dave:

— Ele tá praticamente rebocando o barco, Davy. Tá bem no fundo, só se cansando o tempo todo, sem parar.

— E a mim também — disse David.

— Tá com dor de cabeça? — perguntou Eddy.

— Não.

— Busque um boné pra ele — aconselhou Roger.

— Não precisa, Mr. Davis. Prefiro que me molhem um pouco a cabeça.

Eddy tirou um punhado de água salgada de um balde e molhou cuidadosamente a cabeça do menino com a mão em concha, encharcando-a e puxando o cabelo para trás, longe dos olhos.

— Se ficar com dor de cabeça, avise — disse-lhe.

— Estou bem — retrucou David. — Indique-me o que devo fazer, Mr. Davis.

— Vê se dá pra puxá-lo um pouco — disse Roger.

David tentou, uma, duas, três vezes, mas não conseguiu levantar o peixe nem um milímetro.

— Tá bom. Poupe o fôlego — aconselhou Roger. Depois, para Eddy: — Molhe bem um boné e ponha na cabeça dele. O dia está quente pra burro com essa calmaria.

Eddy encharcou um boné de pala larga no balde de água salgada e colocou-o na cabeça de Dave.

— A água salgada me arde os olhos, Mr. Davis. Sério. Desculpe.

— Eu seco ela com um pouco de água fresca — disse Eddy. — Dê-me um lenço, Roger. Vai buscar um pouco de água gelada, Andy.

Enquanto o menino ficava ali curvado, de pernas escoradas, o corpo arqueado pelo esforço, o barco continuou a avançar vagarosamente mar adentro. A oeste, um cardume de espadartes ou albacoras agitava a calmaria da superfície, e as andorinhas começaram a aparecer em revoada, chamando-se umas às outras durante o voo. O cardume de peixes, porém, mergulhou, e elas pairaram em torno, à espera de que reaparecessem à tona d'água. Eddy tinha secado o rosto do menino e agora molhava

o lenço no copo de água gelada, passando-o pelo pescoço de David. Depois refrescou-lhe os pulsos com ele e, por fim, embebendo-o outra vez na água gelada, torceu-o enquanto o comprimia contra a nuca de David.

— Se ficar com dor de cabeça, avise — repetiu Eddy. — Não é desistir. É apenas ter juízo. O sol esquenta pra burro quando há calmaria.

— Estou muito bem — retrucou David. — Só me dói um pouco nos ombros e nos braços, mais nada.

— É normal — disse Eddy. — Assim você se torna homem. O que ninguém quer é que você pegue uma insolação ou arrebente as tripas.

— O que que ele vai fazer agora, Mr. Davis? — perguntou David, com uma voz que parecia seca.

— Talvez apenas o que está fazendo. Ou pode ser que comece a girar em círculos. Ou então subir à tona.

— É uma pena danada que ele tivesse mergulhado tão fundo no início que nem sobrasse linha pra manobrá-lo — disse Thomas Hudson a Roger.

— Dave o fez parar, isso é o principal — lembrou Roger. — Não demora o peixe há de mudar de ideia. Aí então daremos um jeito nele. Vê se você consegue puxar só um pouco, Dave.

David tentou, mas não houve meio de levantá-lo.

— Ele virá — disse Eddy. — Vocês vão ver. Quando menos se esperar, ele não terá outro jeito, Davy. Quer molhar um pouco a boca?

David indicou que sim com a cabeça. Tinha chegado à fase de poupar o fôlego.

— Cuspa fora — mandou Eddy. — Engula só um pouco. — Virou-se para Roger. — Uma hora exata — avisou. — A cabeça vai bem, Davy?

O menino fez que sim.

— O que você acha, pai? — perguntou Tom Jr. — Francamente?

— Ele me parece muito bem — respondeu o pai. — Eddy não deixaria que lhe acontecesse nada.

— É, acho que não — concordou Tom. — Gostaria de poder fazer alguma coisa de útil. Vou preparar um drinque pro Eddy.

— Prepare também um pra mim, por favor.

— Ah, boa. Vou preparar um pra Mr. Davis também.

— Não creio que ele queira.

— Bem, eu pergunto a ele.

— Tente de novo, Davy — pediu Roger baixinho, e o menino puxou com toda a força, segurando os lados da carretilha com as duas mãos. — Subiu uma polegada — disse Roger. — Prenda com firmeza e veja se consegue levantar um pouco mais.

Agora começava a verdadeira luta. Antes David apenas o havia segurado, enquanto o peixe se afastava mar adentro e o barco o seguia. Mas agora tinha que erguê-lo, mantendo o caniço firme com a linha que recuperara, e depois baixando-o lentamente enquanto puxava a linha para a carretilha.

— Não se afobe — disse-lhe Roger. — Nada de pressa. Apenas conserve-o firme.

O menino estava curvado para frente e puxando para cima desde as solas dos pés, usando toda a força do corpo e todo o peso que podia, cada vez que levantava; depois enrolando depressa com a mão direita à medida que se abaixava.

— O David pesca de um modo tremendamente bonito — comentou Tom Jr. — Ele sempre pescou desde criança, mas nunca pensei que soubesse pescar assim tão bem. Ele vive fazendo troça de si mesmo por não saber jogar nada. Mas olhem só pra ele.

— Ora jogar, porra — disse Thomas Hudson. — Que foi que você falou, Roger?

— Avance só um bocadinho — pediu Roger.

— Avançando só um bocadinho — gritou Thomas Hudson, e no içamento seguinte, ao se deslocarem de leve para frente, David recuperou mais linha.

— Também não gosta de jogar, pai? — perguntou Tom.

— Antes eu jogava. Muito até. Mas não jogo mais.

— Eu gosto de tênis e esgrima — disse Tom. — Os jogos de atirar e apanhar é que não me agradam. Talvez por terem sido criados na Europa. Aposto como o David seria ótimo esgrimista se quisesse aprender, porque é muito inteligente. Mas ele não quer aprender. Só quer saber de ler, pescar, dar tiros e preparar iscas. Ele

atira melhor do que o Andy. Também sabe preparar iscas lindas. Não o estou aborrecendo com toda essa conversa, pai?

— Claro que não, Tom.

Estava se segurando no corrimão da ponte e olhando para baixo, como o pai, que lhe passou a mão pelo ombro. O corrimão estava salgado por causa dos baldes de água do mar que os meninos haviam jogado uns aos outros ali na popa, antes de o peixe físgar a isca. Era um sal muito fino e parecia levemente arenoso ao contato da mão.

— Sabe, fico tão nervoso de olhar pro David que tenho que falar pra desviar a atenção. Nada no mundo me agradaria mais do que o David pegar esse peixe.

— É um peixe grande pra burro. Espere só pra ver.

— Uma vez eu vi um, quando estava pescando com você há muitos anos. Ele bateu com a espada numa isca enorme de cavala, saltou e físgou o anzol. Era imenso, e eu sempre sonhava com ele. Vou lá embaixo preparar os drinques.

— Não há pressa — disse-lhe o pai.

Sentado na cadeira de luta sem encosto, fixa em sua base giratória, David escorava os pés contra a popa e içava com os braços, as costas, as espáduas e as coxas; depois se abaixou, enrolou a linha e içou de novo. Firmemente, uma polegada, duas, três de cada vez; estava conseguindo recuperar uma grande extensão de linha para a carretilha.

— A cabeça vai bem? — perguntou-lhe Eddy, que segurava os braços da cadeira para prendê-la.

David acenou que sim. Eddy pôs a mão no alto da cabeça do menino e apalpou o boné.

— Ainda está úmido — disse. — Você está deixando o bicho doido, Davy. Até parece uma máquina.

— Agora está mais fácil segurá-lo — disse David, a voz ainda áspera.

— Lógico — retrucou Eddy. — Agora tá cedendo um pouco. Do outro jeito ia ser dureza.

— Não ice mais depressa do que você possa — advertiu Roger. — Você está se saindo muitíssimo bem, Dave.

— A gente vai arpoá-lo quando ele subir desta vez? — perguntou Andrew.

— Ah, não grita com ele, por favor — disse David.

— Eu não estava gritando.

— Então fique calado, Andy, por favor. Desculpe.

Andrew subiu ao convés. Tinha posto um dos bonés de pala larga, mas por baixo o pai pôde ver que os olhos estavam úmidos, e o menino desviou a cabeça porque os lábios tremiam.

— Você não disse nada de mau — consolou-o Thomas Hudson.

Andrew respondeu com a cabeça virada para o outro lado:

— Agora se ele perde o peixe vai pensar que foi porque eu falei alto demais — queixou-se. — A única coisa que eu quis foi ajudar a aprontar tudo.

— É normal que o Dave esteja nervoso — explicou o pai. — Ele se esforçou pra falar com bons modos.

— Eu sei — disse Andrew. — Ele tá lutando com o peixe com a mesma força que Mr. Davis teria. Só achei ruim que pensasse isso.

— Muita gente fica irritada quando pega peixe grande. Esse é o primeiro que o Dave pega.

— Você sempre é educado, e Mr. Davis também.

— Mas primeiro não éramos. Quando aprendemos a pescar peixe grande juntos, ficávamos empolgados, grosseiros e sarcásticos. Nós dois éramos terríveis.

— Verdade?

— Claro que sim. Sofríamos e agíamos como se todo o mundo estivesse contra nós. É uma forma natural de ser. A outra é a disciplina ou o bom senso, depois que se aprende. Começamos a ter bons modos porque descobrimos que não se conseguia pegar peixe grande com grosseria e nervosismo. E, se se conseguia, não tinha graça nenhuma. Mas nós dois éramos horríveis mesmo: ficávamos nervosos, magoados, e surgiam mal-entendidos que tiravam toda a graça. Por isso agora sempre lutamos educadamente com eles. Discutimos o assunto e resolvemos ser educados a despeito de tudo.

— Vou ser educado — prometeu Andrew. — Mas com o David às vezes é difícil. Pai, você acha que ele pode pegar *realmente* o peixe? Não é só um sonho ou

coisa que o valha?

— Não falemos mais nisso.

— Eu disse alguma coisa errada de novo?

— Não. É que falar desse jeito parece que sempre dá azar. São os velhos pescadores que dizem. Não sei quem começou com essa lenda.

— Vou tomar cuidado.

— Cá está o seu drinque, pai — disse Tom, alcançando-o da ponte inferior. O copo vinha enrolado num papel de toalha triplo, preso por um elástico para não deixar o gelo derreter. — Botei lima e biter, sem açúcar. É assim que você gosta? Ou quer que eu mude?

— Está ótimo. Você fez com água de coco?

— Sim, e preparei um uísque pro Eddy. Mr. Davis não quis nada. Você vai ficar aí em cima, Andy?

— Não. Vou descer.

Tom subiu, e Andrew desceu.

Virando-se para a popa, Thomas Hudson notou que a linha começava a subir enviesada na água.

— Cuidado, Roger — gritou. — Parece que ele vem vindo.

— Já vem vindo! — berrou Eddy. Também tinha visto a linha enviesada. — Cuidado com o leme.

Thomas Hudson olhou para a carretilha para ver quanta linha havia para a manobra. Ainda não estava nem pela quarta parte e, ao olhá-la, começou a disparar, e Thomas Hudson retrocedeu o barco, virando bem na direção da linha enviesada, e já estava adiantado quando Eddy berrou:

— Volte pro lado dele, Tom. O filho da puta está subindo. Não temos linha nenhuma pra girar.

— Mantenha o caniço pra cima — pediu Roger a David. — Não deixe o peixe virá-lo pra baixo. — Depois, pra Thomas Hudson: — Volte pro lado dele o máximo que puder, Tom. Você está indo pra direita. Dê tudo o que for possível.

Aí então, à popa do barco e a estibordo, a calmaria do oceano se rompeu, e o grande peixe surgiu à tona, erguendo-se, refulgente, azul-escuro e prata, parecendo

sair interminavelmente da água, inacreditável, à medida que seu comprimento e volume se levantavam do mar ganhando altura, aparentemente pairando ali até cair com um estardalhaço que impeliu as águas agitadas e brancas pelos ares.

— Santo Deus! — exclamou David. — Vocês viram?

— Tem uma espada do meu tamanho — comentou Andrew espantado.

— Como é bonito — disse Tom. — É muito melhor do que o que eu tinha no sonho.

— Continue voltando pra ele — pediu Roger a Thomas Hudson. Depois, para David: — Experimente puxar um pouco de linha da barriga dele. Ele veio lá do fundo com uma porção de linha ao redor da barriga, e você pode tirar um pouco daquilo.

Thomas Hudson, aproximando a popa rapidamente do peixe, tinha parado o movimento da linha que saía, e agora David estava içando, abaixando-se e enrolando, e a linha vinha voltando à carretilha com grande ímpeto, tão rápido quanto conseguia rodar o puxador.

— Diminua a velocidade — pediu Roger a Thomas Hudson. — Não queremos passar por cima dele.

— O filho da puta deve pesar uns quinhentos quilos — disse Eddy — Vai puxando essa linha que é mole, garotão.

O oceano estava liso e vazio no lugar em que o peixe tinha saltado, mas o círculo feito onde a água se abrira continuava a se alargar.

— Você viu a água que jorrou quando ele saltou, pai? — perguntou Tom Jr. — Era como se o mar inteiro tivesse explodido.

— E o jeito com que ele parecia que subia cada vez mais alto no ar, Tom? Já viu um azul assim e aquele prateado fantástico?

— A espada dele também é azul — disse Tom Jr. — O dorso todo é azul. Será que pesa mesmo quinhentos quilos, Eddy? — gritou para baixo.

— Acho que sim. Não dá pra dizer. Mas deve pesar uma loucura.

— Puxe toda a linha que puder, Davy, enquanto é tempo — aconselhou Roger. — Você tá puxando muito bem.

O menino estava trabalhando de novo feito máquina, recuperando grande parte da extensão de linha lançada à água, e o barco retrocedia tão devagar que o movimento era apenas perceptível.

— O que que ele vai fazer agora, pai? — perguntou Tom Jr.

Thomas Hudson observava a linha enviesada na água, pensando que seria mais seguro avançar um pouco, mas sabia como Roger sofrera com a enorme quantidade de linha perdida da carretilha. Bastaria o peixe ter dado um puxão forte para arrancar o resto e fugir, e agora Roger se arriscava para guardar alguma de reserva. Enquanto Thomas Hudson observava a linha, viu que David enchera a carretilha quase pela metade e continuava a recuperar mais.

— Que foi que você disse? — perguntou Thomas Hudson a Tom Jr.

— O que que você acha que ele fará agora?

— Espere um instante, Tom — pediu o pai, e gritou para Roger embaixo: — Creio que vamos ter que passar por cima dele, rapaz.

— Então avance com calma — aconselhou Roger.

— Avançando com calma — gritou Thomas Hudson. David já recuperava menos linha do que antes, mas o peixe ficou em posição mais segura.

Depois a linha disparou de novo para dentro d'água, e Roger gritou:

— Desligue o motor.

E Thomas Hudson logo obedeceu, deixando as máquinas paradas.

— Já desliguei.

Roger estava debruçado sobre David, e o menino se escorava, retendo o caniço, enquanto a linha corria sem parar.

— Aperte um pouquinho com ele, Davy — disse Roger. — Vamos dificultar-lhe a coisa.

— Não quero que ele escape — retrucou David. Porém apertou o travão.

— Não vai escapar — garantiu Roger. — Não com esse travão.

A linha continuou a disparar, mas o caniço vergou mais pesado, e o menino se escorou, resistindo à pressão com os pés descalços contra a madeira da popa. Aí então a linha parou de correr.

— Agora você pode puxar mais — avisou Roger ao menino. — Ele está fazendo círculos, e chegou a hora de içar. Puxe de volta tudo o que puder.

O menino se abaixou e enrolou, depois içou; deixou o canço reto; abaixou-se e enrolou. Estava recuperando linha de uma maneira maravilhosa.

— Estou fazendo direito? — perguntou.

— Formidável — respondeu Eddy. — Ele ficou bem fígado, Davy. Eu vi quando ele saltou.

Aí então, enquanto o menino içava, a linha disparou de novo.

— Porra — exclamou David.

— Não faz mal — disse-lhe Roger. — É assim mesmo. Ele já está girando pro lado de lá. Veio em círculos pro lado de cá, e você recuperou linha. Agora ele tá puxando de volta.

Firme, lentamente, com David segurando-o com toda a força que a linha permitia, o peixe puxou de volta tudo o que o menino havia recuperado e um pouco mais ainda. Por fim o menino o reteve.

— Muito bem. Comece a puxá-lo — disse Roger, calmo. — Ele alargou um pouco o círculo dele, mas agora tem que vir.

Thomas Hudson estava usando o motor só de vez em quando, para manter o peixe à popa. Tentava fazer por David tudo o que o barco podia, deixando o menino e a luta ao encargo de Roger. A seu ver, não havia outra coisa a fazer.

No círculo seguinte, o peixe tornou a recuperar um pouco de linha. E no outro também. Mas o menino ainda tinha quase metade de carretilha cheia. Continuava a tratar o peixe exatamente como devia e executando as tarefas toda vez que Roger lhe pedia para fazer alguma coisa. Mas já começava a ficar exausto, e o suor e a água do mar haviam feito manchas salgadas nas costas e ombros queimados.

— Duas horas justas — avisou Eddy a Roger. — Como vai a cabeça, Davy?

— Muito bem.

— Não dói?

O menino fez que não.

— É melhor você tomar um pouco d'água desta vez — aconselhou Eddy.

David acenou que sim e bebeu quando Andrew lhe aproximou o copo dos lábios.

— Como é que você está se sentindo, Davy? Fale a verdade — pediu Roger, debruçando-se para ele.

— Ótimo. Tá tudo bem, menos as costas, as pernas e os braços. — Fechou os olhos um instante e segurou-se aos solavancos do caniço enquanto a linha corria contra o pesado travão. — Não posso conversar — disse.

— Agora já dá pra puxar — avisou Roger, e o menino recomeçou o trabalho.

— David é um santo e um mártir — comentou Tom com o pai. — Nenhum colega meu tem um irmão igual ao David. Não se incomoda que eu fale, pai? Estou horivelmente nervoso com isso.

— Continue falando, Tommy. Nós dois estamos nervosos.

— Ele sempre tem sido formidável, sabe? — disse Tom. — Não é nenhum gênio danado nem atleta como o Andy. É apenas formidável. Eu sei que é dele que você mais gosta, e tá certo, porque ele é o melhor de nós todos, e sei que isso aí deve ser bom pra ele, senão você não permitiria. Mas não resta dúvida que me deixa nervoso.

Thomas Hudson passou-lhe o braço pelo ombro e manobrou o leme, olhando para a popa com apenas uma das mãos na roda.

— O problema, Tommy, é o que isso significaria pra ele, se a gente o forçasse a desistir. O Roger e o Eddy conhecem tudo o que estão fazendo, e sei que gostam muito dele e não o deixariam fazer o que não pode.

— Mas com ele não há limites, pai. Palavra. Sempre quer fazer o impossível.

— Você confia em mim, e eu confio em Roger e Eddy.

— Tá certo. Mas agora vou rezar por ele.

— Reze — disse Thomas Hudson. — Por que foi que você disse que era dele que eu mais gostava?

— Porque tenho certeza.

— Eu gosto de você há mais tempo.

— Não vamos pensar em mim nem em você. Vamos rezar pelo Davy.

— Boa — concordou Thomas Hudson. — Olhe só. Nós o físgamos ao meio-dia em ponto. Agora vai ter um pouco de sombra. Acho até que já tem. Vou virar o barco bem de leve e deixar o Davy na sombra.

Thomas Hudson chamou Roger lá embaixo:

— Se você não se importa, Roger, eu gostaria de virar devagar e deixar o Dave na sombra. Acho que não faz nenhuma diferença pro peixe do jeito que ele tá descrevendo círculos, e nós ficaremos no curso certo dele.

— Ótimo — retrucou Roger. — Eu devia ter pensado nisso.

— Não teve sombra nenhuma até agora — disse Thomas Hudson.

Deu uma volta tão lenta no barco, virando-o de leve à popa, que quase não perderam linha com a manobra. A cabeça e os ombros de David agora estavam protegidos pela parte traseira da casa das máquinas. Eddy enxugava o pescoço e os ombros do menino com uma toalha, passando-lhe álcool nas costas e na nuca.

— Que tal assim, Dave? — perguntou-lhe Tom Jr.

— Maravilhoso — respondeu David.

— Já me sinto melhor em relação a ele — disse Tom Jr. — Sabe, no colégio alguém falou que David era meu irmão só por parte de pai, não irmão de verdade, e eu respondi que não havia nada disso na nossa família. Mas gostaria de não me preocupar tanto, pai.

— Você acaba se acostumando.

— Numa família como a nossa alguém tem que se preocupar — disse Tom Jr. — Mas com você já não me preocupo mais. Agora é com o David. Acho melhor eu ir preparar mais uns drinques. Posso rezar enquanto os preparo. Não quer um, pai?

— Bem que gostaria.

— O Eddy no mínimo precisa urgentemente de outro — opinou o menino. — Já devem ser quase três horas. E durante todo esse tempo ele só tomou um. Não resta dúvida de que ando meio descuidado. Por que você acha que Mr. Davis não aceitaria um, pai?

— Não me parece que ele queira beber enquanto o David estiver passando por tudo isso.

— Talvez agora que o Dave ficou na sombra ele queira. Em todo caso vou perguntar.

Desceu.

— Acho que não, Tommy — Thomas Hudson ouviu Roger dizer.

— O senhor não bebeu nada o dia inteiro, Mr. Davis — insistiu Tom.

— Obrigado, Tommy — disse Roger. — Tome uma cerveja por mim. — Depois chamou ao leme: — Avance devagar, Tom. Ele está vindo melhor nesse curso.

— Avançando devagar — gritou Thomas Hudson.

O peixe continuava a fazer círculos no fundo, mas, na direção que o barco tomara agora, começava a diminuí-los. Era a direção para onde ele queria deslocar-se. Também já era mais fácil de ver a linha enviesada. Dava para enxergar muito melhor o sulco mais profundo na água escura com o sol por trás do barco, e Thomas Hudson achou mais seguro manobrar com o peixe. Pensou na sorte que tinham de que o dia fosse de calmaria, pois sabia que David jamais resistiria ao castigo que sofreria se estivesse enganchado com um peixe dessas proporções num mar apenas moderado. Agora que estava na sombra e o mar permanecia calmo, começou a se sentir melhor com a situação.

— Obrigado, Tommy — ouviu Eddy dizer, e depois o menino subiu com o copo enrolado no papel. Thomas Hudson provou, bebeu um gole e sentiu o frio de acidez da lima, o sabor de verniz aromático da angustura e do gim, dando densidade à leveza da água de coco gelada.

— Está bom, pai? — perguntou o menino. Tinha trazido uma cerveja da geladeira que transpirava gotas frias ao sol.

— Excelente — respondeu. — Você pôs bastante gim também.

— Tinha que pôr — disse Tom Jr. — Porque o gelo derrete depressa. A gente precisava ter uma espécie de encaixes isolados pro gelo não derreter nos copos. Vou ver se invento alguma coisa no colégio. Acho que poderia fazer com pedaços de cortiça. Talvez apronte alguns pra lhe dar de Natal.

— Espie só o Dave — avisou o pai.

David tratava o peixe como se tivesse apenas iniciado a luta.

— Veja como ele é uma tábua — disse Tom Jr. — O peito e as costas são absolutamente iguais. Até parece que foram grudados juntos. Mas ele tem os músculos de braço mais compridos que já vi. São tão longos na parte de trás como na da frente. O bíceps e o tríceps, quero dizer. Não resta dúvida de que ele possui uma constituição estranhíssima, pai. É um garoto esquisito e o irmão mais danado de bom que a gente possa ter.

Lá embaixo, Eddy tinha secado o copo e estava enxugando as costas de David outra vez com a toalha. Depois passou-a pelo peito e pelos braços compridos do menino.

— Tudo bem, Davy?

Ele acenou afirmativamente com a cabeça.

— Escute — disse-lhe Eddy. — Já vi homem feito, forte, com ombros feito um touro, ficar com medo e desistir com a metade do trabalho que você já aplicou nesse peixe.

David continuou trabalhando.

— Homem grande. O seu pai e o Roger conhecem ele. Tarimbado. Pescando o tempo todo. Fisgou o maior peixe desgraçado que já foi fisgado, e ficou com medo e desistiu só porque sentiu dor. O peixe deixou ele todo dolorido, e ele desistiu. Continue firme, mais nada, Davy.

David não respondeu. Estava poupando fôlego e puxando, abaixando-se, erguendo-se e enrolando.

— Esse maldito peixe é forte assim porque é macho — disse Eddy. — Se fosse fêmea, já teria desistido há muito tempo. Teria arreventado as entranhas, ou o coração ou os ovários. Nesse tipo de peixe o macho é o mais forte. Numa porção de outros, a fêmea é que leva vantagem. Mas não com um juvira. Ele é tremendo de forte, Davy. Mas você vai pegar ele.

A linha recomeçou a correr. David fechou os olhos um instante, escorando os pés descalços contra a madeira, agarrado ao caniço, e descansou.

— Isso mesmo, Davy — disse Eddy. — Só trabalhe na hora de trabalhar. Ele tá apenas andando em círculos. Mas o travão o obriga a se esforçar e cada vez o cansa mais.

Eddy virou a cabeça, espiou lá embaixo, e Thomas Hudson percebeu pela maneira com que espremia os olhos que estava olhando para o grande relógio de metal na parede da cabina.

— São três e cinco, Roger — anunciou. — Faz três horas e cinco minutos que você está às voltas com ele, garotão.

Tinham chegado à altura em que Dave teria que começar a puxar a linha. Mas em vez disso ela continuava a correr sem parar.

— Ele tá mergulhando de novo — disse Roger. — Cuidado, Davy. Dá pra ver a linha direito, Tom?

— Dá, sim — respondeu Thomas Hudson.

Ainda não ficara bem enviesada e podia vê-la nitidamente na água ali de cima da casa das máquinas.

— É capaz de querer ir morrer lá no fundo — disse Thomas Hudson ao filho mais velho, num sussurro. — Dave ficaria inconsolável.

Tom Jr. sacudiu a cabeça e mordeu os lábios.

— Segure-o com toda a força, Dave — Thomas Hudson ouviu Roger dizer. — Aperte bem e aplique o máximo de força possível.

O menino apertou o travão quase a ponto de quebrar o caniço e a linha, e depois se firmou, escorando-se para aceitar o castigo da forma mais suportável, enquanto a linha não parava de disparar, descendo cada vez mais.

— Quando você o parar desta vez, acho que já terá dado cabo dele — disse Roger a David. — Desligue o motor, Tom.

— Já desliguei — retrucou Thomas Hudson. — Mas creio que eu poderia poupar um pouco de recuo.

— OK. Tente.

— Vou recuar agora — avisou Thomas Hudson.

Poupavam um pouco de linha com o recuo, mas não muita, e ela estava ficando terrivelmente tensa, para cima e para baixo. Havia menos na carretilha do que no pior momento anterior.

— Você vai ter que puxar pela popa, Davy — disse Roger. — Terá que afrouxar o travão um pouco pra içar a cabeça.

David afrouxou o travão.

— Agora ponha o cabo no seu apoio. Segure-o pela cintura, Eddy.

— Ah, meu Deus, pai — disse Tom Jr. — Agora o peixe arrasta-o direitinho pro fundo.

David já estava ajoelhado na popa inferior, o caniço tão vergado que a ponta ficara mergulhada, com o cabo no suporte de couro amarrado em torno de sua cintura. Andrew se segurava aos pés de David, e Roger, de joelhos ao lado, olhava a linha na água e o pouco que sobrava na carretilha. Sacudiu a cabeça para Thomas Hudson.

Agora não havia mais do que vinte metros na carretilha, e David estava sendo puxado para baixo com metade do caniço dentro da água. Depois restaram apenas quinze metros na carretilha. Menos de dez. Por fim a linha parou de correr. O menino continuava debruçado bem para fora da popa, e a maior parte do caniço estava dentro da água. Mas não tinha mais linha correndo.

— Sente-o de novo na cadeira, Eddy. Devagar. Calma. Calma — pediu Roger. — Quando puder, quero dizer. Ele já parou o peixe.

Eddy ajudou David a sentar de novo na cadeira de pesca, segurando-o pela cintura para que uma guinada súbita do peixe não lançasse o menino ao mar. Eddy ajeitou-o na cadeira, e David enfiou o cabo do caniço no suporte de couro, escorando-se com os pés, e começou a içar. O peixe se ergueu um pouco.

— Só puxe quando tiver recuperado parte da linha — disse Roger a David. — Deixe que ele puxe o resto do tempo. Procure descansar no intervalo da ação, exceto quando estiver lidando com ele.

— Ele está no papo, Davy — disse Eddy. — Está vindo cada vez mais pra cima. Não se afobe, vá com calma que acaba matando ele.

Thomas Hudson deslocou um pouco o barco para frente para deixar o peixe mais à popa. Agora havia uma boa sombra por cima de toda a parte traseira. O barco estava cada vez se adentrando mais firmemente no mar, e nenhum vento agitava a superfície.

— Pai — disse Tom Jr. — Eu olhei pros pés dele quando fui fazer os drinques. Eles estão sangrando.

— Esfolou-os, escorando-se contra a madeira.

— Quem sabe se eu pusesse um travesseiro ali? Uma almofada pra ele se escorar?

— Desce até lá e pede ao Eddy — disse Thomas Hudson. — Mas não interrompa o Dave.

A quarta hora de luta já ia bem adiantada. O barco continuava a se adentrar no mar, e David, com Roger segurando agora o encosto da cadeira, içava o peixe com firmeza. Dava uma impressão maior de força agora do que há uma hora, mas Thomas Hudson podia ver onde os calcanhares mostravam o sangue que escorrera da sola dos pés. Parecia envernizado ao sol.

— Como vão seus pés, Davy? — perguntou Eddy.

— Não doem — respondeu David. — O que dói são as mãos, os braços e as costas.

— Eu podia pôr almofadas.

David sacudiu a cabeça.

— Acho que ficariam grudentas — disse. — Já estão. Mas não dói. Palavra.

Tom Jr. subiu ao convés e disse:

— Ele quase não tem mais a sola dos pés. As mãos também estão ficando gastas. Já andava com bolhas e agora se abriram todas. Xi, pai. Não sei.

— É a mesma coisa que se ele tivesse que remar contra uma forte correnteza, Tommy. Ou continuar subindo uma montanha ou se manter num cavalo depois de ficar tremendamente exausto.

— Eu sei. Mas simplesmente olhar, sem fazer nada, parece meio horrível quando se trata do irmão da gente.

— Eu sei, Tommy. Mas há uma hora em que os meninos têm que fazer coisas se algum dia pretendem ser homens. É o que está acontecendo agora com o Dave.

— Eu sei. Mas, quando vejo os pés e as mãos dele, sei lá, pai.

— Se você estivesse segurando o peixe, gostaria que Roger ou eu o tirássemos de você?

— Não. Havia de querer continuar segurando até morrer. Mas ver isso com o Davy é diferente.

— Temos que pensar no que ele sente — disse-lhe o pai. — E no que é importante pra ele.

— Eu sei — concordou Tom Jr., desesperado. — Mas pra mim é simplesmente Davy. Gostaria que o mundo não fosse como é e que nada tivesse que acontecer aos irmãos da gente.

— Eu também — disse Thomas Hudson. — Você é um rapaz tremendamente bom, Tommy. Mas, por favor, compreenda que eu teria parado com isso há muito tempo, se não soubesse que se David pegar esse peixe ele há de ter algo no íntimo pro resto da vida que tornará tudo mais fácil pra ele.

Foi então que Eddy falou. Tinha espiado de novo por cima do ombro para o interior da cabina.

— Quatro horas exatas, Roger — anunciou. — É melhor você beber um pouco d'água, Davy. Como se sente?

— Ótimo — respondeu Davy.

— Já sei de uma coisa prática que posso fazer — disse Tom Jr. — Vou preparar um drinque pro Eddy. Também quer um, pai?

— Não. Desta vez eu passo — retrucou Thomas Hudson.

Tom Jr. desceu, e Thomas Hudson contemplou David a trabalhar devagar, exausto, mas firme; Roger debruçado sobre ele, falando-lhe em voz baixa; Eddy curvado à amurada, observando a linha enviesada na água. Thomas Hudson tentou imaginar como seria lá no fundo, onde o peixe-espada nadava. Escuro, naturalmente, mas era provável que o peixe pudesse enxergar igual que um cavalo. Devia ser muito frio.

Perguntou-se se o peixe estava sozinho ou se não haveria outro, nadando a seu lado. Não tinham visto nenhum outro, mas isso não provava que estivesse só. Talvez tivesse um companheiro no escuro e no frio.

Thomas Hudson gostaria de saber por que o peixe tinha parado quando mergulhara tão fundo da última vez. Teria alcançado o máximo de profundidade possível, tal como um avião ao atingir seu teto? Ou os puxões contra a curva do caniço, o pesado travão sobre a linha e a resistência de sua fricção na água o desanimassem a tal ponto que agora nadava tranquilamente na direção que desejava

seguir? Estaria apenas se levantando um pouco, continuamente, enquanto David o içava; levantando-se docilmente para diminuir a tensão desagradável que o retinha? Thomas Hudson imaginou que provavelmente seria isso e que David talvez ainda encontrasse sérios problemas com ele, se o peixe continuasse forte.

Tom Jr. trouxera a Eddy a sua própria garrafa, e Eddy tinha tomado um gole enorme, pedindo depois a Tom para guardá-la na caixa das iscas para conservá-la gelada.

— E à mão — acrescentou. — Se eu ficar vendo o Davy lutar por muito mais tempo com esse peixe, ainda termino um merda de pau-d'água.

— Eu trago a qualquer hora que você quiser — disse Andrew.

— Não traga quando eu quiser — retrucou Eddy. — Traga quando eu pedir.

O mais velho tornou a subir para junto de Thomas Hudson, e juntos observaram Eddy debruçar-se sobre David e examinar-lhe cuidadosamente os olhos. Roger segurava a cadeira e cuidava da linha.

— Agora ouça, Davy — disse Eddy ao menino, olhando-o bem no rosto. — Suas mãos e seus pés não significam porra nenhuma. Estão doendo e com mau aspeto, mas dá pra suportar. É assim que as mãos e os pés de um pescador devem ficar, e da próxima vez estarão mais resistentes. Mas a droga da sua cabeça vai bem?

— Vai ótima — respondeu David.

— Então Deus o abençoe e fique com o filho da puta, porque daqui a pouco vamos ter ele aqui em cima.

— Davy — perguntou Roger ao menino. — Quer que eu me encarregue dele? David sacudiu a cabeça.

— Agora não seria desistir — disse Roger. — Seria apenas sensato. Eu podia pegá-lo, ou então seu pai.

— Estou fazendo alguma coisa errada? — retrucou David ressentido.

— Não. Está fazendo tudo direito.

— Então por que havia de desistir?

— Ele lhe está dando uma surra danada, Davy — respondeu Roger. — Não quero que se machuque.

— Quem está com o anzol naquela boca desgraçada é ele. — A voz de David era insegura. — Ele não está me dando surra nenhuma. Eu é que estou dando uma surra nele. Filho da puta.

— Pode dizer tudo o que você quiser — aconselhou Roger.

— Filho da puta desgraçado. O grande filho da puta.

— Ele está chorando — disse Andrew, que tinha subido ao convés e estava parado ao lado do Tom Jr. e do pai. — Tá falando desse jeito pra disfarçar.

— Cale a boca, cavaleiro — pediu Tom Jr.

— Pouco estou ligando se ele me matar, o grande filho da puta — continuou David. — Ah, porra. Eu não o odeio. Gosto muito dele.

— Agora chega — disse Eddy a David. — Poupe o fôlego.

Olhou para Roger, e Roger levantou os ombros para mostrar que não sabia.

— Se eu vejo você nervoso desse jeito, eu tiro ele de você — disse Eddy.

— Sempre ando nervoso — retrucou David. — É só porque nunca digo que ninguém sabe. Não estou pior agora. É pura conversa.

— Pois então cale a boca e fique quieto — disse Eddy. — Continue calmo, sereno, e a gente fica com ele pra sempre.

— Vou ficar com ele — disse David. — Estou arrependido de ter dito nome feio pra ele. Não quero dizer nada contra ele. Acho que é a coisa mais linda do mundo.

— Andy, me busque aquela garrafa de álcool puro — pediu Eddy. — Vou afrouxar os braços, os ombros e as pernas dele — disse a Roger. — Não quero usar mais aquela água gelada porque tenho medo de que lhe dê uma câimbra.

Olhou para o interior da cabina e anunciou:

— Cinco e meia em ponto, Roger. — Virou-se para David. — Não tá sentindo mais tanto calor, não é, Davy?

O menino sacudiu a cabeça.

— Eu tinha medo era daquele sol a pino na metade do dia — disse Eddy. — Agora não vai lhe acontecer nada, Davy. Só não se afobe e puxe esse peixe velho. A gente quer agarrá-lo antes que escureça.

David fez que sim.

— Pai, você já viu peixe lutar igual a esse? — perguntou Tom Jr.

— Já — respondeu Thomas Hudson.

— Muitos?

— Não sei, Tommy. Há uns peixes terríveis neste Golfo. E também há peixes descomunais que são fáceis de pegar.

— Por que alguns são mais fáceis?

— Porque ficam velhos e gordos, acho eu. Alguns eu acho que são tão velhos que morrem de velhice. Depois, naturalmente, alguns dos maiores pulam até cair mortos.

Fazia bastante tempo que não surgia nenhum barco à vista, a tarde já ia quase no fim, e se encontravam a grande distância, entre a ilha e o farol da Grande Isaac.

— Experimente de novo com ele, Davy — insistiu Roger.

O menino curvou as costas, puxou de volta contra os pés escorados, e o caniço, em vez de permanecer imóvel, se ergueu lentamente.

— Você o está içando — disse Roger. — Comece a enrolar essa linha e tente outra vez.

O menino içou e recobrou mais linha.

— Já vem vindo — avisou Roger a David. — Continue firme e com força.

David se pôs a trabalhar feito máquina, ou feito um menino exausto se esforçando feito máquina.

— É agora — disse Roger. — Já vem vindo mesmo. Avance só um bocadinho, Tom. Queremos ver se dá pra levá-lo pra bombordo.

— Avançando só um bocadinho — gritou Thomas Hudson.

— Faça como julgar melhor — disse Roger. — Queremos trazê-lo pra cima devagar aonde Eddy possa arpoá-lo e a gente possa metê-lo no laço. Eu me encarrego da chumbada. Tommy, desça até aqui pra segurar a cadeira e cuidar pra que a linha não se enrosque no caniço quando eu pegar a chumbada. Mantenha a linha livre o tempo todo, caso eu tenha que soltá-la. Andy, ajude o Eddy em tudo que ele precisar e lhe alcance o laço e o porrete quando ele pedir.

O peixe agora estava subindo uniformemente, e David não interrompia o ritmo de seus movimentos.

— Tom, é melhor você vir pra cá e passar pro leme inferior — gritou Roger.

— Já ia mesmo descer — retrucou Thomas Hudson.

— Desculpe — disse ele. — Davy, lembre-se, se ele correr e eu tiver que soltá-lo, conserve o caniço erguido e tudo desimpedido. Afrouxe o travão assim que eu pegar a chumbada.

— Enrole a carretilha sem parar — aconselhou Eddy. — Não deixe ela emperrar agora, Davy.

Thomas Hudson saltou da segunda ponte para a inferior e assumiu o leme e os controles ali. Não era tão fácil enxergar a água como lá em cima, mas ficava mais à mão na eventualidade de uma emergência e simplificava a comunicação. Parecia estranho estar no mesmo plano da ação depois de tê-la apreciado do alto durante tantas horas. Era o mesmo que descer de um camarote ao palco ou a um ringue de boxe ou perto da cerca de uma pista de corridas. Todo mundo ficava maior e mais próximo, e eram todos mais altos e não achatados pela perspectiva.

Podia ver as mãos ensanguentadas e os pés gotejantes, com aspecto de verniz, de Davy e notou os vergões que o arnês tinha-lhe aberto nas costas e a expressão quase desesperada de seu rosto a virar a cabeça no arremate final de uma puxada. Olhou para o interior da cabina, e o relógio de metal marcava dez para as seis. O mar parecia-lhe diferente, agora que se achava tão perto dele, vendo-o da sombra e por trás do caniço inclinado de Davy, a linha branca enviesada na água escura e o caniço se abaixando e se erguendo uniformemente. Ajoelhado na popa, o arpão nas mãos sardentas manchadas de sol, Eddy fitava a água quase roxa, procurando vislumbrar o peixe. Thomas Hudson reparou nas voltas da corda em torno do cabo do arpão e amarrada à coluna da popa, e depois olhou de novo para as costas de David, as pernas esticadas e os braços longos empunhando o caniço.

— Dá pra vê-lo, Eddy? — perguntou Roger de onde segurava a cadeira.

— Ainda não. Não largue, Davy, continue assim que vai bem.

David mantinha-se sempre levantando, abaixando e enrolando; a carretilha agora grossa de linha; trazendo uma nova extensão, cada vez que a girava.

Em determinado momento o peixe resistiu, o caniço pendeu n'água, e a linha disparou a correr.

— Não. Ele não pode — exclamou David.

— Pode, sim — afirmou Eddy. — Nunca se sabe.

Mas depois David içou devagar, sofrendo com o peso e, a partir do primeiro içamento lento, a linha recomeçou a voltar, com a mesma facilidade e uniformidade anteriores.

— Ele só resistiu um instante — disse Eddy, o velho chapéu de feltro na nuca, olhando fixamente a água roxa escura e límpida. — Lá tá ele — anunciou.

Thomas Hudson recuou ligeiro do leme para espiar pela popa. O peixe se mostrou, parecendo minúsculo e escorçado no fundo, mas, na fração de tempo que Thomas Hudson olhou, aumentou rapidamente de tamanho. Não com a mesma velocidade com que um avião aumenta quando se aproxima da gente, mas com a mesma uniformidade.

Thomas Hudson pôs o braço no ombro de David e voltou ao leme. Então ouviu Andy exclamar:

— Olha, vejam só.

E desta vez pôde enxergá-lo dali mesmo, no fundo da água e bem à popa, agora surgindo pardo e aumentando enormemente de comprimento e volume.

— Conserve o barco assim como está — pediu Roger, sem se virar.

Thomas Hudson repetiu:

— Assim como está.

— Ah, meu Deus, vejam só — exclamou Tom Jr.

Já estava realmente imenso, maior do que qualquer peixe-espada que Thomas Hudson tinha visto em sua vida. Todo o seu grande comprimento era agora roxo azulado, em vez de pardo, e nadava lenta e uniformemente na direção que o barco seguia; à popa e à direita de David.

— Não pare de puxar, Davy — disse Roger. — Ele está vindo como é pra ser.

— Avance um pouco — pediu Roger, controlando o peixe.

— Avançando um pouco — gritou Thomas Hudson.

— Continue enrolando — disse Eddy a David.

Thomas Hudson já podia ver a argola móvel da chumbada fora d'água.

— Avance só mais um pouquinho — pediu Roger.

— Avançando só mais um pouquinho — repetiu Thomas Hudson.

Observava o peixe, virando a popa no curso em que ele nadava. Agora dava para ver todo o seu grande comprimento roxo, a longa espada larga dianteira, a cortante barbatana dorsal nas costas amplas e o imenso rabo que o impulsionava quase sem se agitar.

— Avance mais um pouco — pediu Roger.

— Avançando mais um pouco.

David já tinha a chumbada a seu alcance.

— Tudo pronto, Eddy? — perguntou Roger.

— Claro — respondeu Eddy.

— Olho nele, Tom — gritou Roger, inclinando-se e agarrando a chumbada do fio.

— Afrouxe o travão — pediu a David e começou a içar o peixe devagar, segurando e erguendo o fio pesado para aproximá-lo do arpão.

O peixe vinha subindo, comprido e largo como uma vasta tora na água. David o controlava, olhando de relance para a ponta do caniço, a fim de verificar se não estava enroscando. Pela primeira vez em seis horas não retesava as costas, braços e pernas, e Thomas Hudson viu que os músculos das pernas se retorciam e tremiam. Eddy estava debruçado à amurada com o arpão, e Roger içava, vagarosa e uniformemente.

— Pesa mais de quinhentos — afirmou Eddy. — Depois, em voz baixa: — Roger, o anzol tá quase rebentando.

— Dá pra alcançá-lo? — perguntou Roger.

— Ainda não — disse Eddy. — Vá aproximando ele com calma, devagar.

Roger prosseguiu içando o fio de arame, e o grande peixe se ergueu uniformemente para o barco.

— Tá se cortando — avisou Eddy. — Tá preso praticamente por nada.

— E agora, dá pra alcançar? — perguntou Roger. Seu tom de voz não mudara.

— Por enquanto ainda não — respondeu Eddy, também baixo.

Roger içava com toda a delicadeza e suavidade possíveis. Depois, parando, endireitou-se, perdendo a tensão; segurando a chumbada frouxa nas duas mãos.

— Não. Não. Não. Ah, meu Deus, por favor, não — exclamou Tom Jr.

Investindo para baixo com o arpão, Eddy saltou pela amurada para tentar cravá-lo no peixe se conseguisse alcançá-lo.

Não adiantou. O grande peixe pairou ali na profundidade da água onde parecia um enorme pássaro roxo escuro e depois afundou lentamente. Todos o viram ir descendo, ficando cada vez menor, até sumir de vista.

O chapéu de Eddy boiava no mar calmo, e ele se segurava no cabo do arpão, preso à linha amarrada na coluna da popa. Roger passou os braços pela cintura de David, e Thomas Hudson viu que os ombros de David tremiam. Mas deixou-o entregue a Roger.

— Jogue a escada pro Eddy subir a bordo — disse a Tom Jr. — Pegue o caniço do Davy, Andy. Tire o anzol.

Roger levantou o menino da cadeira e levou-o para o beliche no lado a estibordo da cabina, deitando-o ali. Seus braços continuavam enlaçando-o, e o menino ficou de bruços, com o rosto escondido.

Eddy subiu a bordo encharcado e pingando, e começou a se despir. Andrew pescou-lhe o chapéu com o arpão, e Thomas Hudson desceu para buscar uma camisa e uma calça para Eddy e outra camisa e um calção para David. Admirava-se de não estar sentindo nada além de pena e amor por David. Todos os outros sentimentos tinham sido gastos durante a luta.

Quando tornou a subir, encontrou David deitado, nu, com o rosto virado para baixo no beliche e Roger friccionando-lhe álcool nas costas.

— Dói nos ombros e no traseiro — disse David. — Cuidado, por favor, Mr. Davis.

— É onde está esfolado — explicou Eddy. — Seu pai vai passar mercurocromo nas mãos e nos pés. Assim não dói.

— Vista esta camisa, Davy — mandou Thomas Hudson. — Pra não se resfriar. Vá buscar um dos cobertores mais leves pra ele, Tom.

Thomas Hudson passou mercurocromo nos lugares em que o arnês havia esfolado as costas do menino e ajudou-o a vestir a camisa.

— Estou bem — afirmou David numa voz inexpressiva. — Posso tomar uma Coca, pai?

— Lógico — respondeu Thomas Hudson. — Daqui a pouco o Eddy lhe faz um pouco de sopa.

— Não tenho fome — disse David. — Por enquanto não quero comer.

— Nós vamos esperar um pouco — prometeu Thomas Hudson.

— Eu sei como você se sente — disse Andrew quando trouxe a Coca.

— Ninguém sabe o que eu sinto — retrucou David.

Thomas Hudson indicou ao filho mais velho uma direção de bússola para regressar à ilha.

— Sincronize os motores em trezentos, Tommy — explicou. — Estaremos à vista do farol ao anoitecer, e depois lhe darei uma retificação.

— De vez em quando vá dar uma olhada por favor, sim, pai? Está se sentindo tão mal quanto eu?

— Não há nada a fazer.

— O Eddy realmente tentou — disse Tom Jr. — Não é qualquer um que se atira neste oceano atrás de um peixe.

— Ele quase conseguiu — retrucou o pai. — Teria sido uma coisa infernal vê-lo n'água com o arpão fincado naquele peixe.

— O Eddy teria se saído bem — insistiu Tom Jr. — Eles estão bem sincronizados?

— Preste atenção — recomendou o pai. — Não se fie apenas nos tacômetros.

Thomas Hudson se dirigiu ao beliche e sentou ao lado de David. Estava enrolado no cobertor leve, e Eddy tratava-lhe as mãos enquanto Roger se encarregava dos pés.

— Oi, pai — disse ele, olhando para Thomas Hudson e depois virando o rosto.

— Sinto muitíssimo, Davy — disse o pai. — Você lutou com ele como nunca vi ninguém lutar. Nem o Roger, nem ninguém. Nunca.

— Muito obrigado, pai. Por favor, não fale mais nisso.

— Posso buscar alguma coisa pra você, Davy?

— Gostaria de tomar outra Coca, por favor — pediu David.

Thomas Hudson encontrou uma garrafa de Coca-Cola no gelo da caixa de iscas e abriu-a. Sentou ao lado de David, e o menino bebeu a Coca com a mão em que Eddy tinha feito curativo.

— A sopa já tá quase pronta. É só esperar que esquente — avisou Eddy. — Esquento também um pouco de picadinho, Tom? Sobrou um pouco de salada de caramujo.

— Vamos esquentar um pouco de picadinho — disse Thomas Hudson. — Ninguém comeu nada depois do café da manhã. O Roger passou o dia inteiro sem beber.

— Acabei de tomar uma cerveja — disse Roger.

— Eddy — disse David. — Quanto será que ele pesava mesmo?

— Mais de quinhentos quilos — respondeu-lhe Eddy.

— Muito obrigado por ter saltado n'água — disse David. — Muito obrigado, Eddy.

— Porra! — exclamou Eddy. — Que outra coisa eu podia fazer?

— Será que ele pesava quinhentos quilos mesmo, pai? — perguntou David.

— Tenho certeza de que sim — respondeu Thomas Hudson. — Nunca vi peixe maior, nem juvira, nem macáira, nunca.

O sol se tinha posto, e o barco navegava em mar calmo, os motores roncando, deslizando rápido pelas mesmas águas que havia percorrido tão vagorosamente durante todas aquelas horas.

Andrew agora também estava sentado à beira do largo beliche.

— Olá, cavaleiro — disse-lhe David.

— Se você o tivesse pegado — garantiu Andrew —, ficaria provavelmente sendo o rapaz mais famoso do mundo.

— Não quero ser famoso — retrucou David. — Fique você.

— Nós ficaríamos famosos como seus irmãos — disse Andrew. — Estou falando sério mesmo.

— Eu ficaria famoso como seu amigo — disse-lhe Roger.

— E eu por ter dirigido o barco — disse Thomas Hudson. — E o Eddy por tê-lo arpoado.

— O Eddy de qualquer jeito teria que ficar famoso — afirmou Andrew. — O Tommy ficaria por ter trazido tantos drinques. O Tommy não deixou faltar nenhum durante toda a sensacional batalha.

— E o peixe? Também não ficaria famoso? — perguntou David.

Agora já estava bem. Ou, pelo menos, estava falando direito.

— Seria o mais famoso de todos — disse Andrew. — Ficaria imortal.

— Espero que não lhe tenha acontecido nada — disse David. — Tomara que esteja bem.

— Eu sei que ele está — garantiu-lhe Roger. — Do modo como foi fogado e lutou, sei que ficou bem.

— Um dia ainda contarei pra vocês como foi — disse David.

— Conte agora — insistiu Andy.

— Agora estou cansado e além do mais parece loucura.

— Conte agora. Só um pedaço — pediu Andrew.

— Não sei se seria bom. Conto, pai?

— Conte — disse Thomas Hudson.

— Bem — concordou David, fechando os olhos com força. — Nos piores momentos, quando eu estava exausto, não conseguia distinguir quem era ele e quem era eu.

— Compreendo — disse Roger.

— Aí então comecei a amá-lo acima de tudo no mundo.

— Você quer dizer amá-lo de verdade? — perguntou Andrew.

— É. Amá-lo de verdade.

— Puxa! — exclamou Andrew. — Essa eu não entendo.

— Amei-o tanto quando o vi subindo que nem podia aguentar — continuou David, com os olhos ainda fechados. — A única coisa que eu queria era vê-lo de perto.

— Eu sei — disse Roger.

— Agora que o perdi, estou me lixando — disse David. — Não ligo pra recordes. Apenas pensei que ligasse. Que bom que não aconteceu nada com ele nem comigo. Não somos inimigos.

— Ainda bem que você nos contou — disse Thomas Hudson.

— Muito obrigado, Mr. Davis, pelo que o senhor disse quando o perdi a primeira vez — disse David, sempre de olhos fechados.

Thomas Hudson nunca soube o que foi que Roger tinha dito a ele.

Nota

* Condimento picante indiano, composto de frutas, pimenta-malagueta, alho, vinagre e mostarda. (N.T.)

10



Nessa noite, na pesada calmaria que precedeu o vento, Thomas Hudson sentou na sua cadeira e tentou ler. Os outros estavam todos na cama, mas ele sabia que não podia dormir e queria ler até ficar com sono. Não conseguiu ler e se pôs a pensar naquele dia. Recapitulou-o do princípio ao fim e teve a impressão de que todos os seus filhos, com exceção de Tom, tinham se afastado muito dele ou que ele tinha se afastado deles.

David se afastara com Roger. Queria que David aprendesse tudo o que pudesse com Roger, que era tão belo e forte na ação quanto pouco belo e pouco forte na vida e no trabalho. David sempre fora um mistério para Thomas Hudson. Um mistério bem-amado. Mas Roger o compreendia melhor que o próprio pai. Estava contente que se compreendessem tão bem, mas hoje à noite sentia-se de certo modo triste por causa disso.

Depois, não tinha gostado da maneira de Andrew se comportar, embora soubesse que Andrew era Andrew e um menino pequeno e que julgá-lo seria injusto. Não fizera nada de mau e comportara-se otimamente, mesmo. Mas havia alguma coisa nele em que não se podia confiar.

Que forma miserável, egoísta, de estar pensando nas pessoas que você ama, disse consigo mesmo. Por que não relembra o dia, em vez de analisá-lo e desfazê-lo em pedaços? Vá pra cama logo, disse, e trate de dormir. Pro inferno com tudo mais.

E retome o ritmo da sua vida amanhã de manhã. Você não tem os meninos por muito tempo ainda. Veja como pode fazê-los felizes até lá. Tentei, disse consigo mesmo. Realmente tentei e com Roger também. E você mesmo tem sido feliz, acrescentou. Sim, lógico. Mas hoje alguma coisa me assustou. Depois disse: de fato, cada dia tem alguma coisa que o deixa assustado. Vá pra cama, quem sabe se você não dorme bem? Não esqueça que amanhã você quer que eles estejam contentes.

Durante a noite sobreveio uma forte ventania do sudoeste, e ao raiar do dia atingiu quase a força de um vendaval. As palmeiras se inclinavam, os postigos batiam, os papéis voavam, e a rebentação subia na praia.

Roger já tinha saído quando Thomas Hudson desceu para tomar café sozinho. Os meninos ainda dormiam. Leu a correspondência trazida do continente pelo vapor que transportava gelo, carne, verduras frescas, gasolina e outros mantimentos uma vez por semana. Ventava tão forte que pôs uma xícara em cima de uma carta para prendê-la ao largá-la na mesa.

— Quer que eu feche as portas? — perguntou Joseph.

— Não. Só se as coisas começarem a quebrar.

— Mr. Roger foi caminhar na praia — disse Joseph. — Dirigiu-se lá pro fim da ilha.

Thomas Hudson continuou lendo a correspondência.

— Aqui está o jornal — disse Joseph. — Passei ele a ferro.

— Obrigado, Joseph.

— Seu Tom, aquilo do peixe é verdade? O que o Eddy andou me contando?

— Que foi que ele disse?

— Que era um baita peixe e que ele teve que atirar o arpão em cima dele.

— É, sim.

— Deus de misericórdia. Se aquele vapor não tivesse vindo pra me obrigar a ficar em casa carregando gelo e víveres, eu teria ido junto. Mergulhava direto atrás dele e arpoava o bicho.

— O Eddy mergulhou — disse Thomas Hudson.

— Ele não me falou — disse Joseph, mais calmo.

— Dê-me mais um pouco de café, por favor, Joseph, e outro pedaço de mamão — pediu Thomas Hudson. Estava com fome, e a ventania lhe abria ainda mais o apetite. — O vapor não trouxe toicinho?

— Acho que posso encontrar algum — respondeu Joseph. — O senhor tá comendo bem hoje de manhã.

— Mande o Eddy aqui, por favor.

— O Eddy foi pra casa botar remédio no olho.

— Que aconteceu com o olho dele?

— Alguém deu um murro.

Thomas Hudson achou que sabia por que isso teria acontecido.

— Ele não se machucou noutro lugar?

— Levou uma surra danada — disse Joseph. — Por causa de gente que não acreditou nele em diversos bares. O pessoal nunca vai acreditar naquela história que ele anda contando. O que realmente é uma pena.

— Onde foi que ele brigou?

— Em tudo quanto é lugar. Onde ninguém queria acreditar nele. E até agora ninguém tá acreditando. Tinha gente que inventava de não acreditar nele já tarde da noite, que nem sabia do que se tratava, só pra fazer ele brigar. Ele deve ter brigado com todos os brigões da ilha. Hoje de noite, tão certo quanto o senhor tá tomando café, vai ter cara vindo lá de Middle Key só pra duvidar da palavra dele. Tem dois caras agora lá naquela construção em Middle Key que brigam sujo pra burro.

— É melhor que o seu Roger saia junto com ele — disse Thomas Hudson.

— Oba! — O rosto de Joseph se iluminou. — Hoje de noite vai ser aquela farra.

Thomas Hudson tomou café e comeu mamão frio com lima fresca espremida em cima e mais quatro fatias de toicinho que Joseph trouxe.

— Tô vendo que o senhor tá de veia pra comer — disse Joseph. — Quando vejo o senhor desse jeito, até desconfio.

— Eu como à beça.

— Às vezes — disse Joseph.

Voltou com outra xícara de café, e Thomas Hudson levou-a à escrivaninha para responder às duas cartas que precisava despachar pela mala do vapor.

— Vá lá na casa do Eddy e mande-o fazer a lista do que se precisa encomendar pelo vapor — pediu a Joseph. — Depois traga aqui pra eu conferir. Tem café pro seu Roger?

— Ele já tomou — disse Joseph.

Thomas Hudson terminou as duas cartas na escrivaninha de trabalho do andar superior, e Eddy veio com a lista de mantimentos para o vapor da próxima semana. Estava com bastante mau aspeto. O olho não reagira ao tratamento, e a boca e as faces continuavam inchadas. Uma orelha também estava inchada. Tinha passado mercurocromo no lábio partido, e a cor viva o deixava com uma cara nada trágica.

— Ontem de noite não fiz nada que prestasse — explicou. — Acho que tá tudo aqui, Tom.

— Por que não larga o resto por hoje e vai pra casa descansar?

— Em casa me sinto pior — respondeu. — Hoje de noite vou pra cama cedo.

— Não se meta mais em brigas por causa daquilo — pediu Thomas Hudson. — Não adianta nada.

— Tá falando com o homem certo — disse Eddy através dos lábios escarlates partidos e inchados. — Fiquei torcendo pela vitória da verdade e do direito, e aí então vinha alguém de novo pra reduzir a verdade e o direito a farinha no chão.

— O Joseph disse que você enfrentou gente à beça.

— Até que me levaram pra casa — disse Eddy. — Acho que foi o Benny, que tem um grande coração. Ele e o guarda provavelmente me salvaram de ficar machucado.

— Você não ficou?

— Fiquei, mas não dói. Porra, você precisava ter visto, Tom.

— Ainda bem que não vi. Ninguém tentou machucá-lo pra valer mesmo?

— Acho que não. Estavam apenas querendo provar que eu não tinha razão. O guarda acreditou em mim.

— Não diga.

— Sim, senhor. Ele e o Bobby. As únicas pessoas que acreditaram em mim, palavra. O guarda disse que encanava qualquer cara que me agredisse primeiro. Hoje de manhã ele me perguntou se teve alguém que me agredisse primeiro. Eu disse a ele que sim, mas que antes eu tinha *dado* neles. Foi uma noite ruim pra verdade e pro que é direito, Tom. Uma noite ruim mesmo.

— Você quer realmente fazer o almoço?

— Por que não? — retrucou Eddy. — Chegaram bifes pelo vapor. Bifes autênticos, de alcatra. Precisava ver. Tava pensando em fazer eles com pirê de batata, molho e um pouco de feijão-de-lima. Tem couve, alface e toranja fresca pra salada. Os meninos iam gostar de uma torta, e com aquelas framboesas em lata a gente faz uma torta infernal. Tem sorvete do vapor pra botar em cima. Que tal? Quero encher de comida aquele danado do David.

— O que é que você pretendia fazer quando saltou da amurada com o arpão?

— Ia enfiar o gancho do arpão bem debaixo da barbatana dele. Aí acabava com o bicho quando ele ficasse esticado na corda, e depois fugiria feito doido de volta pra bordo.

— Como era ele, visto por baixo d'água?

— Grande como um escaler, Tom. Todo roxo, e tinha olho preto, do tamanho da sua mão. A barriga era prateada, e a espada uma coisa horrível de ver. Ele simplesmente continuou indo ao fundo, submergindo devagar, e não dava pra eu chegar até ele por causa daquele cabo comprido do arpão, que boiava demais. Não podia mergulhar com aquilo. Portanto não adiantava.

— Ele olhou pra você?

— Sei lá. Apenas olhava como se estivesse ali e não fizesse nenhuma diferença pra ele.

— Acha que ele estava cansado?

— Acho que estava liquidado. Acho que havia resolvido desistir.

— Nunca mais veremos coisa igual.

— Não. Pro resto da vida. E agora já aprendi a não tentar convencer os outros a acreditar.

— Vou pintar um retrato dele pro David.

— Então pinte bem como ele era. Não pinte engraçado como esses que você pinta e parece por farra.

— Vai sair mais real que fotografia.

— É assim que eu gosto que você pinte.

— A parte debaixo d'água não vai ser nada fácil.

— Será que nem aquela tromba-d'água lá no Bobby?

— Não. Esse será diferente, mas espero que fique melhor. Hoje vou fazer uns desenhos pra ele.

— Eu gosto daquele quadro da tromba-d'água — disse Eddy. — O Bobby é louco por ele e consegue fazer todo mundo acreditar que havia todas aquelas trombas-d'água de uma vez quando o pessoal vê o quadro. Mas esse vai ser infernal pra pintar com o peixe dentro d'água.

— Acho que dá pra fazer — disse Thomas Hudson.

— Não dava pra você pintar também ele saltando, não?

— Acho que dá.

— Pinta ele dos dois jeitos, Tom. Pinta ele saltando e depois com o Roger puxando ele pra cima pela chumbada, o Davy na cadeira e eu na popa. A gente podia até tirar retrato.

— Vou começar pelos desenhos.

— Se precisar de alguma coisa — disse Eddy —, eu estou na cozinha. Os meninos ainda dormem?

— Todos os três.

— Merda — disse Eddy. — Não ligo mais pra porra nenhuma depois daquele peixe. Mas a gente precisa de uma boa refeição.

— Gostaria de ter uma ventosa pra aplicar nesse olho.

— Porra, tô lá ligando pra essa droga de olho! Posso enxergar muito bem sem ele.

— Vou deixar os meninos dormirem até dizer chega.

— O Joe que me avise quando eles levantarem, e eu trago o café pra eles. Se acordarem muito tarde, não dou comida demais pra eles, pra não estragar o almoço. Não viu o pedaço de carne que a gente ganhou?

— Não.

— Puta merda, custa caro pra burro, mas que carne bonita, Tom. Ninguém nesta ilha comeu carne igual a essa na vida inteira. Eu só queria ver como são esses bois de onde eles tiram essa carne.

— Chegam a arrastar a barriga no chão, de tão grandes — disse Thomas Hudson. — E são quase redondos.

— Nossa, como devem ser gordos — exclamou Eddy. — Bem que eu queria ver eles vivos um dia. Aqui ninguém nunca mata uma vaca a não ser quando ela já tá quase morrendo de fome. A carne fica amarga. O pessoal daqui ia enlouquecer com uma carne como a que a gente ganhou. Nem iam saber o que era. No mínimo deixaria todo mundo doente.

— Tenho que terminar estas cartas — disse Thomas Hudson.

— Desculpe, Tom.

Pronta a correspondência, depois de responder duas outras cartas comerciais que antes tencionava adiar para a semana seguinte, de conferir a lista de coisas que faltavam e preencher um cheque pelas provisões recebidas, mais os dez por cento de praxe cobrados pelo Governo sobre todas as importações do Continente, Thomas Hudson se dirigiu ao trapiche oficial, onde o vapor estava carregando. O comandante recolhia as encomendas que os ilhéus faziam de provisões, gêneros alimentícios, remédios, artigos de ferragens, peças sobressalentes e tudo o que chegava à ilha vindo do Continente. O vapor carregava lagostas e caramujos vivos, uma batelada de conchas, latas vazias de gasolina e óleo diesel, e os ilhéus faziam fila, expostos à forte ventania, esperando a vez de entrar na cabina.

— Estava tudo em ordem, Tom? — gritou o capitão Ralph da janela da cabina para Thomas Hudson. — Ei, cai fora daqui, seu moleque, espera a tua vez — disse a um negrão de chapéu de palha. — Tive que substituir algumas coisas. Que tal a carne?

— Eddy diz que é um colosso.

— Ótimo. Dê-me aqui essas cartas e a lista. Aí fora tá soprando um vendaval, hem? Quero sair da barra com a próxima maré. Desculpe estar tão ocupado.

— Até a próxima, Ralph. Não quero atrapalhá-lo mais. Muito obrigado, meu rapaz.

— Vou ver se trago tudo pra semana. Precisa de dinheiro?

— Não. Ainda tem da semana passada.

— Querendo, tá às ordens. OK. Agora, você, Lucius, qual é o problema? Em que que você já andou gastando?

Thomas Hudson tornou a percorrer o trapiche, onde os negros riam quando o vento levantava os vestidos de algodão das mulheres, e depois subiu a estrada de coral até o Ponce de León.

— Tom — disse seu Bobby. — Entre e sente um pouco. Santo Deus, onde você tem andado? Acabamos de varrer e já está oficialmente aberto. Venha, vamos tomar a melhor do dia.

— É muito cedo.

— Bobagem. Tenho cerveja da boa, importada. Tem também Cabeça de Cachorro, inglesa. — Enfiou o braço num barril de gelo, abriu uma garrafa de Pilsner e entregou-a a Thomas Hudson. — Não precisa de copo, né? Beba isso logo e depois resolva se quer um trago ou não.

— Mas aí eu não vou trabalhar.

— Porra, que importância tem? De qualquer maneira você trabalha demais. Você tem um dever com você mesmo, Tom. Com a única vida que você tem pra viver. Não pode ficar aí só pintando o tempo todo.

— Ontem saímos no barco e não trabalhei.

Thomas Hudson estava olhando para a enorme tela das trombas-d'água pendurada na parede do fundo do bar. Era um bom quadro, pensou Thomas Hudson. O máximo que podia dar atualmente, achava.

— Tenho que pendurá-lo mais alto — disse Bobby. — Teve um moço aqui ontem à noite que ficou todo entusiasmado e até queria entrar no barco. Eu falei que ia custar-lhe dez mil dólares se ele enfiasse o pé nele. O guarda disse a mesma coisa pra ele. O guarda tem um na ideia pra você pintar e pendurar na casa dele.

— Qual é?

— Não quis dizer. Só falou que tinha uma ideia muito boa que queria combinar com você.

Thomas Hudson estava examinando minuciosamente a tela. Mostrava certos sinais de desgaste.

— Puxa vida, ela chama atenção mesmo, né? — disse Bobby, ufano. — Outra noite, um moço deu um berro e atirou um canecão cheio de chope na coluna de uma das trombas-d'água, pra impedir que ela desabasse. Nunca que você ia descobrir que ela tinha sido atingida. Nem sequer deixou marca. A cerveja escorreu feito água. Caramba, Tom, você pintou ela firme mesmo, hem?

— É, mas um belo dia ela não aguenta.

— Por Deus — disse Bobby —, ainda não vi nada que a abalasse. Mas de qualquer jeito vou pendurá-la mais alto. Aquele moço ontem à noite me deixou preocupado.

Passou a Thomas Hudson outra garrafa de Pilsner gelada.

— Tom, eu quero dizer-lhe que fiquei muito penalizado com a história do peixe. Conheço o Eddy desde pequeno e nunca o vi mentir. Quando é coisa importante, bem entendido. Quero dizer, quando a gente pede pra ele contar uma coisa de verdade.

— Foi um negócio infernal. Não quero falar nessa história com ninguém.

— Assim é que deve ser — concordou Bobby. — Só queria que você soubesse que fiquei muito penalizado. Por que não termina essa cerveja e toma um trago? Nada de começar o dia com tristezas. O que que lhe faria bem?

— Estou me sentindo perfeitamente bem. Hoje de tarde vou trabalhar e não quero ficar com sono.

— Ah, paciência, se não lhe posso fazer beber, talvez tenha mais sorte com outro. Olhe só aquela porra de iate. Deve ter levado uma surra pra chegar até aqui com aquele calado raso.

Thomas Hudson olhou pela porta aberta e viu a bonita embarcação branca, tipo casa flutuante, subindo pelo canal. Era do gênero que se podia fretar num porto do Continente para descer pelas Florida Keys e num dia como o de ontem, calmo e invariável, teria cruzado a Corrente do Golfo sem incidentes. Mas hoje devia ter

levado uma surra com aquele calado raso e tanta superestrutura. Thomas Hudson se admirou que tivesse sido capaz de entrar pela barra com o mar do jeito que estava.

A casa flutuante percorreu um pouco mais o porto até ancorar, e Thomas Hudson e Bobby a observaram da soleira da porta, toda branca e cheia de metais. Cada pessoa que se via a bordo também vestia traje branco.

— Fregueses — disse seu Bobby. — Tomara que seja gente simpática. Não aparece nenhum iate de verdade por aqui desde que terminou a temporada do atum.

— Que barco é?

— Nunca o vi antes. Bonito, hem? Mas certamente não foi construído pro Golfo.

— No mínimo partiu à meia-noite, quando havia calmaria, e este vendaval o surpreendeu no caminho.

— Deve ter sido isso — concordou Bobby. — Decerto jogou e sacudiu que não foi brinquedo. Tá soprando forte pra burro. Bem, não demora a gente vai ver quem é. Tom, deixe eu lhe preparar um drinque, rapaz. Você me deixa nervoso com essa história de não beber.

— Tá certo. Dê-me um gim-tônica.

— Tônica não tem. O Joe levou a última caixa que tinha pra sua casa.

— Um uísque sour, então.

— Com uísque irlandês e sem açúcar — disse Bobby. — Três, porque aí vem o Roger.

Thomas Hudson viu Roger chegando pela porta aberta.

Roger entrou. Estava descalço, vestia uma calça de algodão desbotada e uma velha camisa listrada de pescador, encolhida pelas lavagens. Dava para enxergar os músculos das costas se movendo por baixo dela quando ele se debruçou, apoiando os braços no balcão. Na penumbra do bar de Bobby, sua pele parecia muito morena, e o cabelo tinha mechas mais claras, provocadas pelo sal e pelo sol.

— Ainda estão dormindo — avisou a Thomas Hudson. — Alguém surrou o Eddy. Você viu?

— Ele andou se metendo em brigas a noite inteira — disse-lhe Bobby. — Mas não foi nada de mais.

— Não gosto que aconteçam essas coisas com o Eddy — disse Roger.

— Não foi nada de mais, Roger — repetiu Bobby. — Ele andou bebendo e brigando com gente que não queria acreditar nele. Ninguém fez nada de mau pra ele.

— Estou sentindo remorso por causa do David — disse Roger a Thomas Hudson. — Nunca deveríamos ter deixado que ele fizesse aquilo.

— Provavelmente já passou — disse Thomas Hudson. — Ele estava dormindo profundamente. Mas a responsabilidade foi minha. Eu é que devia ter interrompido a coisa.

— Não. Você deixou sob minha responsabilidade.

— A responsabilidade é do pai — retrucou Thomas Hudson. — E entreguei-a a você quando não tinha esse direito. Não é coisa que se delegue a ninguém.

— Mas eu aceitei — insistiu Roger. — Achei que não ia prejudicá-lo. O Eddy também achou.

— Eu sei — disse Thomas Hudson. — Foi o que também pensei. Achei que havia outra coisa em jogo.

— Eu também — concordou Roger. — Mas agora me sinto egoísta e culpado como o diabo.

— O pai dele sou eu — disse Thomas Hudson. — A culpa foi minha.

— Droga de coisa ruim, esse tal peixe — disse Bobby, entregando-lhes os uísques sours e reservando um para si. — Vamos brindar a um peixe maior.

— Não — retrucou Roger. — Nunca mais quero ver um maior.

— Que que há com você, Roger? — perguntou Bobby.

— Nada — respondeu Roger.

— Vou pintar dois retratos dele pro David.

— Que ótimo. Você acha que dá?

— Talvez, com sorte. Parece que o estou vendo, e acho que sei como fazer.

— Claro que sabe. Você sabe fazer tudo. Quem será que veio naquele iate?

— Olhe, Roger, você andou por aí com o seu remorso, caminhando pela ilha inteira...

— Descalço — frisou.

— Eu apenas vim com o meu pra cá, passando antes pelo vapor do capitão Ralph.

— Nem caminhando me vi livre do meu, e certamente não vai ser bebendo que hei de me livrar — disse Roger. — Em todo caso, este drinque tá bom pra chuchu, Bobby.

— De fato — concordou Bobby. — Vou preparar-lhe outro. Bota esse diabo de remorso pra correr.

— Eu não devia arriscar com um garoto — disse Roger. — Que nem era meu filho.

— Depende do que você estivesse arriscando.

— Não depende, não. A gente não se deve arriscar com crianças.

— Eu sei. E sei o que estava arriscando. Não era nada de peixe.

— Claro — disse Roger. — Mas foi com quem você não precisava ter arriscado. Com quem nunca devia ter deixado que acontecesse uma coisa dessas.

— Ele vai estar ótimo quando acordar. Você vai ver. É um menino de fibra.

— É o meu herói de uma figa — disse Roger.

— Melhorou pra burro desde que você deixou de ser o seu próprio herói de uma figa.

— É, né? — retrucou Roger. — Ele também é o seu.

— Eu sei — disse Thomas Hudson. — Ele é bom pra nós dois.

— Roger — interrompeu seu Bobby. — Você e o Tom são parentes?

— Por quê?

— Julguei que fossem. Vocês dois até que são parecidos.

— Obrigado — disse Thomas Hudson. — Agradeça-lhe você mesmo, Roger.

— Muito obrigado, Bobby — disse Roger. — Você acha mesmo que me pareço com essa combinação de homem e pintor?

— Vocês parecem irmãos, e os meninos se parecem com vocês dois.

— Não somos parentes — disse Thomas Hudson. — Apenas já moramos na mesma cidade e cometemos a mesma espécie de erros.

— Bem, vamos deixar essa porra pra lá — disse seu Bobby. — Bebam e parem com esse negócio de remorso. Não fica bem pra um bar nessa hora do dia. Eu tenho remorsos de negros, pilotos de barcos fretados, cozinheiros de iates, milionários e as mulheres deles, grandes contrabandistas de rum, o pessoal das mercearias, caolhos de barcos de tartarugas, filhos da puta, de todo mundo. Nada de ter remorso de manhã. É hora de beber. Chega de remorso. Esse negócio de remorso é coisa ultrapassada mesmo. Desde que ganharam rádio, todo mundo só escuta a BBC. Não há tempo nem lugar pra remorso.

— Você também escuta, Bobby?

— Só o Big Ben. O resto me deixa impaciente.

— Bobby — disse Roger. — Você é um grande sujeito.

— Nada disso. Mas não há dúvida de que fico contente de ver vocês de cara mais alegre.

— Eu estou — disse Roger. — Que tipo de gente você acha que vamos ter com aquele iate?

— Fregueses — disse Bobby. — Vamos tomar mais um, pra eu me sentir disposto a servir, seja lá quem for.

Enquanto Bobby espremia limas e preparava os drinques, Roger disse a Thomas Hudson:

— Não quis ser piegas a respeito do Davy.

— Você não foi.

— O que eu queria dizer era... Ah, porra, vou ver se explico de modo mais simples. Foi uma boa chamada aquela que você me deu dizendo que eu era o meu próprio herói.

— Não tenho que andar dando chamadas em ninguém.

— No que me diz respeito, tem, sim. O diabo é que faz uma porrada de tempo que não me acontece nada de simples na vida, e eu passo o tempo todo tentando simplificar.

— Agora você vai escrever de uma maneira direta, simples e boa. Já é um começo.

— E que é que tem se eu não sou direto, nem simples, nem bom? Você acha que posso escrever desse jeito?

— Escreva como você é, mas de maneira direta.

— Terei que procurar compreender melhor as coisas, Tom.

— Você já compreende. Lembre-se de que à última vez que o encontrei antes deste verão foi em Nova York, com aquela cretina dos tocos de cigarro.

— Ela se matou — disse Roger.

— Quando?

— Enquanto eu andava lá pelas montanhas. Antes de ir pra Califórnia e escrever aquele filme.

— Sinto muito — disse Thomas Hudson.

— Ela teria que acabar desse jeito mesmo — retrucou Roger. — Ainda bem que caí fora a tempo.

— Você nunca se meteria numa coisa dessas.

— Não sei, não — disse Roger. — Já houve ocasiões em que me pareceu perfeitamente possível.

— Um dos motivos por que você não faria isso é que seria um exemplo horrível pros meninos. Como é que o David iria sentir-se?

— Provavelmente compreenderia. De qualquer forma, quando a gente se atola até o pescoço num negócio desses, não se pensa muito em dar exemplo.

— Agora você está sendo piegas.

Bobby empurrou os drinques no balcão.

— Roger, você começa com esses troços e até eu fico deprimido. Sou pago pra ouvir tudo o que o pessoal diz. Mas não quero escutar os meus amigos falando assim. Pare com isso, Roger.

— Já parei.

— Ótimo — disse Bobby. — Beba. Teve aqui um cara de Nova York que morava lá embaixo na estalagem e que costumava vir cá e passar a maior parte do dia bebendo. A única coisa que ele sabia dizer era que ia se matar. Deixou todo

mundo nervoso metade do inverno. O guarda o preveniu de que era um ato ilegal. Tentei fazer com que o guarda o prevenisse de que até falar naquilo também era ilegal. Mas o guarda disse que pra isso teria que mandar consultar Nassau. Depois de certo tempo, o pessoal meio que se acostumou com a ideia do cara, e aí então uma porção de gente que bebia começou a ficar do lado dele. Principalmente um dia em que estava conversando com o Big Harry e falou pro Big Harry que andava pensando em se matar e queria levar alguém junto com ele.

“‘Então tá pra mim’, disse o Big Harry pra ele. ‘Eu sou o cara que você anda procurando.’ De modo que aí então o Big Harry se esforçou pra convencê-lo de que os dois deviam ir pra Nova York pra se dedicar seriamente à coisa e tomar um pileque até não aguentarem mais e depois saltar do lugar mais alto da cidade pra mergulhar diretamente no olvido. Eu acho que olvido pro Big Harry era uma espécie de subúrbio. Provavelmente um bairro irlandês.

“Ora, o cara do suicídio topou a ideia, e eles passaram a discuti-la todos os dias. Outros também tentaram aderir, propondo que se formasse uma excursão de candidatos à morte que fosse ao menos até Nassau pra tratar dos preparativos. Mas o Big Harry preferia Nova York e finalmente revelou ao cara do suicídio que não aguentava mais esta vida e tava pronto pra ir.

“Acontece que o Big Harry teve que se ausentar uns dois dias pra pescar lagostas por encomenda do capitão Ralph, e enquanto ele ficou fora o cara do suicídio deu pra beber demais. Depois tomava uma espécie de amoníaco lá do norte que parecia deixá-lo sóbrio e descia pra beber de novo. Mas de um jeito ou doutro o negócio começou a se acumular nele.

“A essa altura todo mundo já o chamava de Suicida, e então eu falei pra ele: ‘Suicida, é melhor você parar com isso, senão não vai viver pra chegar lá no olvido.’

“‘Agora não tem mais remédio’, disse ele. ‘Já estou a caminho. É inevitável. Pegue aí o dinheiro, quero pagar estes drinques. Tomei minha terrível decisão.’

“‘Tá aqui o troco’, disse eu.

“‘Não quero troco nenhum. Guarde pro Big Harry, pra ele poder tomar um trago antes de partir ao meu encontro.’

“Aí saiu correndo e se jogou de cabeça para baixo no canal, lá do trapiche do Johnny Black, com a maré já baixando. Era de noite, não tinha lua, e ninguém mais o viu até que dois dias depois as ondas jogaram-no lá no promontório. Aquela noite todo mundo procurou o cara sem parar. Eu imaginei que decerto tinha batido com a cabeça nalgum cimento velho e sido arrastado pela maré. O Big Harry voltou e ficou chorando até terminar de gastar todo o troco em bebida. E era de uma nota de vinte dólares, note-se. Aí então o Big Harry me disse: ‘Sabe, Bobby, eu tenho a impressão de que o velho Suicida era louco.’ E tinha razão, mesmo, porque, quando a família mandou buscar o corpo, o homem que veio aqui explicou ao delegado que o velho Suicida sofria de um troço chamado mecânica depressiva. Você nunca teve isso, não é, Roger?”

— Não — respondeu Roger. — E agora acho que nunca terei.

— Assim é que eu gosto — disse seu Bobby. — E nunca mais invente de andar brincando com esse negócio de esquecer.

— O esquecimento que se foda — retrucou Roger.



O almoço foi ótimo. O bife estava escuro por fora, riscado pela grelha. Metia-se a faca, e dentro a carne era macia e succulenta. Todos juntaram o molho dos pratos, derramando em cima do pirê de batatas: formou-se um lago naquela brancura cremosa. Os feijões-de-lima, cozinhados na manteiga, ficaram rijos; a alface estava fresca e fria, e a toranja praticamente gelada.

A ventania deixou o pessoal faminto, e Eddy veio olhar enquanto comiam. Seu rosto continuava muito feio.

— Porra, que que vocês acham de uma carne como essa? — perguntou.

— Sensacional — respondeu Tom Jr.

— Mastigue bem — disse Eddy. — Não desperdice isso comendo depressa.

— Não dá pra se mastigar muito, senão desmancha — retrucou Tom Jr.

— Tem sobremesa, Eddy? — perguntou David.

— Lógico. Torta com sorvete.

— Oba! — exclamou Andrew. — Duas fatias?

— O bastante pra atolar. O sorvete tá duro feito pedra.

— Que tipo de torta?

— De framboesas.

— Que tipo de sorvete?

— De coco.

— De onde é que veio?

— O vapor trouxe.

Beberam chá gelado com a comida, e Roger e Thomas Hudson tomaram café depois da sobremesa.

— O Eddy é um cozinheiro formidável — disse Roger.

— É que você estava com apetite.

— Aquele bife não tinha nada a ver com apetite. Nem aquela salada. Nem a torta.

— Ele é ótimo cozinheiro — admitiu Thomas Hudson. — O café está bom?

— De primeira.

— Pai — perguntou Tom Jr. —, se o pessoal do iate for no seu Bobby, não dava pra gente ir até lá pra fazer o Andy bancar o pau-d'água pra eles?

— O seu Bobby é capaz de não gostar. Ele pode meter-se em encrenca com o guarda.

— Eu vou lá, explico pro seu Bobby e falo com o guarda. Ele é nosso amigo.

— Está bem. Você explica pro seu Bobby e fica de olho pra quando aparecer o pessoal do iate. Que faremos com o Dave?

— Não dava pra carregá-lo no colo? Ia ficar engraçado.

— Eu calço os tênis do Tom e caminho — disse David. — Você já planejou tudo, Tommy?

— A gente vai inventando, pelo caminho — respondeu Tom Jr. — Você ainda sabe virar as pálpebras pra fora?

— Claro, ora — disse David.

— Não vira agora, por favor — suplicou Andrew. — Não quero sentir-me mal logo depois do almoço.

— Por qualquer dinheiro, eu faria você vomitar agora, cavaleiro.

— Não, por favor, não. Mais tarde eu não me importo.

— Quer que eu vá com vocês? — perguntou Roger a Tom Jr.

— Gostaria muito — disse Tom Jr. — A gente podia planejar junto.

— Então vamos — disse Roger. — Por que não tira uma sesta, Davy?

— Sou capaz — disse David. — Vou ler até pegar no sono. O que que você vai fazer, pai?

— Trabalhar ao abrigo do vento lá na varanda.

— Vou deitar-me lá fora na cama de lona pra ver você trabalhar. Não atrapalha?

— Não. Trabalho até melhor assim.

— Nós não vamos demorar — disse Roger. — E você, Andy?

— Eu gostaria de ir examinar o lugar. Mas acho que não seria bom porque o pessoal pode estar lá.

— Sabido — disse Tom Jr. — Você é vivo, cavaleiro.

Os dois saíram, e Thomas Hudson trabalhou toda a tarde. Andy olhou um pouco e depois foi dar uma volta, e David ficou olhando, lendo, sem fazer comentários.

Thomas Hudson queria pintar o salto do peixe primeiro, porque pintá-lo dentro d'água ia ser muito mais difícil. Fez dois esboços, dos quais não gostou, e finalmente um terceiro, que lhe agradou.

— Acha que está bom, Davy?

— Puxa, pai, tá formidável. Mas a água sobe junto quando ele sai d'água, não sobe? Quero dizer, não só quando ele se esborracha de volta.

— Tem que subir, sim — concordou o pai. — Porque ele precisa romper a superfície.

— Ele demorou tanto pra aparecer. Deve ter deslocado água à beça. Imagino que ela escorresse ou transbordasse dele, se a gente pudesse ver tudo bem rápido. Ele tá subindo ou descendo?

— Isto é só um esboço. Imaginei-o apenas pairando no ar.

— Eu sei que é só um esboço, pai. Desculpe se meti o bedelho. Não pretendia bancar o sabichão.

— Mas eu gosto que você me diga.

— Sabe quem deve saber? O Eddy. Ele enxerga mais rápido que uma câmera e tem boa memória. Não acha o Eddy um grande sujeito?

— Evidente que acho.

— Praticamente ninguém conhece o Eddy. O Tommy conhece, lógico. Não há ninguém de quem eu goste mais do que o Eddy, a não ser você e Mr. Davis. Ele tem prazer em cozinhar, conhece uma porção de coisas e sabe fazer de tudo. Veja o que ele fez com o tubarão e o jeito como se jogou ontem da amurada atrás do peixe.

— E de noite teve gente que bateu nele por não acreditar no que ele contou.

— Mas, pai, o Eddy não é trágico.

— Não, ele é feliz.

— Até mesmo hoje, depois da surra que levou, estava feliz. E tenho certeza de que estava feliz pois ele veio logo atrás dele.

— Claro.

— Gostaria que Mr. Davis fosse feliz que nem o Eddy.

— Mr. Davis é mais complicado.

— Eu sei. Mas me lembro como antes ele vivia despreocupado, sem dar bola pra nada. Conheço Mr. Davis muito bem, pai.

— Agora ele anda bastante contente. Mas reconheço que perdeu a despreocupação.

— Eu não quis dizer que ele fosse leviano.

— Nem eu, tampouco. Mas perdeu uma espécie de segurança que tinha.

— Eu sei — concordou David.

— Gostaria de que a recuperasse. Talvez consiga, quando voltar a escrever. Você vê, o Eddy é feliz porque o que ele faz ele faz bem, e faz isso todo dia.

— Creio que Mr. Davis não consegue fazer todo dia, assim como você e o Eddy fazem.

— Não. E há outras coisas no meio.

— Eu sei. Sei até demais pra um garoto da minha idade, pai. O Tommy sabe vinte vezes mais que eu, as coisas mais incríveis, e não sai perdendo com isso. Mas comigo é diferente, qualquer coisa que eu saiba me fere. Também não sei por que que é assim.

— Você quer dizer que sente com muita força.

— Sinto, e me dá uma sensação estranha. É como um pecado que pago pelos outros. Se é que existe tal coisa.

— Entendo.

— Pai, desculpe-me por estar falando assim tão sério. Sei que é falta de educação. Mas às vezes eu gosto, porque tem tanta coisa que a gente não sabe e que depois, quando se fica sabendo, cai de chofre em cima da gente, que nem uma onda. Assim como as ondas estão hoje.

— Você pode sempre me perguntar tudo o que quiser, Davy.

— Eu sei. Muito obrigado. Tem algumas que eu acho que vou ter que esperar. Outras, me parece que a gente só aprende provavelmente pela experiência.

— Não acha melhor irmos ver esse negócio de “pau-d’água” com o Tom e o Andy lá no Bobby? Lembre-se de que me meti numa encrenca por causa do sujeito que disse que você andava sempre embriagado.

— Lembro, quando ele tinha me visto embriagado com vinho duas vezes em três anos, mas não falemos nisso. Essa história lá no seu Bobby vai ser um bom álibi, se por acaso eu der pra beber. Se bebi duas vezes com aquele homem, bem que posso beber a terceira. Não, eu acho que vai ser ótimo, pai.

— Você tem feito isso ultimamente, a cena da bebedeirafingida?

— O Tom e eu fazemos umas muito boas. Mas com Andy sai muito melhor. O Andy é uma espécie de gênio no assunto. Sabe fazer umas horríveis. As minhas são meio especiais.

— Quais que você tem feito ultimamente?

Thomas Hudson continuou desenhando.

— Nunca me viu bancar o irmão retardado? O mongoloide?

— Não. Que tal lhe parece agora, Davy?

Mostrou-lhe o desenho.

— Ótimo — respondeu David. — Agora percebo o que você tava querendo conseguir. É quando ele fica suspenso no ar, pouco antes de cair. Dá pra eu ficar de fato com o quadro, pai?

— Lógico.

— Hei de cuidar bem dele.

— Serão dois.

— Só vou levar um pro colégio, o outro deixo lá em casa com a mãe. Ou você prefere guardá-lo aqui?

— Não. Ela é capaz de gostar. Conte-me mais sobre as outras que você fez — pediu Thomas Hudson.

— A gente antes fazia umas tremendas nos trens. Acho que não há como os trens, por causa da espécie de gente que viaja. Só nos trens é que a gente encontra esse tipo de gente concentrada. E depois eles não podem ir embora.

Thomas Hudson ouviu Roger conversando em outro cômodo e começou a limpar e guardar suas coisas. Tom Jr. entrou e perguntou:

— Como é, pai? Trabalhou muito? Posso ver?

Thomas Hudson mostrou-lhe os dois esboços.

— Gosto de ambos — disse ele.

— Qual é o que você gosta mais? — perguntou-lhe David.

— Não tenho preferência. Os dois estão ótimos! — respondeu.

Thomas Hudson notou que ele estava apressado e com o espírito noutra parte.

— Que tal foi? — perguntou-lhe David.

— Fabuloso — disse Tom Jr. — Se a gente fizer direito, vai sair sensacional. Estão todos lá agora, e ficamos ensaiando a tarde inteira com eles. Falamos com seu Bobby e com o guarda antes que eles aparecessem. Por enquanto só chegamos no ponto em que Mr. Davis fica no pileque e eu tento dissuadi-lo.

— Você não exagerou?

— Claro que não, porra — retrucou Tom Jr. — Precisava ter visto Mr. Davis. Cada drinque fazia uma diferença nele. Mas só bem de leve.

— Que foi que ele bebeu?

— Chá. Seu Bobby botou numa garrafa de rum. Ele arrumou uma garrafa de gim cheia d'água pro Andy.

— Como é que você tentou dissuadir Mr. Davis?

— Implorando. Mas de um jeito que eles não pudessem ouvir. O seu Bobby também tá na coisa, mas ele tá usando bebida de verdade.

— É melhor a gente ir até lá — propôs David. — Antes que o seu Bobby se adiante demais. Como é que Mr. Davis tá se sentindo?

— Formidável. É um grande artista, Dave. Um grande artista.

— Onde está o Andy?

— Na parte de baixo, treinando cenas diante de um espelho.

— O Eddy também vai entrar?

— Não só o Eddy como o Joseph.

— Nunca que eles vão lembrar.

— Têm apenas uma fala.

— O Eddy é capaz de decorar uma fala, mas o Joseph não sei.

— Ele só tem que repetir o que o Eddy disser.

— O guarda também vai?

— Claro.

— Eles são quantos?

— Sete, com as duas moças. Uma simpática e uma maravilhosa. Ela já tá com pena de Mr. Davis.

— Oba! — exclamou David. — Então vamos.

— Como é que você vai fazer pra chegar até lá? — perguntou Tom Jr. a David.

— Eu o carrego — disse Thomas Hudson.

— Por favor, pai, deixe eu botar os tênis — pediu David. — Deixe eu calçar os tênis do Tommy. Caminho no canto dos pés, aí não dói e até fica engraçado.

— Está bem. É melhor a gente ir. Onde anda o Roger?

— Tá tomando um rápido com o Eddy pra aperfeiçoar — explicou Tom Jr. — Ele já estava por conta de tanto beber aquele chá, pai.

O vento ainda soprava forte do lado de fora quando se dirigiram ao Ponce de León. O pessoal do iate estava no bar, tomando coquetéis de rum. Formava um grupo vistoso, queimado de sol e vestido de branco, e se mostraram educados, cedendo lugar no balcão. Dois homens e uma moça ocupavam a extremidade onde havia a máquina caça-níqueis, e os três homens restantes se achavam com a outra moça na extremidade oposta, mais perto da porta. Era a mais bonita que estava encostada na máquina. Mas a outra também era tremendamente simpática. Roger, Thomas Hudson e os meninos entraram logo. David até procurou não mancar.

Seu Bobby olhou para Roger e exclamou:

— Você de novo?

Roger fez um aceno desesperado com a cabeça, Bobby colocou a garrafa de rum e um copo no balcão na frente dele.

Roger estendeu o braço e não falou nada.

— Você bebendo, Hudson? — recriminou Bobby a Thomas Hudson, com cara severa e virtuosa. Thomas Hudson confirmou com a cabeça. — Devia parar com isso — disse Bobby. — Tudo tem seu limite, porra.

— Só quero um pouco de rum, Bobby.

— Esse troço que ele tá tomando?

— Não. Bacardi.

Seu Bobby encheu um copo e entregou a Thomas Hudson.

— Pegue — disse. — Embora saiba que não devia servi-lo.

Thomas Hudson esvaziou o copo de um gole. Esquentava e inspirava.

— Dê-me outro — disse.

— Daqui a vinte minutos, Hudson — retrucou Bobby, olhando o relógio atrás do balcão.

A essa altura o pessoal começou a prestar um pouco de atenção, mas discretamente.

— Que que você vai tomar, meu chapa? — perguntou seu Bobby a David.

— Porra, você sabe muito bem que não posso tocar nesse troço — respondeu-lhe David com dureza.

— Desde quando?

— Desde ontem à noite. Porra, já esqueceu?

— Desculpe-me — disse seu Bobby. Tomou um rápido. — Que diabo, como é que vou lembrar-me de tudo o que vocês fazem, seus delinquentes de merda? Só quero que afastem esse tal Hudson daqui quando tenho freguesia decente.

— Estou bebendo sem criar problema — protestou Thomas Hudson.

— Acho bom.

Seu Bobby meteu a rolha na garrafa na frente de Roger e colocou-a de novo na prateleira.

Tom Jr. acenou-lhe com ar de aprovação e cochichou no ouvido de Roger. Roger baixou a cabeça entre as mãos, depois ergueu-a e apontou para a garrafa. Tom Jr. sacudiu a cabeça. Bobby apanhou a garrafa, tirou a rolha e largou-a diante de Roger.

— Beba até morrer — disse. — Eu é que não vou perder meu sono.

A essa altura os dois grupos não desviavam os olhos da cena; mas sempre discretamente. Podiam estar às voltas com a rala, mas eram educados e pareciam simpáticos.

Aí então Roger falou pela primeira vez.

— Dê um drinque aí pro pirralho — pediu a Bobby.

— Que que você quer tomar, meu filho? — perguntou seu Bobby a Andy.

— Gim — respondeu Andy.

Thomas Hudson cuidou para não olhar para os dois grupos. Mas podia sentir a reação deles.

Bobby pôs a garrafa na frente de Andy, com um copo do lado. Andy encheu bem o copo e levantou-o para Bobby.

— À sua saúde, seu Bobby — disse. — O primeiro do dia inteiro.

— Tome de uma vez — disse Bobby. — Você tá chegando tarde.

— O pai recebeu dinheiro — explicou David. — Presente de aniversário da mãe.

Tom Jr. olhou para a cara do pai e começou a chorar. Fez força para reprimir as lágrimas, mas era triste de ver e não exagerou demais.

Ninguém falou até que Andy pediu:

— Dê-me outro gim, por favor, seu Bobby.

— Sirva-se à vontade — disse Bobby. — Pobre criança desgraçada. — Depois virou-se para Thomas Hudson: — Hudson — disse. — Tome mais um e dê o fora.

— Eu posso ficar enquanto não fizer barulho — retrucou Thomas Hudson.

— Eu o conheço. Não demora muito, você faz — disse Bobby, com ar de vingança.

Roger apontou para a garrafa, e Tom Jr. puxou-o pela manga. Já tinha controlado as lágrimas e estava se mostrando corajoso e bom.

— Mr. Davis — disse ele. — O senhor não deve.

Roger não respondeu nada, e seu Bobby tornou a colocar a garrafa na sua frente.

— Mr. Davis, o senhor tem que escrever hoje de noite — insistiu Tom Jr. — O senhor sabe que prometeu que escreveria.

— Por que você acha que estou bebendo? — retrucou Roger.

— Mas, Mr. Davis, o senhor não precisou beber tanto assim quando escreveu *A tempestade*.

— Por que você não cala a boca? — disse-lhe Roger.

Tom Jr. foi paciente, corajoso e sofrido.

— Eu calo, Mr. Davis. Mas só porque o senhor me pediu. Não dá pra gente voltar pra casa?

— Você é um bom menino, Tom — disse Roger. — Mas nós vamos ficar aqui.

— Por muito tempo ainda, Mr. Davis?

— Até o fim, porra.

— Acho que não devíamos, Mr. Davis — disse Tom Jr. — Realmente acho. E o senhor sabe que, se ficar de tal jeito que não puder enxergar, não será capaz de escrever.

— Eu dito — disse Roger. — Que nem Milton.

— Eu sei que o senhor dita maravilhosamente bem — disse Tom Jr. — Mas hoje de manhã, quando Miss Phelps tentou copiar da máquina, a maior parte era só música.

— Estou escrevendo uma ópera — disse Roger.

— Eu sei que o senhor vai escrever uma ópera formidável, Mr. Davis. Mas não acha que devíamos terminar primeiro o romance? O romance já tá muito adiantado.

— Termine você mesmo — retrucou Roger. — A essa altura já deve conhecer a trama.

— A trama eu conheço, Mr. Davis, e é uma beleza, mas aparece aquela mesma moça que já tinha morrido no seu outro livro, e as pessoas podem ficar confusas.

— Dumas fazia o mesmo.

— Não o chateie — pediu Thomas Hudson a Tom Jr. — Como é que ele vai escrever com você chateando o tempo todo?

— Mr. Davis, não dava pro senhor arrumar uma secretária realmente boa pra escrever pro senhor? Ouvi falar que é o que os romancistas fazem.

— Não. Sai muito caro.

— Quer que eu o ajude, Roger? — perguntou Thomas Hudson.

— Sim. Você pode pintá-lo.

— Que maravilha! — exclamou Tom Jr. — Você vai mesmo, pai?

— Pinto num dia — prometeu Thomas Hudson.

— Pinte de cabeça pra baixo, feito Michelangelo — aconselhou Roger. — Pinte bem grande pra que o rei George possa ler sem óculos.

— Você vai pintar, pai? — perguntou David.

— Vou.

— Ótimo — disse David. — É a primeira coisa sensata que ouço.

— Não vai ser muito difícil, pai?

— Não, porra. No mínimo é simplíssimo. Quem é a moça?

— Aquela com quem o Mr. Davis sempre anda.

— Pinto-a na metade de um dia — disse Thomas Hudson.

— Pinte-a de cabeça pra baixo — insistiu Roger.

— Não vem com grossura — retrucou Thomas Hudson.

— Seu Bobby, quer dar-me mais um trago? — pediu Andy.

— Quantos você já tomou, meu filho? — perguntou Bobby.

— Só dois.

— Sirva-se — disse Bobby, alcançando a garrafa. — Escute aqui, Hudson, quando é que você vai levar aquele quadro, hem?

— Não recebeu nenhuma oferta por ele?

— Não — respondeu Bobby. — E ocupa muito espaço. Ademais, me deixa nervoso pra burro. Quero que você o tire daqui.

— Com licença — disse um dos homens do iate para Roger. — Essa tela está à venda?

— Quem lhe dirigiu a palavra? — Roger olhou para ele.

— Ninguém — respondeu o homem. — Você é o Roger Davis, não é?

— Claro que sou, porra.

— Se o seu amigo pintou essa tela e ela está à venda, eu gostaria de discutir o preço com ele — disse o homem, virando-se. — Você é o Thomas Hudson, não é?

— Exato.

— A tela está à venda?

— Não — afirmou Thomas Hudson. — Sinto muito.

— Mas o homem do bar disse...

— Ele está louco — disse Thomas Hudson. — É um sujeito tremendamente bom. Mas está louco.

— Seu Bobby, quer dar-me outro gim, por favor? — pediu Andrew com a máxima delicadeza.

— Mas certamente, meu jovem — respondeu Bobby, servindo-o. — Sabia o que deviam fazer? Deviam botar o seu belo rostinho saudável no rótulo dessas garrafas de gim, em vez desse punhado de moranguinhos bestas. Hudson, por que você não desenha um rótulo apropriado pra uma garrafa de gim que reproduzisse a graça infantil do rostinho do Andy?

— A gente podia lançar uma marca — sugeriu Roger. — Já tem o gim Old Tom. Por que não se bota Merry Andrew?

— Eu entro com o dinheiro — disse Bobby. — Dá pra fazer o gim aqui na ilha mesmo. Os garotos podem engarrafá-lo e colar os rótulos. A gente vende por atacado e a varejo.

— Seria uma volta ao artesanato — disse Roger. — Que nem o William Morris.

— De que que a gente faria o gim, seu Bobby? — perguntou Andrew.

— De peixe — respondeu Bobby. — E de caramujos.

O pessoal do iate agora já não olhava mais para Roger, nem para Thomas Hudson, nem para os meninos. Estavam observando Bobby, e tinham uma cara preocupada.

— Voltando à tela — disse o homem.

— A que tela você se refere, meu caro? — indagou Bobby, emborcando outro rápido.

— Aquela enorme ali, com as três trombas-d'água e o homem no escaler.

— Ali onde? — retrucou Bobby.

— Ali — disse o homem.

— Desculpe-me, moço, mas acho que você já bebeu que chega. Isto aqui é um lugar respeitável. Não andamos com trombas-d'água e homens em escaleres por aqui.

— Eu me refiro àquele quadro ali.

— Não me provoque, moço. Não há nenhum quadro ali. Se tivesse algum quadro aqui, estaria atrás do balcão, que é lugar de pintura, e seria um nu recostado pelo comprido, bem arrumadinho, como convém.

— Eu me refiro àquele quadro ali.

— Que quadro, onde?

— Ali.

— Teria o maior prazer em lhe preparar um Bromo Seltzer, moço. Ou lhe chamar um riquixá — disse Bobby.

— Um riquixá?

— É. Um riquixá de merda, pra falar mais claro. Você é um riquixá. E já bebeu que chega.

— Seu Bobby? — perguntou Andy com toda a delicadeza. — O senhor acha que já bebi que chega?

— Não, meu querido. Claro que não. Sirva-se.

— Obrigado, seu Bobby — disse Andy. — Com este são quatro.

— Gostaria que fossem cem — retrucou Bobby. — Você é o meu orgulho.

— Que que você acha de a gente dar o fora daqui, Hal? — sugeriu um dos homens ao que queria comprar o quadro.

— Eu quero comprar essa tela — disse-lhe o outro. — Se puder conseguir um preço razoável.

— Prefiro ir embora — insistiu o primeiro. — Farra é farra, etc. e tal. Mas ver criança bebendo é um pouco demais.

— O senhor está mesmo servindo gim pra esse menino? — perguntou a Bobby a loura bonita na ponta do balcão perto da porta. Era uma moça alta, de cabelos bem claros e sardas simpáticas. Não eram sardas de ruiva, mas do tipo que as loiras ficam quando têm pele que queima em vez de bronzear.

— Sim, senhora.

— Que pouca-vergonha — disse a moça. — É revoltante, uma pouca-vergonha, um crime.

Roger evitou olhar para ela, e Thomas Hudson manteve-se cabisbaixo.

— Que que a senhora queria que ele bebesse? — perguntou Bobby.

— Nada. Ele não devia estar bebendo coisa nenhuma.

— Não me parece lá muito justo — retrucou Bobby.

— Que que o senhor entende por justo? Acha justo envenenar uma criança com álcool?

— Viu, pai? — disse Tom Jr. — Eu achei um erro que o Andy bebesse.

— Ele é o único dos três que bebe, minha senhora. Desde que o meu chapa aqui largou a bebida — tentou Bobby ponderar com ela. — Acha justo privar o único membro de uma família de três meninos do pouco prazer que ele tem?

— Justo! — exclamou a moça. — Acho o senhor um monstro. O senhor é outro — disse a Roger. — E o senhor também — disse a Thomas Hudson. — São todos horríveis, e eu os odeio.

Estava com lágrimas nos olhos. Virou as costas aos meninos e a seu Bobby, perguntando aos companheiros:

— Nenhum de vocês vai fazer nada?

— Acho que é brincadeira — respondeu um deles. — Como a do garçom mal-educado que se contrata pra uma festa. Ou que nem conversa fiada.

— Não, não é brincadeira. Esse sujeito medonho está dando gim pra ele. É horrível e trágico.

— Seu Bobby? — perguntou Andy. — O meu limite é cinco?

— Por hoje — respondeu Bobby. — Não quero que você faça nada que escandalize a moça.

— Ah, me levem embora daqui — disse a moça. — Não quero mais ver.

Começou a chorar, e dois homens saíram com ela. Thomas Hudson, Roger e os meninos se sentiram todos muito mal.

A outra moça, a realmente linda, se aproximou. Tinha o rosto bonito, a pele dourada e o cabelo queimado de sol. Estava de calças compridas, mas Thomas Hudson pôde ver perfeitamente que possuía um corpo maravilhoso. O cabelo era sedoso e ondulava quando ela caminhava. Teve certeza de que já a tinha visto antes.

— Não é gim mesmo, é? — perguntou a Roger.

— Não. Claro que não.

— Vou lá fora dizer pra ela. Ela está se sentindo realmente muito mal.

Saiu pela porta, dirigindo-lhes um sorriso. Era uma mulher deslumbrante.

— Agora terminou, pai — disse Andy. — A gente pode tomar Coca?

— Gostaria de uma cerveja, pai. Se não deixar a tal moça se sentindo mal — pediu Tom Jr.

— Acho que uma cerveja não a deixaria se sentindo mal — disse Thomas Hudson. — Aceita um drinque? — perguntou ao homem que queria comprar o quadro. — Desculpe se nos portamos feito idiotas.

— Não. Não — disse o homem. — Muito interessante. A coisa toda foi muito interessante pra mim. Fascinante. Sempre me interessei por escritores e pintores. Vocês estavam todos improvisando?

— Estávamos — respondeu Thomas Hudson.

— Agora, quanto à tela...

— Ela pertence a Mr. Saunders — explicou-lhe Thomas Hudson. — Pinte pra ele, de presente. Não creio que queira vendê-la. Mas é dele, e ele pode fazer o que bem entender com ela.

— Quero ficar com ela — disse Bobby. — Não me ofereça muito dinheiro por ela porque iria apenas me sentir mal.

— Gostaria realmente de tê-la.

— Eu também, porra — disse Bobby. — E é minha.

— Mas, Mr. Saunders. Isso é uma tela preciosa demais pra ficar num lugar destes.

Bobby começou a se irritar.

— Deixe-me em paz, sim? — pediu ao homem. — Nós estávamos nos divertindo à beça. Como nunca. E as mulheres tinham que chorar e estragar tudo. Sei que a intenção dela era boa. Mas que porra. As boas intenções só servem pra encher. A minha velha vive me amolando o dia inteiro com boas intenções. Pro inferno com as boas intenções. Agora você vem aqui e acha que pode levar meu quadro só porque quer.

— Mas, Mr. Saunders, o senhor mesmo disse que queria o quadro longe daqui e que estava à venda.

— Pura conversa — disse Bobby. — Isso foi quando andávamos de farra.

— Então o quadro não é pra vender?

— Não. O quadro não é pra vender, nem alugar, nem fretar.

— Bem — disse o homem. — Aqui está o meu cartão, caso um dia esteja à venda.

— Assim fica ótimo — disse Bobby. — O Tom talvez tenha algum em casa que ele queira vender. Não é, Tom?

— Acho que não — respondeu Thomas Hudson.

— Gostaria de ir até lá pra dar uma olhada — insistiu o homem.

— De momento não estou expondo nada — respondeu Thomas Hudson. — Mas, se quiser, posso dar-lhe o endereço da galeria em Nova York.

— Obrigado. Quer escrever aqui?

O homem tinha caneta, anotou o endereço nas costas de um dos cartões e entregou outro a Thomas Hudson. Depois agradeceu novamente e perguntou-lhe se não aceitava um drinque.

— Pode dar-me uma ideia dos preços das telas maiores?

— Não — disse Thomas Hudson. — Mas o homem da galeria pode.

— Vou procurá-lo assim que voltar pra cidade. Esta tela é extremamente interessante.

— Obrigado — disse Thomas Hudson.

— Está absolutamente seguro de que não pode ser vendida?

— Santo Deus — exclamou Bobby. — Pare com isso, sim? O quadro é meu. Fui eu que tive a ideia, e o Tom pintou-o pra mim.

O homem fez uma cara de quem achava que “as charadas” iam recomeçar e sorriu com muito espírito esportivo.

— Não gosto de ser insistente...

— Porra, você é quase tão insistente quanto um retardado mental — retrucou Bobby. — Venha cá. Tome um drinque por conta da casa e não se fala mais nisso.

Os meninos conversavam com Roger.

— Enquanto durou, foi muito bom, não é, Mr. Davis? — perguntou Tom Jr. — Não exagerei demais, né?

— Foi ótimo — disse Roger. — Mas o Dave não teve muita oportunidade.

— Eu já estava quase pronto para bancar o monstro — disse David.

— Você teria matado a moça, acho eu — disse Tom Jr. — Ela já estava muito magoada. Você ia fazer-se de monstro?

— Tinha virado as pálpebras pra dentro e estava pronto pra começar — explicou David. — Quando me curvei pra me preparar, todo mundo parou.

— Foi um azar que ela fosse tão boazinha — disse Andy. — Eu ainda não havia começado a demonstrar os efeitos da bebida. Acho que agora não teremos mais chance de fazer outra.

— O seu Bobby não esteve formidável? — perguntou Tom Jr. — Puxa, o senhor foi cem por cento, seu Bobby.

— Pena que a gente tivesse que parar — disse Bobby. — E o guarda ainda nem veio. Eu mal tinha começado a me animar. Agora sei como é que esses grandes atores devem sentir-se.

A moça apareceu na porta. Quando entrou, o vento lhe colou o suéter no corpo e lhe soprou o cabelo ao se virar para Roger.

— Ela não quis voltar. Mas não tem importância. Já está bem.

— Aceita um drinque conosco? — convidou Roger.

— Aceito.

Roger apresentou todos eles, e ela disse que se chamava Audrey Bruce.

— Posso ir a sua casa ver os quadros?

— Naturalmente — respondeu Thomas Hudson.

— Gostaria de acompanhar Miss Bruce — disse o homem da persistência.

— Você é pai dela? — perguntou-lhe Roger.

— Não. Mas sou um velho amigo.

— Você não pode vir — disse Roger. — Terá que esperar pelo Dia dos Velhos Amigos. Ou conseguir um cartão da comissão organizadora.

— Por favor, não seja rude com ele — pediu ela a Roger.

— Creio que já fui.

— Não seja mais.

— OK.

— Sejam cordiais.

— Ótimo.

— Gostei daquela frase do Tom sobre a tal moça que figura em todos os seus livros.

— Gostou mesmo? — perguntou-lhe Tom Jr. — Não é bem verdade. Estava mexendo com Mr. Davis.

— Achei que tinha um fundo de verdade.

— Vá até lá em casa — convidou Roger.

— Posso levar meus amigos?

— Não.

— Nenhum deles?

— Gosta muito deles?

— Não.

— Ótimo.

— A que horas posso ir a sua casa?

— Qualquer uma — disse Thomas Hudson.

— Fico convidada pra almoçar?

— Naturalmente — disse Roger.

— Esta ilha está me parecendo esplêndida — disse ela. — Alegro-me de que todos nós estejamos tão cordiais.

— David pode mostrar-lhe como ele ia bancar o monstro quando acabamos com a brincadeira — disse Andy.

— Ah, meu Deus! — exclamou ela. — Então vai ser completo.

— Quanto tempo você pretende ficar? — perguntou Tom Jr.

— Não sei.

— Quanto tempo o iate vai ficar? — perguntou Roger.

— Não sei.

— O que é que você sabe? — retrucou Roger. — A pergunta é puramente cordial.

— Pouca coisa. E você?

— Acho você linda — disse Roger.

— Oh — fez ela. — Muito obrigada.

— Vai se demorar algum tempo?

— Sei lá. Sou capaz.

— Quer ir agora até a casa pra tomar um drinque, em vez de tomar aqui? — perguntou Roger.

— Vamos tomar um aqui — disse ela. — Aqui está tremendamente agradável.

12



No dia seguinte o vento amainou, e Roger e os meninos nadavam na praia enquanto Thomas Hudson trabalhava na varanda do sobrado. Eddy dissera que achava que a água salgada não faria mal aos pés de David se ele depois pusesse outro curativo. Assim todos foram para a água, e Thomas Hudson ficou olhando lá de cima, cuidando de vez em quando e pintando. Começou a pensar em Roger e na moça e se distraiu tanto que foi obrigado a parar de pintar. Era incrível como a moça lhe lembrava a mãe de Tom Jr., na época do primeiro encontro. Mas depois tantas moças tinham-lhe copiado o estilo que era fatal que ficassem parecidas. Continuou trabalhando. Sabia que com o tempo terminaria reencontrando essa moça e estava absolutamente certo de que a veria várias vezes ainda. Quanto a isso não havia dúvida. Bem, era decorativa e parecia muito simpática. Se lembrava a mãe de Tommy, tanto pior, porra. Nada podia fazer. Já tinha passado uma infinidade de vezes pela mesma experiência. Continuou trabalhando.

Sabia que esse quadro ia sair bom. O próximo, com o peixe dentro d'água, é que seria realmente difícil. Talvez devesse ter começado por ele, pensou. Não, é melhor terminar este. O outro pode esperar até quando eles forem embora.

— Deixe eu carregá-lo, Davy — ouviu Roger dizer. — Assim não entra areia neles.

— Tá bem — disse David. — Mas deixe primeiro eu limpar aqui no oceano.

Roger trouxe-o da praia no colo e colocou-o numa cadeira ao lado da porta fronteira ao mar. Ao passarem sob a varanda, em direção à cadeira, Thomas Hudson ouviu David perguntar:

— O senhor acha que ela vai vir, Mr. Davis?

— Sei lá — respondeu Roger. — Tomara que venha.

— Não a acha bonita, Mr. Davis?

— Linda.

— Ela gosta de nós, acho eu. Mr. Davis, o que é que uma moça assim faz?

— Não sei. Não perguntei a ela.

— O Tommy tá gamado por ela. O Andy também.

— E você?

— Sei lá. Não gamo pelas pessoas que nem eles. Em todo caso, quero vê-la de novo. Mr. Davis, ela não é à toa, é?

— Não sei. Não parece. Por quê?

— O Tommy disse que gamou por ela, mas que no mínimo ela é à toa. O Andy falou que não se importa se ela for.

— Ela não parece ser.

— Mr. Davis, aqueles homens que estavam com ela não são uns tipos caladões esquisitos?

— São, sim.

— O que é que homens assim fazem?

— A gente pergunta quando ela vier.

— O senhor acha que ela vai vir?

— Acho — respondeu Roger. — Se fosse você, não me preocuparia.

— É o Tommy e o Andy que estão preocupados. Eu ando gamado por outra pessoa. O senhor sabe. Eu lhe contei.

— Lembro-me. Essa moça também se parece com ela — disse Roger.

— Talvez tenha visto os filmes dela e então tentou copiá-la — disse David.

Thomas Hudson continuou trabalhando.

Roger estava tratando dos pés de David quando ela surgiu caminhando pela praia. Vinha descalça, com o maiô coberto por uma saia da mesma fazenda, e trazia

uma sacola de praia. Thomas Hudson se alegrou ao ver que as pernas eram perfeitas como o rosto e tão firmes quanto os seios que havia visto por baixo do suéter. Tinha braços lindos e estava toda bronzeada. Não usava maquiagem a não ser nos lábios e possuía uma boca bonita que ele gostaria de ver sem batom.

— Olá — disse ela. — Atrasei-me muito?

— Não — respondeu Roger. — Já estivemos n'água, mas eu vou voltar.

Roger transportou a cadeira de David para a beira da praia, e Thomas ficou observando-a enquanto ela se curvava sobre os pés de David, revelando os minúsculos cachos virados para cima na nuca. Estavam prateados ao sol contra a pele bronzeada.

— Que foi que houve com eles? — perguntou. — Pobres pés.

— Esfolei-os içando um peixe — explicou David.

— Que tamanho ele tinha?

— Ninguém sabe. Fugiu.

— Mas que pena.

— Não tem importância — disse David. — A gente nem liga mais pra ele.

— Não faz mal nadar com eles?

Roger estava passando mercurocromo nas esfoladuras. Pareciam cicatrizadas e limpas, mas a carne ficara um pouco franzida com a água salgada.

— O Eddy diz que é bom pra eles.

— Quem é o Eddy?

— O nosso cozinheiro.

— E o cozinheiro de vocês também serve de médico?

— Ele entende dessas coisas — explicou David. — Mr. Davis também disse que não fazia mal.

— Que mais que Mr. Davis diz? — perguntou ela a Roger.

— Que está contente em vê-la.

— Mas que simpático. Vocês farrearam muito ontem à noite, rapazes?

— Não muito — respondeu Roger. — Fizemos uma roda de pôquer, depois eu li e fui dormir.

— Quem ganhou o jogo?

— O Andy e o Eddy — respondeu David. — Você, o que que fez?

— Nós jogamos gamão.

— Dormiu bem? — perguntou Roger.

— Sim. E você?

— Maravilhosamente — disse ele.

— O Tommy é o único de nós que joga gamão — informou David à moça. — Aprendeu com um sujeito que não valia nada e que depois a gente descobriu que era bicha.

— É mesmo? Que história triste.

— Do jeito que o Tommy conta, não é tão triste assim — disse David. — Não aconteceu nada de mau.

— Eu acho todas as bichas tremendamente tristes — disse ela. — Coitadas.

— Essa até que era engraçada — disse David. — Porque esse sujeito, que não valia nada e estava ensinando gamão ao Tommy, queria explicar pra ele o que significava ser bicha e passava o tempo todo falando nos gregos, em Dâmon e Pítias e David e Jônatas. Você sabe, meio parecido como quando contam pra gente sobre a fecundação e reprodução dos peixes, as abelhas fertilizando o pólen e tudo mais no colégio, e o Tommy aí perguntou se ele nunca tinha lido um livro de Gide. Como é que se chamava, Mr. Davis? Não o *Corydon*. Aquele outro. O que fala no Oscar Wilde.

— *Si le grain ne meurt** — respondeu Roger.

— É um livro simplesmente espantoso que o Tommy levou pra ler pros rapazes no colégio. Eles não entendiam francês, lógico, mas o Tommy sempre traduzia. Tem muitos trechos incrivelmente chatos, mas fica simplesmente espantoso quando Mr. Gide chega à África.

— Eu li — disse a moça.

— Ah, ótimo — disse David. — Então sabe a espécie de coisa que eu quero dizer. Pois esse sujeito, que ensinou gamão ao Tommy e depois se descobriu que era bicha, ficou simplesmente assombrado quando Tommy falou no tal livro, mas bem que gostou, porque agora não precisava esclarecer todo aquele negócio sobre as abelhas e as flores, e aí ele disse: “Que bom que você conhece”, ou algo parecido, e o Tommy respondeu exatamente isto pra ele; eu decorei: “Mr. Edwards, meu

interesse pelo homossexualismo é puramente acadêmico. Muito obrigado pelas aulas de gamão, mas agora tenho que ir embora. Passe bem.” Naquele tempo o Tommy era educadíssimo — explicou David. — Havia acabado de chegar da França, onde morou com o pai, e era educadíssimo.

— Você também morou na França?

— Todos nós moramos, mas em épocas diferentes. Só que o Tommy é o único que lembra. O Tommy, afinal, é quem tem melhor memória. Ele se lembra nitidamente, também. Você já morou na França?

— Um bocado de tempo.

— Frequentou o colégio lá?

— Sim. Nos arredores de Paris.

— Espere até falar com o Tommy — disse David. — Ele conhece Paris e os arredores de Paris assim como eu conheço os recifes ou os baixios daqui. Provavelmente nem os conheço tão bem quanto o Tommy conhece Paris.

Agora já estava sentada à sombra da varanda e escorria a areia branca entre os dedos dos pés.

— Conte-me sobre os recifes e os baixios — pediu.

— É melhor que eu os mostre pra você — disse David. — Vou levá-la lá de barco, e podemos fazer pesca submarina, se você quiser. É a única maneira de conhecer os recifes.

— Eu gostaria de ir.

— Quem está no iate? — perguntou Roger.

— Umas pessoas. Você não ia gostar delas.

— Pareciam muito simpáticas.

— Temos que falar nisso?

— Não — respondeu Roger.

— Você viu o homem insistente. Ele é o mais rico e o mais chato. Não dá pra gente mudar de assunto? São todos ótimos, maravilhosos, e chatos como o diabo.

Tom Jr. apareceu acompanhado de Andrew. Tinham nadado bem longe da praia e quando saíram da água e viram a moça ao lado da cadeira de David vieram correndo pela areia dura, e Andy ficou para trás. Chegou sem fôlego.

— Você podia ter esperado — reclamou de Tom Jr.

— Desculpe, Andy — disse Tom Jr. E depois: — Bom-dia. Esperamos por você, mas depois caímos n'água.

— Desculpem o atraso.

— Você não se atrasou. Nós vamos todos entrar de novo.

— Eu fico aqui — disse David. — Vão vocês todos agora. Andei falando demais, de qualquer maneira.

— Não precisa preocupar-se com a ressaca — disse Tom Jr. a ela. — Só vai ficando fundo aos poucos.

— E os tubarões e as bicudas?

— Os tubarões só se aproximam de noite — disse-lhe Roger. — As bicudas nunca incomodam a gente. Só atacariam você se a água estivesse turva ou lodosa.

— Se vissem alguma coisa só de relance e não soubessem o que era, seriam capazes de se lançar sobre ela por engano — explicou David. — Mas elas não mordem a gente na água transparente. Quase sempre tem bicudas por perto quando nadamos.

— Dá pra vê-las flutuando por cima da areia bem ao lado da gente — disse Tom Jr. — São muito curiosas. Mas sempre vão embora.

— Mas, se você estivesse com um peixe — disse-lhe David —, que nem na pesca submarina, e o peixe estivesse numa rede ou numa sacola, elas sairiam atrás do peixe e seriam capazes de atacar você por acaso, porque são muito rápidas.

— Ou se você estivesse nadando no meio de um bando de tainhas ou de um vasto cardume de sardinhas — acrescentou Tom Jr. — Podiam atacá-la quando estivessem caindo em cima do cardume.

— Você nada entre mim e o Tom — sugeriu Andy. — Assim nada a incomoda.

As ondas quebravam com força na praia, e as batuirinhas e tarambolas corriam rapidamente de um lado para outro na areia recém-molhada, à medida que a água recuava antes de rebentar a próxima onda.

— Vocês acham bom nadar quando o mar está assim tão brabo e nem dá pra enxergar direito?

— Lógico, ora — respondeu David. — Só tem que tomar cuidado onde pisa antes de começar a nadar. Em todo caso, provavelmente tá muito brabo pra que uma arraia fique pousada na areia.

— Mr. Davis e eu cuidaremos de você — disse Tom Jr.

— Eu cuidarei de você — disse Andy.

— Se esbarrar nalgum peixe na superfície, provavelmente hão de ser pequenos pampos — disse David. — Eles vêm com a maré alta pra se alimentar com as pulgas da areia. São tremendamente bonitinhos na água, curiosos e amigos.

— Até parece que a gente vai nadar num aquário — comentou ela.

— O Andy pode ensiná-la a expelir ar dos pulmões pra ficar lá no fundo — disse-lhe David. — O Tom lhe mostra a maneira de não se enrascar com as moreias.

— Vê se não a assusta, Dave — disse Tom Jr. — Nós não somos grandes reis submarinos que nem ele. Mas só porque ele é o dono do reino submarino, Miss Bruce...

— Audrey.

— Audrey — disse Tom, e parou.

— O que é que você ia dizer, Tommy?

— Não sei — respondeu Tom Jr. — Vamos nadar de uma vez.

Thomas Hudson trabalhou ainda um pouco. Depois desceu e sentou ao lado de David, ficando a olhar os quatro na rebentação. A moça nadava sem gorro e mergulhava com a sinuosidade de uma foca. Era tão boa nadadora quanto Roger. Quando tornaram a sair d'água e vieram caminhando sobre a areia dura em direção a casa, seu cabelo estava molhado e repuxado na nuca, de modo que não havia nada que disfarçasse o formato da cabeça, e Thomas Hudson achou que nunca tinha visto rosto mais bonito nem corpo mais perfeito. Com uma exceção, talvez. A exceção mais perfeita e bonita. Pare de pensar nisso, disse consigo mesmo. Olhe apenas pra essa moça e fique feliz por ela estar aqui.

— Que tal foi? — perguntou-lhe.

— Maravilhoso — sorriu-lhe ela. — Mas não vi nenhum peixe — disse a David.

— E não podia mesmo, com tanta rebentação — retrucou David. — A não ser que esbarrasse neles.

Estava sentada na areia, com os joelhos entre as mãos. O cabelo escorria, encharcado, pelos ombros, e tinha os dois meninos ao lado. Roger deitou na areia diante dela, a testa escondida pelos braços cruzados. Thomas Hudson abriu a porta de tela, entrou na casa e depois subiu à varanda para trabalhar no quadro. Achou que era a melhor coisa que lhe restava a fazer.

Lá embaixo, na areia, onde Thomas Hudson não mais os observava, a moça se pôs a olhar para Roger.

— Tristonho? — perguntou-lhe.

— Não.

— Pensativo?

— Um pouco, talvez. Não sei.

— Num dia como este é ótimo não pensar em nada.

— Está certo. Não pensemos. Posso olhar as ondas?

— As ondas são grátis.

— Quer voltar pra água?

— Depois.

— Quem lhe ensinou a nadar? — perguntou Roger.

— Você.

Roger levantou a cabeça e olhou para ela.

— Não se lembra da praia em Cap d'Antibes? A praia pequena. Não Eden Roc. Eu sempre via você mergulhar em Eden Roc.

— Que diabo você está fazendo aqui e qual é o seu verdadeiro nome?

— Vim pra cá à sua procura — disse ela. — E creio que o meu nome é Audrey Bruce.

— Vamos, Mr. Davis? — convidou Tom Jr.

Roger nem sequer respondeu.

— Qual é o seu verdadeiro nome?

— Eu me chamava Audrey Raeburn.

— E por que veio à minha procura?

— Porque quis. Fiz mal?

— Acho que não — respondeu Roger. — Quem foi que disse que eu estava aqui?

— Um homem horrível que encontrei numa festa em Nova York. Você teve uma briga com ele aqui. Ele disse que você era um vagabundo que vivia errando pelas praias.

— Pelo visto, meus erros não a afetaram — retrucou Roger, olhando o mar.

— Ele também disse que você era outras coisas. Nenhuma delas muito elogiosa.

— Com quem você estava em Antibes?

— Com mamãe e Dick Raeburn. Lembra-se agora?

Roger soergueu o corpo e olhou para ela. Depois se aproximou, abraçou-a e beijou-a.

— Puta merda — exclamou.

— Fiz bem em vir? — perguntou ela.

— Sua moleca velha — disse Roger. — É você mesma?

— Será que vou ter que provar? É tão inacreditável assim?

— Não me lembro de nenhuma marca secreta.

— Gosta de mim como sou agora?

— Eu a amo como você é agora.

— Você não ia esperar que eu ficasse sempre com cara de potrinho novo, não é? Lembra quando você disse que eu parecia um potrinho que tinha visto uma vez em Auteuil e eu chorei?

— Também foi um elogio. Eu disse que você parecia um potrinho pintado por Tenniel saindo de *Alice no País das Maravilhas*.

— Eu chorei.

— Mr. Davis — disse Andy. — E Audrey. Nós vamos buscar umas Cocas. Também querem?

— Não, Andy. Você, sua moleca?

— Sim. Adoraria uma.

— Vem, Dave.

— Não. Quero ficar escutando.

— Tem horas que você é um irmão bem cretino — disse Tom Jr.

— Tragam-me uma também — pediu David. — Continue, Mr. Davis, não liguem pra mim.

— Eu ligo pra você, Davy — disse a moça.

— Mas pra onde você foi e por que agora se chama Audrey Bruce?

— É meio complicado.

— Imagino que seja.

— Mamãe finalmente casou com um sujeito chamado Bruce.

— Eu o conheci.

— Eu gostava dele.

— Eu passo — disse Roger. — Mas por que Audrey?

— É meu segundo nome. Adotei-o porque não gostei do de mamãe.

— Eu não gostava de mamãe.

— Nem eu tampouco. Gostava de Dick Raeburn, gostava de Bill Bruce, e amava você e amava Tom Hudson. Ele também não me reconheceu, não é?

— Não sei. Ele é esquisitão e talvez não dissesse. Sei que ele acha que você se parece com a mãe de Tommy.

— Quem me dera.

— Mas você se parece, porra. À beça.

— Parece, mesmo — disse David. — Quanto a isso eu sei. Desculpe, Audrey. Eu devia calar a boca e ir embora.

— Você não me amava. Nem a mim, nem ao Tom.

— Ah, eu amava, sim. Você nunca saberá.

— Onde anda a mamãe agora?

— Casou com um sujeito chamado Geoffrey Townsend e mora em Londres.

— Ainda toma drogas?

— Claro. E continua linda.

— É sério?

— É sério, sim. Não se trata apenas de compaixão filial.

— Você tinha compaixão filial pra dar e vender.

— Eu sei. Vivia rezando por todo mundo. Antes tudo me partia o coração. Eu fazia as Primeiras Sextas-Feiras por mamãe, pra lhe conseguir a graça de uma boa morte. Você não imagina como eu rezei por você, Roger.

— Gostaria que tivesse adiantado de alguma coisa — disse Roger.

— Eu também — disse ela.

— Nunca se sabe, Audrey. Um dia pode adiantar — disse David. — Não quero insinuar que Mr. Davis precise de orações. Quero apenas me referir a rezar de modo geral.

— Obrigado, Dave — disse Roger. — Que fim levou o Bruce?

— Morreu. Não lembra?

— Não. Lembro que o Dick Raeburn morreu.

— Imagino que lembre.

— Lembro, sim.

Tom Jr. e Andy voltaram com as garrafas de Coca-Cola. Andy entregou uma garrafa gelada à moça e uma a David.

— Obrigada — disse ela. — Está ótima, bem geladinha.

— Audrey! — exclamou Tom Jr. — Agora me lembrei. Você sempre vinha ao ateliê com Mr. Raeburn. Nunca conversava. Você, eu, o pai e Mr. Raeburn sempre íamos a tudo quanto era circo e às corridas. Mas naquele tempo você não era tão bonita.

— Lógico que era — disse Roger. — Pergunte ao seu pai.

— Sinto muito que Mr. Raeburn tenha morrido — disse Tom Jr. — Lembro muito bem dele morrendo. Ele foi morto por um trenó que saltou numa curva da pista e caiu no meio da multidão. Tinha andado muito doente, e o pai e eu fomos visitá-lo. Passou-se certo tempo, ele melhorou e foi assistir às corridas de trenó, coisa que não devia ter feito. Nós não estávamos lá quando ele morreu. Desculpe se falar sobre isso aborrece você, Audrey.

— Ele era muito bonzinho — disse Audrey. — Não me aborrece, não, Tommy. Já faz muito tempo.

— Você conheceu algum de nós, os meninos? — perguntou-lhe Andy.

— De que jeito, cavaleiro? Ainda nem éramos nascidos.

— Como é que eu podia saber? — retrucou Andy. — Não me lembro de nada da França e acho que você não lembra quase nada.

— Nem pretendo. O Tommy se lembra da França por todos nós. Mais tarde vou lembrar-me desta ilha. E posso lembrar-me de cada quadro que o pai já pintou e eu vi.

— Você lembra das corridas? — perguntou Audrey.

— De todos que vi.

— Há alguns em que eu apareço — disse Audrey. — Em Longchamps, em Auteuil e em St. Cloud. Estou sempre de costas.

— Então me lembro das suas costas — disse Tom Jr. — Você tinha o cabelo pela cintura, e eu ficava dois degraus acima, atrás de você, para enxergar melhor. Era um dia nublado, assim como fica no outono, quando parece um azul enfumaçado, e nós ocupávamos o pavilhão superior, bem na frente do obstáculo com água, e à nossa esquerda estava a cerca viva e o muro de pedra. A chegada era do lado mais perto de nós, e o obstáculo com água ficava na concha interna da pista. Eu sempre me punha atrás de você pra enxergar melhor, a não ser que estivéssemos lá embaixo na pista.

— Naquele tempo eu achava você um garotinho engraçado.

— Acho que era. E você nunca falava. Talvez porque eu fosse tão pequeno. Mas Auteuil não era uma pista de corridas linda mesmo?

— Maravilhosa. Estive lá no ano passado.

— Pode ser que a gente vá este ano, Tommy — disse David. — O senhor também ia com ela às corridas, Mr. Davis?

— Não — disse Roger. — Era apenas o professor de natação dela.

— Você era o meu ídolo.

— O pai nunca foi o seu ídolo? — perguntou Andrew.

— Claro que sim. Mas não podia idolatrá-lo tanto quanto eu queria porque ele era casado. Quando se divorciou da mãe do Tommy, eu escrevi uma carta pra ele. A carta era muito apaixonada, e eu estava disposta a tomar o lugar da mãe do Tommy de qualquer jeito. Mas nunca botei no correio porque ele casou com a mãe do Davy e do Andy.

— Puxa, como as coisas são complicadas — disse Tom Jr.

— Conte mais sobre Paris — pediu David. — Nós devemos aprender tudo o que pudermos, já que vamos pra lá agora.

— Você lembra quando ficávamos embaixo, junto da cerca, Audrey, e de como depois que os cavalos pulavam o último obstáculo eles vinham direto em cima da gente, a maneira como pareciam cada vez maiores e o barulho que as patas faziam ao passarem por nós?

— E como era sempre frio e a gente se aproximava dos enormes braseiros pra se esquentar e comer os sanduíches do bar?

— Eu gostava muito no outono — disse Tom Jr. — Voltávamos pra casa de carruagem, uma aberta, lembra? Saía-se do Bois e depois se percorria a margem do rio quando já começava a escurecer, as folhas queimadas recendiam, e os reboques puxavam as barcas no rio.

— Você lembra realmente tão bem assim? Você era um garotinho de nada.

— Lembro-me de cada ponte no rio entre Suresnes e Charenton — afirmou Tom Jr.

— Não é possível.

— Não sei o nome delas. Mas tenho todas na cabeça.

— Não acredito que você seja capaz de lembrar todas. E há trechos do rio que são feios, assim como muitas pontes também são.

— Eu sei. Mas estive lá muito tempo depois que a conheci, e o pai e eu sempre passeávamos pelo rio inteiro. Pelos trechos feios e pelos bonitos, e eu pescava à beça com vários amigos meus.

— Você pescou mesmo no Sena?

— Naturalmente.

— O pai também?

— Não tanto quanto eu. Às vezes ele pescava em Charenton. Mas gostava de passear depois de terminar o trabalho, e então nós caminhávamos até eu ficar cansado demais, e aí a gente tomava um ônibus pra voltar pra casa. Quando se começou a ter um pouco de dinheiro, tomávamos um táxi ou um túburi.

— Vocês já deviam ter dinheiro quando a gente ia às corridas.

— Acho que naquele ano tínhamos — disse Tommy. — Não lembro direito. Às vezes tínhamos, às vezes não.

— Nós sempre tivemos — afirmou Audrey. — Mamãe nunca casou com ninguém que não fosse podre de rico.

— Você é rica, Audrey? — perguntou Tom Jr.

— Não — respondeu a moça. — Meu pai gastou o dinheiro dele e perdeu tudo o que tinha depois que casou com mamãe, e nenhum dos meus padrastos jamais tomou qualquer providência comigo.

— Você não precisa de dinheiro — disse Andrew.

— Por que não vem morar com a gente? — perguntou-lhe Tom Jr. — Você estaria ótima conosco.

— É tentador. Mas tenho que ganhar a vida.

— Nós vamos pra Paris — disse Andrew. — Venha conosco. Vai ser um colosso. Você e eu podemos visitar todos os arrondissements juntos.

— Terei que pensar no assunto.

— Quer que eu lhe prepare um drinque pra ajudar a decidir? — perguntou David. — É o que sempre se faz nos livros do Mr. Davis.

— Não me tentem com bebida.

— É um velho truque pra pegar escravas brancas — disse Tom Jr. — Depois, quando elas veem, já estão em Buenos Aires.

— Decerto dão alguma coisa tremendamente forte pra elas — disse David. — A viagem é longa.

— Acho que não há nada mais forte que a maneira de o Mr. Davis preparar um martíni — disse Andrew. — Prepare um pra ela, por favor, Mr. Davis. Você quer, Audrey? — perguntou Andrew.

— Sim. Se é que o almoço não demora.

Roger se levantou para ir prepará-lo, e Tom Jr. se aproximou para se instalar perto dela. Andrew estava sentado a seus pés.

— Acho que você não devia tomar, Audrey — disse ele. — É o primeiro passo. Lembre-se, *ce n'est que le premier pas qui compte*.

Lá em cima na varanda, Thomas Hudson continuava pintando. Não pôde deixar de ouvir a conversa, mas não havia olhado mais para baixo depois que tinham voltado do banho. Estava encontrando dificuldade para manter a carapaça de trabalho que construía para sua proteção e pensava: se não trabalho, sou capaz de perdê-la. Depois achou que teria tempo para trabalhar quando todos tivessem partido. Mas sabia que devia continuar pintando agora, senão perderia a segurança que construía para si mesmo com o trabalho. Farei exatamente a mesma quantidade que teria feito se não estivessem aqui, pensou. Depois limpo tudo, desço e não quero saber porra nenhuma de pensar em Raeburn ou nos velhos tempos ou coisa que o valha. Mas enquanto pintava já sentia a solidão se aproximando. Na outra semana partiriam. Trabalhe, disse consigo mesmo. Anda de uma vez, conserva os teus hábitos. Você vai precisar deles.

Quando terminou e desceu para se reunir ao grupo, Thomas Hudson ainda estava pensando na pintura. Disse “olá” para a moça e depois virou para outro lado. Por fim voltou os olhos.

— Não pude deixar de ouvir — disse. — Ou entreouvir. Fico contente de saber que somos velhos amigos.

— Eu também. Você tinha percebido?

— Talvez — retrucou. — Vamos almoçar. Já se enxugou, Audrey?

— Eu me troco no banheiro — disse ela. — Trouxe uma blusa e a saia que tenho sobre o maiô.

— Avise o Joseph e o Eddy que já estamos prontos — disse Thomas Hudson a Tom Jr. — Vou mostrar-lhe onde é o banheiro, Audrey.

Roger entrou na casa.

— Achei que não devia vir aqui com falsos pretextos — disse Audrey.

— Você não veio.

— Não crê que eu poderia ser boa pra ele?

— É capaz. O que ele precisa é trabalhar direito pra salvar a alma. Não sei nada sobre almas. Mas ele a usou mal na primeira vez que foi pra Califórnia.

— Mas agora vai escrever um romance. Um grande romance.

— Onde foi que você ouviu falar nisso?

— Saiu numa coluna. Do Cholly Knickerbocker, acho eu.

— Ah — fez Thomas Hudson. — Então deve ser verdade.

— Você não acha mesmo que eu podia ser boa pra ele?

— Talvez.

— Há algumas complicações.

— Sempre há.

— Quer que eu conte agora?

— Não — disse Thomas Hudson. — É melhor você se vestir, pentear o cabelo e voltar pra cá. Ele é bem capaz de encontrar outra mulher enquanto ficar esperando.

— Antes você não era assim. Eu o achava o homem mais bondoso que já conheci.

— Sinto imensamente, Audrey. E estou contente por você estar aqui.

— Somos velhos amigos, não é?

— Lógico — disse ele. — Vá se trocar, se arrume e volte pra cá.

Desviou o olhar para outro lado, e ela fechou a porta do banheiro. Não sabia o que o deixara sentindo-se assim. Mas a felicidade do verão começou a se esvaír como quando a maré muda nos baixios e o refluxo se põe a descer pelo canal que abre para o mar. Ficou contemplando o mar e o contorno da praia, e notou que a maré tinha mudado e as aves da costa se ocupavam a esmiuçar o barranco da nova areia molhada. As ondas de rebentação diminuía à medida que recuavam. Olhou bem para longe, pela praia afora, e depois entrou na casa.

Nota

* “Se o grão não morre”, publicado na França em 1924. (N.E.)



Divertiram-se muito nos últimos dias que passaram ali. Foi tão bom como das outras vezes, e não houve tristeza de véspera de despedida. O iate partiu, e Audrey tomou o quarto no sobrado do Ponce de León. Mas se hospedou na casa, dormindo numa cama de lona na varanda dos fundos e utilizando o quarto de hóspedes.

Não falou que estivesse apaixonada por Roger. A única coisa que Roger comentou com Thomas Hudson a respeito dela foi:

— Ela está casada com um filho da puta qualquer.

— Você não ia querer que ficasse a vida inteira à sua espera, não é?

— Ainda bem que é um filho da puta.

— E não é sempre assim? Você vai ver como ele tem seus bons aspectos.

— É rico.

— No mínimo o seu bom aspecto é esse — disse Thomas Hudson. — Elas sempre são casadas com algum filho da puta que sempre tem algum aspecto tremendamente simpático.

— Está bem — disse Roger. — Não se fala mais nisso.

— Você vai escrever o livro, não vai?

— Claro. É o que ela quer que eu faça.

— É por isso que você vai escrever?

— Não enche, Tom — retrucou Roger.

— Quer usar a casa lá em Cuba? Não é grande coisa, mas você estaria isolado.

— Não. Quero ir pro oeste.

— Pra Califórnia?

— Não. Pra Califórnia, não. Não daria pra ficar uns tempos na fazenda?

— Só tem o chalé na praia, que fica longe. O resto eu aluguei.

— Seria ótimo.

A moça e Roger deram longos passeios pela praia, nadaram juntos e com os meninos. Os meninos pescaram, levando Audrey, e fizeram pesca submarina nos recifes. Thomas Hudson trabalhou com afinco, e durante o tempo todo que os meninos andaram lá pelos baixios teve a sensação exata de que em breve estariam de volta, jantando ou almoçando juntos. Ficava inquieto quando saíam para fazer pesca submarina, mas sabia que Roger e Eddy os fariam tomar cuidado. Uma vez passaram o dia inteiro numa pescaria de corrico no farol mais distante, no fim dos bancos de coral, e trouxeram sardas e golfinhos maravilhosos e três enormes petos. A pedido de Andy, pintou um dos petos com sua estranha cabeça achatada e as listras em torno do longo corpo veloz. Andy tinha pegado o maior. Pintou-o contra o fundo do alto farol, que parecia ter patas de aranha, com nuvens de verão e o verde das margens.

Depois, um dia, o velho hidroavião Sikorsky girou ao redor da casa, pousou na baía e vieram buscar os três meninos num escaler para levá-los para bordo. Joseph saiu remando noutra canoa com as malas.

— Até a volta, pai — disse Tom Jr. — Foi realmente um verão formidável.

— Até a volta, pai — disse David. — Foi formidável mesmo. Não se preocupe. Vamos tomar cuidado.

— Até a volta, pai — disse Andrew. — Obrigado por um verão simplesmente maravilhoso. E pela viagem a Paris.

Subiram até a porta da cabina, abanaram para Audrey, que estava parada no cais, e gritaram:

— Até a volta! Até a volta, Audrey.

Roger os ajudava a subir, e eles disseram:

— Até a volta, Mr. Davis. Até a volta, pai. — E aí bem alto, além da água: — Até a volta, Audrey!

Depois a porta fechou, foi trancada, e seus rostos surgiram nas janelinhas, logo em seguida cobertas de água lançada pelas velhas pás das hélices que mais pareciam moinhos de café. Thomas Hudson recuou depressa do jato de espuma trazido pelo vento, e o feio hidroavião antigo se afastou, decolando na pouca brisa que havia, descrevendo um círculo até acertar o curso, firme, feio e lento para cruzar o Golfo.

Thomas Hudson sabia que Roger e Audrey iam partir e, como o vapor chegaria no dia seguinte, perguntou a Roger quando pretendia ir embora.

— Amanhã, meu velho Tom — respondeu Roger.

— Com o Wilson?

— É. Pedi a ele pra voltar.

— Eu só queria saber pra fazer minhas encomendas pelo vapor.

De modo que no dia seguinte os dois partiram da mesma maneira. Thomas Hudson se despediu da moça com um beijo, que ela retribuiu. Havia chorado no embarque dos meninos e nesse dia também, abraçando-o com força.

— Cuide bem dele e de você também.

— Vou tentar. Você foi tremendamente bom pra nós, Tom.

— Bobagem.

— Eu escrevo — prometeu Roger. — Tem alguma coisa que você queira que eu faça por lá?

— Divirta-se. Você bem que podia informar-me como vai tudo.

— Eu informo. Esta aqui também vai escrever.

E assim também eles partiram, e Thomas Hudson parou para entrar no bar do Bobby a caminho de casa.

— Vai ser triste pra caralho — disse Bobby.

— Sim — concordou Thomas Hudson. — Vai ser triste pra caralho.



Thomas Hudson se sentiu infeliz logo que os meninos foram embora. Mas achou que era uma saudade normal e simplesmente continuou trabalhando. O fim do mundo de um homem não vem como num dos vastos painéis que seu Bobby tinha imaginado. Vem com um dos moleques da ilha trazendo pela estrada um telegrama do correio local e dizendo:

— Assine por favor na parte destacável do envelope. Nós sentimos muito, seu Tom.

Deu um xelim ao moleque. Mas o moleque olhou para a moeda e largou-a na mesa.

— Não precisa gorjeta, seu Tom — disse, e saiu.

Leu o telegrama. Depois guardou-o no bolso, saiu pela porta e sentou na varanda à beira-mar. Tirou o papel e releu SEUS FILHOS DAVID E ANDREW MORTOS COMPANHIA MÃE DESASTRE AUTOMOBILÍSTICO PRÓXIMO BIARRITZ PROVIDENCIANDO TUDO ATÉ SUA CHEGADA SENTIDOS PÊSAMES. Estava assinado pela filial parisiense de seu banco em Nova York.

Eddy veio até a varanda. Tinha ouvido a notícia de Joseph, que soubera por um dos moleques no casebre do telégrafo.

Ele sentou a seu lado e disse:

— Que merda, Tom, como pode acontecer uma coisa assim?

— Não sei — respondeu Thomas Hudson. — Acho que bateram nalgum troço ou algum troço foi de encontro a eles.

— Aposto como o Davy não estava dirigindo — disse Eddy.

— Eu também. Mas não tem mais importância.

Thomas Hudson fitou a planura do mar e o azul mais escuro do Golfo. O sol estava quase posto e breve se esconderia entre as nuvens.

— Acha que a mãe estava dirigindo?

— Provavelmente. Talvez tivessem motorista. Que diferença faz?

— Acha que podia ter sido o Andy?

— Podia. A mãe era capaz de deixá-lo.

— Ele é bastante presumido — disse Eddy.

— Era — corrigiu Thomas Hudson. — Acho que agora não é mais.

O sol já descia, e havia nuvens na sua frente.

— Vamos passar um telegrama na próxima hora que houver transmissão pedindo pro Wilkinson vir logo pra cá e pra me telefonar e reservar lugar pra mim num avião pra Nova York.

— Que que você quer que eu faça enquanto estiver ausente?

— Só cuidar das coisas. Vou deixar uns cheques pra cada mês. Se vier algum vendaval, arranje bastante ajuda pra cuidar do barco e da casa.

— Eu trato de tudo — afirmou Eddy. — Mas não vou ligar porra nenhuma pra mais nada.

— Nem eu tampouco — retrucou Thomas Hudson.

— Ainda temos o Tom Jr.

— Por enquanto — disse Thomas Hudson, e pela primeira vez contemplou firmemente a longa perspectiva perfeita da desolação que tinha pela frente.

— Você vai resolver tudo bem — disse Eddy.

— Claro. Quando foi que não resolvi?

— Pode ficar algum tempo em Paris e depois ir pra casa de Cuba. O Tom Jr. pode fazer-lhe companhia. Lá dá pra pintar direito, e será uma boa mudança.

— Claro — disse Thomas Hudson.

— Pode viajar. Vai ser bom. Vá nesses grandes vapores como eu sempre quis ir. Viaje em todos eles. Deixe que o levem pra onde forem.

— Claro.

— Merda! — exclamou Eddy. — Pra que que mataram o Davy, porra?

— Deixe isso pra lá, Eddy — disse Thomas Hudson. — Não dá pra entender mesmo.

— Fodam-se — disse Eddy, jogando o chapéu para a nuca.

— Vamos continuar com o jogo da melhor maneira possível — retrucou Thomas Hudson. Mas agora sabia que tinha perdido interesse pelo resultado.



Na travessia para a Europa a bordo do *Île de France*, Thomas Hudson aprendeu que o inferno não é necessariamente igual ao descrito por Dante ou qualquer outro de seus grandes descritores, podendo ser um navio confortável, agradável e bem-amado que conduz a gente a um país para onde sempre se partiu com grandes expectativas. Tinha muitos círculos, mas não estavam marcados como os do grande egotista florentino. Subiu a bordo cedo, imaginando-o, agora percebia, como um refúgio da cidade onde temia encontrar alguém que comentasse o que havia acontecido. Julgou que no navio lhe fosse possível reconciliar-se com sua dor, sem saber ainda que com ela não há termos de conciliação. Talvez se cure com a morte e possa ser amortecida ou anestesiada por várias coisas. O tempo também deve curá-la. Mas se for curada por algo menos que a morte, é quase certo que não se trata de verdadeira dor.

Uma das coisas que a amortece provisoriamente, amortecendo todo o resto, é a bebida, e outra que pode desviar o espírito dela é o trabalho. Thomas Hudson conhecia ambos os remédios. Mas também sabia que a bebida destruiria a capacidade de produzir trabalho satisfatório e tinha baseado sua vida há tanto tempo nele que o considerava a única coisa que não poderia perder.

Mas como sabia que agora passaria algum tempo sem trabalhar, planejou beber, ler e fazer exercícios até que ficasse suficientemente cansado para dormir.

Dormira no hidroavião. Mas não em Nova York.

Agora estava em seu camarote, que possuía uma sala de estar onde os carregadores haviam deixado as malas e o imenso pacote de revistas e jornais que comprara. Pensava que proporcionariam o começo mais fácil. Entregou a passagem ao criado de bordo, pedindo-lhe uma garrafa de água Perrier com um pouco de gelo. Quando vieram, tirou um frasco de bom Scotch de uma das malas, abriu-o e serviu-se de um drinque. Depois cortou o barbante do grande maço de revistas e jornais e espalhou-os em cima da mesa. As revistas pareciam novas e intactas comparadas com o aspecto que tinham ao chegarem à ilha. Pegou o *New Yorker*. Na ilha sempre o reservava para as noites, e fazia muito tempo que não via um *New Yorker* na semana em que saía ou que não tivesse sido dobrado. Sentou na poltrona funda, bebeu o drinque e aprendeu que não se pode ler o *New Yorker* quando as pessoas que se ama acabam de morrer. Experimentou o *Time*, que conseguiu ler tranquilamente, inclusive a seção de “Acontecimentos”, que registrava o falecimento dos dois meninos, trazendo as respectivas idades; a da mãe estava menos exata; seu estado civil, e a informação de que se divorciara dele em 1933.

O *Newsweek* trazia os mesmos dados. Mas ao ler a curta nota, Thomas Hudson teve a curiosa sensação de que o homem que a escrevera se penalizava com a morte dos meninos.

Preparou outro drinque e pensou como a Perrier era muito superior a qualquer outra coisa que se possa pôr no uísque e depois leu o *Time* e o *Newsweek* do princípio ao fim. Porra, que estaria ela fazendo em Biarritz? Ao menos podia ter ido para St. Jean-de-Luz.

Então notou que o uísque estava servindo para alguma coisa.

Desista deles de uma vez, aconselhou a si mesmo. Lembre apenas como eram e risque-os da recordação. Um dia você vai ter que fazer isso. Por que não agora?

Leia mais um pouco, disse. Foi aí que o navio começou a andar. Estava se movendo bem devagar, e ele não olhou pela janela da sala de estar. Continuou sentado na poltrona, lendo a pilha de jornais e revistas e bebendo o Scotch com Perrier.

Você não tem absolutamente nenhum problema, disse consigo mesmo. Desistiu deles, e eles se foram. Em primeiro lugar, não devia tê-los amado tanto assim, porra. Não devia tê-los amado e não devia ter amado a mãe deles. Escute só o que o uísque está dizendo, pensou consigo mesmo. Que solvente para os nossos problemas. O solvente alquimista que num ápice converte o nosso ouro bruto em merda. Nem sequer tinha ritmo. Transforma nosso ouro bruto em merda fica melhor.

Onde será que anda o Roger com aquela moça?, pensou. O banco deve saber onde o Tommy está. Eu sei onde estou: aqui, com uma garrafa de Old Parr. Amanhã curtirei a ressaca no ginásio. Vou usar o banho turco. Pedalar numa dessas bicicletas que não saem do mesmo lugar e montar num cavalo mecânico. É disso que preciso. Uma boa cavalgada num cavalo mecânico. Depois faço uma boa fricção. Aí encontro alguém no bar e converso sobre outras coisas. São só seis dias. Seis dias é fácil.

Foi dormir e, quando acordou no meio da noite, ouviu o movimento do vapor navegando no mar e a princípio, sentindo o cheiro de maresia, pensou que estivesse em casa, na ilha, e que tivesse despertado de um pesadelo. Depois viu que não era um pesadelo e sentiu o cheiro da graxa pastosa nas bordas da janela aberta. Acendeu a luz e tomou um pouco da água Perrier. Estava com muita sede.

Havia uma bandeja com sanduíches e frutas, que o criado de bordo tinha deixado na véspera em cima da mesa, e ainda havia gelo no balde que continha a Perrier.

Sabia que devia comer algo e olhou o relógio na parede. Eram três e vinte da madrugada. Fazia frio, ele comeu um sanduíche e duas maçãs e depois tirou um pouco de gelo do balde e preparou um drinque. O Old Parr estava quase no fim, mas tinha outra garrafa e agora, no frio da madrugada, foi sentar na poltrona, bebendo e lendo o *New Yorker*. Descobriu que já podia ler e que saboreava o drinque na calada da noite.

Durante anos observara a regra absoluta de não beber em plena noite e nunca antes de terminar o trabalho, com exceção dos dias de folga. Mas agora, ao acordar no meio do mar, experimentava a simples alegria de quebrar a rotina. Era o primeiro retorno de qualquer alegria ou capacidade de alegria puramente animal que sentia desde que recebera o telegrama.

O *New Yorker* está muito bom, achou. E é evidentemente uma revista que se pode ler quatro dias depois de um acontecimento. Não no primeiro, nem no segundo, nem no terceiro. Mas no quarto. É bom saber. Depois do *New Yorker*, leu *The Ring*, tudo o que era legível no *Atlantic Monthly*, e até o que não era. Depois preparou o terceiro drinque e leu a *Harper's*. Viu?, disse consigo mesmo. Não adianta nada.

PARTE II

CUBA



1



Depois que todo mundo foi embora, ele deitou no soalho em cima da esteira e ficou escutando o vento. Soprava um temporal a noroeste, e ele espalhou cobertores pelo chão, empilhando travesseiros para escorar o encosto da cadeira estofada que colocou contra a perna da mesa da sala, e usando um boné de pala larga para sombrear os olhos leu a correspondência à luz boa do grande lampião de leitura que estava de pé sobre a mesa. O gato se aninhou no seu peito, e ele puxou um cobertor leve sobre ambos, abriu as cartas, leu e tomou um copo de uísque com água que entre cada gole tornava a colocar no soalho. A mão encontrava o copo quando ele queria.

O gato começou a ronronar, mas não dava para ouvir porque não fazia ruído, e ele segurava uma carta com a mão, tocando a garganta do gato com o dedo da outra.

— Você tem um microfone na garganta, *Boise* — disse. — Gosta de mim?

O gato amassou-lhe o peito suavemente com as patas, puxando de mansinho a lã do grosso pulôver azul, e o homem sentia o peso longo, afetuosamente esparramado do gato e o ronronar debaixo de seus dedos.

— Ela não vale nada, *Boise* — declarou ao gato, e abriu outra carta.

O gato enfiou a cabeça sob o queixo do homem e esfregou-a.

— Elas o arranhariam feito diabo, Boise — disse o homem, acariciando a cabeça do gato com os tocos da barba crescida. — Rabo de saia não gosta de gato. É uma pena que você não beba, Boy. Porra, é praticamente a única coisa que você não faz.

O gato a princípio se chamava Boise por causa do cruzador, mas agora já fazia muito tempo que o homem lhe abreviara o nome para Boy.

Leu a segunda carta do começo ao fim sem comentários, estendeu a mão e tomou um gole do uísque com água.

— Ora — disse. — Assim não se resolve nada. Vou lhe propor uma coisa, Boy. Você lê as cartas, e eu me deito no seu peito e faço rom-rom. Que lhe parece?

O gato levantou a cabeça para esfregá-la contra o queixo do homem, e o homem esfregou-se nela, empurrando os tocos da barba entre as orelhas do gato, ao longo da nuca e no meio das omoplatas enquanto abria a terceira carta.

— Você se inquietou por nossa causa, Boise, quando caiu o temporal? — perguntou. — Só queria que nos tivesse visto entrar pela enseada do cais com o mar rebentando em cima do morro. Ia levar um susto danado, Boy. A gente chegou com um mar filho da puta, descomunal, furando tudo feito uma prancha de rebentação.

O gato se deitou, satisfeito, acompanhando o ritmo de respiração do homem. Era um gato enorme, comprido e amoroso, pensou o homem, e extenuado de tanta caçada noturna.

— Você fez alguma coisa que prestasse enquanto estive fora, Boy? — Tinha largado a carta e passava a mão de leve no gato por baixo do cobertor. — Pegou muitos?

O gato rolou de lado e ofereceu a barriga para ser acariciado como costumava fazer quando filhote, na época em que havia sido feliz. O homem o abraçou e segurou-o com força contra o peito, o gato grande de lado, com a cabeça sob o queixo do homem. Com a pressão dos braços, de repente virou e deitou pelo comprido contra ele, as patas fincadas no suéter, o corpo fortemente colado. Agora já não ronronava.

— Desculpe, Boy — disse ele. — Sinto muito. Deixe eu ler esta outra porra de carta. Não há nada que a gente possa fazer. Você não conhece nada que se possa fazer... conhece?

O gato deitou contra ele, pesado, sem ronronar e desesperado. O homem passou-lhe a mão e leu a carta.

— Fique quietinho, Boy — disse. — Não há nenhuma solução. Se algum dia eu encontrar uma, lhe aviso.

Quando acabou de ler a terceira carta, a mais longa, o grande gato preto e branco estava dormindo. Dormia na posição da Esfinge, mas com a cabeça apoiada no peito do homem.

Puxa, ainda bem, pensou. Eu devia tirar a roupa, tomar banho e ir logo para a cama, mas não vai ter água quente e não poderia dormir hoje de noite numa cama. Sacudiria demais. A cama me jogaria longe. Provavelmente também não vou conseguir dormir aqui com esse bicho velho em cima de mim.

— Boy — disse. — Vou levantá-lo pra poder deitar de lado.

Levantou o peso inerte do gato, que subitamente recobrou vida em suas mãos, e depois voltou a ficar quieto, e deitou-o de lado, virando então para se apoiar no cotovelo direito. O gato permaneceu deitado em suas costas. Ressentira-se enquanto estava sendo deslocado, mas agora dormia de novo, enroscado contra o homem. Pegou as três cartas e releu-as do princípio ao fim pela segunda vez. Resolveu não ler os jornais, estendeu a mão, apagou a luz e deitou de lado, sentindo o contato do corpo do gato nas nádegas. Abraçou-se a um travesseiro e apoiou a cabeça noutro. Lá fora o vento soprava forte, e o soalho da peça ainda tinha um pouco do movimento da ponte externa de comando. Havia ficado dezenove horas na ponte antes de atracarem.

Conservou-se ali deitado e tentou dormir, mas não conseguiu. Seus olhos estavam muito cansados, e ele não queria a luz acesa, nem ler, por isso continuou ali, esperando que amanhecesse. Apesar dos cobertores, sentia a esteira, feita sob medida para a sala ampla, trazida de Samoa por um cruzador, seis meses antes de Pearl Harbor. Cobria todo o piso de ladrilhos da peça, mas onde as portas envidraçadas davam para o pátio virava para trás, empenada pelo movimento das portas, e ele podia sentir o vento entrando por baixo e encrespá-la ao passar pela fresta das esquadrias. Imaginou que esse vento fosse continuar soprando do noroeste pelo menos mais um dia, tomando depois o rumo norte e finalmente

diminuindo a nordeste. Assim sucedia sempre no inverno, mas talvez ficasse vários dias soprando forte no nordeste, antes de se acalmar na brisa, que era o nome local do vento alísio nordeste. Soprando com força de temporal contra a Corrente do Golfo, deixava o mar muito agitado, um dos mais agitados que já vira, e sabia que nenhum submarino alemão viria à tona com ele. Portanto, pensou, continuaremos em terra no mínimo quatro dias. Depois certamente eles hão de aparecer.

Pensou nessa última viagem e em como o temporal os tinha surpreendido a sessenta milhas dali e a trinta da costa, e na punição da volta, quando decidira vir para Havana em vez de Bahía Honda. Positivamente tratara o barco sem dó nem piedade. Até demais, e havia diversas coisas que teria de verificar. É provável que tivesse sido preferível atracar em Bahía Honda. Mas andavam aparecendo muito por lá ultimamente. Também passara doze dias fora, quando não esperava ficar mais do que dez. Estava com falta de algumas coisas e não podia ter nenhuma certeza da duração desse temporal; por isso tomou a decisão de vir para Havana e enfrentar a surra. De manhã tomaria banho, faria a barba, uma limpeza geral, e iria apresentar seu relatório ao Adido Naval da Embaixada. Talvez achassem que devia ter continuado patrulhando a costa. Mas sabia que nada viria à tona com um tempo desses. Seria impossível para eles. A coisa, de fato, se resumia a apenas nisso. Se estivesse certo nesse sentido, o resto não ofereceria problemas, embora nem tudo fosse sempre assim tão simples. Eles certamente não eram.

O soalho começou a lhe incomodar o quadril direito, a coxa e o braço, de modo que deitou de costas, apoiado aos músculos dos ombros, arqueando os joelhos por baixo do cobertor e deixando que os calcanhares comprimissem o cobertor. Isso lhe tirou um pouco do cansaço do corpo. Passou a mão esquerda de leve pelo gato adormecido e deu-lhe um tapinha.

— Você está tremendamente sossegado, Boy, e dormindo bem — disse-lhe. — Então acho que não é tão ruim assim.

Pensou em soltar alguns dos outros gatos, para ter com quem conversar e lhe fazer companhia, agora que Boise tinha ferrado no sono. Mas resolveu o contrário. Aquilo o magoaria e o deixaria ciumento. Boise já os esperava na frente da casa quando chegaram na camioneta. Havia se mostrado terrivelmente inquieto,

metendo-se sob os pés de todo mundo durante o descarregamento, fazendo festas e se esgueirando para dentro e para fora toda vez que se abria uma porta. No mínimo passara noites inteiras aguardando lá fora desde que tinham partido. O gato pressentiu o momento exato em que recebera ordem de embarcar. Evidentemente não podia adivinhar as instruções; mas reconheceu os primeiros sintomas de preparativos e, à proporção que completaram as várias fases antes da anarquia final das pessoas dormindo na casa (sempre os obrigava a se recolherem à meia-noite quando a partida estava marcada para o romper do dia), o gato foi ficando cada vez mais nervoso e agitado, até que, por fim, ao efetuarem o carregamento para o embarque, chegou ao desespero e tiveram que tomar o cuidado de trancá-lo dentro de casa para evitar que os seguisse alameda abaixo, rumo ao povoado, e depois estrada afora.

Uma vez, na Rodovia Central, tinha encontrado um gato morto que acabava de ser atropelado e que se parecia exatamente com Boy. De dorso preto e garganta, peito e patas dianteiras brancos, possuía a mesma máscara negra no focinho. Sabia que não podia ser Boy, que estava no sítio a pelo menos oito quilômetros de distância; mas aquilo lhe causara náusea e parara o carro, dando marcha à ré, levantando o gato para se certificar de que não era Boy e depois largando-o à beira do caminho para que nada mais passasse em cima dele. Era bem tratado, o que indicava que tinha dono, e deixou-o ali na estrada para que o localizassem e soubessem o que lhe acontecera, em vez de se preocuparem indefinidamente com seu desaparecimento, senão o teria levado no carro para enterrá-lo no sítio.

Nessa noite, regressando ao sítio, o corpo do gato não se achava mais lá, e então deduziu que o dono decerto o encontrara. Mais tarde, ao sentar na poltrona grande para ler, com Boise a seu lado, pensou que não saberia o que fazer se Boise fosse morto. Imaginava, pelo modo de agir e pelo desespero demonstrado, que o gato sentia a mesma coisa em relação a ele.

Ele se preocupa com eles muito mais do que eu. Por que você é assim, hem, Boy? Se os encarasse com naturalidade, lucraria muito mais. Eu os encaro com toda a calma possível, disse consigo mesmo. Encaro, sim. Mas Boise não.

No mar pensava em Boise, em seus hábitos estranhos e no seu amor arrebatado, sem esperança. Lembrava-se da primeira vez que o tinha visto quando filhote, brincando com o próprio reflexo na tampa de vidro do balcão de charutos em Cojímar, construída sobre as rochas que dominavam o cais. Havia ido ao bar numa luminosa manhã de Natal. Alguns bêbados se demoravam por lá, sobreviventes dos festejos da véspera, mas o vento soprava revigorante do leste pela porta aberta do bar-restaurant, e a claridade era tão forte e o ar tão puro e fresco que nem parecia uma manhã propícia à embriaguez.

— Feche as portas por causa do vento — pediu um deles ao proprietário.

— Não — respondeu o proprietário. — Eu gosto assim. Se estão com frio, procurem refúgio noutro lugar.

— A gente paga pra ter conforto — reclamou um dos sobreviventes da farra da véspera.

— Não. Vocês pagam pela bebida. Se querem conforto, vão procurar noutra parte.

Olhou além do terraço em direção ao mar azul-escuro de vagalhões de crista espumosa, onde os barcos pesqueiros se entrecruzavam, velejando à cata de golfinhos. Havia meia dúzia de pescadores no balcão e duas mesas cheias lá fora no terraço. Era gente que se saíra bem na véspera, ou que acreditava que o bom tempo e a corrente continuariam, e se arriscava a ficar em terra no Natal. O homem, que se chamava Thomas Hudson, não conhecia ninguém ali que costumasse frequentar a igreja nem sequer no Natal, e nenhum deles se vestia, propositadamente, como pescador. Eram os pescadores com menos cara de pescadores que já tinha visto e figuravam entre os melhores. Usavam chapéus de palha velhos ou traziam a cabeça descoberta. Vestiam roupas surradas, e alguns andavam descalços e às vezes usavam sapatos. Podia-se distingui-los de um roceiro, ou *guajiro*, porque os roceiros usavam camisa social preguiçada, chapéu de aba larga, calça estreita e botas de montaria quando vinham à cidade, e quase todos andavam de facão, ao passo que para os pescadores qualquer roupa velha esfarrapada servia, e eram alegres, seguros de si. Os roceiros eram reservados e tímidos, a menos que estivessem bebendo. A única maneira infalível de identificar um pescador eram as mãos; as dos velhos, nodosas e

escuras, cheias de manchas do sol, com as palmas e os dedos profundamente cortados e marcados por sulcos. As dos jovens não eram nodosas; mas a maioria tinha manchas de sol e estavam todas profundamente marcadas, e os pelos das mãos e dos braços, com a única exclusão dos mais morenos, ficavam clareados pelo sol e pelo sal.

Thomas Hudson lembrava como nessa manhã de Natal, o primeiro Natal de tempo de guerra, o proprietário do bar lhe perguntara: “O senhor não quer alguns camarões?”, e lhe trouxera um prato grande com uma pilha de camarões gigantes recém-cozidos, colocando-o sobre o balcão enquanto partia uma lima amarela e espalhava as fatias num pires. Os camarões eram imensos e rosados, e as barbas pendiam mais que trinta centímetros à beira do balcão. Havia pegado um, esticando os longos fios à sua extensão máxima e comentando que eram mais compridos que bigode de almirante japonês.

Thomas Hudson separou a cabeça do camarão-almirante japonês e depois partiu com os polegares a casca da barriga ao meio, extraindo o camarão, que estava tão fresco, provocando uma sensação macia entre os dentes, e tinha um tal sabor, cozido em água do mar com suco de lima nova e grãos inteiros de pimenta-preta, que lhe pareceu que nunca havia provado melhor, nem mesmo em Málaga, Tarragona ou Valência. Foi então que o gatinho se aproximou, correndo em cima do balcão, para se esfregar contra sua mão e implorar um camarão.

— São grandes demais pra você, bichinho — disse. Mas arrancou um naco com o polegar e o indicador e deu ao gatinho, que voltou correndo com ele ao balcão de charutos para comê-lo rápida e vorazmente.

Thomas Hudson olhou o filhote, com suas bonitas manchas pretas e brancas, o peito e as patas dianteiras brancos e aquele negrume feito uma máscara ao redor dos olhos e da testa, comendo o camarão e rosnando, e perguntou ao proprietário de quem ele era.

— Seu, querendo.

— Tenho dois em casa. Persas.

— Dois não é nada. Leve esse. Dê um pouco de sangue Cojimar pra eles.

— Pai, a gente pode ficar com ele? — perguntou um de seus filhos, em quem nem mais pensava, que havia subido a escada do terraço onde estava admirando os barcos pesqueiros chegando no cais, vendo os homens retirarem a carlinga dos mastros, descarregarem as linhas enroscadas e lançarem os peixes em terra. — Por favor, pai, não dá pra gente ficar com ele? É tão bonito.

— Você acha que ele seria feliz longe do mar?

— Certamente, pai. Ficando aqui, ele vai se sentir infeliz em pouco tempo. Não viu como são infelizes os gatos de rua? E antes provavelmente eram iguaizinhos a esse.

— Leve — insistiu o proprietário. — Ele vai ser feliz num sítio.

— Escute, Tomás — disse um dos pescadores, que havia escutado a conversa lá da sua mesa. — Se você quer um gato, eu tenho um angorá, um angorá legítimo, de Guanabacoa. Um autêntico angorá tigre.

— Macho?

— Tanto quanto você — respondeu o pescador. Na mesa todos riram.

Quase todas as piadas espanholas tinham essa mesma base.

— Só que mais peludo — o pescador tentou outra gargalhada, e conseguiu.

— Pai, por favor, dá pra gente ficar com ele? — implorou o menino. — Esse gato é macho.

— Tem certeza?

— Eu sei, pai. Eu conheço.

— Você disse a mesma coisa sobre os dois persas.

— Os persas são diferentes, pai. Eu me enganei com os persas, confesso. Mas agora eu sei, pai. Agora eu sei de fato.

— Escute, Tomás. Você quer o angorá tigre de Guanabacoa? — perguntou o pescador.

— O que que ele é? Um gato de feitiçaria?

— Feitiçaria nada. Esse gato nunca ouviu nem sequer falar em Santa Bárbara. É mais cristão que você.

— *Es muy posible* — disse outro pescador, e todos riram.

— Quanto custa esse famoso animal? — perguntou Thomas Hudson.

— Nada. Dou-lhe de presente. Um angorá tigre legítimo. É um presente de Natal.

— Chega aqui no balcão pra tomar um trago e descreva-o pra mim.

O pescador se aproximou do balcão. Usava óculos de aro de tartaruga e uma camisa azul limpa desbotada, que pelo jeito não resistiria a outra lavagem. Estava tão frágil que era uma renda nas costas, entre os ombros, e o tecido já começava a rasgar. Vestia calça cáqui desbotada e andava descalço no Natal. Tinha o rosto e as mãos bronzeados, com cor de madeira escura; pousou as mãos sulcadas no balcão e pediu ao proprietário:

— Uísque com *ginger ale*.

— *Ginger ale* me repugna — disse Thomas Hudson. — Dê-me um com água mineral.

— Pra mim faz muito bem — disse o pescador. — Gosto de Canada Dry. Senão não suporto o gosto do uísque. Escute, Tomás. Esse gato é sério.

— Pai — insistiu o menino —, antes que você e esse moço aí comecem a beber, dá pra gente ficar com este gato?

Tinha amarrado uma casca de camarão na ponta de um pedaço de barbante branco e brincava com o gatinho, que, empinado nas patas traseiras, feito leão heráldico, boxeava com a isca que o menino sacudia.

— Quer ficar com ele?

— Você sabe que sim.

— Pode ficar.

— Muito obrigado, pai. Vou levá-lo até lá fora no carro pra amansar.

Thomas Hudson viu o menino atravessar a rua com o gatinho no colo e entrar com ele no banco da frente. A capota do automóvel estava abaixada, e do bar ele enxergava o filho, com o cabelo castanho alisado pelo vento, sentado no conversível, sob a claridade intensa do sol. Não conseguia ver o gato porque o menino o segurava no assento, agachando-se para não apanhar vento, acariciando o animalzinho.

Agora o menino se fora, e o gatinho se transformara num gato velho, sobrevivendo à criança. Do jeito que ele e Boise agora se sentiam, pensou, nenhum

queria sobreviver ao outro. Não sei quantas pessoas e bichos já se apaixonaram antes, pensou. Provavelmente é uma situação muito cômica. Mas eu de modo algum a considero cômica.

Não, pensou, eu não a considero mais cômica do que, por exemplo, um gato sobreviver ao menino que o criou. Há nela muitas coisas certamente ridículas, como o jeito de Boise rosnar e depois soltar aquele súbito grito trágico, retesando-se todo pelo comprido contra a gente. Às vezes, diziam os criados, passava vários dias sem comer depois que ele partia, mas a fome sempre voltava. Embora houvesse dias em que tentava viver da caça, nunca entrando em casa junto com os outros gatos, sempre acabava finalmente aparecendo, saltando fora do quarto por cima das costas dos outros, que se aglomeravam quando a porta era aberta pelo empregado que trazia a bandeja de carne moída, e depois tornando a pular por cima de todos, enquanto rodopiavam ao redor do moleque que trouxera a comida. Sempre comia depressa e mal terminava logo queria sair do quarto. Não havia nenhum outro gato que lhe interessasse.

Já fazia muito tempo que achava que Boise se considerava um ser humano. Não bebia junto com ele, como um urso faria, porém comia de tudo o que ele comia, especialmente todas aquelas coisas em que um gato não tocaria. Thomas Hudson se lembrou do verão anterior, quando estavam tomando o café da manhã e lhe oferecera uma talhada de manga fresca, gelada. Boise ficara encantado e passou a comer manga todos os dias em que Thomas Hudson passou em terra e o tempo de mangas durou. Tinha que segurar os pedaços para ele poder metê-los na boca, uma vez que resvalavam demais no prato para o gato apanhá-los, e achava que precisava improvisar uma espécie de armação, igual a das torradas, para que ele pudesse tirá-las sem ter que se apressar.

Depois, quando os pés de abacate, os grandes *aguacates* verde-escuros com os frutos levemente mais escuros e lustrosos que a folhagem, tinham amadurecido este ano ao voltar a terra em setembro para uma vistoria geral, preparando-se para seguir rumo ao Haiti, ofereceu a Boise uma colherada tirada da casca, a parte oca antes ocupada pelo caroço, cheia de molho de azeite e vinagre, e o gato comeu. A partir de então, em cada refeição, passou a ganhar a metade de um *aguacate*.

— Por que não trepa nas árvores e apanha você mesmo? — perguntava Thomas Hudson ao gato enquanto passeavam juntos pelos morros da propriedade. Boise, naturalmente, não respondia.

Um entardecer descobriu Boy em cima de um pé de abacate ao sair para dar uma caminhada à hora do crepúsculo e assistir à nuvem de melros rumando para Havana, para onde levantavam voo todas as noites do interior do país inteiro, ao sul e a leste, convergindo em longas revoadas para se empoleirarem, ruidosamente, nos loureiros espanhóis do Prado. Thomas Hudson gostava de contemplar os melros a sobrevoar os morros e de ver os primeiros morcegos que saíam ao entardecer e as pequeníssimas corujas surgindo em seu voo noturno quando o sol se punha no mar do outro lado de Havana e os faróis começavam a iluminar as colinas. Naquela noite dera pela falta de Boise, que quase sempre passeava com ele, e levava Big Goats, filho de Boise, um gato de ombros largos, pescoço grosso, focinho achatado e tremendos bigodes, preto e brigão, para acompanhá-lo. Goats nunca caçava. Além de brigão e reprodutor, vivia sempre ocupado. Porém gostava de brincar, a não ser quando interferia com as suas atividades, e de passear, ainda mais se Thomas Hudson parasse de vez em quando, empurrando-o fortemente com o pé para que se esticasse de lado no chão. Thomas Hudson então afagava-lhe a barriga com o pé. Era difícil afagar Goats com excesso de força ou brusquidão, e ele preferia ser afagado com o sapato a sê-lo com o pé descalço.

Thomas Hudson acabava de se abaixar para lhe acariciar a cabeça — gostava que o acariciassem com força, tal como se faz com cachorro grande — quando levantou os olhos e enxergou Boise lá no alto do pé de abacate. Goats também ergueu os olhos e viu.

— Que que você está fazendo aí, seu cretino velho? — gritou Thomas Hudson. — Começou, afinal, a comê-los na árvore?

Boise olhou para eles lá embaixo e viu Goats.

— Desça daí e vamos dar um passeio — ordenou Thomas Hudson. — Eu lhe dou aguacate no jantar.

Boise olhou para Goats e não disse nada.

— Você está tremendamente bonito aí no meio dessa folhagem verde-escura. Querendo, pode ficar.

Boise virou a cabeça para outro lado, e Thomas Hudson e o gatão preto prosseguiram entre as árvores.

— Você acha que ele enlouqueceu, Goats? — perguntou o homem. Depois, para agradar o gato: — Lembra da noite em que a gente não conseguiu encontrar o remédio?

Remédio era palavra mágica para Goats, e, assim que a ouviu, deitou de lado para ser afagado.

— Lembra do remédio? — repetiu o homem, e o gatão se retorceu de prazer, eriçando o pelo.

Remédio se convertera em palavra mágica para ele desde a noite em que o homem se embebedou, mas se embebedou mesmo, e Boise não quis dormir com ele. Princesa não dormia com ele quando ficava bêbado. Nem Willy. Nenhum gato queria dormir com ele quando tomava um porre, com exceção de *Friendless*, que era o nome anterior de Big Goats, e do *Irmão de Friendless*, na verdade a irmã, uma gata sem sorte que tinha muitas mágoas e eventuais êxtases. Goats gostava mais dele embriagado do que sóbrio, ou talvez fosse apenas porque quando Thomas Hudson se embriagava é que Goats ia dormir com ele, e dava essa impressão. Mas nessa noite já fazia quatro dias que Thomas Hudson se achava em terra quando tomou esse pileque. Tinha começado ao meio-dia no Floridita e primeiro bebera com políticos cubanos que apareceram por lá, loucos por um trago; com plantadores de açúcar e de arroz; com funcionários do Governo local, bebendo durante a hora de almoço; com segundos e terceiros-secretários de embaixada, acompanhando alguém ao Floridita; com os inevitáveis agentes do FBI, simpáticos e sempre se esforçando em parecer americanos comuns, jovens e bem-postos, a tal ponto que se destacavam com a mesma nitidez que se usassem insígnias de identificação na lapela dos ternos brancos de linho ou algodão. Havia tomado daiquiris gelados duplos, daqueles grandes que só Constante sabia preparar, sem o menor sabor de álcool e que, à medida que se bebia, davam a sensação de se estar deslizando de esquis no meio da neve e que, depois do sexto e do oitavo, já se corria encosta abaixo em carreira

desabalada. Apareceram também uns caras da Marinha que conhecia. Bebeu com eles e depois com alguns dos então chamados marinheiros da Frota ou guardas costeiros. A coisa já estava ficando muito próxima da conversa profissional, do que procurava fugir através da bebida, por isso se afastou para o fundo do balcão, ocupado tradicionalmente por velhas marafonas respeitáveis, as esplêndidas meretrizes maduras que todo frequentador habitual do Floridita já levava para a cama ao menos uma vez nos últimos vinte anos, e sentou num banquinho junto com elas, pedindo um clube-sanduíche e tomando outros duplos gelados.

Nessa noite, ao voltar para o sítio, vinha caindo de bêbado, e nenhum dos gatos quis dormir com ele, à exceção de Goats, que não era alérgico ao cheiro básico do rum, não tinha preconceito contra a embriaguez e se deliciava com o cheiro ativo das prostitutas, penetrante como um ótimo bolo de passas de Natal. Dormiram juntos profundamente, Goats ronronando alto cada vez que acordava, até que finalmente Thomas Hudson despertou e, lembrando-se da quantidade de bebida ingerida, disse para o gato:

— Temos que tomar o remédio.

Goats adorou o som da palavra, que simbolizava toda essa vida faustosa de que compartilhava, e ronronou mais forte do que nunca.

— Onde está o remédio, Goats? — perguntou Thomas Hudson.

Tentou acender a lâmpada de leitura de cabeceira, mas estava queimada. No temporal que o retivera em terra, os fios tinham vindo abaixo ou dado curto-circuito, sem terem sido ainda consertados, e não havia luz elétrica. Apalpou a mesa à procura da grande cápsula dupla de Seconal, a última que possuía, que o faria dormir de novo e o acordaria sem ressaca pela manhã. Derrubou-a no chão ao estender o braço no escuro e não conseguiu achá-la. Apalpou cuidadosamente o soalho inteiro e não houve meio de encontrá-la. Não guardava fósforos perto da cama porque deixara de fumar, e a bateria da lanterna, de tanto ser usada pelos criados enquanto estivera ausente, queimara.

— Goats — disse. — Temos que encontrar o remédio. — Levantou-se, o gato pulou no chão, e os dois saíram à cata do remédio. Goats se meteu embaixo da cama,

sem saber o que andava procurando, mas fazendo o máximo que podia, e Thomas Hudson repetiu: — O remédio, Goats. Procure o remédio.

Goats choramingou um pouco e explorou toda a área debaixo da cama. Por fim saiu ronronando, e Thomas Hudson, apalpando o soalho, tocou na cápsula. Estava empoeirada e cheia de teias de aranha entre seus dedos. O gato a encontrara.

— Você achou o remédio — disse a Goats. — Você é um gato prodígio.

Depois de lavar a cápsula na palma da mão com um punhado de água da garrafa da mesa de cabeceira e de tomá-la com um gole d'água, deitou-se, sentindo lentamente os primeiros efeitos, e elogiou Goats. O gatinho ronronou de prazer, e a partir de então remédio se transformou em palavra mágica para ele.

No mar sempre pensava em Goats e Boise. Mas Goats nada tinha de trágico. Embora houvesse passado por épocas verdadeiramente ruins, continuava absolutamente incólume e, mesmo quando sofria derrota em algumas das brigas mais terríveis, nunca despertava piedade. Até quando chegava mancando em casa, vindo deitar-se à sombra da mangueira logo abaixo do terraço, ofegante e encharcado de suor, mostrando como os ombros eram largos e os flancos estreitos e magros, deitando-se ali, exausto demais para se mexer, tentando encher de ar os pulmões, nunca despertava piedade. Tinha cabeça grande de leão e idêntico espírito indômito. Goats gostava do homem, e Thomas Hudson gostava dele, respeitando-o e amando-o. Mas não se tratava absolutamente de nenhuma paixão, como a que o prendia a Boise.

Com o tempo, Boise foi piorando cada vez mais. A noite em que Hudson e Goats o encontraram no alto do pé de *aguacate*, ele passou quase toda na rua, não voltando nem quando o homem foi deitar-se. Hudson andava dormindo na cama de casal do quarto dos fundos da casa, onde havia janelas grandes em todos os lados e sempre soprava uma brisa noturna. Ao acordar, ouviu o barulho dos pássaros noturnos e ficou prestando atenção, até que escutou Boise saltar para o parapeito da janela. Boise era um gato muito silencioso. Mas assim que se encontrou no parapeito chamou pelo homem. Thomas Hudson se aproximou da tela e abriu-a. Boise pulou para dentro. Trazia dois ratos de árvores frutíferas na boca.

No luar que entrava pela janela, projetando a sombra do tronco do pé de ceiba de lado a lado na ampla cama branca, Boise brincou com os ratos. Aos pulos e cambalhotas, rebatendo-os pelo soalho e depois arrastando um bem longe para se agachar e atacar o outro, brincou com a mesma turbulência de seus tempos de filhote. Por fim levou-os para o banheiro, e depois disso Thomas Hudson sentiu seu peso ao saltar em cima da cama.

— Com que então você andava comendo manga nas árvores? — perguntou-lhe o homem. Boise esfregou a cabeça contra ele. — Quer dizer que você andava caçando e cuidando do sítio? Meu gato velho. Boise, meu irmão. Agora que você os pegou, não vai comê-los?

Boise tinha apenas esfregado a cabeça contra o homem, ronronando baixinho, e aí, como estava cansado da caça, adormeceu. Mas teve um sono inquieto e quando foi de manhã não demonstrou o mínimo interesse pelos ratos mortos.

Agora o dia já vinha raiando, e Thomas Hudson, que não tinha conseguido dormir, percebeu a claridade e os troncos cinzentos das palmeiras-reais surgindo no meio da bruma matutina. A princípio distinguiu apenas os troncos e a silhueta dos cimos. Depois, à medida que a luz foi ficando mais forte, enxergou o alto das palmeiras dobrando na ventania, e aí então, quando o sol despontou atrás dos morros, elas se tornaram de um cinza esbranquiçado e os ramos de um verde-claro, e a grama das imediações estava queimada com a seca do inverno. Os cumes calcários das colinas distantes lhes davam um aspeto de crista de neve.

Levantou do chão, calçou os mocassins, vestiu um velho blusão de lã grossa e, deixando Boise dormindo enroscado no cobertor, atravessou o living, entrou na sala de refeições e saiu para ir à cozinha. A cozinha ficava no lado norte de uma ala da casa, e o vento soprava violento lá fora, vergando os galhos nus do *flamboyant* contra as paredes e janelas. Não havia nada para comer na geladeira, e a despensa, protegida por tela, estava completamente vazia, contendo apenas condimentos, uma lata de café americano, um pacote de chá Lipton e uma lata de óleo de amendoim de cozinha. O chinês que servia de cozinheiro comprava diariamente víveres no

mercado. Não esperavam a volta de Thomas Hudson, e o chinês sem dúvida já saía para ir comprar a comida dos empregados para aquele dia. Quando um deles chegar, pensou Thomas Hudson, vou mandá-lo à cidade buscar frutas e ovos.

Ferveu um pouco d'água, preparou um bule de chá e levou-o junto com a xícara e o pires para o living. O sol já ia alto, e o cômodo estava iluminado, e ele sentou na poltrona grande, tomando o chá quente e contemplando os quadros nas paredes, naquela luz nova e brilhante de inverno. Talvez eu devesse trocar alguns, pensou. Os melhores estão no meu quarto, onde nunca mais vou.

Dali da poltrona grande o living parecia imenso comparado com o barco. Ignorava o comprimento que teria. Ficara sabendo, ao encomendar a esteira, porém esquecera. Por maior que fosse, nesta manhã parecia três vezes mais longo. Isso era uma das coisas que acontecia em terra; isso e o fato de não haver nada na geladeira. O movimento do barco no vasto mar confuso formado pelo noroeste, soprando um vendaval por cima da densa corrente, já cessara. Estava agora tão longe quanto o próprio mar, que podia enxergar pelas portas e janelas abertas dessa sala branca do outro lado dos morros cobertos de árvores e cortados pela estrada, as colinas nuas mais distantes que eram as velhas fortificações da cidade, o porto e a brancura das casas ao fundo. Mas o mar era apenas o azul atrás da longínqua expansão branca do casario. E agora se achava tão distante como tudo o que pertencia ao passado, e queria conservá-lo desse jeito, agora que o movimento cessara, até que chegasse o momento de partir outra vez.

Os alemães podem ficar com ele nos próximos quatro dias, pensou. Gostaria de saber se os peixes os seguem de perto, brincando ao redor deles quando estão submersos num tempo assim. Gostaria de saber até que altura a gente sente o movimento. Por essas águas existem peixes em qualquer profundidade que submerjam. Os peixes, provavelmente, ficam cheios de curiosidade. A parte inferior de alguns submarinos deve andar bem enlameada, e os peixes certamente brincam por ali. No mínimo não estará muito enlameada com as escalas que observam. Seja como for, os peixes devem andar em torno deles. Pensou um instante no mar e como estaria realmente a navegação hoje ao largo, com os vagalhões de água azul e a espuma soprando de suas cristas. Depois tratou de esquecê-lo.

O gato, adormecido no cobertor, acordou quando o homem estendeu o braço e afagou-o. Bocejou e espreguiçou as patas dianteiras, tornando a se enroscar finalmente.

— Nunca tive namorada que acordasse ao mesmo tempo que eu — disse o homem. — E agora nem sequer tenho um gato capaz disso. Continue dormindo, Boy. Ora bolas, de qualquer forma é mentira. Houve uma que sempre acordava junto comigo e às vezes até antes. Você nunca conheceu essa moça, nunca conheceu uma mulher que fosse tão boa assim, porra. Azar o seu, Boise. Ah, foda-se.

“Sabe de uma coisa? Nós devíamos ter uma boa mulher, Boy. Nós dois podíamos nos apaixonar por ela. Se você pudesse sustentá-la, ficaria com ela. Mas nunca vi nenhuma que fosse capaz de se alimentar de ratos de árvores frutíferas por muito tempo.”

O chá enganou-lhe a fome por um instante, mas agora estava sentindo-a de novo. E muita. No mar, teria tomado um vasto café há uma hora e provavelmente um canecão de chá uma hora antes ainda. Havia sido muito difícil cozinhar durante o regresso às pressas, e comera dois sanduíches de carne enlatada com grossas fatias de cebola crua na ponte de comando. Mas agora se sentia famélico e irritado por não haver nada na cozinha. Preciso comprar uns enlatados e guardar aqui para quando eu chegar, pensou. Mas terei que conseguir um armário com cadeado para me assegurar de que não terminarão com tudo e odeio trancar comida numa casa.

Finalmente serviu-se de uísque com água, sentou na poltrona e leu os jornais atrasados, sentindo a bebida aplacar a fome e diminuir o nervosismo de estar em casa. Hoje, se quiser, você pode beber, disse consigo mesmo. Depois de se ter apresentado. Se o frio continuar assim, não vai ter muita gente no Floridita. Mas será ótimo ir lá de novo. Não sabia se devia almoçar lá ou no Pacífico. No Pacífico também há de estar fazendo frio, pensou. Mas eu ponho suéter, paletó, e tem uma mesa resguardada pelo balcão contra a parede que fica fora do vento.

— Pena que você não goste de viajar, Boy — disse ao gato. — A gente podia passar um dia esplêndido na cidade.

Boise não gostava de viajar. Ficava apavorado, julgando que significasse uma visita ao veterinário. Continuava com medo de médicos. O Goats é que seria um gato

bom para andar de carro, pensou. Provavelmente também seria infernal num barco, só que odiaria os jorros d'água. Eu devia soltar todos eles. Lástima que não me lembrei de lhes trazer algum presente. Vou ver se encontro um pouco de erva-dos-gatos na cidade pra dar um pileque hoje de noite no Goats, no Willy e no Boy. Ainda deve haver um pouco na prateleira das gavetas do quarto deles, se não tiver ficado ressequida e perdido a força. Nos trópicos ela perde a força com grande rapidez e a que se planta no quintal não tem força nenhuma. Gostaria que nós, não gatos, dispuséssemos de algo tão inofensivo como essa erva e que tivesse o mesmo efeito, pensou. Por que não se pode ter uma coisa que nem essa pra gente se embriagar?

Os gatos eram muito esquisitos com a erva. Boise, Willy, Goats, o Irmão de Friendless, Littless, Furhouse e Taskforce estavam todos viciados. Princesa, o nome que os empregados haviam dado a Baby, a persa azul, jamais tocara em erva-dos-gatos; nem tampouco Uncle Woolfie, o persa cinzento. No caso de Uncle Woolfie, que o que tinha de bonito tinha de burro, podia se tratar de burrice ou estreiteza mental. Uncle Woolfie nunca provava nada que não conhecesse e farejava prudentemente qualquer comida nova até que os outros liquidassem tudo e o deixassem à míngua. Mas Princesa, avó de todos os gatos, inteligente, delicada, de elevados princípios, aristocrática e extremamente carinhosa, sentia medo do cheiro de erva-dos-gatos e fugia dele como se fosse um vício. Princesa era uma gata tão delicada e aristocrática, cinza enfumaçada, com olhos dourados e maneiras perfeitas, e de uma dignidade tão grande que seus períodos de cio se assemelhavam a um introito, explanação e finalmente exposição de todos os escândalos das famílias reais. Depois de ter visto Princesa no cio, não pela trágica primeira vez, mas quando já estava crescida e linda, e subitamente perdendo toda a pose e dignidade para se entregar à luxúria, Thomas Hudson decidiu que não havia de morrer sem ter feito amor com uma princesa tão linda quanto Princesa.

Teria que ser tão circunspecta, delicada e bonita quanto Princesa, antes de se apaixonarem e fazerem amor, e depois tão despudorada e lúbrica na cama quanto Princesa era. Às vezes, de noite, sonhava com essa princesa, e nada que algum dia pudesse lhe acontecer seria comparável àqueles sonhos, mas na verdade queria

realmente aquilo e tinha certeza de que se tornariam realidade se porventura existisse uma princesa assim.

O diabo é que a única princesa com quem já tinha feito amor, além das princesas italianas, o que não valia, era uma moça sem atrativo nenhum, de tornozelos grossos e pernas discutíveis, mas que possuía bonita pele de nórdica, cabelos reluzentes bem escovados, e gostava de seu rosto, de seus olhos, e dela mesma, e sua mão ficava muito bem na mão dele quando se debruçavam na amurada, ao longo do canal de Suez, perto das luzes de Ismailia. Gostavam imensamente um do outro e já estavam quase se apaixonando; a tal ponto que ela precisava tomar cuidado com o tom de suas vozes quando se achavam em presença de outras pessoas; e a tal ponto que agora, de mãos entrelaçadas no escuro, encostados à amurada, ele podia sentir o que havia entre ambos sem a menor sombra de dúvida. Com essa sensação e essa certeza, havia lhe falado a respeito e pedido uma coisa, já que faziam absoluta questão de serem completamente francos em relação a tudo.

— Eu gostaria muito — respondeu ela. — Você bem sabe. Mas não posso. Você bem sabe.

— Mas deve haver uma maneira — insistiu Thomas Hudson. — Sempre há.

— Quer dizer, num salva-vidas? — perguntou ela. — Num salva-vidas eu não ia querer.

— Olhe — disse ele, e pegou-a pelo seio, sentindo-o empinar-se, vivo, entre seus dedos.

— Ai, que bom — interrompeu ela. — São dois, viu?

— Eu sei.

— Assim está ótimo — disse ela. — Você sabe, Hudson, eu te amo. Só descobri hoje.

— Como?

— Ah, descobrindo. Não foi tão difícil assim. Você também não descobriu?

— Eu não precisei descobrir — mentiu.

— Que bom — disse ela. — Mas no salva-vidas não dá. Nem no seu camarote. Nem no meu.

— Podíamos ir pro do barão.

— Sempre tem gente no camarote dele. O barão safado. Não é bom ter um barão safado, tal como eles eram antigamente?

— É — concordou. — Mas eu poderia me assegurar de que não houvesse ninguém lá.

— Não. Lá não dá. Ame-me apenas com muita força, agora, exatamente do jeito que você está. Sinta que me ama ao máximo e faça o que você está fazendo.

Ele fez e depois fez outra coisa.

— Não — protestou ela. — Não faça isso. Eu não aguento isso.

Aí então ela fez uma coisa e perguntou:

— Isso você aguenta?

— Sim.

— Ótimo. Vou segurar bem firme. Não me beije. Se você me beijar aqui no convés, então se poderia perfeitamente ter feito tudo.

— Por que que a gente não faz?

— Onde, Hudson? Onde? Diga-me, pelo amor de Deus, onde?

— Eu lhe digo por quê.

— O porquê eu sei. Onde é que é o problema.

— Eu te amo muito.

— Oh, sim. Eu também te amo. E não vai adiantar nada, exceto que nos amamos, o que é ótimo.

Aí então ele fez uma coisa, e ela disse:

— Por favor. Se você fizer isso, eu tenho que ir.

— Vamos sentar.

— Não. Fiquemos de pé, exatamente como estamos.

— Você gosta do que está fazendo?

— Sim. Adoro. Está incomodando?

— Não. Mas não pode continuar indefinidamente.

— Está bem — retrucou ela, virando a cabeça e beijando-o rapidamente, para logo desviar os olhos de novo para o deserto noturno por onde passavam. Era inverno, a noite estava fria, e os dois se aconchegaram, contemplando fixamente a

margem. — Então pode fazer. Um casaco de vison até que enfim serve pra alguma coisa nos trópicos. Você espera por mim?

— Espero.

— Promete?

— Sim.

— Ai, Hudson. Por favor. Agora, por favor.

— Já?

— Ai, sim. Quando você quiser. Agora. Agora. Ai, sim. Agora.

— Agora mesmo?

— Ai, sim. Pode crer, agora.

Depois ficaram ali parados, as luzes bem mais perto, enquanto a margem do canal e a distância mais além continuavam deslizando por eles.

— Está com vergonha de mim agora? — perguntou ela.

— Não. Eu te amo muito.

— Mas pra você é ruim, e eu fui egoísta.

— Não. Não acho que seja ruim pra mim. E você não foi egoísta.

— Não pense que foi uma pena. Não foi, não. Pra mim realmente não.

— Então não foi. Quer dar-me um beijo?

— Não. Não posso. Segure apenas minha mão com força.

Mais tarde ela perguntou:

— Você não se importa que eu goste muito dele?

— Não. Ele é muito orgulhoso.

— Deixe-me dizer-lhe um segredo.

Contou-lhe o segredo, que para ele não constituiu grande surpresa.

— Isso é muito feio?

— Não — retrucou ele. — É até engraçado.

— Ah, Hudson — exclamou ela. — Como eu te amo. Por favor, vai pôr-se bem à vontade, em todos os sentidos, e depois volta pra ficar aqui comigo. Vamos tomar uma garrafa de champanha no Ritz?

— Seria maravilhoso. Mas e o seu marido?

— Ainda está jogando bridge. Posso vê-lo pela janela. Quando ele terminar, virá à nossa procura e ficará conosco.

Assim foram ao Ritz, que era na popa do navio, beberam uma garrafa de Perrier-Jouët 1915, brut, depois outra, e não demorou muito o príncipe se reuniu a ambos. Era muito simpático, e Hudson gostava dele. Tinham estado caçando na África Oriental, como ele, e os conhecera no Muthaiga Club e no Torr's em Nairóbi. Em Mombasa os três embarcaram no mesmo vapor, que vinha de um cruzeiro ao redor do mundo e que parou ali a caminho de Suez, do Mediterrâneo e, eventualmente, Southampton. Luxuosíssimo, cada camarote constituía um apartamento particular. Segundo o costume da época, estava lotado para o cruzeiro mundial, mas alguns passageiros tinham desembarcado na Índia, e um desses homens que sabem de tudo contou a Thomas Hudson no Muthaiga Club que haveria lugares de sobra e o preço da passagem devia ser bastante razoável. Hudson comunicou a notícia ao príncipe e à princesa, que, desgostosos da viagem de avião ao Quênia, no tempo em que os Handley Pages eram lentos e o voo demorado e cansativo, mostraram-se encantados com a ideia e com o preço.

— A viagem vai ser divertidíssima — exclamou o príncipe. — Você é um sujeito sensacional por ter descoberto uma coisa dessas. Amanhã de manhã vou telefonar pra eles.

A viagem foi divertida mesmo, com o azul do oceano Índico e o vapor se afastando vagarosamente do cais novo, a África ficando para trás, a velha cidade branca de grandes árvores, com toda aquela vegetação verde sumindo ao longe, o mar quebrando de encontro aos extensos recifes por onde passaram até que o vapor ganhou velocidade e se achou em pleno oceano, com peixes voadores saltando fora d'água na frente da proa. Aos poucos a África se transformou num risco azul lá no fundo. Um criado de bordo bateu o gongo. Hudson, o príncipe, a princesa e o barão, velho amigo do casal, que morava ali e era de fato safado, tomavam martíni seco no bar.

— Não prestem atenção a esse gongo. Vamos almoçar no Ritz — sugeriu o barão. — Vocês topam?

Hudson não dormiu com a princesa no vapor, embora à altura de Haifa já tivessem feito tantas outras coisas que os dois foram levados a uma espécie de êxtase de desespero tão intenso que até seria perfeitamente possível invocar uma lei que lhes garantisse o direito de dormirem juntos, ao menos para alívio de seus nervos, à falta de melhor justificativa. Em vez disso, em Haifa fizeram uma excursão de carro a Damasco. No percurso de ida, Thomas Hudson sentou no banco da frente com o motorista, e o casal ocupou o de trás. Thomas Hudson viu uma parte mínima da Terra Santa, uma parte mínima do território de T.E. Lawrence, muitas colinas frias, muito deserto, e no regresso os dois sentaram atrás, enquanto o príncipe ficou ao lado do motorista. Thomas Hudson viu a nuca do príncipe e a do motorista durante todo o percurso da volta e agora lembrava que a estrada de Damasco para Haifa, onde o navio estava ancorado no cais, corre à beira de um rio. Ali há uma garganta íngreme, mas bem pequena, como seria num mapa em relevo de escala reduzida, e na garganta há uma ilha. Recordava-se da ilha melhor do que qualquer outra coisa da excursão.

O passeio a Damasco não resolveu a situação. Quando deixaram Haifa e o vapor já navegava no Mediterrâneo, os dois estavam no tombadilho de bordo, agora frio com o vento nordeste, que provocava vagalhões que faziam o vapor sacudir um pouco, ela lhe disse:

— Precisamos fazer alguma coisa.

— Você gosta de eufemismos?

— Não. Quero ir pra cama e ficar lá uma semana.

— Uma semana não parece muito tempo.

— Um mês, então. Mas temos que fazer isso de uma vez e de uma vez não dá.

— A gente podia ir lá pra baixo, no camarote do barão.

— Não. Eu não quero fazer enquanto não se puder fazer realmente sem preocupações.

— Como é que você está se sentindo agora?

— Como se estivesse enlouquecendo e já me encontrasse em estado bastante adiantado...

— Em Paris a gente pode fazer amor numa cama.

— Mas que desculpa vou dar? Não tenho a mínima experiência em matéria de desculpas.

— Você diz que vai fazer compras.

— Mas tenho que fazer compras com alguém.

— Leve alguém junto. Não há ninguém em quem possa confiar?

— Sim, claro. Mas eu jamais queria ter que fazer uma coisa dessas.

— Então não faça.

— Não. Eu devo. Eu sei que devo. Mas isso não resolve.

— Você nunca lhe foi infiel antes?

— Não. E nunca pensei que havia de ser. Mas agora é a única coisa que eu quero fazer. Mas me dói que alguém venha a saber.

— Nós encontraremos uma saída.

— Abrace-me, por favor, e me aperte bem contra você — pediu ela. — Não vamos falar, nem pensar, nem nos preocupar. Por favor. Apenas me aperte com força e me ame muito, porque agora sinto dores pelo corpo todo.

Passado algum tempo, ele lhe disse:

— Olhe, seja lá quando for que você fizer, há de ser tão ruim quanto seria agora. Você não quer ser infiel e não quer que ninguém saiba. Mas é o que vai acontecer, seja lá quando for.

— Eu quero fazer. Mas não quero magoá-lo. Eu tenho que fazer. Já não depende mais de mim.

— Então faça. Agora.

— Mas agora é terrivelmente perigoso.

— Você pensa que há alguém neste vapor que nos vê e nos ouve e nos conhece e que imagina que ainda não dormimos juntos? Pensa que as coisas que fizemos sejam tão diferentes assim?

— Ah, naturalmente que são. Aí é que está a diferença. Não poderíamos ter um nenê com o que fizemos.

— Você é maravilhosa — tinha dito ele. — Realmente é.

— Mas se tivéssemos um nenê eu ficaria radiante. Ele quer muito um filho, e nunca tivemos um. Vou dormir logo com ele, e ele nunca ficará sabendo que é

nosso.

— Eu não dormiria *logo* com ele.

— É, acho que não. Mas na noite seguinte.

— Quanto tempo faz que você não dorme com ele?

— Ah, eu durmo com ele todas as noites. Sou obrigada, Hudson. Fico tão excitada que tenho que dormir. Acho que é o único motivo por que ele joga bridge agora até tão tarde. Ele gostaria de me encontrar dormindo quando chega. Tenho a impressão de que ele anda meio cansado depois que eu e você nos apaixonamos.

— Esta é a primeira vez que você se apaixona desde que casou com ele?

— Não. Desculpe. Mas não é. Apaixonei-me várias vezes. Mas nunca lhe fui infiel, nem pensei em ser. Ele é tão bom, tão simpático e tão bom marido, e gosto tanto dele, e ele me ama e é sempre tão gentil comigo.

— Acho que seria melhor irmos ao Ritz pra tomar um pouco de champanha — tinha dito Thomas Hudson. Estava ficando com sentimentos muito confusos.

O Ritz estava deserto, e um garçom lhes trouxe o vinho numa das mesas contra a parede. Agora guardavam o Perrier-Jouët (1915), brut, sempre no gelo e apenas perguntavam:

— O mesmo vinho, Mr. Hudson?

Ergueram as taças num brinde mútuo, e a princesa disse:

— Adoro este vinho. Você não?

— Muito.

— Em que está pensando?

— Em você.

— Naturalmente. Eu também só penso em você. Mas o que vai ser de mim?

— Eu estava pensando que devíamos descer imediatamente pro meu camarote. Nós falamos demais e ficamos perdendo tempo, sem fazer nada. Que horas você tem?

— Onze e dez.

— Que horas são? — perguntou ao criado que trouxera o vinho.

— Onze e quinze, cavalheiro — respondeu, olhando o relógio no interior do balcão.

Quando o criado não podia mais ouvir, ele indagou:

— Até que horas ele joga bridge?

— Disse que ia jogar até tarde e que não ficasse acordada à espera dele.

— Vamos terminar o vinho e ir pro camarote. Eu tenho um pouco lá.

— Mas, Hudson, é perigosíssimo.

— Sempre será perigoso — tinha dito Thomas Hudson. — Mas não fazer está ficando muitíssimo mais.

Nessa noite fez três vezes amor com ela e ao se prontificar para levá-la até o camarote ela protestou, dizendo que não convinha, mas ele insistiu: seria muito mais correto, uma vez que o príncipe ainda estava jogando bridge. Depois Thomas Hudson voltou ao Ritz, onde o bar continuava aberto, pediu outra garrafa do mesmo champanha e leu os jornais entregues a bordo em Haifa. Percebeu que era a primeira vez que tirava tempo para ler os jornais num longo período, e a leitura o deixou muito tranquilo e feliz. Quando o jogo de bridge terminou e o príncipe apareceu para dar uma espiada no Ritz, Thomas Hudson convidou-o para tomar uma taça de vinho antes de ir deitar-se e mais do que nunca gostou do príncipe, sentindo forte afinidade com ele.

Ele e o barão desembarcaram em Marselha. A maioria ia seguir a viagem até o fim do cruzeiro, em Southampton. Em Marselha ele e o barão sentaram num restaurante de calçada no Vieux Port, comendo *moules marinières* e tomando uma garrafa de *vin rosé*. Thomas Hudson sentia-se famélico e lembrou-se de que vivia com fome a cada instante desde que tinham partido de Haifa.

Agora também estava com uma fome danada, pensou. Porra, onde andariam esses empregados? Ao menos um podia ter aparecido. Lá fora o vento soprava mais frio do que nunca. Fazia lembrar aquele dia gélido na ladeira do porto em Marselha, sentado à mesa do café, os dois com a gola do paletó erguida, comendo os *moules* das frágeis conchas pretas que tiravam da sopa quente, apimentada, de leite, onde boiava a manteiga derretida, bebendo o vinho de Tavel, cujo sabor era idêntico às paisagens da Provence, enquanto o vento levantava a saia das peixeiras, das

passageiras do vapor e das prostitutas malvestidas que subiam a íngreme ladeira de paralelepípedos fustigadas pelo mistral.

— Você tem sido um rapaz muito maroto — tinha dito o barão. — Muito maroto mesmo.

— Quer um pouco mais de moules?

— Não. Preciso de alguma coisa sólida.

— Quem sabe a gente pede uma *bouillabaisse*?

— Duas sopas?

— Estou com fome. E vai passar muito tempo até voltarmos aqui.

— Não me admira que você esteja com fome. Ótimo. Vamos tomar uma *bouillabaisse* e depois um bom Chateaubriand, do mais raro. Vou prepará-lo, seu miserável.

— O que você pretende fazer?

— A questão é o que é que você pretende fazer. Está apaixonado por ela?

— Não.

— Melhorou muito. É melhor você sumir agora. Muito melhor.

— Prometi passar algum tempo pescando com eles.

— Se fosse pra caçar, talvez valesse a pena — tinha dito o barão. — Pescar é muito frio e desagradável, e ela não tem nada que fazer o marido de palhaço.

— Ele já deve saber.

— Não sabe. Sabe que ela está apaixonada por você. Mais nada. Você é um cavalheiro, portanto tudo o que fizer estará bem. Mas ela não tem nada que fazer o marido de palhaço. Você não casaria com ela, não é?

— Não.

— De qualquer modo ela não poderia casar com você, e não há nenhuma necessidade de causar a infelicidade dele, a não ser que você estivesse apaixonado por ela.

— Não estou. Agora tenho certeza.

— Então eu acho que você devia dar o fora.

— Quanto a isso não tenho a mínima dúvida.

— Alegro-me muito que você concorde. Agora me diga francamente, ela é boa?

— Muito boa.

— Deixe de ser bobo. Eu conheci a mãe. Você devia ter conhecido a mãe dela.

— Foi uma lástima não conhecer.

— Foi mesmo. Não sei como é que você pôde meter-se com gente boa tão chata. Você não precisa dela pra pintar ou qualquer coisa parecida, não é?

— Não. Não é assim que se pinta. Gosto muito dela. Ainda gosto. Mas não estou apaixonado, e está ficando tudo muito complicado.

— Alegro-me muito que você concorde. E agora, pra onde é que você acha que vai?

— Acabamos de voltar da África.

— Exatamente. Por que não passa uns tempos em Cuba ou nas Bahamas? Eu iria junto, se pudesse arranjar algum dinheiro em casa.

— Acha que vai arranjar algum dinheiro em casa?

— Não.

— Creio que ficarei um pouco em Paris. Faz muito tempo que estou longe da cidade.

— Paris não é cidade. Londres é que é.*

— Gostaria de ver o que está havendo em Paris.

— Eu posso informá-lo sobre isso.

— Não. Digo, ver os quadros, certas pessoas, ir ao Six-Day, a Auteuil, a Enghien e a Le Tremblay. Por que você não fica?

— Não gosto de corridas e não tenho dinheiro pra jogar.

E por que continuar com isso? pensou ele agora. O barão estava morto, os alemães tinham tomado Paris, e a princesa não teve nenê. Não haveria sangue seu em nenhuma casa real, pensou, a não ser que um dia o nariz comesse a sangrar no Palácio de Buckingham, o que parecia extremamente improvável. Se um desses criados não aparecer dentro de vinte minutos, decidiu, vou descer até a vila pra

comprar ovos e um pouco de pão. Que merda é a gente sentir fome na própria casa da gente, pensou. Mas estou muito cansado, porra, pra ir até lá.

Foi então que ouviu barulho na cozinha. Apertou a campainha embaixo da mesa grande e escutou os dois zumbidos na cozinha.

O segundo criado entrou com seu ar meio bicha, meio São Sebastião, sonso, matreiro e sofrido, e perguntou:

— O senhor tocou?

— Porra, que que você acha que eu fiz? Onde está o Mário?

— Foi buscar correspondência.

— Como vão os gatos?

— Muito bem. Sem novidades. O Big Goats brigou com El Gordo. Mas nós tratamos das feridas.

— O Boise parece magro.

— Ele sai muito de noite.

— Como está a Princesa?

— Um pouco triste. Mas já come bem.

— Teve problema pra conseguir carne?

— Conseguimos de Cotorro.

— E os cachorros?

— Vão todos bem. A Negrita tá prenha de novo.

— Por que não a trancaram?

— Nós tentamos, mas ela escapou.

— Que mais que aconteceu?

— Nada. Como foi a viagem?

— Sem incidentes.

Enquanto falava, irritado e como de costume lacônico com esse criado que já tinha despedido duas vezes mas que sempre aceitava de volta quando o pai vinha interceder por ele, Mário, o primeiro criado da casa, chegou com os jornais e a correspondência. Estava sorridente e tinha o rosto moreno alegre, cordial e afetuoso.

— Como foi a viagem?

— Meio dura lá pelo fim.

— *Figúrate*. Só calculo. É um vento norte dos brabos. Já comeu?

— Não tem nada pra comer.

— Trouxe ovos, leite e pão. Tú — disse ao auxiliar. — Vai preparar o *breakfast do caballero*. Como quer os ovos?

— Como sempre.

— *Los huevos como siempre* — disse Mário. — O Boise estava esperando lá fora na chegada?

— Estava.

— Ele sofreu muito desta vez. Mais do que nunca.

— E os outros?

— Só houve uma briga feia entre o Goats e o Fats. — Usava os nomes ingleses com orgulho. — A Princesa andou meio tristonha. Mas não era nada.

— ¿Y tú?

— Eu? — sorriu acanhado, todo satisfeito. — Tudo bem. Muito obrigado.

— E a família?

— Todos bem, obrigado. O pai tá trabalhando de novo.

— Alegro-me.

— Ele também. Nenhum dos outros senhores dormiu aqui?

— Não. Foram todos pra cidade.

— Devem estar cansados.

— Estão, sim.

— Vários amigos seus telefonaram. Anotei todos. Tomara que dê pra identificá-los. Vejo-me mal com esses nomes ingleses.

— Escreva tal como soam.

— Mas eles não soam do mesmo jeito pra nós dois.

— O coronel telefonou?

— Não, senhor.

— Traga-me um uísque com água mineral — pediu Thomas Hudson. — E leite pros gatos, por favor.

— Na sala de refeições ou aqui?

— O uísque aqui. O leite pros gatos na sala.

— Em seguida — disse Mário. Foi à cozinha, voltando com um uísque com água mineral. — Acho que está bastante forte — disse.

Faço a barba agora ou espero pra depois do café?, pensou Thomas Hudson. Eu devia fazê-la. Foi para isso que pedi o uísque, pra me habituar com a ideia. Tá bem, vai lá dentro e se barbeie, então. Ora, foda-se, pensou. Não. Vai lá dentro e faz isso de uma vez. É bom pra porra do teu moral, e você tem que ir à cidade depois do café.

Barbeando-se, provou o uísque num intervalo da aplicação da espuma, ao terminá-la, durante o processo de aplicá-la pela segunda vez, e mudando três vezes de lâmina para conseguir eliminar a barba de duas semanas do rosto, queixo e pescoço. O gato ficou perambulando em torno, observando-o enquanto se barbeava e esfregando-se contra suas pernas. Depois, de repente, deu um salto para fora do quarto, e Thomas Hudson percebeu que havia escutado o ruído das tigelas de leite no ladrilho da sala de refeições. Ele mesmo não tinha ouvido nada, nem sequer o chamado. Mas *Boise* sim.

Thomas Hudson terminou de fazer a barba e encheu a mão direita com o maravilhoso álcool puro de noventa graus que custava tão barato em Cuba quanto o miserável álcool de fricção nos Estados Unidos e ensopou o rosto, sentindo que sua adstringência gélida tirava a irritação da barba.

Não como açúcar, nem fumo, pensou, mas, por Deus, o prazer que me dá o que se destila neste país.

A parte inferior das janelas do banheiro estava pintada porque o pátio calçado de pedras circundava toda a casa, mas a metade superior era de vidro transparente, e ele podia enxergar os ramos das palmeiras balançando ao vento. Está ventando ainda mais forte do que eu pensava. Já seria quase hora de guardar o barco. Mas nunca se sabe. Tudo depende do que acontecer quando mudar pra nordeste. Não há dúvida de que foi ótimo passar tantas horas sem se preocupar com o mar. Continuemos assim, pensou. Não pensemos no mar, nem no que anda em cima ou debaixo dele, nem em nada que se relacione com ele. Não vamos nem sequer fazer uma lista do que não se deve pensar sobre ele. Não pensemos absolutamente nele.

Deixemos o mar simplesmente em paz e fim de conversa. E o resto?, lembrou-se. Também não pensaremos nisso.

— Onde o *señor* quer fazer o *breakfast*? — perguntou Mário.

— Em qualquer lugar, desde que seja longe desse puto de mar.

— No *living* ou no quarto do *señor*?

— No quarto. Puxe a cadeira de vime e ponha o *breakfast* numa mesa ao lado.

Tomou o chá quente, comeu um ovo frito e um pouco de torrada com geleia de laranja.

— Não tem fruta?

— Só bananas.

— Traga algumas.

— Não fazem mal com álcool?

— Pura superstição.

— Mas, enquanto o senhor esteve fora, um homem morreu no povoado de banana misturada com rum.

— Como é que você sabe que não era apenas um bêbado que comia bananas e morreu do rum?

— Não, *señor*. Esse homem morreu de uma hora pra outra por ter bebido uma pequena quantidade de rum depois de comer uma grande quantidade de bananas. Eram bananas do próprio quintal dele. Morava no morro atrás do povoado e trabalhava na linha número sete dos ônibus.

— Que descanse em paz — disse Thomas Hudson. — Traga-me umas bananas.

Mário trouxe as bananas, pequenas, amarelas, maduras, da bananeira do quintal. Descascadas, eram pouco maiores que um dedo humano, e deliciosas. Thomas Hudson comeu cinco.

— Fica observando os meus sintomas — disse. — E traga a *Princesa* pra comer o outro ovo.

— Já dei um pra ela festejar o regresso do senhor — disse o rapaz. — Também dei um pro Boise e pro Willy.

— E pro Goats?

— O jardineiro disse que não prestava pro Goats comer muito antes que as feridas sarassem. As feridas dele foram feias.

— Que espécie de briga foi?

— Foi seriíssima. Brigaram mais de um quilômetro. Nós perdemos eles de vista no matagal de espinheiro atrás do quintal. Brigaram sem o menor barulho; do jeito que agora eles brigam. Não sei quem ganhou. O Big Goats chegou primeiro, e cuidamos das feridas dele. Veio até o pátio e deitou junto da cisterna. Não conseguiu saltar até a beirada. O Fats apareceu uma hora depois, e nós cuidamos das feridas dele.

— Você se lembra de como eles eram afetuosos quando pequenos?

— Claro. Mas creio que agora o Fats vai matar o Goats. Ele deve pesar quase meio quilo a mais.

— O Goats é um grande gato pra briga.

— Sim, *señor*. Mas calcule só o que significa meio quilo.

— Acho que pros gatos não significa tanto como pros galos de rinha. Você pensa tudo em termos de galos de rinha. Pros homens não significa muito, a não ser que o cara tenha que enfraquecer pra alcançar o peso. O Jack Dempsey pesava apenas 92 quilos quando venceu o campeonato mundial. O Willard pesava 115. O Goats e o Fats são gatos enormes.

— Do jeito que brigam, meio quilo é uma vantagem tremenda — afirmou Mário. — Se estivessem brigando por dinheiro, nenhum cederia meio quilo. Nem sequer um grama.

— Traga-me mais bananas.

— Por favor, *señor*.

— Você acredita mesmo nessa besteira?

— Não é besteira, *señor*.

— Então me traga outro uísque com água mineral.

— Só se o senhor mandar.

— Eu estou pedindo.

— Se está pedindo, é uma ordem.

— Então traga.

O rapaz trouxe o uísque com gelo e água mineral gelada, saturada. Thomas Hudson pegou e disse:

— Fique observando os meus sintomas. — Mas a expressão inquieta no rosto escuro do rapaz fez com que cansasse da brincadeira. — Sinceramente, eu sei que não me fará mal.

— O *señor* sabe o que está fazendo. Mas a minha obrigação era protestar.

— Perfeitamente. Você protestou. O Pedro já chegou?

— Não, *señor*.

— Quando ele chegar, peça-lhe pra aprontar logo o Cadillac pra irmos à cidade.

Agora você vai tomar um banho, disse Thomas Hudson consigo mesmo. Depois, se vestir pra ir a Havana. E vai falar com o coronel. Porra, o que é que você tem? Uma porção de coisas, pensou. Uma porção. Uma porção de terra. Uma porção de mar. Uma porção de ar.

Sentou na cadeira de vime com os pés estendidos no banquinho que puxou de baixo do assento e contemplou os quadros na parede do quarto de dormir. À cabeceira da cama, a cama barata com o colchão que não valia nada e fora comprado por economia porque nunca dormia nele, a não ser em caso de desavenças, estava o *Guitarrista* de Juan Gris. *Nostalgia hecha hombre*, pensou em espanhol. As pessoas não sabem que a gente morre disso. Do outro lado do quarto, acima da estante de livros, estava o *Monumento em Arbeit*, de Paul Klee. Não lhe agradava tanto quanto o *Guitarrista*, mas gostava de olhá-lo e lembrava como lhe parecera depravado quando o adquirira em Berlim. O colorido era tão indecente quanto as ilustrações dos livros de medicina de seu pai, que indicavam os diferentes tipos de cancros e úlceras venéreas. O susto que sua mulher tinha levado até aprender a aceitar aquela depravação e encará-la apenas como pintura! Agora continuava entendendo-o tanto quanto da primeira vez que o tinha visto na Galeria Flechtheim, aquela casa à beira-rio no maravilhoso e frio outono de Berlim, onde haviam sido tão felizes. Mas era um bom quadro, e gostava de olhá-lo.

Acima da outra estante de livros estava uma das florestas de Masson. Essa era a *Ville d'Avray*, que lhe agradava tanto quanto o *Guitarrista*. Eis aí a grande vantagem dos

quadros: podia-se amá-los sem nenhuma desesperação. Podia-se amá-los sem tristeza, e os bons faziam a felicidade da gente porque tinham conseguido o que você sempre tentou conseguir. Portanto estava pronto e era perfeito, mesmo que a gente fracassasse em fazer igual.

Boise entrou no quarto e saltou no seu colo. Saltava de uma maneira linda e sabia pular, sem demonstrar esforço, em cima da cômoda alta no vasto dormitório. Agora, tendo pulado com moderação e elegância, instalou-se no colo de Thomas Hudson e deu carinhosos empurrões com as patas dianteiras.

— Estou olhando os quadros, Boy. Você lucraria muito mais se gostasse de pintura.

Mas sabe lá se não lucra muito mais pulando e caçando à noite do que eu com os quadros, pensou Thomas Hudson. Em todo caso, é uma pena danada que ele não os possa apreciar. Nunca se sabe. Talvez tivesse um gosto horrível em matéria de pintura.

— Só queria saber do que você gostaria, Boy. Provavelmente do período holandês, quando eles pintavam naturezas-mortas tão maravilhosas, com peixes, ostras e animais de caça. Ei, largue isso aí. Agora é dia. Você não deve andar fazendo essas coisas de dia.

Boise continuou com suas manifestações amorosas, e Thomas Hudson empurrou-o para o lado a fim de acalmá-lo.

— Você tem que manter um certo decoro, Boy — disse. — Ainda nem fui ver os outros gatos, só pra agradá-lo.

Boise ficou contente, e Thomas Hudson sentiu com os dedos o seu ronronar no pescoço.

— Tenho que tomar banho, Boy. Você passa metade do tempo fazendo isso. Mas se lava com a própria língua. E depois nem me dá bola. Quando você se lava, até parece um homem de negócios no escritório, porra. É uma coisa séria. Não pode ser interrompido. Bem, agora tenho que tomar banho. Mas em vez disso, fico sentado aqui, bebendo de manhã feito um maldito pau-d'água. É uma das diferenças entre nós dois. Você também seria incapaz de permanecer dezoito horas no timão. Mas eu sou. Doze, a qualquer momento. Dezoito, se for preciso. Dezenove, ontem

e hoje de manhã. Mas não sei pular nem caçar de noite como você. Só que a gente faz umas caçadas bem estranhas de noite, porra. Mas você tem radar nos bigodes. E um pombo provavelmente tem seu radiogoniômetro naquela incrustação em cima do bico. Seja como for, todos os pombos-correios têm a incrustação. Que tipo de frequências ultra-altas você usa, Boy?

Boise continuou ali deitado, sólido, comprido, ronronando baixinho e feliz da vida.

— Que indica seu receptor de procura, Boy? Qual é a extensão do seu pulso? E sua repetição de frequência? Eu tenho um magnétron embutido. Mas não conte pra ninguém. Só que, com a consequente decomposição de forças mais alta atingida pelas FUA, as putas inimigas podem ser percebidas a maior distância. É micro-onda, Boy, e você está fazendo rom-rom em cima dele agora mesmo.

Quer dizer que era assim que você mantinha sua resolução de não pensar naquilo até que a gente tivesse que partir de novo. Não era o mar que você queria esquecer. Sabe que adora o mar e não gostaria de estar em nenhum outro lugar. Vá até lá fora na varanda e olhe pra ele. Não é cruel nem insensível, nem nada dessas baboseiras que dizem a respeito dele. Apenas está ali, sacudido pelo vento e pela corrente, que lutam na superfície, mas lá embaixo nada disso interessa. Dê graças que você vai partir novamente e agradeça a ele por ser o seu lar. Ele é o seu lar. Não fale nem pense besteiras sobre ele. Não é o seu problema. Você está sendo um pouco mais lógico, disse consigo mesmo. Apesar de que em terra você não parece muito lógico, porra. Está bem, disse consigo mesmo. Tenho que ser tão lógico no mar que não quero sê-lo em terra de jeito nenhum.

A terra é um lugar lindo, pensou. Hoje vamos ver como pode ser linda. Depois de falar com o bosta do coronel, pensou. Bem, sempre gosto de falar com ele porque me levanta o moral. Não falemos no coronel, pensou. É uma das coisas que deixaremos de lado enquanto tivermos um dia lindo. Irei falar com ele. Mas não quero falar nele. Já se falou muita coisa sobre ele que nunca há de transpirar. E muita coisa já transpirou que nunca voltarão a falar. Mas como, pensei que você não ia falar nele. Não vou. Vou apenas falar com ele e comunicar.

Terminou o drinque, tirou o gato do colo, levantou-se e olhou os três quadros. Depois entrou e tomou uma ducha. O aquecedor só tinha sido ligado depois que os criados chegaram de manhã, e não havia muita água quente. Mas se ensaboou todo, esfregou a cabeça e concluiu com água fria. Vestiu-se com a camisa branca de flanela, gravata escura, calça de flanela, meias de lã, seus sapatos de couro inglês de dez anos atrás, um suéter de caxemira e um velho paletó de mescla. Tocou a campainha para chamar Mário.

— O Pedro já veio?

— Sim, señor. Está com o carro lá fora.

— Faça-me um Tom Collins com água de coco e biteres pra levar. Põe dentro de um dos recipientes de cortiça.

— Sim, señor. Não quer um casaco?

— Vou levar um pra botar na volta se ficar frio.

— O senhor vai voltar pro almoço?

— Não. Nem pro jantar.

— Quer ver algum gato antes de sair? Estão todos lá no sol, ao abrigo do vento.

— Não. Eu vejo de noite. Preciso trazer um presente pra eles.

— Vou fazer o drinque. Vai demorar um pouco por causa do coco.

Ora, bolas, por que você vai ver os gatos?, perguntou a si mesmo. Sei lá, respondeu. Essa eu não entendi de jeito nenhum. Essa era novidade.

Boise andava atrás dele, meio preocupado com essa partida, mas não tomado de pânico, visto que não havia bagagem nem arrumação de malas.

— Talvez eu não os quisesse ver por sua causa, Boy — disse Thomas Hudson. — Não se impressione. Eu volto a qualquer hora, de noite ou amanhã de manhã. Sem minhas teias de aranha, espero. Decentemente, espero. Aí então talvez possamos pôr um pouco mais de lógica por aqui. *Vámonos a limpiar la escopeta.*

Saiu do living comprido e claro que continuava parecendo imenso e desceu os degraus de pedra para a claridade ainda mais intensa da manhã de inverno cubana. Os cães brincavam em torno de suas pernas, e o perdigueiro tristonho veio rastejando e sacudindo a cabeça baixa.

— Seu pobre bicho miserável — disse-lhe. Afagou o pelo, e o cachorro se pôs a fazer festas para ele. Os outros vira-latas estavam alegres e saracoteavam, animados pelo frio e pela ventania. Havia uns galhos secos caídos do pé de ceiba que crescia no pátio, pousados nos degraus onde tinham tombado com o vento. O motorista surgiu atrás do carro, tremendo exageradamente.

— Bom-dia, Mr. Hudson. Como foi de viagem?

— Bastante bem. Como vão os carros?

— Todos em perfeita ordem.

— Pois sim — retrucou Thomas Hudson em inglês. Depois para Mário, que saiu da casa e desceu a escada trazendo o drinque escuro, cor de ferrugem, envolto numa folha de cortiça flexível que chegava a um centímetro da borda do copo: — Busque um suéter pro Pedro. Um daqueles abotoados na frente. Das roupas do Tom Jr. E mande limpar esta sujeira aí nos degraus.

Thomas Hudson entregou o drinque para o motorista segurar e se curvou para afagar os cães. Boise estava sentado na escada, assistindo à cena com desprezo. Ali estava Negrita, uma pequena cadela preta já ficando grisalha com a idade, o rabo retorcido nas costas, as patas minúsculas e as pernas delicadas quase faiscando enquanto brincava, o focinho afilado como o de um fox terrier, os olhos afetuosos e inteligentes.

Uma noite ele a tinha visto num bar, seguindo algumas pessoas que saíam, e perguntou de que raça era.

— Cubana — respondeu o garçom. — Faz quatro dias que anda por aí. Corre atrás de todo mundo que sai, mas sempre batem com a porta do carro no nariz dela.

Levaram-na para a Finca e passou dois anos sem ter cio. Thomas Hudson chegou a pensar que era velha demais para procriar. Depois, um dia, teve que separá-la de um cão policial e a partir daí teve cria de policial, buldogue e perdigueiro, e um filhote maravilhoso, desconhecido, vermelho vivo e cujo pai podia ter sido um cão de caça irlandês, só que tinha peito e ombros de buldogue e um rabo retorcido nas costas como o de Negrita.

Agora os filhotes a rodeavam, e estava prenhe de novo.

— Com quem que ela cruzou? — perguntou Thomas Hudson ao motorista.

— Não sei.

Mário trouxe o suéter e entregou ao motorista, que tirou a túnica puída do uniforme para enfiá-lo.

— O pai é o cão de briga do povoado — disse Mário.

— Bem, até logo, cachorrada — disse Thomas Hudson. — *Tchau, Boy* — disse ao gato, que veio pulando até o carro no meio dos cães. Thomas Hudson, já sentado lá dentro, segurando o drinque envolto pela cortiça, debruçou-se à janela e tocou no gato, que se ergueu nas patas traseiras para empurrar a cabeça contra os dedos do dono. — Não se preocupe, *Boy*. Eu volto.

— Pobre *Boise* — disse Mário.

Levantou-se e pegou-o no colo. O gato ficou olhando enquanto o carro dobrava, fazendo uma curva em torno do canteiro de flores, e descia pela alameda desigual, cheia de buracos, até desaparecer atrás da encosta do morro e das mangueiras altas. Depois Mário levou-o para dentro da casa, largou-o no chão, e ele saltou no peitoril da janela, continuando a olhar para o ponto em que a alameda sumia lá embaixo no vale.

Mário afagou-lhe a cabeça, mas o gato não sossegou.

— Pobre *Boise* — repetiu o alto rapaz negro. — Pobre, pobre *Boise*.

No carro, Thomas Hudson e o motorista desceram a alameda. O motorista desceu, tirou a corrente do portão, tornou a entrar e cruzou-o com o carro. Um pretinho vinha subindo pela rua, e o motorista chamou-o para fechar o portão. O menino sorriu e acenou com a cabeça.

— É irmão do Mário.

— Eu sei — disse Thomas Hudson.

Rolaram pela mísera travessa do povoado e tomaram a Rodovia Central. Passaram pelas casas, pelas duas mercearias que davam para a rua com seus balcões e fileiras de garrafas escoradas por prateleiras de víveres enlatados e depois cruzaram pelo último bar e o imenso loureiro espanhol, cujos galhos alcançavam o outro lado da rua, e começaram a descer o morro pela velha estrada de pedras. Eram quase cinco quilômetros em declive, marginados por vastas árvores seculares. Havia viveiros, pequenas e grandes granjas, com suas decrépitas mansões coloniais

espanholas já repartidas em subdivisões, suas antigas pastagens montanhosas interrompidas por caminhos que terminavam em escarpas cobertas de grama parda devido à seca. O único verdor existente agora na terra, neste país de tantos verdes, era ao longo dos cursos d'água, onde as palmeiras-reais cresciam altas e cinzentas, os cimos verdes vergados pelo vento. Um vento norte, seco, forte e frio. O estreito da Flórida estava enregelado por outros ventos nortes que o haviam precedido, e nesse não havia neblina nem chuva.

Thomas Hudson tomou um gole do drinque gelado que tinha o sabor do suco de lima verde nova misturado com a água de coco insossa, mesmo assim muito mais densa que qualquer saturada, reforçado pelo gim Gordon, autêntico, revigorante para a língua e reconfortante para a goela, o conjunto todo temperado pelos bíteres que lhe davam cor. Dá uma sensação tão gostosa quanto segurar vela enfunada, pensou. É um drinque bom pra caralho.

O prendedor de cortiça do copo impedia o gelo de derreter e diluir o drinque. Segurou-o carinhosamente na mão e olhou a paisagem enquanto rumavam para a cidade.

— Por que não desce de motor desligado e economiza a gasolina?

— O senhor querendo, eu desço — respondeu o motorista. — Mas esta gasolina é do Governo.

— Desligue pra treinar — pediu Thomas Hudson. — Assim você saberá como fazer quando a gasolina for nossa e não do Governo.

Agora já estavam na planície, onde os campos dos cultivadores de flores se situavam à esquerda, com as casas dos cesteiros à direita.

— Preciso arrumar um cesteiro pra ir consertar a esteira grande do living onde desfiou.

— Sí, señor.

— Conhece algum?

— Sí, señor.

O chofer, que Thomas Hudson achava antipático por causa das informações falsas que dava, da burrice, da pretensão, da falta de conhecimento de motores, da

maneira atroz com que cuidava dos carros e da preguiça geral, estava muito lacônico e formal depois da repreensão para descer o morro em ponto morto.

Apesar de todos os defeitos, era excelente motorista, isto é, sabia dirigir o carro, com reflexos exatos, no ilógico e neurótico trânsito cubano. Também conhecia demais as atividades deles para ser despedido.

— O suéter esquentava bem?

— Sí, señor.

Vai se foder, pensou Thomas Hudson. Continua assim que eu te enrabo direitinho e te mando pro olho da rua.

— Ontem de noite fez muito frio na sua casa?

— Foi terrível. Um horror. O senhor nem imagina, Mr. Hudson.

As pazes estavam feitas, e já atravessavam a ponte, onde havia sido encontrado o tronco da moça esquartejada em seis pedaços pelo amante policial, enrolados em papel pardo e espalhados pela Rodovia Central. O rio agora estava seco. Mas na véspera as águas corriam, e os carros tinham ficado enfileirados quase um quilômetro na chuva enquanto os motoristas contemplavam o lugar histórico.

Na manhã seguinte os jornais publicaram retratos do torso na primeira página, e uma matéria noticiosa frisava que a moça sem dúvida era turista norte-americana, visto que nenhuma habitante dos trópicos seria tão pouco desenvolvida fisicamente naquela idade. Thomas Hudson nunca soube como puderam apurar a idade exata, pois a cabeça só foi descoberta muito mais tarde, no porto pesqueiro de Batabano. Mas o torso, tal como aparecia nas primeiras páginas, não era propriamente comparável aos melhores fragmentos da escultura grega. No entanto não era turista americana; e resultou que, fossem quais fossem seus atrativos, ela os desenvolvera nos trópicos. Durante algum tempo, porém, Thomas Hudson teve que desistir de qualquer conserto na estrada do lado de fora da Finca porque toda pessoa que fosse vista correndo ou mesmo se apressando corria risco de ser perseguida pelo populacho aos gritos de “Lá vai ele! É ele! Foi aquele sujeito que esquartejou a moça!”.

Agora atravessavam a ponte e subiam a colina até Luyano, onde havia uma vista, mais à esquerda, de El Cerro, que sempre fazia Thomas Hudson lembrar

Toledo. Não a Toledo de El Greco. Mas um trecho da própria Toledo, apreciada de um morro lateral. Agora já se estavam aproximando, à proporção que o carro completava o último acesso à colina, e então pôde rever, com toda a nitidez, e por um instante parecia de fato Toledo. Depois a colina baixou e se transformou em Cuba de ambos os lados.

Esse era o trecho da estrada para a cidade de que não gostava. Fora justamente por sua causa que trouxera o drinque. Bebo pra me defender da pobreza, da sujeira, do pó de quatrocentos anos, do nariz escorrendo das crianças, das frondes de palmeiras rachadas, dos telhados de lata batida, do passo arrastado de sífilis não tratada, da imundície de esgotos nos velhos leitos de riachos, dos piolhos pululando nos pescoços descarnados das aves domésticas, das escamas na nuca dos velhos, do cheiro das anciãs, e do rádio a todo volume, pensou. Porra, por que faço isto? Eu devia olhar bem pra tudo e tomar alguma providência. Em vez disso, pensou, você fica bebendo seu drinque do jeito que antigamente se usavam sais aromáticos. Não. Não é bem assim. É uma espécie de combinação disso e do modo que bebiam no *Beco do Gim*, de Hogarth. Você também está bebendo pra enfrentar o coronel, pensou. Ultimamente você anda sempre bebendo pra enfrentar ou fugir de alguma coisa. Anda, sim, porra. Você bebe sem motivo nenhum uma porção de vezes. Hoje você vai fazer isso à beça.

Tomou um gole demorado do drinque e sentiu-o limpo, frio e com renovado sabor na boca. Esse era o pior trecho da estrada, onde passava a linha dos bondes e o trânsito unia os para-choques à altura do cruzamento com a ferrovia, quando fechavam as barreiras. A sua frente agora, do outro lado das filas de carros e caminhões detidos, estava a colina com o castelo de Atares, onde tinham fuzilado o coronel Crittenden e seus companheiros naquela expedição fracassada a Bahía Honda, quarenta anos antes de ele nascer, em que cento e vinte e dois voluntários americanos tinham tombado. Ao fundo, soprava reta no céu a fumaça das chaminés da Companhia Elétrica de Havana, e a rodovia corria sobre velhos paralelepípedos por baixo do viaduto, paralela à ponta mais afastada do cais, onde a água era preta e oleosa como as sondagens do fundo dos tanques de um navio-petroleiro. As barreiras se ergueram, eles avançaram de novo e agora se achavam ao abrigo do

vento norte. Os navios de casco de madeira da lamentável e grotesca marinha mercante de tempo de guerra jaziam encostados às estacas creosotadas dos trapiches, e os refugos do porto boiavam ao redor dos costados, mais negros que o creosoto das estacas e fétidos como um esgoto imundo.

Reconheceu vários barcos que lhe eram familiares. Um deles, velha embarcação de três mastros, tinha sido suficientemente grande para inquietar um submarino, que o torpedeara. Estava carregado de madeira e vinha buscar uma carga de açúcar. Ainda dava para ver onde fora atingido, embora já o tivessem consertado. Imaginou os chinas vivos e os chinas mortos no convés quando o tinham abordado em alto-mar. Eu suponha que você hoje não fosse pensar no mar.

Tenho que olhar pra ele, disse consigo mesmo. Os que estão nele estão muitíssimo melhor, porra, que os que moram naqueles lugares por onde acabamos de passar. Este cais, emporcalhado há trezentos ou quatrocentos anos, afinal de contas não é o mar. Ele não é ruim lá perto da enseada. E nem do lado de Casablanca. Você já passou noites ótimas neste cais e bem que você sabe disso.

— Olhe só — disse. O motorista, vendo-o olhar, já ia parar o carro. Mas mandou que seguisse adiante. — Continue indo pra embaixada.

Tinha olhado para o velho casal que vivia na meia-água de tábuas e frondes de palmeira que haviam construído encostada ao muro que separava o trilho da estrada de ferro de um pedaço de terreno onde a companhia de luz elétrica depositava o carvão descarregado no cais. O muro estava preto do pó de carvão, transportado suspenso pelo descarregador, e distava menos de um metro do leito da ferrovia. A meia-água era construída num declive íngreme e mal dava espaço para duas pessoas deitadas. O casal de moradores estava sentado na entrada, fazendo café numa lata de zinco. Eram negros, imundos, escamados pela idade e pela sujeira, vestindo roupa feita de velhas sacas de açúcar, e macróbios. Não viu o cachorro em parte alguma.

— ¿Y el perro? — perguntou ao motorista.

— Faz muito que não vejo.

Há vários anos que sempre passavam por aquela gente. Houve tempo em que a moça, cujas cartas lera na véspera, costumava exclamar que aquilo era uma vergonha, toda vez que cruzavam pelo casebre.

— Por que não toma então uma providência? — ele lhe perguntara. — Você vive dizendo que tudo é horrível e sabe escrever tão bem sobre essas coisas, e no entanto nunca faz nada.

A moça se irritou, mandou parar o carro, desceu, foi ao casebre e deu vinte dólares à velha, dizendo-lhe que era para ajudá-la a encontrar um lugar melhor para morar e comprar algo para comer.

— Sí, señorita — disse a velha. — É muita bondade sua.

Na próxima vez que passaram por ali o casal continuava morando no mesmo lugar e acenou alegremente. Tinham comprado um cachorro. Ainda por cima era branco, pequeno e crespo, provavelmente não criado com a intenção, pensou Thomas Hudson, de viver no meio de pó de carvão.

— O que será que houve com o cachorro? — perguntou Thomas Hudson ao motorista.

— No mínimo morreu. Eles não têm o que comer.

— Precisamos arrumar outro cachorro pra eles — disse Thomas Hudson.

Depois do casebre, que agora já estava bem para trás, passaram à esquerda pelos muros pintados e rebocados de barro do quartel-general do Exército cubano. Um soldado com um pouco de sangue branco se achava de guarda, indolente mas orgulhoso na farda cáqui desbotada pelas lavagens da mulher, o quepe de campanha muito mais bem-posto que o do general Stilwell, o fuzil apoiado no ângulo confortável dos ossos mal cobertos do ombro. Olhou distraído para o carro. Thomas Hudson notou que o vento norte lhe dava frio. Por que não se esquentava caminhando de um lado para outro?, pensou Thomas Hudson. Mas se permanecer exatamente na mesma posição, sem gastar energia, não demora o sol bate nele e o aquece. Decerto não faz muito tempo que está no Exército, de tão magro que é, pensou. Quando chegar a primavera, se ainda viermos aqui até lá, provavelmente não o reconhecerei mais. Aquele fuzil deve ser tremendamente pesado para ele. É uma lástima que não possa montar guarda com uma arma leve de plástico, assim como os toureiros hoje em dia usam espada de madeira ao trabalhar com a muleta para não cansar os pulsos.

— E aquela divisão que o general Benítez ia chefiar pra lutar na Europa? — perguntou ao motorista. — Ainda não embarcou?

— *Todavía no* — respondeu o motorista. — Ainda não. Mas o general está aprendendo a andar de motociclo. Ele treina de manhã cedo lá no Malecon.

— Então deve ser uma divisão motorizada — disse Thomas Hudson. — Que pacotes são esses que os soldados e oficiais estão trazendo ali de dentro do Estado Mayor?

— Arroz — explicou o motorista. — Chegou um carregamento.

— Já está difícil de conseguir?

— Impossível. Custa os tubos.

— Você anda se alimentando mal?

— Pessimamente.

— Por quê? Você come lá em casa. Eu pago tudo, por mais caros que estejam os preços.

— Quando como na minha casa, quero dizer.

— E quando é que você come lá?

— Nos domingos.

— Vou ter que lhe comprar um cachorro — disse Thomas Hudson.

— Já temos um — retrucou o motorista. — Um cachorro bonito e inteligente mesmo. Não existe nada no mundo de que ele goste mais que de mim. Não posso dar um passo sem que ele não queira vir junto. Mas, Mr. Hudson, o senhor é incapaz de imaginar ou avaliar, o senhor que tem tudo, o que significa esta guerra pro povo de Cuba.

— Deve haver muita fome.

— O senhor nem imagina.

Não imagino mesmo, pensou Thomas Hudson. Não posso imaginar, de jeito nenhum. Não posso imaginar como é possível que haja fome num país como este. Quanto a você, seu filho da puta, da maneira que você cuida do motor dos carros, devia ser fuzilado, e não alimentado. Eu o fuzilaria com o máximo prazer. Porém disse:

— Vou ver o que posso fazer pra conseguir um pouco de arroz pra sua casa.

— Muito obrigado. O senhor não calcula como a vida agora está dura pra nós cubanos.

— De fato, deve estar ruim — disse Thomas Hudson. — Pena que não dá pra eu levá-lo pro mar pra descansar e tirar umas férias.

— No mar também deve ser muito difícil.

— Acho que sim — concordou Thomas Hudson. — Às vezes, até num dia como hoje, realmente é.

— Todos nós temos nossa cruz pra carregar.

— Eu gostaria de pegar a minha e enfiá-la no culo de uma porção de gente que conheço.

— É preciso aceitar tudo com calma e paciência, Mr. Hudson.

— *Muchas gracias* — retrucou Thomas Hudson.

Dobraram a esquina para entrar na rua San Isidro, abaixo da estação ferroviária central e diante da entrada dos velhos trapiches da P. & O.,** onde antes atracavam os navios da Miami e Key West e a linha aérea da Pan American tinha sua terminal quando ainda utilizava hidroaviões antigos. Estava abandonada agora que a Marinha americana requisitara os vapores da P. & O. e a Pan American passara a usar DC-2s e DC-3s no Aeroporto de Rancho Boyeros, e a Guarda-Costeira e a Marinha cubana ancoravam seus caça-submarinos no lugar em que os hidroaviões costumavam pousar.

Thomas Hudson se lembrava melhor dessa parte de Havana como era antigamente. A parte de que agora gostava antes havia sido apenas o caminho para Matanzas; um trecho feio da cidade, o castelo de Atares, um subúrbio cujo nome ignorava, e depois uma estrada de pedras intercalada de povoados. Passava-se em alta velocidade por eles, de modo que não dava para distinguir um do outro. Depois ele tinha conhecido cada bar e espelunca dessa área, e San Isidro havia sido a maior rua de meretrício do cais. Agora estava morta, nenhuma casa funcionava mais ali, e ficara morta desde que a tinham fechado e embarcado todas as prostitutas de volta para a Europa. Esse grande embarque representara o reverso da Villefranche de outrora, quando os navios americanos escalados para o Mediterrâneo partiam e as mulheres ficavam acenando. Quando o vapor francês deixou Havana com as

mulheres a bordo, todo o cais se achava apinhado de gente, e não eram somente os homens que davam adeus, acenando da praia, dos trapiches e do molhe do porto. Havia mulheres nas lanchas de aluguel e nos barcos de quitanda que cercaram o navio e o acompanharam quando saiu pelo canal afora. Lembrava que fora muito triste, embora muitas pessoas achassem aquilo engraçadíssimo. Jamais conseguiria compreender como era possível fazer troça das prostitutas. Mas o embarque foi considerado um acontecimento de comicidade irresistível. Muita gente, porém, ficou triste depois que o navio desapareceu, e a rua San Isidro nunca mais foi a mesma. O nome, no entanto, ainda o comovia, apesar de que hoje fosse uma rua bastante aborrecida, onde mal se via um homem ou mulher brancos, com exceção dos motoristas de caminhão e dos empurradores de carrocinhas de entrega. Havia ruas alegres em Havana, onde viviam unicamente negros, e ruas e bairros turbulentos, tais como Jesús y María, que ficava a pequena distância dali. Mas essa parte da cidade continuava exatamente tão triste como tinha ficado depois que as prostitutas foram embora.

Agora o carro desembocara no cais propriamente dito, onde atracava a barca que fazia a travessia até Regla e onde os vapores da linha costeira prendiam as amarras. As águas do porto estavam escuras e agitadas, mas as ondas não formavam crista espumosa. Embora escura, a água era fresca e transparente, em comparação com a imundície negra das partes internas da baía. Olhando mais longe, viu a calmaria da baía que permanecia ao abrigo dos morros ao alto de Casablanca, onde as traineiras se achavam ancoradas, onde as canhoneiras cinzentas da Marinha cubana estavam postadas e onde sabia que seu próprio barco ficara ancorado, embora não pudesse enxergá-lo dali. Do outro lado da baía, avistou a antiga igreja amarela e as casas de Regla espaiadas, rosas, verdes e amarelas, os tanques de armazenamento e as chaminés da Refinaria de Belot e, ao fundo, as colinas cinzentas em direção a Cojímar.

— Está vendo o barco? — perguntou o motorista.

— Daqui não.

Ei-los a barlavento das chaminés fumegantes da Companhia Elétrica numa manhã tão luminosa e límpida, e o ar estava tão claro e puro como nos morros do

sítio. Todo mundo que andava pelos trapiches parecia enregelado pelo vento norte.

— Vamos primeiro ao Floridita — avisou Thomas Hudson ao motorista.

— A embaixada fica a apenas quatro quarteirões daqui.

— Sim. Mas eu disse que queria ir primeiro ao Floridita.

— Como queira.

Dirigiram-se imediatamente à cidade, para longe do vento, e ao passar pelas lojas e armazéns Thomas Hudson sentiu o cheiro da farinha depositada em sacos e espalhada pelo chão, das caixas de embalagem recém-abertas, do café torrado que dava uma sensação mais forte que um drinque pela manhã, e do delicioso aroma do fumo, que se tornou mais intenso pouco antes de o carro dobrar à direita, rumo ao Floridita. Essa era uma das ruas que amava, mas não gostava de percorrê-la a pé durante o dia porque as calçadas eram estreitíssimas e havia muito trânsito. À noite, quando não havia movimento, ninguém torrava café, e as janelas fechadas dos armazéns impediam a gente de sentir o cheiro do fumo.

— Está fechado — disse o motorista. As cortinas de aço continuavam corridas nos dois lados do café.

— Imaginei que estivesse. Agora desça pela Obispo até a embaixada.

Essa rua ele percorrera mil vezes a pé, tanto de dia quanto de noite. Não gostava de descê-la de carro porque acabava logo, mas não tinha nenhuma justificativa para adiar ainda mais a sua apresentação. Bebeu o resto do drinque, olhou os carros à frente, as pessoas na calçada, o trânsito entrecruzado ao norte e ao sul, e deixou a rua para depois, quando pudesse, percorrê-la a pé. O carro parou diante do prédio da embaixada e consulado, e ele entrou.

Lá dentro, devia-se preencher ficha com nome, endereço e objetivo da visita numa mesa onde um funcionário tristonho de sobrancelhas depiladas e bigode aparado incrivelmente rente ao lábio superior levantou a cabeça e empurrou o papel na sua direção. Recusou-se a olhá-lo e tomou o elevador. O funcionário encolheu os ombros e alisou as sobrancelhas. Talvez lhes tivesse dado excessiva importância. De qualquer maneira ficavam mais limpas e elegantes daquele modo do que se estivessem cerradas e hirsutas, e efetivamente combinavam com o bigode. Acreditou que fosse o bigode mais fino que seria possível conseguir sem eliminá-lo

por completo. Nem Errol Flynn, nem Pincho Gutiérrez, nem mesmo Jorge Negrete poderiam fazer-lhe concorrência. Seja como for, esse filho da puta do Hudson não tinha o mínimo direito de entrar assim, ignorando-o.

— Que espécie de maricones vocês têm agora na portaria? — perguntou ao ascensorista.

— Aquilo não é maricón. Nem chega a ser gente.

— Como vai tudo por aqui?

— Ele pediu pra lhe dizer que era pra aguardar.

— Boa. Ótimo. A mesma coisa de sempre.

Saiu no quarto andar e passou pelo corredor de três portas. Entrou na do meio e perguntou ao suboficial da Marinha sentado à mesa se o coronel estava.

— Tomou o avião pra Guantánamo hoje de manhã.

— Quando volta?

— Falou que talvez fosse ao Haiti.

— Não há nada pra mim?

— Que eu saiba, não.

— Ele não me deixou nenhum recado?

— Só pediu pra lhe dizer que era pra aguardar.

— Como é que ele estava se sentindo?

— Horrível.

— Que aspecto tinha?

— Medonho.

— Ele não anda danado comigo?

— Acho que não. Pediu apenas pra lhe dizer que era pra aguardar.

— Não tem nada que eu precise saber?

— Sei lá. Tem?

— Não enche.

— Tá bom. Imagino que não tenha sido sopa. Mas você não trabalha pra ele aqui neste escritório. Você sai pro mar. Não ligo porra nenhuma pra...

— Vá com calma.

— Você está lá no sítio?

— Estou. Mas vou ficar até amanhã de manhã na cidade.

— Hoje é que ele não volta. Eu telefono pra você lá no sítio quando ele chegar.

— Tem certeza de que ele não anda danado comigo?

— Tenho. O que é que há? Você não está com a consciência limpa?

— Não. Não tem ninguém por aí danado comigo?

— Pelo que eu sei, nem mesmo o almirante anda danado com você. Vá-se embora de uma vez e tome um pileque por mim.

— Primeiro vou tomar um por mim mesmo.

— Tome um por mim também.

— O que é que há? Você não cai no porre todas as noites?

— Isso não basta. Como se saiu o Henderson?

— Muito bem. Por quê?

— Nada.

— Por quê?

— Nada. Perguntei por perguntar. Tem alguma queixa a apresentar?

— Nós não apresentamos queixas.

— Que homem. Que líder.

— Nós fazemos acusações.

— Não podem. São civis.

— Vá pro inferno.

— Não preciso. Já estou aqui.

— Ligue pra mim assim que ele vier. E transmita meus cumprimentos ao coronel e diga-lhe que estive aqui.

— Sim, senhor.

— Por que o senhor?

— Cortesia.

— Passe bem, Mr. Hollins.

— Passe bem, Mr. Hudson. Escute. Mande seu pessoal ficar onde seja fácil pra você localizá-los logo.

— Muito obrigado, Mr. Hollins.

Da sala de código no fundo do corredor saiu um capitão-tenente que ele conhecia. Estava com o rosto bronzeado do golfe e da praia em Jaimanitas. Parecia vender saúde e não demonstrava sua tristeza. Moço, era um sujeito muito bom que viera do Extremo Oriente. Thomas Hudson o conhecera quando tinha agência de automóveis em Manila e uma filial em Hong Kong. Sabia filipino e um ótimo cantonês. Naturalmente também sabia espanhol. Por isso se achava em Havana.

— Oi, Tommy — disse. — Quando chegou à cidade?

— Ontem de noite.

— Que tal as estradas?

— Meio empoeiradas.

— Um dia desses você ainda vira a porra daquele carro.

— Sei dirigir com cuidado.

— Você sempre soube — disse o capitão-tenente, cujo nome era Fred Archer.

Passou o braço pelos ombros de Thomas Hudson. — Deixe-me abraçá-lo.

— Por quê?

— Você me alegra. Fico alegre quando o abraço.

— Já foi comer no Pacífico?

— Faz duas semanas que não vou lá. Quer ir?

— A qualquer hora.

— Pro almoço não me vai ser possível, mas a gente podia ir comer lá hoje à noite. Tem alguma coisa pra hoje à noite?

— Não. Só mais tarde.

— Mais tarde eu também tenho. Onde o encontro? No Floridita?

— Dê um pulo lá depois do expediente.

— Boa. Mais tarde terei que voltar pra cá. Assim a gente não cai muito no porre.

— Não me diga que vocês, seus miseráveis, agora trabalham de noite.

— Eu trabalho — disse Archer. — Não é uma ideia das melhores.

— Fico tremendamente contente por encontrá-lo, seu Freddy — disse Thomas Hudson. — Com você também me sinto alegre.

— Pra isso você não precisa de ninguém — retrucou Fred Archer. — Você já é.

— Fui, quer dizer.

— Foi. E voltou a ser. Em dose duplicada.

— Não ao extremo.

— Você vai precisar de um extremo, irmão. Você já tem um.

— Anote isso pra mim quando puder, Freddy. Gostaria de poder ler isso todas as manhãs cedo.

— Você continua com aquilo na cabeça?

— Não. Onde eu tinha a cabeça, agora tem cerca de trinta e cinco mil dólares de ferro velho pelo qual me responsabilizei.

— Eu sei. Eu vi no cofre. O que você assinou.

— Porra, mas então esse pessoal é muito descuidado.

— Se é.

— Todo mundo aqui é assim descuidado?

— Não. E a coisa já melhorou pra burro. Palavra, Tommy.

— Ótimo — disse Thomas Hudson. — Tá aí o pensamento do dia.

— Não quer entrar? Tem uns caras novos de que você ia gostar. Dois caras realmente simpáticos. Um deles já comeu o pão que o diabo amassou.

— Não. Eles sabem alguma coisa disso?

— Não. Claro que não. Sabem apenas que você andou por lá e gostariam de conhecê-lo. Você ia simpatizar com eles. Caras legais.

— Vamos deixar pra outra ocasião — disse Thomas Hudson.

— Tá bem, chefe — retrucou Archer. — Vou dar um pulo lá na sua casa quando esta joça aqui fechar.

— No Floridita.

— Foi o que eu quis dizer.

— Estou ficando burro.

— É doidice de ermitão — disse Archer. — Quer que eu leve algum desses tipos?

— Não. A menos que você faça questão. Pode ser que o pessoal da minha turma ande por lá.

— Pensei que vocês, seus desgraçados, não quisessem ser vistos em terra.

- Às vezes eles se sentem meio sós.
- O que deviam fazer era pegar todos eles e meter em cana.
- Eles saíam.
- Vá-se embora — disse Archer. — Você já vai tarde.

Fred Archer entrou na porta oposta à sala de código, e Thomas Hudson atravessou o corredor e desceu pela escada em vez de tomar o elevador. Lá fora estava tão claro que a luminosidade lhe feriu os olhos, e continuava ventando forte do noroeste.

Entrou no carro e mandou o motorista subir a O'Reilly até o Floridita. Antes que descrevessem uma curva em torno da Plaza diante do prédio da embaixada e do *ayuntamiento* para tomar a O'Reilly, viu o tamanho das ondas na enseada do cais e a boia do canal levantando e caindo pesadamente. Na enseada o mar estava muito agitado e confuso, e a água verde-clara quebrava sobre o rochedo na base do morro, as pontas dos vagalhões rebentando brancas ao sol.

Parece maravilhoso, disse consigo mesmo. Não apenas parece, é. Vou tomar um drinque por isso. Meu Deus, pensou, quem me dera ser tão forte quanto o Freddy Archer imagina que eu sou. Porra, eu sou forte. Sempre vou e sempre quero ir. Porra, que mais querem que eu faça? Que coma Torpex no café da manhã? Ou que o enfie no sovaco como se fosse fumo? Seria uma bela maneira de pegar icterícia, porra. Que é que o levou a pensar nisso? Tá ficando assustado, Hudson? Não estou, não, respondeu. Tenho certas reações inevitáveis. Muitas ainda não foram catalogadas. Principalmente por mim. Só gostaria de ser tão forte quanto o Freddy julga que sou, em vez de ser humano. Acho que a gente se diverte mais como ser humano, muito embora seja mais doloroso. Agora mesmo, por exemplo, é doloroso pra caralho. Mas seria ótimo se a gente fosse como eles imaginam. Bem, agora chega, não se pensa mais nisso. Se você não pensar, isso deixa de existir. Pois sim, porra. Mas o sistema é esse. Vou seguindo adiante, pensou.

O Floridita já estava aberto, ele comprou os dois jornais que tinham saído, *Crisol* e *Alerta*, e levou-os juntos para o balcão. Ocupou seu lugar num banquinho alto na extremidade esquerda do bar. Ficou de costas para a parede fronteira à entrada, com o lado esquerdo protegido pelo balcão. Pediu um daiquiri gelado duplo sem

açúcar a Pedrico, que sorriu daquele jeito que quase parecia o ricto de um cadáver que morreu com a espinha subitamente quebrada, e no entanto era um sorriso sincero e autêntico, e começou a ler o *Crisol*. A luta agora era na Itália. Não conhecia a região onde o Quinto Exército estava combatendo, mas conhecia a do outro lado, onde estava o Oitavo, e pensava nisso quando Ignacio Natera Revello entrou no bar e parou a seu lado.

Pedrico colocou uma garrafa de Victoria Vat, um copo com grandes nacos de gelo dentro, e uma garrafa de soda Canada Dry na frente de Ignacio Natera Revello, que preparou um *highball* às pressas e depois virou para Thomas Hudson, olhando-o pelos óculos de lentes verdes e aros de tartaruga, fingindo que acabava de vê-lo.

Ignacio Natera Revello era alto e magro, vestido com camisa de linho branco de roceiro, calças brancas, meias de seda preta, velhos sapatos de couro inglês bem lustrados, e tinha um rosto vermelho, um bigode amarelo, de escova de dentes, e olhos míopes, injetados de sangue, que os óculos verdes protegiam. O cabelo era ruivo e penteado rigidamente para baixo. Vendo sua avidez pelo *highball*, podia-se pensar que fosse o primeiro do dia. Não era.

— Seu embaixador está bancando o burro — disse a Thomas Hudson.

— Quero ser um miserável filho da puta — retrucou Thomas Hudson.

— Não. Não. Sério. Deixe-me falar. Olhe, isto é unicamente entre mim e você.

— Tome seu drinque. Não quero saber de nada.

— Pois devia saber. E fazer algo.

— Você não está com frio? — perguntou-lhe Thomas Hudson. — Com essa camisa e a calça leve?

— Nunca estou com frio.

E também nunca está sóbrio, pensou Thomas Hudson. Você começa a beber naquele barzinho perto da sua casa e quando chega aqui pro primeiro do dia já vem chumbado. No mínimo nem reparou que tempo fazia quando se vestiu. Ah, é?, pensou. E você? Que horas eram quando tomou o seu primeiro drinque hoje de manhã e quantos já bebeu antes deste primeiro aqui? Não atire a primeira pedra em nenhum pau-d'água. Não se trata disso. Pouco importa que ele seja pau-d'água. O diabo é que ele é um chato de galochas. A gente não deve ter pena de chatos e nem

precisa ser amável com eles. Ande de uma vez, disse. Hoje você vai se divertir. Sossegue e aproveite.

— Convido-o pra uma partida de dados — disse.

— Muito bem — topou Ignacio. — Você começa.

Thomas Hudson rodou três reis de uma só vez, ficou neles naturalmente, e ganhou.

Aquilo foi agradável. Não melhorava o sabor do drinque. Mas dava uma sensação agradável rolar três reis de uma só vez, e gostava de ganhar de Ignacio Natera Revello porque era um esnobe e um chato, e ganhar dele lhe emprestava um significado útil.

— Agora vamos sair pra outra — propôs Ignacio Natera Revello.

Ele é o tipo do esnobe e do chato que a gente sempre chama pelo nome completo, pensou Thomas Hudson, tal como é chamado de esnobe e de chato. Provavelmente é feito esse pessoal que põe III depois do nome. Thomas Hudson terceiro. Thomas Hudson fuleiro.

— Você por acaso não é o Ignacio Natera Revello terceiro, não?

— Claro que não. Você sabe perfeitamente o nome do meu pai.

— Ah, é mesmo. Claro que sei.

— E dos meus irmãos. E do meu avô. Deixe de ser bobo.

— Vou tentar — disse Thomas Hudson. — Vou tentar seriamente.

— Tente — retrucou Ignacio Natera Revello. — Vai ser ótimo pra você.

Concentrando-se, sacudindo o copo de couro com o maior cuidado, fazendo seu trabalho mais diligente e caprichado da manhã, só conseguiu quatro valetes em várias rodadas.

— Meu pobre e querido amigo — disse Thomas Hudson. Agitou os dados no pesado copo de couro, amando aquele ruído. — Uns dados tão bonzinhos, tão gostosos de sacudir, e tão valiosos.

— Ande de uma vez, jogue e deixe de ser bobo.

Thomas Hudson fez rolar três reis e um par de dez em cima do balcão ligeiramente úmido.

— Quer apostar?

— Já apostamos — disse Ignacio Natera Revello. — A segunda rodada de drinques.

Thomas Hudson agitou novamente os dados com carinho e fez rolar uma dama e um valete.

— Quer apostar agora?

— Você ainda está levando muita vantagem.

— Tá bem. Então me contento com os drinques.

Tirou um rei e um ás, sentindo-os sair do copo sólida e orgulhosamente.

— Seu puto de sorte.

— Outro daiquiri gelado duplo, sem açúcar, e o que o Ignacio quiser — pediu Thomas Hudson. Estava começando a simpatizar com ele. — Olhe aqui, Ignacio. Nunca ouvi falar em ninguém que visse o mundo com óculos de lentes verdes. Cor-de-rosa, vá lá. Verdes, nunca. Não fica tudo com uma espécie de cara de grama? Não lhe dá a impressão de que está na pista de corridas? Você nunca se sente como se andasse pastando por aí?

— Esta é a tonalidade mais repousante pras minhas vistas. Foi constatado pelos maiores oculistas.

— Você sempre consulta os maiores oculistas? Tem jeito de ser uma cambada bem doida.

— Não conheço nenhum pessoalmente, a não ser o meu. Mas ele está a par das descobertas dos outros. É o melhor de Nova York.

— Quero saber qual é o melhor de Londres.

— O de Londres eu conheço. Mas o melhor de todos é o de Nova York. Posso dar-lhe um cartão pra ele com o máximo prazer.

— Vamos jogar esta.

— Muito bem. Jogue você e depois me passe.

Thomas Hudson pegou o copo de couro e sentiu o peso sólido dos grandes dados do Floridita. Sacudiu-os ligeiro, para não irritar a bondade e generosidade deles, e fez rolar três reis, um dez e uma dama.

— Três reis de uma vez. El Clásico.

— Você é um desgraçado — disse Ignacio Natera Revello, fazendo rolar um ás, duas damas e dois valetes.

— Mais um daiquiri gelado duplo absolutamente sem açúcar e o que Don Ignacio quiser — pediu Thomas Hudson a Pedrico.

Pedrico fez aquele seu sorriso e o drinque. Colocou a coqueteleira diante de Thomas Hudson com pelo menos outro daiquiri inteiro ainda no fundo.

— Eu seria capaz de fazer isso o dia inteiro — disse Thomas Hudson a Ignacio.

— O horrível é que acho que você seria mesmo.

— Os dados me amam.

— Ainda bem. Já é alguma coisa.

Thomas Hudson sentiu a leve ferroadada no crânio que já sentira tantas vezes durante o último mês.

— Que que você quer dizer com isso, Ignacio? — perguntou, com toda a polidez.

— Que eu certamente é que não o amo, pois você vive me tirando todo o dinheiro.

— Ah — fez Thomas Hudson. — À sua saúde.

— Tomara que você morra — retrucou Ignacio Natera Revello.

Thomas Hudson sentiu de novo a ferroadada no crânio. Apoiou a mão esquerda no balcão onde Ignacio Natera Revello não podia vê-la e bateu três vezes de leve com a ponta dos dedos.

— Que simpatia que você é — disse. — Topa outra partida?

— Não — respondeu o outro. — Já perdi dinheiro que chega pra você pelo resto do dia.

— Você não perdeu dinheiro nenhum. Só drinques.

— Eu pago minha conta aqui no bar.

— Ignacio — disse Thomas Hudson. — Essa é a terceira coisa meio antipática que você me diz.

— Pois eu sou antipático. Você também seria se tivesse alguém que houvesse sido tão danado de rude com você como o filho da puta do seu embaixador foi comigo.

— Continuo não querendo ouvir falar nesse assunto.

— Está vendo? E depois me chama de antipático. Olhe aqui, Thomas. Somos bons amigos. Há anos que conheço você e o seu filho Tom. Por falar nisso, como vai ele?

— Morreu.

— Desculpe. Não sabia.

— Não tem importância — disse Thomas Hudson. — Convido-o pra um drinque.

— Que pena que me dá. Por favor, saiba que estou tremendamente penalizado. Como foi que ele morreu?

— Ainda não sei — retrucou Thomas Hudson. — Assim que souber, o aviso.

— Onde foi?

— Isso eu não sei. Sei que estava voando, mas não sei mais nada.

— Ele chegou a ir a Londres e falar com algum dos nossos amigos?

— Chegou, sim. Esteve várias vezes na cidade, sempre ia no White's e falava com quem aparecesse por lá.

— Bem, de certo modo sempre é um consolo.

— Um quê?

— Digo, é bom saber que ele falou com nossos amigos.

— Sem dúvida. Tenho certeza de que aproveitou bem o tempo. Ele sempre soube aproveitar muito bem o tempo.

— Vamos brindar a ele?

— Não, merda — retrucou Thomas Hudson. Já sentia tudo vindo à tona; todas aquelas coisas em que não queria pensar; toda a dor que pusera de lado, emparedada, e de que nem sequer se lembrara, nem na viagem, nem na manhã inteira. — Nada disso.

— Acho que a gente devia — insistiu Ignacio Natera Revello. — Acho extremamente apropriado e a coisa a fazer. Mas quem paga a bebida sou eu.

— Está bem. Brindemos a ele.

— Que posto ele tinha?

— Primeiro-tenente.

— A esta altura já seria provavelmente major ou pelo menos capitão.

— Vamos deixar o posto dele de lado.

— Como queira — disse Ignacio Natera Revello. — Ao meu querido amigo e seu filho Tom Hudson. *Dulce es morire pro patria*.

— No cu, papagaio — retrucou Thomas Hudson.

— Que foi que houve? Meu latim estava errado?

— Como posso saber, Ignacio?

— Mas seu latim era excelente. Sei de pessoas que frequentaram o colégio com você.

— Meu latim já comeu o pão que o diabo amassou — disse Thomas Hudson.

— Tal como o meu grego, o meu inglês, a minha cabeça e o meu coração. A única coisa que sei falar agora é daiquiri gelado. ¿Tú hablas frozen daiquiri tú?

— Acho que devíamos mostrar um pouco mais de respeito pelo Tom.

— O Tom gostava muito de gozações.

— De fato gostava. Tinha um dos melhores e mais delicados sentidos de humor que já vi. E era um dos rapazes mais bonitos e bem-educados. E um atleta perfeito. Como atleta era o máximo.

— Isso mesmo. Arremessava o disco a 42 metros e meio. Jogava de zagueiro no ataque e na retaguarda esquerda na defesa. Era ótimo tenista, tinha excelente pontaria no tiro de pombo e sabia pescar com moscas como ninguém.

— Era um atleta esplêndido e ótimo esportista. Considero-o um dos maiores de todos.

— Mas com um grande defeito.

— Qual?

— Está morto.

— Ora, deixe de morbidez, Tommy. Você deve pensar no Tom como ele era. Na sua alegria, no seu resplendor e na maravilhosa promessa que foi. Não adianta nada ser mórbido.

— Não adianta mesmo — concordou Thomas Hudson. — Não sejamos mórbidos.

— Ainda bem que concorda. Que bom que tivemos ocasião de conversar sobre ele. Foi horrível ouvir a notícia. Mas sei que você saberá suportar, tal como eu, muito embora seja mil vezes pior pra você, que é o pai. O que é que ele andava pilotando?

— Spitfires.

— Spitties. Então vou imaginá-lo num Spitty.

— Não vale a pena se dar ao trabalho.

— Vale, sim. Já vi no cinema. Tenho vários livros sobre a RAF, e nós recebemos as publicações do British Information Bureau. Eles têm coisas ótimas, sabe? Sei exatamente o aspecto que ele teria. No mínimo usava um daqueles Mae Wests,*** com o paraquedas, a roupa de voo e as botas grandes. Até parece que estou vendo. Agora tenho que voltar pra casa pra almoçar. Não quer vir junto? Sei que Lutecia gostaria muito de que você fosse.

— Não. Marquei encontro aqui. Muito obrigado.

— Até logo, velhão — disse Ignacio Natera Revello. — Sei que você aceitará isso da maneira devida.

— Você foi amável em me ajudar.

— Não, não fui amável de jeito nenhum. Eu gostava muito de Tom. Assim como você. Como todos nós.

— Obrigado pelos drinques.

— Outro dia eu me desforro de você.

Saiu. De trás dele, na ponta do balcão, um dos homens do barco se aproximou de Hudson. Era um rapaz moreno, de cabelo preto, crespo, tosado curto, e tinha a pálpebra da vista esquerda ligeiramente caída; o olho era postiço, mas não se notava porque o Governo lhe presenteara com quatro pares diferentes: injetado de sangue, menos injetado, quase limpo e limpo. Estava usando o menos injetado e já andava meio no pileque.

— Oi, Tom. Quando você chegou à cidade?

— Ontem. — E depois, falando devagar e quase sem mexer os lábios: — Vá com calma, porra. Não comece com essa onda.

— Não é onda, não. Tô só me embebedando. Se me cortarem a barriga vão encontrar segurança escrito no meu fígado. Sou o rei da segurança. Você bem sabe. Escute, Tom, eu tava parado perto do inglês mascarado e não pude deixar de ouvir. O seu filho Tommy foi morto?

— É.

— Que merda — exclamou o rapaz. — Que merda.

— Não quero falar nisso.

— Evidente que não. Mas quando soube?

— Antes da última viagem.

— Que merda.

— Que que você vai fazer hoje?

— Vou comer lá no Bar Basco com dois caras, e depois nós vamos todos trepar.

— Onde vai almoçar amanhã?

— No Bar Basco.

— Peça ao Paco pra me telefonar amanhã na hora do almoço, tá bom?

— Claro. Lá pra sua casa?

— É. Pra casa.

— Não quer vir junto conosco pra trepar? A gente vai lá na Casa do Pecado do Henry.

— Talvez apareça.

— O Henry agora anda à cata de mulher. Ele anda à cata de mulher desde a hora do café. Já trepou umas duas vezes. Mas tá procurando dar um chute nos dois canhões que encontramos. A gente pegou elas no Kursaal, e de dia são uns verdadeiros buchos. Não se encontrava coisa que prestasse, porra. Esta cidade tá realmente entregue às baratas. Ele largou os dois canhões lá na Casa do Pecado, por via das dúvidas, e anda à cata de mulher junto com a Honest Lil. Eles tão de carro.

— Tiveram sorte?

— Acho que não. O Henry quer aquela baixinha. Aquela que ele sempre vai ver no Fronton. A Honest Lil não a pode arrumar porque ela tem medo dele, porque ele é grande demais. Ela disse que podia arrumá-la pra mim. Mas não pode arrumar pro Henry, porque ela se apavorou com o tamanho, com o peso e com as

coisas que ouviu falar dele. Mas o Henry já não quer saber mais de nada, porque os dois canhões liquidaram com ele. Portanto agora tem que ser a tal da baixinha, ele tá gamado por ela. Já se viu? Gamado. No mínimo a estas horas já esqueceu e tá comendo de novo os dois canhões. Mas ele tem que almoçar, e a gente vai se reunir no Bar Basco.

— Obriguem-no a almoçar — disse Thomas Hudson.

— Não se pode obrigá-lo a fazer nada. *Você* pode. Eu não. Mas vou pedir pra ele ir. Vou implorar pra ele ir almoçar. Vou lhe dar o bom exemplo, almoçando.

— Mande o Paco obrigá-lo a almoçar.

— Eis aí uma ideia. O Paco provavelmente pode conseguir que ele almoce.

— Você não acha que ele deve estar com fome depois de tudo isso?

— Pois não é mesmo?

Nesse momento exato o homem mais descomunal que Thomas Hudson conhecia, o mais alegre, o mais espadaúdo e o mais bem-educado entrou pela porta do bar com um sorriso no rosto, que pingava de suor até naquele dia frio. Vinha de mão estendida para cumprimentá-lo. Era tão enorme que espantou todo mundo no bar e tinha um sorriso maravilhoso. Estava vestido com uma calça azul velha, uma camisa de roceiro cubano e sapatos de sola de corda.

— Tom — disse. — Seu cachorro. Andávamos à cata de belezocas.

O belo rosto, assim que ficou longe do vento, transpirava ainda mais.

— Pedrico. Dê-me um desses. Duplo. Ou maior, se tiver. Imagine, encontrar você aqui, Tom. E já ia esquecendo. Aí está a Honest Lil. Venha pra cá, minha querida.

Honest Lil tinha entrado pela outra porta. Ficava melhor sentada na outra ponta do bar, onde só se enxergava o lindo rosto moreno, e a obesidade que tomara conta do corpo permanecia oculta pela madeira envernizada do balcão. Agora, vindo da porta em direção a eles, não podia dissimular a gordura, de modo que investiu, balançando as banhas, com a maior rapidez possível sem demonstrar pressa visível e se instalou no banquinho que Thomas Hudson havia ocupado. Isso o fez deslocar-se para o da direita, deixando o lado esquerdo protegido para ela.

— Olá, Tom — disse, e beijou Thomas Hudson. — O Henry é um horror.

— Não sou nada disso, amoreco — retrucou Henry.

— É, sim — insistiu ela. — Cada vez que o vejo, você está pior. Thomas, me proteja dele.

— Por que que ele é um horror?

— Ele cismou com uma baixinha por quem tem loucura, e a baixinha não quer ir com ele. Mas de qualquer forma ela não iria porque tá apavorada com o tamanho dele. E depois ele pesa cento e quinze quilos.

Henry Wood corou, suou por todos os poros, e tomou um vasto gole do drinque.

— Cento e doze e meio — corrigiu.

— O que foi que eu disse? — atalhou o rapaz moreno. — Não é exatamente o que eu disse?

— Que que você tem que andar dizendo coisas por aí? — reclamou Henry.

— Duas vagabundas. Dois canhões. Duas biscoas do cais do porto caindo aos pedaços. Duas bocetas com uma única ideia na cabeça: grana. Fizemos elas. Trocamos e destroçamos de boceta. São daquelas tipo sai-um-entra-outro. Agora, só porque eu digo palavras bonitas, isso não me faz um *gentleman*.

— Não eram lá grande coisa mesmo, não é? — disse Henry, corando de novo.

— Grande coisa? Nós devíamos era ter jogado gasolina e ateado fogo nelas.

— Que horror — exclamou Honest Lil.

— Olhe aqui, moça — disse o rapaz moreno. — O horror sou eu.

— Willie — perguntou Henry. — Você quer a chave da Casa do Pecado pra ir lá dar uma olhada pra ver se está tudo em ordem?

— Não — respondeu o rapaz moreno. — Eu tenho uma chave da Casa do Pecado, como você evidentemente já esqueceu, e não quero ir lá dar uma olhada pra ver se está tudo em ordem. Aquilo só vai ficar em ordem quando você, ou eu, botar aquelas bocetas no olho da rua.

— Mas suponhamos que não se arrume coisa melhor?

— Tem que se arrumar. Lillian, por que você não desce desse banquinho e pega aquele telefone? Deixe a tal anã de lado, Henry. Tire esse gnomo da cabeça. Continuando assim, você acaba ficando doido. Eu sei. Já estive doido.

— E ainda está — disse Thomas Hudson.

— Pode ser que esteja, Tom. Você é quem pode saber. Mas não fodo güinomos. (Ele pronunciava güinomos). Se o Henry tem que ter um güinomo, o problema é dele. Mas, pra mim, isso é o mesmo que insistir em ter mulher de um braço só ou perneta. Ele que trate de esquecer a porra do güinomo, e a Lillian que pegue aquele telefone.

— Eu topo qualquer moça direita que a gente possa arrumar — disse Henry. — Tomara que você não esteja fazendo confusão, hem, Willie?

— Não queremos saber de moças direitas — disse Willie. — Comece com isso que vai ver logo como você fica doido de um outro jeito. Não é fato, Tommy? As direitas são as mais perigosas. E aliás elas são capazes de metê-lo numa enrascada, acusando-o de contribuir pra corrupção de menores, de currador ou de tentativa de curra. Pare com esse troço de moça direita. Nós queremos putas. Simpáticas, limpas, atraentes, interessantes, que não custem caro. Mas putas. Que saibam foder. Lillian, o que é que a está impedindo de ir pra aquele telefone?

— Em primeiro lugar o sujeito que está telefonando, e em segundo, o que está no balcão de charutos esperando que ele termine — respondeu Honest Lil. — Você não vale nada, Willie.

— Sou um horror — disse Willie. — Sou o cara mais fodido que você jamais há de encontrar. Mas gostaria que a gente se organizasse melhor do que do jeito que se está.

— Vamos beber mais uns drinques — sugeriu Henry. — Depois tenho certeza de que a Lillian vai encontrar alguém que ela conheça. Não é, amoreco?

— Naturalmente — respondeu Honest Lil em espanhol. — Por que não? Mas quero telefonar de uma cabina. Daqui não. Não fica bem telefonar daqui, e nem é direito.

— Outra demora — disse Willie. — Tá bem. Eu topo. Só mais esta. Vamos beber, então.

— Que diabo você esteve fazendo até agora? — perguntou Thomas Hudson.

— Tommy, eu te amo — disse Willie. — E você, que diabo esteve também fazendo?

— Tomei alguns com o Ignacio Natera Revello.

— Até parece nome de cruzador italiano — disse Willie. — Não tinha um cruzador italiano que se chamava assim?

— Acho que não.

— Em todo caso parece.

— Mostre-me a conta — pediu Henry. — Quantos foram, Tom?

— O Ignacio pagou. Ganhei dele nos dados.

— Quantos foram mesmo? — insistiu Henry.

— Quatro, creio.

— E o que que você bebeu antes?

— Um Tom Collins vindo pra cá.

— E em casa?

— Um bocado.

— Você não passa de um pau-d'água de merda — disse Willie. — Pedrico, outros três daiquiris gelados duplos e o que a moça quiser.

— *Un highbalito con agua mineral* — pediu Honest Lil. — Tommy, venha sentar comigo na outra ponta do bar. Eles não gostam que eu fique do lado de cá.

— Fodam-se — disse Willie. — Grandes amigos como a gente, que nunca se encontra, e depois não se pode tomar um drinque com você deste lado do bar. Fodam-se.

— Tenho certeza de que não faz mal que você fique aqui, amoreco — afirmou Henry. Aí viu dois plantadores amigos do seu pai mais adiante no balcão e foi falar com eles sem esperar pelo drinque.

— Ele já tá desligado — disse Willie. — Agora se esquece do tal *güinomo*.

— É muito distraído — disse Honest Lil. — Tremendamente.

— É a vida que a gente leva — disse Willie. — Só a procura incessante do prazer pelo próprio prazer. Puta que pariu, a gente devia procurar o prazer a sério.

— O Tom não é distraído — disse Honest Lil. — O Tom é triste.

— Pare com essa merda — reclamou Willie. — Que porra de bicho a mordeu? Primeiro tem um que é distraído. Depois outro que é triste. Antes eu era um horror.

E daí? Desde quando uma boceta como você se acha com direito de criticar a gente o tempo todo? Não sabe que sua obrigação é dar alegria?

Honest Lil começou a chorar, lágrimas de fato, maiores e mais úmidas que as dos filmes. Sempre conseguia chorar lágrimas de fato a qualquer hora que quisesse, ou precisasse, ou estivesse magoada.

— Esta puta chora lágrimas ainda maiores que as que a minha mãe costumava chorar — disse Willie.

— Willie, você não me devia chamar assim.

— Pare com isso, Willie — ordenou Thomas Hudson.

— Willie, você é um rapaz cruel e malvado, e eu o odeio — disse Honest Lil. — Não sei como é que homens como o Thomas Hudson e o Henry andam por aí com você. Você não presta e só fala indecência.

— Você é uma senhora — retrucou Willie. — Não devia dizer uma coisa dessas. Indecência é uma palavra feia. É como escarrar no chão.

Thomas Hudson pousou a mão no ombro do rapaz.

— Beba, Willie. Ninguém está se sentindo muito bem.

— O Henry está. Eu podia contar pra ele o que você me contou, e aí então é que ele ia sentir-se mal.

— Foi você quem perguntou.

— Não é a isso que me refiro. Por que você não divide a porra do seu pesar? Por que ficou guardando segredo nas duas últimas semanas?

— Pesar não se divide.

— Um acumulador de pesar — disse Willie. — Nunca pensei que você fosse ser uma porra de acumulador de pesar.

— Não preciso de nada disso, Willie — protestou Thomas Hudson. — Mas muito obrigado. Você não tem que se preocupar comigo.

— Tá bom. Acumule. Mas não vai adiantar porra nenhuma. Eu sei o que tô dizendo porque cresci no meio da porra desse troço.

— Eu também — disse Thomas Hudson. — Não é onda.

— Foi mesmo? Então talvez seu sistema seja melhor. Mas você tá ficando com cara de quem se fodeu pra valer.

— É só por causa da bebida, do cansaço e da falta de sossego.

— Teve notícias da sua mulher?

— Claro. Três cartas.

— Como é que tá o negócio?

— Não podia estar pior.

— Bem — disse Willie. — E assim ficamos. É melhor você acumular mesmo, pode ser que termine servindo pra alguma coisa.

— Já serviu.

— Faça ideia. O seu gato Boise o adora. Isso eu sei. Já vi. Como vai aquele velho miserável fodido?

— Continua fodido.

— Ele me deixa morrendo de pena — disse Willie. — Palavra.

— Não há dúvida de que ele sofre um bocado.

— Pois não é mesmo? Se eu sofresse que nem aquele gato, endoidava. Que que você vai beber, Thomas?

— Outro destes.

Willie passou o braço pela volumosa cintura de Honest Lil.

— Escute aqui, Lilly — disse. — Você é uma moça direita. Eu não quis ofendê-la. A culpa foi minha. Estava me sentindo enfezado.

— Não vai falar mais daquele jeito?

— Não. A não ser que fique enfezado.

— Pegue aqui o seu — disse-lhe Thomas Hudson. — À sua saúde, seu filho da mãe.

— Agora sim você tá falando — disse Willie. — Agora você tá com o velho cacete apontando pro norte. A gente devia ter aquele gato Boise aqui. Ele ia ficar com orgulho de você. Entendeu o que eu quis dizer com aquilo de dividir?

— Sim — respondeu Thomas Hudson. — Entendi.

— Muito bem — disse Willie. — Vamos deixar isso pra lá. Bote a lata na rua, aí vem o lixeiro. Olhe esse droga do Henry. Tire um fiapo só. Por que que você acha que ele sua desse modo num dia frio como hoje?

— Mulheres — disse Honest Lil. — Ele é obcecado por elas.

— Obcecado — repetiu Willie. — Você fura um buraco em qualquer ponto da cabeça dele com um negocinho de nada e começa a sair mulher até dizer chega. Obcecado. Por que você não arruma uma palavra melhor?

— Em todo caso, obcecado é uma palavra expressiva em espanhol.

— Obcecado? Obcecado não significa nada. Hoje de tarde, se eu tiver tempo, vou ver se encontro a palavra.

— Tom, vem comigo pra outra ponta do balcão, onde a gente possa conversar e ficar à vontade. Você me paga um sanduíche? Passei a manhã inteira na rua com o Henry.

— Eu vou pro Bar Basco — disse Willie. — Leve-o pra lá, Lil.

— Tá bem — disse Honest Lil. — Ou então eu o mando pra lá.

Avançou majestosamente para o fim do balcão, falando com vários homens por quem passava e sorrindo para outros. Todo mundo a tratava com respeito. Quase todos a quem se dirigia a haviam amado alguma vez nos últimos vinte e cinco anos. Thomas Hudson foi atrás dela, levando junto as notas de despesa, assim que Honest Lil sentou e sorriu-lhe. Tinha um sorriso lindo, maravilhosos olhos escuros e bela cabeleira negra. Sempre que começava a embranquecer nas raízes da testa e na linha da repartição, pedia dinheiro a Thomas Hudson para arrumá-la e depois de tingida ficava tão brilhante, natural e bonita como a de uma jovem. A pele era lisa como marfim cor de azeitona, se existisse marfim dessa cor, com um matiz rosa ligeiramente tismado. A cor, na verdade, sempre lembrava a Thomas Hudson a madeira de *mahagua* bem seca quando recém-cortada e depois simplesmente lixada e envernizada de leve. Jamais vira noutro lugar essa cor tismada quase esverdeada. Mas a *mahagua* não possuía matiz rosa. O matiz rosa era apenas a cor de maquiagem que usava, mas era quase tão suave como a de uma mulher chinesa. Ali estava aquele rosto lindo, contemplando-o do balcão, ficando cada vez mais lindo à medida que se aproximava. Depois encontrou-se a seu lado, o corpo se avolumou, a cor-de-rosa se revelou artificial, e todo o mistério se desfez, embora o rosto continuasse lindo.

— Como você está bonita, Honest — disse-lhe.

— Ah, Tom, agora estou tão enorme. Sinto até vergonha.

Ele pousou a mão naquelas grandes ancas.

— Enorme, mas apetitosa.

— Fico com vergonha de atravessar o bar.

— Você atravessa de um jeito magnífico. Feito um navio.

— Como vai o nosso amigo?

— Vai bem.

— Quando é que vou encontrar-me com ele?

— Quando quiser. Agora?

— Ah, não. Tom, o que era que o Willie estava falando? A parte que não deu pra eu entender?

— Ele estava só se fazendo de louco.

— Não estava, não. Era a respeito de você e de uma tristeza. Tinha alguma coisa que ver com sua *señora*?

— Não. Minha *señora* que se foda.

— Quem dera que fosse com você. Mas com ela longe você não pode.

— É. Já percebi.

— Que tristeza é, então?

— Nenhuma. Tristeza, apenas.

— Conte-me. Por favor.

— Não há nada pra contar.

— Você sabe que pode contar-me. O Henry me conta as tristezas dele e de noite ele chora. O Willie me conta coisas pavorosas. Não são tristezas, são mais umas coisas horríveis. Você pode contar pra mim. Todo mundo conta. Só você que não.

— Contar nunca me fez bem. Pra mim é pior que não contar.

— Tom, o Willie diz tanta barbaridade. Será que ele não sabe que essas coisas me magoam? Será que não sabe que nunca usei esses termos, nunca fiz nenhuma sujeira, nenhuma perversão?

— É por isso que a chamamos de Honest Lil.

— Se eu pudesse ser rica à custa de perversões ou ser pobre à custa de coisas normais, eu seria pobre.

— Eu sei. E o sanduíche?

— Por enquanto ainda estou sem fome.

— Quer outro drinque?

— Sim. Por favor, Tom. Diga-me uma coisa. O Willie falou que tem um gato gamado por você. Não é verdade, é?

— É, sim.

— Que horror.

— Não é, não. Eu também sou gamado por ele.

— Nem diga uma coisa dessas. Não deboche de mim, Tom, por favor. O Willie debochou e me fez chorar.

— Eu amo o gato — disse Thomas Hudson.

— Não quero ouvir falar nisso. Tom, quando é que você vai me levar lá naquele bar dos loucos?

— Qualquer dia destes.

— É fato que os loucos vão lá que nem o pessoal normal vem aqui pra se encontrar e tomar drinques?

— Isso mesmo. A única diferença é que usam camisa e calça feitas de sacos de açúcar.

— Você jogou realmente no time de beisebol dos loucos contra os leprosos?

— Claro. Fui o melhor lançador de bola que já tiveram.

— Como é que você os ficou conhecendo?

— Apenas parei lá uma vez no caminho de volta de Rancho Boyeros e gostei do lugar.

— Você vai me levar mesmo ao bar dos loucos?

— Claro. Se você não se assustar.

— Eu me assusto. Mas você indo junto, não. É por isso que eu quero ir lá. Pra me assustar.

— Lá há uns loucos sensacionais. Você vai gostar deles.

— Meu primeiro marido também era louco. Mas do tipo perigoso.

— Você crê que o Willie esteja louco?

— Oh, não. O que ele tem é um caráter insuportável.

— Ele sofreu muito.

— E quem não sofreu? O Willie se aproveita do sofrimento dele.

— Acho que não. Sei como é. Garanto.

— Então vamos mudar de assunto. Está vendo aquele sujeito ali no balcão, conversando com o Henry?

— Sim.

— Ele só gosta de fazer porcarias na cama.

— Pobre homem.

— Ele não é pobre. É rico. Mas só se interessa por *porquerías*.

— Você nunca gostou de *porquerías*?

— Nunca. Pode perguntar a quem quiser. E nunca *fiz* nada com mulheres na minha vida.

— Honest Lil — disse Thomas Hudson.

— Não prefere que eu seja assim? Você não gosta de *porquerías*. Gosta é de fazer amor, ficar feliz e ferrar no sono. Eu o conheço.

— *Todo el mundo me conoce.*

— Não conhecem, não. Têm toda a espécie de ideias diferentes a seu respeito. Mas eu o conheço.

Ele estava tomando outro daiquiri gelado sem açúcar e, ao erguer o copo, pesado e com a borda cheia de espuma, olhou a parte clara debaixo da cobertura *frappé* e lembrou-se do mar. A parte *frappé* do drinque parecia o rastro de um navio, e a clara tinha o jeito com que a água fica ao ser cortada pela proa quando a gente passa sobre um fundo calcário raso. Era quase da mesma cor.

— Gostaria que houvesse um drinque da cor da água do mar quando se anda a oitocentas braças do fundo no meio de uma calmaria absoluta, com o sol bem a pino e o mar rodeado de sargaços — disse ele.

— Quê?

— Nada. Bebamos este drinque de água rasa.

— Tom, o que é que há? Tem algum problema?

— Não.

— Você hoje está tremendamente triste e um bocadinho velho.

— É o vento norte.

— Mas você vivia dizendo que o vento norte o revigora e estimula. Quantas vezes fizemos amor só porque havia vento norte?

— Uma porção.

— Você sempre gostou do vento norte e até comprou este casaco pra eu usar quando houvesse um.

— Um casaco bonito, por sinal.

— Podia tê-lo vendido meia dúzia de vezes — disse Honest Lil. — Você não faz ideia da quantidade de gente que ficou doida por este casaco.

— Este vento norte está ótimo pra ele.

— Fique alegre, Tom. Você sempre fica quando bebe. Termine esse drinque e peça outro.

— Se eu tomo ligeiro demais, me dá uma dor no meio da testa.

— Pois então tome devagar, com calma. Vou tomar mais um *highbalito*.

Ela mesma preparou-o com a garrafa que Serafín tinha deixado a sua frente em cima do balcão. Thomas Hudson olhou o copo e disse:

— Eis aí um drinque de água fresca. Tem a cor da água do rio Firehole antes de confluir com o Gibbon pra se tornar no Madison. Se você pusesse um pouco mais de uísque dentro, ficaria da cor de uma corrente que sai de um pântano de cedros pra desembocar no rio Bear, num lugar chamado Wabmimi.

— Wabmimi é engraçado — disse ela. — Que significa?

— Sei lá — respondeu — É um nome de lugar índio. Eu devia saber o que significa, mas esqueci. É Ojibway.

— Conte-me dos índios — pediu Honest Lil. — Gosto de ouvir falar neles ainda mais que nos loucos.

— Existem muitos índios aí pela costa. São índios do mar, pescam, secam os peixes e queimam carvão de lenha.

— Não quero saber de índios cubanos. São todos *mulatos*.

— Não são, não. Alguns são índios de verdade. Mas pode ser que antigamente tenham sido capturados e trazidos de Yucatán pra cá.

— Não gosto de *yucatecos*.

— Eu gosto. E muito.

— Conte-me sobre Wabmimi. É no faroeste?

— Não, fica lá no norte. Na parte perto do Canadá.

— O Canadá eu conheço. Uma vez fui pelo rio até Montreal num vapor *princesa*. Mas estava chovendo, não deu pra ver nada, e partimos naquela mesma noite de trem para Nova York.

— Choveu o tempo todo no rio?

— O tempo todo. E do lado de fora, antes de chegarmos ao rio, havia cerração, e parte do tempo nevou. Fique com o Canadá pra você. Conte-me sobre Wabmimi.

— Era um simples povoado onde havia um moinho no rio e por onde passava o trem. Sempre havia verdadeiros montões de serragem junto dos trilhos da estrada de ferro. Levantavam barreiras no rio pra conter as toras de madeira, quase compactas de uma margem à outra. O rio ficava coberto de toras numa grande extensão antes de chegar ao povoado. Uma vez andei pescando e quis atravessar o rio passando de gatinhas entre elas. Uma rolou comigo, e caí dentro d'água. Quando tentei subir de novo, estava com todas as toras em cima de mim e não dava pra sair de baixo. Lá embaixo estava escuro, e a única coisa que eu sentia com as mãos era a casca da madeira. Não conseguia afastar duas toras pra respirar.

— Que que você fez?

— Afoguei-me.

— Ah — disse ela. — Pare com isso. Conte logo o que fez.

— Pensei bem rápido e vi que tinha que sair depressa dali. Apalpei cuidadosamente o fundo de uma tora até chegar no ponto em que se escorava noutra. Aí juntei as duas mãos, empurrei as toras pra cima, e elas se separaram um pouquinho. Então enfiei as mãos no meio, depois os braços e os cotovelos, e preendi ambas com os cotovelos até poder tirar a cabeça pra fora e apoiar cada braço numa delas. Adorei aquelas toras e me quedei ali parado um tempão. A água estava marrom de tanta madeira. A que era igual ao seu drinque ficava numa pequena corrente que desembocava nesse rio.

— Acho que eu nunca teria conseguido sair do meio das toras.

— Passei um tempão achando a mesma coisa.

— Quanto tempo você permaneceu debaixo d'água?

— Não sei. Só sei que fiquei séculos com os braços apoiados na madeira antes de tentar fazer qualquer coisa.

— Gostei desta história. Mas ela vai me dar pesadelo. Conte uma alegre, Tom.

— Está bem — disse ele. — Deixe eu pensar.

— Não. Conte logo sem pensar.

— Está bem — disse Thomas Hudson. — Quando o Tom era nenê...

— ¡Qué muchacho más guapo! — interrompeu Honest Lil. — ¿Qué noticias tienes de él?

— Muy buenas.

— Me alegro — disse Honest Lil, com lágrimas nos olhos à ideia de Tom Jr., o aviador. — Siempre tengo su fotografía en uniforme con el sagrado corazón de Jesús arriba de la fotografía y al lado la Virgen del Cobre.

— Você tem muita fé na Virgen del Cobre?

— Uma fé absolutamente cega.

— Deve conservá-la.

— Ela zela dia e noite pelo Tom.

— Ótimo — disse Thomas Hudson. — Serafín, mais um destes duplos, por favor. Quer ouvir a história alegre?

— Sim, por favor — pediu Honest Lil. — Por favor, conte-me a história alegre. Estou me sentindo triste de novo.

— Pues la historia alegre es muy sencilla — disse Thomas Hudson. — A primeira vez que levei o Tom à Europa ele só tinha três meses de idade, foi num vapor muito velho, pequeno e vagaroso, e o mar esteve agitado quase o tempo todo. O vapor cheirava a porão, a óleo e a graxa do metal das escotilhas, a lavatório e a desinfetantes que usavam em grandes pedaços cor-de-rosa nos mictórios...

— Pues, essa história não me parece muito alegre.

— Sí, mujer. Você está enganada como o diabo. É uma história alegre, muy alegre. Vou continuar. O vapor cheirava aos banhos que se tinha que tomar na hora marcada ou com o encarregado por perto pra controlar e ao cheiro da água quente salgada que saía dos esguichos de metal das instalações de banho, da grade de madeira molhada no chão e do paletó engomado do encarregado. Também recendia a comida de vapor inglês barato, que é um cheiro desanimador, e a pontas apagadas

de Woodbines, Players e Gold Flakes no salão de fumar e em tudo quanto é canto que as largavam. Não tinha nenhum cheiro bom, e como você sabe, os ingleses, tanto os homens quanto as mulheres, todos têm um odor esquisito, até pra eles próprios, assim como nós temos pros negros, de modo que têm que tomar banho muito seguido. Um inglês nunca cheira tão gostoso como o hálito de uma vaca, e fumar cachimbo não lhe disfarça o cheiro. Só lhe acrescenta mais alguma coisa. O tecido de mescla que usam tem bom cheiro, o couro dos sapatos também, e o mesmo acontece com todos os seus artigos de montaria. Mas num vapor não há artigos de montaria, e o tecido de mescla fica impregnado do cheiro de cachimbo apagado. A única maneira de se sentir um bom cheiro naquele vapor era quando a gente afundava o nariz num copo grande e borbulhante de sidra seca de Devon. O perfume era maravilhoso, e eu conservava meu nariz desse modo o máximo de tempo possível. Talvez mais.

— Pues, já está um pouco mais alegre.

— Agora é que vem a parte alegre. O nosso camarote ficava tão baixo, logo acima da superfície da água, que a escotilha tinha que permanecer fechada o tempo todo. A gente via o mar passando veloz, e de repente tudo se tornava verde quando as ondas cobriam a escotilha. Nós havíamos levantado uma barricada com baús e malas, amarrados juntos, pra que o Tom não caísse do beliche, e quando a mãe dele e eu íamos lá embaixo pra ver como ele estava, cada vez que se ia, a gente encontrava ele rindo, como se estivesse acordado.

— Ele ria mesmo, com três meses de idade?

— Ria o tempo todo. Nunca o ouvi chorando quando era nenê.

— ¡Qué muchacho más lindo y más guapo!

— É — disse Thomas Hudson. — Um muchacho da mais alta classe. Quer que eu conte outra história alegre sobre ele?

— Por que você deixou aquela linda mãe dele?

— Uma combinação muito estranha de circunstâncias. Quer outra história alegre?

— Quero. Mas que não tenha tantos cheiros.

— Este daiquiri gelado, bem batido como está, se parece com o mar onde a onda é cortada pela proa de um navio que desenvolve trinta nós. Como é que você acha que seriam os daiquiris gelados se fossem fosforescentes?

— Você podia pôr fósforo dentro deles. Mas não creio que seja saudável. Às vezes em Cuba as pessoas se suicidam comendo pontas de paus de fósforo.

— E bebendo tinta *rápido*. O que é tinta rápida?

— Um corante pra pretear sapato. Mas, na maioria das vezes, as moças que foram traídas no amor, ou que os noivos não cumpriram suas promessas e fizeram coisas com elas e depois foram embora sem casar, cometem suicídio se cobrindo de álcool e ateando fogo. Essa é a forma tradicional.

— Eu sei — disse Thomas Hudson. — *Auto da fé*.

— É infalível — disse Honest Lil. — Quase sempre morrem. As queimaduras são primeiro na cabeça e geralmente pelo corpo todo. A tinta rápida é mais um gesto. O iodo também, *au fond*, é um gesto.

— Sobre o que é que vocês dois estão falando, seus vampiros? — perguntou Serafín, o homem do bar.

— Suicídios.

— *Hay mucho* — disse Serafín. — Principalmente na classe pobre. Não me lembro de nenhum cubano rico que se suicidasse. Você lembra?

— Sim — respondeu Honest Lil. — Sei de vários casos... gente boa, por sinal.

— Você tinha que lembrar — disse Serafín.

— *Señor Tomás*, não quer comer nada com esses drinques? *¿Un poco de pescado? ¿Puerco frito?* Uma carne fria?

— *Sí* — respondeu Thomas Hudson. — Qualquer coisa que tiver.

Serafín colocou um prato com pedaços de porco, escuros e bem cozidos, e outro com cioba vermelha, frita na manteiga para ficar com uma crosta amarela por cima da pele rosada e da carne branca e doce do peixe por dentro. Era um rapaz alto, que falava de um jeito naturalmente brusco, e caminhava fazendo barulho com os tamancos que usava para se defender da umidade e dos líquidos derramados atrás do balcão.

— Não quer carne fria?

— Não. Isto basta.

— Aceite tudo o que lhe oferecerem, Tom — aconselhou Honest Lil. — Você conhece isto aqui.

O bar tinha fama de nunca oferecer um drinque. Mas na verdade davam de graça uma quantidade inumerável de pratos quentes de almoço por dia; não só de peixe e porco fritos, mas de pedacinhos de carne quente e sanduíches de pão francês torrado com queijo e presunto no forno. Os *barmen* também batiam os daiquiris em grandes coqueteleiras que sempre deixavam no mínimo um drinque e meio no fundo depois de encherem o copo.

— Já está menos triste? — perguntou Honest Lil.

— Sim.

— Diga-me uma coisa, Tom. O que que deixou você triste?

— *El mundo entero*.

— Quem não fica triste com o mundo inteiro? E cada vez ele piora mais. Mas você não pode perder tempo se entristecendo com isso.

— Não há nenhuma lei que proíba.

— Não é preciso que haja uma lei proibindo pra que uma coisa esteja errada.

Discussões éticas com a Honest Lil não são o que me falta, pensou Thomas Hudson. E o que é que lhe falta, seu desgraçado? Tomar um pileque, o que provavelmente está acontecendo, muito embora não lhe pareça. Não há forma de você conseguir o que lhe falta e nunca mais terá o que quer. Mas existem várias medidas paliativas que devia adotar. Toque em frente. Adote uma.

— *Voy a tomar otro de estos grandes sin azúcar* — pediu a Serafín.

— *En seguida, Don Tomás* — disse Serafín. — Vai tentar bater o recorde?

— Não. Estou apenas bebendo com calma.

— O senhor estava bebendo com calma quando estabeleceu o recorde — retrucou Serafín. — Com calma e perseverança, de manhã à noite. E saiu daqui caminhando pelos seus próprios pés.

— O recorde que vá pro diabo.

— Tem uma oportunidade de batê-lo — disse-lhe Serafín. — Bebendo do jeito que está e comendo tão pouco assim, tem uma chance excelente.

— Tom, tente bater o recorde — pediu Honest Lil. — Eu sirvo de testemunha.

— Ele não precisa de nenhuma testemunha — disse Serafín. — A testemunha sou eu. Quando sair daqui eu dou a contagem ao Constante. Agora já está mais adiantado que no dia em que estabeleceu o recorde.

— O recorde que vá pro diabo.

— Está em ótima forma. Bebendo bem e firme, e não estão surtindo o menor efeito no senhor.

— O recorde que se foda.

— Tá certo. Como usted quiere. Vou continuar contando por via das dúvidas, caso mude de ideia.

— Nem tem dúvida de que ele vai continuar contando — disse Honest Lil. — Ele guarda o canhoto dos talões.

— Que que você quer, mulher? Um recorde de verdade ou de mentira?

— Nem um, nem outro. Quero um highbalito com água mineral.

— Como siempre — disse Serafín.

— Eu também tomo conhaque.

— Não quero estar por perto quando você tomar conhaque.

— Tom, você sabia que eu caí ao tentar pegar um bonde e quase morri?

— Pobre Honest Lil — disse Serafín. — Que vida arriscada e aventureira.

— Melhor que a sua, parado em pé todo o dia, de tamancos atrás de um balcão, atendendo beberões.

— É o meu negócio — disse Serafín. — Tenho o privilégio de atender beberões tão distintos como você.

Henry Wood se aproximou. Parou ali, alto e suado, novamente entusiasmado com uma mudança nos planos. Nada lhe agradava mais, pensou Thomas Hudson, do que uma súbita mudança nos planos.

— Vamos lá pra Casa do Pecado do Alfred — disse. — Quer vir junto, Tom?

— O Willie está esperando por você no Bar Basco.

— Não creio que a gente vá querer meter o Willie nessa.

— Então devia avisá-lo.

— Vou telefonar pra ele. Você não quer vir? Vai ser ótimo.

— Você devia comer alguma coisa.

— Depois eu como um vasto jantar. Como é que você vai indo?

— Vou indo bem — disse Thomas Hudson. — Bem mesmo.

— Vai tentar bater o recorde?

— Não.

— Vejo-o logo mais?

— Acho que não.

— Posso ir dormir com você lá na casa, se quiser.

— Não. Divirta-se. Mas coma alguma coisa.

— Vou comer um jantar de primeira. Palavra de honra.

— Não se esqueça de telefonar pro Willie.

— Eu telefono. Pode ficar descansado.

— Onde é a Casa do Pecado de Alfred?

— É um lugar absolutamente lindo. Dá pro porto, é bem mobiliado e realmente delicioso.

— Eu me refiro ao endereço. Onde fica?

— Não sei. Mas eu aviso ao Willie.

— Você não acha que ele vai ficar chateado?

— Que que eu posso fazer, Tom? Realmente não posso convidar o Willie pra isso. Você sabe como eu gosto dele. Mas há coisas pras quais simplesmente não dá pra convidar pra ele ir junto. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Tá certo. Mas telefone pra ele.

— Palavra de honra que vou telefonar. E palavra de honra que vou comer um jantar de primeira qualidade.

Sorriu, bateu de leve no ombro de Honest Lil e foi embora. Movia-se com grande beleza para um homem de seu tamanho.

— Que fim levaram as mulheres daqui? — perguntou Thomas Hudson a Honest Lil.

— A esta hora já se foram — respondeu ela. — Aqui não há nada pra comer. E não pense que tenha muito o que beber. Quer ir até lá ou prefere vir à minha casa?

— À sua casa — disse Thomas Hudson. — Mas mais tarde.

— Conte-me outra história alegre.

— Está bem. Sobre o quê?

— Serafín — chamou Lil. — Dê outro gelado duplo sem açúcar pro Tomás. *Tengo todavía mi highbalito*. — Depois, para Thomas Hudson: — Sobre a época mais feliz de que você se lembra. E sem nada de cheiros.

— Tem que ter cheiros — disse Thomas Hudson. Enxergou Henry Wood do outro lado da praça entrando no carro esporte do riquíssimo plantador de açúcar chamado Alfred. Henry Wood era grande demais para o veículo. Pra quase tudo, pensou. Mas sabia de três ou quatro coisas para as quais ele não era grande demais. Não, disse consigo mesmo. Hoje é o seu dia de folga. Aproveite. — Sobre o que você quer que a história seja?

— Sobre o que lhe pedi.

Observou Serafín passando o drinque da coqueteleira para o copo alto e viu a espuma transbordar e cair no balcão. Serafín pôs a base do copo sobre um protetor de papelão, e Thomas Hudson levantou-o, pesado e frio em cima do pé frágil que segurava nos dedos. Bebeu um longo gole e reteve-o na boca, gélido na língua e nos dentes, antes de engolir.

— Muito bem — disse. — O dia mais feliz da minha vida foi qualquer dia em que eu acordasse de manhã quando era pequeno sem ter que ir pro colégio ou pro trabalho. De manhã, quando eu acordava, sempre estava com fome e sentia o cheiro do orvalho na grama e escutava o vento nos galhos dos pinheiros, quando tinha vento, e quando não tinha eu ouvia a quietude da floresta e a calma do lago, e prestava atenção aos primeiros rumores matinais. Às vezes era um martim-pescador sobrevoando a água, tão imóvel que o refletia feito um espelho, e ele soltava um grito barulhento durante o voo. Às vezes era um esquilo chilreando numa das árvores perto da casa, o rabo dando solapadas cada vez que ele fazia um ruído. Outras vezes era uma douradinha, chamando lá do morro. Mas sempre que eu acordava e ouvia os primeiros rumores matinais e sentia fome, sabendo que não tinha que ir pro colégio nem pro trabalho, ficava mais feliz do que nunca.

— Até mais que com uma mulher?

— Com as mulheres fui felicíssimo. Imensamente feliz. De uma maneira quase insuportável. Tão feliz que nem podia crer; era como se estivesse bêbado ou louco. Mas nunca tanto como com meus filhos quando estávamos todos reunidos ou da maneira que eu ficava de manhã cedo.

— Mas como é que você podia sentir-se tão feliz sozinho como com alguém?

— Isso tudo é bobagem. Você me pediu pra lhe contar tudo que me viesse à cabeça.

— Não pedi, não. Eu disse pra você me contar uma história alegre sobre a época mais feliz que você lembrasse. Isso não foi uma história. Você apenas acordava e ficava contente. Conte-me uma história de verdade.

— Sobre o quê?

— Com um pouco de amor no meio.

— Que espécie de amor? Sagrado ou profano?

— Não. Apenas um amor bom, com graça.

— Eu sei de uma ótima sobre isso.

— Pois então conte. Quer mais um drinque?

— Só depois que eu terminar este. Muito bem. Dessa vez eu estava em Hong Kong, que é uma cidade realmente maravilhosa, onde fui felicíssimo e levei uma vida doida. Tem uma baía linda, e do lado do continente fica a cidade de Kowloon. Hong Kong, propriamente dita, é numa ilha montanhosa, magnificamente arborizada, cheia de estradas sinuosas que vão até o cimo dos morros, com casas construídas lá em cima, enquanto que a cidade se espalha ao pé das colinas de frente para Kowloon. A gente anda de um lado para outro em barcas rápidas, modernas. A tal Kowloon é ótima, você ia gostar muito. É limpa, bem traçada, a floresta chega até a beira da cidade, e existem lugares esplêndidos pra gente atirar nos pombos do mato perto da cerca do Presídio de Mulheres. Nós sempre íamos atirar nos pombos, que eram grandes e bonitos, com linda plumagem de tonalidade roxa no pescoço e uma maneira muito veloz de voar quando chegavam para se empoleirar, à hora do entardecer, num loureiro enorme que crescia quase rente ao muro caiado de branco do prédio da prisão. Às vezes eu acertava num que vinha chegando alto, voando muito depressa impelido pelo vento, bem em cima de nós, e o pombo ia cair

dentro da cerca da prisão, e a gente ouvia a gritaria das mulheres, guinchando de prazer enquanto brigavam por causa do pássaro e depois fazendo a maior algazarra quando o guarda hindu as dispersava e apanhava o pombo, que por fim nos entregava respeitosamente no portão da sentinela do presídio.

“Os arredores de Kowloon eram chamados de os Novos Territórios, uma região montanhosa e arborizada, onde havia muito pombo do mato e à noite podia-se escutá-los chamando-se uns aos outros. Seguidamente encontravam-se mulheres e crianças cavando terra à beira das estradas e guardando dentro de cestas. Quando viam a gente de espingarda, corriam pra se esconder no mato. Descobri que cavavam a terra porque continha volframita, o minério do tungstênio. Isso na época era muito vendável.”

— *Es un poco pesada esta historia.*

— Não, Honest Lil. Não é propriamente uma história chata. Espere que você vai ver. A volframita é que é *pesada*. Mas é um negócio muito estranho. Onde existe, é a coisa mais fácil de extrair. A gente simplesmente cava e separa a sujeira. Ou pega as pedras e leva embora. Há povoações inteiras em Extremadura, na Espanha, construídas de rochas que contam uma porcentagem altíssima de tungstênio, e os muros de pedra das terras dos camponeses são todos feitos com esse minério. No entanto os camponeses continuam paupérrimos. Naquele tempo isso tinha tanto valor que nós estávamos utilizando os DC-2, aviões de transporte iguais aos que voam daqui pra Miami, pra levá-lo de um campo em Nam Yung na China Livre até o aeroporto de Kai Tak em Kowloon. De lá, seguia pros Estados Unidos. Era considerado muito escasso e de importância vital nos nossos preparativos de guerra, pois se necessitava dele pra endurecer o aço, e no entanto quem quisesse podia cavar quanto bem entendesse nos morros dos Novos Territórios, carregando tudo depois numa cesta chata equilibrada na cabeça até o vasto galpão onde era vendido clandestinamente. Descobri isso quando andava caçando pombos do mato e chamei a atenção do pessoal que comprava volframita no interior do país. Ninguém demonstrou grande interesse, e continuei chamando a atenção de funcionários de maiores postos hierárquicos até que um dia um oficial de alta patente, que pouco estava ligando que a volframita fosse explorada livremente nos Novos Territórios,

me disse: “Mas afinal, meu velho, o negócio lá em Nam Yung está funcionando, sabe?” Porém, quando atirávamos ao entardecer perto do presídio das mulheres e víamos um velho bimotor Douglas sobrevoando os morros e baixando rumo ao campo de pouso, e sabia-se que vinha carregado de volframita saqueada e tinha acabado de passar sobre as linhas japonesas, era estranho constatar que muitas das mulheres recolhidas ali no presídio estavam presas por terem cavado a volframita ilicitamente.

— *Sí, es raro* — disse Honest Lil. — Mas quando é que entra o amor?

— Quando você quiser — retrucou Thomas Hudson. — Mas vai gostar mais se conhecer melhor o lugar em que a história se passou.

“Há várias ilhas e baías ao redor de Hong Kong, e a água é clara e bonita. Os Novos Territórios eram realmente uma península arborizada e montanhosa que se estendia do continente, e a ilha onde Hong Kong foi construída se acha na grande baía, azul e profunda, que percorre todo o mar da China Meridional até Cantão. No inverno o clima se parecia muito com o de hoje, quando tem vento norte soprando, com chuvas e trovoadas, e ficava fresco pra dormir.

“Eu acordava de manhã e, mesmo que estivesse chovendo, ia a pé até o mercado de peixe. Os peixes deles são muito semelhantes aos nossos, e o mais procurado é o badejo vermelho. Mas havia pampos gordíssimos, lustrosos, e camarões gigantes, os maiores que já vi. O mercado de peixe, de manhã cedo, era sensacional. Os peixes chegavam reluzentes, recém-saídos d’água. Alguns eu nem conhecia, mas não eram muitos, e havia também patos selvagens pra vender, caídos nas armadilhas. Podiam-se ver patos de tudo quanto é jeito: rabijuncos, marrecos, tanto machos quanto fêmeas, com plumagem de inverno, e outros, selvagens, que eu nunca tinha visto antes, de plumagem tão delicada e complicada quanto a dos nossos patos-do-mato. Eu olhava pra eles, pra aquela plumagem incrível, aqueles olhos bonitos, e via os peixes lustrosos, gordos, recém-saídos d’água, e as verduras magníficas, todas adubadas por esterco humano em hortas que lá apelidavam de ‘chão-noturno’, verduras lindas como serpentes. Ia ao mercado cada manhã, e cada manhã era uma delícia.

“Depois, de manhã, sempre deparava com enterros pelas ruas, os acompanhantes do féretro vestidos de branco e uma banda tocando músicas festivas. A que mais tocaram em cortejos fúnebres aquele ano foi ‘Happy Days Are Here Again’. Era quase impossível deixar de escutá-la o dia inteiro, pois o pessoal morria feito mosca, e consta que havia quatrocentos milionários morando na Ilha, além dos que provavelmente residiam em Kowloon.”

— ¿Millonarios chinos?

— A maioria. Porém milionários de tudo quanto é espécie. Eu mesmo conheci vários e sempre almoçava com eles em ótimos restaurantes chineses. Havia diversos restaurantes, tão grandes quanto os de qualquer parte do mundo, e a comida cantonesa é sensacional. Meus melhores amigos aquele ano foram dez milionários, que eu apenas tratava pelas duas iniciais H.M., M.Y., T.V., H.J., e assim por diante. Todos os chineses importantes eram conhecidos dessa maneira. Também três generais chineses, um dos quais havia chegado de Whitechapel, em Londres, um sujeito verdadeiramente esplêndido, inspetor de polícia; cerca de seis pilotos da Companhia de Aviação Nacional Chinesa, que andavam ganhando rios de dinheiro e cada vez mais; um policial; um australiano meio maluco; um grupo de oficiais ingleses e... Mas não quero amolá-la com o resto. Tive mais amigos chegados e íntimos em Hong Kong do que jamais tive antes ou depois.

— ¿Cuándo viene el amor?

— Estou tentando imaginar que amor mencionar primeiro. Muito bem. Agora vem um pouco de amor.

— Tomara que seja bom, porque já estou meio cansada da China.

— Você não cansaria. Gamaria por ela, como eu.

— Então por que não ficou lá?

— Não dava, porque os japoneses estavam por chegar e iam tomar conta de tudo a qualquer momento.

— Todo está jodido por la guerra.

— É — concordou Thomas Hudson. — Isso mesmo.

Nunca ouvira Honest Lil empregar uma palavra tão forte. Estava espantado.

— Me cansan con la guerra.

— A mim também — disse Thomas Hudson. — Já estou por aqui. Mas nunca me canso de pensar em Hong Kong.

— Então conte. É *bastante interessante*. Eu só queria ouvir falar de amor.

— Pra ser franco, foi tudo tão interessante que não houve muito tempo pro amor.

— Com quem você fez amor primeiro?

— Com uma chinesa muito alta e bonita que era toda europeia e emancipada, mas não queria ir pro hotel dormir comigo porque dizia que todo mundo ia ficar sabendo e não me deixava dormir na casa dela porque dizia que os empregados iam ficar sabendo. Até o cachorro policial dela já sabia. Ele dificultou muito a coisa.

— E onde então vocês fizeram amor?

— Do jeito que a gente faz quando é criança; em qualquer lugar que eu pudesse convencê-la, principalmente em veículos e viaturas.

— Deve ter sido muito ruim pro nosso amigo, o Mister X.

— Se foi.

— Foi só esse amor que vocês fizeram? Nunca passaram uma noite juntos?

— Nunca.

— Pobre Tom. Ela valia tanto a pena assim?

— Não sei. Acho que sim. Eu devia ter alugado uma casa em vez de me hospedar no hotel.

— Devia ter alugado uma Casa de Pecado, como todo mundo faz aqui.

— Não gosto de Casas de Pecado.

— Eu sei. Mas afinal de contas você queria a moça.

— O problema foi resolvido de outro modo. Não a estou chateando?

— Não, Tom, por favor. Agora não. Como é que o problema foi resolvido?

— Uma noite jantei com ela, e depois andamos um tempão de barco, o que foi formidável, porém incômodo. Tinha a pele que era uma maravilha pra gente tocar, todas as preliminares pra fazer amor a deixaram excitadíssima, e os lábios eram finos, mas cheios de paixão. Depois do barco fomos pra casa dela, o cachorro policial estava lá, e havia o problema de não acordar ninguém. Finalmente voltei sozinho pro hotel, não me sentia nada bem com aquilo, já andava farto de

discussões, sabia que ela tinha razão, mas pensei: ora, que diabo, de que adianta essa droga toda de ser emancipada se não se pode ir pra cama. Já que faz tanta questão assim de ser emancipada, vamos pra baixo dos lençóis. Seja como for, estava me sentindo tristonho e frustrado...

— Nunca o vi frustrado. Deve ser engraçado.

— Não é, não. Fico apenas mesquinho e naquela noite me senti mesquinho e revoltado.

— Continue com a história.

— Bem, apanhei minha chave na portaria muito frustrado e mandei tudo pro inferno. Era um hotel enorme, muito rico e suntuosamente triste. Tomei o elevador e subi pro que eu sabia que era o meu quarto enorme, muito rico, triste e solitário, sem nenhuma chinesa alta e bonita lá dentro. Aí atravessei o corredor, abri a porta maciça do meu gigantesco quarto triste e aí então vi o que havia lá.

— O que era?

— Três moças chinesas absolutamente lindas, tão lindas que deixavam a minha chinesa linda que eu não conseguia levar pra cama parecendo uma professorinha de colégio. Eram tão lindas que a gente nem aguentava, e nenhuma delas falava uma só palavra de inglês.

— De onde eram?

— Um dos milionários tinha mandado. Uma delas trazia um bilhete pra mim em papel bem grosso num envelope de pergaminho. Dizia apenas: “Lembranças de C.W.”

— O que foi que você fez?

— Eu não conhecia os costumes da terra, de modo que apertei a mão delas, beijei uma por uma e depois disse que achava que a melhor maneira de todo mundo se conhecer era tomando um banho de chuveiro juntos.

— Como foi que você falou com elas?

— Em inglês.

— Elas entenderam?

— Fiz com que entendessem perfeitamente.

— E depois, que que você fez?

— Eu estava encabuladíssimo porque nunca tinha feito amor com três mulheres ao mesmo tempo. Com duas é divertido, muito embora *você não goste*. Não que seja duas vezes melhor que com uma, mas é diferente, e de qualquer jeito é divertido quando se está bêbado. Mas três é mulher pra burro, e fiquei encabulado. Então perguntei se não queriam um drinque, e elas não quiseram. De modo que fiz um pra mim, nos sentamos na cama, que era felizmente bem grande, apesar de que todas fossem muito pequenas, e depois apaguei a luz.

— Foi divertido?

— Sensacional. Era uma maravilha estar na cama com uma chinesa que fosse tão macia como a que eu conhecia, e muito mais ainda, e que era ao mesmo tempo tímida e sem-vergonha, sem nada de emancipada, e aí multiplicar isso por três, e fazer tudo no escuro. Eu nunca havia tido três mulheres em meus braços antes. Mas é possível. Tinham sido treinadas, sabiam muitas coisas que eu não conhecia, foi tudo no escuro, e eu não queria nunca mais pegar no sono. Mas finalmente peguei, e quando acordei de manhã estavam todas dormindo e tão lindas como quando entrei no quarto pela primeira vez. Foram as mulheres mais bonitas que já vi na vida.

— Mais bonitas que eu quando *você me conheceu pela primeira vez há vinte e cinco anos*?

— Não, Lil. *No puede ser*. Elas eram chinesas, e *você sabe como uma chinesa pode ser bonita*. E de qualquer maneira eu gostava de chinesas.

— *No es perverso*.

— Não, realmente não tem nada de perversão.

— Mas três!

— Três é uma porção. E se deve fazer amor só com uma, asseguro-lhe.

— Seja como for, me alegro que *você tenha feito com as três*. Não pense que estou com ciúmes. *Você não andava atrás, além do que era um presente*. Odeio mulheres duronas que se recusam a ir para cama. Mas, Tom, *você não se sentiu oco de manhã*?

— Tão oco como *você nem imagina*. Oco de verdade. E me senti depravado da ponta da cabeça até o meio dos dedos dos pés, com as costas dormentes e a base da

espinha doendo.

— Aí você tomou um drinque.

— Aí tomei um drinque e me senti um pouco melhor. Felicíssimo.

— E depois, que foi que você fez?

— Olhei pra todas elas dormindo e fiquei com vontade de tirar uma fotografia.

Daria um retrato sensacional, assim adormecidas, e eu estava com uma fome danada, aquela sensação de vazio por dentro. Olhei pelas cortinas lá fora pra ver que tempo fazia. Chovia. Então achei perfeito. Podíamos ficar na cama o dia inteiro. Mas eu tinha que comer alguma coisa e preparar um café pra elas. Então tomei uma ducha com a porta fechada, depois me vesti silenciosamente e saí, sem bater, pra não fazer o mínimo barulho. No andar térreo pedi meu *breakfast* na sala de refeições matutinas do hotel, e me trouxeram uma quantidade enorme de salmões, pãezinhos e geleia, um pouco de cogumelos e tocinho. Tudo ótimo. Bebi um bule inteiro de chá, tomei um uísque duplo com soda junto com a comida, e mesmo assim a sensação de vazio não passou. Li o jornal inglês de Hong Kong daquela manhã e fiquei pensando até que horas elas iriam dormir. Por fim saí pela porta da frente do hotel, dei uma olhada lá fora: continuava chovendo forte. Fui ao bar, mas ainda não estava aberto. O drinque que me havia sido servido durante o *breakfast* fora trazido do bar dos funcionários. Aí não pude esperar mais, subi de novo pro quarto e abri a porta. Não havia mais ninguém.

— Que horror.

— Foi o que eu achei.

— E então o que foi que você fez? Tomou outro drinque, imagino.

— Sim. Tomei outro drinque, depois fui lá dentro, me lavi bem de novo com muito sabonete e água, e aí começou a me dar um remorso duplo.

— ¿Un doble remordimiento?

— Não. Dois remorsos. Primeiro porque tinha dormido com três mulheres. E depois porque elas haviam ido embora.

— Lembro-me de que você sempre ficava com remorso depois de estar comigo. Mas terminou se conformando.

— Eu sei. Sempre me conformo com tudo. Sempre fui um homem de remorsos tremendos. Mas essa manhã no hotel era um remorso gigantesco, duplo.

— Aí então você tomou outro drinque.

— Como é que você adivinhou? E telefonei pro meu milionário. Mas ele não estava em casa. Nem no escritório.

— Decerto tinha passado a noite na tal Casa de Pecado.

— Sem sombra de dúvida. Aonde as mulheres foram encontrá-lo pra contar o que tinha havido.

— Mas de onde tiraram três mulheres tão lindas? Você não conseguiria três mulheres realmente lindas hoje em dia em toda a Havana. Sei a dificuldade que tive pra arrumar uma coisa ao menos decente pro Henry e pro Willie agora de manhã. Embora, naturalmente, seja uma hora ruim pra isso.

— Ah, em Hong Kong os milionários tinham gente que procurava pelo país inteiro. Pela China toda. Era que nem o time de beisebol dos Dodgers de Brooklyn à cata de jogadores. Assim que localizavam uma mulher bonita em qualquer cidade ou aldeia, os agentes compravam e despachavam, treinando, preparando e cuidando dela.

— Mas como podiam estar tão bonitas de manhã, se tinham penteados *muy estilizados*, como os que as chinesas usam? Quanto mais *estilizado* o penteado, pior ficariam de manhã, depois de uma noite igual a essa.

— Elas não tinham penteados assim. Usavam o cabelo pelo ombro, do modo que as americanas usavam naquele ano e muitas ainda usam. Era crespo, também, bem de leve. Era assim que C.W. gostava. Ele havia estado na América e, naturalmente, tinha visto no cinema.

— Nunca mais tornou a vê-las?

— Só uma de cada vez. C.W. me mandava uma de cada vez, como presente. Mas nunca mais mandou as três juntas. Eram novas, e ele, naturalmente, queria ficar com elas pra ele. E, além do mais, disse que não queria fazer nada que prejudicasse meus princípios morais.

— Parece-me um sujeito decente. Que aconteceu com ele?

— Creio que morreu fuzilado.

— Coitado. Mas foi uma história bonita e muito delicada pra uma história desse gênero. Você também parece que está mais alegre.

Acho que estou, pensou Thomas Hudson. Porra, era isso que eu queria. Ou será que não?

— Escute aqui, Lil — disse. — Você não acha que talvez já tenhamos bebido que chega disto aqui?

— Como você se sente?

— Melhor.

— Prepare mais um duplo gelado sem açúcar pro Tomás. Estou ficando meio bêbada. Não quero nada.

De fato, sinto-me melhor, pensou Thomas Hudson. Isso é que é engraçado. Você sempre se sente melhor e sempre vence o remorso. Só existe uma única coisa com a qual não é capaz de se conformar: a morte.

— Você nunca morreu? — perguntou a Lil.

— Claro que não.

— *Yo tampoco.*

— Por que perguntou isso? Você me assusta quando fala desse jeito.

— Não quis assustá-la, meu bem. Não pretendo assustar ninguém. Jamais.

— Eu gosto quando você me chama de meu bem.

Isso não está adiantando nada, pensou Thomas Hudson. Você não tem outra coisa pra fazer, que produza o mesmo efeito, do que ficar aqui sentado em companhia da velha e gasta Honest Lil no Floridita, no canto destinado às marafonas veteranas, e cair no porre? Se só dispõe de quatro dias, por que não os emprega bem? Onde? Na Casa de Pecado do Alfred? Aqui está tão bom. A bebida não pode ser melhor, nem igual, em nenhuma parte do mundo, e você agora está reduzido a ela, rapaz, e convém mergulhar nela até onde der. É só o que lhe resta, e é melhor ir se acostumando, aproveitá-la de tudo quanto é jeito. Você sabe que sempre gostou, adorou isso, e é o que lhe resta agora; portanto, trate de aproveitar.

— Eu gosto — disse em voz alta.

— Do quê?

— Da bebida. Não só da bebida. Destes duplos gelados sem açúcar. Se você tomasse tantos assim com açúcar, ficaria nauseada.

— *Ya lo creo*. E se qualquer outro tomasse tantos assim sem açúcar, já estaria morto.

— Talvez eu morra.

— Não morre, não. Vai apenas bater o recorde, e aí então iremos pra minha casa, você ferrará no sono e a pior coisa que lhe pode acontecer é roncar.

— Eu ronquei da última vez?

— Horrores. E me chamou de mais ou menos dez nomes diferentes durante a noite.

— Desculpe.

— Não. Até achei engraçado. Aprendi duas ou três coisas que não sabia. As suas outras mulheres nunca se aborrecem de serem chamadas de tantos nomes diferentes?

— Não tenho nenhuma outra mulher. Só uma esposa.

— Eu me esforço muito pra gostar e pensar bem dela, mas é difícilimo. Naturalmente nunca deixo ninguém falar mal dela.

— Eu vou falar mal dela.

— Não vai, não. Isso é vulgar. Detesto duas coisas. Homem que chora. Sei que têm que chorar. Mas não gosto. E detesto ouvir falarem mal da mulher. No entanto quase todos falam. Portanto, não faça uma coisa dessas, ainda mais que estamos passando uma hora tão agradável.

— Ótimo. Ela que vá pro inferno. Não vamos falar nela.

— Por favor, Tom. Você sabe que eu a acho muito bonita. Ela é. Realmente. *Pero no es mujer para ti*. Mas não vamos falar mal dela.

— Certo.

— Conte-me outra história alegre. Nem é preciso que tenha amor, basta que você fique alegre contando.

— Acho que não sei mais nenhuma.

— Não seja assim. Você sabe milhares. Tome outro drinque e me conte uma história alegre.

— Por que não me ajuda um pouco?

— Ajudar como?

— A levantar esse meu moral de merda.

— *Tú tienes la moral muy baja.*

— Claro! Pensa que não sei? Mas por que não conta uma história pra levantá-lo?

— Você é que tem que fazer isso. Sabe perfeitamente. Eu faço qualquer outra coisa que você quiser. Você sabe muito bem disso.

— OK — disse Thomas Hudson. — Quer ouvir mesmo mais uma história alegre?

— Sim, por favor. Aqui está seu drinque. Mais uma história alegre, mais um drinque, e vai se sentir ótimo.

— Você garante?

— Não — respondeu, começando a chorar de novo ao levantar os olhos para ele, tão fácil e naturalmente como a água que corre de uma fonte. — Tom, por que você não me diz o que é que há? Estou até com medo de perguntar. É o que eu penso?

— É — disse Thomas Hudson.

Aí então ela se pôs a chorar de verdade, e ele teve que abraçá-la, tentando consolá-la diante de toda aquela gente ali no bar. Agora já não chorava com dignidade. Era aberta, arrasadoramente.

— Ah, meu pobre Tom — dizia. — Meu pobre Tom.

— Contenha-se, mujer, e tome um conhaque. Você logo se reanima.

— Ah, não quero me reanimar. Nunca mais vou me reanimar.

— Está vendo? — disse Thomas Hudson. — Viu de que adianta contar as coisas pros outros?

— Eu já me reanimo — prometeu. — Espere só um instante. Vou ao toalete e fico boa em seguida.

Porra, acho bom você ficar mesmo, pensou Thomas Hudson. Porque estou me sentindo mal pra burro e, se você não para de chorar, ou comenta qualquer coisa, me arranco daqui desta porcaria. Mas, se eu me arrancar daqui desta porcaria, pra

que outra porcaria de lugar posso ir? Estava ciente de suas limitações, e nenhuma Casa de Pecado era a solução.

— Dê-me mais um daiquiri duplo gelado sem açúcar. No sé lo que pasa con esta mujer.

— Ela chora que nem um regador — disse o homem do bar. — Deviam usá-la em lugar do aqueduto.

— Como vai indo o aqueduto? — perguntou Thomas Hudson.

O sujeito à sua esquerda no balcão, um homem baixote, bem disposto e de nariz quebrado, cujo rosto conhecia perfeitamente, mas cujo nome e inclinações políticas lhe escapavam, disse:

— Aqueles *cabrones*. Sempre conseguem dinheiro pra água, uma vez que a água é o grande artigo de primeira necessidade. Tudo mais é necessário. Mas pra água não há sucedâneo, e não se pode viver sem ela. De modo que sempre conseguem dinheiro pra trazer água. E assim nunca haverá um aqueduto que preste.

— Não tenho muita certeza de estar entendendo bem.

— Sí, *hombre*. Eles podem sempre conseguir dinheiro pra um aqueduto porque um aqueduto é absolutamente indispensável. Portanto não vão arcar com uma despesa dessas. Você mataria a galinha que põe aquedutos de ouro?

— Por que não construir o aqueduto, ganhar algum dinheiro com ele e descobrir outro truco?

— Não há truque comparável à água. A gente sempre pode levantar fundos com a promessa de produzir água. Nenhum político destruiria um truco que nem esse construindo um aqueduto direito. Os candidatos à vida pública de vez em quando se matam mutuamente nos escalões mais baixos da política. Mas nenhum atacaria desse jeito a verdadeira base da economia política. Deixem-me propor um brinde à alfândega, à fraude da loteria, à fraude do jogo do bicho, ao preço fixo do açúcar e à eterna falta de aqueduto.

— *Prosit* — disse Thomas Hudson.

— Você não é alemão, é?

— Não. Americano.

— Então brindemos a Roosevelt, Churchill, Batista e à falta de aqueduto.

— A Stalin.

— Naturalmente. A Stalin, à Central Hershey, à maconha e à falta de aqueduto.

— A Adolphe Luque.

— A Adolphe Luque, a Adolf Hitler, a Filadélfia, a Gene Tunney, a Key West e à falta de aqueduto.

Honest Lil voltou do toalete para o balcão enquanto os dois conversavam. Tinha retocado a maquilagem, não chorava mais, mas podia-se ver que estava abalada.

— Conhece este senhor? — perguntou-lhe Thomas Hudson, apresentando o novo amigo, ou velho amigo redescoberto.

— Apenas de cama — disse o senhor.

— *Cállate* — retrucou Honest Lil. — É um político — explicou a Thomas Hudson. — *Muy hambriento en este momento.*

— Sedento — corrigiu o político. — E a seu dispor — acrescentou para Thomas Hudson. — Que vai tomar?

— Um daiquiri duplo gelado sem açúcar. Vamos ver nos dados quem paga?

— Não. Permita-me. Tenho crédito ilimitado aqui.

— É um bom sujeito — cochichou Honest Lil para Thomas Hudson enquanto o outro chamava a atenção do empregado mais próximo. — Um político. Mas honestíssimo e muito alegre.

O homem enlaçou Lil pela cintura.

— Você cada dia está mais magra, mi vida — disse. — No mínimo pertencemos ao mesmo partido político.

— Ao aqueduto — brindou Thomas Hudson.

— Não, santo Deus. Que que você está querendo fazer? Tirar o pão de nossas bocas e substituir por água?

— Brindemos então ao fim dessa puta guerra — sugeriu Lil.

— Brindemos.

— Ao mercado negro — disse o homem. — À carestia de cimento. Aos que controlam o fornecimento de feijão-preto.

— Brindemos — disse Thomas Hudson, e acrescentou: — Ao arroz.

— Ao arroz — repetiu o político. — Brindemos.

— Sente-se melhor? — perguntou Honest Lil.

— Claro!

Olhou-a e viu que ia cair em pranto de novo.

— Se você chorar outra vez — disse —, quebro-lhe o queixo.

Atrás do balcão havia um cartaz em litografia de um político de terno branco com a divisa *Un Alcalde Mejor*, um prefeito melhor. Era um cartaz enorme, e o prefeito melhor olhava fixamente para os olhos de cada bebedor.

— A *Un Alcalde Peor* — disse o político. — A *Um Prefeito Pior*.

— Você é candidato? — perguntou-lhe Thomas Hudson.

— Sem dúvida alguma.

— Que formidável — disse Honest Lil. — Vamos propor nossa plataforma.

— Não é difícil — retrucou o candidato. — *Un Alcalde Peor*. Já temos uma divisa vitoriosa. Pra que plataforma?

— Devíamos ter uma — disse Lil. — Você não acha, Thomas?

— Acho sim. Que tal Abaixo com as Escolas Rurais?

— Abaixo — concordou o candidato.

— *Menos quaguas y peores* — sugeriu Honest Lil.

— Boa. Ônibus em menor número e piores.

— Por que não acabar logo com todo o sistema de transporte? — lembrou o candidato. — *Es más sencillo*.

— OK — disse Thomas Hudson. — *Cero transporte*.

— Conciso e digno — aprovou o candidato. — E mostra que somos imparciais. Mas podia-se elaborá-lo. Que tal *Cero transporte aéreo, terrestre, y marítimo*?

— Fabuloso. Estamos conseguindo uma verdadeira plataforma. Qual é a nossa posição frente à lepra?

— *Por una lepra más grande para Cuba* — respondeu o candidato.

— *Por el cáncer cubano* — acrescentou Thomas Hudson.

— *Por una tuberculosis ampliada, adecuada y permanente para Cuba y los cubanos* — disse o candidato. — É um pouquinho longo, mas soará bem pelo rádio. E quanto à sífilis, meus correligionários?

— Por una *sífilis criolla* cien por cien.

— Boa — concordou o candidato. — Abaixo a *Penicilina* e outras tapeações do imperialismo *yanqui*.

— Abaixo — repetiu Thomas Hudson.

— Parece-me que a gente devia beber alguma coisa — disse Honest Lil. — Que que vocês acham, *correligionarios*?

— Uma ideia magnífica — disse o candidato. — Quem senão você podia ter tido uma ideia igual a esta?

— Você — respondeu Honest Lil.

— Ataquem o meu crédito — disse o candidato. — Vejamos se ele resiste a um tiroteio realmente pesado. Meu chapa, meu amigo, rapaz: outra rodada idêntica. E pra este meu associado político: sem açúcar.

— Eis aí uma ideia pra uma divisa — disse Honest Lil. — O Açúcar de Cuba pros Cubanos.

— Abaixo o Colosso do Norte — disse Thomas Hudson.

— Abaixo — repetiram os outros.

— Precisamos de mais divisas domésticas, mais divisas municipais. Não devíamos envolver-nos muito no campo internacional, enquanto estamos em guerra e ainda somos aliados.

— Mesmo assim acho que se devia pôr Abaixo o Colosso do Norte — insistiu Thomas Hudson. — É de fato uma ocasião ideal enquanto o Colosso está empenhado numa guerra global. Acho que se devia derrubá-lo.

— Nós o derrubaremos depois que eu for eleito.

— A un *Alcalde Peor* — brindou Thomas Hudson.

— A Todos Nós. Ao partido — disse o *Alcalde Peor*, erguendo o copo.

— Precisamos lembrar as circunstâncias da fundação do partido e redigir o manifesto. Que dia é hoje, mesmo?

— Vinte. Por aí.

— Vinte de quê?

— Vinte por aí de fevereiro. *El grito de La Floridita*.

— É um momento solene — disse Thomas Hudson. — Você sabe escrever, Honest Lil? Dá pra você perpetuar tudo isso?

— Escrever eu sei. Mas agora, já, não posso.

— Há mais alguns problemas que temos que enfrentar — disse o *Alcalde Peor*. — Olhe aqui, Colosso do Norte, por que você não paga esta rodada? Você viu como o meu crédito é valente e resiste ao ataque. Mas não há necessidade de matar o pobre pássaro quando sabemos que ele está perdendo. Venha de lá, Colosso.

— Não me chame de Colosso. Somos contra o maldito Colosso.

— Tá certo, chefe. Que que você é, afinal?

— Cientista.

— *Sobre todo en la cama* — disse Honest Lil. — Fez estudos intensivos na China.

— Bem, seja lá quem você for, pague esta — disse o *Alcalde Peor*. — E continuemos com a plataforma.

— E quanto ao Lar?

— Um assunto sagrado. O Lar goza de dignidade igual à religião. Devemos ser prudentes e sutis. Que tal esta: *Abajo los padres de familias*?

— Tem dignidade. Mas por que não apenas: Abaixo o Lar?

— *Abajo el Home.***** É um belo sentimento, mas muita gente é capaz de confundir com o béisbol.

— E as Criancinhas?

— Deixai-as vir a mim quando estiverem em idade eleitoral — disse o *Alcalde Peor*.

— E o divórcio? — perguntou Thomas Hudson.

— Outro problema delicado — disse o *Alcalde Peor*. — Bastante espinoso. Qual é sua opinião sobre o divórcio?

— Talvez não se devesse mencionar o divórcio. Ele entra em choque com nossa campanha em prol do Lar.

— Muito bem, vamos pô-lo de lado. Agora deixe ver...

— Não dá — atalhou Honest Lil. — Você já está enxergando tudo atravessado.

— Não me critique, mulher — retrucou o *Alcalde Peor*. — Uma coisa nós temos que fazer.

— Quê?

— Orinar.

— Concordo — ouviu-se dizendo Thomas Hudson. — É essencial.

— Tão essencial quanto a falta de um aqueduto. Se baseia na água.

— Baseia-se no álcool.

— Apenas uma pequena porcentagem em comparação com a água. A água é a coisa essencial. Você é cientista. De que porcentagem de água nós somos compostos?

— Oitenta e sete e três décimos — arriscou Thomas Hudson, sabendo que estava errado.

— Exato — apoiou o *Alcalde Peor*. — Vamos enquanto ainda dá pra gente caminhar?

No toalete masculino, um negro calmo e digno lia uma apostila maçônica. Estudava a lição semanal do curso que fazia. Thomas Hudson o cumprimentou com dignidade, retribuída com gentileza.

— Que dia tão frio, não é, patrão? — observou o empregado com apostilas religiosas à mão.

— De fato, está mesmo frio — disse Thomas Hudson. — Como vão seus estudos?

— Muito bem, patrão. Tanto quanto se podia esperar.

— Alegro-me — disse Thomas Hudson. — Depois, para o *Alcalde Peor*, que estava encontrando certas dificuldades: — Uma vez, pertenci a um clube em Londres onde metade dos sócios tentava urinar e a outra tentava parar.

— Ótimo — disse o *Alcalde Peor*, completando o serviço. — Como é que se chamava, *El Club Mundial*?

— Não. Pra dizer a verdade, esqueci o nome.

— Esqueceu o nome do seu clube?

— Sim. O que é que tem?

— Acho melhor a gente ir procurar outro. Quanto custa esta urinada?

— O que o senhor quiser, patrão.

— Deixe por minha conta — disse Thomas Hudson. — Gosto de pagá-las. É que nem flores.

— Será que não era o Automóvel Clube Real? — perguntou o negro, em pé, oferecendo a toalha.

— Não pode ser.

— Desculpe, patrão — disse o estudante de maçonaria. — Sei que é um dos maiores clubes de Londres.

— Justo — concordou Thomas Hudson. — Um dos maiores. Agora compre alguma coisa bem alinhada com isto. — Deu-lhe um dólar.

— Por que você lhe deu um peso? — perguntou-lhe o *Alcalde Peor* quando se encontraram do lado de fora, de volta ao barulho do bar, do restaurante e do trânsito na rua.

— Não me serve pra nada.

— *Hombre* — disse o *Alcalde Peor*. — Você está se sentindo bem? Está se sentindo OK?

— Completamente — respondeu Thomas Hudson. — Estou completamente OK, muito obrigado.

— Como foi a viagem? — perguntou Honest Lil do seu banquinho no balcão. Thomas Hudson olhou para ela e viu-a de novo pela primeira vez. Parecia consideravelmente mais morena e bem mais ampla.

— Foi ótima — disse ele. — A gente sempre encontra pessoas interessantes quando viaja.

Honest Lil pôs a mão na coxa dele, apertou-a, mas ele estava olhando para a ponta do balcão, longe de Honest Lil, além dos chapéus-panamá, dos rostos cubanos, dos copos de dados que sacudiam entre os bebedores, porta afora a brilhante luz da praça, quando viu o carro estacionar e o porteiro abriu a porta traseira, de boné na mão, e ela desceu.

Era ela. Ninguém mais descia de um carro daquela maneira, tão prática, tão simples, tão bela e ao mesmo tempo como se estivesse fazendo um grande favor em pisar o pavimento da rua. Há muitos anos que todas as mulheres do mundo se esforçavam para ficar parecidas com ela, e algumas quase conseguiam. Mas, quando

a gente a via em pessoa, todo mundo que se parecia com ela não passava de reles imitação. Agora estava de uniforme. Sorriu para o porteiro, fez uma pergunta que ele respondeu alegremente, acenando com a cabeça, e ela começou a atravessar a calçada para entrar no bar. Havia outra mulher de uniforme atrás dela.

Thomas Hudson se levantou e sentiu o peito tão oprimido como se não pudesse respirar. Ela o tinha visto e avançava pela brecha entre as pessoas no balcão e nas mesas, em sua direção. A outra mulher a seguia de perto.

— Com licença — pediu ele a Honest Lil e ao *Alcalde Peor*. — Tenho que falar com uma pessoa amiga minha.

Encontraram-se na metade do corredor livre entre o balcão e as mesas, e ele a tomou em seus braços. Abraçaram-se com tanta força e apertadamente quanto possível; começou a beijá-la intensamente, e ela correspondeu, segurando-o pelos dois braços.

— Ah, você. Você. Você — repetia ela.

— Seu demônio — disse. — De onde você saiu?

— De Camaguei, é claro.

As pessoas os estavam olhando. Levantou-a no ar, estreitando-a com força contra si e beijou-a de novo. Depois pousou-a no chão, tomou-lhe a mão e dirigiu-se a uma mesa de canto.

— Não podemos fazer isso aqui — disse ele. — Vão nos prender.

— Que nos prendam — disse ela. — Esta é a Ginny. A minha secretária.

— Oi, Ginny — disse Thomas Hudson. — Vamos pôr esta doida atrás daquela mesa.

Ginny era uma moça simpática, feia. As duas usavam o mesmo uniforme: túnica de oficial sem emblema, camisa e gravata, saia, meias e sapatos de couro inglês. Tinha quepe estrangeiro e uma insígnia no ombro esquerdo que ele não tinha visto antes.

— Tire o quepe, demônio.

— Eu não devo.

— Tire.

— Está bem.

Tirou-o, ergueu o rosto, soltou o cabelo, jogou a cabeça para trás, olhou para ele, e ele viu a testa alta, o mágico contorno ondulado do cabelo que estava da mesma cor de trigo maduro prateado de sempre, os ossos salientes das maçãs do rosto com as cavidades logo abaixo, aquelas cavidades que podiam sempre partir o coração da gente, o nariz levemente arrebitado, a boca que acabava de deixar, agora desfeita pelos beijos, e a beleza do queixo e da linha do pescoço.

— Que tal estou?

— Você sabe.

— Você já tinha beijado antes alguém nestas roupas? Ou se arranhado com botões do Exército?

— Não.

— Você me ama?

— Eu sempre te amo.

— Não. Você me ama agora? Neste instante?

— Sim — respondeu, com um nó na garganta.

— Que bom — disse ela. — A coisa ia ficar feia pra você se não amasse.

— Por quanto tempo você veio?

— Só por hoje.

— Deixe-me beijá-la.

— Você disse que nos prenderiam.

— A gente pode esperar. Que vai beber?

— Eles têm um bom champanha?

— Têm. Mas há um drinque local que é fantástico.

— Só imagino. Quantos você já tomou?

— Sei lá. Uma dúzia, mais ou menos.

— Você só parece embriagado ao redor dos olhos. Está apaixonado por alguém?

— Não. E você?

— Teremos que ver. Onde anda a cretina da sua mulher?

— No Pacífico.

— Quem dera que estivesse. A umas mil braças de profundidade. Ah, Tommy, Tommy, Tommy, Tommy, Tommy.

— Você está apaixonada por alguém?

— Creio que sim.

— Sua cachorra.

— Não é um horror? Encontro-o pela primeiríssima vez desde que fui embora, e você não está apaixonado por ninguém, e eu sim.

— Você foi-se embora?

— É o que sempre digo.

— Ele é simpático?

— Este é simpático, sim, como as crianças são. Sou muito indispensável pra ele.

— Onde é que ele está?

— É segredo militar.

— É pra lá que você vai?

— É.

— O que que você é?

— Somos da USO.

— Isso é o mesmo que a OSS?

— Não, seu pateta. Não se faça de ignorante e não fique irritado só porque amo alguém. Você nunca me consulta quando se apaixona pelas pessoas.

— Você o ama muito?

— Eu não disse que o amava. Disse que estava apaixonada por ele. Não vou nem sequer ficar apaixonada por ele hoje, se você não quiser. Estou aqui apenas por um dia. Não quero ser mal-educada.

— Vá pro inferno — disse ele.

— Que tal se eu tomasse o carro e fosse pro hotel? — perguntou Ginny.

— Não, Ginny. Primeiro vamos beber um pouco de champanha. Você tem carro? — perguntou a Thomas Hudson.

— Sim. Lá fora, na praça.

— Dá pra gente ir pra sua casa?

— Claro. Podemos almoçar e depois sair. Ou eu posso apanhar alguma coisa pra se comer lá.

— Não fomos umas felizardas em poder vir pra cá?

— Sim — disse Thomas Hudson. — Como é que você soube que havia alguém aqui?

— Um rapaz no campo de Camaguei me falou que era capaz de que você estivesse aqui. Se não o encontrássemos, íamos ver Havana.

— Podemos ver.

— Não — disse ela. — A Ginny pode vê-la. Conhece alguém que pudesse levar a Ginny?

— Lógico.

— Temos que voltar pra Camaguei hoje de noite.

— A que horas sai o avião?

— Às seis, acho eu.

— Trataremos de tudo — disse Thomas Hudson.

Um rapaz se aproximou da mesa. Era um local.

— Desculpe — disse. — Podia dar-me seu autógrafo?

— Naturalmente.

Deu-lhe um postal que tinha a fotografia do bar, com Constante parado atrás do balcão preparando um coquetel, e ela assinou com aquela caligrafia teatral esparramada que Thomas Hudson conhecia tão bem.

— Não é pra minha filha pequena nem pro meu filho que está no colégio — disse o rapaz. — É pra mim.

— Ótimo — retrucou ela, com um sorriso. — Você foi muito gentil em me pedir.

— Vi todos os seus filmes. Penso que a senhora é a mulher mais bonita do mundo.

— Que maravilha — disse ela. — Continue pensando assim, por favor.

— Permite que lhe pague um drinque?

— Estou bebendo com um amigo.

— Eu o conheço — disse o locutor de rádio. — Conheço-o há muitos anos. Posso sentar, Tom? Está sobrando uma senhora aqui.

— Este é Mr. Rodríguez — apresentou Thomas Hudson. — Qual é o seu sobrenome, Ginny?

— Watson.

— Miss Watson.

— Prazer em conhecê-la, Miss Watson — disse o locutor de rádio. Era bonito, moreno e bronzeado, com olhos agradáveis, um sorriso simpático e grandes mãos fortes de beisebolista. Já tinha sido profissional, tanto de jogos de azar quanto de bola, e conservava certos traços de beleza de jogador moderno.

— Vocês três não querem almoçar comigo? — convidou. — Já está quase na hora do almoço.

— Mr. Hudson e eu temos que viajar pro interior — explicou ela.

— Gostaria muito de almoçar com você — disse Ginny. — Acho você formidável. Ele é sério? — perguntou ela a Thomas Hudson.

— É um sujeito ótimo. Dos melhores que você pode encontrar na cidade.

— Muito obrigado, Tom — disse o homem. — Têm certeza de que não podem almoçar comigo?

— Precisamos realmente ir — afirmou ela. — Já estamos atrasados. Depois falo com você no hotel, Ginny. E muito agradecida, Mr. Rodríguez.

— Você é de fato a mulher mais bonita do mundo — disse Mr. Rodríguez. — Se não tivesse tido sempre certeza, teria agora.

— Por favor, continue pensando assim — disse ela, e então saíram na rua.

— Bem — disse ela. — Até que não foi tão ruim. Ginny, além do mais, gosta dele, e ele é simpático.

— Ele é simpático — disse Thomas Hudson.

O chofer abriu-lhes a porta do carro.

— Você é simpático — disse ela. — Só gostaria que não tivesse tomado tantos drinques. Foi por isso que dispensei o champanha. Quem era o seu amigo moreno no fundo do bar?

— Apenas o meu amigo moreno no fundo do bar.

— Está precisando de um drinque? Podíamos parar nalgum lugar e pedir um.

— Não. Você está?

— Você sabe que nunca estou. Mas um pouco de vinho me faria bem.

— Lá em casa tem.

— Que maravilha. Agora pode beijar-me. Ninguém vai nos prender.

— *¿Adónde vamos?* — perguntou o chofer sem desviar os olhos da direção.

— *A la finca* — respondeu Thomas Hudson.

— Ah, Tommy, Tommy, Tommy — disse ela. — Continue. Não pare. Que diferença faz que ele nos veja, não é?

— Pois é. Nenhuma. Se quiser, pode cortar a língua dele.

— Não, eu não quero. Nada de brutalidades. Jamais. Mas você foi querido em se oferecer.

— Não seria má ideia. Como vai você? Sua velha casa de amor de sempre.

— Continuo a mesma.

— Realmente a mesma?

— A mesma que a gente sempre é. Sou sua nesta cidade.

— Até que o avião saia.

— Exato — disse ela, e mudou de posição para se acomodar melhor no carro.

— Veja — disse. — Deixamos a parte luminosa, e agora está tudo sujo e enfumaçado. Quando é que não fizemos isso?

— Às vezes.

— É — disse ela. — Às vezes.

Então olharam a sujeira e a fumaça, e os olhos ágeis e a maravilhosa inteligência dela num instante viram tudo o que ele havia levado anos para ver.

— Agora já está melhorando — disse ela.

Ela nunca lhe tinha dito uma mentira em sua vida, e ele se esforçava para nunca mentir para ela. Mas lograra bem pouco êxito.

— Você ainda me ama? — perguntou ela. — Diga-me a verdade, sem enfeites.

— Sim. Você devia saber.

— Eu sei — disse ela, enlaçando-o para provar, caso fosse possível.

— Quem é ele agora?

— Não vamos falar nele. Você não ia interessar-se.

— Talvez não — concordou, apertando-a com tanta força que era como se alguma coisa tivesse que quebrar, se ambos estivessem realmente empenhados nisso. Era o velho jogo dos dois. Ela o afastou, e a separação foi radical.

— Você não tem seios — disse ela. — E sempre vence.

— Eu não tenho rosto que parte o coração da gente. Nem o que você tem, e as longas pernas lindas.

— Você tem outra coisa.

— Sim — disse ele. — Ontem de noite, fazendo amor com um travesseiro e um gato.

— O gato eu substituo. É muito longe ainda?

— Onze minutos.

— Do jeito que a coisa vai, está longe demais.

— Quer que eu o tire da direção e guie na disparada?

— Não, por favor, e lembre de tudo que eu lhe disse a respeito de ter paciência.

— Foi a lição mais inteligente e burra que aprendi. Recapitule um pouco pra mim agora.

— Você faz questão?

— Não. Agora faltam apenas oito minutos.

— O lugar vai ser bom, e a cama bem grande?

— Teremos que ver — respondeu Thomas Hudson. — Você já está começando com as suas velhas dúvidas?

— Não — afirmou ela. — Quero uma cama descomunal, enorme. Pra esquecer tudo sobre o Exército.

— Tem uma cama grande — disse ele. — Talvez não tanto quanto o Exército.

— Não precisa ser grosseiro — reclamou ela. — Todos os bonitões terminam mostrando o retrato da mulher deles. Você devia conhecer o pessoal dos transportes aeroterrestres.

— Ainda bem que não conheço. Somos meio cheios d'água. Mas nunca fomos transportes aquáticos nem dissemos que éramos.

— Não dá pra você me contar nada a respeito? — perguntou-lhe, agora com a mão firme no bolso dele.

— Não.

— Você nunca contaria, e eu o amo por isso. Mas fico curiosa, as pessoas me perguntam, e eu me preocupo.

— Fique apenas curiosa — disse ele. — E nunca se preocupe. Lembre que de curiosidade morreu um gato. Eu tenho um que é bastante curioso. — Pensou em Boise. Depois disse: — Mas a preocupação mata grandes homens de negócio bem no apogeu da vida. Devo preocupar-me com você?

— Só como atriz. E, mesmo assim, não muito. Agora faltam apenas dois minutos. Aqui a terra é bonita, e eu gosto. Dá pra gente almoçar na cama?

— Então também podemos dormir, não é?

— Sim. Não é nenhum pecado, se não se perder o avião.

O carro agora subia com dificuldade a velha estrada pavimentada de pedras, ladeada por grandes árvores.

— Você tem alguma coisa a perder?

— Você — disse ele.

— Refiro-me a serviço.

— Tenho cara de quem estivesse em serviço?

— Podia estar. Você é um ator maravilhoso. O pior que já vi. Eu o amo, meu querido maluco — disse ela. — Já o vi interpretar todos os grandes papéis. Aquele em que mais o admirei foi quando você estava interpretando o Marido Fiel, e o fazia de modo simplesmente sensacional, com uma vasta mancha suspeita aparecendo nas calças e que aumentava cada vez que olhava pra mim. Creio que foi no Ritz.

— Foi onde interpretei melhor o Marido Fiel — disse ele. — Até parecia a Garrick no Old Bailey.

— Você está fazendo uma pequena confusão — disse ela. — Acho que você o interpretou melhor no Normandie.

— Quando ele pegou fogo, passei seis dias me lixando pra tudo.

— Esse não é o seu recorde.

— Não — concordou.

Agora se encontravam diante do portão, e o chofer desceu para abri-lo.

— Nós moramos de fato aqui?

— Sim. Lá em cima do morro. Desculpe a alameda estar em condições tão péssimas.

O carro subiu entre as mangueiras e os *flamboyants* sem flor, dobrou à altura dos galpões de gado e tomou a alameda circular até a casa. Ele abriu a porta do carro, e ela desceu como se estivesse prestando um cálido e generoso favor ao chão.

Olhou para a casa e pôde ver as janelas abertas do quarto de dormir. Eram amplas e de certo modo lhe lembravam as do *Normandie*.

— Vou perder o avião — anunciou. — Por que não posso estar doente? Todas as outras mulheres estão.

— Conheço dois ótimos médicos que podem jurar que você está.

— Que maravilha — exclamou, subindo a escada. — Mas não teremos que convidá-los pra jantar, não é?

— Não — disse, abrindo-lhe a porta. — Vou telefonar pra eles e mandar o chofer buscar os atestados.

— Estou doente — disse ela. — Já resolvi. As tropas que se divirtam sozinhas pra variar.

— Você irá.

— Não. Vou divertir você. Você tem se divertido ultimamente de modo adequado?

— Não.

— Eu tampouco. Ou será nem eu?

— Sei lá — disse ele, e apertou-a, olhando-a nos olhos e depois desviando o rosto. Abriu a porta do grande quarto de dormir. — Acho que nem eu fica melhor — acrescentou, depois de pensar um pouco.

As janelas estavam abertas, e havia vento no quarto. Mas agora, com o sol, era agradável.

— Ele é igual ao *Normandie*. Foi pra mim que você fez igual ao *Normandie*.

— Lógico, querida — mentiu. — O que que você pensou?

— Você mente pior do que eu.

— Nem sequer sou mais rápido.

— Não vamos mentir. Vamos fingir que você o preparou pra mim.

— Eu o preparei pra você — disse ele. — Só que ficou parecido com outra pessoa.

— Isto é o máximo de força que você tem pra apertar alguém?

— Sem quebrar, é. — Depois acrescentou: — Sem se deitar.

— Quem é contra se deitar?

— Eu é que não — respondeu, pegando-a no colo e levando-a para a cama.

— Vou deixar de ciúmes. Não me importo que você divirta as tropas. Mas nós temos um rádio que diverte a cozinha. Eles não precisam de nós.

— Olhe — disse ela.

— Sim.

— Agora lembre tudo o que já lhe ensinei.

— E o que é que estou fazendo?

— Agora e sempre.

— Sempre — prometeu. — Onde foi que o conhecemos?

— Nós o encontramos. Não lembra?

— Escute aqui, não vamos lembrar nada, não vamos conversar, não vamos conversar e não vamos conversar.

Mais tarde ela disse:

— Mesmo no Normandie, a gente sempre ficava com fome.

— Vou tocar a campainha pro camareiro.

— Mas este camareiro não nos conhece.

— Vai conhecer.

— Não. Vamos sair que eu quero ver a casa. O que é que você tem pintado?

— Coisa nenhuma.

— Não lhe sobra tempo?

— Que que você acha?

— Mas não dava quando você fica em terra?

— O que que você entende por terra?

— Tom — disse ela.

Agora estavam no living, sentados nas grandes poltronas. Ela tinha tirado os sapatos para sentir a esteira no chão. Havia se aninhado na poltrona e escovado o cabelo para agradá-lo e pelo efeito que sabia que causava nele, e sentado de um jeito que o cabelo sacudia feito uma pesada massa sedosa quando ela mexia com a cabeça.

— Desgraçada — disse. — Querida — acrescentou.

— Você já me desgraçou o bastante — retrucou.

— Não se fala mais nisso.

— Por que casou com ela, Tom?

— Porque estávamos apaixonados.

— Não era motivo suficiente.

— Ninguém jamais disse que fosse. Principalmente eu. Mas não sou obrigado a cometer meus erros, me arrepender e depois discuti-los, ou sou?

— Só se eu quiser que você faça.

O grande gato preto e branco tinha entrado e se roçava nas pernas dela.

— Ele está nos confundindo — disse Thomas Hudson. — Ou talvez esteja ficando com bom senso.

— Será que não está...?

— Evidente. Lógico. Boy — chamou.

O gato se aproximou e pulou para o colo dele. Fosse quem fosse, não lhe fazia diferença.

— Bem que nós dois podíamos amá-la, Boy. Olhe bem pra ela. Você nunca mais verá mulheres assim.

— É com ele que você dorme?

— É. Há alguma razão pra que eu não durma?

— Nenhuma. Gosto mais dele que do homem com quem durmo agora e que é quase tão triste quanto ele.

— Precisamos falar nele?

— Não. E não precisa fingir que não andou no mar, quando está com os olhos queimados e essas marquinhas brancas nos cantos, e o seu cabelo todo manchado do sol, como se você tivesse passado alguma coisa nele...

— E caminho mancando, levando um papagaio no ombro e batendo nas pessoas com minha perna de pau. Olhe aqui, querida, eu de vez em quando saio pro mar porque sou pintor de marinhas pro Museu de História Natural. Nem mesmo a guerra deve interferir nos nossos estudos.

— Eles são sagrados — disse ela. — Vou me lembrar dessa mentira e me agarrar a ela. Tom, você não liga absolutamente pra ela mesmo?

— De jeito nenhum.

— Ainda me ama?

— Não demonstrei?

— Podia ser uma representação. A do amante sempre fiel por mais que eu o encontre com prostitutas. “Tu não me foste fiel, Cynara, como devias.”

— Eu sempre disse pra você não ser tão culta assim. Desisti desse poema quando tinha dezenove anos.

— Sim, e eu sempre disse que se você pintasse e trabalhasse como era pra ser, em lugar de andar com fantasias e se apaixonar por outras criaturas...

— Casar com elas, você quer dizer.

— Não. Casar já é ruim demais. Mas você se apaixona por elas, e aí então eu não o respeito.

— Essa é aquela antiga e adorável que eu lembro. “E aí então eu não te respeito.” Essa eu compro por qualquer preço que você pedir e tiro de circulação.

— Eu o respeito. E você não a ama, não é?

— Eu te amo, respeito e não a amo.

— Que maravilha! Que bom que estou tão doente e perdi o avião.

— Eu a respeito mesmo, sabe? E respeito tudo quanto é maldita bobagem que você faz ou fez.

— E me trata maravilhosamente bem e cumpre todas as suas promessas.

— Qual foi a última?

— Sei lá. Se foi promessa, você não cumpriu.

— Não quer deixar isso pra lá, minha boniteza?

— Bem que gostaria.

— Talvez pudéssemos. Já deixamos tantas.

— Não. Não é verdade. Há provas visíveis do contrário. Mas você acha que fazer amor com uma mulher basta. Nunca se lembra de que ela pode querer sentir orgulho de você. Nem de pequenas ternuras.

— Nem de ser um bebê, como os homens que você ama e por quem se interessa.

— Não daria pra você ser mais carente e me sentir necessária, em vez de ser tão malditamente toma-lá-dá-cá e leve embora que não estou com fome?

— Pra que foi que viemos aqui? Preleções morais?

— Viemos porque eu o amo e quero que você seja digno de si mesmo.

— E de você e de Deus e todas as outras abstrações. Nem ao menos sou um pintor abstrato. Você seria capaz de exigir que Toulouse-Lautrec não frequentasse bordéis, que Gauguin não pegasse sífilis e que Baudelaire voltasse cedo pra casa. Não sou tão bom quanto eles foram, mas quero que você se dane.

— Nunca fui assim.

— Lógico que foi. Junto com o seu trabalho. As suas malditas horas de trabalho.

— Eu teria desistido delas.

— Lógico, eu sei que você teria. E cantado em boates, onde eu serviria de leão de chácara. Lembra dos nossos planos?

— Que notícias teve do Tom?

— Ele vai bem — respondeu o homem, e sentiu aquela estranha ferroadada na pele.

— Faz três semanas que não me escreve. Afinal, ele podia escrever pra mãe dele. Sempre foi tão bom pra cartas.

— Você sabe como são os garotos numa guerra. Ou talvez estejam retendo a correspondência. Às vezes fazem isso.

— Lembra de quando ele não sabia falar nada de inglês?

— E tinha a turma dele em Gstaad? E lá no Engadine e em Zug?

— Você tem algum retrato recente dele?

— Só aquele que você também tem.

— Não dá pra gente tomar um drinque? O que é que se bebe aqui?

— O que você quiser. Vou procurar o empregado. O vinho está no porão.

— Não demore muito, por favor.

— Eis aí uma coisa engraçada pra dizermos um ao outro.

— Não demore muito, por favor — repetiu. — Você ouviu? E eu nunca lhe pedi pra voltar cedo. O problema não foi esse, e você bem sabe.

— Eu sei — disse ele. — E não vou demorar muito.

— Pode ser que o rapaz também pudesse fazer alguma coisa pra gente comer.

— Talvez — retrucou Thomas Hudson. Depois, para o gato: — Fique aqui com ela, Boise.

Ora, pensou. Por que é que eu disse aquilo? Por que menti? Por que fiz isso? Pra acostumá-la aos poucos, delicadamente? Será que quis guardar a dor pra mim mesmo, como disse o Willie? Serei esse tipo de sujeito?

Bem, está feito, pensou. Como dizer a uma mãe que seu filho morreu, quando se terminou de fazer amor de novo com ela? Como dizer a si mesmo que seu filho morreu? Você sempre sabia todas as respostas. Responda essa agora.

Não há nenhuma resposta. A esta altura você já devia saber. Não há resposta de espécie alguma.

— Tom — chamou a voz dela. — Estou me sentindo só, e o gato não é você, muito embora ele julgue que seja.

— Solte-o no chão. O rapaz foi ao povoado, e estou procurando gelo.

— Não faço questão de bebida.

— Nem eu — disse, e voltou ao quarto, caminhando pelo piso de ladrilhos até sentir a esteira. Olhou-a. Ela continuava imóvel no mesmo lugar.

— Você não quer falar nele — disse.

— Não.

— Por quê? Acho que é melhor.

— Ele se parece demais com você.

— Não é isso — disse ela. — Diga-me. Ele morreu?

— Lógico.

— Por favor, me abrace com força. Agora estou doente.

Notou que tremia, ajoelhou-se ao lado da cadeira, segurou-a e sentiu-a tremendo. Aí então ela disse:

— Coitado de você. Pobre de você.

Passado um instante, continuou:

— Desculpe-me por tudo o que já lhe fiz ou disse.

— E você a mim, também.

— Pobre de você e pobre de mim.

— Pobres de todos nós — disse ele, e não acrescentou: — Pobre do Tom.

— Que que você pode me dizer?

— Nada. Só isso.

— Suponho que terminaremos nos conformando.

— Quem sabe?

— Gostaria de desabafar, mas apenas sinto um vácuo por dentro.

— Eu sei.

— Isso acontece com todo mundo?

— Creio que sim. De qualquer maneira, só nos pode acontecer uma única vez.

— E agora é como se estivéssemos numa casa de mortos.

— Perdoe-me por não ter contado quando a encontrei.

— Não faz mal — disse ela. — Você sempre deixa as coisas pra depois. Até foi bom.

— Eu a queria tão desesperadamente. Fui egoísta e tolo.

— Você não foi egoísta. Nós sempre nos amamos. Apenas cometemos erros.

— Eu cometi os piores.

— Não. Nós dois cometemos. Mas nunca mais brigaremos. — Alguma coisa estava lhe acontecendo, finalmente chorou e exclamou: — Ah, Tommy, de repente não dá pra aguentar mais.

— Eu sei — disse ele. — Minha doce, minha boa, minha linda beleza. Eu também não consigo.

— Fomos tão jovens e tolos, os dois tão bonitos, e o Tommy era aquela beleza danada...

— Como a mãe.

— E agora nunca mais haverá nenhuma prova visível.

— Meu pobre, queridíssimo amor.

— Que faremos?

— Você, o que já está fazendo, e eu, o que estou fazendo.

— Não se poderia passar algum tempo juntos?

— Só se esse vento continuar.

— Então tomara que continue. Parece-lhe feio fazer amor?

— Acho que o Tom não reprovaria.

— Não. Com toda a certeza. Lembra de quando você esquiava com ele nos ombros e a gente descia cantando pelo pomar nos fundos da estalagem, à hora do crepúsculo?

— Lembro de tudo.

— Eu também — disse ela. — Por que fomos tão tolos?

— Éramos não só amantes como rivais, também.

— Eu sei, e não devíamos ter sido. Mas você não ama mais ninguém, não é? Agora que isso é tudo o que temos?

— Não. Sinceramente.

— Eu de fato também não. Você acha que poderíamos voltar um para o outro?

— Não sei se daria certo. Podia-se tentar.

— Quanto tempo a guerra ainda vai durar?

— Pergunte a quem for o dono dela.

— Será que vai durar anos?

— Uns dois, no mínimo.

— Existem possibilidades de você também ser morto?

— Várias.

— Isso não é bom.

— E se eu não for?

— Não sei. Agora que o Tom se foi, não recomeçaríamos com rancores e maldades?

— Eu poderia esforçar-me. Não sou rancoroso e aprendi a refrear a maldade. Sêrio.

— Como? Com prostitutas?

— Creio que sim. Mas não precisaria delas se ficássemos juntos.

— Você sempre tem uma maneira tão delicada de dizer as coisas...

— Está vendo? Já recomeçamos.

— Não. Não na casa dos mortos.

— Você já disse isso.

— Eu sei — reconheceu. — Desculpe. Mas não sei exprimir-me de outra forma que tenha o mesmo sentido. Já comecei a ficar insensível.

— E ficará ainda mais — disse ele. — A insensibilidade é tão ruim quanto no começo. Mas fica ainda mais.

— Dá pra você me contar tudo o que você sabe de ruim sobre isso pra que a minha fique insensível mais rápido?

— Claro — disse ele. — Meu Deus, como eu te amo!

— Você sempre amou — disse ela. — Agora conta.

Estava sentado a seus pés e não olhou para ela. Olhou para Boise, o gato, deitado em cima de uma nesga de sol na esteira.

— Ele foi derrubado por baterias antiaéreas, num voo de rotina perto de Abbeville.

— Não saltou de paraquedas?

— Não. O avião pegou fogo. Ele deve ter sido alvejado.

— Tomara que sim — disse ela. — Só espero que sim.

— É quase certo que foi. Dava tempo pra ele saltar.

— Você está me contando a verdade? O paraquedas não incendiou?

— Não — mentiu, achando que por hoje bastava.

— Quem lhe informou?

Disse o nome do homem.

— Então é verdade — disse ela. — Não tenho mais filho, e você também não. Espero que aprendamos alguma coisa com isso. Não sabe de mais nada?

— Não — respondeu, com a maior convicção possível.

— E a gente simplesmente continua?

— Isso mesmo.

— Com o quê?

— Com nada — disse.

— Eu não poderia ficar aqui com você?

— Acho que não adiantaria, porque tenho que partir assim que o tempo melhorar. Você nunca fala e sempre guarda segredo sobre tudo o que lhe digo. Portanto guarde esse também.

— Mas eu poderia ficar com você até lá e depois esperar que você voltasse.

— Não é bom — disse ele. — A gente nunca sabe quando volta, e pra você, sem trabalhar, seria pior. Fique, se quiser, até que a gente vá.

— Ótimo. Ficarei até que você vá, e pensaremos no Tom sempre que pudermos. E faremos amor assim que você achar que esteja bem.

— O Tommy nunca teve nada a ver com aquele quarto.

— Não. E vou esconjurar seja quem for que já teve.

— Agora nós devíamos realmente comer alguma coisa e tomar um copo de vinho.

— Uma garrafa — sugeriu. — O Tom não era um amor de rapaz? E tão engraçado e tão bom.

— De que você é feita?

— Do que você ama — respondeu. — Temperado com aço.

— Não sei onde se meteram esses empregados — disse Thomas Hudson. — Não esperavam que eu voltasse hoje. Mas um deles devia estar no telefone. Vou buscar o vinho. Já deve estar gelado.

Abriu a garrafa e encheu dois copos. Era o vinho bom que reservava para quando chegasse a casa, depois de gelá-lo, e borbulhava de leve, delicada e persistentemente.

— A nós dois, a todos os nossos erros, a todas as nossas perdas e às vantagens que teremos.

— Tivemos — corrigiu.

— Tivemos — repetiu ela. E depois acrescentou: — A única coisa a que você sempre foi fiel foi um bom vinho.

— Admirável da minha parte, não é?

— Desculpe-me pelo que eu falei a respeito de beber hoje de manhã.

— Essas coisas me fazem bem. É engraçado, mas fazem.

— Você se refere ao que estava bebendo? Ou à crítica?

— Ao que eu estava bebendo. Os grandes gelados.

— Talvez façam. E agora não estou criticando nada, exceto o fato de que é tremendamente difícil conseguir algo de comer nesta casa.

— Seja paciente. Você me disse isso uma porção de vezes.

— Eu sou paciente — retrucou. — Só estou com fome. Agora compreendo por que as pessoas comem nos velórios e antes dos enterros.

— Seja tão durona com isso quanto lhe fizer bem.

— Não se impressione. Serei. Mas será que vamos continuar pedindo desculpas por tudo? Já pedi uma vez.

— Olhe aqui. Estou passando por isso três semanas mais que você e talvez esteja numa fase diferente.

— Com você tinha que ser uma fase diferente e mais interessante — disse ela.

— Conheço-o. Por que não volta simplesmente pras suas prostitutas?

— Você não gostaria de parar com isso?

— Não. Isso faz com que eu me sinta melhor.

— Quem foi que disse: “Maria, tem compaixão das mulheres”?

— Algum homem — respondeu ela. — Algum cretino.

— Quer ouvir o poema todo?

— Não. E já estou cansada de você e de você saber disso há três semanas e tudo mais. Só porque sou uma não combatente e você anda metido nalguma coisa tão sigilosa que precisa dormir com um gato pra não dar com a língua nos dentes...

— E você ainda não entende por que nos separamos?

— Nós nos separamos porque cansei de você. Você sempre me amou, não podia fazer nada e agora também não pode.

— Isso é verdade.

O criado estava parado em pé na sala de refeições. Já tinha presenciado e ouvido, inevitavelmente, desavenças anteriores no living, que lhe deixavam o rosto escuro transpirando de contrariedade. Gostava muito do patrão, dos gatos e dos

cães; admirava respeitosamente as mulheres bonitas e sentia-se mal quando havia discussões. Achou que nunca tinha visto uma mulher tão bonita como essa, e o *caballero* estava discutindo com ela, e ela estava dizendo coisas irritadas ao *caballero*.

— *Señor* — disse. — Me perdoe. Posso falar-lhe na cozinha?

— Com licença, por favor, querida.

— Suponho que seja algum mistério — retrucou ela, enchendo o copo de vinho.

— *Señor* — disse o rapaz. — O tenente falou em *castellano* e pediu pro senhor ir imediatamente, imediatamente ele repetiu. Disse que o senhor sabia aonde e que era assunto importante. Não quis chamar do nosso telefone e liguei do povoado. Aí então me contaram que o senhor estava aqui.

— Ótimo — disse Thomas Hudson. — Muito obrigado. Por favor, frite alguns ovos pra *señorita* e pra mim e mande o chofer ficar com o carro de prontidão.

— Sim, senhor.

— O que era, Tom? — perguntou ela. — Más notícias?

— Tenho que ir pro trabalho.

— Mas você disse que não teria que ir com esse vento.

— Eu sei. Mas não depende de mim.

— Quer que eu fique aqui?

— Pode ficar e ler as cartas do Tom, se quiser, e o chofer a levará pra tomar o avião.

— Está bem.

— Também pode levar as cartas com você, se quiser, e qualquer retrato ou tudo o que você encontrar. Reviste a minha escrivaninha.

— Você mudou mesmo.

— Um pouco, talvez — disse. — Vá até lá fora no ateliê e examine o que houver por lá. Há alguns quadros bons de antes de começarmos esse projeto. Leve tudo o que você quiser. Há um ótimo de você.

— Eu vou levar. Quando você resolve ser bom não há quem o vença.

— Leia as cartas dela, se quiser. Algumas são dignas de museu. Leve junto as que forem bastante cômicas.

— Você fala como se eu viajasse com um baú.

— Pode lê-las e depois jogá-las no vaso sanitário do avião.

— OK.

— Quero ver se estou de volta antes de você partir. Mas não conte com isso. Se eu tiver que usar o chofer, mandarei um táxi apanhar você pra levá-la ao hotel ou ao aeroporto.

— Ótimo.

— O empregado fica cuidando de você. Ele pode passar qualquer coisa a ferro pra você, e você pode usar qualquer roupa minha ou tudo o que achar por aí.

— Perfeito. Vai tentar amar-me, Tom, sem deixar que ninguém atrapalhe, que nem aquela última?

— Claro. Elas não significam coisa alguma, e você mesma ressaltou que não posso fazer nada.

— Esforce-se pra não poder.

— Não depende de mim. Leve todos os livros que quiser ou tudo o que encontrar por aí no sítio e dê meus ovos, ou um, pelo menos, ao Boise. Ele gosta deles bem picadinhos. É melhor eu me arrancar. Já recebi o recado com atraso.

— Até a vista, Tom — disse ela.

— Até a vista, seu demônio, e cuide bem de você. De qualquer maneira, isso provavelmente não é nada.

Tinha saído pela porta. Mas o gato se esgueirou junto com ele e ficou olhando-o.

— Tá tudo certo, Boise — disse. — Eu volto antes de a gente embarcar.

— Aonde vamos? — perguntou o chofer.

— À cidade.

Não posso acreditar que haja coisa importante com esse mar agitado. Mas talvez encontrassem algo. Talvez haja alguém em apuros por aí afora. Meu Deus, tomara que desta vez dê certo. Preciso lembrar de fazer um desses testamentos de bolso, deixando esse sítio pra ela. Não posso esquecer de arranjar testemunhas na embaixada e guardá-lo lá no cofre. Sem dúvida nenhuma ela recebeu o golpe tremendamente bem. Mas é que ainda não a atingiu de fato. Gostaria de poder

ajudá-la quando isso acontecer. Se ao menos pudesse servir-lhe realmente de alívio. Talvez possa, se nos safarmos desta, e da próxima, e da próxima.

Safemo-nos desta em primeiro lugar. Será que ela vai comer um pouco? Tomara que sim e que se lembre de dar o ovo ao Boise. Ele fica com fome quando faz frio.

Não vai ser difícil encontrar os rapazes, e o barco pode levar outra surra antes de chegarmos ao largo. Mais uma, no mínimo. Uma, com certeza. Arriscaremos. Há sobressalentes pra praticamente tudo. Que é mais uma surra, se conseguirmos nos aproximar? Teria sido ótimo ficar em terra. Talvez fosse. Aqui, ó, que teria sido.

Meta isso na cachola. O filho, você perde. O amor, também. A honra, há muito tempo que se foi. O dever, você faz.

Lógico, e qual é o seu dever? O que prometi que faria. E quantas outras coisas que você prometeu que faria?

No quarto de dormir do sítio, agora, no quarto que parecia o *Normandie*, ela estava deitada na cama com o gato chamado Boise a seu lado. Não conseguira comer os ovos, e o champanha não tinha sabor. Havia picado todos os ovos para Boise, aberto uma gaveta da escrivaninha, visto a caligrafia do filho nos envelopes azuis com carimbo da censura, e depois fora deitar-se com o rosto virado de bruços na cama.

— Os dois — disse ao gato, que estava feliz da vida com os ovos e com o cheiro da mulher deitada a seu lado. — Os dois — repetiu. — Boise, diga-me uma coisa. O que é que vamos fazer?

O gato fez um rom-rom imperceptível.

— Você também não sabe — disse ela. — E ninguém mais tampouco.

Notas

* Jogo de palavras intraduzível. Hudson chama Paris de *town*, e o barão corrige porque é costume designar Paris por *city* e Londres por *town*. (N.T.)

** Companhia de Navegação Peninsular e Oriental. (N.T.)

*** Apelido dado pelos americanos aos salva-vidas infláveis de voo que se amarram no peito, depois de passar por baixo dos braços, em virtude dos seios avantajados da atriz. (N.T.)

**** *Home* (lar) também significa meta em beisebol. (N.T.)

PARTE III

NO MAR



1



Havia uma longa praia branca com coqueiros atrás. Os recifes encobriam a entrada do cais, e o forte vento leste fazia o mar quebrar neles de um modo que se tornava fácil vê-la depois que se passava adiante. Não havia ninguém na praia, e a areia estava tão branca que feria os olhos.

O homem na segunda ponte de comando examinou a costa. Não se viam casebres onde antes existiam, nem barcos ancorados na laguna que pudesse enxergar.

— Você já esteve aqui antes — disse ao piloto.

— Já.

— Os casebres não ficavam ali daquele lado?

— Ficavam, sim, e o mapa indica um povoado.

— Porra, como é que não estão mais aí? — retrucou o homem. — Dá pra você ver se há algum barco lá pelos mangues?

— Não se vê nada.

— Vou entrar com o barco e ancorar — disse o homem. — Conheço este canal. É cerca de oito vezes mais fundo do que parece.

Baixou os olhos para a água verde e viu o tamanho da sombra do seu navio no fundo.

— Há um lugar bom pra atracar a leste de onde ficava o povoado — disse o piloto.

— Eu sei. Solte a âncora de estibordo e fique de prontidão. Vou fundear ali. Com este vento soprando dia e noite não deve haver insetos.

— Não, senhor.

Ancoraram e o barco, que não era bastante grande para ser chamado de navio exceto na opinião de seu próprio capitão, fundeou de popa para o vento, com as ondas quebrando brancas e verdes nos recifes.

O homem na ponte cuidou que ele balançasse bem e resistisse com firmeza. Depois olhou para a praia e desligou os motores. Continuou olhando na mesma direção, sem conseguir entender.

— Leve três homens pra dar uma olhada — disse. — Vou deitar-me um pouco. Não esqueçam que vocês são cientistas.

Quando eram cientistas, as armas não apareciam, e eles usavam facões e chapelões de palha iguais aos dos pescadores de esponja das Bahamas, que a tripulação chamava de *sombreros científicos*. Quanto maior o chapéu, mais científico o consideravam.

— Alguém roubou meu chapéu científico — reclamou um basco forçado, de sobrelhas grossas que se uniam no nariz. — Deem-me um saco de bugigangas pra bancar o cientista.

— Pegue o meu — disse outro basco. — É duas vezes mais científico que o seu.

— Que chapéu científico! — exclamou o basco forçado. — Sinto-me o próprio Einstein com ele. Thomas, a gente pode levar amostras?

— Não — respondeu o homem. — O Antônio sabe o que eu quero que ele faça. Você fique com essa porra de olho científico aberto.

— Vou buscar água.

— É lá atrás do lugar onde era antes o povoado — disse o homem. — Veja como é que é. Provavelmente seria bom encher tudo.

— H₂O — disse o basco. — Esse troço científico. Ei, seu cientista inútil. Seu ladrão de chapéus. Passe pra cá quatro garrações de vinte litros pra gente não perder

a viagem.

O outro basco colocou quatro garrações de vime no escalér.

O homem ouviu os dois conversando.

— Não me bata nas costas com essa porcária de remo científico.

— Só faço isso pela ciência.

— A ciência que se forníque. Ela e o irmão dela.

— Irmã.

— Ah, é, ela se chama *penicilina*.

O homem viu os dois remando em direção à praia excessivamente branca. Devia ter ido junto, pensou. Mas passei a noite toda acordado e governei doze horas. O Antônio pode examinar tudo tão bem quanto eu. Mas eu só queria saber que diabo aconteceu.

Olhou mais uma vez os recifes, depois a praia e a corrente de água clara passando pelo costado e fazendo pequenos redemoinhos a sota-vento. Aí então fechou os olhos, virou de lado e ferrou no sono.

Acordou quando o escalér encostou no barco e percebeu pela cara deles que algo ia mal. O piloto estava suando, como sempre fazia diante de encrencas ou más notícias. Era um homem magro que não suava facilmente.

— Alguém queimou os casebres — disse ele. — Alguém tentou apagar o fogo, e há cadáveres no meio das cinzas. Daqui não dá pra sentir o cheiro por causa do vento.

— Quantos cadáveres?

— Contamos nove. Pode haver mais.

— Homens ou mulheres?

— Ambos.

— Não há rastros?

— Nada. Depois choveu. Chuva forte. A areia ainda está toda esburacada.

O basco forçado, cujo nome era Ara, disse:

— Seja como for, faz uma semana que estão mortos. Os urubus ainda não caíram em cima, mas os caranguejos já atacaram.

— Como é que você sabe que faz uma semana que estão mortos?

— Não dá pra dizer com exatidão — respondeu Ara. — Mas faz mais ou menos isso. Pelo rastro dos caranguejos, a chuva foi há três dias.

— Que tal a água?

— Parecia boa.

— Vocês trouxeram?

— Sim.

— Não vejo por que iriam envenenar a água — disse Ara. — Tinha bom cheiro, então provei e trouxe.

— Não devia ter provado.

— O cheiro estava bom, e não havia motivo pra crer que estivesse envenenada.

— Quem matou o pessoal?

— Sei lá.

— Você não verificou?

— Não. Viemos contar-lhe. Você é o capitão.

— Está bem — disse Thomas Hudson.

Desceu e afivelou o revólver. Havia uma faca embainhada do outro lado do cinturão, o lado que ficava mais alto, e o peso da arma se apoiava na perna. Parou na cozinha, pegou uma colher e guardou no bolso.

— Ara, você e o Henry venham comigo. O Willie depois volta com o escaler pra ver se pesca uns caramujos. Deixe o Peters dormir. — E para o piloto: — Verifique as máquinas, por favor, e todos os tanques.

A água estava clara e linda sobre o fundo de areias brancas, e enxergavam-se todos os cômodos e rugas. Ao chegarem onde já dava pé, o escaler pousou num banco de areia, e ele sentiu uns peixinhos brincando em torno dos dedos, olhou para baixo e viu que eram pequenos pampos. Talvez não fossem propriamente pampos, pensou. Mas pareciam exatamente iguais e eram quase amistosos.

— Henry — disse, quando se encontraram em terra. — Você vai pela praia a barlavento e caminhe até lá perto dos mangues. Repare nos rastros ou qualquer outra coisa. E me encontre aqui. Ara, você segue pelo outro lado e faz o mesmo.

Não foi preciso indagar onde estavam os cadáveres. Viu os rastros que indicavam o caminho e ouviu o rocegar dos caranguejos no meio das moitas secas.

Olhou o navio, a linha de rebentação e viu Willie à popa do escaler, debruçado sobre o costado com uma lupa d'água, à procura de caramujos enquanto a embarcação andava à deriva.

Já que tenho que fazer isso, é melhor fazer logo de uma vez, pensou. Mas o dia de hoje se destinava a outros fins. Como é estranho que tivessem tido uma chuva tão forte aqui quando não havia necessidade, e nós estávamos à míngua. Quanto tempo faz que não chove de nenhum lado e não cai uma gota?

O vento estava soprando com violência e agora já soprava, dia e noite, há mais de cinquenta dias. Tinha se transformado numa parte do homem e não o deixava nervoso. Fortalecia-o, dava-lhe resistência, e ele torcia para que nunca mais parasse.

Sempre esperamos por algo que não vem, pensou. Mas é mais fácil esperar com vento do que com calma ou com os caprichos e maldades dos aguaceiros. Sempre existe água nalgum lugar. Deixe que seque. Sempre se consegue encontrá-la. Há água em todos esses baixios, basta saber procurar.

Agora, pensou consigo mesmo. Entre de uma vez e termine com isso.

O vento o ajudou a terminar com aquilo. Ao se agachar sob as moitas chamuscadas das videiras marinhas e vasculhar a areia em punhados duplos, o vento trouxe o cheiro do que o aguardava pouco adiante. Não descobriu nada na areia, o que o intrigou, mas examinou o chão todo a barlavento dos casebres queimados antes de entrar. Esperava encontrar o que procurava da maneira mais fácil. Mas não havia nada.

Aí então, com o vento pelas costas, o que lhe permitia virar, contendo a respiração e depois soltando de novo, começou a trabalhar com a faca, perfurando a podridão carbonizada de que os caranguejos se alimentavam. De repente tocou em algo duro que rolou contra um osso. Tirou com a colher. Largou em cima da areia e continuou a esquadrihar e cavar até encontrar mais três no monturo. Aí virou de frente para o vento e limpou a faca e a colher na areia. Pegou as quatro balas com um punhado de areia e com a faca e a colher na mão esquerda abriu caminho de volta pelo meio do matagal.

Um caranguejo enorme, obscenamente branco, recuou e ergueu as garras contra ele.

— Vem chegando, rapaz? — perguntou-lhe o homem. — Eu já estou de saída.

O caranguejo continuou no mesmo lugar, as garras bem erguidas e as pontas bifurcadas.

— Você está ficando grande demais pro seu tamanho — disse o homem.

Guardou devagar a faca na bainha e a colher no bolso. Depois passou o punhado de areia com as quatro balas para a mão esquerda. Limpou cuidadosamente a direita no calção. E puxou a Magnum calibre 357, bem lubrificada e enegrecida pelo suor.

— Vou lhe dar ainda uma oportunidade — disse ao caranguejo. — Ninguém o está recriminando. Você está se regalando e fazendo a sua obrigação.

O caranguejo não se mexeu, sempre de garras erguidas. Era enorme, com quase trinta centímetros de comprimento. O homem o alvejou entre os olhos, e ele se desintegrou.

— Estas porcarias de calibre 357 agora são difíceis de conseguir porque os agentes do FBI as usam pra caçar o pessoal que não quer ser convocado — disse o homem. — Mas se a gente não atira de vez em quando, termina perdendo a prática.

Pobre caranguejo velho, pensou. Andava apenas fazendo o que sabia. Mas devia ter se arrastado pra longe dali.

Desembocou na praia, viu onde o navio estava boiando, a linha contínua da rebentação e Willie, agora ancorado e mergulhando pra buscar os caramujos. Limpou a faca direito, esfregou a colher, lavou-a e depois lavou também as quatro balas. Segurou-as na palma da mão e olhou-as como um garimpeiro bateando em busca de ouro, esperando apenas faíscas, olharia para quatro pepitas na bateia. As quatro tinham ogiva preta. Agora que estavam fora da carne, o curto estriamento torcido aparecia nitidamente. Eram de uma descarga padrão de 9mm de metralhadora portátil Schmeisser.

O homem ficou radiante.

Recolheram todas as cápsulas, pensou. Mas esqueceram estas, tão óbvias como cartões de visita. Agora preciso refletir um pouco. Duas coisas já são sabidas. Não deixaram ninguém vivo na ilhota e levaram os barcos. Você tem que partir daí, rapaz. Presume-se que seja dotado de raciocínio.

Mas não raciocinou. Em vez disso, deitou de costas na areia com a pistola caída no meio das pernas e contemplou a escultura que o vento e a areia tinham feito de um pedaço de madeira flutuante lançado pelas ondas à praia. Era cor de cinza e estava enterrado na fina areia branca. Dava impressão de se achar numa exposição. Deveria ir para o Salon d'Automne.

Escutou o bramido dos vagalhões quebrando nos recifes e pensou: gostaria de pintar isso. Permaneceu deitado e fitou o céu, onde não havia nada além do vento leste. As quatro balas estavam no bolso abotoado de troco miúdo do calção. Sabia que eram tudo o que lhe restava na vida. Mas não queria pensar nelas nem refletir sobre todas as coisas práticas que devia fazer. Vou apreciar a madeira cor de cinza, pensou. Agora sabemos que temos os nossos inimigos, e eles não nos podem escapar. Nem nós tampouco. Mas não há necessidade de refletir sobre isso enquanto o Ara e o Henry não voltarem. O Ara vai encontrar alguma coisa. Alguma coisa tem que ser encontrada, e ele não é bobo. Uma praia diz muitas mentiras, mas a verdade sempre está escrita nalgum canto. Apalpou as balas no bolso de moedas e depois, apoiado nos cotovelos, recuou para onde a areia era mais seca e até mais branca, se é que se podia estabelecer uma comparação no meio de tanta brancura, e apoiou a cabeça num pedaço cinzento de madeira, com a pistola entre as pernas.

— Há quanto tempo você é a minha namorada? — perguntou à pistola. — Não responda — acrescentou logo. — Fique aí quietinha que vou ver se não dá pra você matar alguma coisa melhor que caranguejos quando chegar a hora.

2



Estava ali deitado, contemplando a linha da rebentação, e já tinha pensado longamente quando viu Ara e Henry voltando pela praia. Primeiro olhou-os e depois virou a cabeça, fitando de novo o mar. Tinha procurado não pensar naquilo e ficar sossegado, mas não foi possível. Agora ia descansar até que chegassem e só pensaria no mar e nos recifes. Mas não teve tempo. Eles vieram, ligeiro demais.

— Que que você encontrou? — perguntou a Ara, que sentou junto da madeira cinzenta. Henry se instalou a seu lado.

— Encontrei um. Um rapaz. Morto.

— Era alemão mesmo — disse Henry. — Estava só de calção, tinha o cabelo bem comprido, louro e manchado do sol, e jazia de bruços na areia.

— Onde foi alvejado?

— Na base da espinha e na nuca — respondeu Ara. — *Rematado*. Cá estão as balas. Já lavei.

— É — disse Thomas Hudson. — Tenho quatro iguais.

— São de uma Luger 9mm, não é? — perguntou Henry. — O mesmo calibre das nossas 38.

— As de ponta preta são de metralhadora portátil — explicou Thomas Hudson. — Obrigado por tê-las retirado, doutor.

— Às ordens — retrucou Ara. — A da nuca tinha saído pelo pescoço, e encontrei na areia. O Henry extraiu a outra.

— Não me importei — disse Henry. — O vento e o sol já o haviam praticamente mumificado. Foi o mesmo que cortar uma torta. Não estava como aqueles ali dentro. Por que será que o mataram, Tom?

— Sei lá.

— O que é que você acha? — perguntou Ara. — Eles vieram aqui pra fazer algum conserto?

— Não. Perderam o submarino.

— É — concordou Ara. — Eles levaram os barcos.

— Por que que o marinheiro foi morto? — perguntou Henry. — Perdoe-me a falta de inteligência, Tom. Mas você sabe como eu quero fazer o que posso e estou tão contente por termos estabelecido um contato.

— Ainda não estabelecemos, não — retrucou Thomas Hudson. — Mas, por Deus, encontramos uma pista ótima.

— Peito pra cima? — perguntou Henry, esperançoso.

— Não mencione essa palavra perto de mim.

— Mas Tom, quem matou o marinheiro e por quê?

— Encrencas de família — respondeu Thomas Hudson. — Você já viu alguma vez um sujeito baleado na base da espinha por piedade? Depois, seja quem for que o matou, teve pena dele e alvejou-o na nuca.

— Talvez fossem dois — sugeriu Ara.

— Encontraram as cápsulas?

— Não — disse Ara. — Procurei onde deviam estar. Mesmo que fosse uma metralhadora portátil, não teriam sido lançadas mais longe do que onde procurei.

— Pode ter sido o mesmo cretino metódico que recolheu as outras.

— Pra onde iriam? — perguntou Ara. — Pra onde se dirigiriam com os barcos?

— Só pode ser pro sul — respondeu Thomas. — Porra, vocês sabem muito bem que pro norte é que não podia ser.

— E nós?

— Estou tentando refletir com a cabeça deles — respondeu Thomas Hudson.
— Não tenho muitos elementos pra me basear.

— Você tem os mortos e os barcos que sumiram — disse Henry. — Dá pra calcular, Tom.

— E uma arma conhecida, e onde foi que perderam o submarino e em quantos são? Misture bem e depois acrescente que ontem de noite não conseguimos entrar em contato com Guantánamo e acrescente quantas ilhotas existem ao sul daqui, mais o tempo que levamos pra encher nossos tanques. Acrescente o Peters e aí então pode servir.

— Vai sair tudo certo, Tom.

— Claro — disse Thomas Hudson. — Tudo certo e tudo errado são almas gêmeas neste negócio.

— Mas você está confiante de que a gente há de pegar esse pessoal, não é?

— Naturalmente — disse Thomas Hudson. — Agora vão e façam sinal pro Willie voltar e mandem o Antônio preparar os caramujos que ele trouxe. O nosso prato será *chowder*. Ara, você carregue toda a água que puder durante as próximas três horas. Peça ao Antônio pra prosseguir com os motores. Quero partir daqui antes de anoitecer. Não havia nada na ilha? Nem porcos, nem nenhuma ave doméstica?

— Nada — respondeu Ara. — Levaram tudo.

— Pois então terão que comer. Não dispõem de ração pros animais nem gelo. São alemães, portanto devem ser habilidosos e sabem pegar tartaruga nesta época do ano. Acho que vamos encontrá-los em Lobos. É lógico que escolhessem Lobos. Mande o Willie encher o frigorífico de caramujos, e só levaremos água suficiente até a próxima ilhota.

Parou e reconsiderou.

— Não, desculpem. Enganei-me. Enchem de água até o pôr do sol, e eu levarei o barco daqui quando a lua surgir. Assim perdemos três horas, mas depois economizaremos seis.

— Você provou a água? — perguntou Ara.

— Provei — disse ele. — Estava limpa e boa. Você tinha toda a razão.

— Obrigado — disse Ara. — Agora vou chamar o Willie. Ele já mergulhou demais.

— Tom — perguntou Henry. — Você quer que eu fique com você, carregue água ou o quê?

— Carregue água até cansar e depois durma um pouco. Preciso de você a meu lado hoje de noite na ponte.

— Posso trazer-lhe uma camisa ou um suéter? — perguntou Henry.

— Traga uma camisa e um dos cobertores mais leves — respondeu Thomas Hudson. — Posso dormir agora aqui no sol, e a areia está seca. Mas mais tarde, com o vento, vai esfriar.

— Que areia formidável, não é? Nunca vi nenhuma tão seca nem tão fininha.

— O vento a vem batendo há muitos anos.

— Será que vamos pegá-los, Tommy?

— Claro — garantiu Thomas Hudson. — Sem a menor sombra de dúvida.

— Por favor, perdoe minhas burrices — pediu Henry.

— Você já foi perdoado quando nasceu — disse Thomas Hudson. — Você é um sujeito muito corajoso, Henry, e eu gosto e confio em você. E não tem nada de burro.

— Você acredita mesmo que entraremos numa luta?

— Tenho certeza. Não pense mais nisso. Pense nos detalhes. Em todas as coisas que você deve fazer e na alegria que vai haver no navio até que lutemos. Deixe a luta por minha conta.

— Hei de cumprir meu dever da melhor maneira possível — afirmou Henry. — Gostaria que a gente praticasse um pouco a luta pra fazer a minha parte melhor.

— Você a fará direito. Não vejo forma de a gente perder.

— Já faz tanto tempo.

— Mas tudo demora — retrucou Thomas Hudson. — E a perseguição é a mais demorada.

— Veja se dorme um pouco — disse Henry. — Você nunca dorme.

— Vou dormir — prometeu Thomas Hudson.

— Onde é que você imagina que eles perderam o submarino, Tom? — perguntou Ara.

— Eles apanharam esses barcos aqui e liquidaram com essa gente há uma semana, digamos. Portanto devem ser daquele submarino que Camaguei avisou. Mas se aproximaram bastante daqui antes de perdê-lo. Não iam sair com nenhum bote de borracha com aquela ventania.

— Então devem tê-lo perdido a leste daqui.

— Certamente. E já se achavam salvos pra burro quando o perderam — disse Thomas Hudson.

— Mesmo assim ficaram muito longe de casa — disse Henry.

— E vão ficar muito mais — prometeu Ara.

— Que gente mais estranha — disse Thomas Hudson. — São todos valentes, e alguns chegam a ser admiráveis pra caralho. E depois se saem com uns tipos cruéis que nem esse.

— É melhor a gente ir fazer o serviço de uma vez — sugeriu Ara. — Podemos conversar de noite durante a vigília pra ficar acordado. Veja se descansa um pouco, Tom.

— Tire uma soneca — aconselhou Henry.

— Descansar é tão bom quanto dormir.

— Não é, não — protestou Ara. — Você precisa dormir, Tom.

— Vou ver se consigo — disse Thomas Hudson. Mas quando se afastaram, não conseguiu dormir.

Por que tinham que ter feito essa coisa nauseabunda, afinal de contas?, pensou. De um jeito ou doutro, nós os pegaremos. A única coisa que esses coitados poderiam fazer era revelar em quantos eram e que espécie de armas tinham. Suponho que isso bastasse pra matá-los, segundo o ponto de vista deles. Principalmente se imaginassem que fossem negros. Mas tudo isso prova alguma coisa a seu respeito. Pra matar desse modo, devem ter algum plano e alguma esperança de serem recolhidos. Devia haver também discordância em torno do plano, senão não assassinariam ali o marinheiro. Mas aquilo podia ser alguma

execução por causa de alguma falta. Talvez fosse ele o responsável pela perda do submarino, quando podia tê-lo mantido à tona pra tentarem ir pra casa.

Aonde isso nos leva?, pensou. Não dá pra se contar com isso. É apenas uma possibilidade. Mas, se for verdade, significa que ele submergira ligeiro e com terra à vista. O que queria dizer que não dispunham de muita coisa. Talvez o rapaz não fosse culpado e o acusassem sem motivo.

Você não sabe quantos barcos eles têm porque poderia haver um ou dois pescando tartarugas por aí. Não há nada a fazer a não ser ponderar essa possibilidade e vasculhar os baixios.

Mas suponhamos que tenham atravessado o velho canal das Bahamas e alcançado a costa cubana? Claro, pensou. Como é que você não se lembrou disso antes? Era a melhor solução que podiam ter encontrado.

Se fizerem isso são capazes de tomar um vapor espanhol em Havana pra voltar pra casa. Em Kingston há fiscalização. Mas é um risco mais fácil de enfrentar, e você conhece uma porção de gente que a tapeou. Aquele merda do Peters com o rádio estragado. FIC, pensou. Francamente Impossível Comunicar. Depois a gente conseguiu a beleza do grande, e era rádio demais para ele. Não sei como ele foi estragar com aquilo. Mas esta noite ele não conseguiu pegar Guantánamo na nossa hora de chamada, e se logo mais também não pegar, estamos no mato sem cachorro. Ora, que porra, pensou. Existem lugares piores pra gente estar do que no mato sem cachorro. Agora trate de dormir, disse a si mesmo. Não há nada que você possa fazer agora que seja mais sensato do que isso.

Ajeitou os ombros na areia e adormeceu com o bramido da rebentação nos recifes.

3



Enquanto Thomas Hudson dormia, sonhou que seu filho Tom não morrera e que os outros meninos estavam bem e que a guerra tinha acabado. Sonhou que a mãe de Tom dormia a seu lado, deitada em cima dele como às vezes gostava de fazer. Sentiu tudo isso e a tangibilidade daquelas pernas entre as suas, daquele corpo contra o seu, daqueles seios contra seu peito, e que ela encostava a boca na dele. Os cabelos dela se soltaram e caíram, pesados e sedosos, sobre os olhos e o rosto dele. Desviou os lábios daqueles lábios sequiosos, pegou o cabelo com a boca e segurou-o. Depois, com a mão, umedeceu a Magnum calibre 357 e deixou-a escorregar facilmente, ferrado no sono, para seu devido lugar. Aí permaneceu sob o seu peso, com aquele cabelo sedoso em cima do rosto feito uma cortina, e se pôs a mexer lenta e ritmicamente.

Foi então que Henry o cobriu com o cobertor leve, e Thomas Hudson, adormecido, disse:

— Obrigado por você ser tão úmida e linda e por me apertar com tanta força. Obrigado por ter voltado logo e por não ser magra demais.

— Pobre desgraçado — disse Henry, cobrindo-o com cuidado. Afastou-se carregando dois garrafões empalhados de vinte litros nos ombros.

— Pensei que você gostasse de mim magra, Tom — disse a mulher no sonho. — Você dizia que eu parecia um cabritinho quando era magra e que não havia

melhor contato que o de um cabritinho.

— Você — disse ele. — Quem é que vai fazer amor com quem?

— Nós dois — respondeu ela. — A menos que você queira de outro modo.

— Então faça você. Eu estou cansado.

— Você não passa de um preguiçoso. Deixe-me tirar a pistola e botar junto da sua perna. Ela está atrapalhando.

— Largue-a do lado da cama — pediu. — E faça tudo como deve ser feito.

Aí então foi tudo como devia ser, e ela perguntou:

— Eu devia ser você ou você eu?

— Você tem a primazia.

— Vou ser você.

— Eu não posso ser você. Mas posso tentar.

— Que divertido. Então tente. Não procure poupar-se de maneira nenhuma.

Trate de perder tudo e de tomar tudo também.

— Tá certo.

— Você está fazendo direito?

— Sim — disse. — É formidável.

— Sabe agora o que nós temos?

— Sei — respondeu. — Sei, sim. É fácil de desistir.

— Você é capaz de desistir de tudo? Está contente por eu ter trazido os meninos de volta e por ter vindo e sido um demônio na noite?

— Sim. Estou contente com tudo. Não quer sacudir o seu cabelo pra cá e pra lá no meu rosto e me dar sua boca, por favor, e me apertar com tanta força que me mate?

— Naturalmente. E você fará o mesmo pra mim?

Quando acordou, tocou o cobertor e não percebeu, nem por um instante, que era sonho. Depois deitou de lado, apalpou o coldre da pistola entre as pernas e caiu na realidade. Todo o vazio dentro dele estava duas vezes maior, acrescido agora do sonho. Viu que ainda era dia e que o escaler carregava água para o navio e a rebentação continuava a quebrar nos recifes. Tornou a virar de lado, enrolou-se no

cobertor e dormiu de bruços. Estava dormindo quando vieram acordá-lo e desta vez não tinha sonhado nada.

4



Governou o barco a noite inteira, e Ara lhe fez companhia na segunda ponte de comando até a meia-noite, sendo revezado por Henry. Estavam enfrentando um mar muito agitado, e ficar no timão equivalia a segurar as rédeas de um cavalo morro abaixo, pensou. É o mesmo que descer cavalgando uma encosta íngreme e às vezes de lado. O mar é uma cordilheira de montanhas, e aqui dentro o terreno é acidentado como nas regiões inóspitas.

— Converse amigo — pediu a Ara.

— Sobre o quê, Tom?

— Qualquer coisa.

— O Peters não conseguiu pegar Guantánamo de novo. Estragou o rádio. O novo, o grande.

— Eu sei — disse Thomas Hudson, tentando equilibrar o barco ao máximo, ladeando o morro a cavalo. — Ele queimou algo que não sabe consertar.

— Ele está escutando — disse Ara. — O Willie o ajuda a ficar acordado.

— E quem ajuda o Willie a ficar acordado?

— Ele está bem acordado — disse Ara. — Não dorme melhor que você.

— E você?

— Estou pronto a ficar a noite toda, querendo. Não quer entregar-me o timão?

— Não. Não tenho mais nada pra fazer.

— Tom, você está se sentindo muito mal?

— Não sei. Você está?

— Já vi que não adianta — disse Ara. — Você quer o odre de vinho?

— Não. Traga-me cá uma garrafa de chá gelado e dê uma olhada no Peters e no Willie. Dê uma olhada em tudo.

Ara desceu, e Thomas Hudson ficou sozinho com a noite e o mar, sempre cavalcando-o como se fosse morro abaixo sem poder frear no meio do terreno acidentado.

Henry subiu com a garrafa de chá.

— Como vamos, Tom? — perguntou.

— Tudo em ordem.

— O Peters está com a repartição de polícia de Miami no rádio velho. Todos os carros-patrolha. O Willie quer falar com eles. Mas eu disse que não dava.

— Exato.

— No FUA,* o Peters pegou uma interferência qualquer em alemão, mas ele acha que é bem lá pelo norte, na zona de flotilhas que atacam comboios.

— Então ele não podia ouvir.

— Que noite mais engraçada, Tom.

— Nem tanto assim.

— Sei lá. Estou apenas dizendo. Dê-me o curso, me passe o timão e vá lá pra baixo.

— O Peters registrou a posição da interferência?

— Lógico.

— Peça ao Juan pra determiná-la pra mim e mande o Peters registrá-la. Quando foi que o filho da puta começou a interferir?

— Quando vim pra cá.

— Peça ao Juan pra determiná-la e registrá-la imediatamente.

— Sim, Tom.

— Como vão as figuras?

— Dormindo. O Gil também.

— Acorde o vagabundo e mande o Peters registrar a posição.

— Você precisa dela?

— Porra, eu sei perfeitamente onde estamos.

— Sim, Tom — disse Henry. — Vá descansar, se puder.

Henry voltou, mas Thomas Hudson não sentiu vontade de conversar, e Henry ficou a seu lado na ponte, escorando-se contra o balanço das ondas. Uma hora depois ele disse:

— Lá há um farol, Tom. A uns vinte graus a estibordo da proa.

— De fato.

Quando o farol ficou em ângulo reto com a quilha do barco, mudou o curso e o mar alto passou à popa.

— Agora ele vai pra casa descansar — disse a Henry. — Já estamos no canal. Acorde o Juan, mande-o aqui pra cima e fique de olho aberto mesmo. Você se atrasou com o farol.

— Desculpe, Tom. Vou chamar o Juan. Você não quer sentinelas?

— Só quando for perto do amanhecer — respondeu Thomas Hudson. — Eu lhe aviso.

Talvez tenham atalhado pelos baixios, estava pensando Thomas Hudson. Mas acho que não. Não haviam de querer fazer a travessia de noite, e de dia os baixios não inspirariam confiança a marinheiros de submarinos. Contornariam, que nem eu. Depois se insinuariam comodamente, tal como faremos, e provavelmente alcançariam a parte mais superior da costa cubana que aparecesse. Como não pretendem entrar em porto algum, seguirão com o vento. Vão manter-se longe de Confites porque sabem que lá há uma estação de rádio. Mas terão que conseguir comida, e água. Na verdade, pra eles seria melhor tentar aproximar-se o máximo possível de Havana, pra atracar nas proximidades de Bacuranao e se infiltrar a partir dali. Mandarei um aviso de Confites. Não lhe pedirei instruções. Isso nos atrasaria se ele estiver fora. Só direi do que se trata e o que estou fazendo. Ele que tome suas providências. Guantánamo, Camaguei, La Fe e o FBI podem todos fazer o mesmo, e dentro de uma semana, talvez, suceda algo.

Porra, pensou. Eu os pego esta semana. Vão ter que parar pra apanhar água e cozinhar o que levaram antes que os bichos morram de fome e apodreçam. É bem

possível que viajem apenas de noite e descansem de dia. Seria lógico. É o que eu faria se fosse eles. Tente pensar como um marinheiro alemão inteligente que tenha os problemas que esse comandante de submarino está enfrentando.

Nem há dúvida de que ele tem problemas, pensou Thomas Hudson. E o pior que terá de enfrentar somos nós, e ele nem sequer suspeita de nossa existência. Não lhe parecemos perigosos. Antes inócuos.

Não encare isso de modo sanguinário, pensou. Nada disso é capaz de trazer de volta qualquer coisa. Use a cabeça e contente-se em ter algo a fazer e gente boa pra ajudá-lo.

— Juan — perguntou. — Que que você está vendo, rapaz?

— Só essa porra de oceano.

— E vocês aí, figurões, não veem nada?

— Porra nenhuma — respondeu Gil.

— A porra da minha barriga está vendo café. Mas não tem jeito de ele chegar mais perto — disse Ara.

— Estou vendo terra — anunciou Henry.

Acabava de vê-la, uma mancha baixa quadrada, como se alguém houvesse aplicado o polegar lambuzado de tinta fraca no céu que clareava.

— Aquilo fica por trás do Romano — disse Thomas Hudson. — Obrigado, Henry. Agora, pessoal, vão tomar café lá embaixo e mandem outros quatro desesperados cá pra cima pra verem coisas estranhas e engraçadas.

— Não quer café, Tom? — perguntou Ara.

— Não. Eu tomo chá quando estiver pronto.

— Ficamos só duas horas de sentinela — disse Gil. — Ninguém precisa largar, Tom.

— Vão lá pra baixo, tomem café e deem a outros desesperados uma chance de glória.

— Tom, você não falou que achava que eles tinham ido pra Lobos?

— Falei. Mas mudei de ideia.

Todos desceram, e mais quatro subiram.

— Senhores — disse Thomas Hudson. — Dividam os quatro quadrantes entre vocês. Tem café lá embaixo?

— À beça — respondeu o imediato. — E chá. As máquinas estão boas, e o barco não fez mais água do que era de esperar no mar desenhado.

— Como vai o Peters?

— Esta noite ele bebeu do próprio uísque dele. Aquele que tem o cordeirinho no rótulo. Mas ficou acordado. O Willie não deixou que ele pegasse no sono e tomou do uísque dele — disse o imediato.

— Em Confites temos que botar gasolina e levar tudo o que tiver.

— Eles podem carregar rápido, e eu posso matar um porco, escaldar e raspar — disse o imediato. — Dou um pedaço pra eles lá na estação de rádio pra me ajudarem e posso retalhar enquanto o barco já estiver andando. Você dorme um pouco enquanto a gente carrega. Não quer entregar-me o timão?

— Não. Só tenho que mandar três avisos em Confites, vocês carregam, e eu durmo. Depois a gente segue adiante.

— Direto ao destino?

— Claro. Talvez consigam evitar-nos durante certo tempo. Mas não hão de nos escapar. Depois a gente combina. Como vão eles?

— Você os conhece. Depois a gente fala. Vá um pouco mais por dentro, Tom. Com a contracorrente você encurta caminho.

— O balanço lhe prejudicou muito?

— Pouca coisa. Foi um puto de mar atravessado — respondeu o imediato.

— *Yo lo creo* — retrucou Thomas Hudson. — Acredito.

— Por aqui só devia andar o pessoal desse tal submarino. É certo que tem que ser o que encontraram afundado. Agora andam rondando lá por La Guayra e acima de Kingston e em toda a rota dos petroleiros. É também em flotilhas que atacam os comboios em grupo.

— E às vezes também por aqui.

— Sim, pro mal dos nossos pecados.

— E dos deles.

— Neste barco vai dar pra persegui-los bem, com inteligência.

— Vamos começar logo — disse Thomas Hudson.

— Não houve nenhum atraso.

— Pra mim ele vai muito lento.

— Sim — concordou o imediato. — Mas trate de dormir um pouco em Confites, e garanto como tudo irá mais depressa do que você possa imaginar.

Nota

* Frequência ultra-alta. (N.T.)

5



Thomas Hudson avistou o elevado posto de observação na ilhota arenosa e a alta torre de sinalizações. Estavam pintados de branco e eram as primeiras coisas que apareciam. Depois viu as torres baixas da estação de rádio e os volumosos destroços do navio naufragado e caído nas rochas que encobriam a visão do casebre da estação. A ilhota, daquele ângulo, não era bonita.

O sol estava atrás de Thomas Hudson, e foi fácil encontrar a primeira passagem ampla no meio dos recifes e depois, evitando os escolhos e as pontas de coral, sair no abrigo a sota-vento. Havia uma meia-lua de praia arenosa, e a ilha era coberta de grama seca desse lado e rochosa e plana na extremidade a barlavento. A água estava transparente e verde sobre a areia, e Thomas Hudson veio bem perto do centro da praia e ancorou com a popa quase voltada para a costa. O sol já ia alto, e a bandeira de Cuba ondulava sobre o casebre e as dependências anexas. O poste de sinalização estava nu ao vento. Não havia ninguém à vista, e o pavilhão cubano, novo e rutilante de limpo, batia ruidosamente.

— Talvez tivessem sido revezados — disse Thomas Hudson. — A bandeira velha estava bastante gasta quando partimos.

Olhou e viu as latas de gasolina no mesmo lugar em que as deixara e as marcas de escavação na areia onde suas barras de gelo deviam achar-se enterradas. A areia estava alta como túmulos recém-feitos, e andorinhas negras sobrevoavam a ilha ao

vento. Aninhavam-se nas rochas da extremidade a barlavento, mas algumas preferiam abrigar-se na grama a sota-vento. Agora se precipitavam pelos ares, impulsionadas pelo vento, cortando-o feito navalhas afiadas e mergulhando em direção à grama e às rochas. Todas gritavam, triste, desesperadamente.

Deve andar alguém por aí procurando ovos pro café, pensou Thomas Hudson. No mesmo instante sentiu cheiro de presunto frito na cozinha de bordo. Foi à popa e avisou lá embaixo que tomaria o café na ponte. Examinou cuidadosamente a ilha. É possível que estejam aqui, pensou. Podiam ter capturado o posto.

Mas um homem de calção veio descendo o caminho que se estendia do casebre até a praia; era o tenente. Estava muito queimado e alegre, e fazia três meses que não cortava o cabelo.

— Como foi de viagem? — gritou.

— Bem — respondeu Thomas Hudson. — Não quer vir tomar uma cerveja a bordo?

— Depois — disse o tenente. — Trouxeram o seu gelo, víveres e um pouco de cerveja dois dias atrás. O gelo nós enterramos. As outras coisas estão na casa.

— Quais são as novidades?

— Consta que a aviação afundou um submarino perto de Guinchos há dez dias. Mas isso foi antes de você ir embora.

— Sim — disse Thomas Hudson. — Já faz duas semanas. Será que é o mesmo?

— É.

— Nenhuma outra novidade?

— Outro submarino deve ter derrubado um pequeno dirigível de observação perto de Cayo Sal anteontem.

— Confirmaram?

— Foi o que ouvimos dizer. Depois teve a história do seu porco.

— Sim?

— No mesmo dia do dirigível, trouxeram um porco pra você junto com os víveres, e na manhã seguinte ele saiu nadando mar afora e se afogou. Tínhamos lhe dado de comer, ainda por cima.

— ¡Qué puerco más suicido! — exclamou Thomas Hudson.

O tenente riu. Tinha o rosto queimado muito alegre e não era burro. Divertia-se em desempenhar aquele papel. Recebera ordens para fazer tudo o que pudesse por Hudson, sem lhe perguntar nada. Thomas Hudson tinha instruções para usar todas as facilidades que a estação pudesse proporcionar-lhe, sem revelar nada a ninguém.

— Mais alguma novidade? — perguntou. — Não viu nenhum barco de esponjas ou de tartarugas das Bahamas?

— Pra que viriam pra cá, com tanta tartaruga e esponja por lá? Mas dois barcos de tartarugas das Bahamas passaram por aqui esta semana. Dobraram o cabo e mudaram de rumo pra entrar. Mas em vez disso seguiram pra Cayo Cruz.

— Que será que andavam fazendo por aqui?

— Sei lá. Você cruza essas águas pra fins científicos. Pra que que os barcos de tartarugas iam deixar os melhores pontos de pesca pra vir pra cá?

— Quantos homens deu pra você enxergar?

— Só deu pra ver os que estavam na cana do leme. Os barcos tinham o convés coberto por alguns ramos de palmeira. Parecia até um casebre. Podia ser pra fazer sombra pras tartarugas.

— Os timoneiros eram brancos ou negros?

— Brancos e queimados de sol.

— Não deu pra ver nenhum número ou nome nos barcos?

— Não. Estavam longe demais. Aquela noite eu pus a ilha em estado de prontidão, no dia seguinte e de noite também, mas não houve nada.

— Quando foi que eles passaram?

— Na véspera da chegada do seu gelo, víveres e porco suicida. Onze dias depois que comunicaram que o submarino tinha sido afundado pela aviação americana. Três dias antes que você viesse pra cá. São amigos seus?

— Você, naturalmente, fez sinais pra eles?

— Lógico. E não tive resposta.

— Dá pra mandar três mensagens pra mim?

— Claro. Entregue-me assim que estiverem prontas.

— Vou começar a carregar gasolina e gelo e trazer os víveres pra bordo. Não há nada no meio de que vocês precisem?

— Não sei. Tem uma lista. Eu assinei, mas não pude ler porque era em inglês.

— Não mandaram galinha nem peru?

— Sim — disse o tenente. — Estava reservando pra lhe fazer uma surpresa.

— Vamos dividi-los — disse Thomas Hudson. — E a cerveja também.

— Deixe meu pessoal ajudar vocês a carregar a gasolina e o gelo.

— Ótimo. Muito obrigado. Gostaria de partir dentro de duas horas.

— Compreendo. O nosso revezamento ficou pro mês que vem.

— Outra vez?

— Outra vez.

— E o que que o seu pessoal acha?

— Todos estão aqui por medida disciplinar.

— Muito obrigado pelo auxílio de vocês. O mundo inteiro da ciência agradece.

— Guantánamo também?

— Guantánamo, a Atenas da ciência.

— Tenho a impressão de que se esconderam nalgum lugar.

— Eu também — disse Thomas Hudson.

— As coberturas eram de ramos de coqueiro e ainda estavam verdes.

— Descreva mais alguma coisa.

— Não sei de mais nada. Mande entregar-me as mensagens. Não subo a bordo pra não lhe roubar muito tempo nem atrapalhar.

— Se chegar qualquer coisa deteriorável enquanto eu estiver longe, use antes que estrague.

— Obrigado. Lamento que o seu porco tivesse cometido o tal suicídio.

— Obrigado — disse Thomas Hudson. — Cada um de nós tem seus pequenos problemas.

— Vou recomendar pra que ninguém suba a bordo e só ajudem a carregar na popa e no costado.

— Obrigado — agradeceu Thomas Hudson. — Não se lembra de mais nada sobre os barcos de tartarugas?

— Eram comuns. Um quase idêntico ao outro. Pareciam construídos pelo mesmo armador. Dobraram o cabo dos recifes e mudaram o rumo pra vir pra cá. Depois partiram pra Cayo Cruz a favor do vento.

— Por dentro dos recifes?

— Por dentro até desaparecerem de vista.

— E o submarino ao largo de Cayo Sal?

— Permaneceu à tona e disparou contra o dirigível.

— Eu, se fosse você, ficaria de prontidão.

— Já estou — retrucou o tenente. — Foi por isso que você não viu ninguém.

— Vi os pássaros se mexendo.

— Pobres pássaros — disse o tenente.

6



Dirigiram-se para o lado ocidental por dentro dos recifes com o vento pela popa. Os tanques tinham sido cheios, o gelo acondicionado, e embaixo uma atalaia escolhia e depenava galinhas. A outra limpava armas. A lona que protegia a segunda ponte de comando até a altura da cintura achava-se presa por cordas, e as duas tábuas compridas que anunciavam em letras de forma de trinta centímetros a missão científica do barco foram postas no lugar. Debruçando-se na amurada para verificar a profundidade da água, Thomas Hudson viu os pedaços de pena de galinha boiando na superfície do mar.

— Continue seguindo o mais perto possível da margem sem bater em nenhuma faixa de areia — pediu a Ara. — Você conhece esta costa.

— Eu sei que ela é traiçoeira — retrucou Ara. — Aonde vamos ancorar?

— Quero dar uma olhada na entrada de Cayo Cruz.

— A gente pode dar, mas acho que não vai adiantar grande coisa. Você não supõe que eles estejam lá, não é?

— Não. Mas talvez haja pescadores que os tenham visto. Ou vestígios de fogueira.

— Tomara que esse vento pare — disse Ara. — Eu gostaria que fizesse uns dois dias de calmaria absoluta.

— Pros lados de Romano está caindo uma verdadeira borrasca.

— Eu sei. Mas este vento sopra por aqui que nem por uma garganta nas montanhas. Nunca pegaremos essa gente se ele continuar assim.

— Por enquanto acertamos — disse Thomas Hudson. — E talvez tenhamos um pouco de sorte. Eles podiam ter tomado Lobos e usado o rádio de lá pra chamar o tal do outro submarino pra levá-los embora.

— Isso mostra que não sabiam que o outro submarino andava por lá.

— Com certeza. Em dez dias eles se locomovem à beça.

— Quando querem — retrucou Ara. — Vamos parar de pensar, Tom. Me dá dor de cabeça. Prefiro lidar com latas de gasolina. Pense você e me diga pra onde você quer que eu governe.

— Continue como você vai indo e cuidado com esse Minerva perigoso. Afaste-se bem dele e dos bancos de areia.

— Perfeito.

Será que o submarino perdeu o rádio quando foi atacado?, pensou Thomas Hudson. Deviam ter outro de emergência que desse pra usar. Mas o Peters nunca o pegou no FUA depois que foram atacados. No entanto, isso não prova coisa nenhuma. Não há prova de nada, salvo que aqueles dois barcos foram vistos três dias atrás no curso que agora seguimos. Eu perguntei a ele se havia escaleres no convés? Não, esqueci. Mas decerto havia, porque ele disse que eram barcos comuns de tartarugas das Bahamas, só que tinham armado ramos de palmeira pra servirem de abrigo.

Quantos seriam? Você não sabe. Algum ferido? Você não sabe. Quantos armados? Você só sabe de uma metralhadora portátil. Que rumo tomaram? Por enquanto estamos nele.

Pode ser que a gente encontre alguma coisa entre Cayo Cruz e Mégano, pensou. Mas no mínimo o que se vai encontrar é uma porção de rastros de maçarico e iguano na areia em direção ao reservatório d'água.

Bem, assim você não pensa em outras coisas. Que outras coisas? Não tem outra coisa nenhuma. Ah, tem, sim. Tem o navio, esta tripulação, o mar e os canalhas que você está perseguindo. Mais tarde você vai rever seus bichos, ir à cidade, se

embebedar até mais não poder, arrastar sua carcaça e depois se aprontar pra sair e repetir tudo de novo.

Quem sabe se desta vez você agarra esses caras. Você não destruiu o submarino, mas de certo modo contribuiu pra sua destruição. Se conseguir arrebanhar os tripulantes, será extremamente útil.

Então por que você não liga absolutamente pra nada?, perguntou a si mesmo. Por que não os imagina como assassinos e sente a sensação de estar fazendo justiça, como devia sentir? Por que insiste apenas em correr e correr atrás deles, sem parar, feito um cavalo sem jóquei que continua no páreo? Porque somos todos assassinos, respondeu a si mesmo. Todos estamos de ambos os lados, se valemos alguma coisa, e daí não resultará nada que preste.

Mas você tem que fazer isso. Claro, disse. Mas não tenho que me orgulhar. Tenho apenas que fazer direito. Você não é pago pra gostar. Você nem sequer é pago, frisou. O que ainda piora mais.

— Agora deixe por minha conta, Ara — pediu.

Ara passou-lhe o timão.

— Fique sempre de olho a estibordo. Mas não vá ficar ofuscado pelo sol.

— Vou buscar meus binóculos. Escute aqui, Tom. Por que você não me deixa governar e bota uma boa sentinela de quatro homens aqui em cima? Você está exausto e não descansou nada lá na ilhota.

— Nós não precisamos de uma sentinela de quatro homens aqui em cima. Depois precisaremos.

— Mas você está cansado.

— Não sinto sono. Olhe, se eles andam de noite aqui por perto da costa, eles vão se estrepar. Aí terão que parar pra fazer consertos, e nós os encontraremos.

— Isso não é motivo pra você nunca descansar, Tom.

— Não estou fazendo isso pra me exhibir — retrucou Thomas Hudson.

— Ninguém jamais pensou numa coisa dessas.

— Como é que você se sente em relação a esses canalhas?

— Apenas que haveremos de agarrar essa cambada, matar o que for necessário e prender o resto.

— E quanto ao massacre?

— Eu não digo que teríamos feito a mesma coisa. Mas eles acharam que era necessário. Não fizeram aquilo por prazer — respondeu Ara.

— E o companheiro que eles mataram?

— O Henry já quis matar o Peters uma porção de vezes. Eu mesmo já tive vontade.

— Sim — concordou Thomas Hudson. — Não é um sentimento incomum.

— Eu não penso em nenhuma dessas coisas e por isso não me preocupo. Por que você não faz o mesmo, e lê pra se acalmar como sempre fez?

— Hoje de noite eu vou dormir. Assim que ancorarmos, vou ler e depois dormir. Embora não pareça, estamos com quatro dias de vantagem sobre eles. Agora precisamos procurar com cuidado.

— Vamos agarrá-los ou entregá-los em mãos de terceiros — disse Ara. — Que diferença faz? Temos nosso orgulho, mas também temos outro que ninguém sabe.

— Foi o que eu esqueci — disse Thomas Hudson.

— É um orgulho sem vaidade — continuou Ara. — O irmão dele é o bandido, a irmã, o cavalo, e a mulher, o cocô.

— Deve ser um baita orgulho.

— E é — disse Ara. — Não esqueça isso, Tom, e não tente destruir-se. Todo mundo neste navio tem esse orgulho, inclusive o Peters. Apesar de eu não gostar dele.

— Obrigado pela informação — disse Thomas Hudson. — Às vezes sinto um desânimo fodido por tudo.

— Tom — disse Ara. — A única coisa que o homem tem é o orgulho. Às vezes a gente tem tanto que chega a ser pecado. Todos nós já fizemos coisas que sabíamos que eram impossíveis só por causa do orgulho. Não ligamos. Mas um homem deve tratar seu orgulho com inteligência e cuidado. Agora que você deixou de se cuidar, tenho que pedir que se cuide, por favor. Por nós e pelo navio.

— Nós, quem?

— Nós todos.

— OK — disse Thomas Hudson. — Mande buscar seus binóculos.

— Tom, por favor, compreenda.

— Eu compreendo. Muito obrigado. Vou comer um lauto jantar e dormir feito uma criança.

Ara não achou nenhuma graça e ele sempre achava graça de qualquer piada.

— Faça isso mesmo, Tom — disse.

7



Ancoraram na parte abrigada de Cayo Cruz, na enseada arenosa entre os dois baixios.

— Vamos soltar outra âncora pra atracar aqui — gritou Thomas Hudson ao imediato. — Não estou gostando deste fundo.

O imediato deu de ombros, curvou-se para a segunda âncora, e Thomas Hudson avançou o barco devagar contra a maré, atento à rama das margens flutuando na correnteza. Virou de popa até que a segunda âncora estivesse bem presa. O barco ficou de proa para o vento, com a maré passando rápida por ele. Havia muito vento mesmo neste abrigo, e Thomas Hudson sabia que quando a maré mudasse o costado oscilaria com as ondas.

— Que diabo — disse. — Deixe que jogue, ora.

Mas o imediato já tinha abaixado o escaler, e eles estavam soltando uma âncora de popa. Thomas Hudson viu jogarem a pequena Danforth onde firmaria o barco contra o vento quando a maré enchesse.

— Por que não solta mais duas? — gritou. — Aí talvez a gente pudesse impingi-lo pra uma droga de aranha.

O imediato sorriu-lhe.

— Ponha o motor nele. Eu vou até lá.

— Não, Tom — retrucou o imediato. — Quem vai é o Ara e o Willie. Eu levo os dois e outro grupo pra Mégano. Você quer que levem os *niños*?

— Não. Banquem os cientistas.

Estou me deixando manobrar demais, pensou. Isso quer dizer que preciso descansar um pouco mesmo. O caso é que não sinto cansaço nem sono.

— Antônio — disse.

— Sim — respondeu o imediato.

— Vê se me traz o colchão de ar, duas almofadas e um drinque grande.

— Que tipo de drinque?

— Gim e água de coco com angustura e lima.

— Um Tomini? — perguntou o imediato, satisfeito por ele estar bebendo de novo.

— Dose dupla.

Henry atirou-lhe o colchão de ar para cima e depois subiu com um livro e uma revista.

— Aqui não há vento — disse. — Não quer que eu abra uma parte da lona pra ventilar mais?

— Desde quando toda essa consideração?

— Tom, o pessoal andou conversando e todos concordaram que você precisa descansar um pouco. Já ultrapassou o limite de resistência que um homem é capaz de suportar. Agora chega.

— Bobagem — disse Thomas Hudson.

— Talvez — retrucou Henry. — Eu falei que achava que você ia indo bem, podendo aguentar ainda muito mais sem fraquejar. Mas os outros estão preocupados e me convenceram. Você pode convencer-me do contrário. Mas agora vá descansar, Tom.

— Nunca me senti melhor. Estou simplesmente me lixando.

— Por isso mesmo. Não há jeito de você descer da ponte. Quer passar todas as sentinelas governando. E não liga pra porra nenhuma.

— OK — disse Thomas Hudson. — Você me convenceu. Mas quem dá ordens aqui ainda sou eu.

— Francamente, não leve a mal o que eu disse.

— Deixe pra lá — retrucou Thomas Hudson. — Vou descansar. Você sabe revistar um baixio, não sabe?

— Devo saber.

— Veja o que há em Mégano.

— Esse fica por minha conta. O Willie e o Ara já foram na frente. Estou só esperando com o outro grupo que o Antônio volte com o escaler.

— Como vai o Peters?

— Passou a tarde inteira consertando o rádio grande. Ele acha que agora endireitou.

— Seria ótimo. Se eu pegar no sono, me acorde assim que você chegar.

— Sim, Tom.

Henry se abaixou e pegou algo que lhe entregaram. Era um copo grande cheio de gelo e de um líquido ferruginoso, envolto numa toalha de papel dobrada duas vezes e presa por elástico de borracha.

— Um Tomini duplo — disse Henry. — Beba isso, leia e vá dormir. Pode deixar o copo num escatel de granada grande.

Thomas Hudson tomou um longo gole.

— Gosto disso.

— Você sempre gostou. Tudo vai sair bem, Tom.

— Acho bom, porra.

— Trate apenas de descansar direito.

— Vou tratar.

Henry desceu, e Thomas Hudson ouviu o ruído do motor se aproximando. Parou, escutaram-se vozes conversando, e depois o ruído se afastou. Esperou um pouco, prestando atenção. Aí então jogou a bebida longe, por cima da amurada, deixando que o vento a lançasse à popa. Pousou o copo na fenda da grade tríplice em que melhor se encaixava e deitou de bruços, abraçado ao colchão de borracha.

Acho que levavam feridos debaixo dos ramos de palmeira, pensou. Serviam, evidentemente, pra esconder muita gente. Mas não creio. Teriam vindo pra cá na primeira noite. Eu devia ter ido até lá. De agora em diante irei. Mas o Ara e o Henry

não podem ser melhores, e o Willie é ótimo. Preciso esforçar-me pra ser ótimo. Hoje de noite vou me esforçar ao máximo, prometeu a si mesmo. E dar-lhes uma boa caçada, sem cometer erros nem correr mais do que eles.

8



Sentiu uma mão no ombro. Era Ara.

— Pegamos um, Tom — disse ele. — O Willie e eu.

Thomas Hudson se atirou lá para baixo, e Ara veio atrás. O alemão estava deitado na popa, enrolado num cobertor, a cabeça apoiada em duas almofadas. Peters, sentado no convés a seu lado, segurava um copo d'água.

— Veja o que nós pegamos — disse.

O alemão era magro, e tinha uma barba loura no queixo e nas faces cavas. Os cabelos estavam compridos e despenteados. À luz do entardecer, com o sol quase posto, parecia um santo.

— Ele não pode falar — avisou Ara. — O Willie e eu já tentamos. É melhor também você se manter a barlavento dele.

— Senti o cheiro quando desci — disse Thomas Hudson. — Pergunte a ele se não quer nada — pediu a Peters.

O radiotelegrafista falou-lhe em alemão, e o rapaz olhou na sua direção, mas não respondeu nem mexeu com a cabeça. Thomas Hudson ouviu o ruído do motor, virou para a enseada e viu o escaler surgindo do lado do crepúsculo. Vinha tão carregado que mal aparecia à tona d'água. Tornou a baixar os olhos para o alemão.

— Pergunte-lhe quantos eles são. Diga-lhe que precisamos saber. Que é importante.

Peters falou com o alemão numa voz baixa que a Thomas Hudson pareceu quase carinhosa.

O alemão pronunciou três palavras com grande esforço.

— Ele diz que nada é importante — traduziu Peters.

— Diga-lhe que está enganado. Eu tenho que saber. Pergunte se não quer morfina.

O alemão olhou reconhecido para Thomas Hudson e respondeu em três palavras.

— Ele diz que não dói mais — traduziu Peters.

Falou rapidamente em alemão, e Thomas Hudson reparou novamente no tom afetuosos; ou talvez fosse apenas o som carinhoso do idioma.

— Cale a boca, Peters — ordenou Thomas Hudson. — Traduza apenas e exatamente o que eu digo. Você ouviu?

— Sim, senhor — respondeu Peters.

— Diga-lhe que posso obrigá-lo a falar.

Peters explicou ao alemão, que virou os olhos na direção de Thomas Hudson. Agora eram olhos de velho numa fisionomia jovem que envelhecera feito madeira flutuante e quase tão cinzenta.

— Nein — disse o alemão penosamente.

— Ele diz que não — traduziu Peters.

— Sim, essa parte eu entendi — disse Thomas Hudson. — Busque um pouco de sopa quente pra ele, Willie, e traga um gole de conhaque. Peters, pergunte se ele não quer morfina mesmo que não tenha que falar. Diga-lhe que temos de sobra.

Peters traduziu. O alemão olhou para Thomas Hudson e sorriu de leve, de um jeito nórdico.

Respondeu quase imperceptivelmente a Peters.

— Ele diz que agradece a você, mas que não precisa e que é melhor economizá-la.

Depois ele falou qualquer coisa baixinho com Peters, que traduziu:

— Ele diz que na semana passada é que teria sido útil.

— Diga-lhe que o admiro muito — disse Thomas Hudson.

Antônio, o imediato, encostou o escalor com Henry e o resto do grupo de Mégano.

— Subam a bordo devagar — pediu-lhes Thomas Hudson. — Não se aproximem da popa. Temos um alemão moribundo aqui que eu quero que morra em paz. Que foi que vocês encontraram?

— Nada — respondeu Henry. — Absolutamente nada.

— Peters — disse Thomas Hudson. — Converse com ele tudo o que você quiser. Talvez descubra alguma coisa. Vou lá pra dentro com o Ara e o Willie pra apanhar um drinque.

Embaixo perguntou:

— Que tal a sua sopa, Willie?

— A primeira que eu pus a mão em cima era um caldo de mexilhões — respondeu Willie. — Já está quase quente que chega.

— Por que não fez uma de rabada ou de carne com caril? — perguntou Thomas Hudson. — Matariam o alemão mais depressa. Onde está a de galinha, porra?

— Eu não queria dar a de galinha pra ele. Ela é do Henry.

— Muito justo, por sinal — concordou Henry. — Pra que que a gente vai mimá-lo?

— Acho que realmente ninguém está fazendo isso. Se mandei dar um pouco de sopa e um trago foi porque pensei que talvez o ajudassem a falar. Mas ele não vai falar. Quer dar-me um gim, Ara?

— Eles fizeram um abrigo pra ele, Tom, e ele tinha uma boa cama feita de ramos e bastante água e comida num pote. Procuraram deixá-lo bem instalado e escavaram a areia pra servir de esgoto. Havia muitos rastros nítidos desde a praia, e eu diria que eram oito ou dez. Mais não. O Willie e eu o carregamos com todo o cuidado. As duas feridas são gangrenosas, e a gangrena já tomou quase conta da coxa direita. Talvez não se devia tê-lo trazido e sim ter vindo buscar você e o Peters pra interrogá-lo lá no abrigo dele. Nesse caso, a culpa é minha.

— Ele não tinha arma?

— Não. Nem qualquer identificação.

— Dê-me o meu drinque — pediu Thomas Hudson. — Quando que você calcula que os ramos pro abrigo foram cortados?

— No máximo ontem de manhã. Acho eu. Mas não tenho certeza.

— Ele não disse nada?

— Não. Ficou que mais parecia um espeto de pau quando nos viu com as pistolas. Uma hora tive a impressão de que sentiu medo do Willie. Quando viu o olho dele, no mínimo. Depois sorriu quando o levantamos.

— Pra mostrar que podia — explicou Willie.

— Depois desmaiou — disse Ara. — Quanto tempo você acha que ele vai levar pra morrer, Tom?

— Sei lá.

— Bem, vamos sair e levar os drinques — disse Henry. — Não confio no Peters.

— Vamos tomar o caldo de mexilhões — propôs Willie. — Estou com fome. Posso esquentar uma lata da sopa de galinha do Henry pra ele, se o Henry não achar ruim.

— Se servir pra obrigá-lo a falar — retrucou Henry. — Claro.

— É provável que não adiante pra nada — disse Willie. — Mas dar caldo de mexilhões pra ele do que jeito que ele está é sujeira. Leve o conhaque pra ele, Henry. Quem sabe ele gosta mesmo disso, tal que nem você e eu.

— Não o chateiem — pediu Thomas Hudson. — É um alemão direito.

— Lógico — revidou Willie. — Todo alemão que entrega os pontos fica direito.

— Ele não entregou os pontos — disse Thomas Hudson. — Está apenas morrendo.

— Com muita classe — acrescentou Ara.

— Você também tá ficando gamado pelos nazistas, é? — perguntou-lhe Willie.
— Como se não bastasse o Peters.

— Cale a boca, Willie — ordenou Thomas Hudson.

— Que que há com você? — retrucou Willie a Thomas Hudson. — Tá virando o líder exausto de um grupinho de fervorosos gamados por nazistas?

— Venha cá pra frente, Willie — disse Thomas Hudson. — Ara, leve a sopa pra popa quando estiver quente. Vocês, aí, podem ir ver o alemão morrer, se quiserem. Mas não se aglomerem ao redor dele.

Antônio fez menção de acompanhar Thomas Hudson e Willie até a proa, mas Thomas Hudson sacudiu a cabeça para ele, e o homenzarrão voltou à cozinha de bordo.

Os dois estavam na cabina da proa, e era quase noite. Thomas Hudson mal conseguia discernir a fisionomia de Willie. Nessa penumbra ela ficava melhor e mostrava o perfil do olho bom. Thomas Hudson olhou para Willie e depois para as duas correntes das âncoras e uma árvore ainda visível na praia. É um fundo arenoso traiçoeiro, pensou.

— Muito bem, Willie. — disse. — Desembuche logo.

— Você — começou Willie. — Sacrificando-se feito besta lá em cima só porque seu filho morreu. Não sabe que tudo quanto é filho morre?

— Sei. Que mais?

— Aquele porra do Peters e um nazista fodido empestando toda a popa, e que espécie de navio é este em que o cozinheiro é imediato?

— Que tal ele cozinha?

— Ele cozinha que é um colosso e entende mais da organização de uma embarcação pequena do que todos nós juntos, inclusive você.

— Muito mais.

— Bobagem, Tom. Não estou invocado. Não tenho porra nenhuma que me invocar. É que estou acostumado a fazer as coisas de outra maneira. Eu gosto aqui do navio e de todo mundo, menos daquele veado do Peters. Mas pare de se sacrificar à toa.

— Não estou me sacrificando coisa nenhuma — protestou Thomas Hudson. — Não penso em nada que não seja trabalho.

— Você é tão sublime que deviam recheá-lo e crucificá-lo — disse Willie. — Pense em boceta.

— Estamos indo nessa direção.

— Assim é que se fala.

— Willie, você já está bem?

— Lógico. Ora essa, por que não haveria de estar? Acho que o tal nazista me deu nos nervos. Deixaram-no todo arrumadinho, como nem nós deixaríamos ninguém. Ou talvez deixássemos, se tivéssemos tempo. Mas eles não se afobaram. Não imaginam como já estamos perto. Mas devem saber que há alguém lhes dando caça. Todo mundo anda agora atrás deles. Mas deixaram-no todo arrumadinho. Mais não seria possível pedir.

— Lógico — disse Thomas Hudson. — Eles também deixaram bem arrumadas aquelas pessoas lá no baixio, não foi?

— É — disse Willie. — O diabo é isso.

Nesse instante Peters entrou. Sempre se comportava feito fuzileiro naval, mesmo quando não estava em sua melhor forma, e sentia orgulho da verdadeira disciplina sem formalidades que constituía a norma do navio. Era ele quem se aproveitava disso ao máximo. Parou, perfilou-se, prestou continência, o que provava que estava bêbado, e disse:

— Tom, capitão, digo. Ele morreu.

— Quem que morreu?

— O prisioneiro, capitão.

— Tá bem — disse Thomas Hudson. — Ligue o gerador e vê se entra em contato com Guantánamo.

Devem ter alguma coisa pra nós, pensou.

— O prisioneiro falou? — perguntou a Peters.

— Não, capitão.

— Willie — disse. — Como é que você se sente?

— Bem.

— Pegue uns flashes e tire duas fotografias dele, de cada perfil do rosto, deitado na popa. Retire o cobertor e os calções dele e bata uma deitado de corpo inteiro tal como ele está lá na popa. Tire uma de frente, da cabeça, pegando o rosto em cheio, e outra deitado de bruços.

— Sim, capitão — disse Willie.

Thomas Hudson subiu para a segunda ponte de comando. Escutou o motor do gerador começando a funcionar e viu os clarões súbitos dos *flashes*. Lá na sede do serviço secreto da Marinha, onde avaliam os dados, não vão nem acreditar que a gente tenha pegado ao menos esse alemão, pensou. Não há nenhuma prova. Alguém dirá que é um cadáver que jogaram fora e que nós recolhemos. Devia tê-lo fotografado antes. Danem-se, ora. Amanhã talvez peguemos os outros.

Ara surgiu na ponte.

— Tom, quem é que você quer que vá levá-lo pra enterrar lá na praia?

— Quem trabalhou menos hoje?

— Todo mundo deu duro. Vou levar o Gil junto, e nós dois faremos a coisa. Podemos enterrá-lo na areia logo acima da linha de preamar.

— Talvez um pouco mais acima.

— Vou mandar o Willie vir cá pra você explicar pra ele como quer os dizeres na tábua. Eu tenho uma de uma caixa de provisões.

— Mande o Willie aqui.

— Vamos costurar a mortalha?

— Não. Basta enrolar no próprio cobertor dele. Mande o Willie aqui.

— Que era que você queria? — perguntou Willie.

— Escreva na tábua: “Marinheiro Alemão Desconhecido” e ponha a data embaixo.

— OK, Tom. Quer que eu vá junto com a turma do enterro?

— Não. O Ara e o Gil é que vão. Escreva os dizeres, vá descansar e tome um drinque.

— Assim que o Peters pegar Guantánamo, eu trago a mensagem. Você não quer descer?

— Não. Estou descansando aqui em cima.

— Que tal é a ponte de um grande navio como este, cheio de responsabilidades e besteiras?

— Praticamente igual a escrever os dizeres naquela tábua.

— Quando a mensagem de Guantánamo chegou, depois de decifrada dizia:
CONTINUEM PROCURANDO CUIDADOSAMENTE LADO OESTE.

Isso é conosco, disse Thomas Hudson consigo mesmo. Deitou e pegou imediatamente no sono, e Henry cobriu-o com um cobertor leve.

9



Uma hora antes de raiar o dia, já tinha descido e verificado o barômetro. Estava quatro décimos mais baixo. Acordou o imediato e mostrou-lhe.

O imediato olhou-o e acenou com a cabeça.

— Você viu o vendaval sobre Romano ontem — sussurrou. — Está indo pro sul.

— Faça-me um pouco de chá, por favor, sim? — pediu-lhe Thomas Hudson.

Eu tenho algum numa garrafa que está no gelo.

Foi para a popa, encontrou um esfregão e um balde e começou a lavar o convés. Já havia sido lavado antes, mas tornou a lavá-lo e enxaguou o esfregão. Depois levou a garrafa de chá gelado lá para cima da segunda ponte e esperou que amanhecesse.

Antes do amanhecer o imediato puxou a âncora da popa e aí, com Ara, recolheu a de estibordo, e eles e Gil içaram o escaler para dentro do barco. Por fim o imediato bombeou o fundo do casco e verificou os motores.

Botou a cabeça para fora e avisou:

— Quando você quiser.

— Por que que fez tanta água?

— Foi só uma caixa de gaxeta. Apertei-a um pouco. Mas prefiro que faça um pouco d'água a que es quente demais.

— Está bem. Mande o Ara e o Henry pra cá. Vamos partir.

Recolheram a âncora, e ele virou para Ara.

— Mostre-me a árvore de novo.

Ara apontou um ponto logo acima da linha da praia que estavam deixando, e Thomas Hudson marcou uma cruzinha a lápis no mapa.

— O Peters nunca mais pegou Guantánamo?

— Não. Já queimou outra vez.

— Bem, estamos atrás deles, e eles têm outro pessoal à frente deles, e nós sabemos o que devemos fazer.

— Você acha que o vento irá de fato pro sul, Tom? — perguntou Henry.

— O barômetro indica que sim. Vai dar pra ver melhor quando começar a ventar.

— Lá pelas quatro horas não havia quase vento.

— As moscas da areia não o atacaram?

— Só de dia.

— É melhor você ir lá embaixo e botar Flit nelas. Não tem cabimento sair com elas por aí.

Era um dia lindo, e virando para a enseada onde tinham ancorado e para a praia e as moitas de Cayo Cruz, que ambos conheciam tão bem, Thomas Hudson e Ara viram as nuvens altas, aglomeradas sobre a terra. Cayo Romano surgia como se fosse o continente, e as nuvens se erguiam sobre a ilha com sua promessa de vento sul ou calmaria e pés de vento terrestres.

— Que é que você pensaria se você fosse alemão, Ara? — perguntou Thomas Hudson. — Que pensaria se visse aquilo e soubesse que ia perder seu vento?

— Tentaria ir por dentro — respondeu Ara. — Acho que isso é o que eu faria.

— Pra ir por dentro você precisaria de um guia.

— Eu arrumaria um — disse Ara.

— Onde?

— Entre os pescadores lá em Antón ou no interior de Romano. Ou em Coco. Deve haver pescadores salgando peixe agora por ali. Talvez haja até um barco-depósito em Antón.

— Vamos tentar em Antón — disse Thomas Hudson. — Como é bom acordar de manhã e governar com o sol pelas costas.

— Já pensou que maravilha seria o oceano se a gente sempre governasse com o sol pelas costas e num dia como este?

O dia estava que mais parecia verão, e de manhã os vendavais ainda não se haviam formado. Tudo era promessa de bonança, e o mar se espelhava liso e claro. Podia-se enxergar nitidamente o fundo, até ir se afastando cada vez mais da costa, até se aproximar do Minerva, com os vagalhões quebrando placidamente nas rochas de coral. Eram as ondas que restavam de dois meses de incessantes e fortes alísios. Mas quebravam mansa e carinhosamente, e com uma regularidade passiva.

Era como se estivessem dizendo agora somos todos amigos e nunca mais vai haver nenhum perigo nem violência, pensou Thomas Hudson. Por que o oceano é tão desonesto assim? Um rio sabe ser traiçoeiro, cruel, carinhoso e amigo. Um arroio sabe ser totalmente amigo, e se a gente não abusa, pode confiar nele a vida inteira. Mas o oceano sempre tem que mentir antes de se encapelar.

Olhou de novo para aquele movimento de ascensão e queda que mostrava o Minerva com tanta regularidade e encanto que era como se estivesse tentando oferecê-lo como ponto de atração.

— Quer fazer-me um sanduíche? — pediu a Ara. — De carne enlatada e cebola crua, ou de presunto com ovos e cebola crua. Depois que você tomar o café, traga uma sentinela de quatro homens pra cá e examine todos os binóculos. Vou passar ao largo antes de entrar em Antón.

— Sim, Tom.

Só queria saber o que eu faria sem o Ara, pensou Thomas Hudson. Você dormiu maravilhosamente bem, disse para si mesmo, e não podia estar se sentindo melhor. Temos nossas instruções, estamos no rastro certo deles e empurrando-os na direção de outras pessoas. Você está seguindo as ordens que recebeu e veja que manhã bonita que você tem pra lhes dar caça. Mas as perspectivas são boas demais, porra.

Avançaram pelo canal afora olhando cuidadosamente para todos os lados, mas não havia nada além do mar silencioso, matutino, com suas ondulações amigas e a

extensa linha verde do interior de Romano e seus inúmeros baixios intermediários.

— Desse jeito não vão conseguir velejar muito longe — disse Henry.

— Não vão conseguir velejar pra lugar nenhum — frisou Thomas Hudson.

— Vamos entrar em Antón?

— Lógico. E ver se tudo é como imaginamos.

— Gosto de Antón — disse Henry. — Tem um ponto ótimo pra atracar, se estiver calmo, pra gente não ser surpreendido.

— Por dentro seriam capazes de levar-nos de arrastão — afirmou Ara.

Um pequeno hidroavião apareceu no horizonte, voando baixo e se aproximando deles. Era branco e diminuto sob a luz do sol.

— Avião — avisou Thomas Hudson. — Mande hastear a bandeira grande.

O avião veio vindo até roncar em cima deles. Depois deu duas voltas em torno do barco e seguiu viagem para o lado leste.

— Não estaria tão ileso se tivesse localizado algum — disse Henry. — Teria sido derrubado.

— Ele podia mandar a localização, e Cayo Francés iria buscá-lo.

— Talvez — disse Ara.

Os outros dois bascos não falaram nada. Continuaram de costas, um para o outro, examinando seus quadrantes.

Depois de certo tempo, o basco que chamavam de George, porque o nome dele era Eugênio e Peters nem sempre conseguia pronunciar Eugênio direito, disse:

— O avião vem voltando pelo lado leste entre os baixios mais externos e Romano.

— Ele vai pra casa tomar café — disse Ara.

— Comunicará nossa posição — disse Thomas Hudson. — Pra que dentro de um mês talvez todo mundo saiba onde estávamos hoje a esta hora.

— Se não fizer confusão com a localização no mapa dele — disse Ara. — Paredón Grande, Tom. A um ângulo aproximado de vinte graus da amurada de bombordo.

— Você tem vista boa — disse Thomas Hudson. — É isso mesmo, tem razão. É melhor eu seguir por dentro e achar o canal interno pra Antón.

— Vire noventa graus a bombordo e tenho a impressão de que você vai achar.

— Em todo caso costearei pela margem até encontrar esse maldito canal.

Rumaram para a faixa de ilhotas verdes que apareciam feito sebes pretas saindo d'água e depois adquiriam forma e colorido, e finalmente praias de areia. Thomas Hudson deixou com relutância o canal aberto, o mar promissor e a beleza matinal das águas fundas em troca do esquadrinhamento dos baixios internos. Mas o avião varrendo a costa nessa direção, voltando para percorrê-la com o sol pelas costas, significava que ninguém tinha visto barcos ao leste. Também podia ser apenas uma patrulha rotineira. Mas era lógico que significasse a primeira hipótese. Uma patrulha rotineira percorreria o canal em ambos os sentidos.

Enxergou Antón, uma ilha bem arborizada e agradável crescendo a sua frente, e começou a procurar as balizas enquanto manobrava para se aproximar da margem. Tinha que se basear na árvore mais alta do topo da ilha e enquadrá-la perfeitamente no pequeno cunho em Romano. Com esse ângulo, poderia entrar mesmo que o sol lhe batesse nos olhos e a água tivesse brilho de vidro ardente.

Hoje não precisava daquilo. Mas fez só para praticar e, quando achou a árvore, pensou: eu devia ter algo mais permanente como ângulo de direção numa costa exposta a furacões. Adiantou-se lentamente pela margem até enquadrar a árvore cuidadosamente na reentrância do cunho, depois virou abruptamente para dentro. Agora navegava no canal entre margens margosas, escassamente cobertas de água, e disse a Ara:

— Peça ao Antônio pra pôr um anzol. Talvez se pegue alguma coisa pra comer. Esse canal tem um banco de areia formidável no fundo.

Depois governou orientando-se exclusivamente pelo ângulo de direção. Sentiu-se tentado a não olhar para as margens, mas a avançar em linha reta no meio delas. Sabia, porém, que isso era uma das manifestações de orgulho excessivo de que Ara tinha falado e pilotou cautelosamente pela margem a estibordo, virando daquele lado quando se acercava demais e não pelo segundo ângulo de direção de que dispunha. Era o mesmo que enveredar pelas ruas regulares de um novo loteamento de terras, e a maré já vinha subindo.

Primeiro veio parda, depois pura e limpa. Pouco antes de chegar à parte que havia imaginado como ponto ideal de ancoradouro, ouviu Willie gritar:

— Peeixe! Peeixe!

Olhando para a popa, viu um camurupim se debatendo fora d'água. Estava de boca aberta, era imenso, e o sol brilhava nas escamas prateadas e no longo talho verde da barbatana dorsal. Sacudia-se desesperadamente e caiu com estardalhaço na água.

— *Sábalo* — gritou Antônio, enojado.

— Um *sábalo* que não serve pra nada — disseram os bascos.

— Posso cansá-lo, Tom? — perguntou Henry. — Gostaria de pegá-lo mesmo que não seja bom pra comer.

— Tire-o do Antônio, se o Willie não tiver agarrado. Pede ao Antônio pra vir correndo pra cá. Vou ancorar.

O rebuliço e os saltos do imenso camurupim continuaram na popa, ninguém prestando atenção a não ser para sorrir, enquanto ancoravam.

— Quer soltar outra? — gritou Thomas Hudson lá da proa.

O imediato sacudiu a cabeça. Depois que oscilaram bastante por causa da âncora, ele subiu à ponte.

— Agora ele aguenta tudo, Tom — disse. — Qualquer tipo de vendaval. E não faz nenhuma diferença se ele sacudir, não vamos ter movimento algum.

— A que horas chega o vendaval?

— A partir das duas — respondeu o imediato, olhando o céu.

— Largue o escaler — pediu Thomas Hudson. — E me dê uma lata extra de gasolina junto com o motor. Temos que ir voando como o diabo.

— Quem é que vai com você?

— Só o Ara, o Willie e eu. Não quero muito peso pra atrapalhar.

10



No escaler os três levaram capas de chuva para cobrir os niños. Estes eram metralhadoras portáteis Thompson dentro de sacos compridos forrados de lã de ovelha. Os sacos tinham sido cortados e costurados por Ara, que não era alfaiate, e Thomas Hudson havia embebido a lã tosquiada da parte interna com um óleo protetor que recendia levemente a ácido fênico. Como as armas se aninhavam em berços forrados de lã, porque pendiam suspensos e abertos na seção da segunda ponte de comando, os bascos as apelidavam de “criancinhas”.

— Dê-nos uma garrafa d’água — pediu Thomas Hudson ao imediato.

Quando Antônio a trouxe, pesada e fria, com o gargalo bojudo fechado a rolha, Thomas Hudson entregou a Willie, que a guardou na parte dianteira do escaler. Ara gostava muito de manobrar o motor e se colocou na popa. Thomas Hudson ficou no centro, e Willie se agachou na proa.

Ara rumou direto ao baixio, e Thomas Hudson olhou as nuvens que se amontoavam sobre a terra.

Ao chegarem à água rasa, Thomas Hudson pôde ver os montículos acinzentados de caramujos sobressaindo na areia. Ara se curvou para frente e perguntou:

— Quer dar uma espiada na praia, Tom?

— Talvez fosse bom antes da chuva.

Ara dirigiu o escaler rapidamente para a praia, só desligando o motor no último impulso. A maré havia escavado a areia, abrindo um pequeno canal no promontório, e ele entrou por ali, deixando o escaler enviesado na praia.

— Em casa de novo — exclamou Willie. — Como é o nome desta ordinária?

— Antón.

— Não Antón Grande, Antón Chico ou Antón El Cabrón?

— Apenas Antón. Você vai até aquele cabo lá ao leste e depois segue adiante. Nós o apanharemos. Vou dar uma vistoria rápida nesta praia e o Ara vai deixar o escaler num canto qualquer lá por baixo, depois do próximo promontório, se encarregando do trecho seguinte. Depois eu o pego com o escaler, e nós dois iremos buscá-lo.

Willie tinha seu niño enrolado na capa de chuva e pousou-o no ombro.

— Se eu achar algum alemão, posso matar?

— O coronel disse que todos menos um — respondeu Thomas Hudson. — Trate de poupar o mais esperto.

— Farei testes de QI com cada um deles antes de tocar fogo.

— Aproveite e faça um também.

— Meu QI é uma merda, senão eu não estaria aqui — disse Willie, pondo-se a caminho. Andava com passo indolente, mas observando a praia e o terreno pela frente com o máximo cuidado possível.

Thomas Hudson explicou em espanhol a Ara o que iam fazer e depois deu um empurrão no escaler. Começou a percorrer a praia com o niño debaixo do braço, sentindo a areia entre os dedos descalços. Lá adiante, o escaler contornava o pequeno promontório.

Estava contente por ter vindo à costa e caminhava com seu passo mais rápido, sempre examinando tudo. Era uma praia agradável e não tinha nenhum pressentimento em relação a ela, como já tivera anteriormente naquele mesmo dia em alto-mar.

Que manhã mais estranha, pensou. Talvez seja apenas a calmaria. A sua frente, podia ver as nuvens ainda se formando. Mas nada tinha começado a surgir. Já não havia nenhuma mosca de areia no calor do sol, nem mosquitos e logo adiante

enxergou uma garça alta e branca parada a contemplar a água rasa, de cabeça, pescoço e bico imóveis. Não havia levantado voo quando Ara passara com o escaler.

Temos que revistar tudo com cuidado, muito embora eu não acredite que haja nada por aqui, pensou. Hoje estão paralisados pela calmaria, portanto não temos nada a perder e seria criminoso nos atropelarmos. Por que sei tão pouco sobre eles? pensou. A culpa é minha. Eu devia ter entrado e dado uma olhada na cabana que construíram e nos rastros. Questionei o Willie e o Ara, e os dois são realmente ótimos. Mas também devia ter entrado.

É a repugnância que sinto por saber que vou encontrá-los, pensou. É meu dever, quero e hei de pegá-los. Mas me dá uma espécie de sensação de serem meus companheiros de cela da morte. Será que os condenados que compartilham da mesma cela se odeiam? Não posso acreditar, a menos que estejam loucos.

Nesse instante exato a garça levantou voo para mais longe na praia. Freando as grandes asas brancas e depois ensaiando uns passos desajeitados, pousou. Que lástima que a perturbei, pensou Thomas Hudson.

Revistou a praia toda acima da maré alta. Mas não havia nenhuma marca, exceto onde uma tartaruga se arrastara duas vezes. Deixara um sulco largo até o mar, de lá até a areia, e uma depressão enlameada que indicava que tinha botado ovos.

Não tenho tempo pra cavar os ovos, pensou. As nuvens já começaram a escurecer e mudar de lugar.

Se eles tivessem vindo pra este lado do baixio, certamente teriam escavado pra tirar os ovos. Olhou em frente, mas não pôde ver o escaler porque havia outro promontório encobrando a vista.

Continuou caminhando onde a areia não estava úmida da maré alta e viu eremitas-bernardos e siriaçus carregando suas carapaças e se esgueirando pela faixa de areia para entrar na água. À direita, no canal raso, um cardume de tainhas formava uma massa cinzenta que deslocava sua sombra no fundo arenoso. Viu também o vulto de uma enorme bicuda à espreita das tainhas e depois as fileiras de peixes, compridas, pálidas, acinzentadas e aparentemente imóveis. Não diminuiu o passo e em breve as ultrapassava, aproximando-se outra vez da garça.

Vejamos se consigo cruzar por ela sem espantá-la, pensou. Mas no momento exato em que emparelhava com a garça, as tainhas saltaram fora d'água, aos pulos hirtos, os olhos esbugalhados, abruptamente, prateadas ao sol, mas não bonitas. Thomas Hudson virou para olhá-las e tentou divisar a bicuda que investia sobre elas. Não pôde ver o peixe voraz; somente os saltos de desespero das tainhas apavoradas. Notou então que o cardume tornara a formar uma mancha cinza e móvel, e quando virou novamente a cabeça a garça tinha fugido. Enxergou-a no alto, esvoaçando as asas brancas sobre a água verde e logo adiante estava a praia de areia amarela e o renque de árvores junto ao promontório. As nuvens começavam a escurecer por trás de Romano. Apressou o passo para contornar o promontório e verificar onde Ara havia deixado o escalér.

Ao apressar o passo sentiu uma ereção. Não deve ter nenhum Fritz por aqui, pensou. Isso não me aconteceria se tivesse. Sei lá, pensou. Talvez acontecesse se você, sem saber, estivesse enganado.

No fim do promontório encontrou uma nesga de luminosa areia branca. Gostaria de deitar aqui, pensou. Seria um lugar ótimo. Aí então enxergou o escalér na outra ponta da vasta praia. Dane-se, pensou. Esta noite vou dormir refestelado no colchão de ar do convés. Ainda bem que você gosta realmente do convés. Faz tanto tempo que andamos juntos que até podíamos casar. No mínimo a essa altura estão falando de você e da segunda ponte de comando, pensou. Devia tratá-la com mais respeito. A única coisa que sabe fazer é pisar e ficar em pé em cima dela. Que espécie de comportamento é esse? Como se não bastasse derramar chá frio na coitada. Isso não é legal. Você a está reservando pra quê? Pra morrer sobre ela? Ela certamente haveria de gostar. Caminhe, fique em pé e morra em cima dela. Trate-a bem mesmo. Agora uma coisa prática que você podia fazer era parar de besteira, revistar esta praia e buscar o Ara.

Seguiu adiante, procurando não pensar em nada, apenas reparar nas coisas. Sabia muito bem qual era o seu dever e nunca tentara esquivar-se dele. Mas hoje tinha vindo até a praia quando qualquer outro podia ter feito o mesmo, só que quando permanecia a bordo e não encontravam nada ele sentia a consciência pesada. Observou tudo. Mas não conseguiu parar de pensar.

Talvez o lado do Willie esteja melhor, pensou. Talvez o Ara tenha achado alguma coisa. Porra, sei perfeitamente que é por aqui que eu teria vindo se fosse eles. É o primeiro lugar bom. É possível que tenham passado por aqui e seguido sempre em frente. Ou então dado uma volta entre Paredón e Cruz. Mas não creio que fizessem isso, porque alguém do farol poderia vê-los e jamais conseguiriam entrar ou passar por ali de noite, com guia ou sem guia. Acho que foram mais pra baixo. Talvez os encontremos lá por Coco. Talvez os encontremos logo depois daqui. Há um outro baixio que precisávamos examinar. Não convém esquecer que estão sempre utilizando o mapa. Isto é, a menos que tenham apanhado um pescador aqui. Não vi nenhuma fumaça de alguém queimando carvão. Bem, me alegro que se tenha passado este baixio em revista antes da chuva. Passar em revista eu gosto, pensou. Só não gosto quando termina.

Empurrou o escaler e saltou dentro, lavando antes a areia dos pés. Guardou o niño na capa de borracha ao alcance da mão e ligou o motor. Não tinha por ele o mesmo amor de Ara e sempre que ia ligá-lo lembrava as explosões e sucções da tubulação de combustível entupida, e as tomadas curtas e outras delícias do motor pequeno. Mas Ara jamais encontrava problemas de ignição. Quando o motor funcionava mal, encarava-o como um jogador de xadrez é capaz de admirar um lance brilhante do adversário.

Thomas Hudson dirigiu o escaler ao longo da praia, mas Ara estava muito longe e não pôde vê-lo. Devia andar a meio caminho de Willie, pensou. Mas quando o viu, achava-se perto da baía de mangues onde a areia terminava e as árvores cresciam pesadas e verdes junto da água, as raízes aparecendo feito escuras varas retorcidas.

Depois percebeu o mastro sobressaindo no meio dos mangues. Foi tudo o que pôde ver. Mas deu para notar que Ara estava deitado atrás de uma pequena duna de areia, mal permitindo-lhe enxergar a parte de cima.

Sentiu uma ferroada no couro cabeludo, assim como quando se depara com um carro vindo a toda velocidade, de repente, na contramão. Mas Ara escutou o ruído do motor e virou a cabeça, acenando-lhe para que se aproximasse. Thomas traçou uma tangente por trás de Ara.

O basco entrou no escaler carregando o niño envolto na capa de chuva, de cano em riste, por cima do ombro direito da velha camisa listrada de praia. Parecia satisfeito.

— Vá o mais longe possível que o canal deixar — disse ele. — Nós encontraremos o Willie.

— É um dos barcos?

— Claro — respondeu Ara. — Mas tenho certeza de que está abandonado. Vai chover, Tom.

— Você viu alguma coisa?

— Nada.

— Eu também não.

— É uma ilhota bonita. Achei uma trilha velha até a água. Mas não foi usada.

— Do lado do Willie também há água.

— Lá está ele — disse Ara.

Estava sentado na areia. De pernas encolhidas, segurava o niño no colo. Thomas Hudson levou o escaler em sua direção. Willie olhou para os dois, o cabelo preto escorrido na testa, molhado de suor e com o olho bom azul e rancoroso.

— Onde vocês dois andavam, seus sacanas? — perguntou.

— Quando foi que estiveram aqui, Willie?

— Pela merda que deixaram, ontem — respondeu. — Ou será que devo dizer fezes?

— Quantos?

— Oito que puderam defecar e três que estavam com diarreia.

— Que mais?

— Conseguiram um guia, ou piloto, ou sei lá o quê.

O guia que tinham levado era um pescador que morava num abrigo coberto por folhas de palmeira e que estivera salgando pedaços de bicuda em cima de um cavalete para depois vendê-los a chineses que compravam para revender aos varejistas chineses que os ofereciam em seus armazéns como bacalhau. A julgar pelo aspeto do cavalete, o pescador havia salgado e secado uma boa quantidade de peixe.

— Alemães agora comer bacalhau à beça — disse Willie.

— Que linguagem é essa?

— A minha — respondeu Willie. — Todo mundo fala uma linguagem especial por aqui, que nem o basco ou troço parecido. Você faz alguma objeção a que eu fale a minha?

— Conte-me o resto.

— Dormir aqui uma fogueira — continuou Willie. — Comer carne porco. Tudo lá do Baixio Massacre. capitão alemão não ter gêneros enlatados ou então não guardar.

— Pare de besteira e conte direito.

— Velho chefe Hudson ir perder tarde toda de qualquer jeito motivo baita toró misturado com vendaval que vem aí. Faria melhor ouvir Willie mais famoso batedor dos Pampas. Willie conta à moda dele.

— Pare com isso.

— Escute aqui, Tom, quem achou alemães duas vezes?

— E o barco?

— Barco de qualquer jeito kaput. Tá com muita tábua podre de cima a baixo. Falta uma na popa.

— Bateram nalguma coisa vindo com luz ruim.

— Acho que sim. Bem, vou parar de besteira. Seguiram adiante em direção ao sol do oeste. Oito homens e um guia. Talvez nove, se o capitão não pôde cagar por causa de suas grandes responsabilidades, como o nosso próprio líder às vezes encontra problemas. E agora vai começar a chover. O barco que eles deixaram estava um fedor e todo sujo de titica de porco e de galinha, e daquele camarada que enterramos. Tem outro cara ferido, mas pelo curativo não parece muito mal.

— Com pus?

— É, mas pus limpo. Você quer ir ver ou se fia na minha palavra?

— Fio-me em tudo o que você disse, mas quero ir ver. Viu tudo: os rastros, a fogueira, onde tinham dormido e cozinhado, o curativo, a parte dos arbustos que haviam usado como latrina, e o sulco que o barco de tartarugas deixara na areia quando encostaram na praia. Agora a chuva já caía forte, e as primeiras rajadas de vento iam se manifestando.

— Vistam as capas e levem os niños debaixo delas — mandou Ara. — De qualquer forma tenho que guardá-los esta noite.

— Eu o ajudo — ofereceu-se Willie. — Já estamos quase com a mão em cima deles, Tom.

— Tem muito território pela frente, e eles agora contam com alguém que conhece a região.

— Por que não conclui seu raciocínio? — perguntou Willie. — Que conhecimento da região ele pode ter que nós não?

— Sim, mas ele deve conhecer a fundo.

— Ele que vá pro diabo. Eu vou lavar-me com sabão na popa. Deus do céu, como quero sentir essa água fresca e esse sabão.

Agora já estava chovendo tão forte que ficava difícil enxergar o navio quando contornaram o promontório. O vendaval tinha se deslocado para o lado do oceano e era tão violento e a chuva tão forte que tentar ver o navio equivalia a contemplar um objeto por trás de uma catarata. Os tanques vão ficar mais cheios do que nunca, pensou Thomas Hudson. Provavelmente a essa altura ela já está botando água pelas torneiras da cozinha e pelo ladrão.

— Quantos dias faz que não chove, Tom? — perguntou Willie.

— Vamos ter que verificar no diário de bordo. Deve fazer mais de cinquenta.

— Até parece quando desaba essa droga de monção — disse Willie. — Alcance-me uma cuia pra eu poder tirar a água.

— Cuidado pra não molhar a capa do seu niño.

— Ela tá com o rabo no meu pau e o nariz debaixo do ombro esquerdo do meu casaco — disse Willie. — Nunca aproveitou tão bem a vida. Passe-me a cuia.

Na popa todos tomaram banho nus. Ensaboavam-se, equilibrando-se ora num pé, ora noutro, curvando-se sob o látego da chuva e depois abrindo os braços para recebê-la de frente. Estavam realmente muito bronzeados, mas pareciam brancos nessa luz estranha. Thomas Hudson pensou na tela dos banhistas de Cézanne e então lembrou que gostaria que Eakins pintasse aquele quadro. Depois achou que ele mesmo devia pintá-lo, com o navio contra o bramido da alva rebentação formada pelo cinza que escorria para fora e chocava com o negrume do novo vendaval que já

sobrevinha, e o sol surgindo momentaneamente para pratear a chuva que caía e refulgir sobre os banhistas na popa.

Encostou o escaler, e Ara jogou uma corda. Estavam a bordo.



Naquela noite, depois que a chuva parou e ele verificou todas as goteiras do longo período de estiagem, mandando colocar painéis debaixo de todas elas e marcando a lápis o ponto de verdadeiro escoamento, não de vazamento, as sentinelas foram escaladas, as funções distribuídas, e tudo discutido e combinado com o seu imediato e Ara. Aí então, quando o jantar terminou e o jogo de pôquer teve início, subiu para a segunda ponte de comando. Levava uma bomba de Flit, o colchão de ar e um cobertor leve.

Supôs que fosse deitar, sem pensar em nada. Às vezes conseguia fazer isso. Ficava olhando para as estrelas distraído, para o oceano sem imaginar problemas, e para o romper do dia sem calcular o que traria.

Sentia-se limpo da cabeça aos pés por ter se ensaboado na chuva desabada sobre a popa e pensou: vou simplesmente deitar aqui e me sentir limpo. Sabia que não adiantava lembrar a mulher que fora mãe de Tom, nem todas as coisas que tinham feito juntos, os lugares a que haviam ido, nem o motivo que causara a separação. Não adiantava pensar em Tom. Desistira daquilo assim que recebera a notícia.

Não adiantava pensar nos outros. Também os tinha perdido, e não adiantava pensar neles. Trocara o remorso por outro cavalo que agora montava. Portanto, trate de ficar deitado aqui, sintase limpo com o sabão e a chuva, e se esforce em não

pensar. Você aprendeu a fazer isso muito bem durante certo tempo. Talvez pegue no sono e tenha sonhos engraçados ou bons. Deite-se quietinho aí, olhe a noite e não pense. Se o Peters pegar alguma coisa, o Ara ou o Henry o acordarão.

Em questão de segundos, adormeceu. Era rapaz outra vez e subia um desfiladeiro íngreme montado a cavalo. O desfiladeiro se alargava e havia um banco de areia no rio claro, tão claro que dava para enxergar os cascalhos no leito da correnteza e depois observar as trutas vorazes à beira do pego que saltavam para fugar as moscas que boiavam, pela corrente abaixo. Estava montado no cavalo, assistindo ao salto das trutas, quando Ara o acordou.

A mensagem dizia CONTINUE BUSCA CUIDADOSAMENTE LADO OESTE com o nome em código no fim.

— Obrigado — disse. — Traga-me tudo o que chegar.

— Claro. Pode dormir de novo, Tom.

— Estava tendo um sonho ótimo.

— Não me conte — disse Ara. — Talvez se torne realidade.

Pegou novamente no sono e começou a sorrir, porque parecia que estava cumprindo ordens e continuando a busca do lado oeste. Já me adentrei bem pelo oeste, pensou. Mas não acho que se referiam a esse oeste.

Dormiu e sonhou que o bangalô havia incendiado e alguém tinha matado seu cervo, que de tão crescido se transformara num jovem gamo. Alguém lhe matara o cachorro, que encontrou junto de uma árvore, e acordou suando.

Não creio que os sonhos sejam a solução, disse consigo mesmo. É melhor enfrentar a situação como sempre fiz, sem a menor esperança de anestesia. Ande de uma vez, pense bem.

Tudo o que você tem agora é um problema básico e seus problemas intermediários. É só o que você tem, portanto trate de se contentar com isso. Você nunca mais terá sonhos bons, de modo que seria melhor não dormir. Apenas descanse e use a cabeça, até que ela não funcione mais, e quando pegar no sono, espere sofrer horrores. Os horrores que você ganhou naquela grande partida de dados que eles jogam. Você atirou os dados, fez os pontos, aguardou o resultado e finalmente recolheu o prêmio do sono difícil e desagradável; porra, só faltou

recolher a insônia absoluta. Mas você trocou isso pelo que você tem, portanto trate de se conformar. Agora você está sonolento. Durma, pois, e prepare-se pra acordar suado. E que tem isso? Não tem nada, ora. Mas lembra quando você antes dormia a noite inteira com a mulher, sempre feliz, e nunca acordava, a não ser que ela o despertasse pra fazerem amor? Lembre, Thomas Hudson, e veja que espécie de bem isso pode trazer-lhe.

Quantos curativos será que fizeram naquele outro sujeito ferido? Se houve tempo pra curativos, então também houve pra outras coisas. Que coisas? O que é que você acha que eles têm além do que você sabe que eles têm? Não muito, acho. Pistolas, talvez, e metralhadoras portáteis. Talvez algumas cargas de dinamite, para as quais pudessem encontrar uma utilidade qualquer. Tenho que supor que possuam uma metralhadora grande. Mas acho que não. Não haviam de querer lutar. Querem é dar o fora daqui, e num navio espanhol. Se estivessem em condições de lutar, teriam voltado naquela noite e tomado Confites. Talvez não. Talvez desconfiassem de algo, viram nossas latas na praia e pensaram que estivéssemos passando todas as noites ali. Não podiam saber quem éramos. Mas veriam as latas e imaginariam que havia algo por perto que queimava um bocado de gasolina. Além disso, provavelmente também não queriam lutar tendo gente ferida. Mas o barco com os feridos podia ter atracado de noite enquanto desembarcavam e tomavam a estação de radiotelegrafia, se quisessem partir com o tal do outro submarino. Que fim terá levado? Há alguma coisa muito estranha nessa história.

Pense em algo alegre. Pense em como você governa com o sol pelas costas. E lembre que agora eles têm gente que conhece a região, junto com todo aquele peixe salgado, e você vai ter que usar a cabeça. Pegou no sono e dormiu profundamente até as duas da madrugada, quando foi acordado pelas moscas da areia. Pensar nos problemas deixou-o sentindo-se melhor e dormiu sem sonhar.

12



Partiram antes de o sol raiar, e Thomas Hudson governou pela passagem, igual a um canal, com margens cinzentas aparecendo de ambos os lados. À hora que o sol raiou, ele estava navegando pelo corte entre os baixios e rumando para o norte para entrar na água azul e passar além das perigosas pontas rochosas dos recifes externos. Era um pouco mais longe do que ir por dentro, mas muito mais seguro.

Quando o sol surgiu, não havia vento e nem ondas bastantes para o mar quebrar em nenhum dos rochedos. Sabia que o dia ia ser quente e abafado, e de tarde teriam vendaval.

O imediato subiu à ponte e olhou em torno. Depois fitou cuidadosamente a terra até o ponto em que a torre alta e feia do farol aparecia.

— Podíamos ter ido perfeitamente por dentro.

— Eu sei — retrucou Thomas Hudson. — Mas achei melhor por aqui.

— Outro dia como ontem. Mas mais quente.

— Eles não podem levar muita vantagem.

— Não levam nenhuma. Estão paralisados nalgum canto. Você vai perguntar no farol se eles entraram pelo corte entre Paredón e Coco, não vai?

— Lógico.

— Deixe que eu pergunto. Conheço o faroleiro. Você pode atracar logo depois do pequeno baixio na ponta. Não vou demorar — disse Antônio.

— Não preciso nem ancorar.

— Você tem uma porção de gente forçada pra levantar âncoras.

— Mande o Ara e o Willie cá pra cima se eles já comeram. Não deve haver nada assim tão perto do farol e não se consegue ver porra nenhuma olhando pro sol. Mas mande o George e o Henry cá pra cima também. É melhor fazer as coisas direito.

— Não esqueça que aqui as rochas chegam bem próximas da sua água azul, Tom.

— Não esqueço. E posso vê-las.

— Quer o seu chá gelado?

— Por favor. Com um sanduíche. Mas primeiro mande os homens cá pra cima.

— Eles já vêm. Vou mandar o chá e aprontar tudo pra ir à praia.

— Cuidado com o que você disser pra eles.

— É por isso mesmo que sou eu que vou.

— Solte uns anzóis também. Dá um ar mais convincente pra quem se aproxima de um farol.

— É — concordou o imediato. — A gente talvez pesque alguma coisa que dê pra dar de presente pra eles.

Os quatro subiram, assumiram seus postos habituais, e Henry perguntou:

— Viu alguma coisa, Tom?

— Uma tartaruga perseguida por uma gaivota. Pensei que fosse pousar em cima dela. Mas não pousou.

— Mi capitán — disse George, que era um basco mais alto que Ara, excelente atleta e ótimo homem de mar, mas em vários sentidos não tão forte quanto Ara.

— Mi señor obispo — retrucou Thomas Hudson.

— OK, Tom — disse George. — Se eu enxergar um submarino realmente grande, você quer que eu o avise?

— Se for do mesmo tamanho do que você viu aquela vez, pode ficar com ele.

— De noite eu sonho com ele — disse George.

— Nem me fale — protestou Willie. — Acabei de tomar café.

— Quando nos aproximamos, cheguei a sentir meus *cojones* subindo feito elevador — continuou Ara. — Como foi que você se sentiu mesmo, hem, Tom?

— Apavorado.

— Eu vi quando ele veio vindo — disse Ara. — E aí de repente ouvi o Henry dizer: “É um porta-aviões, Tom.”

— Era o que parecia — afirmou Henry. — Que que eu vou fazer? Seria capaz de repetir a mesma coisa.

— Estragou-me a vida — disse Willie. — Nunca mais fui o mesmo. Se me dessem um níquel, não voltava mais pro mar.

— Toma aqui — disse Henry. — Pegue estes vinte cents e desça em Paredón Grande. Talvez ainda lhe deem troco.

— Não preciso de troco. Contento-me com uma baldeação.

— Ah, é? Não diga — retrucou Henry. Havia certa animosidade entre ambos desde as duas últimas vezes que tinham estado em Havana.

— Olhe aqui, seu mão-aberta — disse Willie. — Nós não estamos lutando com submarinos, senão você não teria subido sem tomar um gole rápido às escondidas. Estamos apenas perseguindo alemães pra matá-los num barco meio aberto, sem convés. Até você é capaz de fazer isso.

— Em todo caso, pegue os vinte cents — insistiu Henry. — Um dia você pode precisar.

— Pra enfiar...

— Parem com isso, vocês dois. Parem com isso — ordenou Thomas Hudson, olhando para ambos.

— Sinto muito, Tom — disse Henry.

— Eu não — retrucou Willie. — Mas peço desculpas.

— Veja, Tom — avisou Ara. — Lá quase perto da costa.

— Aquela é a rocha que acaba de aparecer com a maré baixa — explicou Thomas Hudson. — No mapa ela fica mais a leste.

— Não. Refiro-me a meia milha mais pra dentro.

— Aquilo é um homem recuando ou então puxando a rede do arrastão.

— Você não acha que a gente devia falar com ele?

— Ele é do farol, e o Antônio vai lá falar com eles.

— Peeeixe! Peeeixe! — gritou o imediato. Henry perguntou:

— Posso içá-lo, Tom?

— Lógico. Mande o Gil cá pra cima.

Henry desceu, e em poucos segundos o peixe saltava. Era uma bicuda. Depois, passado algum tempo, Thomas Hudson ouviu Antônio resmungar ao atingi-la com o arpão e as batidas surdas do porrete na cabeça. Esperou o barulho que faria ao cair com estardalhaço n'água e olhou o rastro da espuma para ver que tamanho tinha. Mas não houve nenhum barulho. Lembrou que as bicudas eram boas para comer nesse trecho da costa, e Antônio ia guardá-la para dar de presente ao faroleiro. No mesmo instante ouviu dois outros gritos de “Peeeixe!”, e desta vez não aconteceu nenhum salto, e a linha estava tinindo. Governou mais para dentro da água azul e diminuiu a marcha de ambos os motores. Aí então, à medida que a linha saía da carretilha, desligou um deles e deu meia-volta em direção ao peixe.

— Peto — gritou o imediato. — Dos grandes.

Henry içou o peixe, todos se debruçaram sobre a popa, e lá estava ele, comprido e estranhamente pontudo, as listras aparecendo nitidamente na transparência azulada da água funda. Quando ficou quase ao alcance do arpão, virou a cabeça e tomou outro rápido impulso para mergulhar, o que o fez sumir de vista na água límpida em menos tempo que um homem leva para estalar os dedos.

— Eles sempre dão essa corrida — disse Ara. — Saem feito bala.

Henry içou-o depressa e, debruçados à popa, viram quando foi arpoado e trazido para bordo, hirto e trêmulo. As faixas eram azul-claras, e as mandíbulas, capazes de cortar como navalhas, se abriam e fechavam com ineficácia espasmódica. Antônio estendeu-o na popa, e ele começou a bater o rabo no convés.

— ¡Qué peto más hermoso! — exclamou Ara.

— É bonito mesmo — concordou Thomas Hudson. — Mas deste jeito vamos perder a manhã toda aqui. Deixem as linhas onde estão, mas tirem os anzóis — pediu ao imediato.

Governou até bem perto do farol, que se erguia na parte mais alta do rochedo, esforçando-se para recuperar o tempo perdido e ainda assim agir como se

estivessem pescando. A fricção das linhas na água dobrava os caniços.

Henry subiu e disse:

— Que peixe lindo, não é? Gostaria de tê-lo pescado com equipamento leve. Eles não têm um formato de cabeça extraordinário?

— Quanto pesa? — perguntou Willie.

— O Antônio acha que deve pesar uns trinta quilos, Willie. Foi pena que não deu tempo pra chamá-lo. Ele realmente devia ser seu.

— Não faz mal — retrucou Willie. — Você o pegou mais depressa do que eu pegaria, e a gente tem que andar ligeiro como o diabo. Sou capaz de apostar como se podia pescar peixe bom à beça por estas bandas.

— Depois da guerra a gente pode voltar.

— Pois sim — disse Willie. — Depois da guerra eu vou pra Hollywood, pra ser conselheiro, técnico de como se faz pra ser errado pra cachorro no mar.

— Você vai ser craque.

— Não é pra menos. Já faz mais de ano que venho treinando pra essa carreira.

— Que porra que lhe deu pra andar tão azedo hoje, hem, Willie? — perguntou Thomas Hudson.

— Sei lá. Já acordei assim.

— Pois então desce lá na cozinha, vê se aquela garrafa de chá já esfriou e traga-a pra cá. O Antônio está trinchando o peixe. Portanto me faz também um sanduíche, sim?

— Claro. Que tipo de sanduíche?

— Com manteiga de amendoim e cebola, se tiver cebola de sobra.

— Muito bem, capitão. De manteiga de amendoim e cebola será.

— E vê se se livra desse espírito azedo.

— Sim, capitão. Não ter mais espírito azedo, capitão.

Depois que ele desceu, Thomas Hudson disse:

— Vai com calma com ele, Henry. Eu preciso do filho da mãe, e ele entende do troço. Só tá de espírito azedo.

— Eu procuro ser camarada com ele. Mas ele é difícil.

— Pois procure ser mais ainda. Você o estava aporrinhando com aquele negócio dos vinte cents.

Thomas Hudson ficou contemplando o mar liso e a implacabilidade sonsa dos recifes a bombordo da proa. Gostava muito de passar perto de um recife perigoso com a luz pelas costas. Compensava as vezes em que tinha que governar com o sol pela frente, e compensava também uma série de outras coisas.

— Desculpe, Tom — disse Henry. — Vou cuidar com o que falo e com o que penso.

Willie subiu de volta com a garrafa vazia de rum cheia de chá envolta numa toalha de papel presa por dois elásticos de borracha.

— Tá gelado, capitão — disse. — E já isolei.

Entregou o sanduíche embrulhado num pedaço de toalha de papel a Thomas Hudson e anunciou:

— Um dos pontos culminantes na arte de fazer sanduíches. É chamado de Monte Everest Especial. Só pra comandantes.

Com a calma, mesmo na ponte, Thomas Hudson sentiu o cheiro do seu hálito.

— Você não acha que é um pouco cedo pra isso, Willie?

— Não, senhor.

Thomas Hudson olhou-o com ar interpelativo.

— O que foi que você disse, Willie?

— Não, senhor. O senhor não ouviu?

— OK — respondeu Thomas Hudson. — Ouvi duas vezes. Agora você vai ouvir uma vez só. Vá lá pra baixo. Limpe aquela cozinha direito, depois vá ali pra frente na proa onde eu possa vê-lo e fique com a âncora de prontidão.

— Sim, senhor — disse Willie. — Não tô me sentindo bem, capitão.

— Pois então foda-se, seu advogado marítimo. Se não está se sentindo bem, vai se sentir muito pior ainda, porra.

— Sim, senhor — disse Willie. — Não tô me sentindo bem, capitão. Devia consultar o médico de bordo.

— Você o encontrará na proa. Bata na porta e veja se ele está quando passar por ali.

— Era isso que eu queria dizer, capitão.

— O que é que você queria dizer?

— Nada, capitão.

— Ele está bêbado como um gambá — disse Henry.

— Não está, não — retrucou Thomas Hudson. — Está apenas bebendo. Mas está mais perto da loucura.

— Ele anda esquisito de uns tempos pra cá — disse Ara. — Mas esquisito ele sempre foi. Nenhum de nós nunca sofreu tanto quanto ele. Eu nunca sofri nada.

— O Tom já sofreu — disse Henry. — E ele está tomando chá gelado.

— Não vamos falar em coisas mórbidas nem em bebida — pediu Thomas Hudson. — Eu nunca sofri e gosto de chá gelado.

— Antes você não gostava.

— A gente está sempre aprendendo coisas novas, Henry.

Agora já se aproximava do farol, via o rochedo de que devia manter-se afastado, e achava essa conversa inútil.

— Vá lá pra frente com ele, Ara, e veja como é que ele está se saindo. Não saia de perto dele. Você, Henry, puxe as linhas pra cima. George, desça lá embaixo e ajude o Antônio com o bote. Vá junto com ele, se ele lhe pedir.

Quando ficou sozinho na ponte, sentiu o cheiro do guano das aves do rochedo, contornou o promontório e ancorou em duas braças de água. O fundo estava limpo, e havia uma vasta maré correndo. Levantou os olhos para a casa pintada de branco e o alto farol obsoleto, e depois para além do rochedo elevado, para os baixios de mangues verdes e, ainda mais além, a ponta baixa, rochosa e estéril de Cayo Romano. Tinham passado tanto tempo chegando e partindo dentro do ângulo de visão daquele baixio comprido, estranho e infestado de insetos, e conheciam tão bem uma parte dele, se aproximado tantas vezes de seus pontos característicos em toda a espécie de circunstâncias, boas ou más, que sempre lhe dava emoção avistá-lo ou deixá-lo. Ei-lo agora ali, com suas saliências mais nuas e estéreis expostas como um deserto raquítico.

Antigamente havia cavalos, gado e porcos selvagens nesse grande baixio, e ele se perguntava quantas pessoas teriam alimentado a ilusão de poder colonizá-lo. Possuía morros cobertos de grama, com vales bonitos e ótimas áreas para o corte de madeira, e outrora existira um povoado chamado Versailles, onde os franceses fizeram sua tentativa de morar em Romano.

Agora todas as construções com vigamento de madeira estavam abandonadas, menos um casarão, e certa vez, quando Thomas Hudson foi até lá buscar água, encontrou os cachorros dos casebres amontoados com os porcos escavando lama e tanto uns como outros estavam cinzentos da sólida camada de mosquitos que os cobriam. Era um baixio maravilhoso quando o vento leste soprava dia e noite, e podia-se caminhar dois dias de espingarda em punho, sempre em terreno bom. Continuava tão inexplorado como na época em que Colombo aportara a essa costa. Depois, quando o vento amainava, nuvens de mosquitos sobrevinham dos alagadiços. Dizer que vinham em nuvens, pensou, não é metáfora. Realmente vinham e podiam fazer um homem sangrar até morrer. O pessoal que estamos procurando não teria parado em Romano. Não com essa calmaria. Devem ter seguido para mais longe da costa.

— Ara — chamou.

— Que é, Tom? — perguntou Ara. Sempre subia à ponte com leve impulso lá de baixo e pousava com leveza de acrobata e peso de aço.

— Como vai a coisa?

— O Willie está fora de si. Tom. Tirei-o do sol, dei-lhe um trago e mandei-o deitar-se. Agora se acalmou, mas olha fixamente pra tudo. Demais.

— Talvez tenha apanhado muito sol naquela cabeça dura.

— Talvez. Mas também pode ser outra coisa.

— Qual?

— O Gil e o Peters estão dormindo. O Gil ficou encarregado de manter o Peters acordado ontem de noite. O Henry está dormindo, e o George foi junto com o Antônio.

— Não demora eles voltam.

— Pois é.

— Precisamos conservar o Willie longe do sol. Fiz besteira em mandá-lo lá pra frente. Mas foi por costume, sem pensar.

— Estou desmontando e limpando os grandões, e testei todos os fusíveis por causa da umidade e da chuva de ontem de noite no outro troço. Ontem de noite, depois do jogo de pôquer, nós desmontamos e limpamos e azeitamos tudo.

— Agora, com a umidade, temos que fazer uma vistoria diária, mesmo que não se dispare nada.

— Eu sei — disse Ara. — A gente devia desembarcar o Willie. Mas aqui não dá.

— Cayo Francés?

— Podia ser. Mas Havana seria melhor e depois mandar que o embarcassem de lá. Ele vai dar com a língua nos dentes, Tom.

Thomas Hudson lembrou uma coisa e sentiu remorso.

— A gente não o devia ter aceitado mais depois que ele teve dispensa médica e ficou de parafuso frouxo — disse Ara.

— Eu sei. Mas nós aceitamos. Quantos erros já fizemos, porra?

— Nem tantos assim — retrucou Ara. — Já posso ir lá pra baixo e terminar o serviço?

— Pode — respondeu Thomas Hudson. — E obrigado por tudo.

— A sus órdenes — disse Ara.

— Porra, bem que eu gostaria que fossem ordens melhores — disse Thomas Hudson.

Antônio e George vinham voltando no escalér, e Antônio subiu imediatamente à ponte, deixando George e Henry içarem o motor e o escalér para bordo.

— Então? — perguntou Thomas Hudson.

— Devem ter passado de noite com o último vento que teve — explicou Antônio. — Teriam sido vistos do farol se entrassem pelo corte. O velho que tem a canoa e o arrastão não viu nenhum barco de tartarugas. Ele comenta tudo e teria mencionado, segundo o faroleiro. Você acha que a gente devia voltar e perguntar pra ele?

— Não. Acho que eles foram lá pra Puerto Coco ou então pra Guillermo.

— É o máximo de distância que podiam atingir com o vento que fez.

— Tem certeza de que não dava pra eles entrarem pelo corte de noite?

— Nem com o melhor piloto do mundo.

— Então temos que encontrá-los no abrigo de Coco ou lá por Guillermo. Vamos levantar âncora e dar o fora.

Era uma costa muito suja. Ele se manteve afastado de tudo e seguiu pela orla da curva de cem braças. Para o lado de dentro havia uma costa baixa rochosa, recifes e vastas nesgas de bancos de areia que surgiam secas com a maré baixa. Puseram uma sentinela de quatro homens, e Gil se colocou à esquerda de Thomas Hudson. Thomas Hudson olhou a praia e viu o início do verde dos mangues e pensou: que lugar infernal pra se estar agora nesta calmaria. As nuvens já se amontoavam no alto, e pareceu-lhe que o vendaval ia vir mais cedo. Depois de Puerto Coco há mais ou menos três lugares que preciso revistar, pensou. É melhor fazer a curva um pouco maior e entrar por ali.

— Henry — disse. — Governe a 285, sim? Quero ir até lá embaixo ver o Willie. Grite logo se enxergar qualquer coisa. Não há necessidade de você cuidar da costa, Gil. Passe a observar a estibordo da proa. Aí por dentro tudo está raso demais pra eles andarem por lá.

— Mesmo assim, gostaria de continuar cuidando — retrucou Gil. — Se você não se importa, Tom. Tem aquela passagem doida que entra de supetão pela praia e o guia é capaz de os ter levado por ali e escondido nos mangues.

— Está bem — concordou Thomas Hudson. — Vou mandar o Antônio cá pra cima.

— Com estes binóculos grandes eu poderia enxergar o mastro no meio dos mangues.

— Duvido muito, porra. Mas quem sabe lá.

— Por favor, Tom. Se você não se importa.

— Eu já disse que podia.

— Desculpe, Tom. Mas me parece que um guia seria capaz de meter o barco por ali. Uma vez nós fizemos isso.

— E tivemos que voltar pelo mesmo caminho.

— Eu sei. Mas se não houvesse vento e eles tivessem que se esconder às pressas. A gente não quer passar na frente deles.

— Tá certo. Mas ainda estamos muito longe pra você poder enxergar um mastro. Além do mais, no mínimo cortariam os mangues pra impedir que o mastro fosse visto do ar.

— Eu sei — retrucou Gil com teimosia espanhola. — Mas eu tenho vista muito boa, estes binóculos são de doze graus, e com calma eu enxergo perfeitamente bem e...

— Já disse que estava OK.

— Eu sei. Mas eu tinha que explicar.

— Você explicou — disse Thomas Hudson. — E se encontrar algum mastro, pode espetá-lo no meu cu enfeitado com amendoins.

Gil sentiu-se meio magoado com a resposta, mas achou graça, principalmente nos amendoins, e esquadrinhou os mangues até que os grandes binóculos quase lhe arrancaram os olhos da cara.

Embaixo, Thomas Hudson conversava com Willie, observando o mar e a terra. Era sempre estranho como se via menos quando se descia da ponte e desde que tudo corresse bem ali embaixo sentia-se tolo por se encontrar em qualquer outro lugar que não fosse o seu posto. Procurava sempre manter o contato necessário e evitar a idiotice de uma inspeção inútil. Mas cada vez delegava mais autoridade a Antônio, que era muito melhor marinheiro que ele, e a Ara, que era muito melhor como homem. Os dois são melhores homens do que eu, pensou, e no entanto ainda devo ficar no comando, usando o conhecimento, o talento e o caráter deles.

— Willie — perguntou. — Como é que você realmente está?

— Desculpe eu ter procedido feito bobo. Mas estou meio mal, Tom.

— Você conhece as regras pra beber — disse Thomas Hudson. — Não existe nenhuma. Não me force a usar termos cheios de frescura como honra ou coisa semelhante.

— Eu sei — disse Willie. — Você sabe que não sou nenhum pau-d'água.

— Nós não embarcamos paus-d'água.

— Com exceção do Peters.

— Nós não embarcamos o Peters. Ele nos foi enviado. Ele também tem seus problemas.

— A velha pinga é que é o problema dele — retrucou Willie. — E o pior é que o maldito problema dele está nos atrapalhando demais, porra.

— Vamos deixar o Peters de lado — disse Thomas Hudson. — Há alguma outra coisa lhe incomodando?

— Só de modo geral.

— Como?

— Bem, eu ando meio doido, você anda meio doido, e depois tem essa tripulação, meio santa e meio desesperada.

— Não é mau ser meio santo e meio desesperado.

— Eu sei disso. É formidável. Mas eu estava habituado a coisas mais normais.

— Willie, não há nada que o esteja realmente incomodando. O sol amola a sua cabeça, e tenho certeza de que beber não resolve.

— Eu também tenho certeza — concordou Willie. — Não quero ser chato, Tom. Mas você já endoidou alguma vez?

— Não. Sempre estive por pouco.

— Amola pra chuchu — disse Willie. — E por menos que dure parece que não termina mais. Mas vou parar de beber.

— Não. Apenas beba com moderação, como você sempre bebeu.

— Eu estava usando a bebida só pra protelar.

— A gente está sempre usando a bebida pra alguma coisa.

— Claro. Mas isso não foi piada. Você acha que eu ia mentir pra você, Tom?

— Todos nós mentimos. Mas não creio que você fosse mentir de propósito.

— Vá lá pra sua ponte — disse Willie. — Eu o vejo olhando pra água o tempo inteiro, como se fosse alguma mulher que quisesse fugir de você. Não vou beber mais nada, a não ser água do mar, talvez, e vou ajudar o Ara a parti-los em pedaços e depois juntar novamente.

— Não beba, Willie.

— Se eu disse que não ia beber, é porque não vou mesmo.

— Eu sei.

— Escute aqui, Tom. Posso perguntar-lhe uma coisa?

— O que você quiser.

— Como é que você tá se sentindo?

— Ruinzinho, acho eu.

— Consegue dormir?

— Muito pouco.

— Ontem de noite?

— É.

— Foi de ter caminhado na praia — disse Willie. — Vá lá pra cima e me esqueça. Vou ficar trabalhando com o Ara no nosso negócio.



Revistaram a praia à procura de rastros em Puerto Coco e foram de escaler até os mangues fazer o mesmo. Havia lugares realmente ótimos para esconder um barco de tartarugas. Mas não encontraram nada, e o vendaval veio mais cedo com chuva forte que deixou o mar como se estivesse esguichando jatos brancos e saltitantes no ar.

Thomas Hudson tinha percorrido a praia e enveredado terra adentro, por trás da laguna. Achou o lugar onde os flamingos se reuniam na maré alta, e viu vários jabirus, os cocos que davam nome ao baixio, e dois ajajás rosados ciscando o chão à beira da laguna. Eram lindos com o rosa berrante da sua cor contra o solo cinzento e seus movimentos delicados, ágeis, correndo adiante e tinham a impessoalidade terrível, famélica, de certos pássaros empalhados. Não pôde olhá-los muito tempo porque queria verificar se o pessoal de que andavam à procura não havia deixado o barco entre os mangues e acampado em terreno alto para se livrar dos mosquitos.

Não descobriu nada além dos restos de uma velha fogueira de carvão apagada. Voltou à praia depois que o primeiro vendaval os atingiu e Ara o recolheu no escaler.

Ara gostava de manobrar o motor com chuva e violento vendaval e disse a Thomas Hudson que ninguém havia encontrado nada. Todo mundo estava a bordo,

só faltando Willie, que se incumbira de esquadrihar o trecho mais distante da praia, depois dos mangues.

— E você? — perguntou Ara.

— Eu, nada.

— Esta chuva vai acalmar o Willie. Vou buscá-lo assim que deixar você a bordo. Onde é que você acha que eles estão, Tom?

— Em Guillermo. É pra onde eu iria.

— Eu também. É o que o Willie também acha.

— Como é que ele estava?

— Esforçando-se muito, Tom. Você o conhece.

— Sim — disse Thomas Hudson.

Encostaram no barco, e ele subiu a bordo.

Thomas Hudson viu Ara dar a volta no escaler e partir rumo ao nebuloso vendaval. Depois gritou para que lhe trouxessem uma toalha e se enxugou ali na popa.

— Não quer um trago, Tom? — perguntou Henry. — Você se molhou pra burro.

— Gostaria.

— Quer rum puro?

— Seria ótimo — respondeu.

Desceu para buscar um suéter e um calção e notou que todos estavam alegres.

— Todo mundo bebeu rum puro — explicou Henry, trazendo-lhe um copo cheio até a metade. — Acho que desse jeito, se a gente se enxuga logo, não pega resfriado. Você também não acha?

— Oi, Tom — disse Peters. — Aderiu ao nosso grupinho de saudáveis bebedores?

— Quando foi que você acordou? — perguntou-lhe Thomas Hudson.

— Quando ouvi barulho de gorgolejo.

— Qualquer noite dessas vou fazer barulho de gorgolejo pra ver se você acorda.

— Não se preocupe, Tom. O Willie faz isso comigo todas as noites.

Thomas Hudson resolveu não tomar rum. Depois, vendo que todos tinham tomado e se mostravam alegres e felizes com a triste missão, achou que seria pretensão e pedantismo não tomar. Além do mais, queria beber.

— Divida isto comigo — pediu a Peters. — Você é o único filho da puta que conheço que é capaz de dormir melhor com o fone nos ouvidos do que sem ele.

— Dividindo não sobra nada — retrucou Peters, entrincheirando-se no afrouxamento de formalismo da disciplina. — Nem pra você nem pra mim.

— Então pegue um só pra você — disse Thomas Hudson. — Gosto tanto desta porcaria quanto você.

Os outros estavam olhando, e Thomas Hudson notou que os músculos do queixo de Henry se contorciam.

— Vire tudo de uma vez — insistiu Thomas Hudson. — E trate das suas máquinas misteriosas esta noite da melhor forma possível. Por você e por nós.

— Por todos nós — frisou Peters. — Quem é o sujeito que dá mais duro neste navio?

— O Ara — respondeu Thomas Hudson, tomando o rum pela primeira vez enquanto olhava em torno. — E tudo quanto é cara fodido a bordo.

— À sua saúde, Tom — brindou Peters.

— À sua — disse Thomas Hudson, sentindo as palavras morrerem frias e insossas na boca. — Ao rei dos fones — acrescentou, para ver se recobrava algo que havia perdido. — A todos os barulhos de gorgolejo — completou, estando agora onde devia ter estado de início.

— Ao meu comandante — disse Peters, já passando dos limites.

— A como você quiser encarar — retrucou Thomas Hudson. — Não há regulamento que preveja isso conosco. Mas me satisfaço com essa. Diga de novo.

— A você, Tom.

— Obrigado — disse Thomas Hudson. — Mas quero ser um bom filho da puta se vou erguer outro brinde a você antes que você e todos os seus rádios comecem a funcionar direito.

Peters olhou para ele, e seu rosto assumiu a disciplina, e o corpo, já em péssimas condições, tomou o porte de um homem que servira três vezes numa

coisa em que tinha acreditado e abandonado por outra, tal como Willie havia feito, e respondeu, mecanicamente e sem reservas:

— Sim, senhor.

— Brinde a você — disse Thomas Hudson. — Ponha a funcionar todos os seus milagres fodidos.

— Sim, Tom — retrucou Peters, sem nenhuma trapaça e sem reservas.

Bem, acho que agora chega, pensou Thomas Hudson. É melhor deixar as coisas como estão, voltar à popa e esperar que minha outra criança-problema venha pra bordo. Nunca poderei sentir pelo Peters o mesmo que o resto deles sente. Espero que eu saiba dos defeitos dele tão bem quanto os outros. Mas ele tem alguma coisa. É como a falsidade que é levada a tais extremos que se torna verdadeira. Não há dúvida de que ele não está à altura de lidar com o equipamento que temos. Mas talvez esteja à altura de coisas muito melhores.

Com o Willie sucede o mesmo, pensou. Em certo sentido, os dois se equivalem. Já deviam estar de volta.

Viu o escaler chegando no meio da chuva e da água branca espalhada que se encrespava e redemoinhava sob o látego do vento. Ambos estavam completamente encharcados quando subiram a bordo. Tinham usado as capas de chuva apenas para enrolar os niños.

— Oi, Tom — disse Willie. — Nada além de um rabo molhado e de uma barriga vazia.

— Pegue estas crianças — pediu Ara, alcançando-lhe as metralhadoras portáteis enroladas.

— Nada?

— Nada multiplicado por dez — respondeu Willie, parado em pé, pingando na popa. Thomas Hudson chamou Gil para trazer duas toalhas.

Ara puxou o escaler pelo proiz e subiu a bordo.

— Nada vezes nada vezes nada — disse. — Tom, com chuva a gente ganha hora extra?

— Devíamos limpar logo essas armas — disse Willie.

— Primeiro vamos nos enxugar — disse Ara. — Estou molhado que chega. Antes eu nunca me molhava, e agora fico até com o rabo arrepiado.

— Sabe, Tom — disse Willie. — Esses filhos da puta são capazes de navegar com esses vendavais se rizarem as velas e tiverem colhões pra isso.

— Foi o que também pensei.

— Acho que eles param durante o dia, com a calmaria, e depois saem com esses pés de vento à tardinha.

— Onde você calcula que estejam?

— Não devem ter passado de Guillermo. Mas talvez tenham.

— Partiremos amanhã de manhã bem cedo pra pegá-los em Guillermo.

— Pode ser que a gente encontre e pode ser que já tenham ido embora.

— Lógico.

— Merda, por que a gente não tem radar?

— De que nos adiantaria agora? O que é que você está vendo na tela, Willie?

— Porra, é melhor eu me fechar — disse Willie. — Desculpe-me, Tom. Mas perseguir um troço com FUA que não tem rádio...?

— Eu sei — atalhou Thomas Hudson. — Mas você quer perseguir ainda melhor do que temos feito?

— Quero. Dá pra ser?

— Dá.

— Quero pegar os filhos da puta e matar um por um.

— De que adiantaria?

— Já esqueceu o massacre?

— Não vem com essa onda de massacre, Willie. Você tá muito calejado pra isso.

— Tá bem. Quero só matá-los. Tá legal?

— É melhor que a história do massacre. Mas eu preciso de prisioneiros de um submarino em atividade nestas águas que sejam capazes de falar.

— O último que você teve não falou muito.

— Não. E você também não falaria se estivesse mais pra lá do que pra cá que nem ele.

— OK — concordou Willie. — Posso tomar um trago dentro do regulamento?

— Claro. Ponha um calção seco e uma camisa e não crie casos.

— Com ninguém?

— Não seja criança — disse Thomas Hudson.

— Vai se foder — retrucou Willie, e sorriu.

— Assim é que eu gosto de ver — disse-lhe Thomas Hudson. Continue sempre assim.



Aquela noite houve muitos relâmpagos e trovoadas, e choveu até as três da madrugada, mais ou menos. Peters não conseguiu pegar nada no rádio, e todos dormiram no meio de um calor abafado até que as moscas da areia surgiram depois que a chuva parou, acordando todos um atrás do outro. Lá embaixo, Thomas Hudson bombeou Flit, provocando acessos de tosse e aos poucos foram diminuindo os movimentos e os safanões nos insetos.

Aplicou tanto Flit em Peters que ele acordou, sacudiu a cabeça ainda com o fone nos ouvidos e murmurou:

— Estou fazendo o possível, Tom, o tempo todo. Mas não há nada.

Thomas Hudson examinou o barômetro com a lanterna. Estava subindo. Isso vai lhes trazer vento, pensou. Bem, eles não podem queixar-se de falta de sorte. Agora tenho que supor isso.

Voltou à popa e borrifou todo o Flit que pôde no interior da cabina sem acordar ninguém.

Sentou na popa, olhou a noite clara, e de vez em quando dava uma borrifada em si mesmo. Estavam com escassez de insetífugo, mas tinham Flit à beça. Ardia onde a gente tivesse suado, mas era melhor que as moscas da areia. O efeito delas se diferenciava do dos mosquitos porque não se ouvia nada antes de atacarem e a mordida causava comichão imediata. Depois inchava quase do tamanho de uma

ervilha bem pequena. Em certos pontos da costa e dos baixios eram mais virulentas do que noutros. Ao menos as mordidas pareciam muito mais incômodas. Mas, pensou, isso talvez seja por causa da condição da nossa pele e do grau que estiver queimada e resistente. Não sei como os nativos aguentam. Têm que ser muito rijos pra viver nesta costa e nas Bahamas, quando os alísios não sopram.

Continuou ali na popa, a olhar e escutar. Dois aviões passavam lá em cima no céu, e ouviu o ronco dos motores até se extinguir por completo.

Grandes bombardeiros indo pra Camaguei a caminho da África ou indo direto a algum lugar qualquer, sem nada a ver conosco. Bem, pensou, eles não se amolam com moscas da areia. Nem eu tampouco. Ah, que vão pro diabo que os carregue. Danem-se. Eles, não eu. Mas tomara que amanhecesse logo pra gente dar o fora daqui. Já revistamos tudo até o fim do promontório, graças ao Willie, e vou seguir pelo pequeno canal bem rente à margem. Só existe um único lugar ruim, e na luz matutina poderei vê-lo perfeitamente, mesmo com calma. Aí chegaremos a Guillermo.

Puseram-se a caminho ao raiar do dia, e Gil, que tinha melhores vistas, ficou cuidando da linha verdejante da praia com os binóculos de doze graus. Estavam suficientemente perto da margem para ele ver um galho de mangue cortado. Thomas Hudson ia governando. Henry vigiava o mar alto. Willie auxiliava Gil.

— Seja como for, eles passaram por aqui — observou Willie.

— Mas temos que verificar — disse Ara, que ajudava Henry.

— Lógico — retrucou Willie. — Estava apenas comentando.

— Onde será que anda a Patrulha da Madrugada daquele maldito vapor Molasses em Cayo Francés?

— Eles não patrulham nos domingos, não é? — perguntou Willie. — Hoje deve ser domingo.

— Vai haver brisa — anunciou Ara. — Vejam aquelas nuvens.

— Só tenho medo de uma coisa — disse Thomas Hudson. — Que tenham entrado pela passagem em Guillermo.

— Vamos ter que ver.

— Porra, por que que a gente não arranca e vai logo pra lá de uma vez? — disse Willie. — Isto já está me dando nos nervos.

— É a impressão que às vezes eu tenho — disse Henry.

Willie olhou para ele e cuspiu pela amurada.

— Obrigado, Henry — retrucou. — É justamente a impressão que eu queria dar.

— Não comecem — interveio Thomas Hudson. — Estão vendo aquela enorme ponta de coral a estibordo que a maré acaba de descobrir? É a que temos que evitar. Do lado de dentro, senhores, fica Guillermo. Vejam como é verde e cheio de promessas.

— Mais uma bosta de baixio — comentou Willie.

— Vocês conseguem enxergar algum rolo de fumaça de fogueira? — perguntou Thomas Hudson.

Gil esquadrinhou tudo com o máximo cuidado e respondeu:

— Não, Tom.

— Do jeito que choveu ontem de noite não pode ter fumaça nenhuma — disse Willie.

— Desta vez você está enganado, rapaz — disse Thomas Hudson.

— Talvez.

— Não. Podia chover como o diabo a noite inteira sem apagar uma dessas grandes fogueiras. Já vi chover três dias sem parar, praticamente sem atrapalhar nenhuma.

— Você as conhece melhor do que eu — retrucou Willie. — OK, pode ser que haja fumaça. Tomara que haja.

— Aquele banco de areia é perigoso — disse Henry. — Não creio que pudessem passar por aqui com esses pés de vento.

À luz matutina podiam ver quatro andorinhas e duas gaivotas pairando ao redor do banco de areia. Tinham descoberto alguma coisa e estavam mergulhando. As andorinhas piavam, e as gaivotas gritavam.

— Que é que elas estão procurando, Tom? — perguntou Henry.

— Sei lá. Parece um cardume de peixes pequenos, fundo demais pra elas alcançarem.

— Essas pobres aves miseráveis têm que acordar mais cedo do que nós pra ganhar a vida — disse Willie. — Ninguém avalia o trabalho que isso lhes dá.

— Como é que você vai prosseguir, Tom? — perguntou Ara.

— O mais próximo possível da margem até o fim do baixio.

— Você não vai examinar aquela ilhota em feitio de meia-lua onde houve o naufrágio?

— Vou dar uma volta bem por perto dela, e vocês todos olhem com os binóculos. Depois atracarei na enseada por dentro da ponta de Guillermo.

— Nós atracaremos — frisou Willie.

— Isso estava subentendido. Por que você fica tão intratável logo de manhã cedo?

— Não sou intratável. Estou apenas admirando o oceano e esta bela costa que Colombo foi o primeiro a descobrir. A minha sorte é que não servi sob as ordens dele.

— Pois pensei que você tivesse servido — replicou Thomas Hudson.

— Li um livro sobre ele no hospital em São Diego — disse Willie. — Sou uma autoridade em Colombo, e ele tinha uma tripulação fodida pior do que esta.

— Esta não é fodida.

— Não — disse Willie. — Por enquanto.

— OK, marinheiro de Colombo. Está vendo aquele resto de naufrágio a cerca de vinte graus a estibordo?

— Quem tem que ver é seu sentinela de estibordo — retrucou Willie. — Mas posso enxergar perfeitamente com minha vista que presta. Tem um mergulhão das Bahamas empoleirado nele. No mínimo veio dar-nos reforço.

— Ótimo — disse Thomas Hudson. — É dele que precisamos.

— Eu provavelmente podia ter sido um grande ornitologista — disse Willie. — Minha avó criava galinhas.

— Tom — perguntou Ara. — Será que não dava pra gente se aproximar um pouco mais? A maré já está alta.

— Claro — respondeu Thomas Hudson. — Peça ao Antônio pra ir lá na proa me informar quanta água eu tenho.

— Você tem água de sobra, Tom — gritou Antônio. — Daqui até a praia. Você conhece este canal.

— Eu sei. Mas queria ter certeza.

— Quer que eu me encarregue do timão?

— Não, obrigado — respondeu Thomas Hudson.

— Agora já dá pra gente ver tudo que é uma maravilha — disse Ara. — Olhe você primeiro, Gil. Só vou ajudá-lo. Passe tudo em revista com o binóculo.

— Quem é o encarregado do primeiro quadrante marítimo? — perguntou Willie. — Como foi que você trocou de lugar comigo, hem?

— Foi quando o Tom lhe pediu pra olhar o naufrágio. Trocamos automaticamente. Quando você ficou a estibordo, eu fiquei a bombordo.

— Esta conversa tá muito náutica pra mim — retrucou Willie. — Quando você quiser ser náutico, fale direito ou então cale a boca. Por que não diz direita ou esquerda que nem pra governar o barco?

— Foi você quem falou em sentinela de estibordo — lembrou Henry.

— Tem razão. E daqui por diante vou dizer lá embaixo e lá em cima e na frente e atrás do barco.

— Willie, quer fazer o favor de parar de discutir com o Gil e o Ara e examinar a praia com o binóculo? — pediu Thomas Hudson. — A praia e depois até o primeiro terço do baixio.

— Sim, Tom — respondeu Willie.

Era fácil verificar se havia alguém morando em Cayo Guillermo nessa parte, que era o lado que ficava a barlavento durante quase todo o ano. Mas não surgiu nada à vista enquanto se aproximavam ao longo da costa. Colocaram-se em posição enviesada frente ao promontório, e Thomas Hudson anunciou:

— Vou fazer uma volta na ilhota em meia-lua o mais perto possível, e vocês todos examinem tudo com os binóculos. Se notarem alguma coisa, a gente pode parar e ir até lá de escaler.

A brisa começava a levantar e o mar a se encapelar, mas ainda não quebrava no banco de areia por causa da maré alta. Thomas Hudson olhou adiante a pequena ilha rochosa. Sabia que havia um navio afundado na ponta ocidental, mas com essa maré alta aparecia apenas o casco vermelho escuro. Por dentro desse baixio havia uma parte rasa e uma praia de areia, que só avistaria depois de contornar o naufrágio.

— Há alguém morando na ilha — avisou Ara. — Estou vendo fumaça.

— Exato — confirmou Willie. — É no lado a sota-vento, e a brisa a está levando pra oeste.

— A fumaça vem mais ou menos do centro de onde deve ser a praia — precisou Gil.

— Há algum mastro?

— Nenhum — respondeu Gil.

— Eles podiam enfurnar a porra do mastro durante o dia — lembrou Willie.

— Vão pras suas posições — ordenou Thomas Hudson. — Ara, você fica aqui comigo. Willie, diga ao Peters pra continuar falando no rádio, mesmo que ninguém possa ouvi-lo.

— Que lhe parece? — perguntou Ara quando os outros se afastaram.

— Parece-me que se eu andasse pescando e secando peixe não ia querer vir aqui pra Guillermo quando as calmarias chegassem e trouxessem os mosquitos.

— Eu também.

— Ninguém está queimando nenhum carvão neste baixio, e a fumaça é pequena. Portanto a fogueira deve ser recente.

— A menos que seja o resto de uma maior.

— Pensei nisso.

— Então dentro de cinco minutos veremos.

Contornaram o naufrágio, que tinha outro mergulhão pousado em cima, e Thomas Hudson pensou: nossos aliados estão se apresentando rápido. Depois se aproximaram a sota-vento do baixio, e Thomas Hudson viu a praia de areia, o verdor ao fundo, e um casebre, de onde saía a fumaça.

— Graças a Deus — exclamou.

— Igualmente — apoiou Ara. — Também estava com medo que fosse outra coisa.

Não havia indício de qualquer barco.

— Acho que estamos realmente chegando perto deles. Vá até lá depressa com o Antônio e me informe o que encontrar. Vou atracar bem do lado da margem. Diga a eles que se mantenham em suas posições e procedam com naturalidade.

O escaler girou e foi à praia. Thomas Hudson viu Antônio e Ara caminhando em direção ao casebre coberto por folhas de palmeira. Andavam com a maior agilidade possível sem correr. Os dois chamaram, e uma mulher saiu do casebre. Era morena como índia do mar, estava descalça e os cabelos compridos lhe davam quase pela cintura. Enquanto falava, outra mulher apareceu. Também era morena, de cabelos longos e carregava um nenê no colo. Mal terminou de falar, Ara e Antônio apertaram a mão das duas e voltaram ao bote. Empurraram-no, ligaram o motor e vieram embora.

Antônio e Ara subiram à segunda ponte de comando enquanto o bote estava sendo içado a bordo.

— Há duas mulheres lá — disse Antônio. — Os homens estão fora, pescando. A que segurava o nenê viu um barco de tartarugas entrar pelo canal interno. Entrou quando esta brisa começou.

— Isso deve ter sido há uma hora e meia, mais ou menos — opinou Thomas Hudson. — Com a maré já diminuindo.

— Muito rápido — disse Antônio. — Está descendo muito rapidamente, Tom.

— Quando ficar baixa, não vai haver água que chegue pra nos levar pra lá.

— Não.

— Que é que você acha?

— O navio é seu.

Thomas Hudson girou bem o timão, aumentou os dois motores para duas mil e setecentas rotações e rumou para o promontório do baixio.

— Até eles são capazes de encalhar — disse. — Ah, foda-se.

— Se a coisa ficar muito ruim, a gente pode ancorar — sugeriu Antônio. — É um fundo margoso pra encalhar. Margoso e lamacento.

— E com trechos rochosos — disse Thomas Hudson. — Chame o Gil cá pra cima pra olhar as balizas. Ara, você e o Willie verifiquem todas as armas. Fique aqui, por favor, Antônio.

— A passagem é desgraçada — disse Antônio. — Mas não é impossível.

— Com água baixa é. Mas talvez o outro filho da puta também encalhe, ou talvez a ventania não venha.

— Vem sim, Tom — afirmou Antônio. — Agora já está tudo preparado para o vento alísio.

Thomas Hudson olhou o céu e viu as longas fibras brancas de nuvens do vento leste. Depois virou para o promontório do baixio principal, no ponto em que os bancos de areia começavam a aparecer. Sabia que era ali que o problema teria início. Por fim fitou a massa confusa dos baixios que surgia pela frente como manchas verdes na água.

— Já dá pra avistar a baliza, Gil? — perguntou.

— Não, Tom.

— É provável que seja apenas um galho de árvore ou talvez uma estaca.

— Ainda não dá pra ver nada.

— Devia estar bem na nossa frente.

— Estou vendo, Tom. É uma estaca alta. Bem na nossa frente.

— Obrigado — disse Thomas Hudson.

Os bancos de areia de cada lado ficavam amarelados ao sol, e a corrente de maré que vinha escoando do canal era a água verde da laguna interna. Não estava suja nem turva da marga das margens porque o vento não tinha tido tempo de encapelar um vagalhão que as agitasse. Isso facilitava a pilotagem.

Então viu como era estreita a entrada além da ponta da baliza e sentiu uma ferroadada no couro cabeludo.

— Não tem problema, Tom — disse Antônio. — Continue perto da margem a estibordo. Eu vejo a entrada quando ela se alargar.

Continuou perto da margem a estibordo e avançou devagar. A certa altura olhou a margem a bombordo, viu que estava mais próxima que a outra, e desviou para a direita.

— Não está revolvendo a lama? — perguntou.

— Aos montes.

Chegaram à curva perigosa, e não foi tão ruim quanto imaginava. A parte estreita que haviam atravessado era pior. O vento já levantara e Thomas Hudson sentiu-o soprando violentamente nos ombros nus ao avançarem a seu favor por essa entrada.

— A baliza tá bem na frente — avisou Gil. — É só um galho de árvore.

— Já vi.

— Mantenha-se sempre perto da margem a estibordo, Tom — aconselhou Antônio. — Ainda temos este pedaço.

Thomas Hudson se apegou à margem a estibordo como se estivesse estacionando um carro junto da calçada. Se bem que não parecesse uma calçada e sim o terreno lamacento e cheio de reentrâncias de um velho campo de batalha, no tempo em que combatiam com grandes concentrações de artilharia, que subitamente houvesse irrompido do fundo do oceano e se espalhado, feito mapa em relevo, à sua direita.

— Estamos revolvendo muita lama?

— Bastante, Tom. A gente pode ancorar depois de passar por esta entrada. Deste lado de Contrabando. Ou a sota-vento de Contrabando — sugeriu Antônio.

Thomas Hudson virou a cabeça e viu Cayo Contrabando, tão pequeno, verde e alegre, e retrucou:

— Aquilo que se foda. Esquadrinhe aquele baixio e o canal que aparece pra ver se tem um barco de tartarugas, por favor, Gil. Estou enxergando as duas próximas balizas.

Essa passagem era fácil. Mas logo adiante já divisava o banco de areia à direita, que começava a ficar descoberto. Quanto mais se aproximavam de Cayo Contrabando, mais estreita se tornava a passagem.

— Mantenha-se a bombordo daquela baliza — aconselhou Antônio.

— É o que estou fazendo.

Ultrapassaram a baliza, que era apenas outro galho seco. Estava tismado e oscilava ao vento, e Thomas Hudson achou que com aquela ventania iriam ter um

fundo ainda muito menor do pouco que já havia.

— Como vai a nossa lama? — perguntou a Antônio.

— Revolvendo-se à beça, Tom.

— Está enxergando alguma coisa, Gil?

— Só as balizas.

A água já começava a ficar leitosa por causa do vagalhão que se encapelara com o vento, e era impossível enxergar o fundo ou as margens, a não ser quando o navio as punha à mostra.

Isso não é bom, pensou Thomas Hudson. Mas pra eles também não é. E eles têm que virar de bordo. Precisam ser marinheiros de verdade. Agora tenho que resolver se iriam pelo canal antigo ou pelo novo. Depende do piloto que tiverem. Se ele for jovem, provavelmente tomará o novo. Foi o que o furacão expandiu. Se for velho, no mínimo vai seguir pelo antigo, por força do hábito e porque é mais seguro.

— Antônio — perguntou. — Você quer ir pelo canal antigo ou pelo novo?

— Os dois são péssimos. Não há muita diferença.

— O que você faria?

— Ancoraria a sota-vento de Contrabando e esperaria a maré.

— Não vamos ter maré suficiente pra conseguir fazer isso de dia.

— Aí é que está o problema. Você apenas me perguntou o que eu faria.

— Vou ver se apresso o filho da puta.

— O navio é seu, Tom. Mas se a gente não os pega, alguém há de pegar.

— Mas por que as patrulhas aéreas de Cayo Francés nunca passam por aqui?

— Elas passaram. Hoje de manhã. Você não viu?

— Não. E por que não me disse?

— Pensei que tivesse visto. Um daqueles hidroaviões pequenos.

— Merda — exclamou Thomas Hudson. — Deve ter sido quando eu estava na proa e o gerador estava funcionando.

— Bem, agora isso não faz a mínima diferença — retrucou Antônio. — Mas, Tom, as duas próximas balizas estão faltando.

— Gil, não dá pra você ver as duas?

— Não vejo nenhuma.

— Elas que se fodam — disse Thomas Hudson. — A única coisa que tenho que fazer é me apegar a esse próximo baixio de merda e me afastar da restinga de areia que o percorre de norte a sul. Depois vamos passar por aquele maior, onde há os mangues, e aí então decidiremos entre o canal antigo e o novo.

— O vento leste tá levando toda a água embora.

— O vento leste que se dane — retrucou Thomas Hudson.

Mal pronunciou as palavras, soaram como uma blasfêmia fundamental, mais velha que qualquer outra relacionada com a religião cristã. Ele sabia que estava praguejando contra um dos grandes amigos de toda a gente que se faz ao mar. E como a blasfêmia estava feita, não se desculpou. Repetiu-a.

— Você não está falando sério, Tom — disse Antônio.

— Eu sei disso — retrucou Thomas Hudson.

Depois, consigo mesmo, fez um ato de contrição e não se lembrava direito dos versos. “Sopra, sopra, vento oeste. Tomara que caia uma chuvinha. Ah, meu Deus, quem dera que meu amor estivesse aqui, numa cama bem quentinha.” É a porra do mesmo vento, pensou, só com diferença de latitude. Eles vêm de continentes diferentes. Mas todos os dois são leais, amigos e bons. Por fim repetiu para si mesmo: “Ah, meu Deus, quem dera que meu amor estivesse aqui, numa cama bem quentinha.”

A água agora estava tão lodosa que não sobrava mais nada para governar, exceto os raios de ação e a sucção que o navio fazia da água das margens. George se achava na proa com a sonda, e Ara empunhava uma vara comprida. Mediam o fundo e informavam à ponte.

Thomas Hudson teve a sensação de que aquilo já lhe sucedera antes num pesadelo. Haviam passado por muitos canais difíceis. Mas essa era outra coisa que já acontecera alguma vez em sua vida. Talvez durante a vida inteira. Só que agora estava acontecendo com tanta intensidade que se sentia ao mesmo tempo senhor e prisioneiro dela.

— Dá pra ver alguma coisa, Gil? — perguntou.

— Nada.

— Quer que eu chame o Willie cá pra cima?

— Não. Eu vejo tudo o que ele veria.

— Em todo caso, acho que devia chamar.

— Como queira, Tom.

Dez minutos depois encalharam.



Encalharam num trecho de fundo lamacento e arenoso que deveria estar marcado por uma baliza, e a maré continuava baixando. O vento soprava forte, e a água estava enlameada. Logo adiante havia um baixio verdejante de tamanho médio que parecia quase imerso na água e, à esquerda, um punhado de outros, diminutos. De ambos os lados se viam nesgas de margem escavada que começavam a aparecer à proporção que a água recuava. Thomas Hudson enxergou revoadas de aves da costa girando e pousando por ali à procura de alimento.

Antônio tinha soltado o escaler e, junto com Ara, lançava uma âncora na proa e duas mais leves na popa.

— Você não acha que precisamos de outra na proa? — perguntou-lhe Thomas Hudson.

— Não, Tom. Acho que não.

— Se o vento aumentar, é capaz de nos empurrar contra a correnteza, quando ela vier.

— Acho que ela não vem, Tom. Mas é possível.

— Vamos pôr uma a barlavento e deslocar a grande mais a sota-vento. Aí então não precisamos nos preocupar.

— Tá certo — concordou Antônio. — Prefiro fazer isso a encalhar de novo num lugar ruim.

- É — disse Thomas Hudson. — Já passamos por isso antes.
- Mesmo assim, o mais certo é ancorar.
- Eu sei. Apenas lhe pedi pra pôr outra pequena e deslocar a grande.
- OK, Tom — disse Antônio.
- O Ara gosta de levantar âncoras.
- Ninguém gosta de levantar âncoras.
- O Ara gosta.

Antônio sorriu e retrucou:

- Talvez. Em todo caso, concordo com você.
- Mais cedo ou mais tarde, sempre concordamos.
- Mas não devemos deixar pra quando for tarde demais.

Thomas Hudson observou a manobra e olhou adiante o baixio verde que já começava a escurecer nas raízes dos mangues à medida que a maré baixava. Talvez estejam na enseada do lado sul daquele baixio, pensou. A ventania vai continuar até as duas ou três horas da madrugada, e são capazes de tentar sair ou percorrer um dos dois canais de dia, quando a maré começar a encher. Depois poderão passar por aquela baía tão ampla que até parece um lago, em que não há nada a temer durante a noite toda. Contam com faróis e um bom canal para sair na extremidade oposta. Tudo depende do vento.

Desde que haviam encalhado que se sentia, de certo modo, numa trégua. Quando encalharam, o baque pesado do navio lhe deu a sensação de que era ele próprio que fora atingido. Percebeu que não batera num fundo rochoso. Podia sentir isso nas mãos e na sola dos pés. Mas o encalhe lhe causou o efeito de um ferimento pessoal. Depois, mais tarde, sobreveio a sensação de trégua que um ferimento produz. Continuava tendo a impressão de pesadelo e que tudo já tinha acontecido antes. Mas não desse modo, e agora, encalhado, surgia a trégua provisória. Sabia que era apenas uma trégua, mas espairescia nela.

Ara subiu à ponte e disse:

— É um lugar bom pra ancorar, Tom. Estão todas firmes, e nós pusemos uma linha de levantar ferros na grande. Quando puxarmos a grande, vai dar pra sair rápido. Colocamos boias nas duas âncoras da popa com linhas de levantar ferros.

— Eu vi. Obrigado.

— Não fique chateado, Tom. Os filhos da puta talvez estejam logo atrás daquele outro baixio.

— Não estou chateado. Estou apenas com atraso.

— Não é o mesmo que amassar um carro ou perder um navio. Estamos apenas encalhados, à espera da maré.

— Eu sei.

— As duas rodas do leme estão firmes. O barco só está cheio de lama até o rabo.

— Eu sei. Fui eu que o botei aí.

— Vai sair com a mesma facilidade com que entrou.

— Claro que vai.

— Tom. Você está preocupado com alguma coisa?

— Com que que eu podia estar preocupado?

— Com nada. Eu só me preocupo quando você se preocupa.

— A preocupação que se foda — retrucou Thomas Hudson. — Vá com o Gil lá pra baixo. Faça com que todos comam bem e fiquem alegres. Depois iremos revistar aquele baixio com o escaler. É tudo o que se tem a fazer.

— O Willie e eu podemos ir já. Não precisamos comer.

— Não. Depois eu vou com o Willie e o Peters.

— E comigo não?

— Não. O Peters fala alemão. Não diga pra ele que ele também vai. Apenas acorde e faça-o tomar bastante café.

— Por que que eu não posso ir junto?

— A droga do escaler é pequeno demais.

Gil deixou-lhe o binóculo grande e desceu com Ara. Thomas Hudson examinou cuidadosamente o baixio e viu que os mangues eram muito altos para enxergar qualquer coisa que ocultassem. Havia outras árvores misturadas com eles na parte sólida do baixio, formando uma massa tão imponente e compacta que tornava impossível perceber se havia algum mastro aparecendo no abrigo em forma de ferradura da extremidade oposta. O binóculo lhe machucou os olhos, e guardou-

o no estojo, dependurando a alça num gancho e colocando o binóculo deitado na prateleira das granadas.

Ficou contente por se encontrar novamente sozinho na segunda ponte de comando e espaireceu durante o curto prazo de trégua. Contemplou as aves costeiras ciscando nos bancos de areia e lembrou o significado que haviam tido para ele quando menino. Agora não podia sentir mais a mesma coisa e nem desejava matá-las. Mas lembrava dos tempos de criança, junto com o pai numa tocaia de caçador, numa restinga de areia qualquer, com chamarizes de zinco, e do modo como elas vinham quando a maré baixava, desnudando os bancos de areia, e de como ele atraía o bando de pássaros com assobios enquanto descreviam círculos no ar. Era um assobio triste, que agora repetiu, desviando um bando. Mas mudaram de rumo, afastando-se do navio encalhado para ir procurar alimento mais longe.

Esquadrinhou o horizonte com o grande binóculo e não avistou nenhum sinal de barco. Talvez tenham logrado passar pelo novo canal e entrar pela passagem interna, pensou. Seria ótimo se outro grupo os tivesse capturado. Agora não nos vai ser possível pegá-los sem luta. Não se entregariam a um escaler.

Fazia tanto tempo que raciocinava como se fosse eles que já estava cansando. Até que enfim estou realmente cansado, pensou. Ora, sei o que tenho que fazer, portanto é simples. Que coisa formidável, o dever. Não sei o que teria feito se não tivesse o dever depois que o Tom Jr. morreu. Você podia ter pintado, respondeu a si mesmo. Ou feito qualquer coisa de útil. Talvez, pensou. Mas o dever é mais simples.

Isso tem uma utilidade, pensou. Não julgue que não tenha. Ajuda a superar o resto. É só por isso que estamos trabalhando. Só Deus sabe o que há por trás de tudo isso. Perseguimos esses tipos bem, e agora faça uma pausa de dez minutos, pra depois prosseguir com seu dever. Bem uma ova, pensou. Nós os perseguimos muito bem.

— Você não vai comer, Tom? — gritou Ara.

— Estou sem fome, rapaz — respondeu. — Traga-me a garrafa de chá que ficou no gelo.

Ara alcançou-a, e Thomas Hudson apanhou-a, descansando o corpo no canto da segunda ponte de comando. Bebeu da garrafa de chá gelado, olhando o maior

baixio que tinha pela frente. As raízes dos mangues agora apareciam perfeitamente, e a ilhota dava a impressão de se apoiar em pernas de pau. Depois viu um bando de flamingos revoando do lado esquerdo. Pairavam a pouca distância da água, lindos de ver à luz do sol. Recurvavam os pescoços longos e esticavam as pernas incongruentes; imóveis, batiam as asas róseas e negras, que os levaram à margem lamacenta logo adiante, à direita. Thomas Hudson ficou olhando, maravilhado com aqueles bicos pontiagudos pretos e brancos e a cor-de-rosa que espalhavam no céu, tornando sem importância as estranhas estruturas individuais e, mesmo assim, cada uma despertando-lhe uma emoção. Depois, ao se aproximarem do baixio verde, percebeu que todos enviesavam fortemente para a direita, em vez de o atravessarem em linha reta.

— Ara — chamou lá de cima. Ara subiu.

— Que é, Tom?

— Pegue três niños com cinco pentes cada um e ponha tudo no escaler com uma dúzia de granadas e o estojo médio de curativos. Mande o Willie pra cá, por favor!

Os flamingos tinham pousado bem longe na margem direita e estavam muito entretidos em comer. Thomas Hudson os observava quando Willie exclamou:

— Olhe só aqueles flamingos filhos da mãe.

— Eles sobrevoaram o baixio assustados. Tenho quase certeza de que o barco, ou outro barco, está ali dentro. Quer vir comigo, Willie?

— Evidente.

— Já aprontou o chow?

— Esses desgraçados se empanturraram no almoço.

— Então ajude o Ara.

— O Ara vai junto?

— Vou levar o Peters porque ele fala alemão.

— Por que não leva o Ara no lugar dele? Eu não quero ficar com o Peters numa luta.

— O Peters falando pode evitar que a gente entre em luta. Escute aqui, Willie. Eu preciso de prisioneiros e não quero que o piloto seja morto.

— Você tá exigindo muita coisa, Tom. Eles são oito ou nove, no mínimo, e nós somos três. Porra, afinal como é que a gente pode saber se tem algum piloto?

— Nós sabemos.

— Vamos deixar de tanta nobreza fodida.

— Eu perguntei se você queria ir.

— Eu vou — disse Willie. — Só que aquele Peters...

— O Peters vai lutar. Mande o Antônio e o Henry cá pra cima, por favor, sim?

— Você acha que eles estão ali dentro, Tom? — perguntou Antônio.

— Tenho quase certeza.

— Posso ir junto, Tom? — perguntou Henry.

— Não. O escaler só dá pra três. Se nos acontecer qualquer coisa, vê se taca fogo neles com o calibre 50, se tentarem sair com a primeira maré. Depois você irá encontrá-los na baía grande. O barco há de estar danificado. No mínimo não vão nem conseguir sair. Agarre um prisioneiro, se puder, entre no Cayo Francés e se apresente.

— Eu não podia ir em vez do Peters? — insistiu Henry.

— Não, Henry. Sinto muito. Mas ele fala alemão. Você tem uma tripulação ótima — disse Thomas Hudson a Antônio. — Se tudo ocorrer bem conosco, eu deixo o Willie e o Peters a bordo com tudo o que tiver e trago um prisioneiro de volta no escaler.

— O nosso último prisioneiro não durou muito.

— Vou ver se consigo trazer um que seja bom, forte e saudável. Desçam e verifiquem se está tudo em ordem. Quero olhar mais um pouco aqueles flamingos.

Ficou na ponte, observando os flamingos. Não é só a cor, pensou. Não é só o preto sobre aquele tom rosado. É o tamanho que eles têm, a sua feiura em detalhes e, no entanto, são diabolicamente lindos. Deve ser uma ave antiquíssima, dos tempos pré-históricos.

Não olhou pelo binóculo porque agora não queria detalhes. Queria a massa rosada sobre a areia cinza parda. Dois outros bandos se juntaram ao primeiro e as margens se coloriram de um modo que ele não ousaria pintar. Ou ousaria e teria

pintado, pensou. Como é bom ver flamingos antes de fazer esta excursão. Acho melhor não lhes dar tempo de se preocupar ou refletir demais.

Desceu da ponte e pediu:

— Gil, vá lá pra cima e fique de binóculo no baixio. Henry, se você escutar muito barulho e depois o barco de tartarugas sair de lá de trás, arrebente com a merda da proa dele a bala. Todo mundo sobe e examina de binóculo onde houver sobreviventes e amanhã vocês podem caçá-los. Amarrem o escaler onde o barco for atingido e usem-no. O barco de tartarugas tem uma canoa, e vocês podem também amarrar e usá-la se não a danificarem demais.

Antônio perguntou:

— Mais alguma ordem?

— Fiquem apenas de intestino aberto e procurem levar uma vida limpa. Daqui a pouco estaremos de volta. Andem, seus dois cavalheiros bastardos. Vamos de uma vez.

— Minha avó sempre afirmou que eu não era bastardo — retrucou Peters. — Ela dizia que era o nenezinho mais bonito, mais legítimo do país.

— Minha mãe também afirmava que eu não era bastardo — disse Willie. — Onde você quer que a gente fique, Tom?

— O escaler se equilibra melhor com vocês na proa. Mas se quiserem, eu fico nela.

— Entre e cuide do motor — pediu Willie. — Agora você está com um navio bom de fato.

— Eu sei o que eu estou fazendo — disse Thomas Hudson. — Estou melhorando. Pode entrar a bordo, Mr. Peters.

— É um prazer estar a bordo, almirante — disse Peters.

— Feliz caçada — disse Henry.

— Vai se foder — gritou Willie.

O motor pegou e partiram rumo à silhueta do baixio, que agora estava mais baixo na água devido à falta de altitude.

— Vou encostar na margem, e a gente desembarca sem fazer barulho.

Os dois homens acenaram com a cabeça, um à meia-nau, o outro na proa.

— Pendurem a ferramenta no ombro. Não ligo pra porra nenhuma se isso aparecer — disse Thomas Hudson.

— Não sei onde é que eu ia esconder — disse Peters. — Já tô me sentindo que nem um dos jumentos da minha avó.

— Pois então se sinta. É um animal bom pra caralho.

— Tom, será que tenho que lembrar toda aquela conversa mole sobre o piloto?

— Lembre, mas use a cabeça.

— Bem — disse Peters. — Não temos mais nenhum problema pra encher.

— Acho melhor a gente calar a boca — aconselhou Thomas Hudson. — Vamos entrar todos os três a bordo ao mesmo tempo, e se eles estiverem embaixo, você peça em alemão pra saírem com as mãos ao alto. Temos que parar de conversar porque eles podem ouvir vozes a longa distância por cima do ruído do motor.

— O que é que a gente faz se eles não saírem?

— O Willie atira uma granada lá dentro.

— O que é que a gente faz se estiverem no convés?

— A gente taca fogo por setor. Eu me encarrego da popa. O Peters da meia-nau. Você da proa.

— Depois eu atiro uma granada?

— Lógico. Nós precisamos de feridos que dê pra salvar. Foi pra isso que eu trouxe o estojo de curativos.

— Pensei que fosse pra nós.

— Pra nós também. Agora calem o bico. Tudo claro?

— Mais claro que merda — retrucou Willie.

— Ninguém distribuiu rolhas pra botar no cu? — perguntou Peters.

— Jogaram do avião hoje de manhã. Você não pegou uma?

— Não. Mas vovó sempre dizia que eu tinha a digestão mais vagarosa de todos os nenês do Sul. Um dos meus cueiros tá exposto lá no Instituto Smithsonian da Confederação.

— Parem com esse papo furado — pediu Willie, curvando-se para não falar alto. — A gente vai fazer tudo isso de dia. Tom?

— Agora.

— Quero ser um bom filho da puta — retrucou Willie. — Caí no meio de gatunos e bastardos.

— *Te fecha*, Willie, e vamos ver como você luta.

Willie concordou com a cabeça e fixou o olho bom na direção do baixio verde de mangues que estava na ponta dos pés sobre as raízes vermelho pardo.

Comentou apenas mais uma coisa antes de contornarem o promontório:

— Ali naquelas raízes há ostras boas.

Thomas Hudson concordou com a cabeça.



Avistaram o barco de tartarugas quando contornaram o promontório e passaram pelo canal que o separava de outro pequeno baixio. O barco estava parado com a proa perto da costa, e tinha trepadeiras penduradas no mastro e o convés coberto com galhos de mangue recém-cortados.

Willie recuou o corpo e com a voz quase ao ouvido de Peters, cochichou:

— A canoa não tá lá. Passe adiante.

Peters virou a cara manchada e sardenta e avisou:

— A canoa não tá lá, Tom. Deve haver alguém em terra.

— Vamos entrar a bordo e afundá-lo — disse Thomas Hudson. — O mesmo plano. Passe adiante.

Peters se debruçou e cochichou ao ouvido de Willie, que começou a sacudir a cabeça. Depois ergueu a mão com o zero de praxe. Zero como um cu, pensou Thomas Hudson. Aproximaram-se com a rapidez possível para um motor de moedor de café, e Thomas Hudson encostou-o habilidosamente sem esbarrar. Willie lançou o arpéu por cima da amurada do barco de tartarugas, prendeu-o com força, e os três subiram ao convés quase ao mesmo tempo. Os pés pisaram em galhos de mangues com seu cheiro completamente novo, e Thomas Hudson viu o mastro drapejado de trepadeiras como se já fosse novamente um sonho. Viu a

escotilha aberta, e outra também lá na frente, tapada com galhos. Não havia ninguém no convés.

Thomas Hudson fez sinal para que Willie passasse adiante dessa escotilha e deu cobertura à outra com a metralhadora portátil. Verificou se o dispositivo de segurança estava em automático. Sob os pés descalços sentia a redondeza áspera dos galhos, as folhas escorregadias e o calor do convés de madeira.

— Diga pra eles saírem de mãos ao alto — pediu em voz baixa a Peters.

Peters falou num alemão duro, rouco. Ninguém respondeu, e nada aconteceu.

Thomas Hudson pensou: o filhinho da vovó tem boa elocução, e pediu:

— Diga pra eles de novo que nós damos dez segundos pra eles saírem. Serão tratados como prisioneiros de guerra. Depois conte até dez.

Peters falou com uma voz que a Thomas Hudson parecia o próprio juízo final de todos os alemães. Virou a cabeça depressa para ver se a canoa estava à vista. Avistou apenas as raízes pardas e o verde dos mangues.

— Conte até dez e jogue uma lá dentro — mandou. — Fique de olho nessa escotilha dianteira de merda, Willie.

— Ela tá tapada com essa merda de galhos.

— Empurre um pra dentro com as mãos quando o Peters começar. Não jogue com força.

Peters contou até dez e, parado ali em pé, alto, desconjuntado como um lançador de bola no montículo, prendendo a metralhadora portátil debaixo do braço esquerdo, puxou o pino da granada com os dentes, deixando-a soltar um pouco de fumaça como se estivesse esquentando, e arremessou-a com o movimento furtado de um Carl Mays à escuridão da escotilha.

Enquanto Thomas Hudson o observava, pensou: que grande ator que ele é; ele tem certeza de que não há nada lá embaixo.

Thomas Hudson se atirou de encontro ao convés, cobrindo a boca da escotilha com sua Thompson. A granada de Peters explodiu com um rápido estalo e um estrondo, e Thomas Hudson viu Willie abrir os galhos para largar outra granada dentro da escotilha dianteira. Depois, à direita do mastro, onde se penduravam as trepadeiras, enxergou a ponta de uma arma surgindo do meio dos galhos na mesma

escotilha onde Willie agia. Abriu fogo contra ela, mas ela disparou cinco tiros rápidos, matraqueando feito um reco-reco infantil. Aí então a granada de Willie detonou com grande clarão. Thomas Hudson olhou e viu Willie, no embornal, puxando o pino de outra granada para jogar lá dentro. Peters estava caído de lado, com a cabeça sobre a amurada. Escorria sangue de sua cabeça sobre os embornais.

Willie jogou, e a granada teve um som diferente porque rolou mais para o fundo do barco antes de estourar.

— Você acha que ainda há outros chupadores de pica? — gritou Willie.

— Vou atirar mais uma daqui — respondeu Thomas Hudson.

Agachou-se e correu para se esquivar de qualquer tiroteio da escotilha grande, e puxou o pino de outra granada, cinzenta, pesada, sólida e, apertando-a entre os dedos, avançou para o lado oposto da escotilha e rolou-a pela popa abaixo. Houve o estalido, a explosão e fumaça onde pedaços do convés saltaram pelos ares.

Willie estava olhando para Peters. Tom se aproximou e também olhou para ele. Não parecia muito diferente do que de costume.

— Bem, perdemos nosso intérprete — disse Willie.

Seu olho bom se contraiu, mas a voz continuava a mesma.

— Está indo a fundo ligeiro — disse Thomas Hudson.

— Já estava encalhado. Mas agora vai direitinho a pique.

— Ainda temos muita coisa pra fazer, Willie.

— E estamos empate. Um a um. Mas afundamos o porqueira do barco.

— Acho bom você voltar correndo pro navio e trazer o Ara e o Henry pra cá.

Mande o Antônio vir até a altura do promontório assim que a maré chegar lá.

— Primeiro tenho que passar uma vistoria aí embaixo.

— Deixe que eu passo.

— Não — protestou Willie. — É a minha especialidade.

— Como é que você está se sentindo, rapaz?

— Ótimo. Só lamento a notícia da perda de Mr. Peters. Vou arranjar um trapo ou coisa que o valha para cobrir o rosto dele. A gente devia endireitá-lo com a cabeça pra cima agora que o barco tá adernando.

— Como ficou o alemão na proa?

— Aos pedaços.



Willie tinha ido buscar Ara e Henry. Thomas Hudson deitou atrás do parapeito formado pela alta amurada do barco de tartarugas. Apoiava os pés na escotilha e procurava enxergar a canoa. Peters jazia estendido do outro lado da escotilha, o rosto coberto por uma camisa de faxina da marinha alemã. Nunca notei que ele fosse tão alto, pensou Thomas Hudson.

Revistara o barco de tartarugas junto com Willie. Estava uma bagunça. Só havia um alemão a bordo, o que atirara em Peters, tomando-o, evidentemente, pelo oficial. Encontraram outra metralhadora portátil Schmeisser e cerca de duas mil cargas de munição numa caixa de metal que tinha sido aberta com alicates ou um abridor de latas. Era de supor que os que haviam descido em terra estivessem armados, porque não existiam armas a bordo. A canoa possuía no mínimo cinco metros e era pesada, a julgar pelas cunhas e marcas que deixara no convés. Ainda tinham comida em quantidade. Consistia principalmente de peixe seco e carne de porco bem assada. O homem que ficara a bordo e atirara em Peters estava ferido: um ferimento feio na coxa, já quase curado, e outro em condições idênticas na parte carnuda do ombro esquerdo. Havia ótimos mapas da costa e das Antilhas, um pacote de Camels sem selos e etiquetado Víveres de Bordo. Não tinham café, nem chá, nem qualquer bebida alcoólica de espécie alguma.

O problema agora era o que fazer. Onde estariam? Deviam ter visto ou escutado a pequena luta no barco de tartarugas e talvez voltassem para buscar seus suprimentos. Podiam ter percebido que o escaler a motor partira só com um homem e pelos tiros e a explosão das granadas deduziriam facilmente que havia três homens mortos ou incapacitados a bordo. Voltariam por causa das provisões ou outra coisa qualquer que tivessem escondido e depois fugiriam para terra firme no escuro. Podiam empurrar a canoa para longe de qualquer coisa em que houvesse encalhado.

A canoa devia ser uma embarcação resistente. Thomas Hudson não dispunha de radiotelegrafista, e portanto era impossível fornecer uma descrição da canoa, e ninguém estaria à procura dela. Depois, se quisessem, e tivessem vontade de tentar, poderiam assaltar o navio de noite. Isso parecia extremamente improvável.

Thomas Hudson analisou todos os aspectos do problema. Finalmente, decidiu: creio que vão se embrenhar pelos mangues, arrastando a canoa e escondendo-a. Se formos atrás, podem preparar-nos uma emboscada facilmente. Aí então irão de canoa até a baía interna aberta, seguindo adiante pra ver se conseguem passar por Cayo Francés de noite. Isso é simples. Talvez arranjem, ou roubem provisões, e continuarão seguindo rumo ao oeste, pra ver se chegam a uma das equipagens alemãs lá por Havana, onde os esconderão até que sejam recolhidos. Podem perfeitamente conseguir um barco melhor.

Podem assaltar um. Ou roubar. Tenho que informar Cayo Francés, entregar Peters e receber minhas ordens. Até Havana não há problema. Em Cayo Francés há um tenente-comandante; ali não vai haver nenhum problema, e eles podem ficar com o Peters.

Tenho gelo suficiente para levá-lo até lá, onde ponho gasolina e depois consigo gelo em Caibarién.

Nós vamos pegar esses tipos de um jeito ou de outro. Mas não quero expor o Willie, o Ara e o Henry a um desses massacres de metralhadora nos mangues a troco de porra nenhuma. Seja como for, eles são oito, pelo que deu pra deduzir do que havia a bordo. Hoje tive oportunidade de surpreendê-los com as calças na mão

e me estrepei porque foram espertos demais ou tiveram sorte demais e são sempre eficientes.

Perdemos um homem. O nosso radiotelegrafista. Mas agora os reduzimos a uma canoa. Se eu enxergá-la, hei de destruí-la, bloqueando a ilha e perseguindo-os até encontrar. Mas não pretendo arriscar o nosso pescoço numa dessas armadilhas de oito contra três. Se depois eu me enrabar, o rabo é meu. De um jeito ou doutro, vou me enrabar mesmo agora que perdi Peters. Se eu perdesse tropas irregulares, ninguém ligaria porra nenhuma. A não ser eu e o navio.

Por que será que estão demorando tanto?, pensou. Não quero que esses cretinos me apareçam pra ver o que é que há a bordo da embarcação e enfrentar sozinho a batalha do baixio sem nome. O que é que eles andam fazendo aí por dentro, afinal? Talvez procurando ostras. O Willie falou em ostras. Talvez simplesmente não quisessem estar neste barco de tartarugas de dia se um avião sobrevoasse por aqui e o enxergasse. Mas a esta altura já devem saber o horário desses aviões. Merda, tomara que saiam de uma vez e acabem logo com isso. Estou bem protegido, e eles teriam que ficar ao alcance dos tiros antes de tentar subir a bordo. Por que é que você supõe que o tal ferido não tocou fogo em nós quando nos aproximamos do costado? Ele deve ter escutado o motor. Talvez estivesse dormindo. Em todo caso o motor faz pouquíssimo barulho.

Há um excesso de porquês nesta história, pensou, e não tenho lá muita certeza de ter analisado devidamente todos os aspectos. Talvez eu não devesse ter tomado o barco. Mas acho que tinha que fazer isso. Afundamos o barco, perdemos o Peters e matamos um homem. Não é lá muito brilhante, mas é sempre um resultado.

Ouviu o ruído do motor e virou a cabeça. Enxergou-o contornando o promontório, mas só pôde ver um homem no escaler. Era Ara na popa. Reparou, porém, que vinha pesado, à tona d'água, e compreendeu que Willie e Henry deviam estar deitados de bruços. O Willie é esperto mesmo, pensou. Agora o pessoal escondido no baixio vai imaginar que só tem um homem no escaler e ver que não é o que partiu antes com ele. Não sei se isso é esperteza ou não. Mas o Willie já deve ter pensado nisso.

O escaler se aproximou a sota-vento do barco de tartarugas, e Thomas Hudson viu o possante tórax de Ara, seus braços compridos e o rosto queimado, agora sério, e notou as contrações nervosas da perna. Henry e Willie estavam deitados de bruços, com a cabeça apoiada nos braços.

Quando o escaler encostou a sota-vento do barco de tartarugas, adernado ao largo do baixio, e Ara se segurou ao corrimão, Willie virou de lado e disse:

— Suba a bordo, Henry, e se arraste lá pra cima com o Tom. O Ara depois lhe alcança a ferramenta. Você também tem a do Peters.

Henry subiu cautelosamente, esfregando a barriga no íngreme convés. Deu uma olhada a Peters ao passar por ele.

— Oi, Tom — disse.

Thomas Hudson pousou a mão no braço de Henry e pediu em voz baixa:

— Vá até a proa e fique completamente colado ao chão, Não deixe aparecer nada por cima da amurada.

— OK, Tom — retrucou o homenzarrão, começando a se arrastar palmo a palmo até a proa.

Teve que passar por cima das pernas de Peters e recolheu a metralhadora portátil e os pentes, que enfiou no cinturão. Apalpou os bolsos de Peters à procura de granadas, que pendurou também no cinturão. Bateu carinhosamente nas pernas do morto e, segurando as duas metralhadoras pela ponta dos canos, arrastou-se até a sua posição na proa.

Thomas Hudson viu que ele espiou pela escotilha dianteira arrebitada enquanto se arrastava pelo íngreme convés por cima dos mangues despedaçados. Seu rosto não deu nenhum sinal do que enxergou lá dentro. Quando chegou a sota-vento da amurada, largou as duas metralhadoras ao lado da mão direita e depois experimentou o funcionamento da de Peters, colocando um pente novo. Pousou os outros pentes junto da amurada, desenganchou as granadas do cinturão e deixou-as a seu alcance. Quando percebeu que ele se achava na posição e contemplava o verdor do baixio, Thomas Hudson virou a cabeça e falou com Willie, que estava deitado no fundo do escaler com o olho bom e o olho ruim fechados contra o sol. Usava uma camisa cáqui desbotada de manga comprida, calções esfarrapados e um

par de tênis. Ara continuava sentado na popa, e Thomas Hudson notou o pretume do seu cabelo e o modo como as mãos enormes se agarravam à amurada. As pernas ainda se contraíam, mas há muito tempo que Thomas Hudson sabia como ele ficava sempre nervoso antes de entrar em ação e a beleza de seu comportamento depois que a coisa começava.

— Willie — perguntou Thomas Hudson. — Você já calculou tudo?

Willie abriu o olho bom e manteve o olho ruim fechado contra o sol.

— Peço licença pra entrar pelo lado oposto do baixio pra ver que bicho dá. A gente não pode deixá-los escaparem daqui.

— Eu vou junto.

— Não, Tommy. Conheço esta bosta, e é a minha especialidade.

— Não quero que você vá sozinho.

— É o único jeito desta vez. Confie em mim, Tommy. O Ara vai voltar pra cá pra lhe dar auxílio se eu correr com ele. Ele pode buscar-me lá na praia se não houver nenhum problema.

Tinha aberto os dois olhos e fitava Thomas Hudson intensamente, da maneira que um sujeito que quer vender um aparelho fita alguém que deve realmente tê-lo, caso possa comprá-lo.

— Eu preferia ir com você.

— É uma barulheira filha da puta, Tom. Tô lhe dizendo que conheço bem esta bosta. Palavra. Sou especialista pra caralho. Você nunca há de encontrar ninguém igual a mim.

— Tá bom. Vá — disse Thomas Hudson. — Mas liquide com a canoa deles.

— Que diabo você pensa que eu vou fazer? Entrar lá pra bater punheta?

— Se você vai entrar, é melhor entrar logo.

— Tom. Você já tem duas armadilhas prontas. O navio e aqui. O Ara lhe deixa todos os movimentos livres. Você dispõe de um fuzileiro que não vai fazer falta nenhuma, com dispensa médica, pra perder. Que que está prendendo você?

— Você, que não para de falar — respondeu Thomas Hudson. — Dê o fora daqui, porra, e que a merda o abençoe.

— Vai se foder — retrucou Willie.

— Pelo jeito você está em boa forma — disse Thomas Hudson, e explicou rapidamente em espanhol para Ara o que iam fazer.

— O que é que está impedindo? — interrompeu Willie. — Posso explicar pra ele deitado de bruços.

— Não demoro, Tom — prometeu Ara.

Thomas Hudson viu-o ligar o motor e depois o escaler se afastando com as costas largas e a cabeça preta de Ara na popa e Willie deitado no fundo. Tinha virado o corpo para ficar com a cabeça perto dos pés de Ara e poder conversar com ele.

O bom, bravo, imprestável filho da puta, pensou Thomas Hudson. O velho Willie. Tomou a decisão por mim quando eu estava começando a fraquejar. Prefiro contar com um bom fuzileiro, mesmo um fuzileiro arruinado, do que com qualquer outra coisa do mundo quando tudo está em jogo. Como agora. Boa sorte, Mr. Willie, pensou. E não vá se foder.

— Como vai você, Henry? — perguntou baixinho.

— Ótimo, Tom. Foi muito elegante do Willie se prontificar a ir, você não acha?

— Ele nunca ouviu falar nessa palavra — retrucou Thomas Hudson. — Simplesmente julgou que era seu dever.

— É uma pena que não tenhamos sido amigos.

— Todo mundo fica amigo quando as coisas preteiam.

— De agora em diante serei amigo dele.

— Nós todos vamos fazer uma porção de coisas de agora em diante — disse Thomas Hudson. — Eu só queria que de agora em diante começasse logo.



Estavam deitados no convés quente observando o contorno do baixio. O sol batia forte em suas costas, mas o vento as refrescava. As dele estavam quase tão queimadas quanto as das índias do mar que tinham visto essa manhã na ilhota externa. Aquilo parecia ter acontecido há tanto tempo quanto sua vida inteira, pensou Thomas Hudson. Aquilo, o mar aberto, os longos recifes onde as ondas quebravam, e a negra profundidade do mar tropical ao longe estavam já tão distantes em relação a sua vida agora. Nós podíamos ter simplesmente saído pelo mar aberto com esta brisa e chegado a Cayo Francés, e Peters teria respondido à sinalização deles, e nós todos estaríamos tomando cerveja gelada hoje de noite. Não pense mais nisso, rapaz. Você fez o que tinha que fazer.

— Henry — disse ele. — Como é que você está se saindo?

— Muito bem, Tom — respondeu Henry, baixinho. — Uma granada não explode só porque esquentou no sol, não é?

— Nunca vi. Mas pode aumentar a potência.

— Tomara que o Ara traga um pouco d'água — disse Henry.

— Não lembra se eles carregaram?

— Não, Tom. Fiquei cuidando do meu próprio equipamento e não reparei.

Aí então, contra o vento, escutaram o ruído do motor do escaler. Thomas Hudson virou cautelosamente a cabeça e avistou-o contornando o promontório.

Vinha bem à flor da água, com Ara instalado na popa. Podia ver a largura dos seus ombros e da cabeça preta a distância. Thomas Hudson virou outra vez para observar o baixio e enxergou uma garça noturna se erguendo no meio das árvores e ir embora voando. Depois dois jabirus fizeram o mesmo, batendo ligeiro as asas, bordejando a costa, a favor do vento, tomando o rumo do pequeno baixio.

Henry também os observou, comentando:

— O Willie já deve estar embrenhado na mata.

— É — concordou Thomas Hudson. — Elas saíram do espinhaço alto no centro do baixio.

— Então lá não havia ninguém.

— Não, se foi o Willie que as espantou.

— É mais ou menos onde o Willie andaria a esta altura, se o caminho não estivesse muito ruim.

— Abaixese bem agora quando o Ara chegar.

Ara encostou o escaler no lado adernado do barco de tartarugas e jogou o arpéu contra a amurada. Subiu cuidadosamente, com a facilidade de um urso. Trazia uma garrafa d'água e outra velha de gim que continha chá, cada uma amarrada a um pedaço de grossa linha de pesca que havia passado em torno do pescoço. Arrastou-se e foi deitar junto de Thomas Hudson.

— Não vai me dar um pouco dessa droga de água? — perguntou Henry.

Ara largou tudo ao lado de Thomas Hudson, desamarrou a garrafa d'água da linha de pesca e se arrastou com a maior prudência pelo convés inclinado acima, passando pelas duas escotilhas até chegar ao ponto em que Henry estava colocado.

— Beba — disse. — Mas vê se não toma banho com ela.

Bateu nas costas de Henry e voltou arrastando-se para deitar perto de Thomas Hudson.

— Tom — disse, falando baixo. — Não encontramos nada. Desembarquei o Willie lá do outro lado, quase diretamente oposto a nós, e fui até o navio. Aí subi a bordo a sota-vento, escondido do baixio. Expliquei tudo ao Antônio, que compreendeu logo. Depois enchi o motor de gasolina, enchi a lata de reserva e trouxe o chá gelado e a água.

— Ótimo — retrucou Thomas Hudson. Desceu um pouco no convés e tomou um gole demorado da garrafa de chá. — Muito obrigado pelo chá.

— Foi o Antônio que lembrou. Nós esquecemos certas coisas na pressa da hora de saída.

— Avance mais pro lado da popa pra poder cobri-la.

— OK, Tom — disse Ara.

Ficaram ali deitados ao sol e ao vento, cada um observando o baixio. De vez em quando uma ave, ou duas, levantava voo, e eles sabiam que havia sido espantada ou por Willie ou pelos outros.

— O Willie deve andar furioso com as aves — comentou Ara. — Não se lembrou delas quando se embrenhou por lá.

— É o mesmo que se soltassem balões — respondeu Thomas Hudson.

Estava pensando e virou para olhar por cima do ombro.

Já não estava gostando nada daquilo. Um número excessivo de aves batia asas no meio do baixio. E que motivo tinham agora para crer que os outros andassem por ali? Em primeiro lugar, a troco de que iam se meter ali? Deitado no convés, sentiu uma sensação de vazio no peito, como se ambos, ele e Willie, tivessem sido derrotados. Talvez eles não nos tenham engolido. Mas isso não está me cheirando bem, todas essas aves se espantando, pensou. Outro par de jabirus levantou voo a pouca distância da praia. Thomas Hudson virou para Henry e pediu:

— Desce até a escotilha dianteira, Henry, por favor, e continue observando o lado da terra.

— Aquilo ali está uma confusão danada.

— Eu sei.

— Tá bem, Tom.

— Deixe as suas granadas e os pentes. Leve só uma no bolso e o niño.

Henry deslizou até a vigia e ficou olhando para os baixios internos que dissimulavam o canal. Sua expressão não mudara. Mas ele apertava os lábios para não demonstrar.

— Você me desculpe, Henry — disse-lhe Thomas Hudson. — Mas tem que ser assim por algum tempo.

— Não tem importância — retrucou Henry. Aí então a severidade estudada do seu rosto se desfez, e ele deu seu sorriso fabulosamente simpático. — Só que não é propriamente essa a minha ideia de passar um bom veraneio.

— Nem a minha tampouco. Mas no momento as coisas não estão tão simples assim.

Um alcaravão saiu de entre os mangues, e Thomas Hudson ouviu-o grasnar, seguindo com os olhos o impulso nervoso que tomou a favor do vento. Depois se resignou a traçar o avanço de Willie no meio dos mangues pelo levantar e pelo voo das aves. Quando elas pararam de surgir, teve certeza de que fora obrigado a recuar. Depois, passado algum tempo, começaram a levantar de novo, e percebeu que Willie estava contornando a curva a barlavento do baixio. No fim de três quartos de hora viu uma grande garça branca bater asas em pânico e começar seu lento e pesado voo naquela direção.

— Ele já vem vindo — avisou a Ara. — É melhor ir buscá-lo lá no promontório.

— Lá está ele — disse Ara, depois de uma pausa. — Acabou de acenar. Está deitado a poucos passos da praia.

— Vá buscá-lo e mande-o deitar-se no fundo.

Ara escorregou até o escaler com a metralhadora e duas granadas nos bolsos. Entrou pela popa e ligou o motor.

— Atire-me a garrafa de chá, sim, Tom?

Ara apanhou-a usando as duas mãos por segurança em vez de apanhá-la só com uma, como costumava fazer. Gostava de apanhar granadas com uma só mão, do modo mais difícil possível, assim como gostava de abrir as tampas dos detonadores com os dentes. Mas aquele chá era para Willie, e ele avaliava o que Willie havia passado, muito embora não houvesse resultados, e colocou a garrafa com todo o cuidado sob a popa, torcendo para que estivesse gelada.

— Que que você acha, Tom? — perguntou Henry.

— Estamos fodidos. Pelo menos por enquanto.

Em poucos instantes o escaler encostava de novo, e Willie estava deitado no fundo com a garrafa de chá em ambas as mãos. Tanto elas como o rosto estavam

arranhados e sangrando, apesar de tê-los lavado com água do mar, e da camisa pendia uma manga rasgada. O rosto tinha ficado inchado das mordidas de mosquitos, e havia calombos provocados por elas em todos os pontos em que a carne ficara exposta.

— Não há porra nenhuma, Tom — disse ele. — Nunca andaram por esse baixio. Você e eu não fomos tão espertos assim, merda.

— Não.

— Que que você acha?

— Eles entraram depois que encalharam. Se foi pra valer ou só pra fazer um reconhecimento dos canais é o que eu não sei.

— Você acha que nos viram a bordo?

— Podiam ter visto tudo ou nada. Estão bastante baixos n'água pra enxergar.

— Devem ter escutado com o vento.

— Pode ser.

— E agora?

— Você vai lá pro navio e mande o Ara de volta pra buscar o Henry e eu. Talvez eles ainda apareçam.

— E o Peters? A gente podia levá-lo.

— Levem-no agora.

— Tommy, você tá debruçado do lado errado — disse Willie. — Nós dois nos enganamos, e não lhe estou dando nenhum conselho.

— Sei disso. Vou passar lá pra escotilha traseira assim que o Ara levar o Peters.

— É melhor que ele o leve sozinho — sugeriu Willie. — São capazes de ver silhuetas. Mas não podem distinguir um objeto achatado no convés sem binóculos.

Thomas Hudson explicou a Ara, que subiu e carregou Peters com toda a facilidade, da maneira mais impessoal, amarrando porém o pano por trás da cabeça. O peso não era leve nem pesado, e o único comentário que fez ao erguê-lo para escorregá-lo de cabeça para baixo no escaler foi:

— Ele está bem duro.

— É por isso que os chamam de presuntos — disse Willie. — Nunca ouviu falar?

— Sim — respondeu Ara. — Nós chamamos de *fiambres*, que significa frios, que nem num restaurante onde se come peixe ou carnes frias. Mas eu estava pensando no Peters. Ele sempre foi tão flexível.

— Eu o mando voltar logo, Tom. Precisa de alguma coisa?

— De sorte — respondeu Thomas Hudson. — Obrigado pela patrulha de reconhecimento, Willie.

— Ah, apenas a bobagem de sempre — disse Willie.

— Peça ao Gil pra passar remédio nesses arranhões.

— Os arranhões que se fodam — retrucou Willie. — Agora vou ser um homem das selvas.

Thomas Hudson e Henry ficaram espiando pelas duas escotilhas o contorno interrompido e acidentado dos baixios que se achavam entre eles e a extensa baía que formava o canal interno. Conversavam num tom de voz normal, pois sabiam que os outros não podiam estar mais próximos que aquelas ilhotas verdes.

— Fique de olho — pediu Thomas Hudson. — Vou jogar essas munições deles pela amurada e dar outra olhada lá embaixo.

Encontrou várias coisas que antes não havia notado. Levou a caixa de munição para o convés e empurrou-a pela amurada. Acho que eu devia ter examinado todas as caixas de papelão, pensou, mas foda-se. Buscou a metralhadora Schmeisser e descobriu que não estava funcionando. Deixou-a ao lado de suas coisas.

Vou pedir pro Ara desmontá-la, pensou. Pelo menos já se sabe por que não a levaram junto. Você supõe que deixaram o tal ferido pra trás feito comitê de recepção e deram o fora? Ou supõe que o instalaram à vontade e partiram numa patrulha de reconhecimento? Até que ponto você julga que viram e até que ponto se deram conta?

— Você não acha que a gente devia ter guardado a munição como prova? — perguntou Henry.

— A esta altura já não precisamos de provas.

— Mas sempre é bom ter. Você sabe como eles são cheios de nove-horas e no mínimo vão tachar a história toda de duvidosa. O serviço secreto da Marinha é bem capaz de considerá-la ainda menos que duvidosa. Lembra daquele último, Tom?

— Lembro, sim.

— Ele chegou a entrar na foz do Mississippi e até hoje é tachado de duvidoso.

— Exato.

— Eu acho que a gente devia ter guardado a munição.

— Henry — disse Thomas Hudson. — Por favor, vá com calma. Os mortos do massacre estão lá naquele baixio. Temos balas Schmeisser deles e do alemão morto. Temos outro alemão morto, com o local assinalado no diário de bordo. Temos este barco de tartarugas afundado e um alemão morto aí dentro da proa. Temos duas metralhadoras Schmeisser. Uma não está funcionando, e a outra foi destruída pela granada.

— Pode vir um furacão e levar tudo pelos ares, e eles vão dizer que a coisa toda é duvidosa.

— Muito bem — disse Thomas Hudson. — Suponhamos que a coisa toda seja duvidosa. E o Peters?

— Um de nós provavelmente atirou nele.

— Claro. Teremos que passar por tudo isso.

Ouviram o motor e depois viram Ara contornando o promontório. Esse escaler levanta a proa tão alto quanto uma canoa, pensou Thomas Hudson.

— Junte toda a sua ferramenta, Henry — mandou. — Vamos voltar pro navio.

— Terei o máximo prazer em ficar a bordo deste troço se você quiser.

— Não. Preciso de você no navio.

Depois que Ara encostou, Thomas Hudson mudou de ideia.

— Fique mais um pouco aqui, Henry, que eu mando o Ara buscá-lo. Se eles aparecerem, jogue uma granada dentro da canoa se chegarem a encostar. Pegue essa escotilha traseira, onde você tem espaço de sobra. Use a cabeça.

— OK, Tom. Obrigado por me deixar ficar.

— Eu preferia ficar e mandar você pro navio. Mas tenho que combinar umas coisas com o Antônio.

— Compreendo. Não seria melhor atirar neles quando chegarem perto, antes de jogar a granada?

— Se você quiser. Mas abaixe a cabeça e depois jogue a granada da outra escotilha. E aguento firme.

Estava deitado no embornal a sota-vento, passando suas coisas a Ara. Depois curvou-se sobre a amurada.

— Tem água o bastante pra você aí embaixo? — perguntou a Henry.

— Não, Tom. Mas dá pro gasto.

— Não fique com claustrofobia e não se descuide. Se eles vierem, espere até que encostem bem no barco antes de entrar em ação.

— Lógico, Tom.

— Faça de conta que você está num tiro ao alvo.

— Não é preciso, Tom.

Thomas Hudson já se deitara de costas nas pranchas do escaler.

— O Ara vem buscá-lo assim que você precisar voltar.

— Não se preocupe, Tom. Posso ficar aqui a noite inteira se você quiser, mas gostaria de que ele me trouxesse alguma coisa pra comer, um pouco de rum, talvez, e mais um pouco d'água.

— Ele vai voltar pra apanhá-lo, e a gente bebe um pouco de rum a bordo.

Ara puxou a corda do motor e partiram para o navio. Thomas Hudson apalpou as granadas junto das pernas e o peso do niño apoiado no peito. Cobriu-o com os braços e apertou-o com força. Ara, rindo, curvou-se e disse:

— Esta vida não presta pra criancinhas boas.



Agora já estavam todos a bordo do navio, e fazia frio com o vento do fim da tarde. Não havia mais flamingos no banco de areia, embora continuasse a descoberto. À luz do entardecer ele acinzentara, e um bando de batuíras ciscava em cima. Mais além havia a água rasa, os canais que a lama não deixava ver, e ao fundo os baixios.

Thomas Hudson, parado na segunda ponte de comando e encostado a um canto, escutava o que Antônio lhe dizia:

— Não vamos ter maré alta antes das onze. Este vento está esvaziando toda a água da enseada e dos bancos de areia, e não sei que espécie de profundidade vai sobrar.

— Será que ele desencalha por si ou teremos que rebocá-lo?

— Ele desencalha. Mas não há lua nenhuma.

— Justo. É por isso que temos essas marés grandes.

— Só houve lua ontem de noite — disse Antônio. — É lua nova. Não deu pra ver por causa do vendaval.

— Justo.

— Mande o George e o Gil cortarem uns galhos pra marcar o canal com balizas pra gente poder sair. Sempre dá pra sondar com o escaler e por balizas nos promontórios.

— Olhe, o que eu gostaria de fazer quando desencalharmos é entrar até onde eu possa levar o holofote e a .50 pra assestar contra o barco de tartarugas e botar alguém a bordo pra nos fazer sinal, se eles surgirem na canoa.

— Isso seria o ideal, Tom. Mas você não pode entrar ali no escuro. Você pode entrar com o holofote e o escaler sondando na frente, gritando as profundidades e as balizas. Mas aí então ninguém sairia. Eles nunca apareceriam.

— Tem razão. É a segunda vez que me engano hoje.

— Você se enganou — concordou Antônio. — Mas havia uma possibilidade. Que nem puxar uma carta.

— O importante é que me enganei. Agora me diga o que é que você acha.

— Eu acho que se eles não foram embora e nós não fizemos nenhum movimento, agindo como se não estivéssemos encalhados, eles vão sair pra atacar o navio hoje de noite. Nós temos todo o jeito de um barco de recreio. Tenho certeza de que estavam no interior dos baixios quando a coisa aconteceu. Sentirão desprezo por nós e estarão certos de que somos fracos porque viram apenas um homem o dia todo no escaler, se andaram observando.

— Foi a impressão que procuramos dar.

— E depois, quando descobrirem como estão as coisas no barco de tartarugas, que vai haver?

— Peça ao Willie pra vir cá pra cima — disse a Antônio.

Willie subiu, ainda cheio de calombos das mordidas de mosquitos. Mas os arranhões pareciam ter melhorado, e usava apenas calção cáqui.

— Como é que você vai, homem das selvas?

— Vou muito bem, Tom. O Ara passou um pouco de clorofórmio nas mordidas e pararam de dar comichão. Esses porqueiras de mosquitos têm quase um centímetro de comprimento e são pretos como piche.

— Nos fodemos em grande estilo, Willie.

— Porra. Estávamos fodidos desde o início.

— E o Peters?

— Nós o costuramos dentro de uma lona e botamos um pouco de gelo. Não vai causar sensação no mercado, mas aguenta uns dois dias.

— Escute, Willie. Eu estava falando pro Antônio que o que eu gostaria de fazer era entrar até onde a .50 e o holofote pudessem assestar contra aquele casco. Mas ele diz que não podemos entrar sem alertar o oceano inteiro e que isso estraga tudo.

— Lógico — concordou Willie. — Ele tem razão. Com essa, são três as vezes que você se engana hoje. Estou na sua frente com uma a menos.

— Você acha que vão sair pra tentar assaltar o navio?

— Duvido e faço pouco — retrucou Willie.

— Mas podiam.

— Não são loucos. Mas talvez estivessem bastante desesperados pra tentar.

Os dois estavam sentados no convés da segunda ponte, encostados nos estais e na lona. Willie esfregou a parte do ombro direito que tinha recommçado a coçar por causa da lona.

— É possível que saiam — admitiu. — Já cometeram uma loucura com aquele massacre.

— Não na opinião deles na hora. Você tem que lembrar que haviam acabado de perder o submarino e estavam desesperados.

— Ora, hoje perderam outro navio, além de um companheiro. Talvez gostassem muito do filho da puta.

— Provavelmente. Senão não iam deixar que ele ocupasse espaço.

— Era um cara de fibra, até — disse Willie. — Aguentou firme toda aquela conversa de se render e uma granada antes de sequer entrar em ação. Deve ter pensado que o Peters era o comandante por causa do seu jeito mandão e da maneira de falar alemão.

— Acho que sim.

— Você sabe que as granadas explodiram embaixo do convés. É possível que nem tenham escutado. Quantas cargas você disparou, Tom?

— Não mais que cinco.

— O sujeito deu uma rajada.

— Antônio, você acha que houve muito barulho?

— Não me pareceu — respondeu Antônio. — Estamos a favor do vento e ao norte do barco, com o baixio no meio. Não me pareceu muito forte, mas dava para

ouvir nitidamente.

— É possível que não tivessem escutado — disse Thomas Hudson. — Mas devem ter visto o escaler andando de um lado pro outro e o barco deles adernado. Com toda a certeza pensam que é uma cilada. Não creio que se aproximem dele.

— Quanto a isso, não há dúvida — concordou Willie.

— Mas você acha que vão vir pra cá?

— Sobre isso, sei tanto quanto você e Deus. Não é você que está sempre raciocinando com a mentalidade dos alemães?

— Claro — disse Thomas Hudson. — Às vezes até que acerto. Mas hoje estou encontrando problema.

— Mesmo assim, você está raciocinando feito eles — retrucou Willie. — Só que entrou pelo canal errado.

— A gente podia preparar-lhes uma armadilha ali adiante.

— Você está tão encurralado quanto está querendo encurralá-los — disse Willie.

— Você vai até lá e prepare a armadilha enquanto ainda é dia.

— Assim é que se fala — retrucou Willie. — Esse é que é o Tom que eu conheço. Vou minar as duas escotilhas, aquele alemão morto e o corrimão a sota-vento. Agora você está descobrindo uma saída pra enrascada.

— Use troços à beça. Tem troço de sobra.

— Aquele barco vai ficar tão minado que o próprio Cristo nem vai querer saber dele.

— Estão voltando com o escaler — avisou Antônio.

— Vou pegar o Ara, o necessário e irei logo pra lá — disse Willie.

— Vê se não vai pelos ares.

— Não raciocine demais — recomendou Willie. — Descanse um pouco, Tom. Você vai passar a noite inteira acordado.

— E você também.

— Aqui, ó. Eles que me acordem quando você precisar de mim.

— Deixe que eu fico de guarda — disse Thomas Hudson a Antônio. — Quando é que a maré muda?

— Já mudou, mas está lutando com a correnteza que o forte vento leste sopra lá de dentro da enseada.

— Bote o Gil na .50 e dê uma folga ao George. Mande todo mundo descansar porque logo mais vai ser fogo.

— Por que não toma um trago, Tom?

— Não quero. Que é que temos pra comer logo mais?

— Um enorme pedaço daquele peto, cozido em molho espanhol e feijão-preto com arroz. Não temos mais lata de compota.

— Havia algumas na lista em Confites.

— É. Mas foram cortadas da lista.

— Você não tem nenhuma fruta cristalizada?

— Damascos.

— Põe pra ferver hoje de noite e dá pra eles no café da manhã.

— O Henry não vai querer comer aquilo no café.

— Pois então dê com a primeira refeição que ele fizer direito. Temos bastante sopa?

— Sopa é o que não falta.

— Como é que se está de gelo?

— Tem bastante pra uma semana, se não se usar demais com o Peters. Por que você não o enterra no mar, Tom?

— Talvez enterre — disse Thomas Hudson. — Ele sempre falou que gostaria.

— Ele falava tanta coisa.

— É.

— Tom, por que não toma um trago?

— Tá bem — concordou Thomas Hudson. — Ainda temos gim?

— A sua garrafa está guardada no paiol.

— E coco d'água?

— Tem.

— Prepare-me um gim com água de coco e um pouco de lima. Se houver lima.

— Temos lima à beça. Talvez eu encontre o resto de uísque que o Peters escondeu. Você não preferia?

— Não. Veja onde está e guarde a chave. A gente pode precisar.

— Vou preparar seu drinque e depois trago.

— Obrigado. Pode ser que se tenha sorte e eles saiam hoje de noite.

— Não acredito que saiam. Sou da escola do Willie. Mas sabe lá.

— Estamos com um aspecto tremendamente tentador. E eles precisam de qualquer espécie de embarcação.

— Sim, Tom. Mas não são bobos. Senão você não conseguiria raciocinar que nem eles.

— OK. Traga-me a bebida. — Thomas Hudson examinava os baixios com o binóculo grande. — Vou tentar raciocinar mais um pouco que nem eles.

Mas não teve sorte. Nem sequer pôde raciocinar direito. Ficou olhando o escaler, com Ara na popa e Willie, fora de vista, contornar o promontório. Viu o bando de batuíras finalmente levantar voo, virar e se dirigir para um dos baixios externos. Depois ficou sozinho e tomou o drinque preparado por Antônio.

Lembrou-se da promessa feita a si mesmo de que não beberia durante essa viagem, nem mesmo o trago único para refrescar à noite, para não pensar em nada fora do trabalho. E de como havia planejado cansar-se tanto que dormiria completamente exausto. Mas não tentou desculpar-se por aquele drinque, nem pela promessa quebrada.

Não me poupei, pensou. Quanto a isso não há dúvida. Agora é melhor tomar esta bebida e refletir noutra coisa além dessa gente que anda escondida por aí. Se saírem hoje de noite, vamos estar com tudo preparado à espera. Caso contrário, amanhã de manhã eu vou atrás deles com a maré alta.

E assim tomou o drinque, que estava gelado e com gosto limpo, e ficou olhando o contorno interrompido dos baixios à sua frente e a oeste. A bebida sempre lhe desaferrolhava a memória que agora guardava tão ciosamente a chave, e os baixios lembravam os dias em que costumavam pescar de corrico quando Tom Jr. era menor. Só que esses baixios eram diferentes e os canais mais largos.

Não se via nenhum flamingo, mas os outros pássaros tinham sido quase todos da mesma espécie, com exceção dos bandos de grandes batuínas douradas. Lembrava das temporadas em que as batuínas eram cinzentas e das outras em que as penas pretas tinham o tom dourado, e do orgulho de Tom Jr. com a primeira que conseguiu trazer para casa com sua primeira espingarda de cano único calibre vinte. Lembrava como Tom havia acariciado o roliço peito branco, tocando nas lindas manchas negras inferiores, e como naquela noite encontrara o menino dormindo na cama abraçado ao pássaro. Tinha-o tirado com toda a suavidade, esperando não acordar o filho. Ele não acordou. Só apertou os braços ainda com mais força e mudou de posição, ficando deitado de costas.

Ao levar a batuína dourada para o quarto dos fundos, onde ficava a geladeira, teve a sensação de tê-la roubado do menino. Mas alisou cuidadosamente a plumagem e deixou-a numa das prateleiras com grade da geladeira. No dia seguinte pintou para Tom Jr. um quadro da batuína dourada que o menino levou junto para o colégio aquele ano. No quadro procurou captar a força da rapidez e agilidade do pássaro e o fundo era uma vasta praia com coqueiros.

Depois lembrou certa vez em que se achavam num acampamento de turistas. Tinha acordado cedo, e Tom ainda dormia. Deitado de costas com os braços cruzados, parecia a escultura de um jovem cavaleiro jazendo no túmulo. Thomas Hudson o desenhou assim, usando um túmulo que se recordava de ter visto na catedral de Salisbury. Mais tarde pretendia pintar uma tela com o mesmo tema, mas não chegou a fazê-lo porque achou que daria azar. E isso não adiantou de nada, pensou.

Olhou o sol, agora baixo, e conseguiu enxergar Tom lá em cima no céu, num Spitfire. O avião estava muito alto, quase imperceptível, e brilhava como um caco de espelho partido. Ele gostava de voar lá por cima, disse consigo mesmo. E ainda bem que você resolveu que não ia beber.

Mas mais da metade do drinque continuava no copo envolto em papel com um bocado de gelo dentro.

Agradeça ao Peters, pensou. Depois se lembrou de quando moravam antigamente na ilha e de como Tom tinha lido sobre o período glacial no colégio,

receando que um dia voltasse.

— Papai — disse ele. — É só o que me preocupa.

— Não pode vir até aqui — explicou Thomas Hudson.

— Eu sei. Mas nem quero pensar no que seria de toda aquela gente em Minnesota, Wisconsin e Michigan. Até Illinois e Indiana.

— Realmente não acho que você precise preocupar-se com isso — retrucou Thomas Hudson. — Vai ser um processo pavorosamente lento, se vier.

— Eu sei — disse Tom Jr. — Mas é a única coisa que de fato me preocupa. Isso é a extinção dos pombos bravios.

Aquele Tom, pensou, colocando o drinque num dos buracos vazios de granada e examinando cuidadosamente os baixios com o binóculo. Não viu nada que pudesse ser uma canoa e tornou a pousar o binóculo.

Os melhores tempos que tivemos, pensou, foram os da ilha e lá no oeste. Exceto a Europa, lógico, mas se eu começo a pensar nisso, vou lembrar também dela e aí será pior. Onde será que anda a estas horas? Dormindo com algum general, no mínimo. Pois tomara que tenha conseguido um ótimo.

Parecia tremendamente bem e bonita como nunca quando a encontrei em Havana. Podia passar a noite inteira pensando nela. Mas não vou. Já basta a complacência de pensar em Tom. Coisa que não faria se não fosse a bebida. Porém foi bom ter tomado. Sempre há um momento para romper com todas as regras. Todas talvez não. Vou pensar um pouco nele e depois me dedicarei ao pequeno problema que teremos logo mais, quando o Willie e o Ara regressarem. Os dois fazem uma dupla formidável. O Willie aprendeu aquele espanhol horrível nas Filipinas, mas eles se entendem perfeitamente. Vai ver que também é porque o Ara é basco e fala mal o espanhol. Meu Deus do céu, eu é que não gostaria de entrar a bordo daquele casco depois que o Willie e o Ara deixarem tudo pronto por lá.

Ande de uma vez; tome o resto da bebida e pense numa coisa que preste. O Tom está morto e não faz mal pensar nele. Você nunca há de se conformar. Mas agora se sente sólido. Recorde alguma época que tenha sido boa e feliz mesmo. Teve várias.

Quais?, pensou. Todas, realmente, no tempo da inocência, da falta de dinheiro inútil, quando sempre dava pra trabalhar e comer. Uma bicicleta era mais divertido que um automóvel. Viam-se melhor as coisas. Mantinha a gente em forma, e voltando para casa depois de pedalar pelo Bois, podia-se descer pelos Champs Élysées até muito depois do Rond-Point e quando se virava pra enxergar o que vinha atrás da gente, com o trânsito se movendo em duas correntezas, lá estava erguido o cinza imponente do grande arco ao crepúsculo. Os castanheiros agora estariam em flor. As árvores ficariam negras no lusco-fusco, enquanto pedalava rumo à Place de la Concorde, e as flores dos canteiros seriam brancas e pálidas. Desceria da bicicleta de corrida para empurrá-la pelo caminho de pedregulhos e contemplar vagarosamente os pés de castanheiros, e senti-los lá em cima no alto, enquanto empurrava a bicicleta e sentia as pedrinhas sob a sola fina dos sapatos. Tinha comprado esse par de corrida de segunda mão de um garçom que conhecia do Select, ex-campeão olímpico, com o dinheiro de um retrato do proprietário da maneira que o proprietário queria ser pintado.

— Um pouco no estilo de Manet, Monsieur Hudson. Se possível.

Não era um Manet que Manet teria assinado, mas parecia mais Manet que Hudson, e estava idêntico ao proprietário. Thomas Hudson recebeu por ele o dinheiro para o calçado de bicicleta e também beberam muito tempo de graça no bar. Finalmente uma noite se ofereceu para pagar um drinque, a oferta foi aceita e Thomas Hudson percebeu que o pagamento do retrato tinha terminado.

Havia um garçom no Closerie de Lilas que simpatizava com eles e que sempre lhes servia a bebida em copos duplos, de maneira que acrescentando água só precisavam de um por noite. Assim mudaram para lá. Deixavam Tom na cama e sentavam de noite no velho café, completamente felizes por estarem juntos. Depois davam um passeio pelas ruas escuras da Montagne Sainte-Geneviève onde os prédios antigos ainda não haviam sido demolidos, e cada noite procuravam voltar para casa por um caminho diferente. Iam deitar e escutavam Tom respirando no berço, com o rom-rom do gato que dormia a seu lado.

Thomas Hudson lembrava como as pessoas se horrorizavam de que deixassem o gato dormir com o menino e que o abandonassem sozinho quando saíam. Mas

Tom sempre dormia bem e se acordasse, tinha o gato, que era seu melhor amigo. O gato não permitiria que ninguém se aproximasse da cama, e ele e Tom gostavam imensamente um do outro.

Agora Tom estava — foda-se, disse consigo mesmo. É uma coisa que acontece com todo o mundo. A esta altura eu já devia saber disso. No entanto, é a única coisa realmente definitiva.

Como é que você sabe disso?, perguntou-se. Ir embora pode ser definitivo. Sair por uma porta também. Qualquer forma de verdadeira traição pode ser definitiva. A desonestidade. A venalidade. Mas agora você já está falando por falar. A morte é que é realmente definitiva. Tomara que o Ara e o Willie estivessem aqui. Devem estar preparando aquele casco feito uma câmara de horrores. Nunca gostei de matar, jamais. Mas o Willie adora. É um rapaz estranho e muito bom, por sinal. Só que nunca se satisfaz se uma coisa pode ser aperfeiçoada.

Viu o escaler voltando. Depois escutou o tênue ruído do motor. Foi se tornando mais nítido e maior e não demorou muito encostava no barco.

Willie subiu. Estava com pior aspeto do que nunca e o olho ruim parecia quase branco. Perfilou-se todo, fez continência e perguntou:

— Dá licença de falar, comandante?

— Você tá bêbado?

— Não, Tommy. É entusiasmo.

— Você andou bebendo.

— Claro, Tom. Levamos um pouco de rum junto pra remexer naquele cadáver. E aí, quando acabamos, o Ara mijou na garrafa e depois deixou ela minada. Tá que é uma armadilha dupla.

— Minaram tudo direito?

— Tommy, um gnomo bem pequenino, menor que a mão de um homem, não conseguiria entrar lá sem que uma explosão o devolvesse à terra dos seus antepassados. Uma barata não consegue passar por cima daquilo lá. O Ara ficou até com medo que as moscas sobre o cadáver fossem explodir tudo. Minamos que foi uma beleza, com a máxima delicadeza.

— O que é que o Ara está fazendo?

— Desmontando e limpando tudo num delírio de entusiasmo.

— Quanto rum vocês levaram?

— Menos da metade de uma garrafa. A ideia foi minha. Não foi do Ara.

— OK. Vai lá pra baixo com ele de uma vez, limpe as armas e verifique a .50.

— Não dá pra verificar sem disparar um tiro.

— Eu sei. Mas passa uma boa revista em tudo sem disparar porra nenhuma.

Jogue fora a munição que andou nos calções.

— Isso é que é ser sabido.

— Mande o Henry vir cá pra cima e me trazer o binóculo pequeno dele. E peça pra ele também trazer um drinque pra ele. O Antônio sabe pra que é o drinque.

— Que bom que você voltou a beber, Tom.

— Pelo amor de Deus, pare de achar bom ou ruim cada vez que eu bebo ou deixo de beber.

— Tá bem, Tom. Mas eu não gosto de vê-lo se cansando pra burro feito cavalo de corrida. Por que não se comporta como um centauro?

— O que você sabe sobre centauros?

— Li num livro, Tommy. Tenho instrução. Muito mais do que pareço.

— Você é um bom filho da puta — disse Thomas Hudson. — Agora dê o fora daqui e faça o que lhe mandei.

— Sim, capitão. Tommy, quando terminar este cruzeiro, deixa eu comprar uma daquelas marinhas que você tem lá no sítio?

— Não seja puxa-saco.

— Não estou fazendo nada disso. O diabo é que você passa talvez o tempo todo sem entender porra nenhuma.

— Pode ser. Talvez a vida inteira.

— Tommy, eu brinco à beça. Mas você fez uma caçada bonita.

— Amanhã nós veremos. Diga ao Henry pra trazer um drinque. Mas pra mim eu não quero.

— Não, Tommy. A única coisa que tem pra hoje de noite é uma simples luta que eu nem acho que vai haver.

— Está bem — disse Thomas Hudson. — Conserve-se assim. E desça logo desta porra de ponte e ponha mãos à obra.



Henry alcançou os dois copos e tomando impulso subiu logo depois. Parou ao lado de Thomas Hudson, curvando-se para frente para olhar a sombra dos baixios distantes. Havia uma tênue lua no primeiro quadrante do céu a oeste.

— À sua saúde, Tom — disse. — Não olhei pra lua por cima do meu ombro esquerdo.

— Não é nova. A noite passada era.

— Naturalmente. E não deu pra ver por causa do vendaval.

— Justo. Como vai tudo lá embaixo?

— Vai muito bem, Tom. Tá todo mundo trabalhando e bem disposto.

— Como estão o Willie e o Ara?

— Tomaram um pouco de rum, Tom, o que os deixou muito alegres. Mas agora não estão bebendo.

— Não. Eles não beberiam.

— Já estou morrendo de impaciência — disse Henry. — O Willie também.

— Eu não. Mas é pra isso que estamos aqui. Você vê, eu preciso de prisioneiros, Henry.

— Eu sei.

— Como eles cometeram aquele erro lá no baixio do massacre, não hão de querer cair prisioneiros.

— Acho a expressão muito suave — retrucou Henry. — Você não acha que eles vão procurar assaltar-nos hoje de noite?

— Não. Mas em todo caso é bom ficar de sobreaviso.

— Nós vamos ficar. Mas o que é que você acha mesmo que eles vão fazer, Tom?

— Não posso imaginar, Henry. Se estiverem realmente desesperados, tentarão capturar o navio. Se ainda dispõem de radiotelegrafista, ele poderia consertar nosso rádio, e depois iriam pra Anguilas, onde chamariam calmamente um táxi e ficariam esperando que os levasse pra casa. Têm todos os motivos pra tentar capturar o navio. É possível que alguém tenha dado com a língua nos dentes em Havana, e eles saibam perfeitamente o que andamos fazendo.

— Quem daria com a língua nos dentes?

— Não se deve falar mal dos mortos — retrucou Thomas Hudson. — Mas creio que ele deu quando andava bebendo.

— O Willie tem certeza de que ele deu.

— Ele sabe de alguma coisa?

— Não. Apenas tem certeza.

— É uma hipótese. Mas eles também podiam simplesmente procurar desembarcar em terra firme e encontrar um jeito de chegar até Havana pra tomar um navio espanhol que os levasse embora. Ou um argentino. Mas não vão querer ser capturados por causa da história do massacre. Por isso eu acho que tentarão qualquer coisa desesperada.

— Tomara.

— Se estivermos preparados — disse Thomas Hudson. Mas durante a noite toda não houve nada, exceto o movimento das estrelas, o sopro constante do vento leste e o sorvedouro das correntezas passando pelo navio. Havia muita fosforescência na água, com as algas que as marés grandes e os vagalhões provocados pela ventania tinham arrancado do fundo e que flutuavam em ambas as direções, tornando a sair feito listras e pedaços frios de fogo branco e mórbido à tona d'água.

O vento amainou um pouco antes do romper do dia e quando amanheceu Thomas Hudson deitou de bruços e dormiu no convés com o rosto apoiado a um canto da lona. Antônio cobriu-o e a sua arma com outra lona, mas Thomas Hudson estava ferrado no sono e nem sentiu.

Antônio se encarregou da sentinela e quando a maré subiu a ponto de desencalhá-los, acordou Thomas Hudson. Retiraram as âncoras e começaram a entrar com o escaler na dianteira, sondando e marcando com balizas todas as áreas duvidosas. A água a essa altura já estava limpa e clara. A pilotagem era difícil, mas não tanto como na véspera. Deixaram um galho de árvore para assinalar o local do encalhamento e Thomas Hudson olhou para trás e viu suas folhas verdes ondulando na correnteza.

Thomas Hudson virou para frente e seguiu o escaler de perto à medida que investigava o canal. Passaram por um longo baixio verde que antes tinha lhe parecido pequeno e redondo quando se achavam de proa para ele. Depois, mais adiante, no que dava impressão de ser um contorno interrompido, mas acidentado, de baixios de mangues, Gil, que segurava o binóculo, anunciou:

— Baliza, Tom. Bem na frente do escaler, contra os mangues.

— Cheque — falou Thomas Hudson. — É o canal?

— Está com jeito, mas não posso enxergar a abertura.

— É muito estreita no mapa. Vamos praticamente roçar nos mangues de cada lado.

Então se lembrou de uma coisa. Como pude ser tão burro?, pensou. Mas de qualquer modo agora é melhor seguir adiante pra sair do outro lado do canal. Depois posso mandá-los de volta. Tinha me esquecido de pedir a Willie e Ara para desfazer a armadilha no casco do barco de tartarugas. Aquilo é uma coisa infernal pra deixar por aí, se algum pobre pescador esbarrar nele. Bem, eles podem voltar e desfazer tudo.

O escaler já lhe estava fazendo sinais para se manter o mais próximo possível à direita dos três minúsculos pontos do baixio, rente aos mangues. Aí então, como que para se certificarem se havia entendido, voltaram e chegaram perto do navio.

— O canal é bem junto dos mangues — gritou Willie. — Afaste-se da baliza à sua esquerda. Nós vamos entrar por ele. Enquanto você não ouvir a gente dizer nada, continue avançando. Isto não passa de um riacho fundo.

— Nós nos esquecemos de desfazer a armadilha naquele barco de tartarugas.

— Eu sei — gritou Willie. — Depois a gente volta.

Ara sorriu, girou completamente o escaler e os dois seguiram adiante, Willie fazendo sinal que estava OK. Dobraram à esquerda e à direita e sumiram de vista no meio da vegetação.

Thomas Hudson foi governando no rastro deles. Havia bastante água, embora o mapa não registrasse. Este velho canal deve ter sido varrido por um furacão, pensou. Muitas coisas aconteceram por aqui desde que o U.S.S. Nokomis fez o levantamento da região.

Aí então percebeu que nenhum pássaro se erguia dos mangues à proporção que o escaler entrava no estreito rio cerrado de mata do canal.

Enquanto governava, ia falando pelo comunicador com Henry na cabina dianteira:

— Talvez nos ataquem neste canal. Fique com sua .50 pronta pra disparar, tanto pela proa como pelo través. Não saia de trás da blindagem, atenção com os clarões e taque fogo em cima deles.

— Sim, Tom.

E para Antônio:

— É possível que nos ataquem aqui. Fique bem agachado e se atirarem em você, faça pontaria embaixo dos clarões e taque fogo neles. Não se levante.

— Gil — disse. — Tire o binóculo. Pegue duas granadas, endireite os pinos e deixe ali na prateleira, perto da minha mão direita. Endireite o pino desses dois extintores e depois guarde o binóculo. Eles provavelmente vão atacar-nos por ambos os lados. Decerto é o que farão.

— Quando é que tenho que atirar, Tom?

— Quando você enxergar os clarões. Mas atire bem alto, porque é preciso que caia no meio da mata.

Não havia nenhum pássaro, e como a maré estava alta ele sabia que os pássaros tinham que estar nos mangues. O navio já ia entrando pelo rio estreito, e Thomas Hudson, de cabeça descoberta e pés descalços, só com um calção cáqui, se sentia completamente nu.

— Fique deitado, Gil — mandou. — Eu lhe aviso quando for pra levantar e atirar.

Gil deitou no chão com os dois extintores de incêndio carregados de dinamite e de um dínamo de reforço, e que detonavam pelo dispositivo de uma granada reguladora, com o carregador serrado na junção do fusos e uma cápsula de dinamite encaixada e ajustada.

Thomas Hudson olhou uma vez para ele e viu como estava suando. Depois se concentrou nos mangues de ambos os lados.

Eu ainda podia tentar recuar, pensou. Mas não creio que fosse possível, do jeito que a maré está subindo.

Olhou as margens verdes à frente. A água já tinha escurecido de novo e as folhas dos mangues brilhavam como se estivessem envernizadas. Procurou distinguir nelas algum traço de corte ou agitação. Mas não viu nada além de folhas verdes, galhos negros e raízes expostas pela sucção do navio. De vez em quando surgiam caranguejos quando suas tocas apareciam sob a raiz dos mangues.

Continuaram adiante e o canal se estreitou, mas já dava para ver que alargaria em seguida. Talvez seja puro nervosismo meu, pensou. Depois percebeu um caranguejo deslizando rápido das altas raízes das árvores para se jogar n'água. Olhou atentamente, mas não conseguiu enxergar nada atrás dos troncos e galhos. Outro caranguejo seguiu velozmente o primeiro.

Foi então que abriram fogo em cima dele. Não viu o clarão ofuscante e sentiu a bala antes de ouvir a rajada da arma. Gil ficou em pé a seu lado. Antônio disparava projéteis luminosos na direção onde havia surgido o clarão.

— Onde os projéteis estão caindo — pediu Thomas Hudson a Gil.

Parecia que alguém lhe tivesse dado três pauladas com um bastão de beisebol na cabeça e a perna esquerda estava úmida.

Gil arremessou a bomba com amplo movimento do braço, e Thomas Hudson viu a longa ogiva cilíndrica e cônica de metal brilhando no sol. Foi girando, em vez de ir pelo comprido.

— Abaixese, Gil — disse, e achou que precisava fazer o mesmo. Depois percebeu que não devia, pois tinha que manobrar o navio. As duas .50 abriram fogo, e ele pôde ouvi-las retumbando e sentiu o choque violento debaixo dos pés descalços. Muito barulhenta, pensou. Isso fará com que os miseráveis se agachem.

Enxergou a explosão ofuscante da bomba antes do fragor, e a fumaça começou a erguer-se. Sentiu o cheiro que se espalhou e dos galhos quebrados e folhas verdes queimadas.

— Levante-se, Gil, e atire duas granadas. Uma de cada lado da fumaça.

Gil não as arremessou muito alto. Jogou-as como o longo arremesso de terceira base para primeira e no ar pareciam alcachofras de ferro cinzentas desprendendo um tênue fio de fumaça.

Antes que estourassem, iluminando os mangues, Thomas Hudson falou pelo comunicador:

— Atire pra valer, Henry. Ali dentro eles não podem correr.

A fumaça das granadas tinham cheiro diferente da bomba, e Thomas Hudson pediu a Gil:

— Jogue mais duas. Uma além da bomba e outra mais perto, do lado de cá.

Viu as granadas partirem e depois se jogou no chão. Não soube se se jogou ou se caiu no convés, porque o chão estava muito escorregadio com o sangue perdido pela perna abaixo, e bateu com força. Na segunda explosão, ouviu dois estilhaços perfurarem a lona. Outros atingiram o casco.

— Ajude-me a levantar — pediu a Gil. — Você atirou essa última muito perto.

— Onde você foi baleado, Tom?

— Em alguns lugares.

Lá adiante viu Willie e Ara subindo o canal no escaler.

Falou pelo comunicador com Antônio, pedindo-lhe que entregasse o estojo de medicamentos a Gil.

No mesmo instante avistou Willie agachado no fundo da proa do escaler começar a disparar entre os mangues à direita. Dava para ouvir o ratatá da metralhadora Thompson. Depois houve uma rajada mais longa. Ligou os dois motores e saiu atrás deles com toda a velocidade que o canal permitia. A ideia que fazia dessa rapidez não era completamente exata porque se sentia muito mal. Sentia dor na medula dos ossos, dentro do peito e dos intestinos, uma dor que lhe bifurcava os testículos. Ainda não estava propriamente fraco, mas o primeiro ataque de fraqueza já se manifestava.

— Asseste seus canhões na margem direita — pediu a Henry. — O Willie encontrou outros.

— Sim, Tom. Você está bem?

— Fui baleado, mas não é nada. E você e o George?

— Tudo bem.

— Taque fogo toda vez que enxergar alguma coisa.

— Sim, Tom.

Thomas Hudson parou as máquinas e começou a virar lentamente de popa de novo para se manter fora do ângulo em que Willie estava atirando. Willie agora tinha posto um pente de balas com projéteis luminosos e tentava localizar o alvo para o navio.

— Você viu, Henry? — perguntou pelo comunicador.

— Sim, Tom.

— Atire em cima e dos lados com tiros curtos.

Ouviu o estrondo das .50 e acenou para Ara e Willie voltarem. Vieram tão depressa quanto o motorzinho pôde trazê-los. Willie disparou o tempo todo até ficarem a sota-vento do navio.

Willie saltou a bordo e subiu à segunda ponte de comando enquanto Ara amarrava o escaler.

Olhou para Tom e para Gil, que lhe estava aplicando um torniquete na perna esquerda, tão perto da virilha quanto podia apertá-lo.

— Deus do céu — exclamou. — O que que você tem, Tommy?

— Sei lá — respondeu Thomas Hudson. Não sabia mesmo. Não conseguiu ver nenhum dos ferimentos. Só via a cor do sangue, e como era escuro não se preocupava. Mas estava escorrendo muito e se sentia muito mal.

— O que é que há lá por dentro, Willie?

— Não sei. Tinha um cara de metralhadora que atirou em nós e eu acertei nele. Pelo menos tenho quase certeza de que acertei.

— Não pude ouvir com o barulho que você fez.

— Isso aqui até parecia um depósito de munições que tivesse explodido. Você acha que ainda há alguma coisa parada por ali?

— Parada, talvez. Fizemos tudo o que era possível.

— Temos que tirar a limpo — disse Willie.

— A gente pode deixar esses filhos da puta penando até morrer — disse Thomas Hudson. — Ou então entrar logo ali e liquidar com tudo de uma vez.

— Prefiro ficar cuidando de você.

Henry estava esquadrinhando com a .50. Ele era tão delicado quanto bruto ao usar a metralhadora e, quando empunhava duas, todas as suas qualidades dobravam.

— Sabe onde eles estão, Willie?

— Há só um lugar onde eles podem estar.

— Então vamos rebentar com aquilo e não deixar nem merda dentro deles.

— Falou como oficial e como cavalheiro — disse Willie. — Nós já afundamos a canoa.

— Ah! Isso também não deu pra ouvir — disse Thomas Hudson.

— Não fez muito barulho — explicou Willie. — O Ara rachou-a toda com uma machadinha e retalhou a vela. Nem o próprio Cristo seria capaz de consertar aquilo quando era o cobra da carpintaria.

— Você vá lá pra frente com o Henry e o George, mande o Ara e o Antônio pra estibordo, e toque o barco adiante — pediu Thomas Hudson. Sentia-se muito mal e esquisito, embora ainda não tivesse nenhuma tontura. Os curativos que Gil havia feito continham a hemorragia com excesso de facilidade e percebeu que o ferimento era interno. — Taque fogo à beça e me faça sinal pra eu saber como tenho que avançar. Eles estão muito perto?

— Logo depois da praia, por trás da pequena elevação de terreno.

— Dá pro Gil alcançar com as grandes?

— Vou atirar projéteis luminosos pra lhe mostrar o alvo.

— Será que ainda estão lá?

— Não têm pra onde ir. Viram quando rebentamos com a canoa. Estão na mesma situação do general Custer defendendo a Última Posição no meio dos mangues. Meu Deus, como eu gostaria de tomar um pouco de Anheuser Busch.

— Bem gelada, em lata — disse Thomas Hudson. — Vamos de uma vez.

— Você está terrivelmente branco, Tommy — disse Willie. — E perdeu sangue à beça.

— Pois então não percamos mais tempo — retrucou Thomas Hudson. — Eu ainda estou bem.

Aproximaram-se depressa, com Willie de cabeça erguida na proa a estibordo acenando às vezes uma correção.

Henry apontava o canhão para frente e para trás da elevação que aparecia junto das árvores mais altas, e George examinava o que devia ser a orla da elevação.

— Como é, Willie? — perguntou Thomas Hudson pelo comunicador.

— Aqui há cascos suficientes pra começar uma fundição de metais — respondeu Willie. — Ponha essa bosta da proa de frente pra margem e vire de lado para que o Ara e o Antônio possam fazer pontaria.

Gil julgou ter visto alguma coisa e disparou. Mas era o galho baixo de uma árvore que Henry tinha deixado solto com um tiro.

Thomas Hudson percebeu que a margem se aproximava cada vez mais até que pôde rever as folhas uma a uma. Depois virou o barco de lado até que ouviu Antônio disparando e viu os projéteis luminosos saindo um pouco à direita de Willie. Agora Ara também estava disparando. Por fim deixou os motores um pouco à popa e se aproximou mais da margem, mas não tanto que impedisse Gil de arremessar.

— Jogue um extintor — mandou. — Onde o Willie está atirando.

Gil jogou e Thomas Hudson novamente se assombrou com o arremesso e com o brilho do cilindro de metal girando alto no ar para cair quase exatamente onde

devia. Houve o clarão, o estrondo e aí então a fumaça levantando e depois Thomas Hudson viu um homem sair do meio dela, caminhando em direção do barco e segurando a cabeça com as mãos.

— Cessem o fogo — disse, o mais rápido possível, pelos dois comunicadores.

Mas Ara já tinha atirado. O homem caiu prostrado de joelhos, baixando a cabeça no meio dos mangues.

— Recomeçar fogo — disse de novo, e depois para Gil, já exausto: — Jogue mais uma perto do mesmo lugar, se possível. Depois atire duas granadas.

Havia feito um prisioneiro. Mas o perdera.

Passado algum tempo, perguntou:

— Willie, você e o Ara não querem dar uma olhada?

— Claro — respondeu Willie. — Mas continuem atirando um pouco enquanto a gente entra. Eu quero entrar por trás.

— Explique ao Henry o que você quer fazer. Quando é que devemos parar?

— Assim que desimpedirmos a entrada.

— Está bem, homem das selvas — retrucou Thomas Hudson, e pela primeira vez teve tempo de compreender que provavelmente ia morrer.

21



Escutou o estrondo de uma granada explodindo por trás da pequena elevação de terreno. Depois não houve mais barulho nem tiros. Inclinou-se pesadamente no timão e viu a fumaça da granada se desfazendo no vento.

— Vou seguir adiante assim que enxergar o escaler — avisou a Gil.

Sentiu o braço de Antônio cingindo-lhe e ouviu-o dizer:

— Deite, Tom. Eu me encarrego do barco.

— Está bem — respondeu, lançando um último olhar ao rio estreito de margens verdes. A água estava marrom, mas clara, e a maré subia sem parar.

Gil e Antônio ajudaram-no a deitar nas pranchas do convés. Depois Antônio assumiu o timão. Virou pouco mais de popa para resistir à maré, e Thomas Hudson sentiu o doce ritmo dos possantes motores.

— Afrouxe um pouco o torniquete — pediu a Gil.

— Nós vamos buscar o colchão de ar — disse Gil.

— Eu gosto aqui do convés — insistiu Thomas Hudson. — Acho melhor não me mexer muito.

— Bote uma almofada debaixo da cabeça dele — aconselhou Antônio. Estava olhando para o canal lá embaixo.

Dali a pouco anunciou:

— Estão acenando pra nos aproximarmos, Tom. — E Thomas Hudson sentiu os motores continuarem e o navio deslizar por diante.

— Ancore o barco assim que sairmos do canal.

— Sim, Tom. Não fale.

Henry subiu, assumiu o timão e os controles quando ancoraram. Agora que se encontravam novamente em lugar aberto, Thomas sentiu o barco oscilar ao vento.

— Há água à beça por aqui, Tom — disse Henry.

— Eu sei. Daqui até Caibarién e os dois canais são claros e bem marcados.

— Por favor, não fale, Tom. Fique só deitado, quieto.

— Peça ao Gil pra trazer um cobertor leve.

— Eu vou buscar. Espero que não esteja doendo muito, Tommy.

— Dói, sim — disse Thomas Hudson. — Mas não é tão ruim assim. Não dói mais que doíam as coisas que eu e você atiramos juntos.

— Cá está o Willie — disse Henry.

— Seu velho filho da puta — disse Willie. — Não fale. Eles eram quatro, junto com o guia. Formavam o grupo principal. Depois teve o que o Ara pegou por engano. Ele está chateadíssimo com aquilo, porque sabe o quanto você queria um prisioneiro. Não para de chorar e eu o mandei ficar lá embaixo. Disparou sem querer, podia acontecer com qualquer um.

— Em que que você atirou a granada?

— Simplesmente num lugar que não me inspirou confiança. Não fale, Tom.

— Você precisa voltar e desfazer a armadilha daquele casco.

— Nós vamos imediatamente e daremos uma vitória no outro lugar. Por Deus, seria bom se tivéssemos um barco veloz. Tommy, essas porqueiras de extintores de incêndio são melhores que um morteiro de 83mm.

— Mas não têm o mesmo alcance.

— Porra, que nos interessa o alcance? Aquele Gil estava atirando como se fosse uma bola de basquete.

— Não perca tempo.

— Você está se sentindo muito mal, Tommy?

— Bastante.

— Acha que aguenta?

— Vou tentar.

— Fique completamente imóvel. Não se mexa por nada.

Não se demoraram muito, mas a Thomas Hudson pareceu uma eternidade. Deitou de costas na sombra de um pálio que Antônio tinha lhe armado. Gil e George haviam desamarrado a lona a barlavento da ponte e o vento passava revigorante e protetor. Não estava tão forte como na véspera, mas vinha firme do leste e as nuvens ficavam altas e tênues. O céu era o céu azul da parte oriental da ilha onde os alísios sopravam com mais força, e Thomas Hudson permaneceu ali deitado, olhando tudo e procurando manter a dor sob controle. Recusara a injeção de morfina que Henry lhe trouxe porque achava que talvez ainda precisasse pensar. Sabia que sempre poderia tomá-la mais tarde.

Permaneceu ali deitado sob o cobertor leve com curativos nos três ferimentos. Gil tinha polvilhado todos com sulfá antes de passar ataduras e havia sulfá espalhada feito açúcar na parte do convés onde ficara de pé no timão enquanto Gil o atendia. Quando retiraram a lona, para que pudesse ter mais ar, reparou nos três pequenos furos abertos pelas balas e nos outros à esquerda e à direita. Viu também os talhos causados por estilhaços de granada na lona.

No entretanto, Gil o observava, vendo seu cabelo descorado pelo ar salino coroando o rosto pálido acima do cobertor leve. Gil era um rapaz simples. Um grande atleta, quase tão forte quanto Ara e se pudesse pegar uma bola recurvada, teria sido excelente jogador de beisebol. Tinha um braço formidável para o arremesso. Thomas Hudson olhou-o e sorriu, lembrando-se das granadas. Depois teve que sorrir só de olhar para Gil e para os longos músculos de seus braços.

— Você deveria ter sido um lançador — disse, com voz que lhe pareceu estranha.

— Nunca tive controle.

— Hoje você teve.

— Talvez antes não fosse realmente necessário. — Gil sorriu. — Você precisa de um pouco d'água na boca, Tommy? Basta fazer sinal com a cabeça.

Thomas Hudson sacudiu a cabeça e olhou para o lago que servia de passagem interna. Agora mostrava cristas brancas. Mas eram as pequenas ondas de uma brisa boa para velejar e mais além se distinguíam as colinas azuis de Turiguaño.

É o que vamos fazer, pensou. Rumaremos para o Central ou para o outro lugar e talvez tenham um médico lá. Não, já está muito no fim da temporada. Mas podem trazer um bom cirurgião de avião. Todos lá são boa gente. Um mau cirurgião é pior do que nenhum e posso ficar quieto até que ele chegue e me locomovam. Eu devia tomar bastante sulfa. Mas sem beber água. Não se preocupe com isso, rapaz, disse consigo mesmo. A sua vida toda está apontada para essa direção. Mas pra que que o Ara tinha que matar aquele filho da puta pra nos deixar sem nada pra mostrar, provando que valeu a pena. Que valeu a pena, não. Que serviu pra alguma coisa. Porra, imagina se eles tivessem a mesma potência de fogo que nós. No mínimo retiraram as outras balizas dos canais pra nos atrair pra lá. Mas talvez se tivéssemos o prisioneiro ele seria burro e não saberia nada. Em todo caso, sempre serviria pra algo. Já não estamos servindo para grande coisa. Claro que estamos. Vamos desfazer a armadilha naquele velho barco de tartarugas.

Pensa como vai ser depois da guerra, quando você tornar a pintar. Há tantos quadros ótimos pra pintar e se você der o máximo de si, se abstendo de tudo e só se dedicando à pintura, há de encontrar o que procura. Você agora sabe pintar o mar melhor do que ninguém. É só querer, não deixando que mais nada interfira. Apegue-se com vontade ao que você quer realmente realizar. É preciso amar muito a vida pra fazer isso. Mas a vida não vale nada comparada com a obra de um homem. O que interessa é que você precisa dela. Agarre-se a ela. Agora chegou a verdadeira hora de fazer o lance. Faça-o já, sem falsas esperanças. Você sempre coagulou bem e pode fazer mais esse esforço. Nós não somos o lumpenproletariat. Somos a nata e fazemos isso de graça.

— Tom, você quer um pouco d'água? — perguntou Gil de novo. Thomas Hudson sacudiu a cabeça.

Três balas de merda, pensou, pra foder uma boa pintura e não provar coisa nenhuma. Por que que os pobres cretinos tinham que cometer aquele erro no baixio do massacre? Podiam ter se entregado e continuarem vivos. Só queria saber

quem era o que saiu pra se render quando o Ara atirou. Talvez fosse idêntico ao rapaz que mataram no baixio do massacre. Por que têm que ser tão fanáticos assim, porra? Nós lhe demos caça sem trégua e sempre haveremos de lutar. Mas espero que não sejamos fanáticos.

Depois ouviu o ruído do motor chegando. De onde estava deitado não lhe era possível vê-lo encostar no barco. Por fim Ara e Willie subiram. Ara vinha suando e os dois estavam arranhados da mata.

— Sinto muito, Tom — disse Ara.

— Bobagem — retrucou Thomas Hudson.

— Vamos nos arrancar daqui — disse Willie —, e depois a gente conversa. Ara, corra a levantar a âncora e mande o Antônio vir cá pra cima pra se encarregar do timão.

— Nós vamos lá pro Central. É mais rápido.

— Sabido — disse Willie. — Agora não fale, Tom, e deixe a conversa por minha conta.

Parou, pôs a mão de leve na testa de Thomas Hudson, enfiou o braço por baixo do cobertor e apalpou-lhe o pulso com cuidado, delicadamente.

— Veja se não morre, seu cachorro — disse. — Agente firme e não se mexa.

— OK — disse Thomas Hudson.

— No primeiro combate morreram três — explicou Willie. Achava-se a barlavento de Thomas Hudson, sentado no convés com um cheiro azedo de suor e o olho ruim novamente bem vesgo. Toda a cirurgia plástica do rosto aparecia em branco. Thomas Hudson permaneceu bem imóvel, prestando atenção ao que dizia.

— Só tinham duas metralhadoras, mas muita munição. O primeiro extintor que o Gil atirou acertou neles e a .50 não deixou nem merda no cu. O Antônio também acertou neles. O Henry sabe realmente disparar aquele canhão.

— Ele sempre soube.

— No meio do fogo, digo. Portanto desfizemos a armadilha que havia ficado lá e agora está tudo estragado. O Ara e eu cortamos todos os fios, mas deixamos o material. O barco tá em ordem e vou assinalar a localização desses outros alemães no mapa.

A âncora foi levantada e os motores começaram a funcionar.

— Não saímos tão bem assim, não foi? — perguntou Thomas Hudson.

— Eles nos tapearam. Mas nós tínhamos a potência de fogo. Eles também não se saíram tão bem assim. Não fale nada pro Ara sobre o prisioneiro. Ele ficou chateadíssimo. Diz que apertou o gatilho sem pensar.

O navio se dirigia às colinas azuis e ganhava velocidade.

— Tommy — disse Willie. — Eu gosto muito de você, seu filho da puta, veja se não morre.

Thomas Hudson olhou para ele sem mover a cabeça.

— Procure compreender, se não for difícil demais.

Thomas Hudson olhou para ele. Já se sentia longe, sem mais nenhum problema. Percebia que o navio ganhava velocidade e a maravilhosa palpitação das máquinas lhe sacudia de leve as omoplatas, apoiadas com força contra as pranchas. Levantou a cabeça. Lá estava o céu, que sempre amara. Virou para a grande laguna que agora, tinha certeza, nunca mais pintaria e mudou um pouco de posição para aliviar a dor. As máquinas já deviam estar perto de três mil, pensou, e atravessavam o convés, chegando até ele.

— Acho que compreendo, Willie — disse.

— Deixe de besteira — retrucou Willie. — Você nunca compreende ninguém que goste de você.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

As ilhas da corrente

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/8339#=_=

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway

Biografia do autor

<http://www.biography.com/people/ernest-hemingway-9334498>

Site do autor

<http://www.hemingwayhome.com/>